

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[CHAPTER 1](#)

[CHAPTER 2](#)

[CHAPTER 3](#)

[CHAPTER 4](#)

[CHAPTER 5](#)

[CHAPTER 6](#)

[CHAPTER 7](#)

[CHAPTER 8](#)

[CHAPTER 9](#)

[CHAPTER 10](#)

[CHAPTER 11](#)

[CHAPTER 12](#)

[CHAPTER 13](#)

[CHAPTER 14](#)

[CHAPTER 15](#)

[CHAPTER 16](#)

[CHAPTER 17](#)

[CHAPTER 18](#)

[CHAPTER 19](#)

[CHAPTER 20](#)

[CHAPTER 21](#)

[CHAPTER 22](#)

[CHAPTER 23](#)

[CHAPTER 24](#)

[CHAPTER 25](#)

[CHAPTER 26](#)

[CHAPTER 27](#)

[CHAPTER 28](#)

[CHAPTER 29](#)

[CHAPTER 30](#)

[CHAPTER 31](#)

[CHAPTER 32](#)

[CHAPTER 33](#)

[CHAPTER 34](#)

[CHAPTER 35](#)

[CHAPTER 36](#)

[CHAPTER 37](#)

[CHAPTER 38](#)

[CHAPTER 39](#)

[CHAPTER 40](#)

[CHAPTER 41](#)

[CHAPTER 42](#)

[CHAPTER 43](#)

[CHAPTER 44](#)

[CHAPTER 45](#)

[CHAPTER 46](#)

[CHAPTER 47](#)

[CHAPTER 48](#)

[CHAPTER 49](#)

[CHAPTER 50](#)

[JANE AUSTEN](#)

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

JANE AUSTEN

RAZÃO E SENSIBILIDADE

EDIÇÃO BILÍNGUE

SENSE AND SENSIBILITY



2012

**COPYRIGHT © BY EDITORA LANDMARK LTDA.**

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA LANDMARK LTDA.**

**TÍTULO ORIGINAL: SENSE AND SENSIBILITY**

**PRIMEIRA EDIÇÃO: THOMAS EGERTON, MILITARY LIBRARY, WHITEHALL, LONDRES, 1811.**

**DIRETOR EDITORIAL: FABIO CYRINO**

**DIAGRAMAÇÃO E CAPA: ARQUÉTIPO DESIGN+COMUNICAÇÃO**

**TRADUÇÃO E NOTAS: ADRIANA SALES ZARDINI**

**REVISÃO ORTOGRÁFICA E DA TRADUÇÃO: DORIS GOETTEMS**

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

**(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, CBL, SP, BRASIL)**

**AUSTEN, JANE (1775 - 1817)**

**RAZÃO E SENSIBILIDADE - SENSE AND SENSIBILITY /**

**JANE AUSTEN; {TRADUÇÃO E NOTAS ADRIANA SALES ZARDINI}**

**SÃO PAULO : EDITORA LANDMARK, 2010.**

**EDIÇÃO BILÍNGUE : INGLÊS / PORTUGUÊS**

**ISBN 978-85-88781-46-7**

**E-ISBN 978-85-88781-68-9**

**1. FICÇÃO INGLESA. I. TÍTULO.**

**II. TÍTULO. III. TÍTULO: SENSE AND SENSIBILITY**

**10-00566 / CDD - 823**

**ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:**

**1. FICÇÃO: LITERATURA INGLESA / 823**

**TEXTOS ORIGINAIS EM INGLÊS DE DOMÍNIO PÚBLICO.**

**RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DESTA TRADUÇÃO E PRODUÇÃO.**

**NENHUMA PARTE DESTA OBRA PODERÁ SER REPRODUZIDA E/ OU ARMAZENADA EM SEU**

**TUDO OU EM PARTE POR FOTOCÓPIA MICROFILME, PROCESSO FOTOMECÂNICO OU**

**ELETRÔNICO SEM PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA LANDMARK,**

**CONFORME LEI N° 9610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.**

**EDITORA LANDMARK**

**RUA ALFREDO PUJOL, 285 - 12° ANDAR - SANTANA**

**02017-010 - SÃO PAULO - SP**

**TEL.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095**

**E-MAIL: EDITORA@EDITORALANDMARK.COM.BR**

**WWW.EDITORALANDMARK.COM.BR**

**IMPRESSO EM SÃO PAULO, SP, BRASIL**

**PRINTED IN BRAZIL**

**2012**



## CAPÍTULO 1

A família Dashwood há muito tempo se estabelecera em Sussex[1]. Sua propriedade era grande e a residência ficava em Norland Park[2], no centro de suas terras, onde, por muitas gerações, viveram de maneira tão respeitosa que conquistaram uma boa reputação entre os vizinhos. O último proprietário dessas terras era um homem solteiro, que viveu até a mais avançada idade, e que durante grande parte de sua vida teve a irmã como fiel companheira e governanta. No entanto, a morte da irmã, dez anos antes da sua, produziu uma grande alteração na casa e para tentar suprir tamanha perda, ele convidou e recebeu em sua casa a família de seu sobrinho, Mr. Henry Dashwood, o herdeiro legal da propriedade de Norland e a pessoa a quem ele pretendia deixar os seus bens. Na companhia da família de seu sobrinho, os dias do velho cavalheiro transcorreram de maneira agradável. Seu apego aos familiares cresceu com o tempo. O frequente atendimento de Mr. Henry Dashwood e sua esposa aos desejos do tio, demonstrando que não agiam por mero interesse, mas por pura bondade de coração, garantiu ao senhor o bom conforto que sua idade merecia, assim como a alegria das crianças acrescentou novos prazeres à sua existência.

Mr. Henry Dashwood tinha um filho de seu primeiro casamento e três filhas de sua esposa atual. O filho, um jovem sério e respeitável, tinha o futuro garantido pela fortuna de sua mãe – metade desta grande herança ele recebeu quando atingiu a maioridade. Além disso, logo em seguida ele fez um ótimo casamento, o que aumentou ainda mais a sua riqueza. De modo que, receber a propriedade de Norland como herança não era tão importante para ele quanto para suas irmãs; a fortuna delas, independentemente do que poderiam receber como herança pelo fato de o pai herdar essa propriedade, não deixava de ser nada além de escassos recursos. A mãe das moças não possuía nada, e o pai, apenas sete mil libras à disposição; porque a outra metade da fortuna de sua primeira esposa cabia também ao seu filho, e ele tinha apenas o usufruto.

O velho cavalheiro morreu, seu testamento foi lido e, como quase todos os testamentos, trouxe desilusões e alegrias. O cavalheiro não fora nem injusto nem mal agradecido ao deixar sua propriedade para seu sobrinho. No entanto, deixou sob tais condições que praticamente reduziram pela metade o valor da herança. Mr. Dashwood desejava essa propriedade mais por causa de sua esposa e de suas filhas, do que para si mesmo ou seu filho; mas a herança estava vinculada ao filho e ao seu neto, uma criança de quatro anos de idade, de tal maneira, que ele não tinha meios de garantir rendimentos para aquelas a quem amava e que mais necessitavam de apoio. Elas não poderiam receber qualquer quantia, nem mesmo pela venda da madeira de excelente qualidade que havia na propriedade. Tudo foi acertado para que o menino fosse o beneficiário, uma vez que em suas visitas ocasionais à Norland em companhia dos pais, conquistou o afeto do tio com travessuras típicas de uma criança de dois ou três anos; uma dicção imperfeita, um ardente desejo de impor sua vontade, muitos truques espertos e bastante barulho, acabaram por superar o valor de todas as atenções que por anos recebeu da sobrinha e de suas filhas. Ele não tinha a intenção de ser indelicado, porém, e como demonstração de seu afeto pelas três meninas, deixou mil libras para cada uma.

Em um primeiro momento a decepção de Mr. Dashwood foi grande, mas seu temperamento era alegre e otimista e a esperança de viver por muitos anos, economizando, poderia render uma soma considerável da produção de uma propriedade tão grande, e capaz de melhorias quase imediatas. Mas a fortuna, que havia demorado tanto a chegar, foi sua somente por um ano. Ele viveu apenas doze meses mais que o tio e um total de dez mil libras, incluídos os legados do falecido, foi o que restou para sua viúva e suas filhas.

Seu filho foi chamado assim que a saúde de Mr. Dashwood se agravou, e, com toda gravidade e urgência de seu estado, o pai recomendou ao filho que cuidasse dos interesses de sua madrasta e das meias-irmãs.

Mr. John Dashwood não tinha fortes sentimentos pelo resto da família, mas se comoveu com a recomendação, de tal natureza e feita em tal hora, que prometeu fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para o bem de suas parentas. Seu pai se tranquilizou após sua promessa, e Mr. John

Dashwood teve tempo para considerar o quanto poderia ajudá-las de maneira prudente.

John Dashwood não era um jovem de má disposição, a menos que se considere assim um homem um tanto frio e egoísta, mas, de modo geral, era respeitado, já que agia corretamente e cumpria com suas obrigações. Se tivesse se casado com uma mulher mais amável, poderia ser mais respeitado do que era, poderia até ter se tornado mais agradável, uma vez que ainda era muito jovem quando se casou e estava bastante apaixonado pela esposa. A esposa, no entanto, era uma forte caricatura dele mesmo, mas bem mais mesquinha e egoísta.

Quando ele fez a promessa ao pai, pensou consigo mesmo em aumentar a renda de suas irmãs presenteando-as com mil libras cada uma. Nesse momento se sentiu a altura de tal gesto. A perspectiva de quatro mil libras anuais, somadas às suas rendas, além do restante da herança de sua mãe, lhe alegrou o coração e o fez sentir-se muito generoso. “Sim, daria às irmãs três mil libras! Seria um gesto bonito e generoso! Seria o suficiente para que vivessem bem. Três mil libras! Ele poderia economizar tal quantia sem grandes inconvenientes.” Ele pensou nisso o dia inteiro, e por vários dias seguidos, sem que se arrependesse.

Nem bem havia terminado o funeral de seu pai, quando sua esposa, sem nenhum aviso prévio para a sogra, chegou com o filho e os empregados. Ninguém poderia discutir seu direito de vir, a casa pertencia ao marido desde a morte do pai, porém a indelicadeza de sua conduta era enorme, e para uma mulher na situação de Mrs. Dashwood, tão suscetível, deve ter sido tremendamente desagradável. Porém em *sua* mente havia um sentimento de honra tão intenso, uma generosidade tão romântica, que qualquer ofensa desse tipo, seja quem for que a provocasse ou recebesse, era para ela motivo de um desgosto irreparável. A esposa de Mr. John Dashwood nunca foi muito benquista pelos parentes de seu marido, mas até o momento, ela não tinha tido a oportunidade de mostrar-lhes com que falta de consideração pelos outros seria capaz de agir quando a ocasião exigisse.

Mrs. Dashwood sentiu tão intensamente este comportamento grosseiro e desenvolveu tamanho desprezo pela nora por causa dele, que sairia da casa para sempre assim que ela entrasse, não fosse o conselho da

filha mais velha para que refletisse um pouco mais sobre a conveniência de partir. Graças ao terno amor que sentia pelas filhas decidiu permanecer, para evitar um desentendimento delas com o irmão.

Elinor<sup>[3]</sup>, sua primogênita, cujo conselho fora tão eficaz, possuía sólida capacidade de compreensão e grande serenidade de juízo que a qualificavam – mesmo com apenas dezenove anos, a ser conselheira da mãe. Desta forma ela se permitia frequentemente contrariar a mãe para o bem de toda família, pois essa impaciência de espírito de Mrs. Dashwood geralmente a conduzia para a imprudência. A moça tinha um bom coração, um caráter afetuoso e sentimentos profundos, mas sabia como governá-los; algo que sua mãe ainda tinha que aprender e que uma de suas irmãs resolvera que jamais aprenderia.

Em muitos aspectos, as qualidades de Marianne eram bastante parecidas com as de Elinor. Ela era uma moça sensata e inteligente, mas ansiosa em tudo: suas angústias e suas alegrias não tinham moderação. Era generosa, amigável, interessante, enfim, ela era tudo, menos prudente. Desta forma a semelhança entre Marianne e sua mãe era notável.

Elinor via com preocupação a excessiva sensibilidade de sua irmã; já Mrs. Dashwood a valorizava e incentivava. Nas difíceis circunstâncias em que viviam, encorajavam uma à outra. A agonia do desgosto que a princípio as dominou era renovada, procurada e fortalecida, sempre e sempre. Entregaram-se completamente à angústia, buscando aumentar sua miséria em qualquer pensamento ou atitude que se permitissem, e decidiram jamais admitir consolo no futuro. Elinor também estava profundamente angustiada, contudo, ainda se sentia capaz de lutar, de se empenhar. Ela poderia consultar seu irmão, receber sua cunhada assim que chegasse e oferecer-lhe a devida atenção; e podia se esforçar para convencer sua mãe a realizar igual esforço e animá-la a alcançar semelhante domínio de si mesma.

Margaret, a outra irmã, era uma menina bem humorada e bem-disposta, mas como ela já tinha absorvido bastante do romantismo de Marianne, sem ter muito de sua sensatez, aos trezes anos não pretendia igualar-se às irmãs, já em uma etapa mais avançada da vida.

[1] Um dos condados tradicionais da Inglaterra, localiza-se na região sul. (N. T.)

[2] Park são as terras pertencentes a uma propriedade rural incluindo pastagens, jardins e bosques.  
(N. T.)

[3] Por ser a filha mais velha, Elinor frequentemente será chamada de Miss Dashwood. Enquanto as outras duas irmãs serão tratadas pelo primeiro nome. (N.T.)

## CAPÍTULO 2

Mrs. John Dashwood[1], agora se estabelecera como senhora de Norland e sua sogra e cunhadas foram rebaixadas à condição de visitantes. Entretanto, ela as tratava com bastante polidez e seu marido, com tanta bondade quanto ele podia sentir por alguém que não fosse ele mesmo, sua esposa e seu filho. Com veemência insistiu para que elas considerassem Norland como seu lar, e como para Mrs. Dashwood nada parecia mais viável do que continuar ali até que encontrassem uma casa nas vizinhanças, decidiram aceitar o convite.

Permanecer em um lugar onde tudo lhe fazia recordar os antigos prazeres era exatamente o que melhor convinha ao seu espírito. Nos tempos de alegria, nenhum temperamento poderia ser mais alegre do que o dela, ou possuir em maior grau aquela calorosa expectativa de felicidade que é a própria felicidade. Mas, nos momentos de angústia, ela se deixava igualmente levar pela imaginação, a ponto do consolo e do prazer estarem fora do seu alcance.

Mrs. John Dashwood não aprovou de forma nenhuma o que seu marido pretendia fazer pelas irmãs. Diminuir em três mil libras a fortuna de seu querido filhinho significaria empobrecê-lo cruelmente. Ela implorou para que ele pensasse melhor no assunto. Como ele, conscientemente, poderia roubar tão alta quantia de seu único filho? E que direitos poderiam ter as filhas de seu pai, que eram apenas suas meias-irmãs – que Mrs. John Dashwood sequer considerava como parentes – em contar com a generosidade de receber tão alta quantia? Todos sabiam que não era de se esperar algum tipo de afeição entre filhos de casamentos diferentes, então porque haveria ele de se arruinar e ainda arriscar o pobrezinho do Harry, enquanto dispunha todo o seu dinheiro para suas meias-irmãs?

– Foi o último pedido de meu pai, devo ser responsável por dar assistência à sua viúva e suas filhas – respondeu o marido.

– Ele não sabia do que estava falando, tenho certeza que estava mal da cabeça quando disse aquilo. Se ele estivesse em seu juízo perfeito, jamais

teria pensado em lhe implorar que se desfizesse de metade da fortuna de seu próprio filho.

– Ele não estipulou nenhuma quantia, minha querida Fanny, apenas me pediu, de um modo geral, que as ajudasse e providenciasse para que ficassem em uma situação mais cômoda do que a que ele poderia oferecer. Talvez tivesse sido melhor deixar que eu decidisse. Ele não deveria supor que eu as abandonaria à própria sorte. No entanto, como ele exigiu a promessa, não pude recusar – pelo menos foi o que pensei naquele momento. Agora, como já fiz a promessa, devo cumprí-la. Algo deve ser feito por elas quando se mudarem de Norland e se estabelecerem em um novo lugar.

– Está bem, *faça* algo por elas, mas que esse “algo” não precise ser três mil libras. Leve em consideração – acrescentou ela – que o dinheiro vai e nunca mais volta. Suas irmãs irão se casar e, aí sim, o dinheiro estará perdido para sempre. Se ao menos houvesse alguma chance de devolvê-lo ao nosso filhinho!

– Com certeza – disse o marido, com bastante seriedade – esta devolução faria uma grande diferença. Poderá chegar o dia em que Harry se lamentará de ter perdido tamanha quantia em dinheiro. Se ele tiver uma família numerosa, por exemplo, esse dinheiro fará uma grande diferença.

– Estou certa que sim!

– Talvez, então, seja melhor para ambas as partes se a quantia for diminuída pela metade. Quinhentas libras já será um aumento significativo no rendimento delas!

– Oh! Muito mais do que podem imaginar! Que irmão faria metade disso pelas irmãs, mesmo se fossem irmãs legítimas! Mas elas são apenas meias-irmãs! Você é, realmente, muito generoso!

– Na verdade eu não queria que nada parecesse mesquinho – respondeu ele. Em ocasiões como essas, é melhor fazer mais do que fazer muito pouco. Ao menos ninguém pode pensar que não fiz o suficiente por elas, até elas mesmas, dificilmente esperariam algo melhor.

– Não sabemos o que elas esperam – disse ela – mas não creio que devemos nos preocupar com o que elas pensam, a questão é o tamanho do sacrifício que você tem condições de fazer.

– Exatamente! E eu acho que posso me esforçar e oferecer-lhes quinhentas libras para cada uma. Assim como as coisas estão, sem nenhuma ajuda da minha parte, cada uma delas receberá três mil libras após a morte da mãe; o que é uma quantia razoável para qualquer jovem.

– Sem sombra de dúvida! E, de fato, imagino que elas podem não querer nenhum tipo de ajuda financeira. Elas terão dez mil libras para serem divididas entre si. Se elas se casarem, certamente se casarão bem. E, se não se casarem, podem viver juntas de maneira bastante confortável com o rendimento dessas dez mil libras.

– Você está certa. Além disso, creio que seria mais aconselhável ajudar a viúva enquanto ainda está viva, ao invés de fazer algo pelas irmãs. Oferecendo-lhe uma quantia anual, tanto a mãe quanto as filhas sentirão os benefícios dessa ajuda. Acredito que cem libras por ano farão com que fiquem perfeitamente confortáveis.

Sua esposa, porém, hesitou um pouco em concordar com o plano.

– Para ser sincera – disse ela – é melhor do que dar mil e quinhentas libras de uma só vez. Porém, se Mrs. Dashwood viver mais que quinze anos seremos prejudicados.

– Quinze anos! Minha querida Fanny, a vida dela não vale nem a metade disso!

– É claro que não, mas se você reparar, as pessoas vivem muito mais do que se espera quando recebem uma pensão anual. E ela é muito forte e saudável, mal completou quarenta anos. Uma pensão anual é negócio muito sério, se repete ano após ano, e não há como você se livrar dela. Você não tem consciência do que está fazendo. Eu conheço os problemas que uma pensão anual pode causar porque minha mãe era obrigada a pagá-las a três empregados aposentados, pois meu pai havia estabelecido isso em seu testamento. E você não pode imaginar o quanto ela achou desagradável. Essas pensões tinham que ser pagas duas vezes ao ano; e, além disso, havia o transtorno de lhes enviar o dinheiro. Depois disseram que uma delas falecera, e em seguida descobrimos que não era verdade. Minha mãe quase adoeceu com esse transtorno. Dizia que sua renda não lhe pertencia, com essas pensões perpétuas e que foi falta de consideração de meu pai, porque, de outra forma, o dinheiro estaria completamente à disposição de minha



mãe, sem nenhuma restrição. Desde então me aborreço quando se fala em pensões, e estou certa de que nada nesse mundo me faria fazer tal promessa.

– Certamente é uma situação desagradável ter esse tipo de desvio de fundos anual – respondeu Mr. Dashwood. Como sabiamente disse sua mãe, os bens de uma pessoa *não* lhe pertencem. Ter a obrigação de pagar regularmente uma quantia como essa, todos os anos, não é algo que alguém deseja, acaba com toda a independência da pessoa.

– Sem dúvida! E, além disso, elas nem lhe agradecerão. Elas pensam que estão seguras e que você não faz nada além de sua obrigação, por isso não serão gratas. Se eu estivesse em seu lugar, qualquer decisão que tomasse seria para o meu próprio benefício. Jamais me comprometeria a pagar-lhes algum valor anualmente. Daqui a alguns anos, pode ser muito inconveniente abrir mão de cem, ou até mesmo de cinquenta libras retiradas de nossos rendimentos.

– Creio que você está certa, meu amor, será melhor eu não prometer nenhuma pensão anual. Neste caso, o que lhes der ocasionalmente será mais proveitoso do que uma quantia anual, já que se sentiriam seguras ao receber uma quantia maior e elevariam o estilo de vida, e com isso não ficariam mais ricas no final do ano. De todas as opções essa é a melhor. Um presente de cinquenta libras de vez em quando impedirá que se preocupem com assuntos relacionados a dinheiro, e creio que assim eu cumprirei a promessa feita ao meu pai.

– Estou certa que sim. Para dizer a verdade, estou convencida de que seu pai não tinha planos de lhes dar nenhuma quantia em dinheiro. A assistência que ele pensava era o que razoavelmente se poderia esperar de você, por exemplo, encontrar uma casinha confortável para elas, ajudá-las com a mudança, enviar produtos de caça e pesca, ou produtos da estação. Apostaria minha vida que ele não pensava em mais nada. Além disso, de fato, seria estranho e irracional se ele o fizesse. Considere, meu querido Mr. Dashwood, o quão confortável sua madrastra e suas irmãs viveriam com sete mil libras, além das mil libras que cada menina tem direito, o que lhes dá cerca de cinquenta libras anuais por pessoa. É claro, pagarão à mãe pelo alojamento. Juntas, terão quinhentas libras e o que mais quatro mulheres podem desejar? Viverão com tanta simplicidade! As despesas da casa não representarão quase nada. Não terão carruagem, cavalos, e quase nenhum

empregado e não receberão visitas. Então, quais serão os seus gastos? Pense no quanto ficarão confortáveis! Quinhentas libras por ano! Nem consigo imaginar como elas conseguiriam gastar metade dessa quantia! E se você lhes der mais isso, será uma loucura. Em breve elas estarão em tão boas condições, que serão elas quem lhe oferecerão ajuda.

– Dou minha palavra – disse Mr. Dashwood. Creio que você está completamente certa. Obviamente meu pai não poderia me pedir nada além do que você disse. Agora compreendo claramente meu papel, e cumprirei fielmente meu compromisso com atos de solidariedade e gentileza, como você descreveu. Quanto à mudança de minha madrasta para outra casa, estarei pronto a ajudar no que puder. Acho até aceitável dar-lhes alguma mobília como presente.

– Certamente – respondeu Mrs. John Dashwood. Mas *uma* coisa deve ser levada em conta. Quando seu pai e sua madrasta se mudaram para Norland, venderam toda a mobília de Stanhill, porém guardaram toda a porcelana, a prataria e a roupa de cama e mesa, que agora ficarão com sua madrasta. Assim que ela tomar posse desses objetos, sua casa estará completamente equipada.

– Sem dúvida, essa é uma consideração importante. Um legado valioso! E uma parte da prataria até seria uma grata adição à que temos aqui.

– Sim, e o jogo de porcelana é muito mais bonito do que o que está nessa casa. Em minha opinião, é muito bonito, independente do lugar em que *elas* possam vir a morar. De qualquer modo, é assim que as coisas são. Seu pai pensou apenas *nelas*. E devo dizer que você não deve nenhuma gratidão especial a ele, nem deve se preocupar com os desejos dele, pois sabemos bem que se ele pudesse, teria deixado tudo no mundo para *elas*.

Este argumento foi definitivo. E John Dashwood encontrou nele todas as forças que faltavam para tomar suas decisões; e, por fim, resolveu que era absolutamente desnecessário, se não completamente inadequado, fazer mais pela viúva e filhas de seu pai do que essas gentilezas que sua esposa havia mencionado.

[1] Trata-se de Fanny Dashwood, casada como John Dashwood (meio-irmão de Elinor, Marianne e Margaret). (N.T.)

### CAPÍTULO 3

Mrs. Dashwood permaneceu em Norland por vários meses, não porque não desejasse sair dali, quando a visão dos lugares que tão bem conhecia deixou de despertar-lhe a violenta emoção que durante tanto tempo havia provocado. Quando seu ânimo começou a voltar ao normal e sua mente pôde se dedicar a algo mais que exaltar sua aflição através de recordações melancólicas, ela ficou impaciente para ir embora e infatigavelmente se dedicou a procurar por uma residência adequada na vizinhança de Norland, já que era impossível mudar-se para muito longe daquele lugar querido. Não teve notícias, porém, de nenhum lugar que lhe fosse agradável e cômodo, e, ao mesmo tempo, satisfizesse a prudência da filha mais velha, cuja sensatez fez com que rejeitasse várias casas que sua mãe teria aprovado, considerando-as demasiadamente grandes para seus rendimentos. Mrs. Dashwood fora informada pelo marido a respeito da solene promessa feita por seu filho em favor delas, e que lhe serviu de consolo em seus últimos momentos na terra. Ela não duvidava da sinceridade deste compromisso mais do que o falecido marido teria feito. A respeito da promessa, sentia grande satisfação pelo benefício das filhas, embora estivesse convencida de que, para ela própria, uma quantia muito menor do que sete mil libras seria o suficiente para viver em abundância. Também ficou feliz pelo irmão de suas filhas, que mostrou ter bom coração, e reprovou-se por antes ter acreditado que ele seria incapaz de tamanha generosidade. O comportamento atencioso dele para com ela e as filhas a convenceram de que ele se preocupava com o bem estar de todas, e, por um bom tempo, ela confiou firmemente na generosidade de suas intenções.

O desprezo que ela sentiu, desde que conhecera a nora, aumentou ainda mais à medida que conhecia seu caráter. Após seis meses morando todos juntos, e, apesar das demonstrações de cortesia e de afeto maternal que a primeira havia demonstrado, as duas senhoras teriam considerado impossível viverem juntas por tanto tempo, se não houvesse ocorrido uma circunstância em particular que aumentou a possibilidade, segundo a opinião de Mrs. Dashwood, da permanência de suas filhas em Norland.

Esta circunstância era uma crescente afeição entre sua filha mais velha e o irmão de Mrs. John Dashwood – um cavalheiro gentil e agradável, que fora apresentado às moças assim que sua irmã se fixou em Norland, e que, desde então, passava a maior parte do tempo ali.

Algumas mães poderiam ter encorajado a intimidade por motivos interesseiros – pois Edward Ferrars era o filho mais velho de um homem que morrera riquíssimo – enquanto outras teriam reprimido a intimidade por prudência, já que, com exceção de uma quantia insignificante, toda sua fortuna dependia da herança da mãe. Porém Mrs. Dashwood não levou em consideração nenhuma dessas opções. Já lhe bastava que o rapaz fosse amável, que ele amasse sua filha, e que Elinor lhe correspondesse. Era contrária a todas as crenças de que a diferença de fortuna deveria ser motivo de separação entre casais que estivessem atraídos devido à semelhança de temperamento. Para ela era impossível que os méritos de Elinor não fossem reconhecidos por todos que a conheciam.

Edward Ferrars não caiu no bom grado da família por nenhuma graça em particular. Ele não era bonito, e seus modos exigiam intimidade para que se tornassem agradáveis. Era muito acanhado para dizer a verdade, porém quando vencia sua timidez habitual, seu comportamento revelava um coração franco e afetuoso. Era um rapaz inteligente, e sua educação lhe garantia um sólido respaldo. Porém era desprovido de certas habilidades sociais e não tinha disposição para corresponder aos desejos de sua mãe e de sua irmã, que ansiavam por vê-lo em uma posição de destaque na sociedade, nem elas mesmas sabiam qual. Queriam que, de uma maneira ou outra, ele ocupasse um lugar importante no mundo. Sua mãe desejava que se interessasse por política, que ingressasse no parlamento, ou queria vê-lo ligado a algum figurão do momento. Mrs. John Dashwood desejava o mesmo, entretanto, nesse meio tempo, até que uma dessas bênçãos divinas fosse alcançada, já seria satisfatório ver o irmão conduzindo uma carruagem<sup>[1]</sup>. Mas Edward não tinha nenhum interesse por grandes homens nem por carruagens. Todos os seus desejos se concentravam no conforto da vida doméstica e na tranquilidade da vida privada. Felizmente ele tinha um irmão mais jovem que era mais promissor.

Edward já estava há várias semanas na residência, antes de conquistar a atenção de Mrs. Dashwood; já que nessa época o estado de

aflição dela a deixava indiferente a qualquer assunto que a rodeasse. Apenas observou que o rapaz era calado e discreto, e gostou dele por isso. Ele não perturbava seus pensamentos com conversas inoportunas. A primeira vez que passou a observá-lo com mais atenção e aprová-lo foi após uma reflexão feita por Elinor, a respeito da diferença entre ele e a irmã. Esse contraste fez com que sua mãe o considerasse ainda mais.

– É suficiente dizer que ele não é parecido com Fanny – disse ela. – O que implica que se pode encontrar nele o que há de mais amável e só por isso já posso amá-lo.

– Eu creio que chegará a gostar dele quando o conhecer melhor – disse Elinor.

– Gostar dele! – respondeu sua mãe sorrindo. Não posso sentir nenhum sentimento de admiração inferior ao amor.

– Você pode estimá-lo.

– Ainda não sei o que é separar a estima do amor.

Mrs. Dashwood a partir daí passou a se esforçar para conhecê-lo melhor. Com suas maneiras afetuosas logo venceria a reserva do rapaz. Rapidamente percebeu todos os seus méritos, talvez a persistência da estima dele por Elinor tenha ajudado seu entendimento, mas estava certa de seu valor. E até mesmo o jeito quieto de Edward, que era contrário às ideias de Mrs. Dashwood a respeito de como deveriam ser as atitudes de um rapaz, deixou de parecer-lhe desinteressante, quando percebeu que ele tinha um bom coração e um temperamento afetuoso.

Tão logo Mrs. Dashwood percebeu algum sintoma de amor no comportamento de Edward para com Elinor, considerou como certa a existência de um vínculo sério entre eles e passou a pensar no casamento dos dois como algo que logo se tornaria realidade.

Disse ela:

– Em poucos meses, minha querida Marianne, com toda certeza, Elinor se estabelecerá para a vida toda. Sentiremos sua falta, mas estou certa que será muito feliz.

– Ah, mamãe, o que faremos sem ela?

– Meu amor, será apenas uma separação. Nós viveremos a poucos quilômetros uma da outra, e nos veremos todos os dias. Você ganhará um irmão, um irmão de verdade, carinhoso. Eu tenho a melhor opinião do mundo a respeito dos sentimentos de Edward. Mas você parece séria, Marianne; não aprova a decisão de sua irmã?

– Talvez – disse Marianne. – Confesso que estou surpresa. Edward é muito amável e sinto uma grande ternura por ele. Mesmo assim, acho que ele não é o tipo de rapaz... Parece que falta algo, ele não se sobressai por sua aparência, não possui aquele charme que eu esperaria de um homem pelo qual minha irmã se sentisse seriamente atraída. Falta-lhe mais vivacidade nos olhos, aquele fogo que, ao mesmo tempo, anuncia virtude e inteligência. E, além disso, sinto dizer mamãe, mas ele não tem bom gosto. Parece que nem a música o atrai, e, embora ele admire muito os desenhos de Elinor, não é a admiração de uma pessoa que possa entender seu valor. Está evidente que ele não sabe nada desse assunto, apesar de estar sempre atento a ela enquanto desenha. Ele a admira como enamorado, não como profundo conhecedor do assunto. Para me sentir satisfeita, essas características devem vir juntas. Eu não poderia ser feliz com um homem cujo gosto não coincidissem com o meu. Ele deve penetrar em todos os meus sentimentos, os mesmos livros, a mesma música devem encantar aos dois. Oh, mamãe! Como era desanimado o jeito que Edward leu para nós na noite passada! Senti muito por minha irmã. Mas ela suportou tudo aquilo com tamanha compostura que parecia nem notar. Eu mal me podia aguentar no lugar. Escutar aqueles versos tão lindos que quase me fazem perder o sentido, pronunciados com aquela calma impenetrável e tamanha indiferença!

– Certamente ele teria feito jus a uma prosa simples e elegante. Naquela hora pensei que você *deveria* ter-lhe dado um livro de Cowper [2].

– Não, mamãe, creio que nem Cowper seria capaz de animá-lo! Mas devemos admitir que existam diferenças de gosto. Elinor não tem os mesmos sentimentos que eu, e pode então passar por cima disso e ser feliz com ele. Mas uma situação como essa teria partido *meu* coração, se eu o amasse, e o ouvisse ler com tamanha falta de sensibilidade. Mamãe, quanto mais conheço o mundo, mais estou convencida de que nunca encontrarei um homem a quem eu possa amar verdadeiramente. Sou muito exigente! Ele

deve possuir todas as virtudes de Edward, e sua aparência e modos devem embelezar sua bondade com todo charme possível.

– Meu amor, lembre-se que você não tem nem dezessete anos. Ainda é muito cedo para desistir da felicidade. Por que você teria menos sorte que sua mãe? Apenas em uma circunstância, querida Marianne, espero que seu destino seja diferente do meu!

[1] No original barouche: um tipo de carruagem normalmente puxada por quatro cavalos, com quatro rodas e teto conversível na metade traseira. O condutor fica na frente do veículo e acomoda de quatro a seis pessoas em seu interior. Esta carruagem era utilizada em passeios menos formais no parque ou no campo. (N. T.)

[2] William Cowper (1731 – 1800) – poeta conhecido por sua atenção às paisagens e assuntos melancólicos. Era um dos autores favoritos de Austen. (N. T.)

## CAPÍTULO 4

– Elinor, que pena que Edward não tem gosto pelo desenho! – disse Marianne.

– Não tem gosto pelo desenho! – respondeu Elinor. – Por que diz isso? De fato ele não faz nenhum tipo de desenho, mas tem grande prazer em observar o desempenho de outras pessoas, e lhe asseguro que ele não é desprovido de bom gosto, embora não tenha tido nenhuma oportunidade de demonstrá-lo. Se ele tivesse a oportunidade de aprender, creio que desenharia muito bem. Ele desconfia tanto de seu próprio julgamento em questões como essas, que se esquivava de dar sua opinião sobre qualquer desenho. Contudo, possui um gosto inato e simples, que de um modo geral, o conduz perfeitamente.

Marianne tinha medo de ofender a irmã, e não disse mais nada sobre o assunto; mas o tipo de aprovação que, segundo Elinor, despertavam nele os desenhos de outras pessoas estava muito longe do prazer arrebatador que, em sua opinião, era merecedor de ser chamado de gosto. Não obstante, ainda que rindo por dentro pelo engano, aprovou a irmã pela cega parcialidade para com Edward, que a induzia ao erro.

– Eu espero, Marianne, que você não o considere uma pessoa de gosto duvidoso – continuou Elinor. – Na verdade, creio que você não pode pensar isso, porque seu comportamento com ele é bastante cordial; e se *essa* fosse sua opinião, estou certa de que você não seria capaz de ser gentil com ele.

Marianne não sabia o que dizer. Não queria ferir os sentimentos da irmã por nenhum motivo, mas era impossível dizer algo que não acreditasse. Finalmente respondeu:

– Não se ofenda Elinor, se os elogios que posso fazer a respeito de Edward não se igualam à sua percepção dos méritos dele. Não tenho tido muitas oportunidades, como você, de apreciar os mínimos detalhes de sua mente, suas inclinações e gostos, mas eu o tenho na mais alta conta do



mundo por sua bondade e sensatez. Penso que ele possui tudo de mais valioso e amável.

– Estou certa de que seus amigos mais queridos não ficariam insatisfeitos com um elogio como esse – respondeu Elinor com um sorriso. Não consigo imaginar como poderia se expressar mais calorosamente.

Marianne ficou feliz ao ver a irmã contentar-se tão facilmente.

Elinor continuou:

– De seu bom senso e sua bondade, creio que ninguém que tenha tido uma boa conversa com ele pode duvidar. A excelência de seu discernimento e seus princípios só podem ser ofuscados pela timidez que muitas vezes o silencia. Você o conhece o suficiente para fazer justiça ao seu grande valor. Mas, de suas mínimas inclinações, como as chama, creio que algumas circunstâncias particulares mantiveram você mais ignorante do que eu. Em diversas ocasiões, ele e eu passamos um bom tempo juntos, enquanto você, tomada pelo mais afetuoso impulso, ficou completamente absorvida, dedicada à mamãe. Observei muitas coisas nele, estudei seus sentimentos e escutei suas opiniões a respeito de literatura e gosto e, acima de tudo, me atrevo a afirmar que ele possui uma mente bem informada, que o prazer que encontra nos livros é muito grande, sua imaginação é fértil, suas observações são justas e corretas, e seu gosto é delicado e puro. Quando o conhecemos melhor é que suas habilidades se destacam, em todos os aspectos, assim como suas maneiras e sua aparência. É verdade, que à primeira vista, seu trato não causa grande admiração e sua aparência dificilmente poderia ser chamada de bonita, até se perceber a expressão de seus olhos, que são extraordinariamente bondosos, e a doçura de seu semblante. No momento, o conheço tão bem que acho Edward muito bonito – ou pelo menos quase. O que me diz Marianne?

– Logo o acharei bonito, Elinor, se é que já não o acho. Quando você me disser para amá-lo como um irmão, já não mais verei imperfeições em seu rosto, como não as vejo hoje em seu coração.

Elinor assustou-se com essa declaração e se arrependeu de ter falado de Edward com tanto ardor. Sentia que Edward ocupava uma alta posição em seus afetos. Acreditava que a estima era mútua, mas precisava ter maior certeza disso para dizer a Marianne que considerava agradável a

ligação entre os dois. Sabia que o que Marianne e sua mãe pensavam em um momento, no momento seguinte já era certeza. Para elas, o desejo era esperança, e a esperança, expectativa. Então decidiu explicar à irmã a real situação.

– Não é minha intenção negar, disse ela, que eu tenho grande apreço por ele, que o estimo e gosto dele.

Diante disso, Marianne explodiu indignada:

– Tem grande estima e gosta muito dele! Insensível Elinor! Oh! Pior que insensível! Envergonhada por ser outra coisa. Use essas palavras novamente e sairei da sala imediatamente.

Elinor não pôde deixar de rir e disse:

– Desculpe-me e tenha certeza que não tive a intenção de lhe ofender ao me referir com palavras tão contidas a respeito de meus sentimentos. Acredite que eles são maiores do que eu disse. Em suma, acredite que estão à altura dos méritos dele, e a suspeita... a esperança, na verdade, de que sinta afeto por mim se justifica, sem imprudência ou loucura. Porém, não deve acreditar em nada mais que isso. Não tenho certeza de seu afeto por mim. Há momentos em que parece duvidoso e, até que seus sentimentos sejam completamente conhecidos, você não pode estranhar meu desejo de evitar qualquer encorajamento, acreditando ou esperando mais do que na verdade é. No fundo do meu coração, sinto pouca, quase nenhuma dúvida de sua preferência. Entretanto, há outros pontos que devem ser levados em conta, além de seu interesse por mim. Ele está muito longe de ser independente. Não podemos saber como sua mãe realmente é, mas as observações ocasionais de Fanny a respeito de sua conduta e opiniões nunca nos dispuseram a considerá-la amável e, ou estou muito equivocada, ou o próprio Edward não tem consciência de que haverá muitas dificuldades em seu caminho, caso ele tenha o desejo de se casar com uma mulher que não possua uma grande fortuna nem alta posição.

Marianne ficou bastante surpresa ao perceber o quanto sua imaginação e a de sua mãe a desviaram da verdade.

– E você não está realmente comprometida com ele! – disse ela. – Estou certa que isso logo acontecerá. Mas esse adiamento tem duas vantagens. Eu não a perderei tão cedo e Edward terá mais oportunidades de

melhorar aquele gosto natural por sua ocupação favorita, tão indispensável para sua felicidade futura. Ah! Se ao menos se interessasse em desenhar também, como seria agradável!

Elinor havia dado sua verdadeira opinião à irmã. Não poderia considerar seu interesse por Edward a partir de uma perspectiva tão favorável quanto Marianne havia suposto. Às vezes, havia nele uma falta de ânimo que, se não denotava indiferença, indicava algo pouco promissor. Algumas dúvidas sobre o afeto dela, se é que as tinha, não lhe provocariam mais do que inquietação. Certamente não lhe provocariam aquele abatimento de ânimo que frequentemente o atingia. Uma causa mais provável encontrava-se em sua situação de dependência, o que o impedia de entregar-se aos seus afetos. Ela sabia que sua mãe não se comportaria de maneira a facilitar as coisas para o filho, nem lhe daria segurança alguma de que poderia ter uma casa própria, a não ser que Edward atendesse a todas as suas exigências. Sabendo disto, Elinor não conseguia se sentir tranquila para falar do assunto. Estava longe de confiar no resultado do simples interesse de Edward por ela, coisa que sua irmã e sua mãe consideravam como certo. Não, quanto mais tempo passavam juntos, mais duvidosa parecia a natureza de seu afeto e, às vezes, por breves e dolorosos minutos, ela acreditava que se tratava apenas de amizade.

Mas, quaisquer que fossem os limites desse sentimento, quando a irmã de Edward percebeu, foi o suficiente para inquietá-la e, ao mesmo tempo (o que era ainda mais comum), torná-la mal educada. Ela aproveitou a primeira oportunidade para afrontar a sogra, falando-lhe tão expressivamente sobre as grandes expectativas que tinham para o irmão, da decisão de Mrs. Ferrars de que ambos os filhos fizessem bons casamentos, e do perigo que cercava qualquer jovencinha que tentasse *agarrá-lo* – que Mrs. Dashwood não pôde fingir que não havia se dado conta, nem esforçar-se por ficar tranquila. Deu-lhe uma resposta que revelava seu desdém, e imediatamente deixou a sala, decidindo que, quaisquer que fossem os inconvenientes ou despesas de uma partida súbita, sua querida filha Elinor não deveria ficar exposta a tais insinuações nem mais uma semana.

Foi nesse estado de espírito que recebeu uma carta do correio com uma proposta particularmente oportuna. Um parente seu, cavalheiro de posses e boa reputação, morador de Devonshire<sup>[1]</sup>, oferecia-lhe uma casa

pequena com preço justo. A carta fora enviada pelo próprio cavaleiro e escrita com a melhor das intenções de oferecer uma acomodação hospitaleira. Ele entendia que ela precisava de um lugar para morar e, embora a casa que agora lhe oferecia não passasse de um chalé, garantiu-lhe que tudo o que ela achasse necessário seria feito, se fosse de seu agrado. Depois de descrever os detalhes da casa e do jardim, insistiu seriamente para que ela e as filhas fossem para Barton Park, lugar de sua própria residência, e de onde ela poderia julgar por si mesma, uma vez que as casas pertenciam à mesma vizinhança, se o Chalé de Barton poderia, após algumas reformas, tornar-se um lugar aprazível para sua moradia. Ele parecia realmente ansioso para acomodá-las e o restante da carta foi escrito de maneira tão gentil que não deixou de agradar à prima, especialmente nesse momento em que ela sofria tanto por causa do comportamento frio e insensível de seus parentes mais próximos. Não precisou de muito tempo para deliberações ou consultas. Ao terminar de ler a carta já havia tomado sua decisão. A localização de Barton, em um condado tão distante de Sussex quanto Devonshire – que algumas horas antes teria sido motivo de objeção suficiente para contestar todas as possíveis vantagens do lugar – agora era sua principal recomendação. Deixar a vizinhança de Norland não era mais um empecilho, ao contrário, era um objeto de desejo, uma benção, se comparada ao tormento de continuar sendo hóspede de sua nora. Mudar-se para sempre desse lugar amado seria menos doloroso que morar ali, ou visitá-lo, enquanto essa mulher fosse sua dona. Imediatamente, Mrs. Dashwood escreveu uma carta para Sir John Middleton, demonstrando agradecimento pela bondade e aceitando sua proposta – em seguida, se apressou a mostrar as duas cartas às filhas, assegurando-se da aprovação delas antes de enviar a resposta.

Elinor sempre havia pensando que seria mais prudente para elas se morassem a certa distância de Norland do que permanecer nas proximidades de seus atuais parentes. Nesse sentido, não se opôs às intenções de sua mãe de se mudarem para Devonshire. A casa, da maneira como Sir John a descreveu, parecia ser tão modesta, e o aluguel tão incrivelmente módico, que não lhe dava o direito de fazer qualquer tipo de objeção. E assim, mesmo que não fosse um plano que lhe seduzisse a fantasia, e embora essa mudança das vizinhanças de Norland não estivesse

nos seus planos, não tentou dissuadir sua mãe de enviar uma carta de aceitação.

[1] Condado localizado no sudoeste da Inglaterra. (N.T.)

## CAPÍTULO 5

Tão logo enviou a carta, Mrs. Dashwood tratou de anunciar, com prazer, ao seu enteado e à esposa, que havia encontrado uma casa e que, assim que tudo estivesse resolvido, não os incomodaria mais. Eles ouviram com surpresa. Mrs. John Dashwood não disse nada, mas seu marido desejou, de maneira bastante cortês, que elas não fossem morar longe de Norland. Mrs. Dashwood, com grande satisfação, respondeu que iria se mudar para Devonshire. Edward, que estava presente na sala, ao ouvir a notícia virou-se bruscamente em sua direção e, com uma voz de surpresa e preocupação, que não precisava de explicação, repetiu:

– Devonshire! Vocês estão mesmo se mudando para lá? É tão longe daqui! E em que parte do condado?

Ela explicou a localização, ficava a seis quilômetros e meio de Exeter<sup>[1]</sup>.

– É apenas um chalé, continuou Mrs. Dashwood. Mas, espero receber ali todos os meus amigos. É possível acrescentar um ou dois cômodos e se meus amigos não encontrarem dificuldade em viajar para tão longe para me ver, estou certa que não terei dificuldade em acomodá-los.

Ela concluiu a conversa fazendo um convite gentil a Mr. Dashwood e à sua esposa para que a visitassem em Barton, e estendeu o convite a Edward com maior afeição. Embora sua última conversa com a nora tivesse feito com que ela decidisse permanecer em Norland não mais que o necessário, não tinha a intenção de satisfazer-lhe os desejos. Separar Edward e Elinor não era seu objetivo e, ao fazer o convite ao irmão de Mrs. John Dashwood, quis demonstrar quão pouco se importava com a sua desaprovação ao relacionamento entre os dois.

Mr. John Dashwood reiterou à madrasta o quanto ele se sentia aborrecido por ela ter escolhido uma casa tão distante de Norland, o que lhe impedia de oferecer-lhe seus serviços para o transporte da mobília. Ele se sentia verdadeiramente abalado pela situação, pois a única coisa à qual reduzira a promessa feita ao pai, agora seria impossível de cumprir. A

mobília foi transportada por navio, e consistia de roupas de cama e mesa, prataria, porcelana, livros e o lindo piano de Marianne. Mrs. John Dashwood, viu a mudança partir com um suspiro: não pôde deixar de pensar em como uma renda tão insignificante quanto a de Mrs. Dashwood, comparada com a sua, lhe permitia que possuísse tão linda mobília.

Mrs. Dashwood alugou por um ano a casa que já estava mobiliada e poderia ser ocupada imediatamente. Não houve nenhuma dificuldade entre as partes, e ela esperou apenas que a mudança partisse de Norland e que fossem escolhidos seus empregados para partir em direção ao oeste, e, devido ao interesse com que se dedicou, rapidamente tudo estava pronto. Os cavalos que o marido lhe deixara foram vendidos logo após sua morte e, assim que apareceu uma oportunidade de vender sua carruagem, acabou aceitando, por conselho de sua filha mais velha. Para o conforto de suas filhas, se tivesse consultado apenas seus próprios desejos, teria ficado com a carruagem, mas o bom juízo de Elinor prevaleceu. Foi também a sabedoria da filha que reduziu o número de empregados a três: duas moças e um homem, que rapidamente escolheram entre os empregados que as serviam em Norland.

O homem e uma das empregadas foram enviados imediatamente a Devonshire, para preparar a casa para a chegada da patroa. Como Mrs. Dashwood não conhecia Lady Middleton, preferiu ir diretamente para o chalé que ser hóspede em Barton Park – tinha tanta confiança na descrição que Sir John fez da casa, que não teve curiosidade de examiná-la antes de ir morar lá. Seu desejo de sair de Norland não diminuiu graças à evidente satisfação de sua nora com a perspectiva de sua mudança. Uma satisfação que era dissimulada por trás de um protocolar convite para que ficasse mais tempo. Agora chegara o momento em que a promessa de John Dashwood a seu pai poderia se cumprir satisfatoriamente. Como descuidou de cumpri-la ao chegar a Norland, o momento da partida parecia ser o mais adequado. Mas Mrs. Dashwood logo desistiu de ter alguma esperança e começou a se convencer, pelo rumo geral das suas palavras, que a ajuda ficaria restrita ao fato de ter-lhes oferecido abrigo em Norland por seis meses. Ele falava frequentemente do aumento de despesas com a propriedade e dos incalculáveis gastos a que qualquer cavalheiro respeitável estava exposto,

que ele próprio mais parecia necessitado de dinheiro do que disposto a doá-lo.

Poucas semanas após a primeira carta de Sir John Middleton tudo já estava resolvido a respeito da futura residência, de modo que Mrs. Dashwood e suas filhas poderiam começar sua viagem. Muitas foram as lágrimas derramadas na hora de se dizer adeus ao lugar que tanto haviam amado.

– Minha querida Norland! – disse Marianne, enquanto caminhava sozinha pela frente da casa, na última tarde que passaram lá.

– Quando deixarei de ter saudades? Quando aprenderei chamar um outro lugar de lar? Oh, doce lar, se pudesse imaginar como me sinto agora lhe observando deste lugar, do qual talvez jamais volte a vê-lo! E vocês, árvores tão familiares!... Vocês continuarão as mesmas, nenhuma folha cairá porque estamos de partida, nenhum galho ficará imóvel, embora não mais possamos observá-las. Não... Vocês continuarão as mesmas, inconscientes do prazer ou do pesar que provocam, e insensíveis a qualquer mudança com aqueles que caminham debaixo de suas sombras! E agora, quem irá apreciá-las?

[1] Cidade histórica. (N.T.)



## CAPÍTULO 6

A primeira parte da viagem ocorreu na mais profunda melancolia, o que a tornou bem mais entediante e desagradável. Porém, à medida que se aproximava o fim da viagem, o interesse pela aparência da região onde iriam morar se sobrepôs à tristeza e a vista do Vale de Barton, quando ali chegaram, as revigorou. Era um lugar agradável, fértil, com grandes bosques e ricas pastagens. Após terem percorrido cerca de dois quilômetros, finalmente chegaram a casa. Em frente, havia um pequeno jardim cuja entrada se fazia por um portão simples.

Como residência, o Chalé Barton, embora pequeno, era confortável e compacto, mas como casa de campo deixava a desejar, pois a construção era comum, com teto de telhas; as venezianas das janelas não eram pintadas de verde, nem as paredes cobertas de madressilvas. Um corredor estreito levava diretamente da casa ao jardim dos fundos. Em cada lado da entrada ficava uma sala de estar de, aproximadamente, cinco metros quadrados; atrás ficavam as dependências de serviço e as escadas. Quatro quartos e dois sótãos compunham o resto da casa. Não era muito velha e estava em boas condições. Em comparação com Norland, certamente era muito pequena e pobre! No entanto, as lágrimas que as lembranças produziram, logo secaram. Elas ficaram alegres tão logo perceberam a alegria dos empregados ao recebê-las, e então pensaram umas nas outras e decidiram ficar contentes.

Era o comecinho de setembro, o tempo estava bom e, após uma primeira observação do local sob a influência de um clima tão agradável, tiveram uma boa impressão, o que fez com que este recebesse sua aprovação final.

A localização da casa era boa e bem atrás dela, não muito distante, havia algumas colinas – uma parte era composta de campos abertos, outra era cultivada e ainda uma terceira parte era arborizada. O vilarejo de Barton estava situado, quase que em sua grande totalidade, em uma dessas colinas. Assim, as janelas da casa ofereciam uma vista agradável. Já na perspectiva da frente, a visão era mais ampla e alcançava todo o vale, inclusive os

campos além dele. As colinas que rodeavam o chalé limitavam o vale naquela direção, o qual, com outro nome e outro formato, se ramificava novamente entre dois montes mais escarpados.

Mrs. Dashwood estava bastante satisfeita com o tamanho da casa e com os móveis; embora seu antigo estilo de vida exigisse que algumas melhorias fossem indispensáveis, sempre era um prazer ampliar e aperfeiçoar as coisas – e agora ela tinha dinheiro suficiente para acrescentar aos aposentos o que fosse de mais elegante.

– Quanto a casa em si, disse ela, é muito pequena para nossa família, mas faremos o máximo para que fique toleravelmente confortável no momento, já que está muito tarde para fazer melhorias ainda esse ano. Talvez na primavera<sup>[1]</sup>, se eu tiver dinheiro suficiente, como eu planejo, poderemos pensar em construir. Essas duas salas são pequenas demais para o grupo de amigos que espero ver frequentemente reunido aqui e tenho planos de incluir um corredor em uma delas, talvez aumentando um cômodo com parte do outro, e deixando o restante como um vestíbulo; este, mais uma nova sala, que pode ser facilmente agregada, mais um dormitório e um sótão acima, farão desse chalé uma casa muito acolhedora. Eu preferiria que as escadas fossem mais bonitas. Mas não se pode esperar tudo, se bem que acredito que não será difícil ampliá-las. Quando a primavera chegar terei uma ideia de quanto disponho em dinheiro e assim poderemos fazer as melhorias de acordo com nossa renda.

Enquanto isso, até que todas as melhorias pudessem ser feitas com as economias de uma mulher com renda anual de quinhentas libras e que nunca havia feito economias na vida, elas foram bastante sábias para se contentarem com a casa do jeito que estava. Além disso, cada uma delas estava ocupada demais em organizar suas próprias coisas, empenhando-se em arrumar os livros e outros objetos de modo que a casa lhes parecesse um verdadeiro lar. O piano de Marianne foi devidamente desembalado e instalado e os desenhos de Elinor afixados nas paredes da sala de estar.

No dia seguinte, no meio da arrumação da mudança, na qual estavam envolvidas, foram interrompidas logo após o café da manhã pelo seu senhorio, que chegou para dar-lhes as boas vindas à Barton e oferecer-lhes acomodação em sua própria casa, enquanto tudo não estivesse organizado no chalé. Sir John Middleton era um homem de boa aparência,

com cerca de quarenta anos de idade. Já estivera em Stanhill, mas fora há tanto tempo que suas jovens primas nem se lembravam dele. Era bem humorado e seus modos eram tão amigáveis quanto havia demonstrado em sua carta. A chegada das primas parecia motivo de real satisfação e acomodá-las adequadamente era seu principal objetivo. Falou bastante a respeito de seu desejo de que as famílias vivessem do modo mais cordial possível e pressionou-as tão cordialmente a jantar em Barton Park todas as noites até que estivessem completamente instaladas, que era impossível sentirem-se ofendidas por ele. Sua generosidade não se limitava às palavras, pois apenas uma hora depois que ele deixara o chalé, chegou de Barton Park uma grande cesta cheia de hortaliças e frutas, e antes que o dia terminasse chegou uma outra cesta com carne de caça. Além disso, Sir John insistiu em levar todas suas cartas ao correio e trazer as que chegassem, e não se privou da satisfação de enviar seu jornal diariamente [2].

Lady Middleton enviou por ele uma mensagem muito cortês, manifestando sua intenção de receber Mrs. Dashwood assim que esta pudesse visitá-la sem inconvenientes e, como esta mensagem recebeu uma resposta igualmente educada, foram apresentadas à senhoria no dia seguinte.

Elas estavam, é claro, muito ansiosas para encontrar a pessoa de quem tanto dependia seu conforto em Barton, e ficaram favoravelmente impressionadas por sua aparência e elegância. Lady Middleton não tinha mais que vinte e seis ou vinte e sete anos; tinha um bonito rosto, era alta e imponente, e de aparência muito graciosa. Suas maneiras tinham toda a elegância que faltava ao seu marido; seriam, porém, mais realçadas se ela possuísse a franqueza e a hospitalidade dele. A visita se prolongou o suficiente para que a admiração inicial fosse diminuída, ao demonstrar que, ainda que muito educada, era reservada, fria e não tinha nada para falar além de perguntas e observações banais.

Apesar disso, não faltou conversa, pois Sir John era muito falante e Lady Middleton tomara a sábia precaução de levar consigo o filho mais velho – um belo menino de seis anos de idade – cuja presença oferecia sempre um assunto a que as senhoras poderiam recorrer quando a conversa se esgotava, perguntando o nome e a idade da criança, admirando sua beleza, e ainda fazendo-lhe perguntas que sua mãe respondia, enquanto ele

se agarrava a ela e mantinha a cabeça baixa, para grande surpresa de Lady Middleton – que achava estranho como ele podia ser tão tímido na frente das visitas enquanto era muito barulhento em casa. Em todas as visitas formais deveria haver uma criança, como uma maneira polida de dar assunto às conversas. Neste caso, apenas dez minutos foram suficientes para determinar se o menino se parecia mais com o pai ou com a mãe e, em que detalhe particular se assemelhava com cada um deles, porque certamente cada um tinha uma opinião diferente, e todos ficavam surpresos com as opiniões uns dos outros.

Logo apareceu uma oportunidade para que as Dashwood pudessem conhecer as outras crianças, já que Sir John não partiu da casa sem que elas prometessem jantar em Barton Park na noite seguinte.

[1] No hemisfério norte a primavera começa em março e termina em junho. (N. T.)

[2] Como os jornais eram relativamente caros, os vizinhos tinham o costume de compartilhá-los. (N. T.)

## CAPÍTULO 7

Barton Park ficava a aproximadamente novecentos metros do chalé. As Dashwood já haviam passado por perto ao cruzar o vale, mas do chalé não se podia ver a propriedade, pois uma colina logo à frente atrapalhava a visão. A casa era grande e bonita, e a família Middleton vivia de uma maneira que equilibrava hospitalidade e elegância. A primeira era para satisfação de Sir John, a segunda para a de sua esposa. Raramente ficavam sem a presença de amigos em casa, e recebiam mais visitas que qualquer outra família da vizinhança. Isso era necessário para a felicidade de ambos, visto que, apesar de terem temperamentos e comportamentos diferentes, eles se pareciam muito na falta de talento e gosto, deficiência essa que limitava um pouco as atividades que não fossem relacionadas à vida social. Sir John era um homem dedicado aos esportes, Lady Middleton, uma mãe. Ele caçava e praticava o tiro e ela cuidava dos filhos – esses eram seus únicos afazeres. Lady Middleton tinha a vantagem de poder mimá-los durante todo o ano, enquanto as atividades de Sir John só ocupavam metade desse tempo. Entretanto, os constantes compromissos dentro e fora de casa supriam qualquer deficiência de natureza e educação: alimentavam o bom ânimo de Sir John e davam oportunidade para a demonstração de boa educação de sua esposa.

Lady Middleton se orgulhava da elegância de sua mesa e de todos os seus arranjos domésticos, e era desse tipo de vaidade que obtinha seus maiores deleites em todas as suas reuniões. Mas a satisfação de Sir John pela vida social era mais real; ele adorava reunir em torno de si um número maior de jovens do que sua casa podia abrigar e o barulho que eles faziam era seu maior prazer. Era um homem bem quisto por todos os jovens da vizinhança. No verão ele frequentemente convidava grupos para comer presunto e frango ao ar livre; e no inverno seus bailes particulares eram numerosos o suficiente para satisfazer os desejos de qualquer jovem que não estivesse presa aos insaciáveis apetites dos quinze anos.

A chegada de uma nova família à região era sempre motivo de alegria para ele e, em todos os sentidos, estava encantado com os moradores

que havia conseguido para seu chalé de Barton. As irmãs Dashwood eram jovens, bonitas e não eram afetadas. Isso era suficiente para garantirem sua boa opinião, já que não ser afetada era tudo o que uma moça bonita precisava para fazer com que seu espírito fosse tão cativante quanto sua aparência. A amabilidade de Sir John o tornou feliz ao oferecer-lhes acomodação, já que a situação em que elas viviam hoje era muito desafortunada, principalmente se comparada com a do passado. Suas demonstrações de bondade para com as primas apraziam seu bom coração e, ao estabelecer no Chalé Barton uma família composta apenas de mulheres, provou toda a satisfação de um esportista; mesmo que este aprecie apenas a companhia daqueles do mesmo sexo, esportistas como ele, nem sempre tem o desejo de encorajar seu gosto, permitindo que residam em sua propriedade.

Mrs. Dashwood e as filhas foram recebidas na porta da casa por Sir John, que lhes deu as boas vindas à Barton Park com bastante sinceridade e, ao conduzi-las até a sala de estar, tornou a falar às jovens sobre a preocupação que o incomodava desde o dia anterior: não conseguira convidar nenhum rapaz elegante para apresentar-lhes. Disse que elas só veriam outro cavalheiro além dele mesmo: um amigo íntimo que estava hospedado em sua casa, mas não era nem muito jovem nem muito alegre. Sir John esperava que elas perdoassem o número reduzido de pessoas, e garantiu-lhes que isso não aconteceria novamente. Ele havia visitado várias famílias naquela manhã em busca de um acréscimo ao grupo, mas era lua cheia<sup>[1]</sup> e todos tinham compromissos. Felizmente a mãe de Lady Middleton acabara de chegar a Barton Park – ela era uma senhora muito alegre e agradável e esperava que as jovens não achassem a reunião tão tediosa quanto poderiam imaginar. Tanto as jovens quanto sua mãe estavam satisfeitas por terem apenas dois estranhos no grupo, e não queriam mais ninguém.

Mrs. Jennings, mãe de Lady Middleton, era uma senhora idosa, bem humorada, alegre e gorda, que falava demais, parecia muito feliz e um tanto vulgar. Era cheia de piadinhas e risadinhas e, antes do final do jantar, já havia falado várias coisas engraçadas sobre amantes e maridos; esperava que as moças não tivessem deixado um grande amor em Sussex, e fingiu vê-las corar, mesmo que não estivessem envergonhadas. Marianne sentiu-se

contrariada com tudo aquilo por causa da irmã, e olhou para Elinor, para ver como ela suportava aqueles ataques, e o fez com uma seriedade que perturbou muito mais Elinor do que as triviais brincadeiras de Mrs. Jennings.

Coronel Brandon, o amigo de Sir John, com seus modos silenciosos e sérios, e dada à diferença de temperamentos, parecia tão pouco adequado para ser seu amigo, quanto Lady Middleton para ser sua esposa, ou Mrs. Jennings para ser a mãe de Lady Middleton. Sua aparência, no entanto, não era desagradável, apesar de ser, na opinião de Marianne e de Margaret, um solteirão convicto, com seus mais de trinta e cinco anos. Mesmo não tendo um rosto bonito, sua aparência era sensível e possuía os modos de um cavalheiro.

Não havia nada nos participantes do grupo que servisse para recomendá-los como companhia às Dashwood; mas a frieza insípida de Lady Middleton era tão repulsiva, que, em comparação, a seriedade do Coronel Brandon e até a alegria barulhenta de Sir John e de sua sogra, pareciam interessantes. Lady Middleton pareceu se alegrar apenas depois do jantar, quando seus quatro filhos barulhentos entraram na sala e a puxaram de um lado para outro, agarrando-se às suas roupas e colocando um ponto final a qualquer conversa que não se referisse a eles.

Ao anoitecer, assim que descobriram que Marianne tinha gosto pela música, convidaram-na para tocar piano. Abriram o instrumento, todos se prepararam para se sentirem encantados e Marianne, que também cantava muito bem, a pedidos, começou a cantar a melhor das canções que Lady Middleton trouxera para casa após o casamento – as quais talvez estivessem no mesmo lugar desde que o piano fora comprado, já que sua senhoria celebrara aquele evento desistindo da música, apesar de que, na opinião de sua mãe, ela tocasse muito bem, e, na sua própria opinião, gostasse muito de fazê-lo.

O desempenho de Marianne foi muito aplaudido. Sir John demonstrava em voz alta sua admiração ao final de cada música, da mesma maneira que conversava no mesmo tom com os demais enquanto as músicas eram cantadas. Lady Middleton chamou sua atenção várias vezes, salientando que ninguém deveria dispersar sua atenção da música, mas pediu à Marianne para repetir uma determinada música que ela acabara de

cantar. O Coronel Brandon estava sozinho, distante do grupo, e ouviu tudo sem ser interrompido. Foi gentil ao prestar atenção e ela sentiu grande respeito por ele nesse momento, já que os outros haviam perdido completamente o fio da meada por falta de gosto. O prazer que o coronel havia demonstrado, embora não chegasse ao delicioso êxtase que ela considerava igualável ao dela, era digno de estima diante da imensa insensibilidade dos demais, e ela era bastante sensata para admitir que um homem de trinta e cinco anos podia ter sentimentos profundos e sensibilidade para se divertir. Estava bastante disposta a fazer todas as concessões necessárias à idade avançada do Coronel, exigidas pela compaixão.

[1] Naquela época havia uma preferência em organizar eventos durante as noites de lua cheia, já que a claridade natural tornava as viagens noturnas mais seguras. (N. T.)



## CAPÍTULO 8

Mrs. Jennings era uma viúva com uma polpuda renda[1]. Teve duas filhas, que eram respeitavelmente bem casadas e, portanto, agora não tinha mais nada o que fazer senão casar o resto do mundo. Ela se esforçava ao máximo na tentativa de cumprir esse objetivo de maneira bastante zelosa e não perdia nenhuma oportunidade de planejar casamentos entre os jovens que conhecia. Era muito rápida para descobrir quem se sentia atraído por quem, e apreciava a vantagem de provocar rubores e aguçar a vaidade de muitas jovens com insinuações relacionadas ao poder que exerciam em determinados jovens cavalheiros. Com esse tipo de discernimento, foi capaz de, assim que chegou a Barton Park, dizer que o Coronel Brandon estava muito apaixonado por Marianne Dashwood. Ela até suspeitara disso na primeira noite em que estiveram juntos, pois ele a ouvia cantar com muita atenção e, quando os Middleton retribuíram a visita, jantando no chalé, o fato foi confirmado ao vê-lo escutá-la de novo. Estava totalmente convencida. Seria uma excelente união, porque *ele* era rico e *ela* bonita. Mrs. Jennings estava ansiosa para ver o Coronel Brandon bem casado, desde o dia em que o conheceu, além disso, sempre estava à procura de um bom marido para uma jovem bonita.

A vantagem imediata que obteve não foi insignificante, já que lhe forneceu infinitas piadas à custa de ambos. Em Barton Park, ela ria do Coronel; no chalé, ria de Marianne. Para o primeiro, essa zombaria era indiferente, desde que atingisse apenas a ele; mas em relação à Marianne, era algo incompreensível e quando esta entendeu seu objetivo, não sabia se ria desse absurdo ou se censurava a impertinência de Mrs. Jennings, já que considerava os comentários insensíveis e desrespeitosos, considerando a idade avançada do Coronel e sua condição de solteirão.

Mrs. Dashwood, que não achava um homem cinco anos mais jovem do que ela tão extremamente velho como parecia à jovem imaginação de sua filha, tentou defender Mrs. Jennings de estar ridicularizando a idade do Coronel.

– Ao menos mamãe, você não pode negar o absurdo que é essa acusação, mesmo que não acredite que seja intencionalmente maliciosa! Com toda certeza o Coronel Brandon é mais jovem que Mrs. Jennings, porém ele é velho o suficiente para ser *meu* pai e, se alguma vez já teve ânimo o suficiente para se apaixonar, deve ter sobrevivido a qualquer sensação desse tipo. É muito ridículo! Quando um homem poderá libertar-se de tais brincadeiras, se a idade ou a doença não o protegerem?

– Doença! – disse Elinor. Você acha que o Coronel Brandon é doente? Estou certa que a idade dele lhe parece muito maior do que para minha mãe, mas deve admitir que ele faz um bom uso de seus membros!

– Você não o ouviu reclamando de reumatismo? E não é essa a enfermidade comum em pessoas mais velhas?

– Minha querida filha – disse sua mãe rindo – então você deve pensar que *eu* também estou a caminho do declínio e deve parecer-lhe um milagre que minha vida tenha se estendido à avançada idade de quarenta anos.

– Mamãe, você não está sendo justa comigo. Eu sei muito bem que o Coronel Brandon não é velho o bastante para fazer com que seus amigos fiquem temerosos por perdê-lo devido ao curso natural das coisas. Ele deve viver mais vinte anos. Porém, trinta e cinco anos não é mais idade para se casar.

– Talvez – disse Elinor, – trinta e cinco anos e dezessete não combinem para um casamento entre si. Mas, se por acaso houvesse uma mulher de vinte e sete anos, não penso que a idade do Coronel Brandon fosse motivo de objeção para que se casassem.

– Uma mulher de vinte e sete anos – disse Marianne depois de um momento de pausa, – jamais poderia ter a esperança de sentir ou inspirar afeição novamente. E se sua casa não for confortável, ou sua fortuna for pequena, suponho que poderia se submeter ao ofício de enfermeira do marido, em troca da segurança financeira como esposa. Se ele se casasse com uma mulher nessa condição, não haveria nada de inapropriado. Seria um pacto de conveniência e todos ficariam satisfeitos. Aos meus olhos não seria de modo algum um casamento, mas isso não importa. Para mim, se

pareceria apenas com um contrato comercial, onde cada um se beneficiaria à custa do outro.

– Seria impossível, eu sei, convencer-lhe de que uma mulher de vinte e sete anos poderia sentir algo muito parecido com amor por um homem de trinta e cinco anos, de modo que se torne uma companhia agradável para ela – respondeu Elinor. – Não concordo que você aprisione o Coronel Brandon e sua esposa ao confinamento de uma casa de doente, meramente porque ele se queixou ontem (um dia muito frio e úmido) de uma leve dor reumática em um de seus ombros.

– Mas ele mencionou coletes de flanela[2]. – disse Marianne – e para mim um colete de flanela está invariavelmente ligado a dores, câimbras, reumatismos e toda espécie de males que podem atingir as pessoas mais velhas e fracas.

– Se ele tivesse apenas uma febre violenta, você não o desprezaria tanto. Confesse, Marianne, você não se sente interessada pelo rosto vermelho, os olhos vazios e a pulsação rápida de uma pessoa com febre?

Logo em seguida, depois que Elinor deixou a sala, Marianne disse:

– Mamãe, preocupo-me muito em relação às enfermidades e não posso esconder isso de você. Tenho certeza que Edward Ferrars não está bem. Já estamos morando aqui há quase quinze dias e ele ainda não veio nos visitar. Nada além de uma verdadeira indisposição poderia ser o motivo desse atraso extraordinário. O que mais poderia detê-lo em Norland?

– Você pensava que ele viria tão cedo? – disse Mrs. Dashwood. – Eu não penso assim. Ao contrário, se senti certa ansiedade a respeito do assunto, foi ao perceber que às vezes ele demonstrava certa falta de prazer diante do meu convite e pouca disposição para aceitar quando eu falava a respeito de sua vinda à Barton. Elinor já espera por ele?

– Eu nunca mencionei isso a ela, mas suspeito que ela já deva esperá-lo.

– Creio que você está enganada, pois ontem falei com ela a respeito de uma grade para a lareira do quarto de hóspedes e ela observou que não havia necessidade de pressa, já o que o quarto não seria usado tão cedo.

– Que estranho! O que pode significar isso? Mas todo o comportamento de um para com o outro tem sido inexplicável! Como foram

frios e formais na hora da despedida! Como foi lânguida a conversa entre os dois na última noite em que estiveram juntos! Ao dizer adeus, Edward não fez distinção entre Elinor e eu, para ambas teve apenas desejos bons como um irmão afetuoso. Na última manhã, eu, propositadamente, deixei os dois a sós por duas vezes e a cada vez, de maneira inexplicável, ele me seguiu. Já Elinor, ao deixar Norland e Edward, não chorou mais que eu. Inclusive agora, seu autocontrole é o mesmo. Quando a vemos abatida ou melancólica? Quando tenta evitar a sociedade ou parece inquieta e insatisfeita?

[1] Espécie de mesada que a viúva recebia após a morte do marido. (N. T.)

[2] No século XVIII, os coletes feitos de seda ou tecidos finos faziam parte do guarda roupa de qualquer homem elegante. No caso do colete do Coronel Brandon, por ser de flanela, faz parecer que ele está fora de moda. (N. T.)

## CAPÍTULO 9

As Dashwood agora estavam estabelecidas em Barton com razoável conforto. A casa e o jardim, com todas as coisas que os cercavam, já haviam se tornado familiares e, pouco a pouco, elas retomavam as ocupações cotidianas que haviam dado a Norland metade de seu encanto, desta vez, porém, com muito mais prazer do que Norland fora capaz de proporcionar após a morte do pai. Sir John Middleton, que as visitava diariamente durante os primeiros quinze dias e não estava acostumado a ter muita ocupação em casa, não conseguia esconder seu espanto ao vê-las sempre atarefadas.

As visitas, com exceção dos moradores de Barton Park, não eram muitas. Apesar dos pedidos insistentes de Sir John para que se relacionassem com os vizinhos, e a garantia de que sua carruagem estava sempre à disposição, a independência de Mrs. Dashwood venceu o desejo de convívio social das filhas; ela estava decidida a recusar visita que não pudesse ser feita a pé. Havia poucas pessoas nessa situação e nem todas eram acessíveis. A quase três quilômetros do chalé, junto ao sinuoso e estreito Vale de Allenham, que derivava do vale de Barton, como descrito anteriormente, em um de seus primeiros passeios as moças descobriram uma mansão antiga e imponente que, por se parecer um pouco com Norland, despertou-lhes a curiosidade e o desejo de conhecê-la melhor. Porém, quando indagaram a respeito, souberam que a proprietária da casa, uma dama já idosa e de bom caráter, infelizmente estava muito doente para receber visitas e nunca saía de casa.

De um modo geral, os arredores do vilarejo eram abundantes em lugares bonitos para se passear. De cada janela do chalé, as altas colinas as convidavam a buscar o refinado prazer do ar de seus cumes, e era uma alternativa feliz quando a sujeira dos vales mais baixos ocultava seus encantos superiores. E foi em uma dessas colinas que Marianne e Margaret foram caminhar em uma memorável manhã, atraídas pelo pouco sol em um céu chuvoso, incapazes de suportar o confinamento que a chuva dos dias anteriores havia lhes causado. O clima não era tão tentador a ponto de fazer

com que as outras desistissem de seus lápis de desenhos e livros, apesar da declaração de Marianne de que o bom tempo se manteria, e que até a última das nuvens ameaçadoras seria carregada pelo vento... E assim, as duas partiram juntas.

Subiram alegremente as colinas, contentes com cada fresta azul que aparecia no céu e quando sentiram no rosto as revigorantes rajadas do vento sudoeste, lamentaram os temores que impediram sua mãe e Elinor de compartilhar tais sensações tão prazerosas.

– Há felicidade maior no mundo do que esta? – disse Marianne. – Margaret, vamos caminhar aqui por pelo menos duas horas.

Margaret concordou e elas continuaram sua caminhada contra o vento, com alegres risadas durante mais vinte minutos quando, subitamente, as nuvens se uniram sobre suas cabeças e uma chuva intensa caiu sobre elas. Surpreendidas e contrariadas, foram obrigadas, mesmo contra a vontade, a voltar, pois não havia nenhum outro refúgio a não ser sua casa. Como consolo, dada à necessidade do momento, só podiam correr a toda velocidade pelo lado da colina que levava direto ao portão do jardim.

Começaram a correr... Marianne levava vantagem no começo, mas um passo em falso a fez cair e Margaret, sem poder parar para lhe dar a devida assistência, seguiu involuntariamente correndo com toda pressa e logo chegou ao pé da colina em segurança.

Um cavalheiro carregando uma arma e com dois cachorros de caça, estava passando no alto da colina a poucos metros de Marianne, quando o acidente aconteceu. Ele deixou sua arma e correu para auxiliá-la. Ela se levantou do chão, mas havia torcido o pé com a queda, a ponto de mal conseguir se sustentar. O cavalheiro ofereceu sua ajuda e percebendo que, por modéstia ela recusava o que sua situação exigia, carregou-a em seus braços sem mais delongas até descerem a colina. Cruzando o jardim, cujo portão fora deixado aberto por Margaret, ele avançou diretamente para o interior da casa, onde Margaret já se encontrava, e não deixou de carregá-la até que a sentasse em uma poltrona da sala.

Elinor e sua mãe se levantaram assustadas ao vê-los entrar e, enquanto os olhos de todas estavam fixos no rapaz, com uma evidente curiosidade e secreta admiração, que vinha também de sua aparência, ele

pediu desculpas pela intromissão, relatando o ocorrido de um modo tão franco e gracioso, que sua aparência, que era extremamente bela, recebeu os encantos adicionais de sua voz e expressão. E mesmo que ele fosse velho, feio e vulgar, Mrs. Dashwood seria igualmente grata e amável por qualquer ato de atenção para com sua filha. Entretanto, a influência de sua juventude, beleza e elegância deram um novo interesse àquela atitude, comovendo-as ainda mais.

Ela lhe agradeceu repetidas vezes e, com a doçura que lhe era comum, convidou-o a se sentar. Ele, porém, se recusou, alegando que estava sujo e molhado. Mrs. Dashwood pediu para que lhe dissesse a quem ela estava agradecida. Ele disse que se chamava Willoughby, e que sua residência atual era em Allenham, de onde esperava ter a honra de voltar no dia seguinte para saber notícias de Miss Dashwood. A honra foi rapidamente concedida e ele partiu, sumindo no meio da chuva intensa, o que o tornou ainda mais interessante.

Sua beleza varonil e sua invulgar graciosidade imediatamente se tornaram motivos de admiração geral, e o riso que seu gesto galante para com Marianne provocou, recebeu maior significado por conta de seus atrativos físicos. A própria Marianne viu muito pouco dele se comparada às demais, porque a confusão que a fizera corar quando ele a ergueu, impediu-a de olhar para ele depois que entraram na casa. Mas ela tinha visto o suficiente para juntar-se à admiração das outras, com um entusiasmo que sempre acompanhava seus elogios. Ele tinha uma aparência exatamente igual à sua fantasia de um herói, o personagem de sua história favorita; e o fato daquele homem carregá-la no colo sem a menor cerimônia, revelava uma agilidade de pensamento que, de modo especial, o recomendava na ação... Todas as circunstâncias que o envolviam eram interessantes. Tinha um bom nome, morava em uma linda mansão no vilarejo e ela logo descobriu que, de todos os trajes masculinos, o mais tentador era um casaco de caçador. Sua imaginação estava bastante ocupada, suas reflexões eram agradáveis, e a dor de um tornozelo torcido foi desconsiderada.

Sir John se apressou em visitá-las naquela mesma manhã, tão logo o tempo permitiu que saísse de casa. E após lhe contarem tudo a respeito do acidente de Marianne, trataram logo de perguntar se ele conhecia um cavalheiro, morador de Allenham, que se chamava Willoughby.

– Willoughby! – exclamou Sir John; – Então *ele* está na região? Mas é uma ótima notícia, vou a cavalo até sua casa amanhã e o convidarei para jantar na quinta-feira.

– Então você o conhece! – disse Mr. Dashwood.

– Se eu o conheço? Claro que sim. Ele nos visita todos os anos.

– E que tipo de jovem ele é?

– Garanto-lhe que é o melhor jovem que se pode conhecer. Um atirador bastante decente, e não há cavaleiro mais audacioso em toda Inglaterra.

– Isso é tudo o que pode falar sobre ele? – exclamou Marianne indignada. – Como são suas maneiras quando o conhecemos mais intimamente? Quais são suas ocupações, seus talentos, como é seu temperamento?

Sir John ficou confuso.

– Por minha vida – disse ele. – Não sei muito sobre ele além do que lhe disse. Porém, ele é agradável, um sujeito bem humorado e tem a melhor cadela perdigueira preta que já vi. Ele estava com ela hoje?

Mas Marianne era tão incapaz de satisfazer sua curiosidade a respeito da cor do cachorro de Mr. Willoughby, quanto ele não era capaz de descrever as nuances da mente do rapaz.

– Mas, quem é ele? – disse Elinor. – De onde vem? Ele possui uma casa em Allenham?

Sobre esse assunto Sir John poderia dar-lhes mais informações, e lhe disse que Mr. Willoughby não possuía propriedades na região, residia em Allenham apenas quando visitava a velha senhora de Allenham Court, de quem era parente e cujas posses ele herdaria. Tendo dito isto, Sir John acrescentou:

– Sim, sim, ele é um bom partido, isso eu lhe garanto, Miss Dashwood. Além disso, ele possui uma pequena propriedade em Somersetshire<sup>[1]</sup>. E se eu fosse você, não desistiria dele por causa de sua irmã mais jovem, apesar de seu tombo. Miss Marianne não pode desejar que todos os homens fiquem aos seus pés. Se ela não for cuidadosa, Brandon ficará com ciúmes.



– Eu não acredito que Mr. Willoughby será incomodado por nenhuma de *minhas* filhas, na tentativa de tentar agarrá-lo – disse Mrs. Dashwood, sorrindo bastante bem humorada. – Elas não foram criadas com essa finalidade. Os homens estão muito seguros conosco, por mais ricos que sejam. Entretanto, fico contente em saber, pelo que o senhor nos contou, que ele é um jovem muito respeitável, e cujo contato não será recusado.

– Ele é uma boa pessoa, o melhor sujeito que já existiu – repetiu Sir John. – Eu me lembro de que no último Natal, em uma pequena reunião em Barton Park, ele dançou das oito da noite até as quatro da manhã, sem sequer se sentar.

– É verdade? – exclamou Marianne com os olhos brilhantes. – E o fez com elegância? Com espírito?

– Claro, e ele já estava de pé às oito da manhã, pronto para a caça.

– É disso que eu gosto, é assim que deve se portar um jovem. Quaisquer que sejam seus ideais, deve buscá-los sem moderação, e sem demonstrar nenhum cansaço.

– Ai, ai, ai... Já estou vendo tudo – disse Sir John. – Já vejo como será. Você vai lhe atirar a rede, e jamais pensará no pobre Coronel Brandon.

– Esse é um modo de falar, Sir John, que eu particularmente não gosto – disse Marianne, calorosamente. – Eu detesto frases feitas com intenções maliciosas; e “atirar-lhe a rede” ou “conquistá-lo” são as frases mais odiosas de todas. Essas palavras têm a tendência de serem grosseiras e vulgares; e se alguma vez puderam ser consideradas inteligentes, há muito o tempo se encarregou de destruir toda sua engenhosidade.

Sir John não entendeu muito bem essa reprovação; mas deu uma boa gargalhada como se entendesse, e então respondeu:

– Sim. Tenho certeza que você fará muitas conquistas, de um jeito ou de outro. Pobre Brandon! Já está bastante apaixonado, e lhe garanto que vale a pena atirar-lhe a rede, apesar de seu tombo e dessa torção de tornozelo.

[1] Condado localizado no sudoeste da Inglaterra. (N.T.)

## CAPÍTULO 10

O protetor de Marianne, como Margaret, com mais elegância do que precisão, denominara Willoughby, chegou ao chalé bem cedo na manhã seguinte para saber notícias pessoalmente. Willoughby foi recebido por Mrs. Dashwood com mais que educação, com a gentileza que as palavras de Sir John e a própria gratidão dela propiciavam. Tudo que conversaram durante a visita serviu para assegurar-lhe a sensatez, elegância, afeto mútuo e conforto doméstico da família à qual conhecera por meio desse acidente. Não havia necessidade de um segundo encontro para que ele estivesse convencido dos encantos pessoais das moças.

Miss Dashwood tinha o rosto delicado, feições regulares e era notavelmente bonita. Marianne era ainda mais bonita. Sua silhueta, embora não fosse tão perfeita quanto à da irmã, tinha a vantagem de ser mais alta, impressionando um pouco mais. Seu rosto era tão adorável que, ao lhe dirigirem elogios – chamando-a de linda garota – a verdade era menos violentamente ultrajada do que usualmente acontece. Tinha a pele morena, mas sua transparência lhe dava um brilho extraordinário, suas feições eram todas belas, seu sorriso doce e atraente e em seus negros olhos havia vida, espírito e uma vivacidade que não poderiam ser contemplados sem prazer. No começo, ocultou de Willoughby a expressão de seus olhos, devido ao embaraço que a lembrança de sua queda proporcionava. Mas, quando isso passou, quando seu espírito serenou, quando viu que sua perfeita educação de cavalheiro se juntava à franqueza e à vivacidade, e, sobretudo, quando o escutou afirmar que era apaixonado por músicas e bailes, ela lhe deu um olhar de aprovação tão profundo que garantiu para si a atenção dele em todas as demais conversas durante sua visita.

Era necessário apenas mencionar qualquer passatempo favorito para levá-la a falar. Ela não conseguia ficar em silêncio quando tais assuntos eram mencionados, e não tinha timidez ou reserva para conversar. Rapidamente descobriram que compartilhavam do mesmo entusiasmo por bailes e música, o que gerou uma enorme afinidade em tudo o que se relacionava a ambos. Encorajada por isto a examinar de forma mais

profunda as opiniões do rapaz, prosseguiu sua investigação perguntando-lhe a respeito de livros; comentou a respeito de seus autores favoritos com tamanho prazer, que qualquer rapaz de vinte e cinco anos teria que ser muito insensível para não perceber a excelência de tais obras – mesmo que antes nunca as tenha apreciado. Os dois tinham o gosto muito parecido. Idolatravam os mesmos livros, as mesmas passagens, ou se alguma diferença surgisse, alguma objeção fosse levantada, não perdurava por muito tempo antes que a força dos argumentos de Marianne e o brilho de seus olhos a dissipassem. Willoughby concordou com todas as decisões dela, deixando-se contagiar por seu entusiasmo, e muito antes do final da visita conversavam com a familiaridade de velhos conhecidos.

– Bem, Marianne – disse Elinor, assim que ele as deixou – para *uma* única manhã, eu acho que você se saiu muito bem. Consegui descobrir a opinião de Mr. Willoughby a respeito de quase todos os assuntos importantes. Você sabe o que ele pensa de Cowper e Scott[1], tem a certeza de que ele aprecia seus encantos do modo como deve ser, e também tem certeza de que admira Pope[2] de forma apropriada. Mas como seu relacionamento com ele poderá durar um longo tempo se você esgota rapidamente todos os assuntos de conversa? Em breve todos os seus tópicos favoritos já terão se esgotado. Uma outra visita será o suficiente para que ele lhe fale de seus sentimentos sobre a beleza pitoresca[3] e sobre segundos casamentos, e então você não terá mais nada para perguntar.

– Elinor – exclamou Marianne – acha que está sendo justa? Será que tenho poucas ideias? Porém, entendo o que disse. Fiquei muito à vontade, muito feliz, muito franca. Estive em falta com toda noção comum de decoro, fui aberta e sincera quando deveria ter sido mais reservada, desanimada, tola e hipócrita. Se tivesse falado apenas do tempo e das estradas, e se tivesse aberto a boca apenas uma vez a cada dez minutos, teria sido poupada dessa repreensão.

– Meu amor – disse sua mãe – não se ofenda com Elinor, ela estava só brincando. Eu mesma teria chamado sua atenção se ela quisesse lhe tirar o prazer de conversar com nosso novo amigo.

Marianne logo se acalmou.

Willoughby, por seu lado, deu muitas provas do prazer que sentia ao conhecê-las e do desejo evidente de aprofundar essa amizade. Passou a

visitá-las diariamente. A princípio sua desculpa era saber do estado de saúde de Marianne, mas, a forma com que era recebido, cada dia com mais gentileza, fez com que tal desculpa não fosse mais necessária, antes de se tornar impossível, dado o completo restabelecimento de Marianne. Ela ficou confinada em casa por alguns dias, porém, nenhum outro confinamento foi menos entediante.

Willoughby era um jovem de muitos talentos, imaginação rápida, espírito animado, e de modos abertos e afetuosos. Era perfeito para conquistar o coração de Marianne, pois a todos esses adjetivos se somava uma aparência cativante, assim como um fervor natural da mente, que agora despertara e crescia pelo exemplo dela, e que o recomendava à sua afeição mais do que tudo.

A amizade entre eles se tornou, gradualmente, o maior prazer de Marianne. Eles liam, conversavam, cantavam juntos... Os talentos musicais de Willoughby eram consideráveis e ele lia com toda a sensibilidade e presença de espírito que, infelizmente, faltavam a Edward.

Na opinião de Mrs. Dashwood, assim como na de Marianne, o rapaz parecia não ter falhas e Elinor não viu nada que lhe pudesse censurar, a não ser uma propensão a dizer tudo o que pensava, qualquer que fosse a ocasião, sem dar importância às pessoas ou às circunstâncias, no que se parecia bastante com Marianne e particularmente a agradava. Ao formar sua opinião sobre outras pessoas e expressá-la sem constrangimento, ao sacrificar a cortesia para dedicar completamente sua atenção àquilo a que empenhara seu coração, e ao desprezar facilmente as formas de decoro mundano, Willoughby apresentava uma falta de cuidado que Elinor não poderia aprovar, apesar de tudo o que ele e Marianne pudessem dizer para justificá-lo.

Marianne começava agora a perceber como fora tolo e injustificável o desespero que sentira aos dezesseis anos e meio, ao pensar que jamais encontraria um homem que pudesse satisfazer seus ideais de perfeição. Willoughby era tudo que sua imaginação havia criado – naquela hora infeliz ou em momentos brilhantes – como capaz de atraí-la, e seu comportamento demonstrava que seus desejos a esse respeito eram tão intensos quantos eram grandes suas habilidades.

Quanto a sua mãe, em cuja mente nunca havia surgido nenhuma especulação a respeito de um possível casamento entre os jovens, por conta da futura riqueza de Willoughby, foi levada antes de terminar a semana a colocar suas esperanças e expectativas nesse casamento, e a felicitar-se em segredo por ter ganhado dois genros como Edward e Willoughby.

O interesse do Coronel Brandon por Marianne, tão cedo descoberto por seus amigos, agora, pela primeira vez, se tornou perceptível para Elinor, quando os outros deixaram de notá-lo. Começaram a dirigir suas atenções ao rival mais afortunado e as gozações as quais o primeiro fora submetido antes que surgisse algum interesse, deixaram de ser um alvo quando seus sentimentos começaram a ser merecedores desse ridículo que com tanta justiça se vincula à sensibilidade. Elinor se viu obrigada, ainda que contra sua vontade, a crer que os sentimentos que Mrs. Jennings havia atribuído ao Coronel para sua própria satisfação, eram na verdade inspirados por sua irmã e que agora, embora uma semelhança notável entre os temperamentos pudesse favorecer os sentimentos de Willoughby, uma igualmente surpreendente oposição de caracteres não era empecilho no entender do Coronel Brandon. Via isso com preocupação, pois como um homem silencioso, de trinta e cinco anos, poderia ter esperanças diante de um jovem cheio de vida e com vinte e cinco anos? E como ela nem sequer podia desejar que ele fosse vencedor, desejou de todo coração que ele fosse indiferente. Ela gostava do Coronel, apesar de ser um homem sério e reservado, achava que ele era digno de interesse. Suas maneiras, embora sérias, eram suaves e sua reserva parecia mais o resultado de certa opressão de espírito que de um temperamento naturalmente sombrio. Sir John fez algumas insinuações sobre desilusões e feridas do passado, o que reforçou ainda mais a sua convicção de que ele era um homem infeliz, e o considerava com respeito e compaixão.

Talvez ela tenha se compadecido dele e o estimado ainda mais por causa do desprezo de Willoughby e Marianne, que, cheios de preconceitos contra ele por não ser alegre e jovem, pareciam decididos a menosprezar seus méritos.

– Brandon é o tipo de homem de quem todos falam bem, mas ninguém se importa com ele; um homem que todos sentem prazer em ver,

mas sequer se lembram de conversar com ele – disse Willoughby um dia, quando falavam do Coronel.

– É exatamente o que penso dele – exclamou Marianne.

– Não se gabem disso – disse Elinor. – É injustiça dos dois. Ele é muito bem quisto por todos de Barton Park, e eu mesma nunca perdi uma oportunidade de conversar com ele.

– Que  *você* o defenda – respondeu Willoughby – certamente é algo que ele tem a seu favor, mas em relação à estima dos outros, trata-se de uma reprovação por si só. Quem se submeteria à indignidade de ser aprovado por mulheres como Lady Middleton e Mrs. Jennings, que contam com a indiferença dos outros?

– Mas talvez o desprezo de pessoas como  *você* e Marianne, compense a consideração de Lady Middleton e de sua mãe. Se o elogio delas é motivo de censura, a censura de  *vocês* pode ser elogio, já que a falta de discernimento delas não é maior que o preconceito e injustiça de  *vocês*.

– Em defesa de seu protegido  *você* até pode ser insolente.

– Meu protegido, como  *você* o chama, é um homem sensato e a sensatez sempre será um atrativo para mim. Sim, Marianne, mesmo em um homem entre os trinta e os quarenta anos. Ele já viu muita coisa do mundo, já esteve no exterior, já leu bastante e tem uma mente pensante. Acho-o capaz de me dar muitas informações sobre temas diversos e sempre respondeu às minhas perguntas de maneira educada e com boa vontade.

– O que significa – exclamou Marianne com desdém – que ele lhe disse que nas Índias Ocidentais o clima é quente e os mosquitos são desagradáveis.

– Ele me  *diria*, não tenha dúvidas, se eu tivesse perguntado isso, porém, conversamos sobre assuntos que eu já conhecia anteriormente.

– Talvez – disse Willoughby – suas observações tenham se estendido à existência dos nababos[4], moedas de ouro e palanquins[5].

– Atrever-me-ia a dizer que as observações  *dele* foram muito além da candura de  *vocês*. Mas, por que não gosta dele?

– Eu não o detesto. Ao contrário, eu o considero um homem bastante respeitável, de quem todos falam bem, mas ninguém dá atenção.

Ele tem mais dinheiro do que pode gastar, mais tempo do que conhecimento de como empregá-lo, e dois casacos novos todo ano.

– Além disso, exclamou Marianne, ele não tem bom gênio, bom gosto, nem espírito. Sua mente não é brilhante, não possui sentimentos ardentes e sua voz é inexpressiva.

– Vocês decidem sobre suas imperfeições de um modo tão superficial, tão baseados em suas imaginações – respondeu Elinor – que, em comparação, todos os elogios que eu possa fazer a ele pareceriam frios e insípidos. Eu apenas posso dizer que é um homem sensível, bem educado, bem informado, gentil e, creio eu, de coração amável.

– Miss Dashwood, agora não está sendo gentil comigo! – exclamou Willoughby. – Está tentando me desarmar com a razão e convencer-me contra a minha vontade. Mas isso não acontecerá. Deve pensar que sou tão teimoso quanto a senhorita é astuta. Tenho três motivos irrefutáveis para não gostar do Coronel Brandon: ele me ameaçou com chuva, quando eu queira um bom tempo; ele encontrou falhas na suspensão de minha carruagem; e não consegui persuadi-lo a comprar minha égua marrom. Entretanto, se posso lhe dar alguma satisfação, acredito que ele possui um caráter irrepreensível em outros aspectos, sendo assim, estou disposto a fazer minha confissão. E em troca desse reconhecimento, o que faço com pesar, não pode me negar o privilégio de não gostar dele, agora mais do que nunca.

[1] Sir Walter Scott (1771 – 1832), poeta e romancista que escrevia de forma grandiloquente. (N. T.)

[2] Alexander Pope (1688 – 1744), um dos maiores poetas britânicos do século XVIII, que Jane Austen admirava muito e que produziu poemas filosóficos ou didáticos. (N. T.)

[3] Termo usado para descrever um típico cenário natural. (N. T.)

[4] Nababos eram governadores muçulmanos de províncias indianas que vivendo na opulência e no fausto, passaram a ser sinônimos de ostentação desmedida. (N. T.)

[5] Carruagens ou liteiras cobertas, carregadas por homens. Jane Austen devem ter aprendido esses termos com o irmão Francis que serviu nas Índias Ocidentais de 1788 a 1793. (N. T.)

## CAPÍTULO II

Mrs. Dashwood e suas filhas mal podiam imaginar, assim que chegaram a Devonshire, que surgiriam, em tão pouco tempo, tantos compromissos para ocupar seu tempo, ou até que elas receberiam convites frequentes e visitas contínuas que lhes deixariam com poucas horas para se dedicarem às ocupações sérias. No entanto, assim sucedia. Logo que Marianne se recuperou, os planos de diversão, em casa e fora dela, que Sir John havia imaginado previamente, começaram a se tornar realidade. Os bailes privativos em Barton Park começaram, e fizeram tantas festas ao ar livre quanto foi possível em um outubro chuvoso. Willoughby estava incluído em cada encontro, e a descontração e familiaridade que naturalmente faziam parte destas festas foram calculadas com exatidão para aumentar a intimidade entre ele e as Dashwoods, para permitir que ele pudesse observar as qualidades de Marianne, expressar sua admiração por ela, e receber, através do comportamento dela para com ele, a mais plena segurança de seu afeto.

Elinor não se surpreendeu com o apego entre eles. Apenas desejava que tal sentimento fosse demonstrado menos abertamente, e uma ou duas vezes se atreveu a sugerir a Marianne que ela deveria agir com mais comedimento. Porém, Marianne odiava toda dissimulação quando nenhuma verdadeira desgraça poderia justificar a falta de franqueza. E empenhar-se em reprimir sentimentos que não eram em si mesmos censuráveis, parecia-lhe um esforço desnecessário, além de uma lamentável submissão da razão às noções convencionais e ao senso comum. Willoughby pensava o mesmo e o comportamento de ambos era uma ilustração de suas opiniões.

Quando ele estava presente, Marianne não tinha olhos para mais ninguém. Tudo que ele fizesse estava certo. Tudo que dissesse era inteligente. Se as noites em Barton Park terminassem com partidas de cartas, ele trapaceava a si mesmo e ao resto dos convidados para dar a ela uma boa mão. Se a diversão da noite era um baile, eles formavam par a metade do tempo, e quando se viam obrigados a dançar com outros pares, procuravam permanecer um ao lado do outro e raramente trocavam sequer



uma palavra com as outras pessoas. Evidentemente tal conduta tornou-os motivo de risos, mas o ridículo não os envergonhava e nem parecia provocá-los.

Mrs. Dashwood recebia os sentimentos dos dois com tanta ternura, que lhe era impossível desejar que controlassem a excessiva demonstração de afeto entre eles. Para ela, tudo não passava da consequência natural de um afeto profundo em espíritos jovens e ardentes.

Esta foi uma época de felicidade para Marianne. Seu coração estava entregue à Willoughby, e os encantos que sua companhia lhe conferia pareciam suavizar mais do que lhe parecia possível o apego a Norland que havia trazido consigo de Sussex.

A felicidade de Elinor não era tão grande. Seu coração não estava tão contente, nem sua satisfação era tão pura com as diversões nas quais tomava parte. Não havia companhia que pudesse substituir o que fora deixado para trás, ou de levá-la a pensar em Norland com menos pesar. Nem Lady Middleton ou Mrs. Jennings podiam oferecer-lhe o tipo de conversa que lhe fazia falta, ainda que a última fosse uma conversadeira infatigável, que desde o começo tinha gostado de Elinor – o que lhe assegurava participação em todas as suas conversas. Ela já tinha contado sua história de vida duas ou três vezes a Elinor, e se a memória desta estivesse à altura dos meios de que Mrs. Jennings se valia para aumentá-la, poderia ter conhecido desde o início de sua amizade os detalhes da última doença de Mr. Jennings, e o que ele disse à sua esposa minutos antes de morrer. Já Lady Middleton era mais agradável que sua mãe, apenas por ser mais calada. Elinor precisou observá-la muito pouco para ver que sua reserva era apenas serenidade de ações e nada tinha a ver com bom juízo. Tratava o marido e a mãe da mesma maneira que tratava Elinor e sua irmã, em consequência, a intimidade não era algo que buscasse ou que desejasse. Nunca tinha algo a dizer que não tivesse sido dito no dia anterior. Sua insipidez era invariável, até seu ânimo era o mesmo, e não fazia oposição às festas planejadas pelo marido, contanto que tudo fosse feito com estilo e que seus dois filhos mais velhos a acompanhassem, parecendo não se animar com as festas mais do que se animaria se ficasse sozinha em casa. A presença de Lady Middleton agregava tão pouco prazer aos demais, quando

participava da conversa, que estes apenas se lembravam dela quando demonstrava solicitude em relação aos inquietos garotos.

De todas suas novas amizades, Elinor encontrou apenas no Coronel Brandon uma pessoa que pudesse, de algum modo, ser merecedora de respeito por suas capacidades, cuja amizade tivesse interesse em cultivar ou cuja companhia lhe desse prazer. Willoughby estava fora de questão. Tinha por ele total admiração e afeto, mesmo um afeto de irmã. Mas ele era um apaixonado e suas atenções estavam todas direcionadas a Marianne – e um homem muito menos educado poderia ter sido mais agradável com os demais. O Coronel Brandon, infelizmente, não tinha tal encorajamento para pensar apenas em Marianne e encontrava, nas conversas com Elinor, o maior consolo pela indiferença daquela.

A compaixão de Elinor por ele aumentou, pois tinha motivos para suspeitar que ele já houvesse conhecido as misérias de uma decepção amorosa. Esta suspeita teve origem em algumas palavras que ele acidentalmente deixou escapar uma tarde em Barton Park, quando estavam ocasionalmente sentados juntos, enquanto os outros dançavam. Seus olhos estavam fixos em Marianne e, após alguns minutos de silêncio, ele disse, com um sorriso lânguido:

– Percebo que sua irmã não aprova segundos amores.

– Não – respondeu Elinor – suas opiniões são completamente românticas.

– Ou melhor, acredito que ela considere que não possam existir.

– Creio que sim. Mas não entendo como pode pensar assim sem refletir a respeito do caráter do próprio pai que teve duas esposas. No entanto, acredito que dentro de mais alguns anos sua opinião será mais razoável, baseada no senso comum e na observação, então, defini-la e justificá-la será mais fácil do que é hoje.

– Provavelmente é isso que vai acontecer – respondeu ele – porém, há algo de tão doce nos preconceitos de uma mente jovem que é uma pena vê-los dar lugar a opiniões generalizadas.

– Não posso concordar com você neste ponto – disse Elinor. – Sentimentos como os de Marianne apresentam inconvenientes que nem todos os encantos do entusiasmo e da ignorância do mundo podem redimir.

Seu espírito tem a desafortunada tendência de valorizar insignificâncias, e espero que um melhor conhecimento de mundo lhe traga algum benefício.

Após uma breve pausa, Coronel Brandon retomou a conversa dizendo:

– Sua irmã não faz nenhuma distinção nas suas objeções a respeito de um segundo amor? Ou o considera igualmente criminoso em todos os casos? Aqueles que sofreram decepções em suas primeiras escolhas, seja pela inconstância de seus amores, seja pela perversidade das circunstâncias, deverão manter-se indiferentes pelo resto da vida?

– Dou-lhe minha palavra que não conheço minuciosamente seus princípios. Eu apenas sei que nunca a ouvi admitir que um segundo amor fosse algo perdoável.

– Isto não pode durar – disse ele – mas uma mudança, uma mudança total de sentimentos... Não. Não, não desejo isso, pois quando os refinamentos românticos de uma alma jovem se veem obrigados a ceder, muitas vezes são sucedidos por opiniões comuns e perigosas! Falo por experiência. Eu conheci uma moça com o temperamento e ânimo muito semelhantes aos de sua irmã, que pensava e julgava como ela, porém, por causa de uma mudança imposta, devido a uma série de circunstâncias impostas...

Neste momento, ele se calou repentinamente, parecia que tinha falado demais, e a expressão de seu rosto gerou suposições que de outra forma jamais teriam surgido na mente de Elinor. A moça mencionada estaria fora de suspeita se ele não tivesse convencido Elinor de que nada relacionado a esse assunto deveria ter escapado de seus lábios. Tal como ocorreu, não foi preciso nenhum esforço para ligar a emoção do Coronel com a terna lembrança de um amor do passado. Elinor não insistiu. Mas Marianne, em seu lugar, não teria se contentado com tão pouco. Com certeza, sua imaginação ativa formaria rapidamente toda a história, e tudo se conformaria à ideia melancólica de um amor infeliz.

## CAPÍTULO 12

Na manhã seguinte, enquanto Elinor e Marianne passeavam, esta última lhe contou algo que surpreendeu sua irmã, apesar de tudo que sabia sobre a imprudência e falta de juízo de Marianne, pela maneira extravagante com que demonstrou as duas coisas. Marianne lhe disse, com grande prazer, que Willoughby lhe tinha dado um cavalo de presente, um que ele mesmo havia criado em sua propriedade de Somersetshire, e que era perfeitamente treinado para uma mulher. Sem considerar que ter um cavalo não fazia parte dos planos de sua mãe – e que se ela tivesse que alterar sua decisão por causa do presente teria que comprar outro cavalo para o empregado, ter um cavaleiro para montá-lo e, além disso, construir um estábulo para recebê-los – mesmo assim Marianne aceitou o presente sem hesitação e falou disso com a irmã em completo estado de êxtase:

– Ele pretende enviar seu cavaleiro imediatamente a Somersetshire para buscá-lo – acrescentou ela – e quando o cavalo chegar vamos cavalgar todos os dias. Você poderá compartilhar o uso do cavalo comigo. Imagine, querida Elinor, o prazer de galopar por essas colinas!

Marianne teve que despertar de um sonho tão feliz, muito contra a vontade, para admitir as tristes verdades que a questão suscitava, e durante algum tempo se recusou a submeter-se a elas. Quanto ao empregado adicional, o gasto seria mínimo, tinha certeza de que sua mãe nunca faria objeção, que qualquer cavalo serviria para *ele* e que sempre poderia pegar um em Barton Park. Quanto ao estábulo, bastaria qualquer abrigo, isso já seria suficiente. Elinor se aventurou a comentar que não seria apropriado receber tal presente de um homem que conhecia tão pouco, ou pelo menos, há tão pouco tempo. Isto foi demais.

– Você está enganada, Elinor – disse Marianne acaloradamente – supondo que sei pouco de Willoughby. É verdade que não o conheço há muito tempo, mas conheço-o melhor que qualquer outra pessoa no mundo, com exceção de você e mamãe. Não é o tempo nem a ocasião que determinam a intimidade, mas apenas a disposição da pessoa. Sete anos não seria suficiente para algumas pessoas se conhecerem bem, ao passo que,

para outros, sete dias são mais que suficientes. Sentir-me-ia culpada de uma falta maior se aceitasse um cavalo de meu irmão do que de Willoughby. Conheço John muito pouco, embora tenhamos vivido juntos durante alguns anos, mas sobre Willoughby já faz tempo que formei minha opinião.

Elinor considerou que seria sábio não tocar mais no assunto. Conhecia muito bem o temperamento da irmã. Fazer oposição a um assunto tão delicado só serviria para fortalecer ainda mais a sua opinião. Mas, com um apelo ao seu afeto pela mãe, mostrando os inconvenientes que aquela indulgente mãe poderia passar se (como provavelmente ocorreria) ela consentisse com este aumento de gastos, Marianne sem grande demora se rendeu, e prometeu não tentar a mãe a tão imprudente bondade mencionando a oferta, e dizer a Willoughby da próxima vez que o visse, que não poderia aceitar o presente.

Foi fiel à sua palavra, e quando Willoughby chegou ao chalé, no mesmo dia, Elinor a ouviu expressar-lhe sua decepção em voz baixa, por ser forçada a desistir do presente. Contou-lhe também sobre os motivos da mudança de opinião, e estes eram tão decisivos que tornavam impossível qualquer insistência por parte do rapaz. Entretanto, a preocupação de Willoughby era bastante visível, e depois de demonstrá-la com grande intensidade acrescentou, também em voz baixa:

– Mas, Marianne, o cavalo ainda é seu, mesmo que você não possa usá-lo agora. Ele ficará sob meus cuidados até que você o reivindique. Quando você deixar Barton para viver em sua própria casa, Queen Mab [\[1\]](#) estará à sua espera.

Tudo isto chegou aos ouvidos de Miss Dashwood, e em cada uma das palavras de Willoughby, na maneira como as pronunciava, no modo como se dirigia à Marianne, apenas por seu primeiro nome, Elinor imediatamente percebeu uma intimidade tão decidida, uma intenção tão aparente, que deixava claro o perfeito entendimento entre os dois. A partir desse momento, não teve mais dúvida de que estivessem comprometidos, apenas a surpreendeu que, à vista do temperamento tão franco dos dois, ela, como qualquer de seus amigos, tivesse descoberto isso por acaso.

No dia seguinte, Margaret contou-lhe algo que esclareceu ainda mais o assunto. Willoughby havia passado a noite anterior na companhia delas, e Margaret, que estivera por algum tempo sozinha na sala com ele e

Marianne, teve a oportunidade de observá-los. Com a expressão mais séria comunicou à irmã mais velha, na primeira oportunidade em que ficaram a sós.

– Oh Elinor! – exclamou – Tenho um grande segredo sobre Marianne para lhe contar. Tenho certeza que em breve ela se casará com Mr. Willoughby.

– Você tem dito isso – respondeu Elinor – quase todos os dias, desde a primeira vez que se viram na colina da igreja, e creio que não havia passado sequer uma semana, quando já estava segura de que Marianne havia colocado um retrato dele no relicário da corrente que usava; e no final ficou claro que era apenas a miniatura de nosso tio-avô.

– Mas agora a coisa é diferente. Estou certa que se casarão em breve, pois ele tem um cacho do cabelo de Marianne.

– Tenha cuidado, Margaret. Talvez seja apenas um cacho do cabelo de uma tia avó *dele*.

– Elinor, tenho certeza que é o cabelo dela. Estou quase certa de que é de Marianne, porque o vi enquanto cortava. Na noite passada, após o chá, quando você e mamãe saíram da sala, eles falavam baixinho e rápido, e parecia que ele lhe pedia algo; então pegou uma tesoura e cortou um grande cacho do cabelo de Marianne, que lhe caía pelas costas. Ele os beijou, enrolou em um pedaço de papel branco e em seguida guardou em sua carteira.

Elinor não pôde deixar de acreditar no que a irmã havia lhe dito, ainda mais com tanta convicção. Nem estava disposta a duvidar, pois as circunstâncias estavam plenamente de acordo com o que ela tinha ouvido e visto.

Nem sempre Margaret mostrava sua sagacidade de maneira tão satisfatória para sua irmã. Quando Mrs. Jennings começou a assediá-la para que lhe contasse o nome do rapaz por quem Elinor tinha uma preferência, assunto que há muito tempo a consumia de curiosidade, Margaret respondeu olhando diretamente para a irmã e dizendo:

– Não devo contar, não é mesmo Elinor?

É claro que todos riram, e Elinor tentou rir também. Mas o esforço foi penoso. Estava convencida de que Margaret pensava em uma pessoa

cujo nome ela não poderia suportar com compostura que fosse transformado em uma piada constante nos lábios de Mrs. Jennings.

Marianne sentiu profundamente pela irmã, porém, mais prejudicou que beneficiou a causa, pois ficou corada ao dizer muito zangada a Margaret:

– Lembre-se que, quaisquer que sejam suas suposições, você não tem o direito de repeti-las.

– Eu nunca fiz nenhuma suposição a esse respeito – respondeu Margaret, foi você mesma quem me contou.

Isso aumentou ainda mais as risadas e Margaret foi pressionada a dizer algo mais.

– Oh! Eu lhe suplico, Miss Margaret, conte-nos tudo – disse Mrs. Jennings. – Como se chama o cavalheiro?

– Eu não devo dizer, senhora. Mas sei muito bem quem é, e também sei onde se encontra.

– Sim, sim, podemos imaginar onde ele esteja; com certeza está em sua própria casa em Norland. Atrevo-me a dizer que ele é o pastor da paróquia.

– Não, *isso* ele não é. Ele não tem profissão.

– Margaret – disse Marianne energeticamente – sabe bem que tudo isto é uma invenção sua, e que tal pessoa não existe.

– Bem, então ele morreu recentemente, Marianne, pois tenho certeza que este homem existiu, e seu nome começa com F.

Elinor sentiu-se muito agradecida à Lady Middleton por observar, neste momento, “que chovia muito”, embora pensasse que a interrupção se devia menos a uma atenção para com ela, do que pelo fato de Lady Middleton detestar aqueles assuntos deselegantes, motivos de caçadas, que tanto agradavam sua mãe e seu esposo. Entretanto, o assunto que começou com ela, foi imediatamente retomado pelo Coronel Brandon, sempre atento aos sentimentos dos demais, por isso muito foi dito a respeito da chuva. Willoughby abriu o piano e convidou Marianne para se sentar; e assim, entre as várias tentativas por parte de tantas pessoas para

mudar o assunto da conversa, ele foi esquecido. Mas Elinor não se recuperou tão facilmente da inquietação que o assunto lhe provocara.

Nesta noite formaram um grupo para, no dia seguinte, visitar um lugar muito bonito, distante uns vinte e dois quilômetros de Barton Park, que pertencia ao cunhado do Coronel Brandon, e sem cuja presença o lugar não poderia ser visitado, pois o proprietário, que estava no exterior, havia deixado ordens rígidas a esse respeito. Disseram que a propriedade era belíssima, e Sir John, que era bastante acalorado em seus elogios, poderia ser considerado um juiz adequado, pois ao menos duas vezes em todos os verões, durante os últimos dez anos, havia organizado visitas ao lugar. Havia ali uma boa quantidade de água, e um passeio de barco constituiria grande parte das diversões da manhã; levariam pratos frios, iriam apenas em carruagens abertas e tudo seria organizado no estilo usual de um passeio totalmente prazeroso.

Para alguns do grupo aquela parecia uma decisão audaz, considerando a época do ano, e que chovia diariamente há pelo menos quinze dias. Mrs. Dashwood, que estava gripada, foi persuadida por Elinor a ficar em casa.

[1] Willoughby faz uma referência a uma fada rainha que aparece na fala de Mercúrio para Romeu a respeito da natureza dos sonhos (passagem de Romeu e Julieta de William Shakespeare). (N. T.)



## CAPÍTULO 13

A planejada excursão para Whitwell resultou em algo muito diferente do que Elinor esperava. Ela estava preparada para ficar molhada, cansada e assustada, mas, infelizmente, o evento foi pior ainda, pois nem sequer aconteceu.

Às dez horas o grupo estava reunido em Barton Park para tomar o café da manhã. Mesmo tendo chovido a noite toda, o tempo de manhã estava bastante favorável, as nuvens já haviam se dispersado no céu, e o sol aparecia com frequência. Estavam todos bastante animados e bem humorados, ansiosos pela diversão, e determinados a se sujeitarem aos maiores inconvenientes e dificuldades para consegui-lo.

Enquanto tomavam café, as cartas chegaram. Entre as cartas havia uma para o Coronel Brandon. Ela a pegou, olhou o endereço, seu rosto mudou de cor e imediatamente deixou a sala.

– Qual é o problema com Brandon? – perguntou Sir John.

Ninguém sabia dizer.

– Espero que ele não tenha recibo más notícias. – disse Lady Middleton. – Deve ter acontecido algo extraordinário para que coronel Brandon se levantasse da minha mesa tão repentinamente.

Cinco minutos depois ele voltou.

– Coronel, espero que não sejam más notícias. – disse Mrs. Jennings, assim que ele retornou à sala.

– De forma nenhuma, senhora, muito obrigado.

– São notícias de Avignon? Espero que não o tenham informado que sua irmã piorou.

– Não, senhora. Veio da cidade e é apenas uma carta de negócios.

– Mas, como pôde perturbá-lo tanto, se é apenas uma carta de negócios? Vamos, vamos, Coronel, isso não pode ser, conte-nos a verdade.

– Minha querida senhora – disse Lady Middleton – pense antes de falar.

– Talvez traga notícias sobre o casamento de sua prima Fanny? – disse Mrs. Jennings, sem prestar atenção à repreensão da filha.

– Não, de modo algum.

– Bem, então, eu sei de quem é, Coronel. E espero que ela esteja bem.

– A quem a senhora se refere? – respondeu ele, um pouco corado.

– Oh! Você sabe a quem me refiro.

– Perdoe-me, senhora – respondeu o Coronel, dirigindo-se à Lady Middleton –, por ter recebido esta carta hoje, pois se tratam de negócios que demandam minha presença imediata na cidade.

– Na cidade! – exclamou Mrs. Jennings. – O que você tem a fazer na cidade nessa época do ano?

– Minha perda será enorme – continuou ele – principalmente por ser obrigado a abandonar um grupo tão agradável, mas minha maior preocupação é que minha presença é necessária para que sejam admitidos em Whitwell.

Foi um grande golpe para todos!

– Mas se o senhor escrever um bilhete para a governanta, não será suficiente? – disse Marianne ansiosamente.

Ele sacudiu a cabeça.

– Devemos ir – disse Sir John – Não podemos adiar agora que já estamos prestes a partir. Brandon, você terá que ir à cidade amanhã, está decidido.

– Quisera eu que a solução fosse tão fácil. Mas não tenho condições de atrasar minha viagem em um dia.

– Se você permitisse que soubéssemos do que se tratam seus negócios – disse Mrs. Jennings –, poderíamos ver se é possível adiar ou não.

– Você não se atrasaria mais do que seis horas – disse Willoughby – se postergar sua viagem até a nossa volta.

– Não posso perder sequer *uma* hora.

Elinor, então, escutou Willoughby dizer em voz baixa para Marianne:

– Algumas pessoas não suportam a alegria dos outros. Brandon é uma delas. Acho que ele estava com receio de pegar uma gripe e inventou esse truque para escapar. Aposto cinquenta guinéus que a carta foi escrita por ele mesmo.

– Não tenho dúvidas – respondeu Marianne.

– Não há maneiras de persuadi-lo a mudar de ideia, Brandon, quando você já tomou sua decisão, isso eu sei há bastante tempo – disse Sir John. Mas, espero que pense melhor. Leve em consideração que as duas irmãs Carey vieram de Newton, que as irmãs Dashwood vieram caminhando a pé desde o chalé, e que Mr. Willoughby acordou duas horas antes do que tem costume, todos com o propósito de irmos a Whitwell.

Coronel Brandon novamente repetiu que lamentava ser a razão do desapontamento do grupo; mas ao mesmo tempo disse ser inevitável.

– Bem, então quando estará de volta?

– Espero vê-lo em Barton – acrescentou Lady Middleton – assim que o senhor puder retornar da cidade. E devemos adiar a visita a Whitwell até o seu retorno.

– Vocês são muito gentis. Porém, tenho tão pouca certeza a respeito de quando poderei voltar, que não me atrevo a comprometer-me com isso.

– Oh! Ele deve e vai voltar! – exclamou Sir John. – Se não estiver aqui até o final de semana, irei buscá-lo.

– Sim, faça isso, Sir John – exclamou Mrs. Jennings – e então talvez descubra do que se trata este negócio.

– Não desejo me intrometer nos assuntos de outro homem. Creio que é algo de que ele se envergonha.

Vieram anunciar que os cavalos do Coronel Brandon estavam prontos.

– Você não vai à cidade a cavalo, vai? – acrescentou Sir John.

– Não, vou a cavalo até Honiton<sup>[1]</sup>, em seguida pegarei a diligência dos correios<sup>[2]</sup>.

– Bem, como está decidido a ir, desejo-lhe uma boa viagem. Mas você deveria ter mudado de opinião.

– Garanto-lhe que isso não depende de mim.

Então, despediu-se de todo o grupo.

– Miss Dashwood, há alguma chance de ver você e suas irmãs na cidade neste inverno?

– Receio que não.

– Então devo despedir-me por mais tempo do que desejaria.

Para Marianne, ele apenas inclinou a cabeça e não disse nada.

– Vamos, Coronel – disse Mrs. Jennings – antes de partir conte-nos o que vai fazer lá.

Ele desejou-lhe bom dia, e, acompanhado de Sir John, deixou a sala.

As reclamações e lamentações que até aquele momento haviam sido reprimidas por educação, agora explodiram de maneira generalizada, e todos concordaram que aquela decepção era muito desagradável.

– No entanto, posso adivinhar que negócio seja esse – disse Mrs. Jennings, exultante.

– Pode mesmo, senhora? – quase todos perguntaram.

– Sim, estou certa que se trata de Miss Williams.

– E quem é Miss Williams? – perguntou Marianne.

– O quê? Você não sabe quem é Miss Williams? Estou certa de que já ouviu falar dela antes. É parenta do Coronel, minha querida, uma parenta muito próxima. Não vamos dizer o quanto são próximos, para não chocar as jovens – então, falando baixinho, disse a Elinor: – Ela é sua filha natural [3].

– Inacreditável!

– Oh, sim! E se parece muito com ele. Até atrevo-me a dizer que ele deixará toda sua fortuna para ela.

Quando Sir John retornou, uniu-se com vontade ao coro geral de lamentações por tão desafortunado evento, e concluiu observando que já que estavam todos juntos, deveriam fazer algo que os alegrasse. Como todos concordaram que felicidade mesmo só teriam em Whitwell, resolveram procurar outra diversão agradável, como um passeio pelo campo. Ordenaram que se trouxessem as carruagens; Willoughby foi o primeiro, e

Marianne nunca pareceu mais feliz do que quando subiu na carruagem. Ele conduzia o veículo com muita rapidez, e logo estavam fora de vista; e nada mais se soube deles até que retornassem, o que só aconteceu depois que todos os outros já estavam de volta. Ambos pareciam encantados com o passeio, mas disseram apenas em termos gerais que haviam passeado pelas estradas, enquanto os outros passearam pelas colinas.

Ficou decidido que haveria um baile à noite e que todos deveriam estar extremamente alegres durante todo o dia. Mais alguns membros da família Carey chegaram para o jantar, e tiveram o prazer de ver quase vinte pessoas à mesa, o que Sir John observou com grande satisfação. Willoughby ocupou seu lugar usual entre Marianne e Elinor. Mrs. Jennings sentou-se à direita de Elinor; elas nem bem haviam se sentado, quando esta se inclinou por trás dela e de Willoughby, e disse para Marianne, com um tom de voz suficientemente alto para que ambos escutassem:

– Apesar de seus truques, descobri onde estiveram toda a manhã.

Marianne ficou corada, e respondeu apressadamente:

– Onde, por favor?

– Por acaso a senhora não sabia – disse Willoughby – que saímos em minha carruagem?

– Sim, sim, Senhor Imprudente, sei muito bem, e estava decidida a descobrir *onde* vocês estiveram. Espero que goste de sua casa, Miss Marianne. É uma casa bastante grande, eu sei, e quando eu for visitá-la, espero que você a tenha redecorado, pois, da última vez que estive lá, há seis anos, já precisava de mudanças.

Marianne voltou-se muito confusa. Mrs. Jennings deu uma gargalhada, e Elinor descobriu que em sua insistência para descobrir onde haviam estado, chegou a exigir que sua própria empregada perguntasse ao cavaleiro de Mr. Willoughby; e assim descobriu que eles estiveram em Allenham, e passaram um tempo considerável por lá, caminhando pelo jardim e dentro da casa.

Elinor mal podia acreditar que aquilo fosse verdade, pois parecia muito difícil que Willoughby fizesse tal proposta, ou que Marianne consentisse em entrar na casa enquanto Mrs. Smith estava lá, sem ao menos terem sido apresentadas.

Tão logo deixaram a sala de jantar, Elinor lhe perguntou sobre o assunto, e grande foi a surpresa dela quando descobriu que cada detalhe revelado por Mrs. Jennings era a mais pura verdade. Marianne estava bastante zangada com ela por haver duvidado.

– Por que acha que não deveríamos ter ido lá, Elinor, ou que não tivéssemos visto a casa? Não era isso que você mesma tantas vezes quis fazer?

– Sim, Marianne, mas eu não iria enquanto Mrs. Smith estivesse lá, e sem outra companhia que não fosse Mr. Willoughby.

– Mr. Willoughby é a única pessoa que poder ter o direito de mostrar aquela casa, e como fomos em uma carruagem aberta era impossível ter outra companhia. Nunca tive uma manhã tão agradável em toda minha vida.

– Temo que os prazeres de uma ocupação nem sempre evidenciem seu decoro – respondeu Elinor.

– Pelo contrário, nada pode ser uma prova maior disso, Elinor; se o que fiz fosse algo impróprio, eu saberia no mesmo momento, pois sempre sabemos quando estamos agindo de maneira inadequada, e com tal convicção eu não teria sentido prazer algum.

– Minha querida Marianne, como você já foi exposta a comentários bastante impertinentes, não começa a duvidar de sua própria conduta?

– Se os comentários impertinentes de Mrs. Jennings são prova de uma conduta imprópria, estamos todos comprometidos em todos os momentos de nossas vidas. Não dou valor, nem às suas críticas, nem aos seus elogios. E não creio que agi de maneira inapropriada ao caminhar pelos jardins de Mrs. Smith ou visitar sua casa. Algum dia a propriedade será de Mr. Willoughby, e...

– Mesmo se algum dia for dona daquela casa, Marianne, nada justifica o que fez.

Marianne ficou corada diante da insinuação, porém sentiu-se visivelmente gratificada; e depois de dez minutos de intensa meditação, voltou a conversar com sua irmã novamente e disse bastante bem-humorada:

– Talvez, Elinor, *tenha* sido imprudência minha ir a Allenhurst, mas Mr. Willoughby queria particularmente mostrar-me o lugar, e é uma casa encantadora, posso lhe garantir. No andar superior há uma sala de estar extremamente bonita, de tamanho bastante confortável para o uso cotidiano, e com móveis novos ficaria ainda melhor. Fica situada em um ângulo da casa, com janelas dos dois lados. De um lado você vê o gramado para jogos, atrás da casa, e um lindo bosque no fundo; e do outro se pode ter uma vista da igreja e do vilarejo e bem mais além, se vê aquelas belas colinas que tantas vezes admiramos. Só não gostei mais dela, porque a mobília estava em péssimo estado, porém, se fosse redecorada com móveis novos – Willoughby disse que custaria cerca de duzentas libras – se transformaria em uma das salas de verão mais agradáveis da Inglaterra.

Se Elinor pudesse ouvir tudo sem a interrupção dos outros, ela teria descrito cada cômodo da casa com o mesmo prazer.

[1] Cidade pertencente ao Condado de Devonshire, Inglaterra. (N. T.)

[2] Com o compromisso da entrega das correspondências, a carruagem dos correios era conduzida por seis cavalos, por isso se constituía um modo caro, mas eficiente, de transporte. (N. T.)

[3] Filha ilegítima. (N. T.)

## CAPÍTULO 14

A súbita interrupção da visita do Coronel Brandon a Barton Park, junto com sua firmeza em esconder o motivo, ocuparam todos os pensamentos de Mrs. Jennings e aguçaram sua imaginação durante dois ou três dias... Ela tinha uma imaginação fértil, como toda pessoa que tem curiosidade em saber das idas e vindas de seus amigos. Ela conjeturava, com pequenos intervalos, qual seria a razão para isso; tinha certeza de que seriam más notícias, e pensou em todo tipo de desgraça que pudesse acontecer a ele, com bastante certeza de que ele não escaparia de todas.

– Estou certa que se trata de algo muito triste – disse ela. – Pude ver no seu rosto. Pobre homem! Temo que esteja em maus lençóis. A propriedade de Delaford nunca rendeu mais que duas mil libras por ano, e seu irmão deixou tudo em lamentáveis condições. Acredito que ele partiu para resolver questões relacionadas a dinheiro, afinal, o que mais poderia ser? Acho que foi isso. Daria tudo para saber a verdade. Talvez seja algum assunto relacionado à Miss Williams, aliás, atrevo-me a dizer que sim, porque ele pareceu bastante sensível quando eu mencionei o nome dela. Talvez ela se encontre doente na cidade, o que é bastante provável, porque me parece que ela está sempre adoentada. Aposto que se trata de Miss Williams. Não é muito provável que ele esteja com dificuldades financeiras *agora*, porque é um homem muito prudente e, sem dúvida nenhuma, já deve ter pago as dívidas da propriedade. Fico pensando o que pode ser! Talvez sua irmã esteja pior em Avignon e o tenha chamado. Sua partida apressada indica que deve ser algo parecido. Bem, desejo de todo coração que ele resolva todos os seus problemas e que ainda encontre uma boa esposa.

Mrs. Jennings assim divagava e falava. Suas opiniões mudavam a cada conjectura e todas lhe pareciam igualmente prováveis no momento em que surgiam. Elinor, embora se interessasse de verdade pelo bem-estar do Coronel Brandon, não podia se espantar com sua súbita partida tanto quanto Mrs. Jennings desejava, pois além de as circunstâncias não justificarem um assombro tão persistente ou tal variedade de especulações, sua preocupação se dirigia a outro assunto. Estava completamente



absorvida com o extraordinário silêncio de sua irmã e de Mr. Willoughby sobre um assunto que deviam saber ser de especial interesse para todos. Como o silêncio persistia, a cada dia que se passava parecia ainda mais estranho e mais incompatível com o temperamento de ambos. Elinor não podia imaginar porque eles não reconheciam abertamente, perante sua mãe e ela mesma, o que o comportamento constante de um com o outro já demonstrava há bastante tempo.

Ela podia facilmente entender que o casamento não pudesse se realizar de imediato, pois, embora Willoughby fosse independente, não havia razões para acreditar que fosse rico. A propriedade deveria render cerca de seiscentas ou setecentas libras por ano, de acordo com o cálculo de Sir John, mas seus gastos dificilmente seriam compatíveis com seus rendimentos, e ele costumava reclamar de sua pobreza. Elinor não podia entender esse estranho tipo de segredo que eles mantinham em relação ao seu noivado, que na verdade não escondia nada; e era tão completamente contrário ao modo como costumavam agir, que às vezes ela ficava em dúvida se eles realmente tinham algum compromisso, e esta dúvida já era suficiente para impedi-la de fazer qualquer pergunta à Marianne.

Nada poderia ser mais expressiva prova do compromisso entre eles que o comportamento de Willoughby. Ele tinha para com Marianne a mais distinta mostra de ternura que um coração apaixonado poderia oferecer, e com sua mãe e irmãs demonstrava a atenção afetuosa de um filho e irmão. Parecia considerar e amar o chalé como se fosse sua casa; passava muito mais tempo ali do que em Allenham. E se nenhum compromisso os reunia em Barton Park, as cavalgadas que ele fazia todas as manhãs frequentemente terminavam ali, onde passava o resto do dia ao lado de Marianne, com seu cachorro favorito aos pés dela.

Uma noite em particular, uma semana após a partida do Coronel Brandon do condado, o coração de Willoughby parecia mais aberto que o usual aos sentimentos de apego a todos os objetos que o rodeavam, e quando Mrs. Dashwood mencionou suas intenções de fazer melhorias no chalé na primavera, ele se opôs veementemente a qualquer alteração na casa que havia se tornado perfeita para ele.

– Como! – exclamou ele – Reformar esse chalé? Não. Nunca consentirei *nisso*. Nenhuma pedra deve ser acrescida a estas paredes, nem

um centímetro sequer deve ser adicionado às suas dimensões, se vocês se importam com meus sentimentos.

– Não se alarme – disse Miss Dashwood. – Não faremos nada disso, pois minha mãe nunca terá dinheiro suficiente para uma reforma.

– Alegro-me imensamente – respondeu Willoughby. – Espero que ela seja sempre pobre, se não sabe empregar melhor sua riqueza.

– Obrigada, Willoughby. Mas pode ter certeza que nem todas as melhorias do mundo me levariam a sacrificar seus sentimentos ou de alguém que eu amo. Na realidade, a reforma depende do dinheiro que sobrar das nossas despesas, e isto só poderei saber quando fizer minhas contas no início da primavera. Além disso, prefiro não utilizar esse dinheiro a causar-lhe algum desgosto. Mas, você é assim tão apegado a este chalé a ponto de não ver defeito algum?

– Sou – disse ele. – Para mim é impecável. E digo mais, o considero a única construção em que se pode alcançar a plena felicidade, e se eu fosse rico o suficiente, imediatamente derrubaria Combe e reconstruiria seguindo o mesmo plano deste chalé.

– Suponho que teria escadas escuras e uma cozinha cheia de fumaça. – disse Elinor.

– Sim – exclamou Willoughby com veemência – com todas e cada uma das coisas que aqui estão, de modo que a menor mudança seja perceptível, tanto nas suas conveniências quanto nas suas inconveniências. Então, e só então, sob um teto como este, eu poderia ser tão feliz em Combe como tenho sido em Barton.

– Sinto-me orgulhosa – respondeu Elinor – que mesmo com a desvantagem de não possuir cômodos melhores e uma escada mais larga, no futuro você venha a considerar sua casa tão perfeita quanto considera nosso chalé.

– Há certas circunstâncias que poderiam torná-la ainda mais importante para mim, disse Willoughby, mas esta casa terá sempre um lugar na minha afeição, como nenhuma outra poderá merecer.

Mrs. Dashwood olhou com prazer para Marianne, cujos delicados olhos estavam fixos de maneira tão expressiva em Willoughby, que denotavam claramente o quanto ela o compreendia.

– Quantas vezes desejei – acrescentou ele –, quando estive em Allenhurst há um ano, que o chalé de Barton estivesse ocupado! Nunca passei por ele sem admirar sua localização e lamentar que ninguém morasse aqui. Mal imaginava que as primeiras notícias que ouviria de Mrs. Smith, quando cheguei à região, seriam de que o chalé de Barton, finalmente, estava ocupado. E senti uma satisfação imediata tão grande ao receber a notícia, que nada poderia explicar, senão, uma espécie de premonição de que aqui encontraria a felicidade. Não era isso que deveria acontecer, Marianne? – disse-lhe Willoughby, em voz baixa. Então, voltando ao seu tom normal de voz, disse: – E ainda assim deseja estragar a casa, Mrs. Dashwood? A senhora lhe roubaria a simplicidade com melhoras imaginárias! E esta sala de estar, onde começamos nossa amizade, e onde passamos tantas horas felizes, a senhora quer reduzir à condição degradante de uma simples entrada, por onde todos passariam apressados, apesar de que, até o momento, ela oferece melhor acomodação e conforto que qualquer outro aposento no mundo, mesmo com dimensões maiores, jamais poderia oferecer.

Mrs. Dashwood novamente lhe garantiu que não tentaria nenhuma alteração desse tipo.

– A senhora é uma boa pessoa – respondeu Willoughby calorosamente. – Sua promessa me tranquiliza. Estenda-a um pouco mais e me fará feliz. Diga-me que não apenas sua casa permanecerá a mesma, mas que sempre encontrarei a senhora e suas filhas tão inalteradas quanto a casa; e que sempre irá me tratar com a gentileza que fez com que tudo relativo à senhora seja muito querido para mim.

A promessa foi imediatamente feita, e o comportamento de Willoughby, durante o resto da noite, demonstrou toda sua afeição e felicidade.

– Nos veremos amanhã no jantar? – disse Mrs. Dashwood quando ele estava de saída. – Não lhe convido para vir pela manhã, pois devemos ir até Barton Park para visitar Lady Middleton.

Ele se comprometeu a estar com elas às quatro horas.

## CAPÍTULO 15

A visita de Mrs. Dashwood à Lady Middleton aconteceu no dia seguinte, e duas de suas filhas foram com ela. Marianne se recusou a ir, sob o pretexto de estar ocupada, então sua mãe concluiu que Willoughby havia prometido visitá-la enquanto as outras estivessem fora, e ficou perfeitamente satisfeita com a permanência da filha em casa.

Quando voltaram de Barton Park encontraram a carruagem de Willoughby e seu criado esperando à porta do chalé, e Mrs. Dashwood se convenceu de que sua suposição fora acertada. Até então, tudo estava acontecendo como ela havia previsto, mas ao entrar na casa ela se deparou com algo que não tinha previsto. Ainda estavam no corredor, quando viram Marianne saindo apressadamente da sala de estar, aparentando profunda aflição, com o lenço nos olhos, e sem notá-las, subiu as escadas. Surpresas e alarmadas, entraram na sala que Marianne acabara de deixar, onde só encontraram Willoughby, apoiado no encosto da lareira, de costas para elas. Ele se virou ao vê-las chegar, e seu semblante mostrou que ele compartilhava da mesma forte emoção que subjugara Marianne.

– Há algum problema com ela? – perguntou Mrs. Dashwood assim que entrou. – Ela está doente?

– Espero que não – respondeu ele, tentando parecer animado. E com um sorriso forçado acrescentou: – Eu é que deveria estar doente, pois estou profundamente desapontado.

– Desapontado?

– Sim, pois não serei capaz de manter minha promessa. Esta manhã Mrs. Smith exerceu o privilégio dos ricos sobre um parente pobre e dependente, enviando-me a Londres a negócios. Acabo de receber dela minhas incumbências, e já me despedi de Allenham... Por isso, com pesar, venho lhes dizer adeus.

– Para Londres! E você parte agora de manhã?

– Neste exato momento.

– É uma notícia muito ruim. Mas você deve obedecer a Mrs. Smith, e espero que os negócios dela não o mantenham longe de nós por muito tempo.

Ele corou ao responder:

– A senhora é muito gentil, mas não tenho planos de retornar a Devonshire tão rapidamente, minhas visitas à Mrs. Smith só se repetem uma vez por ano.

– E Mrs. Smith é sua única amiga? Allenhams é a única casa na vizinhança onde você é bem vindo? Que vergonha Willoughby! Por acaso precisa de um convite para nos visitar?

Ele ficou ainda mais corado, e com os olhos fixos no chão, respondeu:

– Bondade sua!

Mrs. Dashwood olhou com surpresa para Elinor, que sentia o mesmo assombro. Por alguns momentos todos se calaram. Mrs. Dashwood foi a primeira a falar.

– Só tenho a acrescentar, meu querido Willoughby, que será sempre bem vindo ao nosso chalé; não lhe pressionarei a voltar imediatamente, pois somente você poderá julgar até que ponto isso pode agradar a Mrs. Smith, e nesse assunto não estou disposta a discutir sua decisão ou duvidar de seus desejos.

– Meus compromissos atuais – respondeu Willoughby confuso – são de tal natureza que... não posso me vangloriar...

Ele se calou. Mrs. Dashwood estava muito surpresa para falar, e seguiu-se outra pausa, que foi interrompida por Willoughby ao dizer com um sorriso fingido:

– É loucura continuar assim. Não me atormentarei mais permanecendo entre amigas cuja companhia agora me é impossível desfrutar.

Então se despediu delas apressadamente e deixou a sala. Elas o viram entrar na carruagem, e em um minuto já estava fora de suas vistas.

Mrs. Dashwood estava muito abatida para falar, e no mesmo momento saiu da sala para lidar sozinha com a preocupação e o susto que

essa partida repentina ocasionara.

A inquietude de Elinor foi pelo menos igual à da mãe. Pensou no que acabara de acontecer com ansiedade e desconfiança. O comportamento de Willoughby ao despedir-se delas, seu embaraço, seu fingimento de alegria, e, acima de tudo, sua resistência em aceitar o convite da mãe - uma hesitação tão contrária à de um homem apaixonado, tão diferente do que ele era - tudo isso a preocupava profundamente. Por um momento temeu que nunca tivesse havido um compromisso sério da parte de Willoughby; no momento seguinte, pensou que pudesse ter acontecido uma discussão séria entre ele e sua irmã; o desespero em que Marianne deixara a sala era tal que só uma briga séria poderia ser um motivo plausível, embora, quando considerava o amor de Marianne por ele, uma briga lhe parecia impossível.

Mas, quaisquer que fossem as circunstâncias da separação, a aflição de sua irmã era indubitável, e ela pensou com a mais terna compaixão naquela dolorosa tristeza para a qual Marianne não devia estar buscando alívio, mas alimentando e estimulando, com se fosse um dever.

Cerca de meia hora depois sua mãe retornou e, embora seus olhos estivessem vermelhos, seu semblante não parecia triste.

- Nosso querido Willoughby agora está a quilômetros de Barton, Elinor - disse ela enquanto se sentava para trabalhar - e com quanto pesar no coração deve estar viajando?

- Tudo isso é muito estranho. Partir assim tão de repente! Parece uma decisão repentina. Na noite passada ele estava tão feliz conosco, tão alegre, tão carinhoso! E agora, com apenas dez minutos de aviso, foi-se sem intenção de voltar! Deve ter acontecido algo que ele não nos contou. Não falou nem se comportou como de costume. A senhora deve ter notado a diferença assim como eu. O que pode ser? Será que brigaram? Que outro motivo ele poderia ter para mostrar tão pouca vontade em aceitar seu convite para vir aqui?

- Eu percebi, com toda clareza, que não era vontade que lhe faltava, Elinor. Não estava em suas mãos aceitá-lo. Garanto-lhe que refleti sobre o ocorrido e posso explicar perfeitamente cada uma das coisas que, a princípio, pareceram tão estranhas para mim, como para você.

- Pode mesmo?

– Sim. Já o expliquei a mim mesma da maneira mais satisfatória. Mas você, Elinor – como adora duvidar de tudo – sei que nada irá lhe satisfazer, mas também não conseguirá me afastar da minha certeza. Estou convencida de que Mrs. Smith suspeita da afeição de Willoughby por Marianne, a desaprova (talvez tenha outros planos para ele) e por isso está ansiosa para vê-lo longe daqui; os negócios que ela o mandou resolver foram apenas uma desculpa para afastá-lo de nós. Isto é o que acredito ter acontecido. Além disso, ele tem consciência de que *ela* desaprovava essa união, e por isso não teve coragem até hoje de confessar-lhe seu compromisso com Marianne, e se sente obrigado, por sua situação de dependência, a participar dos planos dela e se ausentar de Devonshire por enquanto. Sei que você me dirá que isso pode ou *não* ter acontecido, mas não darei ouvidos às suas objeções a menos que você me mostre outra maneira tão satisfatória quanto esta de entender. E agora, Elinor, o que tem a dizer?

– Nada, já que a senhora antecipou minha resposta.

– Então você teria me dito que isso pode ou não ter ocorrido. Ah, Elinor, como são incompreensíveis seus sentimentos! Prefere acreditar antes no mal que no bem. Prefere procurar por uma desgraça para Marianne e culpar o pobre Willoughby, a procurar uma justificativa para ele. Está disposta a acreditar que ele é culpado, porque se despediu de nós com menos afeto do que de costume. E não é possível fazer nenhuma concessão à distração ou ao espírito deprimido por recentes decepções? As possibilidades não podem ser aceitas, simplesmente porque não são certezas? Será que não devemos nada a um homem que nos deu tantos motivos para amá-lo e nenhuma razão no mundo para pensar mal dele? Não é possível que existam motivos irrespondíveis, que escondam algum segredo que ele não pode revelar agora? E afinal de contas, do que você suspeita?

– Não saberia dizer. Mas é inevitável se suspeitar de algo muito desagradável, quando acabamos de ver como ficou transtornado. Entretanto, a senhora está certa quanto às desculpas que devemos lhe conceder, e desejo ser sincera em meus julgamentos em relação aos outros. Sem dúvida Willoughby deve ter razões suficientes para agir como agiu, e assim espero que seja. Mas seria mais próprio de Willoughby se ele as

reconhecesse de uma vez. O segredo pode ser recomendável, mas ainda assim não consigo deixar de admirar-me que ele insista nisso.

– Não o culpe, no entanto, por agir contra sua natureza, quando o desvio é necessário. Mas você admite a justiça do que eu disse em sua defesa? Estou feliz, e ele absolvido.

– Não por completo. Pode ser adequado que oculte seu compromisso (se é que *existe* algum compromisso) à Mrs. Smith, e se este for o caso, deve ser extremamente conveniente para Willoughby ficar longe de Devonshire no momento. Mas isso não é desculpa para que ele oculte isso de nós.

– Ocultá-lo de nós? Minha querida filha, você acusa Willoughby e Marianne de dissimulação? Isto é muito estranho, já que você vivia recriminando os dois por falta de cautela.

– Não me faltam provas do afeto entre os dois – disse Elinor – mas sim do compromisso.

– Estou perfeitamente satisfeita por ambos.

– Ainda assim nenhuma palavra lhe foi dita, por nenhum dos dois, sobre este assunto.

– Não são necessárias palavras onde as ações falam por si. O comportamento dele para com Marianne e com todas nós, pelo menos nos últimos quinze dias, não é prova de que a ama e que a considera como sua futura esposa? E ainda de que sente por nós o afeto de um parente próximo? Não nos entendemos perfeitamente bem? Não pediram meu consentimento diariamente, através de seus olhares, seus modos, seu respeito atento e afetuoso? Elinor, é possível duvidar de seu compromisso? Como pôde ter essa ideia? Como é possível supor que Willoughby, convencido como está do amor de sua irmã, seja capaz de abandoná-la por meses, sem lhe confessar seu amor... que pudessem se separar sem trocar confidências mútuas?

– Eu confesso – respondeu Elinor – que todas as circunstâncias, menos *uma*, estão a favor do compromisso entre eles, mas *essa* circunstância é o total silêncio dos dois a respeito do assunto, e para mim quase anula as outras.



– Que estranho! Certamente você deve pensar muito mal de Willoughby, se, depois de tudo o que se passou abertamente entre eles, ainda consegue duvidar da natureza dos laços que os unem. Acha que todo esse tempo ele esteve enganando sua irmã? Acredita que ele seja indiferente a ela?

– Não, não posso pensar isso. Ele deve amá-la e a ama, tenho certeza.

– Mas com um tipo de ternura bem estranho, uma vez que consegue deixá-la com tal indiferença, com tamanha despreocupação em relação ao futuro, como você lhe atribui.

– Você deve se lembrar, minha querida mãe, que nunca considerei essa questão como certa. Eu tenho minhas dúvidas, confesso; mas são menos fortes do que eram, e logo podem desaparecer inteiramente. Se descobrir que eles estão trocando correspondências, meu temor acabará.

– Uma concessão realmente poderosa! Se os visse no altar, acharia que iriam se casar. Você é muito ingrata! Pois eu não necessito de tais provas. Em minha opinião, nada se passou que justifique dúvidas. Não tentaram encobrir nada, agiram com transparência. Você não pode duvidar dos desejos de sua irmã. Deve ser de Willoughby que você suspeita. Mas por quê? Ele não é um homem honrado e de bons sentimentos? Houve alguma inconsistência da parte dele para gerar alarde? Acha que ele é mentiroso?

– Espero e desejo que não – exclamou Elinor. – Adoro Willoughby, gosto dele sinceramente, e suspeitar de sua integridade não pode ser mais doloroso para a senhora do que é para mim. Foi uma suspeita involuntária, e não quero cultivá-la. Confesso que fiquei surpresa com a mudança de sua atitude esta manhã. Ele não falava da forma habitual, e não respondeu à sua gentileza com nenhuma demonstração de cordialidade. Mas tudo isto pode ser explicado pela situação de seus negócios, como a senhora supôs. Tinha acabado de separar-se de minha irmã, a viu deixá-lo completamente transtornada; sentiu-se obrigado, por medo de ofender Mrs. Smith, a resistir à tentação de retornar em breve; e ainda assim, ciente de que, ao recusar seu convite dizendo que ficaria fora por algum tempo, pareceria que estava agindo de modo grosseiro, acabou por levantar suspeitas por parte

de nossa família, quando na verdade apenas se sentia embaraçado e perturbado. Em tal caso, creio que um reconhecimento simples e franco a respeito de suas dificuldades o tornaria mais honrado e teria sido muito mais coerente com seu caráter. Mas não levantarei suspeita sobre a conduta de quem quer que seja com base infundada, como uma diferença em relação ao meu julgamento ou um desvio daquilo que considero certo e coerente.

– Você disse muito bem. Willoughby certamente não merece que suspeitem dele. Embora nós não o conheçamos há muito tempo, ele não é um completo desconhecido nessa região. E quem alguma vez falou mal dele? Se estivesse em situação de agir independentemente e se casar logo, pareceria estranho se ele nos deixasse sem me explicar o que está acontecendo imediatamente, mas este não é o caso. É um compromisso que, sob certos aspectos, começou de uma maneira desfavorável, já que a possibilidade de um casamento parece estar distante; por isso é mais aconselhável manter segredo, tanto quanto possível.

Elas foram interrompidas pela entrada de Margaret; e Elinor teve então a liberdade para refletir sobre os argumentos da mãe, avaliando a probabilidade de muitos e esperando pela justiça de todos.

Não viram Marianne até a hora do jantar, quando ela entrou na sala e sentou-se à mesa sem dizer uma palavra. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, e parecia ainda conter as lágrimas com dificuldade. Marianne evitou os olhares de todas, não podia comer nem conversar, e depois de um tempo, quando sua mãe silenciosamente apertou-lhe a mão com terna compaixão, seu pequeno grau de compostura sucumbiu, e ela deixou a sala em prantos.

Essa violenta opressão continuou a noite toda. Ela não tinha forças, pois não tinha nenhum desejo de controlar-se. A menor menção de algo relacionado à Willoughby imediatamente a abatia e, embora sua família estivesse atenta ao seu bem-estar, era impossível para elas, quando conversavam, evitarem todos os assuntos que se relacionassem a ele.

## CAPÍTULO 16

Marianne jamais se perdoaria se tivesse conseguido dormir na primeira noite após a partida de Willoughby. Não teria coragem de encarar a família na manhã seguinte se não se levantasse da cama com mais necessidade de repouso do que quando se deitara. Mas os sentimentos de que semelhante atitude seria uma desgraça não lhe permitiram que isso ocorresse. Ela ficou acordada a noite toda, chorando a maior parte do tempo. Acordou com dor de cabeça, era incapaz de falar, e não estava disposta a se alimentar; causava dor à sua mãe e irmãs a todo instante, e proibia qualquer tentativa de consolo da parte delas. Estava muito sensibilizada.

Quando terminaram o café da manhã, ela saiu sozinha para caminhar pelos arredores de Allenhurst, entregando-se às recordações das alegrias passadas e chorando as tristezas do presente, durante a maior parte da manhã.

A noite passou-se em igual entrega aos sentimentos. Voltou a tocar cada uma das canções favoritas que havia tocado para Willoughby – cada ária que cantavam com mais frequência – e permaneceu sentada em frente ao piano, contemplando cada linha de música que ele havia copiado para ela, até que o pesar de seu coração fosse tão grande que não pudesse abrigar tristeza maior; e a cada dia se esforçou mais em nutrir sua dor. Passava horas a fio ao piano alternando cantos e prantos, a voz muitas vezes afogada pelas lágrimas. Também nos livros, como na música, cortejava a desgraça que com certeza obtinha ao confrontar o passado com o presente. Não lia nada além do que haviam lido juntos.

Tamanha aflição não poderia ser suportada para sempre; em poucos dias mergulhou em uma calma melancolia, mas as ocupações a que se entregava diariamente, suas caminhadas solitárias e meditações silenciosas, ainda produziam ocasionais efusões de dor tão intensa como antes.

Nenhuma carta de Willoughby chegou, e não parecia que Marianne esperasse alguma. Sua mãe estava surpresa e Elinor voltou a ficar

preocupada. Mas, Mrs. Dashwood era capaz de encontrar explicações sempre que precisasse, o que ao menos a satisfazia.

– Lembre-se, Elinor – disse ela –, quantas vezes Sir John se encarrega de trazer nossas cartas, e de levá-las ao correio. Já concordamos que o segredo é necessário, mas devemos reconhecer que nada poderá ser mantido em segredo se nossa correspondência passar pelas mãos de Sir John.

Elinor não podia negar que era verdade, e tentou encontrar naquilo motivo suficiente para o silêncio entre os jovens. Mas havia um meio tão direto, tão simples, e, em sua opinião, tão apropriado de saber a situação real do acaso, e que, instantaneamente, solucionaria todo o mistério, que ela não pôde deixar de sugerir-lo à mãe.

– Por que a senhora não pergunta logo a Marianne – disse ela – se ela está ou não comprometida com Willoughby? Vindo da senhora, sua própria mãe, uma mãe tão gentil e zelosa, a pergunta não causaria ofensa. Seria o resultado natural de sua afeição por ela. Ela sempre foi muito franca, especialmente com a senhora.

– Eu não faria tal pergunta por nada neste mundo. Supondo que é possível que não estejam comprometidos, quanta aflição minha pergunta não lhe causaria! Em todo caso, seria uma enorme falta de generosidade. Nunca poderia merecer sua confiança novamente se a forçasse a fazer a confissão de algo que, no momento, ela quer manter em segredo. Conheço o coração de Marianne. Sei que ela me ama profundamente e que eu não seria a última a quem ela confidenciaria seu segredo, quando as circunstâncias permitirem que seja revelado. Eu não seria capaz de forçar ninguém a fazer confidências, muito menos uma filha; porque o senso do dever a impediria de negar aquilo que sua vontade desejaria esconder.

Elinor achou essa generosidade excessiva, considerando a juventude da irmã, e queria levar o assunto adiante, mas em vão: bom senso, cuidado, prudência, todos sucumbiam diante da romântica delicadeza de Mrs. Dashwood.

Passaram-se vários dias sem que o nome de Willoughby fosse mencionado diante de Marianne por alguém de sua família. Sir John e Mrs. Jennings, é claro, não eram tão gentis, suas piadinhas aumentaram o

sofrimento de muitos momentos dolorosos; mas uma noite, Mrs. Dashwood pegou acidentalmente um volume de Shakespeare, e disse:

– Nunca terminamos Hamlet<sup>[1]</sup>, Marianne, nosso querido Willoughby foi embora antes de acabar de ler. Vamos deixá-lo de lado até que ele retorne... mas talvez se passem meses antes que isto ocorra.

– Meses! – exclamou Marianne, bastante surpresa. – Não, nem sequer muitas semanas.

Mrs. Dashwood lamentou o que havia dito, mas Elinor se alegrou, já que havia arrancando uma resposta de Marianne que mostrava com tanto ardor sua confiança em Willoughby e o conhecimento de suas intenções.

Uma manhã, aproximadamente uma semana depois que ele partiu, Marianne se deixou convencer a acompanhar as irmãs em sua caminhada habitual, em vez de passear sozinha. Até então, ela evitara cuidadosamente qualquer companhia em seus passeios. Se as irmãs tinham intenção de caminhar pelas colinas, Marianne imediatamente se dirigia às planícies, se elas planejavam caminhar pelo vale, Marianne rapidamente subia as montanhas, nunca podiam encontrá-la quando as demais partiam. Mas com o tempo foi vencida pelos esforços de Elinor, que desaprovava profundamente aquele isolamento contínuo. Elas caminharam pela estrada através do vale, quase todo o tempo em silêncio, porque era impossível exercer controle sobre a mente de Marianne, e Elinor, satisfeita por ter ganho um ponto, não tinha a intenção, no momento, de obter nenhuma outra vantagem. Além da entrada do vale, onde o campo, ainda viçoso, era menos selvagem e mais aberto, estendia-se diante delas um grande trecho do caminho que haviam percorrido ao chegarem a Barton. Quando alcançaram este ponto pararam para olhar ao redor e examinar a perspectiva formada pela vista do chalé, de um ponto que nunca haviam alcançado antes em nenhuma de suas caminhadas.

Entre os objetos à vista, perceberam um que se movia; era um homem montado a cavalo que vinha na direção delas. Em poucos minutos elas conseguiram perceber que era um cavaleiro, e um instante depois Marianne exclamou extasiada:

– É ele, sim, é ele! Eu sei que é! – E se apressava para ir ao encontro dele, quando Elinor exclamou:

– Não, Marianne, creio que está enganada. Não é Willoughby. Este homem não é tão alto, nem tem o porte de Willoughby.

– Tem sim, tem sim! – exclamou Marianne – Estou certa que tem! Sua aparência, seu casaco, seu cavalo. Sabia que iria voltar logo.

Caminhava cheia de animação enquanto falava, e Elinor, para proteger a irmã de alguma situação adversa, pois sabia que aquele homem não era Willoughby, apressou o passo e se manteve ao lado dela. Logo estavam a uma distância de trezentos metros do cavalheiro. Marianne olhou novamente e sentiu seu coração partir-se, deu meia volta de repente e começou a correr, quando foi detida pelas vozes de suas irmãs, e uma terceira voz, tão conhecida quanto a de Willoughby, se juntou às outras pedindo que ela parasse. Ela se virou surpresa para ver e dar as boas vindas a Edward Ferrars.

Ele era a única pessoa no mundo que neste momento poderia ser perdoado por não ser Willoughby; a única pessoa que podia merecer um sorriso dela; então ela enxugou as lágrimas para sorrir para ele, e pela felicidade da irmã, esqueceu sua decepção por um momento.

Ele desceu do cavalo, e após entregá-lo ao criado, caminhou de volta com elas até Barton, pois tinha vindo com o propósito de visitá-las.

Todas lhe deram as boas vindas com grande cordialidade, mas especialmente Marianne, que demonstrou mais entusiasmo ao recebê-lo do que a própria Elinor. Para Marianne, de fato, o encontro entre Edward e sua irmã não foi senão a continuação da inexplicável frieza que ela muitas vezes tinha observado no comportamento de ambos em Norland. Em Edward, especialmente, faltava tudo aquilo que um apaixonado deveria demonstrar e dizer em tal ocasião. Ele estava confuso, parecia ter pouco prazer em vê-las, não parecia nem exultante nem alegre, falou pouco e somente quando se via obrigado a responder perguntas, e não demonstrou qualquer tipo de afeição por Elinor. Marianne olhava e escutava com uma surpresa cada vez maior. Quase começou a sentir antipatia por Edward; e esta sensação terminou, como acontecia com todos os seus sentimentos, levando seus pensamentos de volta a Willoughby, cujas maneiras formavam um contraste bastante marcante com aquelas do homem que havia eleito como irmão.

Depois de um breve momento de silêncio que se sucedeu à surpresa do encontro e às indagações iniciais, Marianne perguntou a Edward se ele vinha diretamente de Londres. Não, ele esteve em Devonshire por quinze dias.

– Quinze dias! – ela repetiu, surpresa ao saber que ele havia estado por tanto tempo no mesmo condado que Elinor sem ter vindo vê-la antes.

Ele pareceu um tanto constrangido, quando acrescentou que estivera com amigos perto de Plymouth.

– Você esteve em Sussex recentemente? – disse Elinor.

– Eu estive em Norland faz um mês.

– E como está minha querida, amada Norland? – exclamou Marianne.

– Querida e amada Norland – disse Elinor –, provavelmente está bastante parecida como sempre esteve nessa época do ano, os bosques e caminhos cobertos por folhas secas.

– Ah! – exclamou Marianne. – Com que sensação de êxtase eu costumava vê-las cair! Como me deliciava, enquanto caminhava, vê-las caindo sobre mim como uma chuva trazida pelo vento! Que sentimentos as folhas, a estação e o ar me inspiraram! Agora não há mais ninguém para contemplá-las. Elas são vistas apenas como um estorvo, varridas às pressas e retiradas o mais rápido possível da vista.

– Nem todos – disse Elinor – compartilham da sua paixão por folhas mortas.

– Não, meus sentimentos nem sempre são compartilhados, nem tampouco compreendidos. Mas, às vezes o são. – Ao dizer isso, se entregou por uns instantes a um breve devaneio, mas se recompôs e continuou:

– Agora, Edward – chamando sua atenção para a paisagem – este é o vale de Barton. Olhe para ele e fique indiferente se puder. Veja aquelas colinas! Você já viu algo parecido? À esquerda está Barton Park, entre esses bosques e plantações. É possível ver uma parte da casa. E lá embaixo daquela colina mais distante, que se eleva com tamanha grandeza, está nosso chalé.

– É um belo lugar – respondeu – mas essas partes baixas devem ficar sujas no inverno.

– Como pode pensar em sujeira diante de uma vista como esta?

– Porque – respondeu ele sorrindo – entre as coisas que vejo à minha frente está um caminho muito sujo.

– Que estranho! – disse Marianne para si mesma enquanto caminhavam.

– Vocês têm uma boa vizinhança por aqui? Os Middletons são pessoas agradáveis?

– Não, de jeito nenhum – respondeu Marianne – não poderíamos estar em pior situação.

– Marianne – exclamou sua irmã – como pode dizer isso? Como pode ser tão injusta? Eles são uma família muito respeitável, Mrs. Ferrars, e sempre se comportaram conosco da maneira mais amigável. Você se esqueceu, Marianne, quantos dias agradáveis passamos em companhia deles?

– Não – disse Marianne, em voz baixa – nem os inúmeros momentos dolorosos.

Elinor não deu atenção às suas palavras, e dirigindo sua atenção ao visitante, se esforçou em manter com ele algo que poderia passar por uma conversa, falando de sua atual residência, suas vantagens, etc., e extorquindo dele ocasionais perguntas e respostas. A frieza e reserva de Edward mortificavam-na bastante, ela estava aborrecida e um tanto furiosa, mas decidida a guiar sua conduta mais pelo passado do que pelo presente, evitou qualquer aparência de ressentimento ou desgosto e o tratou como pensava que deveria ser tratado, considerando seus vínculos familiares.

[1] Hamlet, de William Shakespeare – A leitura deste livro por Willoughby pode denotar que seu personagem é indeciso, assemelhando-se ao próprio Hamlet, e que Marianne pode ser comparada à Ofélia, que na peça passa por grandes desconfianças e sofrimentos. (N. T.)



## CAPÍTULO 17

Ao vê-lo, Mrs. Dashwood ficou surpresa por apenas um momento, pois a vinda de Edward a Barton era, em sua opinião, algo muito natural. Sua alegria e manifestações de afeto ultrapassaram em muito seu espanto. Ele recebeu a mais gentil acolhida por parte dela, e sua timidez, frieza ou reserva não puderam resistir a tal recepção. Antes de entrar na casa já começavam a desaparecer, e a maneira encantadora com a qual Mrs. Dashwood o tratou acabou por vencê-lo. Na verdade, um homem não poderia estar enamorado de uma de suas filhas sem estender a paixão por ela. Elinor teve a satisfação de vê-lo voltar a se comportar como antes. Sua afeição por todas pareceu reanimar-se, e seu interesse pelo bem-estar delas tornou-se perceptível. Ele não estava animado, entretanto, elogiou a casa, admirou a vista, era atencioso e gentil, mas, ainda assim, não estava animado. A família inteira percebeu e Mrs. Dashwood atribuindo este desânimo a alguma falta de generosidade de sua mãe, sentou-se à mesa indignada contra todos os pais egoístas.

– Quais são os planos de Mrs. Ferrars para você no momento, Edward? – disse ela, quando terminaram o jantar e encontravam-se reunidos ao redor da lareira. – Você ainda tem que ser um grande orador, mesmo contra a vontade?

– Não. Espero que minha mãe esteja convencida de que não tenho nem talento nem inclinação para a vida pública!

– Mas, como então alcançará a fama? Já que você tem que ser famoso para satisfazer toda sua família, sem ser propenso a vida luxuosa, sem interesse por estranhos, sem profissão e sem futuro garantido, pode ser difícil alcançá-la.

– Não vou tentar alcançá-la. Não tenho a intenção de distinguir-me e tenho todos os motivos para esperar que nunca precise disso. Graças a Deus! Não podem obrigar-me a ser genial e eloquente.

– Você não é ambicioso, isso eu sei bem. Todos seus desejos são moderados.

– Tão moderados como os de todo mundo, imagino. Desejo o mesmo que os demais, ser muito feliz; mas, assim como os demais, quero sê-lo à minha maneira. A fama não me fará feliz.

– Seria estranho se o fizesse! – exclamou Marianne. – O que a fama e a riqueza têm a ver com a felicidade?

– A fama tem muito pouco – disse Elinor –, mas a riqueza tem muito a ver.

– Que vergonha Elinor! – disse Marianne – O dinheiro só pode trazer felicidade quando uma pessoa não tem mais nada para ser feliz. Além do bem-estar, não pode dar real satisfação, pelo menos no que se refere ao nosso íntimo.

– Talvez – disse Elinor sorrindo – possamos chegar a um ponto em comum. *Seu* bem-estar e *minha* riqueza são bastante parecidos, e sem eles, do modo que o mundo é agora, nós duas devemos concordar que faltará todo tipo de conforto externo. Suas ideias são apenas mais nobres do que as minhas. Diga-me, quanto acha ser o suficiente para viver com conforto?

– Cerca de mil e oitocentas a duas mil libras por ano, não mais que isso.

Elinor riu.

– Duas mil libras por ano! A minha ideia de riqueza é *mil*! Já imaginava como isso acabaria.

– Mas ainda sim duas mil libras por ano é uma renda bastante moderada – disse Marianne. Uma família não pode se sustentar com menos que isso. Tenho certeza que não sou extravagante em minhas pretensões. Um número adequado de empregados, uma carruagem, talvez duas, e cães de caça, não podem ser mantidos por menos.

Elinor sorriu de novo, ao escutar sua irmã descrever com tantos detalhes seus futuros gastos em Combe Magna[1].

– Cães de caça! – repetiu Edward – mas porque você teria cães de caça? Nem todo mundo costuma caçar.

Marianne respondeu corada:

– Mas a maioria das pessoas caça.

– Eu gostaria – exclamou Margaret, expressando uma situação novelesca – que alguém nos deixasse uma grande fortuna!

– Ah, se isso acontecesse! – exclamou Marianne, com os olhos brilhantes de animação, e as faces radiantes pelo prazer daquela felicidade imaginária.

– Suponho que todas somos unânimes em desejar isso – disse Elinor – apesar da riqueza por si só não ser o suficiente.

– Oh, minha querida – exclamou Margaret – como eu seria feliz! Imagino o que seria capaz de fazer com tanta riqueza!

Marianne olhou como se não tivesse nenhuma dúvida a respeito disso.

– Eu ficaria confusa se tivesse tamanha riqueza só para mim – disse Mrs. Dashwood –, se todas as minhas filhas fossem ricas sem minha ajuda.

– Deveria começar com as melhorias no chalé – observou Elinor, assim suas dificuldades logo acabariam.

– Que magníficas encomendas essa família faria em Londres – disse Edward – em uma situação como essa! Seria um dia feliz para os livreiros, vendedores de partituras e lojas de gravuras! Você, Miss Dashwood, faria uma encomenda geral para que lhe fosse enviada cada nova gravura de qualidade. Quanto a Marianne, conheço a grandeza de sua alma, não haveria partituras suficientes em Londres para lhe contentar. E livros! Thomson, Cowper, Scott... Ela compraria todos eles novamente; compraria cada cópia, creio eu, para evitar que caiam em mãos indignas, e compraria todos os livros que lhe ensinassem como admirar uma velha árvore retorcida. Não é verdade, Marianne? Perdoe-me se estou sendo muito insolente. Mas queria mostrar-lhe que não me esqueci de nossas antigas desavenças.

– Gosto de recordar o passado, Edward – seja ele melancólico ou alegre, adoro recordá-lo. E você nunca me ofenderá falando dos velhos tempos. Você está bastante certo ao imaginar como eu gastaria meu dinheiro, pelo menos parte dele. Boa parte do meu dinheiro seria usada para aumentar minha coleção de partituras e livros.

– E o grosso de sua fortuna seria gasto com pensões anuais para os escritores e seus herdeiros.

– Não, Edward, eu teria um emprego diferente para esse dinheiro.

– Talvez, então, você premiaria a pessoa que escrevesse a melhor defesa de sua máxima favorita, a de que ninguém pode apaixonar-se mais de uma vez na vida. Presumo que sua opinião a este respeito não mudou, não é mesmo?

– Sem dúvida nenhuma. Na minha idade, as opiniões são bastante firmes. Não creio que seja provável que veja ou ouça algo que me faça mudar de opinião.

– Pode ver que Marianne continua firme como sempre – disse Elinor. – Ela não mudou em nada.

– Apenas está um pouco mais séria do que antes.

– Não, Edward – disse Marianne – você não deve me censurar. Você mesmo não está muito alegre.

– Como pode pensar isso! – respondeu ele, com um suspiro. – A alegria nunca fez parte do *meu* caráter.

– Tampouco do de Marianne – disse Elinor. – Dificilmente diria que ela é uma moça alegre. É muito intensa, muito determinada em tudo o que faz, às vezes fala muito, e sempre com grande animação... Mas raramente é alegre de verdade.

– Creio que você está certa – respondeu ele. – No entanto, eu sempre a considereei uma moça alegre.

– Frequentemente, vejo-me cometendo esse tipo de erro – disse Elinor – com ideias totalmente falsas sobre o caráter de alguém em um ou outro aspecto; imaginando as pessoas muito mais alegres ou tristes, ou inteligentes ou estúpidas do que realmente são. E dificilmente posso dizer o porquê ou baseado em que esse erro tem origem. Às vezes, nos deixamos guiar por aquilo que as pessoas dizem de si mesmas, e muitas vezes por aquilo que as outras pessoas dizem delas, sem parar um momento para refletir e julgar.

– Mas achei que fosse certo, Elinor – disse Marianne –, deixar-se guiar completamente pela opinião dos outros. Penso que nossos julgamentos nos são dados apenas para serem subservientes aos de nossos vizinhos. Estou certa de que esta sempre foi a sua doutrina.

– Não, Marianne, nunca. Minha doutrina nunca teve a intenção de subjugar a inteligência. Tudo o que sempre tentei influenciar foi o comportamento. Você não deve confundir o que quero dizer. Confesso que sou culpada de às vezes ter desejado que você tratasse nossos amigos em geral com maior atenção. Mas quando eu lhe aconselhei a adotar os sentimentos ou submeter-se às opiniões deles em assuntos importantes?

– Você nunca foi capaz de persuadir sua irmã a concordar com o seu plano de civilidade generalizada – disse Edward a Elinor. – Não conquistou nenhum terreno?

– Muito pelo contrário – respondeu Elinor, olhando expressivamente para Marianne.

– Meu julgamento – respondeu ele – está ao seu lado nesta questão, mas receio que minhas ações sejam mais parecidas com as de sua irmã. Nunca desejei ofender, mas sou estupidamente tímido, tanto que às vezes pareço negligente, quando apenas me retraio devido à minha natural falta de jeito. Frequentemente penso que, por natureza, devo estar predestinado a gostar de pessoas mais simples, pois me sinto pouco à vontade entre pessoas nobres que me sejam estranhas!

– Marianne não tem nenhuma timidez que possa desculpar qualquer desatenção da parte dela – disse Elinor.

– Ela conhece muito bem seu valor para sentir uma falsa vergonha – respondeu Edward. – A timidez é apenas o efeito de uma sensação de inferioridade em um ou outro sentido. Se eu me convencesse de que minhas maneiras são perfeitamente naturais e elegantes, não seria tímido.

– Mas ainda assim você seria reservado – disse Marianne – e isso é pior.

Edward espantou-se:

– Reservado! Acha que sou reservado, Marianne?

– Sim, muito.

– Não entendo você – respondeu ele, corando. – Reservado! Como? De que maneira? O que eu deveria lhe dizer? O que supõe?

Elinor pareceu surpresa com a emoção dele, mas tentando rir do assunto, disse para Edward:

– Você não conhece minha irmã o suficiente para entender o que ela quer dizer? Por acaso não sabe que ela chama de reservada qualquer pessoa que não fale tão rápido quanto ela, nem admire o que ela admira com igual entusiasmo?

Edward não respondeu. Voltou a ficar mais sério e pensativo do que costumava ser, e durante um momento ficou ali sentado, silencioso e sombrio.

[1] Combe Magna, é a casa ficcional de John Willoughby criada por Jane Austen, localiza-se no Condado de Somersetshire. (N. T.)

## CAPÍTULO 18

Elinor viu, com grande inquietude, o desânimo de seu amigo. Sua visita proporcionou-lhe apenas uma satisfação muito parcial, pois que a própria alegria dele parecia imperfeita. Era evidente que ele não estava feliz, e ela desejava que fosse igualmente evidente que ele ainda tivesse por ela o mesmo afeto, que antes não duvidava inspirar-lhe, mas até o momento a continuidade de sua afeição parecia muito duvidosa, e a reserva de sua atitude para com ela, contradizia em um momento o que um olhar mais expressivo sugerira no momento anterior.

Na manhã seguinte, ele se juntou a Elinor e Marianne na sala de café antes que os outros descessem; e Marianne, sempre ansiosa em promover a felicidade de ambos, logo os deixou a sós. Mas, antes que estivesse no meio da escada, ouviu a porta da sala se abrir, e, voltando-se, ficou admirada ao ver que Edward saía também.

– Estou indo à cidade para ver meus cavalos – disse ele – já que vocês ainda não estão prontas para o café da manhã, voltarei logo.

\*\*\*

Edward retornou maravilhado pela beleza da região; em sua caminhada para a vila, tinha visto muitas partes do vale de um ângulo mais favorável, e a vila por si só, localizada em um ponto bem mais alto que o chalé, oferecia uma vista geral da região que o agradou bastante. Este era um tema que prendia a atenção de Marianne, e ela começou a descrever sua própria admiração pelas paisagens e a interrogá-lo sobre as coisas que o haviam impressionado de maneira especial, quando Edward a interrompeu dizendo:

– Você não deve fazer muitas perguntas, Marianne, lembre-se que eu não sei nada sobre o que é pitoresco<sup>[1]</sup>, e poderei lhe ofender por minha ignorância e falta de gosto, se descermos a detalhes. Poderia chamar as colinas de inclinadas, ao invés de dizer escarpadas; poderia chamar as superfícies de estranhas e singulares, quando deveria dizer irregulares e

sinuosas; e falaria de coisas distantes que não se vê bem, quando poderia apenas dizer que estão fora do alcance da vista porque se encontram entre uma névoa. Você deve se satisfazer com a admiração que honestamente lhe concedo. Acho esta região muito bonita, as colinas são altas, os bosques parecem ricos em excelente madeira, e o vale é agradável e acolhedor, com ricas pastagens e várias fazendas por ali. Corresponde exatamente à minha ideia de uma ótima região, pois une beleza e utilidade, e estou certo de que é pitoresca também, pois você a admira. Posso bem acreditar que a região é cheia de rochedos e promontórios[2], musgo cinzento e matas, mas tudo isso não tem significado para mim, não sei nada do pitoresco.

– Sinto dizer, mas é a mais pura verdade – disse Marianne. – Mas por que ostenta isso?

– Eu suspeito – disse Elinor – que para evitar cair em algum tipo de afetação, Edward caía aqui em outro. Pois ele acredita que muitas pessoas fingem sentir mais admiração pelas belezas da natureza do que realmente sentem, e como lhe desagrada tais pretensões, ele demonstra mais indiferença e menos discriminação a respeito do que sente de verdade. Ele é melindroso e quer ter uma afetação só sua.

– É verdade – disse Marianne – que a admiração por paisagens tornou-se apenas um jargão. Todos fingem senti-la e tentam descrevê-la com o gosto e a elegância daquele que foi o primeiro a definir o que é beleza pitoresca. Detesto qualquer tipo de jargão, e às vezes guardo meus sentimentos para mim, pois não consigo encontrar uma linguagem para descrevê-los que não seja algo já gasto e vulgarizado, que não tem mais qualquer sentido ou significado.

– Estou convencido – disse Edward – de que você realmente sente todo o prazer que diz sentir, quando observa uma linda vista. Mas, em troca, sua irmã deve permitir-me não sentir nada além do que demonstro. Gosto de uma bela paisagem, mas não por motivos pitorescos. Não gosto de árvores retorcidas, entrelaçadas ou ressecadas. Admiro-as muito mais se forem altas, retas e floridas. Não gosto de chalés em ruínas. Não sou apaixonado por urtigas, cardos ou flores de brejo. Aprecio muito mais uma confortável casa de campo do que uma torre de vigia..., e prefiro um grupo de camponeses felizes aos mais magníficos arruaceiros do mundo.



Marianne olhou com espanto para Edward, e com compaixão para sua irmã. Elinor apenas riu.

Encerraram o assunto rapidamente e Marianne se manteve em silêncio até que um objeto de repente chamou sua atenção. Estava sentada ao lado de Edward, e quando ele pegou a xícara de chá que lhe oferecia Mrs. Dashwood, sua mão passou bem diante dela, deixando à vista, em um de seus dedos, um anel com uma trança de cabelos no centro.

– Eu nunca vi você usar esse anel antes, Edward – exclamou ela. – É o cabelo de Fanny? Eu me lembro de vê-la prometer-lhe um cacho. Mas pensei que seus cabelos fossem mais escuros.

Marianne falou, sem maior reflexão, o que realmente sentia; mas quando percebeu o quanto Edward estava perturbado, sua vergonha pela falta de tato não foi menor que a dele. Ele ficou bastante corado, e olhando de relance para Elinor, respondeu:

– Sim, é o cabelo de minha irmã. O engaste sempre muda a cor do objeto, você sabe.

O olhar de Elinor cruzou com o dele e também pareceu perturbado. De imediato pensou, assim como Marianne, que aquele cabelo era o seu; a única diferença entre as duas era que Marianne pensava que se tratava de um presente dado voluntariamente por sua irmã, e para Elinor havia sido roubado sem que ela percebesse. Entretanto, ela não estava com humor para considerá-lo uma afronta, e fingiu não ter percebido o que se passara, pois instantaneamente mudaram de assunto. Elinor decidiu consigo mesma aproveitar qualquer oportunidade para observar o cabelo e se convencer, sem sombra de dúvida, que era mesmo dela.

O embaraço de Edward durou um pouco mais, e terminou levando-o a um estado de abstração ainda mais acentuado. Esteve particularmente sério a manhã inteira. Marianne não se perdoou pelo que havia dito, mas teria se perdoado com muito mais rapidez se soubesse quão pouco sua irmã havia se ofendido.

Antes do meio dia receberam a visita de Sir John e Mrs. Jennings que, ao saberem da chegada de um cavalheiro no chalé, vieram investigar quem era o visitante. Com a ajuda de sua sogra, Sir John não demorou a descobrir que o nome do Sr. Ferrars começava com F, e isso já seria motivo

de inúmeras zombarias contra a dedicada Elinor, que nada a não ser seu recente conhecimento do hóspede evitou que começasse imediatamente. Mas ela entendeu, através de olhares bastante significativos, o quanto a perspicácia deles foi longe, baseada nas indicações de Margaret.

Sir John nunca visitava as Dashwoods sem convidá-las para um jantar em Barton Park no dia seguinte, ou para tomar um chá na mesma tarde. Na atual situação, para melhor distração do hóspede, para a qual se sentiu obrigado a contribuir, quis fazer os dois convites.

– Vocês *devem* tomar chá conosco hoje à noite – disse ele – pois estamos muito sós, e amanhã devem obrigatoriamente jantar conosco, porque seremos um grupo muito grande.

Mrs. Jennings reforçou aquela necessidade, dizendo:

– E quem sabe não organizam um baile. E isso lhe será uma tentação Miss Marianne.

– Um baile! – exclamou Marianne. – Isso é impossível! Quem vai dançar?

– Quem! Vocês, as Careys e com certeza as Whitakers. Como assim? Achava que ninguém poderia dançar porque certa pessoa, que não devemos dizer quem é, não está presente?

– Desejava de todo coração – exclamou Sir John – que Willoughby estivesse entre nós de novo.

Isto e o rubor de Marianne despertaram novas suspeitas em Edward.

– Quem é Willoughby? – disse ele, em voz baixa para Miss Dashwood, que estava ao seu lado.

Ela deu-lhe uma resposta breve. O semblante de Marianne estava muito mais comunicativo. Edward viu o suficiente para entender não apenas o significado do que os outros diziam, mas também as expressões de Marianne que antes o haviam confundido. E quando os visitantes se foram, imediatamente se dirigiu a ela, e com um sussurro, disse:

– Estive imaginando algo. Devo lhe contar meu palpite?

– O que você quer dizer?

– Devo contar?

– Claro que sim.

– Pois bem, eu acho que Mr. Willoughby aprecia a caça.

Marianne ficou surpresa e confusa, ainda assim não conseguiu deixar de sorrir ante a sutileza de suas maneiras, e após um momento de silêncio, disse:

– Ah, Edward! Com pode fazer isso? Mas chegará o dia, espero... Tenho certeza que você gostará dele.

– Não tenho dúvidas – respondeu Edward, um pouco espantado com a seriedade e intensidade dela, pois se não tivesse imaginado que se tratava de uma brincadeira para a diversão de todos os conhecidos, baseada apenas em algo que ela poderia ter ou não com Mr. Willoughby, ele não teria coragem de mencioná-lo.

[1] Que chama a atenção pela beleza, pela originalidade, paisagem digna de ser pintada/ilustrada. (N. T.)

[2] Um tipo de saliência natural, também conhecido como cabo elevado formado por rochas que avançam sobre o mar. (N. T.)

## CAPÍTULO 19

Edward ficou uma semana no chalé. Mrs. Dashwood insistiu para que ficasse mais tempo, mas, como se tivesse inclinação apenas para a autopunição, ele resolveu ir embora quando a diversão entre os amigos estava no auge. Seu estado de ânimo, nos últimos dois ou três dias, embora ainda fosse muito instável, havia melhorado muito. Dia após dia, sua afeição pela casa e arredores foi crescendo. Nunca falava em ir embora sem um suspiro, afirmou que dispunha de tempo, inclusive não tinha certeza para onde iria quando as deixasse. Mas mesmo assim, precisava ir. Nunca uma semana se passou tão rápido, e ele mal acreditava que já tivesse passado. Disse isso muitas vezes, disse outras coisas também, algumas que demonstravam a mudança de seus sentimentos e outras que contradiziam suas ações. Não sentia prazer em Norland, detestava Londres, mas deveria escolher um dos dois lugares para ir.

Estimava-lhes a gentileza acima de tudo, e sua maior felicidade fora estar com elas. Apesar disso tudo, teria que partir até o final da semana – mesmo contrariando os desejos de ambas as partes e sem ter uma definição quanto ao tempo.

Elinor atribuiu esse modo estranho de agir à influência da mãe dele, e ficou feliz por não conhecê-la, já que, desta forma, poderia atribuir-lhe a responsabilidade por qualquer comportamento estranho do filho. Embora desapontada e aborrecida, e, por vezes descontente com o comportamento incerto que o rapaz tinha para com ela, estava com a melhor disposição para considerar suas ações com as mais sinceras concessões e as generosas qualificações que, em relação à Willoughby, lhe haviam sido arrancadas de maneira mais trabalhosa por Mrs. Dashwood. O fato de Edward não ter ânimo, não ser franco ou coerente, era geralmente atribuído à sua falta de independência e ao conhecimento dos planos e disposições de Mrs. Ferrars. A brevidade de sua visita e o firme propósito de deixá-las tinham origem na mesma inclinação reprimida e na mesma necessidade inevitável de transgredir os desejos da mãe. A antiga e tão conhecida disputa entre o dever o desejo, entre pais e filhos, era a causa de

tudo. Elinor gostaria de saber quando essas dificuldades acabariam, quando essa oposição terminaria, quando Mrs. Ferrars mudaria de opinião e seu filho teria a liberdade de ser feliz. Mas, desses vãos desejos, era obrigada a voltar para o conforto da renovação de sua confiança no afeto de Edward, para a recordação de todos os sinais de interesse que seus olhares ou palavras haviam deixado escapar enquanto estavam em Barton, e, sobretudo, para aquela prova lisonjeira que ele usava constantemente em seu dedo.

– Eu acho, Edward, que você seria um homem mais feliz se tivesse uma profissão com que empregar seu tempo e dar interesse a seus planos e ações – disse Mrs. Dashwood, enquanto tomavam café na última manhã – Poderia provocar alguns inconvenientes aos seus amigos, de fato, pois não poderia dedicar tanto tempo a eles. Mas – disse sorrindo – seria materialmente benéfico em pelo menos um aspecto, você saberia aonde ir quando os deixasse.

– Garanto-lhe – respondeu ele – que pensei muito sobre a questão, do mesmo modo como a senhora faz agora. Foi, e provavelmente sempre será um grande infortúnio para mim, não ter tido nenhum negócio para me ocupar, nenhuma profissão que me desse emprego ou me garantisse algo parecido com uma independência. Mas, infelizmente, meu próprio refinamento e o de meus amigos, fez de mim um homem inútil e incapaz. Nunca concordamos na escolha de uma profissão. Eu sempre preferi a igreja, e ainda prefiro. Mas, segundo minha família, não é uma profissão adequada. Eles sugeriram a carreira militar. Mas aquilo era elegante demais para mim. Concordavam que o direito era uma carreira bastante requintada; muitos rapazes que possuem gabinetes na Câmara dos Comuns<sup>[1]</sup>, tiveram uma recepção muito boa nos círculos mais importantes, e passeiam pela cidade em carruagens muito elegantes. Mas não tenho nenhuma inclinação para o direito, mesmo nos estudos menos complexos, como minha família queria. Quanto à marinha, tem certo encanto, mas eu já passara da idade<sup>[2]</sup>, quando o assunto veio à tona pela primeira vez, e, como eu não tinha necessidade de ter nenhuma profissão, pois eu poderia ser tão alinhado e refinado com ou sem uniforme, finalmente decidiram que o ócio era o mais vantajoso e honrado. Além disso, um rapaz de dezoito anos não está tão ansioso para ter uma ocupação a ponto de resistir aos pedidos dos amigos

para não fazer nada. Então, ingressei em Oxford[3] e desde então tenho estado em completo ócio.

– Suponho que a consequência disso tudo será – disse Mrs. Dashwood –, já que o ócio não lhe trouxe nenhuma felicidade, que seus filhos serão criados com tantas atividades, empregos, profissões como os filhos de Columella[4].

– Serão educados – disse ele seriamente – para serem totalmente diferentes de mim, quer seja em sentimentos, ações, condição, em tudo.

– Ora, tudo isso não é mais que uma consequência do seu desânimo, Edward. Você está melancólico e imagina que qualquer pessoa que seja diferente de você deve ser feliz. Mas lembre-se de que a dor de separar-se dos amigos é sentida por todos, não importa qual seja sua educação ou condição. Conheça sua própria felicidade. Você precisa ser paciente, ou para dar um nome mais atrativo, precisa ter esperanças. Com o tempo, sua mãe lhe concederá a independência que você tanto almeja, é função dela, e sempre será, impedir que sua juventude se perca em desgostos. E isso, alguns meses não conseguirão fazer!

– Eu acho – respondeu Edward – que serão necessários muitos meses para que alguma coisa boa aconteça comigo.

Este desânimo, embora não pudesse ser comunicado à Mrs. Dashwood, aumentou a dor de todos pela partida de Edward, que aconteceu logo, e deixou uma incômoda sensação, especialmente nos sentimentos de Elinor, que necessitou de tempo e ocupação para vencê-la. Mas como estava determinada a superar tais sentimentos e evitar parecer que sofria mais que o resto da família por causa da partida de Edward, não agiu como Marianne em uma ocasião semelhante – que para aumentar e demonstrar a dor, procurou o silêncio, a solidão e a ociosidade. Seus modos eram tão diferentes quanto seus objetivos, e igualmente adequados para a promoção de ambos.

Assim que Edward deixou a casa, Elinor sentou-se à mesa de desenho, e manteve-se ocupada durante todo o dia; não buscou nem evitou mencionar o nome do rapaz. Parecia ter o mesmo interesse de sempre com as preocupações gerais da família, e se, com esta conduta, não diminuiu seu

sofrimento, pelo menos evitou que este aumentasse ainda mais, e sua mãe e irmãs pouparam muitas preocupações com ela.

Tal comportamento, exatamente o oposto do seu próprio, não pareceu para Marianne mais meritório do que o seu parecera errado para Elinor. O assunto do autocontrole ela resolveu com toda facilidade: se era impossível com sentimentos fortes, não tinha mérito com sentimentos fracos. Que os sentimentos de sua irmã fossem calmos, ela não ousava negar, embora corasse ao reconhecê-lo; e da força dos seus próprios, ela deu uma prova conclusiva, amando e respeitando sua irmã apesar dessa humilhante convicção.

Sem se afastar da família, nem sair de casa sozinha para evitar a companhia das outras, ou ficar acordada a noite inteira perdida em meditações, Elinor descobriu que o dia lhe oferecia tempo suficiente para pensar em Edward, em seu comportamento, de todas as maneiras possíveis que a mudança de seu estado de ânimo poderia produzir: com ternura, piedade, aprovação, censura ou dúvida. Havia momentos em que, se não pela ausência de sua mãe e irmãs, pelo menos em razão da natureza de suas ocupações, era impossível a conversa entre elas, e todos os efeitos da solidão se faziam sentir. Inevitavelmente sua mente libertava-se e seus pensamentos não podiam prender-se a nenhuma outra coisa, e o passado e o futuro, relacionados a um tema tão interessante, apresentavam-se a ela, chamando sua atenção, absorvendo sua memória, sua reflexão e sua imaginação.

Em uma certa manhã, logo depois da partida de Edward, Elinor estava sentada à mesa de desenho quando foi despertada de seus devaneios pela chegada de visitas. Estava completamente sozinha. O fechamento do portãozinho, na entrada do jardim em frente à casa, atraiu seus olhos para a janela, e viu um grande grupo de pessoas se dirigirem à porta. Entre eles estavam Sir John, Lady Middleton e Mrs. Jennings, porém havia duas outras pessoas que ela não conhecia: um cavalheiro e uma dama. Ela estava sentada perto da janela, e assim que Sir John a viu, se afastou do resto do grupo, deixando-os cerimoniosamente bater à porta, e caminhou pelo gramado, obrigando-a a abrir a janela para conversarem em particular; como o espaço entre a porta e a janela era pequeno, era impossível falar em uma delas sem ser ouvido na outra.

– Bem, disse ele – trouxe-lhe dois desconhecidos. Que acha deles?

– Cuidado! Podem escutá-lo.

– Não se preocupe se eles ouvirem. São só os Palmers. Posso dizer-lhe que Charlotte é muito bonita, você pode vê-la se olhar nesta direção.

Como Elinor estava certa de que a veria em alguns minutos, sem ter que tomar tal liberdade, pediu desculpas por não fazê-lo.

– Onde está Marianne? Será que fugiu ao nos ver chegar? Vejo que o piano está aberto.

– Creio que saiu para caminhar.

Nesse momento, Mrs. Jennings se uniu a eles, já que não teve paciência para esperar que Elinor abrisse a porta para contar-lhe *sua* história. Veio até a janela falando aos gritos:

– Como vai minha querida? Como vai Mrs. Dashwood? E onde estão suas irmãs? O quê! Está sozinha? Você se alegrará por ter alguém que lhe faça companhia. Trouxe meu genro e minha filha para você conhecê-los. Imagina só! Chegaram tão de repente! Pensei ter ouvido uma carruagem na noite passada, enquanto tomávamos chá, nunca imaginaria que poderiam ser eles. Pensei apenas que poderia ser o Coronel Brandon de volta; então eu disse a Sir John que tinha ouvido o barulho de uma carruagem, e que talvez fosse o Coronel de volta.

Elinor foi obrigada a se afastar dela, no meio da conversa, para receber o resto do grupo. Lady Middleton apresentou os dois desconhecidos; Mrs. Dashwood e Margaret desceram as escadas nesse mesmo momento, e todos começaram a olhar uns para os outros, enquanto Mrs. Jennings continuou sua história ao entrar pelo corredor da sala, acompanhada por Sir John.

Mrs. Palmer era vários anos mais jovem que Lady Middleton, e totalmente diferente dela em todos os aspectos. Era baixa e robusta, tinha



um rosto bonito e possuía a maior expressão de bom humor que se pode imaginar. Seus modos não eram em absoluto tão elegantes como os de sua irmã, porém eram muito mais agradáveis. Chegou sorrindo e assim permaneceu por todo o tempo que durou a visita, exceto quando dava uma gargalhada. E sorriu quando foram embora. Seu marido era um homem jovem e sério, de vinte e cinco ou vinte e seis anos, com ar mais elegante e sensato que sua esposa, porém com menos desejo de agradar e ser agradado. Entrou no chalé com ar de autossuficiência, se inclinou levemente para cumprimentar as damas, sem pronunciar uma palavra e, após inspecionar as Dashwoods e os aposentos brevemente, pegou um jornal que estava sobre a mesa e permaneceu lendo-o até o final da visita.

Mrs. Palmer, pelo contrário, a quem a natureza havia dotado de grande disposição para ser invariavelmente cortês e feliz, mal havia se sentado e já demonstrava admiração pela sala e tudo que havia nela.

– Vejam! Que linda sala! Nunca vi algo tão encantador! Veja, mamãe, como está bem melhor desde a última vez em que estive aqui! Eu sempre achei este chalé um lugar agradável, (virando-se para Mrs. Dashwood), mas você o tornou ainda mais encantador! Veja, mana, como tudo aqui é delicioso. Como gostaria de ter uma casa assim! Você não gostaria, Mr. Palmer?

Mr. Palmer não respondeu, e sequer tirou os olhos do jornal.

–Mr. Palmer não me ouviu – disse ela, rindo – ele nunca me ouviu. É tão ridículo!

Esta era uma ideia bastante nova para Mrs. Dashwood, que não estava acostumada a achar divertido alguém faltar a atenção com outra pessoa, e não pôde deixar de olhar com surpresa para os dois.

Mrs. Jennings, entretanto, seguia falando o mais alto que podia e continuou seu relato sobre a surpresa que tivera na noite passada, ao ver seus amigos – e não cessou um minuto até que conseguisse contar tudo. Mrs. Palmer ria com grande entusiasmo ao recordar do seu espanto, e todos

concordaram, duas ou três vezes, que havia sido uma surpresa muito agradável.

– Você pode imaginar o quanto ficamos contentes ao vê-los – acrescentou Mrs. Jennings, inclinando-se para frente na direção de Elinor e falando em voz baixa como se não quisesse que mais ninguém a ouvisse, embora estivessem sentadas em lados opostos da sala – mas não posso deixar de desejar que eles não tivessem viajado tão rápido, nem feito tão longa jornada, pois deram uma volta para ir a Londres por causa dos negócios, porque, você sabe, (apontou para sua filha com uma expressiva inclinação da cabeça) é muito inconveniente viajar no estado dela. Eu queria que ela ficasse em casa e descansasse pela manhã, mas ela insistiu em vir conosco, queria muito conhecer vocês todas!

Mrs. Palmer riu, e disse que não havia mal algum.

– Ela espera dar à luz em fevereiro – continuou Mrs. Jennings.

Lady Middleton não aguentava mais ouvir aquela conversa e logo tratou de perguntar a Mr. Palmer se havia alguma notícia importante no jornal.

– Não, não há nada – respondeu Mr. Palmer e continuou lendo.

– Aí vem Marianne – exclamou Sir John. – Agora, Palmer, você verá uma menina terrivelmente bonita.

Ele foi imediatamente para o corredor, abriu a porta da frente e a acompanhou para dentro de casa. Assim que ela surgiu, Mrs. Jennings perguntou se ela não estivera em Allenham e Mrs. Palmer deu uma grande gargalhada, o que demonstrou que ela sabia da história. Mr. Palmer a observou enquanto entrava na sala, examinou-a durante alguns minutos e voltou a ler o jornal. Mrs. Palmer começou a observar os desenhos pendurados nas paredes da sala. Em seguida se levantou para examiná-los.

– Oh, querida! Como são belos! Como são encantadores! Estou encantada! Veja mamãe, como são lindos! Acho-os bastante charmosos, eu poderia passar a vida inteira olhando para eles – voltou a sentar-se e logo se esqueceu de que havia tais coisas na sala.

Quando Lady Middleton levantou-se para ir embora, Mr. Palmer também se levantou, deixou o jornal, esticou-se e olhou para todos à sua volta.

– Meu querido, você esteve dormindo? – disse a esposa, rindo.

Ele não respondeu, apenas observou, após examinar novamente o cômodo, que o teto era muito baixo e que estava torto. Então se inclinou diante delas e saiu com os demais.

Sir John havia insistido para que passassem o dia seguinte em Barton Park. Mrs. Dashwood que não achava adequado jantar com eles mais vezes do que eles jantavam no chalé, recusou absolutamente o convite, mas permitiu que suas filhas aceitassem se quisessem. Mas elas não tinham nenhuma curiosidade de ver como Mr. e Mrs. Palmer comiam seu jantar, e a perspectiva de jantar com eles não prometia nenhuma diversão. Tentaram se desculpar também: o tempo estava instável e provavelmente não iria melhorar. Mas Sir John não se deu por satisfeito e disse que a carruagem seria enviada para buscá-las e elas teriam de ir. Lady Middleton também insistiu para que elas fossem, embora não pressionasse a mãe das moças. Mrs. Jennings e Mrs. Palmer juntaram-se aos pedidos, todos pareciam igualmente ansiosos por evitar uma reunião familiar, e as jovens Dashwoods foram obrigadas a ceder.

– Por que eles tinham que nos convidar? – disse Marianne, assim que eles saíram. – O aluguel do chalé é considerado baixo, mas as condições são muito duras, se temos que jantar em Barton Park cada vez que alguém os visita ou está nos visitando.

– Não, não querem ser menos educados e gentis conosco agora – disse Elinor – com esses convites frequentes, do que quando chegamos, há poucas semanas. Se suas reuniões agora são entediantes e aborrecidas para nós, não é culpa deles. Temos que procurar essa mudança em outro lugar.

[1] Câmara dos Comuns (ou Casa dos Comuns) é o nome histórico da câmara inferior do parlamento; equivalente a Câmara dos Deputados no Brasil. (N. T.)

[2] Na Inglaterra, os meninos que tinham a intenção de ingressar no Exército ou na Marinha, começavam o treinamento por volta dos doze anos de idade. (N. T.)

[3]A Universidade de Oxford, situada na cidade de Oxford, na Inglaterra, é a mais antiga universidade do país, e uma das mais antigas do mundo. (N. T.)

[4] Mrs. Dashwood se refere ao romance de Richard Graves (1715 – 1804), *Columella or the Distressed Anchorite*, de 1779. O livro conta a história de um pai que nunca trabalhou, mas tinha aspirações profissionais variadas para seus filhos. (N. T.)

## CAPÍTULO 20

No dia seguinte, quando as Dashwoods entraram na sala de estar por uma porta, Mrs. Palmer entrou correndo pela outra, parecendo bem humorada e alegre como antes. Pegou-as pelas mãos, muito afetuosamente, e manifestou grande prazer em vê-las novamente.

– Estou tão feliz em vê-las! – disse ela, sentando-se entre Elinor e Marianne – porque o dia está tão feio que tive receio de que não viessem, o que seria horrível, já que vamos embora amanhã. Devemos ir, pois, como sabem, os Westons chegam à nossa casa na semana que vem. Foi uma decisão repentina essa nossa vinda, e eu não sabia de nada até que a carruagem chegou à nossa porta e, só então Mr. Palmer me perguntou se eu iria com ele a Barton. Ele é tão engraçado! Nunca me diz nada! Sinto tanto por não podermos permanecer mais tempo, mas espero que logo nos encontremos de novo em Londres.

Elas se viram obrigadas a por um fim naquela expectativa.

– Não vão à Londres! – exclamou Mrs. Palmer, rindo – Ficarei muito desapontada se não forem. Eu conseguiria a casa mais bonita do mundo para vocês, próxima à nossa em Hanover Square. Vocês têm que ir. Eu ficaria muito feliz em ciceroneá-las a qualquer hora, até o parto, se Mrs. Dashwood não gostar de sair em público.

Elas agradeceram, mas se viram obrigadas a resistir a todas as suas investidas.

– Oh, meu amor! – exclamou Mrs. Palmer para o marido, que acabava de entrar na sala – você deve ajudar-me a persuadir as Dashwoods a irem a Londres neste inverno.

Seu amor não respondeu e, após inclinar-se ligeiramente diante das jovens, começou a queixar-se do clima.

– Que horrível é isso tudo! – disse ele. – Um clima assim torna tudo e todos desagradáveis. Com a chuva, o aborrecimento invade todos os cantos, tanto fora quanto dentro de casa. Faz com que detestemos todos os nossos conhecidos. Por que diabos Sir John não tem uma mesa de bilhar em

casa? Como são poucos os que sabem o que é conforto! Sir John é tão enfadonho quanto o tempo.

O resto do grupo logo se uniu a eles.

– Receio, Miss Marianne – disse Sir John – que você não tenha podido fazer sua caminhada usual até Allenhams hoje.

Marianne olhou muito séria e não disse nada.

– Oh, não seja tão dissimulada conosco – disse Mrs. Palmer – pois sabemos tudo sobre o assunto, e eu admiro muito seu gosto, pois acho Willoughby extremamente bonito. Como sabe, nós não moramos muito longe dele – não mais que dezesseis quilômetros, ousou dizer.

– Muito mais, cerca de cinquenta quilômetros – disse seu esposo.

– Ah, bem! Não é uma diferença tão grande. Nunca estive em sua casa, mas dizem que é um lindo lugar.

– Nunca vi um lugar mais detestável em toda minha vida – disse Mr. Palmer.

Marianne permaneceu no mais absoluto silêncio, embora seu semblante traísse seu interesse pelo que diziam.

– É muito feio? – continuou Mrs. Palmer – Então suponho que deve ser outro lugar que é tão lindo.

Quando estavam sentados na sala de jantar, Sir John observou com tristeza que eram ao todo apenas oito pessoas.

– Minha querida – disse à esposa – é muito desagradável que sejamos tão poucos. Por que você não convidou os Gilberts para jantar conosco hoje?

– Eu não lhe disse, Sir John, quando me perguntou sobre isso antes, que era impossível? A última vez foram eles que jantaram aqui.

– Você e eu, Sir John – disse Mrs. Jennings –, não devemos ter tanta cerimônia.

– Então seria muito mal educada – exclamou Mr. Palmer.

– Meu amor, você contradiz todo mundo – disse sua esposa, com o sorriso habitual. – Sabia que está sendo muito grosseiro?

– Eu não sabia que estava contradizendo alguém ao chamar sua mãe de mal educada.

– Ah, pode maltratar-me o quanto quiser – exclamou Mrs. Jennings com seu habitual bom humor. – Tirou Charlotte das minhas mãos e não pode devolvê-la. Por isso levo vantagem em cima de você.

Charlotte deu uma gargalhada ao pensar que seu esposo não podia livrar-se dela e alegremente disse que não se importava com o quanto ele a irritava, pois tinham que viver juntos. Era impossível ter melhor coração ou estar mais decidida a ser feliz do que Mrs. Palmer. A estudada indiferença, a insolência e o descontentamento de seu marido não lhe causavam dor, e quando ele se irritava com ela ou a tratava mal, parecia divertir-se muito.

– Mr. Palmer é tão engraçado! – disse ela, sussurrando, para Elinor. – Ele está sempre de mau humor.

Elinor não estava disposta, depois de observá-lo um pouco, a acreditar que ele fosse tão genuína e naturalmente irritante ou mal educado como desejava parecer. Seu temperamento podia estar um pouco contrariado por descobrir, como muitos outros homens, que apesar de sua enigmática beleza, ele era casado com uma mulher muito tola... mas sabia que esse tipo de desatino era comum demais para que qualquer homem sensato se sentisse afetado por muito tempo. Elinor acreditava que era mais o desejo de se mostrar que provocava aquele tratamento displicente com todos, e seu generalizado desdém por tudo o que estivesse à sua frente. Era o desejo de parecer superior aos demais. O motivo era comum demais para causar surpresa, porém os meios, por bem sucedidos que fossem em estabelecer sua superioridade pela falta de educação, não atraíam ninguém que não fosse sua esposa.

– Oh, minha querida Miss Dashwood – disse Mrs. Palmer logo em seguida – tenho um favor tão grande para pedir a você e sua irmã. – Vocês iriam a Cleveland<sup>[1]</sup> e passariam algum tempo conosco no Natal? Por favor, aceitem, e juntem-se a nós, já que os Westons também estarão conosco. Vocês não podem imaginar o quanto eu ficaria feliz! Seria muito agradável! Meu amor – disse, dirigindo-se ao marido – você não gostaria de receber as Dashwoods em Cleveland?

– Certamente – respondeu ele com sarcasmo –, vim a Devonshire com este único propósito.

– Então – disse Mrs. Palmer –, como veem, Mr. Palmer as espera, assim não podem recusar.

Ambas recusaram o convite de maneira ansiosa e resoluta.

– Mas devem e precisam ir. Tenho certeza de que vocês gostarão de tudo. Os Westons estarão conosco e será muito agradável. Não podem imaginar como Cleveland é deliciosa, e nós nos divertimos muito, pois Mr. Palmer está o tempo todo viajando pelo interior, trabalhando na campanha eleitoral, e muitas pessoas jantam conosco, como eu nunca havia visto antes, é absolutamente encantador! Mas, pobre coitado! É muito cansativo para ele! Pois é forçado a fazer com que todos o apreciem.

Elinor mal podia se manter séria ao concordar o quanto essa obrigação era difícil.

– Que delícia será – disse Charlotte – quando ele estiver no Parlamento! Não é? Como vou rir! Será tão ridículo ver todas as cartas endereçadas a ele com as iniciais M.P. [2]. Mas, vocês sabiam que ele disse que nunca franqueará as minhas cartas? Não é verdade, Mr. Palmer?

Mr. Palmer nem tomou conhecimento do que ela falava.

– Ele não suporta escrever – continuou –, diz que é muito desagradável.

– Não – disse ele – eu nunca disse algo tão irracional. Não me impinja todos os seus abusos contra a língua.

– Agora, veja só como ele é engraçado! Ele sempre é assim! Em certas ocasiões passa a metade do dia sem conversar comigo, e depois vem com algo tão engraçado sobre qualquer assunto.

Elinor ficou muito surpresa quando elas voltaram para a sala de estar e Mrs. Palmer perguntou se ela não gostava muito de Mr. Palmer.

– Certamente – disse Elinor – ele parece ser muito agradável.

– Bem, alegro-me muito em saber disso. Imaginei que você gostava dele, pois ele é tão agradável, posso lhe garantir que Mr. Palmer gosta muito de você e de suas irmãs, e vocês não imaginam o quanto ele ficará desolado



se não nos visitarem em Cleveland. Não posso imaginar porque se recusam a ir.

Elinor foi obrigada a recusar o convite novamente, e mudando de assunto, colocou um ponto final nas insistências dela. Pensava na probabilidade de que, por viver na mesma região, Mrs. Palmer pudesse dar-lhes referências mais detalhadas sobre o caráter de Willoughby do que as que podiam deduzir do conhecimento parcial que os Middletons tinham dele, e ela estava ansiosa por receber de qualquer pessoa a confirmação dos méritos do jovem, bem como eliminar toda possibilidade de temor por Marianne. Começou perguntando-lhe se via Mr. Willoughby em Cleveland com frequência e se tinham relações mais íntimas com ele.

– Oh querida, sim! Conheço-o muitíssimo bem! – respondeu Mrs. Palmer. – Não que já tenha falado com ele alguma vez, mas sempre o vejo na cidade. Por uma ou outra coisa, nunca aconteceu de eu estar em Barton enquanto ele estava em Allenham. Mamãe o viu aqui uma vez, antes, porém eu estava com meu tio em Weymouth[3]. Entretanto, posso dizer que o teria encontrado muitas vezes em Somersetshire, se não tivéssemos a infelicidade de nunca nos encontrarmos. Creio que ele fica muito pouco tempo em Combe, mas, se ficasse mais por lá, não acredito que Mr. Palmer fosse visitá-lo, pois, como você deve saber, Mr. Willoughby é da oposição, e, além disso, fica muito longe. Sei muito bem porque pergunta sobre ele. Sua irmã vai se casar com Willoughby, e fico bastante contente, pois assim a terei como vizinha.

– Dou-lhe minha palavra – disse Elinor – de que você sabe muito mais do assunto do que eu, se tiver alguma razão para esperar que se casem.

– Não tente negá-lo, porque você sabe que todo mundo fala sobre isso. Garanto-lhe que ouvi alguém comentar quando eu passeava pela cidade.

– Minha cara Mrs. Palmer!

– Palavra de honra que ouvi! Segunda-feira de manhã encontrei o Coronel Brandon em Bond Street, um pouco antes de partirmos, e ele contou-me pessoalmente.

– Você me surpreende muito. O Coronel Brandon disse-lhe isso! Seguramente você deve estar enganada. Dar uma informação dessas a

alguém que pode não estar interessada nela, mesmo se fosse verdade, não é algo que eu esperaria que o Coronel Brandon fizesse.

– Mas garanto que sim, tal como lhe disse, e lhe contarei como aconteceu. Quando nós o encontramos, ele voltou e nos acompanhou, em seguida começamos a falar de meu cunhado e minha irmã, e de uma coisa e outra, e eu disse a ele: “Então, Coronel, ouvi dizer que há uma nova família morando no chalé de Barton, e mamãe disse-me que são muito bonitas e que uma delas vai se casar com Mr. Willoughby, de Combe Magna. Conte-me, é verdade? Porque certamente você deve saber, já que estive em Devonshire há pouco tempo”.

– E o que o Coronel disse?

– Oh, ele não disse muita coisa, mas parecia que ele sabia que era verdade, então desde aquele momento dei a coisa como certa. Será maravilhoso! Quando vão se casar?

– Mr. Brandon estava muito bem, espero.

– Oh, sim, muito bem! E cheio de elogios, tudo que fez foi dizer coisas boas sobre você.

– Fico lisonjeada. Ele parece ser um homem excelente, e creio que extremamente agradável.

– Eu também. É um homem encantador, mas é uma lástima que seja tão sério e apático. Mamãe disse-me que *ele* também estava apaixonado por sua irmã. Garanto-lhe que seria um grande cumprimento, porque quase nunca se apaixona por ninguém.

– Mr. Willoughby é muito conhecido na região de Somersetshire?  
– perguntou Elinor.

– Oh! Sim, bastante conhecido. Isto é, não creio que muitas pessoas o conheçam, pois Combe Magna fica muito longe! Mas todos o acham extremamente agradável, posso lhe garantir. Ninguém é mais apreciado que Mr. Willoughby, em qualquer lugar que vá, e pode dizer isso à sua irmã. Ela é uma moça extremamente afortunada por tê-lo conquistado, palavra de honra. Mas ele é ainda mais afortunado por tê-la conquistado, porque ela é muito bonita e agradável, tanto que nada pode ser bom demais para ela. Entretanto, não acho que ela seja mais bonita que você Elinor, de jeito

nenhum! E Mr. Palmer tem o mesmo pensamento, garanto-lhe, apesar de não ter admitido ontem à noite.

As informações de Mrs. Palmer a respeito de Willoughby não foram muito substanciais, mas qualquer testemunho a seu favor, por menor que fosse, agradava Elinor.

– Estou tão contente por finalmente nos conhecermos – continuou Charlotte. – E agora espero que sejamos grandes amigas. Você não conseguiria imaginar o quanto eu desejava conhecê-la! É tão maravilhoso que more em um chalé! Nada se compara, garanto-lhe isso! E estou tão feliz porque sua irmã vai se casar tão bem! Espero que você passe um bom tempo em Combe Magna. É um lugar delicioso, sob todos os pontos de vista.

– Faz muito tempo que você conhece o Coronel Brandon, não é mesmo?

– Sim, bastante tempo, desde o casamento de minha irmã. Ele era amigo íntimo de Sir John. Eu creio – acrescentou Mrs. Palmer em voz baixa – que ele teria gostado muito de ter se casado comigo, se pudesse. Sir John e Lady Middleton também desejavam muito. Porém, mamãe não achou a união suficientemente boa para mim, caso contrário Sir John teria falado com o Coronel e teríamos nos casado imediatamente.

– O Coronel Brandon sabia do pedido de casamento de Sir John à sua mãe antes que ele fosse feito? Alguma vez ele manifestou seu afeto para você?

– Oh, não! Mas se mamãe não tivesse nenhuma objeção, garanto que ele adoraria. Ele não tinha me visto mais que duas vezes, porque foi antes de eu sair da escola. Mas, sou muito mais feliz como sou. Mr. Palmer é o tipo de homem que aprecio.

[1] Cleveland: cidade localizada na região noroeste da Inglaterra. (N. T.)

[2] Membro do Parlamento. (N. T.)

[3] Cidade localizada no sudoeste da Inglaterra. (N. T.)

## CAPÍTULO 21

Os Palmers regressaram a Cleveland no dia seguinte, e as duas famílias de Barton voltaram a entreter uma à outra. Mas isso não durou muito; Elinor mal conseguira tirar da cabeça os últimos visitantes – mal deixara de se espantar com o fato de Charlotte ser tão feliz sem causa aparente, e de Mr. Palmer agir de maneira tão simples sendo um homem de tantas qualidades, além da estranha discordância que às vezes existia entre marido e mulher – e o ativo zelo de Sir John e Mrs. Jennings pela causa da sociedade, já oferecia a Elinor um novo grupo de conhecidos para ver e observar.

Durante um passeio matinal a Exeter, encontraram duas jovens que Mrs. Jennings teve a satisfação de descobrir que eram parentes, e isto bastou para que Sir John as convidasse para visitar Barton Park, assim que terminasse o compromisso que tinham em Exeter. Os compromissos em Exeter foram imediatamente cancelados ante tal convite, e Sir John, assim que voltou para casa, causou bastante surpresa em Lady Middleton ao avisá-la que em breve teriam a visita de duas moças, a quem ela nunca tinha visto na vida, e de cuja elegância e até tolerável nobreza não tinha prova alguma, pois as garantias apresentadas por seu esposo e sua mãe não lhe serviam de nada. O fato de serem parentes atrapalhava ainda mais as coisas, e as tentativas de Mrs. Jennings de consolar a filha foram ainda mais desafortunadas, quando lhe advertiu que não deveria se preocupar se eram elegantes em excesso, porque eram primas e deviam tolerar-se umas às outras. Entretanto, como agora era impossível evitar que viessem, Lady Middleton se resignou com a ideia da visita, com toda filosofia de uma mulher bem-educada, contentando-se apenas com uma gentil repreensão ao marido cinco ou seis vezes ao dia.

As jovens chegaram, e sua aparência não era, em absoluto, pouco refinada ou sem estilo. Os vestidos eram muito elegantes, suas maneiras eram corteses, se mostraram encantadas com a casa e maravilhadas com os móveis, e elas adoravam crianças, o que fez com que Lady Middleton as aprovasse antes que se passasse uma hora de sua chegada. Afirmou que

eram moças muito agradáveis, o que para ela implicava em uma entusiasmada admiração. A confiança de Sir John em seu próprio julgamento cresceu com esses elogios tão calorosos, e ele partiu diretamente em direção ao chalé para contar às Dashwoods a respeito da chegada das Steeles, e para garantir que eram as moças mais doces do mundo. Diante de tal elogio, porém, não havia muito mais para descobrir; Elinor sabia muito bem que as moças mais doces do mundo podiam ser encontradas em qualquer parte da Inglaterra, sob todas as variações possíveis de forma, rosto, temperamento e inteligência. Sir John queria que toda a família fosse imediatamente a Barton Park para ver suas hóspedes. Que homem benevolente e filantrópico! Para ele, era difícil guardar para si até uma prima em terceiro grau.

– Venham agora – disse ele – insisto que venham! Vocês devem vir! Precisam vir! Não podem imaginar o quanto gostarão delas. Lucy é imensamente bonita, bastante bem humorada e agradável! As crianças já estão apegadas a ela, como se fosse uma antiga conhecida. E as duas morrem de vontade de conhecer vocês, pois ouviram em Exeter que vocês são as criaturas mais lindas do mundo, e eu lhes disse que era absolutamente verdade, e muito mais. Tenho certeza que vocês se encantarão com elas. Trouxeram a carruagem cheia de brinquedos para as crianças. Como podem deixar de ir? Afinal de contas, são suas primas de alguma maneira. Vocês são minhas primas, e elas são primas de minha esposa, então vocês possuem algum grau de parentesco.

Mas Sir John não conseguiu convencê-las. Apenas obteve a promessa de que iriam a Barton Park em dois ou três dias, e logo partiu assombrado com a indiferença delas, para voltar para casa e ali mencionar novamente as qualidades das Dashwoods para as Steeles, da mesma maneira que havia elogiado as Steeles para elas.

Quando finalmente visitaram Barton Park e foram apresentadas às duas moças, Elinor e Marianne não encontraram na aparência da mais velha, então com quase trinta anos e um rosto muito comum e sem espírito, nada que pudessem admirar. Mas na outra, que não tinha mais que vinte e dois ou vinte e três anos, perceberam uma beleza considerável; suas feições eram bastante bonitas, tinha um olhar vivo e penetrante e um jeito inteligente que, embora não lhe desse verdadeira elegância ou graça, dava

distinção à sua pessoa. Suas maneiras eram particularmente educadas, e Elinor teve que reconhecer que elas possuíam algum bom senso, quando viu o quanto eram constantes e oportunas as atenções que davam à Lady Middleton. Estavam sempre maravilhadas com as crianças, exaltando sua beleza, atraindo sua atenção e satisfazendo todos os seus caprichos. E no tempo que lhes sobrava das importunas exigências da educação, dedicavam-se a admirar o que quer que Lady Middleton estivesse fazendo, caso ela estivesse fazendo algo, ou copiando o modelo de algum elegante vestido novo, que ao vê-la usar no dia anterior ficaram em completo estado de êxtase. Felizmente para aqueles que buscam adular uma mãe dedicada tocando neste tipo fraquezas, embora ela seja o mais ávido dos seres humanos quando se trata de buscar elogios para os seus filhos, são igualmente os mais crédulos; suas necessidades são exorbitantes, mas engolem qualquer coisa. Desta forma, Lady Middleton aceitava sem a menor surpresa ou desconfiança as demonstrações exageradas de afeto e paciência que as Steeles faziam aos seus filhos. Via com complacência maternal todas as impertinências e travessuras a que as primas se sujeitavam. Observava como as crianças desatavam seus cintos, puxavam seus cabelos, reviravam suas bolsas roubando tesouras e facas, e não teve dúvida alguma de que aquilo era uma diversão recíproca. Parecia que a única coisa que a surpreendia era que Elinor e Marianne ficassem sentadas, tão quietas, sem pedirem para tomar parte no que ocorria.

– John está tão animado hoje! – disse ela, vendo-o pegar o lenço de Miss Steele e jogá-lo pela janela. – Não deixa de fazer travessuras!

E logo depois, quando o segundo de seus filhos beliscou violentamente um dos dedos da mesma moça, observou com carinho:

– Como William é brincalhão!

– E aqui está minha doce Annamaria – acrescentou Lady Middleton, acariciando ternamente sua filhinha de três anos, que não fizera nenhum barulho nos últimos dois minutos – Ela é sempre tão meiga e quieta, jamais existiu uma criança tão tranquila.

Mas infelizmente, ao abraçar a menina, um dos grampos da travessa de cabelo de Lady Middleton arranhou de leve o pescoço da criança, fazendo com que esse padrão de gentileza produzisse gritos tão

violentos que dificilmente poderiam ser superados por qualquer criatura reconhecidamente barulhenta. A consternação de sua mãe foi enorme, mas não pôde superar o alarma das Steeles, e, em uma emergência tão crítica, as três fizeram tudo que o afeto lhes permitiu fazer para apaziguar a agonia da pequena sofredora. Foi colocada no colo da mãe, coberta de beijos, e uma das Steeles ficou de joelhos para limpar sua ferida com água de lavanda, enquanto a outra enchia a boca da menina com confeitos. Com tal prêmio por suas lágrimas, a criança foi muito esperta para deixar de chorar. Continuou gritando e soluçando bem alto, deu chutes nos irmãos quando estes tentaram tocá-la, e nada do que faziam para acalmá-la teve o menor resultado, até que felizmente Lady Middleton lembrou-se que, em uma cena de aflição semelhante na semana anterior, usaram um pouco de geleia de damasco para um machucado na têmpora, e então propôs insistentemente o mesmo remédio para o infortunado arranhão; ao ouvir aquilo a menininha fez um breve intervalo de silêncio, o que lhes deu motivos para acreditar que não seria rejeitado. Ela foi levada para fora da sala nos braços da mãe, em busca do remédio, e os meninos acabaram seguindo-as, apesar de veementemente instados pela mãe a ficarem. As quatro jovens foram deixadas em um silêncio que a sala não conhecia há muitas horas.

– Pobres criaturas! – disse Miss Steele, assim que elas saíram. – Pode ter sido um acidente muito triste.

– Não vejo como – exclamou Marianne – a menos que tivesse ocorrido em circunstâncias muito diferentes. Mas esta é a maneira habitual de exagerar o alarme, quando na realidade não há nada de assustador.

– Que mulher encantadora é Lady Middleton! – disse Lucy Steele.

Marianne ficou em silêncio, era-lhe impossível dizer algo que não sentia, por mais trivial que fosse a situação, e desta forma sempre recaía sobre Elinor toda a tarefa de dizer mentiras quando a educação exigisse. Ela fez o melhor possível, quando foi instada, falando de Lady Middleton com mais entusiasmo do que sentia, apesar de ficar muito aquém de Miss Lucy.

– E Sir John também – exclamou a irmã mais velha. – Que homem encantador!

Também neste caso, como a boa opinião que Miss Dashwood tinha dele era apenas simples e justa, não teve nenhum exagero. Apenas observou

que era muito bem humorado e amigável.

– E que encantadora família eles têm! Nunca vi crianças tão maravilhosas em toda minha vida. Posso dizer que já os adotei a todos! E eu, de fato, nunca fui apaixonada por crianças.

– Seria capaz de imaginar – disse Elinor sorrindo – depois do que vi esta manhã.

– Tenho a impressão – disse Lucy – que você acha os filhos dos Middletons um tanto mimados demais, talvez sejam um pouco mais do que devem, mas é tão natural em Lady Middleton, e da minha parte, me encanta ver crianças tão cheias de vida e alegria, não as suporto quando são dóceis e quietas.

– Eu confesso – respondeu Elinor – que quando estou em Barton Park, nunca penso com horror em crianças dóceis e quietas.

Uma pequena pausa sucedeu essas palavras, a qual foi quebrada por Miss Steele, que parecia muito disposta a conversar e disse de maneira muito repentina:

– E o que acha de Devonshire, Miss Dashwood? Suponho que sentiu muito ao ter que deixar Sussex.

Com certa surpresa pela familiaridade da pergunta, ou pelo menos pelo modo como foi feita, Elinor respondeu que sim.

– Norland é um lugar prodigiosamente bonito, não é verdade? – acrescentou Miss Steele.

– Ouvimos que Sir John tem uma enorme admiração pelo lugar – disse Lucy, que parecia julgar necessária alguma desculpa para justificar a liberdade tomada pela irmã.

– Eu creio que todos que ali estiveram *devem* admirar – respondeu Elinor – embora não seja de se supor que alguém aprecie suas belezas como nós.

– E lá havia muitos rapazes bonitos? Acho que não existem muitos por aqui, e quanto a mim, creio que eles nunca são demais.

– Mas por que pensaria – disse Lucy, um tanto envergonhada da irmã – que não há muitos jovens distintos em Devonshire como há em Sussex?



– Não, minha querida, não é isso, não tenho a intenção de dizer que não existam. Tenho certeza que há muitos rapazes bonitos em Exeter, mas como eu poderia saber se existem tais rapazes em Norland? E eu apenas temia que as Dashwoods pudessem achar Barton um lugar entediante, se aqui não houvesse tantos como lá. Mas, mocinhas, talvez vocês não se preocupem muito com os rapazes bonitos, e sigam suas vidas com ou sem eles. Da minha parte, penso que são bastante agradáveis, sempre que se vistam de maneira elegante e se comportem gentilmente. Mas não suporto vê-los sujos e desleixados. Veja, por exemplo, Mr. Rose de Exeter, ele é um prodigioso jovem, muito bonito, empregado de Mr. Simpson, e se, por acaso, o encontram pela manhã, não é algo agradável de ver. Miss Dashwood, creio que seu irmão era um rapaz muito bonito, antes de se casar, pois era tão rico, não é mesmo?

– Dou-lhe minha palavra – respondeu Elinor – que não saberia dizê-lo, não entendo muito bem o significado da palavra. Mas posso lhe garantir que, se alguma vez ele foi um bonitão antes de se casar, ainda o é, pois não mudou nada desde então.

– Oh, querida! Nunca se pensa em homens casados como exemplos de beleza, eles têm mais o que fazer.

– Meu Deus, Anne! – exclamou a irmã – você só fala de rapazes bonitos, agindo assim vai fazer com que Miss Dashwood acredite que você só pensa nisso.

Então para mudar de assunto, ela começou a admirar a casa e os móveis.

Esta amostra do que eram as Steeles foi suficiente. As vulgares liberdades tomadas e a insensatez da mais velha não a recomendavam, e como Elinor não se deixara influenciar pela beleza ou sagacidade da mais jovem, a ponto de não perceber sua falta de elegância e naturalidade, deixou a casa sem o menor interesse em conhecê-las melhor.

O mesmo não aconteceu com as Steeles. Vieram de Exeter cheias de admiração por Sir John, sua família e todos os seus parentes, e uma boa proporção era agora reservada às suas primas, que declaravam ser as moças mais bonitas, elegantes, perfeitas e agradáveis que já tinham visto, e com as quais desejavam estreitar os laços de amizade. Conhecerem-se melhor,

como Elinor logo descobriu, era sua sina inevitável, pois Sir John estava tão completamente a favor das Steeles, que o grupo deles era forte demais para alguém se opor, e elas teriam de se sujeitar àquele tipo de intimidade que consiste em permanecerem sentados no mesmo aposento durante uma ou duas horas, quase que diariamente. Sir John não podia fazer nada além disso, mas não sabia que era preciso algo mais. Em sua opinião, o fato de estarem juntas significava serem íntimas, e enquanto seus planos para que se reunissem surtisse efeito, não lhe restavam dúvidas de que eram amigas de verdade.

Para fazer-lhe justiça, Sir John fez tudo ao seu alcance para promover uma relação sem reservas entre elas, contando às Steeles tudo o que sabia, ou imaginava saber, a respeito da situação de suas primas nos aspectos mais delicados. E assim, antes que Elinor as visse mais do que duas vezes, foi felicitada pela mais velha por sua irmã ter tido a sorte de conquistar um homem tão bonito, depois que chegaram a Barton.

– Vai ser ótimo que se case tão jovem, tenho certeza – disse ela – e ouvi dizer que ele é muito bonito, lindíssimo. E espero que você também tenha a mesma sorte em breve, mas talvez você já tenha um pretendente por aí.

Elinor não podia imaginar que Sir John fosse mais discreto em proclamar suas suspeitas a respeito de Edward, do que fizera a respeito de Marianne. De fato, das duas esta era sua piada favorita, por ser mais nova e suscetível a conjecturas, e desde a visita de Edward, eles nunca mais jantaram juntos sem que ele brindasse a saúde de pessoas queridas como ela, com uma voz tão cheia de significados, tantos movimentos da cabeça e piscadelas, que chamava a atenção de todos. A letra F também foi invariavelmente mencionada e com ela foram feitas tantas piadinhas, que há muito tempo a impuseram a Elinor como sendo a letra mais engenhosa do alfabeto.

As Steeles, tal como ela havia imaginado, passaram a gozar dos benefícios dessas piadas, e a mais velha ficou bastante curiosa em saber o nome do cavalheiro a que faziam alusão, curiosidade que, embora muitas vezes expressa em termos impertinentes, eram perfeitamente consistentes com seus constantes questionamentos sobre os assuntos relacionados à família Dashwood. Mas Sir John não brincou muito tempo com a

curiosidade dela – algo que ele tinha satisfação em aumentar, pois sentia um prazer, no mínimo, tão grande em contar o nome, quanto Miss Steele em ouvi-lo.

– O nome dele é Ferrars – disse ele, com um sussurro muito alto – mas peço-lhe que não conte a ninguém, pois é um grande segredo.

– Ferrars! – repetiu Miss Steele – Mr. Ferrars é o felizardo, não é? Como! O irmão de sua cunhada, Miss Dashwood? Um rapaz muito agradável, com certeza, conheço-o muito bem.

– Como pode dizer isso, Anne? – exclamou Lucy, que geralmente corrigia todas as declarações da irmã. – Embora nos tenhamos visto uma ou duas vezes na casa de meu tio, é um exagero dizer que o conhecemos muito bem.

Elinor ouviu tudo com atenção e surpresa. “E quem era esse tio? Onde ele morava? Como se conheceram?” Ela desejava muito que o assunto continuasse, embora preferisse não se juntar à conversa, porém nada mais foi dito a respeito e, pela primeira vez em sua vida, pensou que faltava à Mrs. Jennings tanto a curiosidade diante de tão pouca informação, quanto o desejo de transmiti-la. A forma como Miss Steele falara de Edward aumentou sua curiosidade, porque sentiu que ela falou de maneira maliciosa, e levantava a suspeita de que ela sabia, ou imaginava saber, alguma falha do rapaz. Mas sua curiosidade foi em vão, porque Miss Steele não prestou mais atenção no nome de Mr. Ferrars quando se fazia alusão a ele ou até mesmo quando era abertamente mencionado por Sir John.

## CAPÍTULO 22

Marianne que nunca teve muita tolerância para certas coisas como impertinência, vulgaridade, inferioridade de sentimentos, e até gostos muito diferentes dos seus, nesta ocasião estava particularmente indisposta, devido ao seu estado de ânimo, para tentar ser agradável com as Steeles, ou para encorajar suas tentativas de aproximação. À invariável frieza de seu comportamento em relação a elas, que frustrava todas as tentativas que faziam para estabelecer uma relação de intimidade, Elinor atribuía grande parte daquela preferência por ela que se tornou evidente nas maneiras de ambas, especialmente de Lucy, que não perdia nenhuma oportunidade de estabelecer uma conversa ou de tentar melhorar seu relacionamento com uma simples e franca comunicação de sentimentos.

Lucy era naturalmente inteligente, suas observações eram muitas vezes justas e divertidas, e como companhia durante meia hora, frequentemente Elinor a considerava agradável. Mas suas capacidades inatas não receberam o reforço da educação, ela era ignorante e iletrada, e sua deficiência de todo refinamento intelectual, sua falta de informação sobre os assuntos mais comuns, não podiam passar despercebidos a Miss Dashwood, apesar dos esforços que a jovem fazia para parecer superior. Elinor percebeu, e sentia pena por isso, o desperdício de capacidades que a educação tornaria respeitáveis, mas percebeu, com menos ternura, a falta de delicadeza, de retidão moral e de integridade de opiniões, que eram demonstradas pelas atenções, pela bajulação e pela dissimulação com as quais tratava os Middletons. Além disso, não podia encontrar satisfação duradoura na companhia de uma pessoa na qual a ignorância fazia par com a falsidade, cuja falta de instrução impedia uma conversa em condições de igualdade entre elas, e cuja conduta para com os outros tornava sem valor qualquer demonstração de atenção e deferência com ela.

– Você vai achar minha pergunta um tanto estranha – disse Lucy um dia, enquanto caminhavam juntas de Barton Park até o chalé – mas, diga-me, por favor, conhece pessoalmente a mãe de sua cunhada, Mrs. Ferrars?

Elinor *achou* a pergunta muito estranha, e seu semblante deixou transparecer isso, enquanto respondia que nunca tinha visto Mrs. Ferrars.

– É mesmo! – replicou Lucy – é uma surpresa para mim, pois pensei que você a tivesse encontrado algumas vezes em Norland. Então não poderia me dizer que tipo de mulher ela é?

– Não, não sei nada sobre ela – respondeu Elinor, cautelosa para evitar dar sua verdadeira opinião sobre a mãe de Edward, e sem grandes desejos de satisfazer o que parecia uma curiosidade impertinente.

– Estou certa que pensará que sou muito estranha, por fazer perguntas sobre ela dessa maneira – disse Lucy, olhando atentamente para Elinor, enquanto falava – mas talvez existam motivos... Quisera poder me atrever, mas, confio no seu bom senso em acreditar que não desejo ser impertinente.

Elinor respondeu educadamente, e elas caminharam por alguns minutos em silêncio, que foi quebrado por Lucy quando retomou o assunto, dizendo de modo vacilante:

– Eu não posso suportar que você pense que sou impertinentemente curiosa. Tenho certeza que daria qualquer coisa do mundo para que você, que é uma pessoa de boa opinião, não pense isso de mim. Estou certa que não teria o menor temor em confiar em  *você*, na verdade ficaria muito contente se me desse um conselho a respeito de uma situação muito desconfortável como esta em que me encontro, mas não quero incomodá-la. Lamento que não conheça Mrs. Ferrars.

– Também lamento *não* conhecê-la – disse Elinor, perplexa – já que poderia ser de alguma utilidade para você saber minha opinião sobre Mrs. Ferrars. Mas eu nunca soube que você tivesse alguma ligação com aquela família, e, portanto, estou um pouco surpresa, confesso, com esse questionamento sobre o caráter dela.

– Sei que está surpresa, e devo dizer que não me admira que esteja. Mas se eu ousasse lhe contar tudo, você não ficaria tão surpresa. Na realidade Mrs. Ferrars não é nada para mim no momento, mas chegará o dia – e quando isso vai acontecer é algo que dependerá dela – em que seremos intimamente ligadas.

Baixou os olhos ao dizer isto, docemente tímida, com apenas um olhar de relance para ver a reação de Elinor.

– Deus do céu! – exclamou Elinor – O que quer dizer com isso? Você está comprometida com Mr. Robert Ferrars? É possível? – E Elinor não se sentiu muito contente com a ideia de tê-la como cunhada.

– Não – respondeu Lucy – não Mr. *Robert Ferrars*. Eu nunca o vi em toda minha vida, mas – fixando os olhos em Elinor – refiro-me ao seu irmão mais velho.

O que Elinor sentiu naquele momento? Espanto, que teria sido tão doloroso quanto violento, se não houvesse desconfiado imediatamente da declaração que acabara de ouvir. Ela se virou para Lucy em silencioso assombro, incapaz de adivinhar a razão ou o motivo daquela declaração, e apesar de seu rosto mudar de cor, manteve-se firme na incredulidade, e sentiu-se livre de um ataque histérico ou um desmaio.

– Você deve estar surpresa – continuou Lucy – pois certamente não poderia ter nenhuma ideia a esse respeito, já que tenho certeza que ele nunca deixou escapar o menor indício sobre o assunto, nem a você nem à sua família. Foi sempre um grande segredo, e posso assegurar que não saiu da minha boca uma só palavra até o momento. Nem sequer uma pessoa de minha família sabe, com exceção de Anne, e jamais teria dito a você se não tivesse a maior confiança do mundo na sua discrição; e realmente achei que meu comportamento ao lhe fazer tantas perguntas sobre Mrs. Ferrars foi um tanto estranho, e necessitava uma explicação. Não creio que Mr. Ferrars possa se sentir contrariado ao saber que eu confiei em você, pois sei que ele tem a melhor opinião do mundo sobre sua família, e considera você e às outras srtas. Dashwood como se fossem suas próprias irmãs – ela fez uma pausa.

Elinor permaneceu em silêncio por alguns momentos. Estava tão espantada com o que ouvira que não tinha palavras para expressar sua opinião, mas depois de um tempo, obrigando-se a falar, e falar com cuidado, disse de um modo tranquilo que ocultava de maneira razoável sua surpresa e ansiedade:

– Posso perguntar-lhe se seu compromisso é de longa data?

– Nós estamos noivos há quatro anos.

– Quatro anos!

– Sim.

Elinor, bastante chocada, ainda assim não conseguia acreditar naquilo.

– Até outro dia eu não sabia sequer que vocês se conheciam – disse ela.

– Nós nos conhecemos, porém, há muitos anos. Ele esteve sob os cuidados de meu tio, como sabe, por um bom tempo.

– Seu tio!

– Sim, Mr. Pratt. Você nunca ouviu Edward falar de Mr. Pratt?

– Eu creio que sim – respondeu Elinor, fazendo um esforço que aumentava à medida que sua emoção aumentava.

– Ele ficou quatro anos com meu tio, que mora em Longstaple, próximo a Plymouth. Foi quando nos conhecemos, pois eu e minha irmã sempre ficávamos na casa de meu tio, e foi lá que firmamos nosso compromisso, só um ano depois que ele deixara de ser seu aluno, embora continuasse a nos visitar. Como você deve imaginar, eu não me sentia muito à vontade em continuar aquela relação sem a aprovação da mãe dele, mas eu era muito jovem e o amava muito para ser prudente como deveria ter sido. Embora você não o conheça tão bem quanto eu, Miss Dashwood, deve ter visto o suficiente para dar-se conta de que ele é muito capaz de despertar em uma mulher um afeto sincero por ele.

– Certamente – respondeu Elinor, sem saber o que dizia, mas após um momento de reflexão, ela acrescentou, com renovada segurança na honra e no amor de Edward, e na falsidade de sua companheira:

– Comprometida com Mr. Ferrars! Confesso que estou completamente surpresa com o que você disse, que na verdade, peço-lhe que me desculpe, mas com toda certeza deve haver algum equívoco de pessoa ou de nome. Não podemos estar falando do mesmo Mr. Ferrars.

– Não podemos estar falando de nenhum outro – exclamou Lucy, sorrindo. – Mr. Edward Ferrars, o filho mais velho de Mrs. Ferrars, de Park Street, e irmão de sua cunhada, Mrs. John Dashwood, é a pessoa a quem me

refiro. Há de convir que não posso estar enganada com relação ao nome daquele de quem depende minha felicidade.

– É estranho – respondeu Elinor, completamente perplexa – que eu nunca o tenha ouvido sequer mencionar seu nome.

– Não, considerando a nossa situação, não é estranho. Nossa principal preocupação foi manter o assunto em segredo. Você não sabia nada sobre mim ou sobre minha família, e, portanto, não podia haver oportunidade para ele mencionar meu nome a você, e, como ele era particularmente preocupado que a irmã suspeitasse de algo, já era motivo suficiente para não mencionar nada a meu respeito.

Ela ficou em silêncio. A segurança de Elinor desapareceu, mas ainda lhe restava seu autocontrole.

– Quatro anos que vocês estão comprometidos! – disse ela com voz firme.

– Sim, e Deus sabe quanto tempo mais teremos que esperar. Pobre Edward! Isso o deixa de coração partido. – E então, tirando uma pequena miniatura de seu bolso, acrescentou: – Para evitar a possibilidade de um engano, tenha a bondade de olhar esse rosto. É verdade que não lhe faz justiça, mas ainda assim penso que não pode ter dúvidas a respeito da pessoa que está ali desenhada. Já tenho essa imagem há mais de três anos.

Enquanto dizia essas palavras, colocou a miniatura nas mãos de Elinor. E quando Elinor viu a pintura, quaisquer outras dúvidas que o seu receio de uma decisão bastante apressada ou seu desejo de detectar uma falsidade ainda pudessem manter em seu espírito, agora se esvaíam ante a certeza de que aquele era o rosto de Edward. Devolveu a miniatura quase imediatamente, reconhecendo a semelhança.

– Eu nunca pude – continuou Lucy – dar meu retrato a ele, o que me incomoda muito, pois ele sempre quis tê-lo! Mas estou decidida a dar-lhe meu retrato na primeira oportunidade que tiver.

– Você tem toda razão – respondeu Elinor tranquilamente. Deram alguns passos em silêncio. Lucy falou primeiro.

– Estou certa – disse ela –, não tenho nenhuma dúvida de que guardará fielmente este segredo, porque sabe o quanto é importante para nós que essa informação não chegue aos ouvidos de Mrs. Ferrars, já que ela



nunca aprovaria nossa união. Não tenho nenhuma fortuna, e imagino que ela é uma mulher extremamente orgulhosa.

– Eu não busquei suas confidências – disse Elinor – mas você não me faz mais que justiça ao imaginar que sou confiável. Seu segredo está seguro comigo, mas perdoe-me se expresso alguma surpresa ante uma comunicação tão desnecessária. Ao menos deve ter sentido que o fato de eu conhecê-lo não o torna mais seguro.

Enquanto dizia isto, olhava Lucy com firmeza, na esperança de descobrir algo em seu semblante, talvez a falsidade da maior parte do que dissera, contudo, a fisionomia de Lucy permaneceu inalterada.

– Tive medo que pensasse que estou tomando grandes liberdades com você – disse ela – ao contar-lhe tudo isso. Não a conheço há muito tempo, ao menos pessoalmente, mas já faz um longo tempo que conheço você e sua família de ouvir falar. Assim que a vi, senti como se fosse uma velha amiga. Além disso, neste caso, realmente pensei que lhe devia alguma explicação depois de ter feito tantas perguntas sobre a mãe de Edward, e infelizmente não tenho ninguém a quem pedir conselhos. Anne é a única pessoa que sabe disso, mas ela não tem juízo, na verdade, causa-me muito mais prejuízo do que ajuda, porque estou sempre com medo que traia o meu segredo. Ela não sabe segurar a língua, como deve ter percebido, e confesso que jamais senti tanto medo de que ela contasse, como ocorreu outro dia, quando Sir John mencionou o nome de Edward. Não imagina o quanto sofro com isto. Já estou surpresa por estar viva depois de tudo que sofri por causa de Edward nestes quatro anos. Tanto suspense e incerteza, e vendo-o tão pouco... Raramente podemos nos encontrar mais que duas vezes ao ano. Não sei como meu coração não está despedaçado.

Nesse instante, pegou seu lenço, mas Elinor não sentiu pena dela.

– Às vezes – continuou Lucy, depois de enxugar os olhos – eu penso se não seria melhor para nós encerrarmos o assunto por completo. – Enquanto dizia isto, olhava diretamente para Elinor. – Mas, outras vezes, não tenho coragem suficiente para tanto. Não posso suportar a ideia de fazê-lo tão infeliz, como sei que a simples menção de tal coisa o faria. E também por mim mesma... gosto tanto dele... não creio que seja capaz de

fazê-lo. O que aconselharia em um caso como este, Miss Dashwood? O que você faria?

– Perdoe-me – respondeu Elinor, assustada com a pergunta – mas não posso dar nenhum conselho nestas circunstâncias. Seu próprio julgamento deve guiá-la.

– Certamente – continuou Lucy, após alguns minutos de silêncio entre ambas – mais cedo ou mais tarde sua mãe terá de lhe oferecer os meios para viver, e o pobre Edward se sente tão abalado por tudo isso! Não lhe pareceu terrivelmente desanimado quando esteve em Barton? Ele estava tão triste quando deixou Longstaple para visitá-las, que tive receio que pensassem que ele estivesse doente.

– Então ele vinha da casa de seu tio, quando nos visitou?

– Oh, sim, ele ficou quinze dias conosco. Você achou que ele vinha direto de Londres?

– Não – respondeu Elinor, tornando-se mais sensível a cada nova circunstância a favor da veracidade de Lucy. – Lembro-me que ele nos disse, que estivera por quinze dias com alguns amigos perto de Plymouth.

Elinor lembrava-se também de sua própria surpresa no momento, pois ele não disse mais nada sobre aqueles amigos, nem sequer seus nomes.

– Você o achou bastante triste? – repetiu Lucy.

– Na realidade, achamos sim, particularmente quando ele chegou.

– Implorei para que ele fizesse um esforço, temendo que vocês suspeitassem de algo, mas ele ficou tão triste por não poder passar mais de quinze dias conosco, e vendo-me tão afetada... Pobre homem! Receio que esteja acontecendo o mesmo com ele agora, pois suas cartas são muito tristes. Tive notícias dele antes de sair de Exeter - tirando do bolso uma carta e mostrando despreocupadamente o envelope para Elinor. – Você conhece a letra dele, imagino, uma letra encantadora, mas não foi tão bem escrita como de costume. Ele devia estar cansado, porque acabou por preencher toda a folha, de um lado e do outro, para mim.

Elinor viu que *era* a letra de Edward, e não teve mais dúvidas. O retrato, ela se permitira acreditar que pudesse ter sido obtido por acaso, poderia não ter sido um presente de Edward, mas a troca de cartas entre eles só poderia indicar um compromisso verdadeiro, nada senão isso

poderia autorizá-la. Durante alguns instantes pensou que fosse desmaiar... Seu coração estava despedaçado, e ela mal podia ficar de pé, mas era indispensável manter-se firme, e lutou tão resolutamente contra a opressão de seus sentimentos que logo o conseguiu, e seu êxito – pelo menos naquele momento – foi completo.

– Escrever um para o outro – disse Lucy, guardando a carta no bolso – é o único consolo que temos durante essas prolongadas separações. Sim, tenho outro consolo, o retrato dele, mas o pobre Edward nem *isso* tem. Se ele tivesse meu retrato, disse que seria mais fácil para ele. A última vez que estive em Longstaple, dei-lhe uma mecha dos meus cabelos em um anel, e aquilo lhe serviu de consolo, disse-me, mas não é o mesmo que ter um retrato. Talvez você tenha notando o anel quando o viu?

– Notei sim – disse Elinor, com a voz firme, sob a qual se escondia uma emoção e uma coragem maiores do que jamais havia sentido. Ela estava mortificada, chocada, confusa.

Felizmente para ela, haviam chegado ao chalé, e a conversa não pôde continuar. Depois de permanecerem com elas alguns minutos, as Steeles voltaram a Barton Park e Elinor teve então liberdade para pensar e entregar-se à infelicidade.

## CAPÍTULO 23

Por menor que fosse a confiança de Elinor na sinceridade de Lucy, era-lhe impossível, pensando com seriedade, suspeitar dela nas circunstâncias atuais, onde nenhuma tentação poderia induzi-la a inventar mentiras com tantos detalhes. O que Lucy dizia ser a verdade, Elinor não podia, não ousaria continuar duvidando, respaldado como estava de maneira tão absoluta por tantas probabilidades e provas, e contrariado apenas pelos seus desejos. A oportunidade que tiveram de se conhecer na casa de Mr. Pratt serviu de fundamento para o resto, um fundamento ao mesmo tempo indiscutível e alarmante; e a visita de Edward nas proximidades de Plymouth, seu estado melancólico, a insatisfação com suas perspectivas, seu comportamento incerto para com ela, o conhecimento íntimo que as Steeles tinham sobre Norland e as amigas da família, que muitas vezes a surpreendera; o retrato, a carta, o anel, tudo junto constituía um conjunto de provas tão sólido que anulava qualquer temor de condenar Edward injustamente, e estabelecia como um fato, que nenhuma parcialidade poderia ocultar, a falta de consideração de Edward para com ela. Seu ressentimento ante tal comportamento, sua indignação por ter sido enganada por ele, por um breve tempo fizeram com que se concentrasse apenas em seus próprios sentimentos. Mas logo surgiram outras ideias, outras considerações. Será que Edward a enganara intencionalmente? Será que ele havia fingido um afeto que não sentia? Seu compromisso com Lucy era por amor? Não. Mesmo que pudesse ter sido assim no passado, ela não conseguiria acreditar que ainda fosse no presente. O afeto de Edward pertencia somente a ela. Não podia estar enganada quanto a isso. Sua mãe, suas irmãs, Fanny, todos tinham se dado conta do interesse que Edward havia demonstrado por ela em Norland, não era uma ilusão de sua própria vaidade. Com certeza ele a amava. Como seu coração se acalmou com esta certeza! Quantas coisas mais não seria tentada a perdoar! Ele era culpado, bastante culpado, de permanecer em Norland após sentir pela primeira vez que a influência que ela tinha sobre ele era maior do que o comum. Nisso, ele não tinha defesa, mas se ele a tivesse ferido, teria ferido muito mais a si

mesmo. Se o caso dela era digno de compaixão, o dele era desesperador. Se durante algum tempo a imprudência de Edward a fez infeliz, para ele parecia a privação de toda chance de ser feliz novamente. Com o tempo, ela poderia conquistar a tranquilidade, mas *ele*, o que poderia esperar? Será que poderia ser toleravelmente feliz com Lucy Steele? Se o afeto por ela era impossível, com toda sua integridade, delicadeza e inteligência, será que poderia sentir-se satisfeito com uma esposa como Lucy? Inculta, ardilosa e egoísta?

A paixão juvenil dos dezenove anos naturalmente o cegou a tudo o que não fosse a beleza e bom caráter de Lucy, mas os quatros anos seguintes – anos que, se passados racionalmente, enriqueceriam seu entendimento – deviam ter aberto seus olhos para os defeitos de educação dela, enquanto o mesmo período de tempo, vivido por ela em companhia de pessoas de condições inferiores e entregue aos interesses mais frívolos, talvez lhe tenha roubado aquela simplicidade que antigamente dava um caráter interessante à sua beleza.

Se, na suposição de que pretendia se casar com Elinor, os obstáculos impostos por sua mãe pareciam enormes, o quanto não seriam agora, quando a pessoa com quem ele estava comprometido era sem dúvida inferior a ela em relações e, provavelmente, também em riqueza. Essas dificuldades, de fato, com o coração tão afastado de Lucy, não deviam exercer muita pressão sobre sua paciência, mas a melancolia, não poderia ser senão o estado natural de uma pessoa que se sente aliviada com a expectativa de oposição e falta de gentileza por parte de sua família!

À medida que essas considerações lhe ocorriam, em dolorosa sucessão, chorava mais por ele do que por si mesma. Apoiada na convicção de não ter feito nada para merecer sua presente infelicidade, e consolada pela crença de que Edward não havia feito nada para perder sua estima, pensou que podia, mesmo agora, sob o primeiro impacto de tão duro golpe, ter autocontrole suficiente para evitar qualquer suspeita da verdade por parte da mãe e das irmãs. E cumpriu tão bem suas próprias expectativas, que quando se juntou a elas para o jantar, apenas duas horas depois de ter visto a extinção de todas as suas mais caras esperanças, ninguém conseguiria imaginar, pela aparência das irmãs, que Elinor lamentava em segredo os obstáculos que deviam separá-la para sempre do objeto de seu

amor, e que Marianne estivesse internamente relembando as perfeições de um homem, cujo coração sentia possuir inteiramente, e a quem esperava ver em cada carruagem que se aproximava da casa.

A necessidade de esconder da mãe e de Marianne algo que lhe fora confiado em segredo, embora lhe exigisse um esforço contínuo, não agravava a angústia de Elinor. Pelo contrário, era um alívio ser poupada de comunicar-lhes uma notícia que causaria tanta aflição em ambas, e evitar ouvi-las condenarem Edward, o que provavelmente ocorreria pelo excesso de amor que tinham por ela, mas que era mais do que conseguiria suportar.

Elinor sabia que não poderia receber ajuda alguma dos conselhos ou das conversas com elas, pois a ternura e a pena que manifestariam só iria aumentar a dor que sentia, enquanto seu autocontrole não receberia estímulo nem de seu exemplo nem de seus elogios. Ela era mais forte sozinha, e seu próprio bom senso tão bem lhe serviu de apoio, que sua firmeza se manteve tão inabalável, sua aparência alegre tão invariável, quanto era possível em meio a sofrimentos tão pungentes e recentes.

Por mais que tivesse sofrido naquela primeira conversa com Lucy sobre o assunto, logo sentiu um vivo desejo de renová-la, e tinha mais de uma razão para isso. Queria ouvir outra vez muitos detalhes de seu compromisso, desejava entender com maior clareza o que Lucy realmente sentia por Edward, se era verdadeiramente sincera ao dizer que gostava dele, e em especial, queria convencer Lucy, pela presteza em voltar ao assunto e sua tranquilidade em conversar sobre ele, que só estava interessada naquilo por amizade, algo que temia que a sua involuntária agitação tivesse tornado pelo menos duvidoso durante sua conversa matinal. Que Lucy estivesse inclinada a ter ciúmes dela parecia bastante provável, era evidente que Edward sempre lhe falara sobre ela com muitos elogios, não só pela própria afirmação de Lucy, mas pelo fato de arriscar-se a confiar a Elinor, apesar de seu recente conhecimento, um segredo tão reconhecido e evidentemente importante. E até mesmo as brincadeiras maliciosas de Sir John devem ter pesado um pouco. Mas, enquanto Elinor permanecia segura de que Edward realmente a amava, não eram necessários mais cálculos de probabilidades para considerar natural que Lucy sentisse ciúmes, e a própria confiança do segredo era a maior prova disso. Que outra razão podia haver para revelar seu segredo, senão que Elinor soubesse

dos direitos superiores de Lucy em relação a Edward, e assim aprendesse a evitá-lo no futuro? Não tinha dificuldades para compreender as intenções de sua rival, e enquanto estava firmemente decidida a agir de acordo com seus princípios de honra e honestidade para lutar contra seu próprio afeto por Edward, e vê-lo o mínimo possível, não podia negar a si mesma o consolo de tentar convencer Lucy de que seu coração não estava ferido. E como já não podia ouvir algo ainda mais doloroso do que já ouvira, Elinor confiou em sua habilidade de ouvir com compostura a repetição de todos os detalhes.

Mas não conseguiu imediatamente uma oportunidade de fazer isso, embora Lucy estivesse tão propensa quanto ela para aproveitar a primeira que aparecesse, pois nem sempre o tempo estava bom o suficiente para permitir que fizessem uma caminhada, onde poderiam facilmente separar-se dos outros. Embora se vissem pelo menos uma tarde sim e outra não em Barton Park ou no chalé, mas em especial na casa de Sir John, não se podia supor que se encontrassem para conversar. Tal ideia jamais passaria na cabeça de Sir John ou de Lady Middleton, e assim sempre dispunham de muito pouco tempo para uma conversa, e nenhum para uma conversa íntima. Reuniam-se para comer, beber e rirem juntos, jogar cartas ou *consequência*<sup>[1]</sup>, ou outros jogos que fossem suficientemente barulhentos.

Um ou dois encontros desse tipo já haviam ocorrido, sem que Elinor tivesse a oportunidade de ficar a sós com Lucy, quando uma manhã Sir John apareceu para pedir-lhes encarecidamente que fossem jantar com Lady Middleton nesse dia, já que ele devia ir ao clube em Exeter, e ela ficaria completamente só, com exceção da presença de sua mãe e das Steeles. Elinor, que previu uma boa oportunidade para o que tinha em mente em uma reunião como aquela, onde estariam mais à vontade sob a tranquila e bem educada direção de Lady Middleton do que quando o marido as reunia para alguma atividade barulhenta, imediatamente aceitou o convite, e Margaret, com a permissão de sua mãe, também aceitou. Já Marianne, como de costume estava relutante a frequentar tais reuniões, mas sua mãe a convenceu a ir também, pois não suportava vê-la confinada sem qualquer diversão.

As jovens foram, e Lady Middleton felizmente foi preservada da assustadora solidão que a ameaçara. A insipidez da reunião foi exatamente

como Elinor esperava, não produziu nenhuma ideia ou expressão nova, e nada pôde ser menos interessante que todas as conversas, tanto à mesa do jantar quanto na sala de estar: na última as crianças as acompanharam, e enquanto estiveram ali, ela teve a certeza absoluta que não conseguiria atrair a atenção de Lucy e nem sequer tentou. As crianças só se retiraram após o chá. Trouxeram então a mesa de jogos, e Elinor começou a pensar em como teve a esperança de que iria encontrar tempo para conversar em Barton Park. Todos se levantaram para uma partida de cartas.

– Estou contente – disse Lady Middleton à Lucy – que não vá terminar a cesta da minha pobrezinha Annamaria esta noite, estou certa que fatigaria seus olhos trabalhando à luz de velas. E amanhã acharemos meios de compensar a desilusão de minha querida filhinha, e espero que não se importe muito.

A insinuação foi suficiente, Lucy lembrou-se imediatamente e respondeu:

– Na verdade, está muito equivocada, Lady Middleton. Esperava apenas saber se você poderia fazer sua parceria sem a minha presença ou eu já estaria entregue aos trabalhos de filigrana[2]. Por nada neste mundo eu decepcionaria o anjinho, e se precisa de mim na mesa de jogos agora, estou decidida a terminar a cesta depois do jantar.

– Você é muito gentil, espero que não canse seus olhos... Pode tocar a campainha para que tragam mais velas? Minha pobre garotinha ficaria tristemente desapontada se a cesta não estiver terminada amanhã, pois embora eu tenha lhe dito que certamente não estaria, estou segura que ela confia em que esteja pronta.

Lucy puxou para perto de si sua mesa de trabalho, e sentou-se de novo com tal alegria e animação, que se poderia inferir que não havia maior prazer para ela do que fazer uma cesta decorada com filigranas para uma criança mimada.

Lady Middleton propôs que jogassem *rubber of casino*[3]. Ninguém fez objeção, com exceção de Marianne, que com sua habitual falta de atenção às normas gerais de civilidade, exclamou:

– Lady Middleton, tenha a bondade de desculpar-me, pois, como sabe, detesto cartas. Irei ao piano, não toco nele desde que foi afinado. – E



sem mais cerimônias, virou-se e caminhou até o instrumento.

Lady Middleton olhou como se agradecesse aos céus por nunca ter dito palavras tão rudes.

– Marianne nunca pode ficar longe desse instrumento por muito tempo, minha senhora – disse Elinor, tentando amenizar a ofensa – e não me espanto, pois esse é o piano mais afinado que já ouvi.

As cinco restantes estavam agora repartindo as cartas.

– Talvez – continuou Elinor – se eu for eliminada, poderia ser útil a Miss Lucy Steele, enrolando os papéis para ela. Ainda há tanto para fazer na cesta, que acredito ser impossível, somente com seu trabalho, terminá-la esta noite. Eu gostaria muito de fazer esse trabalho, se ela permitir que eu participe.

– Certamente ficarei muito agradecida se você me ajudar – exclamou Lucy – pois descobri que há mais a ser feito do que eu acreditava, e seria algo terrível desapontar a querida Annamaria depois de tudo.

– Oh! De fato seria muito terrível! – disse Miss Steele. – Pobre alma, como amo aquela menininha!

– Você é muito gentil – disse Lady Middleton a Elinor – e como você realmente gosta do trabalho, talvez também queira entrar no jogo apenas na próxima partida, ou prefere tentar a sorte agora?

Elinor alegremente escolheu a primeira proposta, e assim, com um pouco de cortesia, a qual Marianne jamais condescenderia em praticar, atingiu seu objetivo e ao mesmo tempo agradou à Lady Middleton. Lucy abriu espaço para ela com pronta atenção, e as duas justas rivais se sentaram lado a lado à mesma mesa, e, com a máxima harmonia se empenharam em continuar com o mesmo trabalho. O piano em que Marianne, envolvida com sua música e seus pensamentos, acabara por se esquecer que havia outras pessoas na sala além dela mesma, estava por sorte tão perto delas, que Miss Dashwood julgou que, protegida pelo som, podia iniciar o interessante assunto sem correr o risco de que alguém na mesa de cartas as ouvisse.

[1] Jogo de salão inglês. (N. T.)

[2] Obra de ourivesaria feita com finíssimos fios de ouro ou prata delicadamente entrelaçados e bordados. (N.T.)

[3] Popular jogo de cartas. (N.T.)

## CAPÍTULO 24

Com um tom firme, porém cauteloso, Elinor começou assim:

– Não seria merecedora da confiança que você depositou em mim, se não desejasse prolongá-la, ou não sentisse maior curiosidade por esse tema. Então, não pedirei desculpas por trazê-lo novamente à tona.

– Obrigada – exclamou Lucy calorosamente – por quebrar o gelo, com isso tranquilizou meu coração, pois temia ofendê-la de alguma maneira com o que lhe disse na segunda-feira.

– Ofender-me! Como pôde pensar isso? – E Elinor falou com total sinceridade – Acredite, nada poderia estar mais longe da minha intenção do que lhe passar semelhante ideia. Por acaso poderia ter algum motivo para essa confiança que não fosse honroso e lisonjeiro para mim?

– E mesmo assim eu lhe garanto – respondeu Lucy, com seus olhos espertos cheio de significado – que me pareceu haver uma frieza e um descontentamento em seus modos, que me fez sentir bastante incomodada. Estava certa de que estava zangada comigo, e desde então tenho me repreendido por ter tomado a liberdade de preocupá-la com os meus assuntos. Mas estou muito contente por descobrir que foi apenas minha imaginação, e você não me culparia por ela. Se soubesse que grande consolo, que alívio para meu coração, foi poder compartilhar com você aquilo em que sempre estou pensando, cada instante da minha vida, tenho certeza que sua compaixão a faria passar por cima de tudo o mais.

– Realmente, é muito fácil acreditar que foi um grande alívio para você contar-me sua situação, e tenha certeza que você nunca terá razões para se arrepender disso. Seu caso é muito triste, vocês me parecem rodeados de dificuldades, e terão necessidade de todo afeto mútuo para poder resistir a elas. Mr. Ferrars, creio eu, depende inteiramente de sua mãe.

– Ele tem apenas duas mil libras de renda própria, seria loucura casar-se com apenas essa fonte de renda, embora, de minha parte, eu possa abrir mão de qualquer outra perspectiva sem suspirar, sempre fui acostumada a viver com pouca renda, e por ele enfrentaria qualquer

pobreza. Mas eu o amo demais para ser o instrumento egoísta que lhe roube, talvez, tudo o que sua mãe poderia dar-lhe caso fizesse um casamento que a agradasse. Devemos esperar, talvez por muitos anos. Com quase qualquer outro homem do mundo seria uma perspectiva terrível, mas sei que nada pode tirar-me o afeto e a fidelidade de Edward.

– Essa convicção deve ser tudo para você, e sem dúvida ele está amparado pela mesma confiança em seus sentimentos. Se a força do afeto mútuo tivesse fraquejado, como naturalmente acontece com tanta gente e sob outras circunstâncias em um compromisso de quatro anos, sua situação seria lamentável de fato.

Lucy levantou os olhos, mas Elinor teve cuidado para que seu rosto não mostrasse nenhuma expressão que pudesse dar às suas palavras um ar de suspeita.

– O amor de Edward por mim – disse Lucy – já foi bastante colocado à prova por nossa grande, grandíssima separação desde nosso compromisso, e ele resistiu tão bem a estes testes, que seria imperdoável de minha parte duvidar dele agora. Posso dizer com segurança que ele nunca me deu sequer um momento de alarme a esse respeito, desde o início.

Elinor não sabia se sorria ou se suspirava ao ouvir aquilo.

Lucy continuou:

– Sou um pouco ciumenta por natureza também, e por nossas diferentes situações na vida, por ele ocupar uma posição muito superior no mundo do que eu e por nossa separação constante, eu tinha bastante inclinação para a suspeita, a ponto de descobrir rapidamente a verdade, se tivesse havido a menor mudança em sua conduta em relação a mim quando nos encontrávamos, ou qualquer desânimo para o qual não houvesse explicação, ou se ele tivesse falado mais de uma dama do que de outra, ou se parecesse sob qualquer aspecto menos feliz em Longstaple do que costumava ser. Não quero dizer com isso que eu seja particularmente observadora ou perspicaz de um modo geral, mas neste caso estou segura que não poderia me enganar.

“Tudo isso – pensou Elinor – soa muito bonito, mas não pode enganar a nenhuma de nós.”

– Mas – disse depois de um breve silêncio – quais são seus planos? Ou não tem nenhum a não ser esperar pela morte de Mrs. Ferrars, que é uma medida tão extrema, terrível e melancólica? Edward está determinado a submeter-se a isto, e a todo o tédio dos muitos anos de incerteza que podem envolver você, do que correr o risco de desagradar à mãe por algum tempo admitindo a verdade?

– Se nós pudéssemos ter a certeza que seria só por um tempo! Mas Mrs. Ferrars é uma mulher muito obstinada e orgulhosa, e seria muito provável que, em seu primeiro ataque de ira ao ouvir isso, deixasse tudo para Robert, e essa possibilidade, pensando no bem-estar de Edward, afugenta toda minha intenção de tomar medidas precipitadas.

– E também para o seu próprio bem, ou está levando seu desinteresse para além do razoável.

Lucy olhou para Elinor novamente, e ficou em silêncio.

– Você conhece Mr. Robert Ferrars? – perguntou Elinor.

– Não, nunca o vi, mas imagino que ele é muito diferente de Edward: tolo e um grande fanfarrão.

– Um grande fanfarrão! – repetiu Miss Steele, que ouvira aquelas palavras por uma repentina pausa na música de Marianne. – Ah! Aposto que elas estão falando dos seus bonitões favoritos.

– Não, mana – exclamou Lucy –, você está muito enganada, nossos bonitões favoritos *não* são grandes fanfarrões.

– Quanto a isso, posso garantir que o da Miss Dashwood não é – disse Mrs. Jennings, gargalhando –, pois ele é um dos jovens mais modestos e bem-educados que já vi. Mas quanto a Lucy, ela é uma criaturinha que sabe dissimular tão bem que não é possível descobrir de quem ela gosta.

– Oh! – exclamou Miss Steele, olhando significantemente ao redor. – Posso dizer que o pretendente de Lucy é tão modesto e bonito quando o de Miss Dashwood.

Elinor corou, sem querer. Lucy mordeu os lábios, e olhou furiosa para a irmã. Fizeram um silêncio mútuo por algum tempo. Lucy foi a primeira a rompê-lo, ao dizer em um tom mais baixo, embora Marianne naquele momento desse-lhes a poderosa proteção de um magnífico concerto:

– Vou contar-lhe honestamente um plano que me ocorreu há pouco para lidar com o assunto, na verdade, sou obrigada a contar-lhe o segredo, pois você é umas das partes interessadas. Atrevo-me a dizer que conhece Edward o suficiente para saber que ele preferiria a igreja a qualquer outra profissão. Agora, meu plano é que ele se ordene assim que for possível, e então que você interceda junto ao seu irmão – o que estou certa de que terá a generosidade de fazer, por amizade a ele e também, assim espero, por consideração para comigo – para convencê-lo a dar a Edward o benefício [1] de Norland que, segundo entendo, é muito bom e não é provável que o titular atual viva por muito tempo. Isso seria o suficiente para nos casarmos, e esperaríamos que o tempo e as oportunidades nos oferecessem o resto.

– Sempre será um prazer para mim – respondeu Elinor – demonstrar qualquer sinal de afeto e amizade por Mr. Ferrars, mas você não percebe que minha intervenção nesta ocasião seria completamente desnecessária? Ele é irmão de Mrs. John Dashwood, *essa* seria uma recomendação suficiente para seu esposo.

– Mas Mrs. John Dashwood não aprovaria que ele se ordenasse.

– Então suspeito que minha intervenção fosse de pouco proveito.

Elas ficaram novamente em silêncio por alguns minutos. Por fim Lucy exclamou, com um grande suspiro:

– Creio que o mais sábio seria encerrar o assunto de uma vez por todas, rompendo o compromisso. Parecem tantas as dificuldades que nos cercam por todos os lados que, embora fôssemos infelizes por algum tempo, talvez pudéssemos ser mais felizes no fim. Mas, você não vai me dar nenhum conselho, Miss Dashwood?

– Não – respondeu Elinor, com um sorriso que ocultava uma grande agitação –, sobre tal assunto estou certa que não lhe darei nenhum conselho. Sabe perfeitamente que minha opinião não teria peso algum para você, a menos que fosse a favor de seus desejos.

– Na verdade, está sendo injusta comigo – respondeu Lucy, com grande solenidade –, não conheço ninguém cujo julgamento eu preze tanto quanto o seu, e realmente creio que se você dissesse: “eu lhe aconselho que, custe o que custar, ponha um fim ao seu compromisso com Edward Ferrars,

pois ambos serão mais felizes”, eu não teria nenhum receio em fazê-lo imediatamente.

Elinor corou com a insinceridade da futura esposa de Edward, e respondeu:

– Esse elogio efetivamente me inibiria de dar minha opinião sobre o assunto, se eu tivesse alguma. Você valoriza demais minha influência, o poder de separar duas pessoas unidas tão ternamente é demais para uma pessoa que não é parte interessada.

– É justamente porque você não é parte interessada – disse Lucy, com certa irritação e colocando ênfase especial nessas palavras – que seu julgamento poderia ter, com toda justiça, tal influência em mim. Se a sua opinião fosse influenciada de alguma forma por seus próprios sentimentos, não seria de grande valor.

Elinor achou que seria mais sábio não responder, para que aquilo não as levasse a falar com liberdade e franqueza cada vez maiores. Até estava decidida a não mencionar o assunto novamente. Após essa conversa, houve alguns minutos de pausa, e Lucy novamente foi a primeira a romper o silêncio.

– Irá a Londres este inverno, Miss Dashwood? – disse ela com toda sua amabilidade habitual.

– Certamente não.

– Eu sinto muito – respondeu a outra, enquanto seus olhos brilhavam com a informação. – Teria muito prazer em encontrá-la nessa ocasião! Mas aposto que deverá ir de qualquer maneira. Com certeza seu irmão e sua cunhada a convidarão para que os visite.

– Não poderei aceitar o convite, se eles o fizerem.

– Que pena! Tinha toda certeza que nos encontraríamos lá. Anne e eu iremos a Londres no final de janeiro onde visitaremos nossos parentes que esperam nossa visita há anos! Mas eu vou apenas com a intenção de encontrar-me com Edward. Ele estará lá em fevereiro. Se não fosse por isso, Londres não teria nenhum atrativo para mim, não tenho ânimo para isso.

Elinor foi logo chamada à mesa de jogos com o fim da primeira partida, e a conversa confidencial das duas se encerrou, algo a que nenhuma delas impôs resistência, pois nada fora dito por qualquer uma que fizesse

com que desgostasse mais da outra do que antes. E Elinor sentou-se à mesa de jogos com o triste convencimento de que Edward não só não amava a pessoa que viria a ser sua esposa, como também não tinha sequer a oportunidade de alcançar uma felicidade tolerável no casamento, algo que o sincero amor *dela* poderia proporcionar, pois só o interesse próprio pode levar uma mulher a manter um compromisso com um homem, do qual, ela sabia bastante bem, ele já estava cansado.

Desde esse momento Elinor nunca mais voltou a tocar no assunto, e quando Lucy o mencionava, o que raramente perdia uma oportunidade de fazer, se preocupava especialmente em informar sua confidente de sua alegria toda vez que recebia uma carta de Edward, o que Elinor tratava com tranquilidade e cautela, e encerrava o assunto tão logo a boa educação permitisse; sentia que tais conversas eram uma concessão que Lucy não merecia, e que para ela era algo perigoso.

A visita das Steeles a Barton Park se estendeu além do que o convite inicial implicava. O apreço que tinham por elas aumentou, não podiam deixar que elas se fossem. Sir John não aceitava ouvir que elas iam embora, e apesar de inúmeros compromissos que já haviam assumido em Exeter, e da absoluta necessidade de retornarem para cumpri-los imediatamente, o que se fazia sentir imperativamente ao fim de cada semana, foram convencidas a permanecerem quase dois meses em Barton Park, e ajudar na celebração dessas festividades que requerem uma quantidade maior que o normal de bailes e grandes jantares para proclamar a sua importância.

[1] Renda a que um eclesiástico tinha direito. (N. T.)



## CAPÍTULO 25

Embora Mrs. Jennings estivesse acostumada a passar boa parte do ano nas casas das filhas e dos amigos, não deixava de ter uma residência própria. Desde a morte de seu marido, que fora comerciante em uma parte menos elegante de Londres, passava todos os invernos nessa casa localizada em uma das ruas próximas a Portman Square. Com a chegada de janeiro, ela começou a dirigir seus pensamentos para essa casa, e um dia, repentinamente e sem que elas houvessem esperado, convidou as Dashwoods mais velhas para acompanhá-la. Elinor, sem observar a mudança de cor no rosto de Marianne e a alegre expressão de seus olhos, revelando que o plano não lhe era indiferente, recusou imediatamente em nome das duas, mas de maneira absolutamente definitiva, pensando que estava falando em nome de ambas. O motivo ao qual recorreu foi sua firme decisão de não deixar a mãe nessa época do ano. Mrs. Jennings recebeu a recusa com certa surpresa, e imediatamente repetiu o convite.

– Oh, Deus! Tenho certeza que sua mãe pode ficar sem vocês muito bem, e eu *imploro* que me façam companhia, pois é o que pede meu coração. Não imaginem que será algum tipo de inconveniência para mim, pois não mudarei meus planos por causa de vocês. Só terei de enviar Betty pela diligência, e creio que isso eu posso pagar. Nós três iremos bem à vontade na carruagem, e quando chegarmos a Londres, se não quiserem ir aonde eu for, muito bem, sempre poderão ir com uma de minhas filhas. Tenho certeza que sua mãe não fará nenhuma objeção, pois como tive a sorte de tirar minhas filhas das minhas costas, creio que me considerará uma pessoa muito adequada para ser responsável por vocês, e se eu não conseguir casar bem ao menos uma de vocês antes de votarmos, não será por minha culpa. Farei boas recomendações de vocês aos rapazes, podem contar com isso.

– Imagino – disse Sir John – que Miss Marianne não fará objeção ao plano, se sua irmã mais velha o aceitar. É muito duro, na verdade, que não possa distrair-se um pouco só porque Miss Dashwood não deseja. Aconselho às duas que partam para Londres assim que se cansarem de Barton, sem ao menos dizer uma palavra à Miss Dashwood.

– Não – exclamou Mrs. Jennings –, estou certa de que ficaria bastante contente com a companhia de Miss Marianne, com ou sem Miss Dashwood, só que quanto mais pessoas forem, melhor, e achei que seria mais interessante para elas irem juntas, pois se elas se cansarem de mim, poderão conversar uma com a outra e rir das minhas maneiras nas minhas costas. Mas uma ou outra, senão as duas, tenho que levar. Que Deus me abençoe! Como podem imaginar que posso viver por ai, andando sozinha, eu que até este inverno estive acostumada a ter Charlotte sempre comigo. Venha, Miss Marianne, vamos apertar as mãos para selar o compromisso, e se depois Miss Dashwood mudar de ideia, será melhor ainda.

– Muito obrigada, minha senhora, muito obrigada – disse Marianne calorosamente – seu convite garante minha gratidão para sempre, e poder aceitá-lo me fará tão feliz, sim, quase a maior felicidade que posso imaginar. Mas minha mãe, minha queridíssima e bondosa mãe... Creio que é muito justo o que Elinor disse, e se nossa ausência for motivo de infelicidade para ela, ou causar algum desconforto... Oh! Não, nada poderia induzir-me a deixá-la. Isso não pode nem deve significar algum conflito.

Mrs. Jennings afirmou novamente que Mrs. Dashwood poderia ficar sem elas muito bem, e Elinor, que agora compreendia sua irmã, e via que, indiferente a tudo o mais, ela era levada por sua ansiedade de se encontrar com Willoughby novamente, não fez mais nenhuma oposição ao plano. Apenas limitou-se à decisão da mãe, de quem, porém, não esperava receber apoio em sua tentativa de evitar uma visita que não parecia conveniente para Marianne, e que também para seu próprio bem tinha interesse em evitar. Qualquer coisa que Marianne desejasse, sua mãe estava pronta a conceder – não podia esperar induzir esta última a comportar-se com cautela em um assunto que nunca lhe inspirara desconfiança, e não ousava explicar o motivo de sua própria resistência para ir a Londres. Mesmo difícil de contentar, Marianne, que estava perfeitamente consciente dos modos de Mrs. Jennings que tanto a desagradavam, estava disposta a passar por cima de qualquer inconveniência desse tipo, desprezando o que podia ferir seus irritáveis sentimentos, apenas para alcançar seu objetivo. Era uma prova tão forte e tão completa do quanto essa viagem era importante para ela, que apesar de tudo o que ocorrera, Elinor não estava preparada para testemunhar.

Ao ser informada do convite, Mrs. Dashwood, convencida de que tal viagem proporcionaria bons momentos de diversão para suas filhas, e percebendo também toda a atenção afetuosa que as filhas tinham com ela, o quanto o coração de Marianne estava envolvido no caso, não aceitou que recusassem o convite por causa *dela*. Insistiu para que as duas aceitassem imediatamente, e então começou a prever, cheia de alegria, uma série de vantagens para todas que resultariam dessa separação.

– Estou encantada com este plano – exclamou – é exatamente o que eu poderia desejar. Margaret e eu seremos beneficiadas tanto quanto vocês. Quando vocês e os Middletons partirem, ficaremos tão bem juntas, quietas, com nossos livros e nossa música! Quando voltarem verão o quanto Margaret terá feito progresso! Tenho também um pequeno plano para modificar seus quartos, que agora poderá ser executado sem que lhes cause qualquer inconveniente. Parece-me que vocês *devem* ir a Londres; em minha opinião, todas as jovens com as mesmas condições de vida que a de vocês devem conhecer os costumes e as diversões de Londres. Ficarão sob os cuidados de uma boa mulher, muito maternal, de cuja bondade para com vocês não me resta dúvida. E é bem provável que encontrem seu irmão, e quaisquer que sejam seus defeitos, ou os defeitos de sua esposa, quando penso de quem ele é filho, não posso suportar que vocês estejam tão afastados uns dos outros.

– Mesmo que, com sua habitual preocupação com nossa felicidade – disse Elinor, – a senhora tenha vencido todos os obstáculos para que esse plano possa prosseguir, existe ainda uma objeção que, em minha opinião, não pode ser facilmente vencida.

O rosto de Marianne mudou de aparência.

– E o que – disse Mrs. Dashwood – minha querida e prudente Elinor vai sugerir? Qual obstáculo intransponível ela vai nos apresentar? Diga-me o quanto gastaremos.

– Minha objeção é esta: apesar de ter uma boa opinião a respeito da bondade de Mrs. Jennings, não é o tipo de mulher cuja companhia nos dará prazer, ou cuja proteção eleve nossa posição.

– Isso é bem verdade – respondeu a mãe – mas raramente estarão sozinhas com ela, e quase sempre aparecerão em público com Lady

Middleton.

– Se Elinor não vai porque não gosta de Mrs. Jennings – disse Marianne –, não precisa impedir-me de aceitar o convite. Eu não tenho tais escrúpulos e estou certa que posso tolerar sem grande esforço todos os problemas desse tipo.

Elinor não conseguiu evitar sorrir diante desta demonstração de indiferença a respeito das maneiras de uma pessoa com a qual ela sempre tivera dificuldade de persuadir Marianne a tolerar com educação, e resolveu que, se sua irmã insistisse em ir, ela também deveria ir, pois não achava adequado que Marianne guiasse sozinha seu próprio juízo, ou que Mrs. Jennings fosse deixada à mercê de Marianne como única companhia nas horas domésticas. Essa decisão foi mais fácil de ser tomada, ao se lembrar de que Edward Ferrars, segundo Lucy lhe informou, não estaria em Londres antes de fevereiro e que até lá, fora qualquer imprevisto, sua visita já teria acabado.

– Queria que as duas fossem. – disse Mrs. Dashwood – Essas objeções são um disparate. Terão muito prazer por estarem em Londres, e especialmente por estarem juntas, e se Elinor alguma vez condescender em aceitar com naturalidade esse divertimento, ela verá como a cidade pode oferecer inúmeras maneiras de diversão; inclusive poderá ter algum prazer se melhorar o relacionamento com a família de sua cunhada.

Elinor desejava que logo surgisse uma oportunidade para tentar diminuir a confiança que a mãe tinha em seu compromisso com Edward, para que o choque fosse menor quando a verdade fosse revelada, e agora, por causa do que a mãe havia dito, embora quase sem esperanças de êxito, tratou de dar início ao seu plano dizendo com toda tranquilidade possível:

– Gosto muito de Edward Ferrars, e sempre ficarei contente em vê-lo, mas, quanto ao resto da família, para mim não faz diferença se algum dia vier a conhecê-los ou não.

Mrs. Dashwood sorriu e não disse nada. Marianne arregalou os olhos de espanto, e Elinor pensou que deveria ter ficado de boca calada.

Depois de conversarem um pouco mais sobre o assunto ficou acertado que elas deveriam aceitar o convite. Mrs. Jennings recebeu a notícia com grande felicidade, e ofereceu todo tipo de certeza sobre seu

afeto e o cuidado que teria com as jovens, e não era só ela que estava encantada. Sir John estava mais do que contente, pois para um homem cuja maior ansiedade era o temor de ficar sozinho, acrescentar mais duas moças ao número de visitantes em Londres, era um fato relevante. Até Lady Middleton se deu ao trabalho de ficar alegre, o que para ela era sair do seu costume. E quanto às Steeles, em especial Lucy, nunca tinham estado tão felizes em toda sua vida ao saberem da notícia.

Elinor submeteu-se ao arranjo que contrariava seus desejos com menos relutância do que havia esperado sentir. Da parte dela, não fazia diferença se iria ou não à Londres, e quando viu sua mãe tão contente com o plano, e sua irmã demonstrando seu contentamento pelo olhar, pela voz e pelas maneiras, que recuperaram completamente a animação habitual e mostravam uma alegria ainda maior que o normal, não pôde sentir-se insatisfeita com tudo aquilo, e dificilmente se permitiria mostrar-se desconfiada das consequências.

A alegria de Marianne estava quase acima da felicidade, tão grande era sua agitação e impaciência por partir. A única coisa que a fazia recuperar a calma era a pouca vontade que tinha de deixar a mãe, e no momento da partida sentiu-se bastante aflita. A tristeza de sua mãe foi um pouco menor, e Elinor era a única das três que parecia considerar a separação como algo que não fosse durar para sempre.

Partiram na primeira semana de janeiro. Os Middletons seguiriam viagem uma semana depois. As Steeles permaneceram em Barton Park, e só partiriam com o resto da família.

## CAPÍTULO 26

Elinor não conseguia se ver na carruagem de Mrs. Jennings, no começo da viagem para Londres, sob sua proteção e sendo sua convidada, sem deixar de pensar na sua própria situação, como a conhecia há tão pouco tempo, como eram diferentes em idade e temperamento e quantas objeções havia imposto a esta viagem há apenas alguns dias! Mas todas essas objeções caíram por terra, diante do feliz entusiasmo juvenil que tanto Marianne como sua mãe compartilhavam; e Elinor, apesar de suas dúvidas ocasionais sobre a constância de Willoughby, não podia contemplar o entusiasmo da alegre expectativa a que Marianne estava entregue, de corpo e alma, sem sentir como era completamente vazia sua própria perspectiva, quão triste era seu próprio estado de ânimo comparado ao da irmã, e com que alegria viveria ansiedade igual à de Marianne para ter o mesmo objetivo, a mesma possibilidade de esperança. Mas agora faltava pouco tempo, muito pouco tempo, para saber quais eram as intenções de Willoughby, com toda certeza ele já estava na cidade. A ansiedade de Marianne em partir demonstrava a sua confiança de encontrá-lo lá. E Elinor estava decidida, não apenas a averiguar tudo o que pudesse a respeito do caráter dele, através de sua própria observação ou pelas informações que outros pudessem lhe dar, mas também a observar sua conduta perante a irmã com zelosa atenção, de modo a ter certeza de quem ele era e quais eram seus propósitos, antes que tivessem se reunido muitas vezes. Se o resultado de suas observações fosse desfavorável, estava decidida a abrir os olhos da irmã, caso contrário, teria que agir diferente: deveria aprender a evitar todas as comparações egoístas e banir todo pesar que pudesse diminuir sua satisfação com a felicidade de Marianne.

A viagem durou três dias, e o comportamento de Marianne durante todo o caminho foi uma boa mostra do que se poderia esperar no futuro da sua deferência e amabilidade para com Mrs. Jennings. Ficou em silêncio boa parte da viagem, envolvida em suas próprias meditações, e raramente dizia alguma coisa por vontade própria, exceto quando algum objeto de beleza pitoresca aparecia diante de sua vista, e lhe arrancava uma exclamação de

prazer dirigida exclusivamente à irmã. Portanto, para compensar essa conduta, Elinor assumiu imediatamente o dever de ser cortês que ela mesma tinha se imposto, e foi bastante atenciosa com Mrs. Jennings; conversaram, deram risadas e escutou-a sempre que possível. E Mrs. Jennings, por sua vez, tratou-as com toda gentileza possível, estando sempre atenta ao seu conforto e distração, e apenas se preocupou por não ter podido convencê-las a escolher suas próprias refeições na estalagem, nem fazê-las confessar se preferiam salmão ou bacalhau, frango cozido ou costeleta de vitela. Chegaram a Londres às três da tarde do terceiro dia, felizes por se verem livres, depois de tão longa viagem, do confinamento da carruagem, e prontas para desfrutar de todo o luxo de uma boa lareira.

A casa era bonita e harmoniosamente mobiliada, e imediatamente colocaram à disposição das jovens um quarto muito confortável. Havia pertencido a Charlotte, e sobre a lareira ainda havia uma paisagem em seda colorida, feita por ela, como prova de ter passado sete anos em uma grande escola da cidade com algum resultado.

Como o jantar não seria servido em menos de duas horas após a chegada, Elinor quis ocupar esse intervalo de tempo escrevendo para sua mãe, e sentou-se disposta a fazê-lo. Poucos minutos depois Marianne fez o mesmo.

– Eu estou escrevendo para casa, Marianne – disse Elinor – não é melhor deixar para escrever sua carta daqui a um dia ou dois?

– Eu não vou escrever para mamãe – respondeu Marianne apressadamente, como se quisesse evitar mais perguntas.

Elinor não disse mais nada; imediatamente pensou que ela devia estar escrevendo para Willoughby e logo concluiu que, embora quisessem conduzir o caso misteriosamente, é certo que estavam comprometidos. Essa convicção, mesmo que não fosse completamente satisfatória, deu-lhe prazer, e ela continuou a carta com a maior alegria. Marianne terminou de escrever a dela em poucos minutos, pelo tamanho só poderia ser um bilhete, e então dobrou, selou e endereçou com muita rapidez. Elinor acreditou ter visto um grande W no endereço, e assim que estava pronto, Marianne tocou o sino, pedindo ao empregado que a atendeu que levasse a carta para ela ao correio expresso. Com isto encerrou o assunto de uma vez.

Marianne continuava muito animada, mas havia uma inquietação nela que impedia que sua irmã se sentisse completamente satisfeita, e esta inquietação aumentou com o cair da noite. Ela mal conseguiu jantar, e quando em seguida voltaram à sala de estar, parecia escutar ansiosamente o som de cada carruagem que passava na rua.

Era uma grande satisfação para Elinor que Mrs. Jennings, por estar ocupada em seu quarto, pôde ver muito pouco do que se passava com Marianne. Trouxeram o serviço de chá, e Marianne já se desapontara mais de uma vez ao ouvir batidas na porta da casa vizinha, quando de repente ouviu-se uma batida sonora, que não podia ter sido em outra casa. Elinor tinha certeza que anunciariam a chegada de Willoughby, e Marianne, levantando-se em um salto, dirigiu-se à porta. Tudo ficou em silêncio, não durou mais que alguns segundos; ela abriu a porta, deu alguns passos em direção à escada, e após escutar por meio minuto, voltou à sala com toda agitação que a convicção de tê-lo ouvido naturalmente provocaria. Em meio ao êxtase alcançado por suas emoções nesse instante, não pôde deixar de exclamar:

– Oh, Elinor, é Willoughby, tenho certeza que é! – e parecia que estava pronta para jogar-se em seus braços, quando o Coronel Brandon apareceu.

Foi um golpe muito grande para ser suportado com serenidade, e Marianne imediatamente abandonou o cômodo. Elinor também estava decepcionada, mas ao mesmo tempo sua estima pelo Coronel Brandon garantiu que lhe desse as boas-vindas. Sentiu-se particularmente triste ao ver que um homem, que mostrava um interesse tão grande por sua irmã, pudesse perceber que ela não sentia nada ao vê-lo a não ser pesar e desilusão. Ela logo percebeu que ele havia notado, e que observara Marianne deixar o cômodo com tanto assombro e preocupação, que quase se esqueceu de cumprimentar Elinor como a boa educação exigia.

– Sua irmã está doente? – disse ele.

Elinor respondeu com certa aflição que sim, e então falou sobre dores de cabeça, desânimo e excesso de fadiga, e tudo o mais que pudesse decentemente explicar o comportamento de sua irmã.



Ele a ouviu com bastante seriedade, mas, aparentando se tranquilizar, não tocou mais no assunto e começou a falar do prazer de vê-las em Londres, fez as perguntas habituais a respeito da viagem e dos amigos que haviam deixado para trás.

Assim, de maneira sossegada, sem grande interesse de nenhuma das partes, continuaram falando, ambos desanimados e com a cabeça em outro lugar. Elinor queira muito perguntar se Willoughby estava na cidade, mas temia magoá-lo com perguntas sobre seu rival. Até que finalmente, para dizer alguma coisa, perguntou-lhe se estivera em Londres desde que se viram pela última vez.

– Sim – ele respondeu, com certo embaraço – quase todo o tempo desde então; estive uma ou duas vezes em Delaford, por alguns dias, mas nunca pude retornar a Barton.

Isto, e a maneira como falou, fez com que Elinor se recordasse imediatamente das circunstâncias da partida dele, com a inquietude e suspeitas que haviam despertado em Mrs. Jennings, e temeu que sua pergunta tivesse sugerido uma curiosidade muito maior sobre o assunto do que alguma vez já havia sentido.

Mrs. Jennings logo apareceu.

– Oh! Coronel! – disse ela, com sua ruidosa alegria habitual – estou incrivelmente feliz ao vê-lo... Desculpe-me se não vim antes, peço-lhe que me perdoe, mas tive que cuidar um pouco de mim mesma e resolver algumas coisas. Já fazia muito tempo que não vinha para casa, e você sabe que sempre há muitas coisinhas para se fazer quando ficamos longe por muito tempo, e então tive que resolver as coisas com Cartwright. Deus! Tenho estado tão ocupada quanto uma abelha, desde o jantar! Mas diga-me Coronel, como adivinhou que estávamos na cidade hoje?

– Tive o prazer de ouvir a novidade na casa de Mr. Palmer, onde jantei.

– Oh, é mesmo! Bem, e como eles estão? Como vai Charlotte? Poderia apostar que já está bem pesada, a esta altura.

– Mrs. Palmer parecia muito bem, e fui encarregado de dizer-lhe que certamente virá vê-la amanhã.

– Claro, foi assim que pensei. Bem, Coronel, trouxe duas jovens comigo, como pode ver... Quero dizer, pode ver apenas uma delas, mas há outra por aí em alguma parte da casa. Sua amiga, Miss Marianne... como imagino que não lamentará saber. Não sei o que você e Mr. Willoughby resolverão a respeito dela. Ah, como é bom ser jovem e bonita! Bem, eu já fui jovem, mas nunca fui muito bonita, nunca tive essa sorte. Entretanto, tive um marido muito bom, e não sei se a maior das belezas pode trazer tanta felicidade. Ah! Pobre homem! Já faz oito anos que morreu, e assim está melhor. Mas, Coronel, por onde esteve desde que partiu? E como vão seus negócios? Vamos, vamos! Não devem existir segredos entre amigos.

Ele respondeu a todas as perguntas com sua gentileza de sempre, mas sem satisfazer a curiosidade de Mrs. Jennings em nenhuma delas. Elinor começava a preparar o chá, e Marianne foi obrigada a voltar à sala.

Depois que ela entrou, Coronel Brandon ficou mais pensativo e silencioso do que antes, e Mrs. Jennings não pôde convencê-lo a ficar mais um pouco. Nessa tarde não chegou nenhum outro visitante, e as damas foram unânimes ao concordar em ir para a cama mais cedo.

Na manhã seguinte, Marianne acordou com o ânimo renovado e aparência feliz. A decepção da noite passada parece ter sido esquecida na expectativa do que poderia acontecer nesse dia. Não fazia muito tempo que haviam terminado o café da manhã, quando a carruagem de Mrs. Palmer parou diante da porta, e poucos minutos depois ela entrou na casa rindo, tão encantada ao ver todos eles, que era difícil dizer se seu prazer era maior ao ver a mãe ou as Dashwoods. Estava tão surpresa ao vê-las em Londres, embora fosse o que esperasse! Tão zangada pelo fato delas terem aceitado o convite de sua mãe, após terem recusado o seu, apesar de que não as teria perdoado se elas não tivessem vindo!

– Mr. Palmer ficará tão contente ao vê-las – disse ela. – O que vocês acham que ele disse ao ouvir que vocês viriam com mamãe? Não consigo lembrar no momento, mas foi algo tão engraçado!

Depois de uma hora ou duas do que sua mãe chamou de uma conversa tranquila, em outras palavras, inúmeras perguntas de Mrs. Jennings sobre todos os seus conhecidos, e risadas sem motivo da parte de Mrs. Palmer, esta última propôs que todas a acompanhassem a algumas lojas onde ela tinha negócios a tratar esta manhã, com o que Mrs. Jennings e

Elinor rapidamente concordaram, pois também tinham compras a fazer. E Marianne, embora tivesse recusado em um primeiro momento, acabou sendo convencida a ir também.

Onde quer que fossem, ela evidentemente estava sempre alerta. Especialmente em Bond Street, onde se encontrava a maior parte das lojas, seus olhos estavam em constante procura, e, em qualquer loja que o grupo entrasse, ela, perdida em seus pensamentos, não tinha interesse em nada do que via a sua frente e que ocupava as outras. Distraída e insatisfeita em toda parte, sua irmã não conseguiu nenhuma opinião dela sobre nenhum artigo que queria comprar, mesmo que pudesse interessar a ambas, ela não tinha prazer em nada. Marianne estava impaciente para voltar a casa novamente, e com dificuldade conseguia controlar sua ansiedade diante do tédio de Mrs. Palmer, cujos olhos eram atraídos por qualquer coisa bonita, cara ou nova; que estava louca para comprar tudo, não podia decidir-se por nada, e perdia o tempo entre o êxtase e indecisão.

Já era tarde, naquela manhã, quando voltaram para casa, e nem bem entraram, Marianne subiu as escadas ansiosamente; e quando Elinor a seguiu encontrou-a vindo da mesa com um semblante desconsolado, que mostrava que Willoughby não estivera lá.

– Não entregaram nenhuma carta para mim desde que saímos? – disse ela ao empregado que neste momento entrava com os pacotes. A resposta foi negativa. – Tem certeza? – disse – Tem certeza de que nenhum empregado, de que nenhum porteiro deixou alguma carta ou bilhete?

O homem respondeu que não havia nada.

– Que estranho! – disse ela, em um tom de voz baixo e desapontado, enquanto se virava para a janela.

“Estranho mesmo! – repetiu Elinor para si mesma, olhando a irmã com grande inquietação. – Se ela não soubesse que ele está na cidade, não teria escrito aquele bilhete. Teria escrito uma carta e enviado a Combe Magna. E se ele está na cidade, é muito estranho que ele não responda a carta ou não venha nos ver! Oh! Minha querida mãe, como deve estar enganada ao permitir um compromisso tão duvidoso e obscuro entre uma filha tão jovem e um homem que pouco conhecemos, e mantido de forma

tão duvidosa e cheia de mistério! Tenho vontade de perguntar, mas como será recebida minha intromissão?”

Decidiu, após considerar, que se as coisas continuassem durante muitos dias tão desagradáveis como agora estavam, pediria à mãe com a maior energia, que investigasse seriamente o assunto.

Mrs. Palmer e duas senhoras mais velhas, conhecidas íntimas de Mrs. Jennings, a quem haviam encontrado e convidado pela manhã, jantaram com elas. A primeira as deixou pouco depois do chá, para cumprir seus compromissos da noite, e Elinor viu-se obrigada a completar uma mesa de uíste<sup>[1]</sup>. Marianne não era de grande utilidade nessas ocasiões, pois nunca aprendera o jogo, mas embora tivesse algumas horas à sua disposição, a noite não foi de modo algum mais prazerosa para ela do que para Elinor, pois o tempo passou-se todo na ansiedade da expectativa e na dor da decepção. Tentava ler por alguns instantes, mas logo deixava o livro de lado e se entregava novamente à ocupação mais interessante de andar de um lado a outro da sala, parando de vez em quando ao chegar perto da janela, com a esperança de escutar as tão esperadas batidas na porta.

[1] Jogo de cartas: é considerado o ancestral do bridge, jogado por duas duplas, com parceiros frente a frente, que recebem 13 cartas cada um. O trunfo é a última carta distribuída. (N.T.)

## CAPÍTULO 27

– Se este bom tempo continuar – disse Mrs. Jennings, quando se encontraram no café da manhã no dia seguinte –, Sir John não vai querer deixar Barton na próxima semana. É triste para um desportista perder um dia de prazer. Pobres coitados! Eu sempre tenho pena deles quando isso acontece, parecem levar a coisa muito a sério.

– É verdade – exclamou Marianne, com a voz alegre, caminhando em direção à janela para observar o dia, enquanto falava. – Não havia pensando nisso. Esse clima fará com que muito desportistas permaneçam no campo.

Foi uma lembrança feliz, e seu bom ânimo logo foi restaurado.

– É um excelente clima para *eles*, de fato – continuou, enquanto sentava-se à mesa do café da manhã, com um semblante feliz. – Como devem gostar de praticar tal esporte! Mas – com um pouco de ansiedade – não se pode esperar que dure muito tempo. Nesta época do ano, depois de tantas chuvas, é quase certo que o tempo não continuará assim tão bom. Logo vão começar as geadas, provavelmente muito fortes. Em um ou dois dias talvez, este clima tão suave não pode perdurar... Não, talvez a geada caia esta noite!

– De qualquer modo – disse Elinor, tentando evitar que Mrs. Jennings percebesse os pensamentos de sua irmã tão claramente como ela – aposto que Sir John e Lady Middleton estarão na cidade no final da semana que vem.

– Sim, minha querida, garanto-lhe que assim será. Mary sempre faz o que quer.

“E agora – calculou silenciosamente Elinor – Marianne escreverá uma carta e enviará pelo correio de hoje a Combe Magna.”

Mas se foi isso que ela fez, a carta foi escrita e enviada com tanto segredo que iludiu toda vigilância de Elinor para certificar-se do fato. Qualquer que fosse a verdade, e por mais longe que Elinor estivesse de estar completamente feliz com aquilo, pelo menos via Marianne animada, e assim

não podia sentir-se muito descontente. E Marianne estava alegre, feliz com o bom tempo e mais feliz ainda com a expectativa de uma geada.

Passaram a manhã entregando cartões nas casas das conhecidas de Mrs. Jennings informando-lhes de sua volta à cidade, e todo o tempo Marianne se mantinha ocupada observando a direção do vento, vigiando a mudanças do céu e imaginando uma alteração do ar.

– Você não acha que está mais frio do que pela manhã, Elinor? Para mim parece que há uma notória diferença. Mal posso aquecer minhas mãos, nem mesmo no meu regalo[1]. Não estava assim ontem, creio eu. Parece que as nuvens estão sumindo e o sol logo aparecerá, então teremos uma tarde limpa.

Elinor às vezes divertia-se, outras vezes se penalizava. Mas Marianne não se dava por vencida, e via em cada noite, no brilho do fogo, e em cada manhã, no aspecto da atmosfera, a proximidade de uma geada.

As Dashwoods não tinham grandes motivos para estarem insatisfeitas com o estilo de vida de Mrs. Jennings e suas amigadas, nem com seu comportamento para com elas, que era invariavelmente gentil. Todos os arranjos domésticos eram realizados da forma mais liberal, e com exceção de alguns velhos amigos da cidade, com os quais, para infelicidade de Lady Middleton, ela nunca tivera interesse em romper com a amizade, não visitava ninguém cujo conhecimento pudesse irritar suas jovens acompanhantes. Contenta por encontrar-se em uma situação mais confortável do que esperava, Elinor mostrava-se muito disposta a se contentar com a falta de diversão verdadeira nas reuniões noturnas, as quais, tanto em casa como fora dela, se passavam apenas em jogos de cartas, o que lhe oferecia pouca diversão.

Coronel Brandon, convidado permanente da casa, estava com elas quase todos os dias. Vinha para contemplar Marianne e conversar com Elinor, que tinha mais prazer em conversar com ele do que em qualquer outra ocorrência diária, mas ao mesmo tempo, via com grande preocupação como o interesse dele pela irmã persistia. Temia até que fosse mais intenso. Tinha pena ao vê-lo olhar com tanta intensidade para Marianne, e seu ânimo parecia bem pior do que em Barton.

Aproximadamente uma semana depois da chegada delas, tornou-se evidente que Willoughby também se encontrava na cidade. Quando voltaram de seu passeio matinal, seu cartão estava sobre a mesa.

– Meu bom Deus! – exclamou Marianne – ele esteve aqui enquanto estávamos fora.

Elinor, feliz por saber que ele estava em Londres, se animou a dizer:

– Pode ter certeza que ele voltará amanhã.

Mas Marianne parecia não ouvi-la, e quando Mrs. Jennings entrou no recinto, deu um jeito de esconder o precioso cartão.

Este evento, ao mesmo tempo em que elevou o ânimo de Elinor, também fez com que a agitação inicial de Marianne voltasse, mais forte ainda. Desde então, sua mente não conheceu um momento sequer de tranquilidade; a expectativa de vê-lo a cada hora do dia, fez com que ela não se ocupasse com outra coisa. Na manhã seguinte, insistiu para ficar em casa quando as outras saíram.

Elinor não conseguiu deixar de pensar no que poderia estar acontecendo em Berkeley Street, enquanto elas estavam fora. Mas ao retornarem, logo que colocou os olhos na irmã, percebeu que Willoughby não fizera nenhuma visita. Em seguida, um bilhete que acabara de chegar foi deixado sobre a mesa.

– É para mim! – exclamou Marianne, avançando rapidamente.

– Não, senhorita, é para minha patroa.

Mas Marianne, não convencida, tomou-o rapidamente.

– De fato é para Mrs. Jennings, que irritante!

– Então você espera uma carta? – disse Elinor, incapaz de ficar em silêncio.

– Sim, um pouco... Não muito.

Após uma breve pausa, disse:

– Você não confia em mim, Marianne.

– Não, Elinor, essa censura vinda de você... Você é que não confia em ninguém!

– Eu! – respondeu Elinor, um tanto confusa. – Na verdade, Marianne, não tenho nada a dizer.

– Nem eu – respondeu Marianne com energia – então nossas situações são parecidas. Não temos nada para contar, você, porque não se comunica, e eu, porque não escondo nada.

Elinor, consternada por esta acusação de reserva, que não se sentia no direito de negar, não sabia como, sob tais circunstâncias, fazer com que a irmã se abrisse com ela.

Mrs. Jennings logo apareceu, e recebendo o bilhete, acabou lendo-o em voz alta. Era de Lady Middleton, no qual anunciava sua chegada a Conduit Street na noite anterior e solicitava o prazer da companhia de sua mãe e suas primas nessa mesma tarde. Certos negócios de Sir John, e um forte resfriado de sua parte impediam que as visitassem em Berkeley Street. O convite foi aceito, mas quando se aproximava a hora combinada, era necessário, por educação, que acompanhassem Mrs. Jennings na visita. Elinor teve um pouco de dificuldade para convencer a irmã a ir, pois, como ainda não tinha visto Willoughby, não estava disposta a se divertir fora de casa e correr o risco de que ele voltasse enquanto estivesse fora.

No final da tarde, Elinor descobriu que a mudança de disposição não é alterada pela mudança de residência, pois apesar de terem se instalado recentemente na cidade, Sir John havia conseguido reunir ao seu redor cerca de vinte jovens e organizara um baile para eles. Este era um assunto, no entanto, que Lady Middleton não aprovava. No interior, um baile improvisado era bastante aceitável, mas em Londres, onde a reputação de elegância era mais importante e difícil de obter, era muito arriscado, para satisfazer algumas moças, que soubessem que Lady Middleton oferecera um pequeno baile para oito ou nove pares, com dois violinos e um simples bufê.

Mr. e Mrs. Palmer faziam parte do grupo. Do primeiro, ao qual não haviam visto desde a sua chegada à cidade, pois evitava cuidadosamente qualquer demonstração de consideração para com a sogra, e jamais chegava perto dela, não receberam nenhum sinal de reconhecimento quando entraram. Ele olhou-as ligeiramente, sem parecer saber quem elas eram, e apenas inclinou a cabeça para Mrs. Jennings do outro lado da sala. Marianne passou um rápido olhar pela sala quando entrou, e foi o



suficiente: *ele* não estava lá, e ela sentou-se, igualmente indisposta a dar ou receber atenções. Depois de estarem reunidos por cerca de uma hora, Mr. Palmer dirigiu-se até as Dashwoods para expressar sua surpresa ao vê-las na cidade, apesar de que fora em sua casa que o Coronel Brandon soube da notícia, e ele mesmo dissera algo muito engraçado ao ouvir que elas haviam chegado.

– Pensei que vocês estivessem em Devonshire – disse ele.

– É mesmo? – respondeu Elinor.

– Quando retornam?

– Não sei.

E assim terminou a conversa.

Marianne nunca estivera com tanto desejo para dançar, como nessa noite, e nunca se cansara tanto com o exercício. Queixou-se assim que voltaram a Berkeley Street.

– Ai, ai. – disse Mrs. Jennings – Sabemos muito bem a razão disso, se certa pessoa de quem não podemos mencionar o nome, estivesse lá, você não estaria nem um pouco cansada. E para dizer a verdade, não foi muito elegante da parte dele não ir ao seu encontro depois de ter sido convidado.

– Convidado! – exclamou Marianne.

– Foi o que minha filha disse-me, pois parece que Sir John encontrou-o na rua esta manhã.

Marianne não disse mais nada, mas pareceu extremamente magoada. Impaciente com a situação para tentar fazer algo que pudesse aliviar a irmã, Elinor resolveu escrever para a mãe na manhã seguinte, na esperança de despertar nela algum temor pela saúde de Marianne e, desta forma, conseguir que ela fizesse as averiguações que há tempo haviam sido adiadas. E sua determinação cresceu quando de manhã, depois do café, Marianne estava escrevendo novamente para Willoughby, pois não conseguia imaginar que seria para outra pessoa.

Por volta do meio-dia, Mrs. Jennings saiu para resolver alguns negócios, e Elinor começou a escrever sua carta imediatamente, enquanto Marianne, bastante inquieta para se ocupar de algo, e muito ansiosa para conversar, andava de uma janela a outra, ou se sentava junto à lareira na

mais profunda melancolia. Elinor foi muito direta ao escrever para a mãe, relatou tudo o que se passara, falou de suas dúvidas a respeito da inconstância de Willoughby, e apelou para seu dever e afeto maternal para que pedisse algum esclarecimento à Marianne a respeito da situação com Willoughby.

Mal havia terminado a carta, quando uma batida na porta anunciava a chegada de um visitante, e logo em seguida, Coronel Brandon foi introduzido. Marianne, que o vira da janela e não desejava nenhum tipo de companhia, deixou a sala antes que ele entrasse. Ele parecia mais sério do que nunca, e embora demonstrasse satisfação por encontrar Miss Dashwood sozinha, como se tivesse algo em particular para contar-lhe, sentou-se e por alguns instantes não disse uma palavra. Elinor, convencida de que ele tinha algo a lhe contar concernente à sua irmã, esperou impaciente que ele se abrisse. Não era a primeira vez que tinha um pressentimento assim, pois mais de uma vez, começando com a observação: “Sua irmã não está bem hoje”, ou “sua irmã parece desanimada”, parecia estar prestes a revelar, ou perguntar, algo específico a respeito dela. Após uma pausa de vários minutos, o silêncio foi quebrado quando ele perguntou, com a voz bastante agitada, quando teria que felicitá-la por ganhar um cunhado. Elinor não estava preparada para tal pergunta, e como não tinha uma resposta, foi obrigada a recorrer ao simples expediente de perguntar do que se tratava. Ele tentou sorrir quando respondeu:

– O compromisso entre sua irmã e Willoughby é bastante conhecido por todos.

– Não pode ser – respondeu Elinor –, se nem sua própria família sabe disso.

Ele olhou surpreso e disse:

– Perdoe-me, receio que minha pergunta tenha sido impertinente, mas não suspeitava que fosse um segredo, já que eles se correspondem abertamente, e todos falam do casamento dos dois.

– Como pode ser? Quem mencionou isso?

– Muitas pessoas, algumas você nem conhece, outras são nossos amigos íntimos: Mrs. Jennings, Mrs. Palmer e os Middletons. Mas ainda assim eu não teria acreditado – pois quando a mente não quer se convencer,

sempre encontra algo em que sustentar suas dúvidas – se hoje não tivesse visto nas mãos do empregado uma carta que estava endereçada a Willoughby, com a letra de sua irmã. Quis perguntar, mas já estava convencido disto antes mesmo de fazer a pergunta. Então já está tudo decidido? É possível que... Desculpe, não tenho o direito e nenhuma possibilidade de êxito. Desculpe-me Miss Dashwood. Creio que não foi correto de minha parte dizer tanto, mas não sei o que fazer e confio absolutamente em sua prudência. Diga que tudo está completamente resolvido, que qualquer tentativa... Que a dissimulação, se é que posso dissimular, é a única coisa que me resta.

Estas palavras, que comunicavam a Elinor uma confissão direta de seu amor por Marianne, afetaram-na muito. Ela não foi capaz de dizer nada imediatamente, e até mesmo quando recobrou o ânimo, refletiu um pouco, sobre qual seria a resposta mais adequada a dar. A verdadeira situação das coisas entre Willoughby e sua irmã era tão desconhecida até para ela, que na tentativa de explicá-la, podia exagerar ou falar pouco demais. Mas, como estava convencida de que o afeto de Marianne por Willoughby, sem importar qual fosse o resultado desse afeto, não deixava esperança de sucesso ao Coronel Brandon, e ao mesmo tempo desejava protegê-la de qualquer censura, depois de pensar um pouco decidiu que seria mais prudente e educado dizer mais do que ela realmente sabia ou acreditava. Admitiu, portanto, que apesar de nunca ter sido informada sobre que tipo de relacionamento eles tinham, não lhe restavam dúvidas sobre o afeto mútuo dos dois e não estava surpresa pelo fato deles se corresponderem.

Ele a ouviu com atenção silenciosa, e quando ela terminou de falar, levantou-se imediatamente e disse com voz emocionada:

– Desejo à sua irmã toda felicidade imaginável, para Willoughby desejo que ele a mereça. – despediu-se e saiu.

Elinor não sentiu nenhum conforto com aquela conversa, nem sentiu diminuída a inquietação de sua mente em relação a outros aspectos; pelo contrário, ficou com uma triste impressão da infelicidade do Coronel Brandon; e nem sequer podia desejar que esta infelicidade desaparecesse, pela ansiedade que lhe causava o evento que a confirmaria.

[1] Espécie de luva cilíndrica, feita geralmente de peles, usada para aquecer as mãos no inverno. (N. I.)

## CAPÍTULO 28

Nada ocorreu nos três ou quatro dias seguintes que levasse Elinor a se arrepender de ter recorrido à mãe, pois Willoughby não apareceu nem escreveu um bilhete sequer. Nessa ocasião, estavam comprometidas a acompanhar Lady Middleton a uma festa, à qual Mrs. Jennings não podia comparecer por causa da indisposição de sua filha caçula. E para esta festa, Marianne, completamente abatida, sem se preocupar com sua aparência, como se lhe fosse indiferente ir ou não, se preparou, sem nenhuma expressão de esperança ou prazer. Depois do chá, sentou-se junto à lareira da sala de estar até a chegada de Lady Middleton, sem se levantar da cadeira ou mudar de posição, perdida em seus pensamentos e insensível à presença da irmã. E quando finalmente anunciaram que Lady Middleton as esperava à porta, tomou um susto como se tivesse esquecido que esperava alguém.

Elas chegaram pontualmente no lugar de destino, e, assim que a fila de carruagens à sua frente permitiu, apearam, subiram as escadas, ouviram seus nomes serem anunciados de um patamar ao outro em voz alta, até que entraram em um salão esplendidamente iluminado, cheio de pessoas e insuportavelmente quente. Depois de cumprirem com as regras de etiqueta e cumprimentarem a dona da casa, puderam se misturar à multidão e sofrer sua cota de calor e incômodo, necessariamente aumentado com a chegada de mais pessoas. Após alguns minutos falando pouco e sem fazer muita coisa, Lady Middleton sentou-se à uma mesa de jogos, e como Marianne não tinha ânimo para se movimentar, ela e Elinor conseguiram encontrar cadeiras vagas e não muito distantes da mesa.

Elas não tinham estado ali por muito tempo quando Elinor percebeu Willoughby, de pé a alguns metros delas, em uma conversa entusiasmada com uma jovem de aspecto muito elegante. Logo seus olhares se cruzaram, e ele imediatamente a cumprimentou, mas sem tentar falar com ela ou se aproximar de Marianne, apesar de não ter deixado de vê-la, e continuou a conversa com a jovem. Elinor se virou involuntariamente para Marianne, para saber se isso havia passado despercebido. Naquele momento, ela o viu pela primeira vez, e com rosto iluminado por uma súbita

alegria, teria corrido imediatamente em sua direção se a irmã não a segurasse.

– Céus! – exclamou ela – Veja! Ele está ali, bem ali! Oh! Por que ele não olha para mim? Por que não vem falar comigo?

– Por favor! Recomponha-se Marianne! – exclamou Elinor – Não deixe que os outros percebam o que você está sentindo. Talvez ele ainda não tenha visto você.

Isto era, porém, mais do que ela poderia acreditar, e Marianne não estava em condições de se recompor diante de tal situação, estava acima da sua vontade. Permaneceu sentada na mais profunda agonia e impaciência, que era refletida em seu semblante.

Finalmente ele se virou novamente, e olhou para ambas, Marianne se levantou e pronunciando seu nome com a voz cheia de afeto, estendeu-lhe as mãos. Ele se aproximou, e dirigindo-se mais a Elinor do que a Marianne, como se quisesse evitar seu olhar e determinado a não notar sua atitude, indagou apressadamente sobre Mrs. Dashwood e perguntou há quanto tempo estavam na cidade. Elinor perdeu completamente a presença de espírito diante de tal atitude, e foi incapaz de dizer uma única palavra. Mas os sentimentos de sua irmã foram expressos instantaneamente. Com o rosto corado e a voz cheia de emoção, disse:

– Santo Deus! Willoughby, o que significa isto? Por acaso não recebeu minhas cartas? Você não vai me apertar a mão?

Ele não pôde evitá-lo, mas o toque da mão dela parecia-lhe algo doloroso, e segurou-lhe a mão por um breve momento. Durante todo este tempo ele tentava se controlar. Elinor observou seu rosto e viu que sua expressão ficava mais tranquila. Depois uma pausa, ele disse com tranquilidade:

– Eu tive a honra de ir a Berkeley Street na terça-feira passada, mas fiquei muito sentido por não ter tido a sorte de encontrar vocês e Mrs. Jennings em casa. Espero que meu cartão não tenha se extraviado.

– Mas você não recebeu meus bilhetes? – exclamou Marianne com grande ansiedade. – Estou certa que se trata de um engano, um terrível engano. O que significa tudo isso? Diga-me Willoughby, diga-me pelo amor de Deus, qual é o problema?

Ele não respondeu, seu semblante se alterou e voltou a ficar constrangido. Mas, como se percebesse o olhar da jovem com quem antes estava conversando, sentiu a necessidade de fazer um novo esforço, recuperou o domínio sobre si mesmo, e em seguida disse:

– Sim, tive o prazer de receber a notícia de sua chegada na cidade, que tiveram a bondade de me enviar. – Afastou-se rapidamente e, com uma leve inclinação de cabeça, saiu e se juntou à amiga.

Marianne, agora com o rosto terrivelmente pálido, incapaz de ficar de pé, afundou-se na cadeira, e Elinor, esperando que a qualquer momento ela desmaiasse, tentou protegê-la dos olhares dos outros, enquanto tentava reanimá-la com água de lavanda.

– Vá até ele, Elinor – exclamou ela, assim que conseguiu falar – e force-o a vir falar comigo. Diga-lhe que preciso vê-lo novamente... devo falar com ele imediatamente... não posso ter paz... não conseguirei ter um momento de paz até que tudo isso seja explicado... deve ter ocorrido algum terrível mal entendido! Oh! Vá até lá agora mesmo!

– Como posso fazer isso? Não, minha querida Marianne, você deve esperar. Aqui não é lugar para explicações. Espere ao menos até amanhã.

Com dificuldade, porém, conseguiu evitar que Marianne o seguisse; e foi impossível convencê-la a disfarçar sua agitação, a esperar, ao menos, readquirir um pouco de compostura, até que pudesse falar com ele a sós e com mais propriedade. Marianne continuava sem parar, com a voz baixa, a falar da angústia de seus sentimentos, proclamando todas as dores que sentia naquele momento. Pouco tempo depois, Elinor viu Willoughby sair da sala e ir em direção às escadas, e disse à Marianne que ele tinha ido embora, o que a impossibilitava de falar com ele naquela noite, tentando usar isso como um argumento para acalmar a irmã. Instantaneamente Marianne pediu a Elinor que implorasse a Lady Middleton para ir embora, pois se sentia péssima e não queria permanecer ali por mais nenhum minuto.

Lady Middleton, apesar de estar no meio de uma partida de cartas, ao ser informada de que Marianne não estava se sentindo bem, foi muito educada para se opor ao seu desejo de ir embora, nem que fosse por um momento sequer. E, entregando suas cartas para uma amiga, partiram assim

que puderam encontrar a carruagem. Mal conversaram durante o caminho até Berkeley Street. Marianne estava em uma agonia silenciosa, muito oprimida até mesmo para chorar; mas por sorte Mrs. Jennings ainda não estava de volta e elas puderam ir diretamente para o quarto, onde os sais<sup>[1]</sup> a reanimaram um pouco. Imediatamente ela despiu-se, foi para a cama e, como ficou evidente que ela desejava ficar sozinha, Elinor deixou-a... E enquanto esperava pelo retorno de Mrs. Jennings teve tempo suficiente para pensar no que havia acontecido.

Ela não poderia duvidar de que houve alguma espécie de compromisso entre Willoughby e Marianne, e que Willoughby se cansara dele era igualmente evidente, pois ainda que Marianne pudesse alimentar alguma esperança, ela não podia atribuir tal comportamento a um engano ou mal-entendido qualquer. Nada além de uma total mudança de sentimentos poderia ser a causa de tudo aquilo. Sua indignação teria sido ainda maior se ela não tivesse visto como ele falava com embaraço e parecia ter plena consciência de sua própria má conduta, o que a impediu de acreditar que ele fosse um rapaz sem princípios a ponto de brincar com os sentimentos de sua irmã desde o início, sem nenhum propósito que resistisse a qualquer investigação. A separação poderia ter diminuído seu interesse e como consequência decidira por um fim no assunto, mas que ele havia sentido algum interesse por Marianne, disso ela não tinha a menor dúvida.

Quanto a Marianne, Elinor não podia refletir sem uma grande preocupação sobre o terrível golpe que um encontro tão infeliz lhe proporcionara e sobre a angústia ainda maior que a irmã sentiria pelas prováveis consequências da história. Sua própria situação parecia melhor se comparada à da irmã, pois enquanto ela pudesse *estimar* Edward como antes, embora tivessem de se separar no futuro, sua mente sempre poderia suportar a separação. Mas todas as circunstâncias pareciam aumentar ainda mais a dor de Marianne no caso de uma separação definitiva de Willoughby... uma ruptura imediata e irreconciliável com ele.

[1] Sais de cheiro, feitos a partir de uma mistura a base de amônia. (N. T.)



## CAPÍTULO 29

No dia seguinte, antes que a empregada acendesse a lareira ou que o sol tivesse algum poder sobre a fria e sombria manhã de janeiro, Marianne, ainda de camisola, estava ajoelhada em frente à bancada da janela, aproveitando a pouca luz que vinha dali, escrevendo tão rápido quanto o fluxo contínuo de lágrimas o permitia. E foi assim que Elinor, despertada do sono por causa da agitação e dos soluços da irmã a encontrou. Depois de contemplá-la por alguns instantes com silenciosa ansiedade, disse-lhe com a maior consideração e gentileza:

– Marianne, posso perguntar...?

– Não, Elinor – respondeu ela – não pergunte nada, logo saberá de tudo.

O calmo desespero com que disse aquilo, não durou mais que suas palavras, e imediatamente voltou a ficar aflita em excesso. Passaram-se alguns minutos antes que conseguisse voltar a escrever a carta, e as frequentes explosões de dor que, a intervalos, obrigavam-na a interromper a escrita, era prova suficiente que aquela provavelmente era a última carta que escreveria a Willoughby.

Elinor prestou-lhe todas as atenções que pôde, silenciosamente e sem incomodá-la. E teria tentado acalmá-la e tranquilizá-la ainda mais, se Marianne não tivesse implorado, com toda a insistência da mais nervosa irritabilidade, que não a interrompesse por nada nesse mundo. Em tais circunstâncias, era melhor para ambas não permanecerem muito tempo juntas; e o inquietante estado de espírito de Marianne não só impedia que ficasse no quarto por um momento sequer depois de estar vestida, como também exigia que ficasse sozinha e que mudasse constantemente de lugar, e fez com que ela perambulasse pela casa até a hora do café da manhã, evitando se encontrar com qualquer pessoa.

Não comeu nada no café da manhã, nem sequer tentou. E Elinor concentrou toda sua atenção, sem insistir nem ter pena dela, nem observá-

la com preocupação, mas no esforço de atrair a atenção de Mrs. Jennings inteiramente para si.

Como esta era a refeição favorita de Mrs. Jennings, durou um tempo considerável. Em seguida, sentaram-se ao redor da mesa de trabalho, quando uma carta para Marianne chegou. Marianne tomou-a apressadamente das mãos do empregado, e tomada de uma palidez mortal, correu para seu quarto. Elinor, percebendo através desse gesto, mesmo sem ter visto o remetente, que se tratava de uma carta de Willoughby, imediatamente sentiu uma dor no coração que fez com que ela não fosse capaz sequer de manter a cabeça erguida e sentisse receio de que Mrs. Jennings percebesse alguma coisa. A boa senhora, porém, só reparou que Marianne recebera uma carta de Willoughby, o que lhe parecia motivo para uma grande piada, oportunidade que não perdeu, desejando, entre gargalhadas, que fosse do seu gosto. Quanto à angústia de Elinor, Mrs. Jennings estava tão ocupada em medir lã para seu tapete que não percebeu nada, e calmamente continuou a falar, logo depois que Marianne desapareceu:

– Dou minha palavra, nunca vi uma jovem tão desesperadamente apaixonada em toda minha vida! Minhas filhas não são nada comparadas a ela, e elas costumavam ser muito tolas. Mas, Miss Marianne parece estar completamente alterada. Eu espero, do fundo do meu coração, que ele não a faça esperar por muito tempo, pois é uma lástima vê-la tão doente e desolada. Por favor, diga-me! Quando se casarão?

Elinor, que nunca estivera tão indisposta para falar como naquele momento, obrigou-se a responder àquela provocação, e tentando sorrir, respondeu:

– Então a senhora está convencida que minha irmã está comprometida com Mr. Willoughby? Pensei que fosse apenas uma piada, mas uma coisa tão séria parece implicar algo mais, portanto, peço-lhe que não continue se enganando. Posso lhe garantir que nada me surpreenderia mais se ouvisse que vão se casar.

– Que vergonha, que vergonha, Miss Dashwood! Como pode falar assim? Não sabemos todos que eles vão se casar, e que estão absurdamente apaixonados um pelo outro desde a primeira vez que se viram? Por acaso não os vi juntos todos os dias em Devonshire? E pensa que eu não sabia que

sua irmã veio à Londres com o propósito de comprar o vestido de noiva? Vamos, vamos, assim não dá para continuar. Como você consegue dissimular tão bem, pensa que ninguém mais se dá conta do que está acontecendo. Entretanto, não é assim, posso garantir que há tempos toda a cidade sabe disso. Falo a todos sobre o assunto, e Charlotte também.

– Realmente – disse Elinor, muito séria –, a senhora está enganada. Na verdade, está fazendo algo muito indelicado ao espalhar essa notícia, e acabará percebendo isso, apesar de que agora não acredita em mim.

Mrs. Jennings riu novamente, mas Elinor não teve ânimo para dizer mais nada, e ansiosa, de qualquer modo, para saber o que Willoughby havia escrito para Marianne, correu até seu quarto, onde, ao abrir a porta, viu Marianne estirada sobre a cama, quase sufocada pela dor, com uma carta na mão, e outras duas ou três jogadas ao seu lado. Elinor chegou perto, sem dizer uma palavra; e sentando-se ao seu lado na cama, pegou-lhe a mão, beijou-a afetuosamente várias vezes, e então deu vazão a uma torrente de lágrimas, que a princípio era pouco menos violenta do que a da própria Marianne. Esta última, incapaz de falar, pareceu sentir toda a ternura de seus gestos e depois de alguns minutos unidas pela aflição, colocou todas as cartas nas mãos de Elinor, e então quase gritou de agonia, cobrindo o rosto com seu lenço. Elinor, apesar de saber que tal aflição, por terrível que fosse de presenciar, deveria seguir seu curso, manteve-se atenta ao seu lado até que esses excessos de dor diminuíssem, e então, tomando a carta de Willoughby ansiosamente, leu o seguinte:

“Bond Street, Janeiro.

Minha cara senhora,

*Acabo de ter a honra de receber sua carta, pela qual peço que aceite os meus sinceros agradecimentos. Estou muito preocupado em saber que algo em meu comportamento na noite passada não recebeu sua aprovação, e embora me sinta incapaz de descobrir o que fiz para ofendê-la, suplico-lhe que me perdoe e posso lhe garantir que agi inteiramente sem a intenção de lhe magoar. Jamais me lembrarei da minha relação com sua família em Devonshire sem o prazer mais profundo, e quero acreditar que ele não será rompido por algum engano ou má interpretação das minhas ações. Meu afeto por toda sua família é muito sincero, mas se tive a infelicidade de dar motivo para que*

*acreditasse em algo além do que eu realmente sentia, ou quisesse expressar, devo recriminar-me por não ter sido mais cuidadoso com as manifestações dessa estima. Se alguma vez quis dizer mais que isso, deve considerar impossível, quando entender que meus afetos estão comprometidos há muito tempo em outra parte, e não se passarão muitas semanas, creio, antes que se cumpra esse compromisso. É com grande pesar que obedeco a sua ordem de devolver-lhe as cartas com que me honrou e o cacho de cabelo com que tão gentilmente me presenteou.*

*Sou, minha querida senhora,  
seu mais obediente  
e humilde servo,  
John Willoughby”*

Pode-se imaginar com que indignação Miss Dashwood leu esta carta. Apesar de estar bastante consciente, antes de começar a ler, de que devia trazer a confissão de sua inconstância e confirmar sua separação definitiva, não imaginava que ele pudesse usar tal linguagem para anunciá-la, nem imaginava que Willoughby fosse capaz de se distanciar tanto da aparência de quaisquer sentimentos honrados e delicados, tão distantes do decoro comum de um cavalheiro, a ponto de enviar uma carta tão descaradamente cruel; uma carta que, em vez de tornar o seu desejo de separação uma livre manifestação de arrependimento, não reconhecia nenhuma quebra de palavra e negava que tivesse havido algum afeto especial... uma carta na qual cada linha era um insulto e que proclamava que o autor era o mais puro vilão.

Ela permaneceu por algum tempo olhando a carta com indignado espanto, depois leu-a e releu-a inúmeras vezes; mas cada releitura serviu apenas para aumentar sua aversão por esse homem, e seus sentimentos eram tão amargos, que não ousou sequer falar, para não magoar Marianne ainda mais profundamente se dissesse que considerava o rompimento deles, não como a perda de algum bem para ela, mas como a possibilidade de escapar do pior e mais irremediável de todos os males: uma união para toda a vida com um homem sem princípios – o que era uma grande libertação, a benção mais importante.

Em sua intensa meditação sobre o conteúdo da carta, sobre a depravação da mente que a ditara e, com certeza, sobre a mente muito diferente de uma pessoa muito diferente, que não tinha nenhum vínculo com o caso além do que seu coração lhe dava com tudo que se passava, Elinor esqueceu a angústia de sua irmã, esqueceu que tinha três cartas no colo para serem lidas, e esqueceu tão completamente por quanto tempo estivera no quarto, que, quando ouviu uma carruagem estacionar à porta, foi até a janela para ver quem poderia chegar tão cedo; ficou muito espantada ao perceber a carruagem de Mrs. Jennings, que nunca era solicitada antes de uma da tarde. Decidida a não deixar Marianne, apesar de não ter nenhuma esperança de poder ajudá-la, no momento, a ficar mais calma, saiu apressadamente para se desculpar e dizer à Mrs. Jennings que não poderia acompanhá-la, já que Marianne sentia-se indisposta. Mrs. Jennings, com uma alegre preocupação pelo motivo da dispensa, aceitou-a prontamente e Elinor, após despedir-se dela, voltou ao quarto, onde encontrou Marianne tentando se levantar da cama, e a alcançou justo a tempo de evitar que caísse no chão, desmaiada e atordoada pela prolongada falta de repouso e alimentação, pois já haviam se passado muitos dias sem que ela tivesse apetite para comer, e há muitas noites não dormia. Agora que sua mente não mais se apoiava na febre da expectativa, a consequência de tudo aquilo era sentida na cabeça dolorida, no estômago debilitado e no estado geral de fraqueza. Uma taça de vinho, que Elinor trouxe para ela imediatamente, fez com que melhorasse, e por fim foi capaz de expressar algum reconhecimento pelo afeto de Elinor, dizendo:

– Pobre Elinor! Como lhe faço infeliz!

– Eu apenas desejo – respondeu sua irmã – que houvesse algo que *pudesse* fazer para confortá-la.

Isto, como tudo o mais tinha sido, foi demais para Marianne, que só pode exclamar com toda angústia do seu coração, antes que sua voz se perdesse em soluços:

– Oh! Elinor, como sou infeliz.

Elinor não pôde continuar contemplando em silêncio aquela torrente desenfreada de dor.

– Faça um esforço, querida Marianne – exclamou ela – se não quiser se matar e a todos que a amam. Pense na sua mãe, pense como ficará infeliz ao vê-la sofrer, por ela, faça um esforço.

– Eu não consigo, não consigo – exclamou Marianne, deixe-me, deixe-me, se a perturbo. Deixe-me, deixe-me, esqueça-me! Não me torture mais! Oh! Como é fácil para aqueles que não sofrem falar para os outros se esforçarem! Feliz, feliz Elinor! Você não tem ideia de como estou sofrendo.

– Você me chama de feliz, Marianne? Ah, se vocês soubessem! É como pode pensar que sou feliz ao vê-la tão desesperada!

– Perdoe-me, perdoe-me – abraçando a irmã – sei que você sofre por mim, sei que tem bom coração, mas ainda assim... Você deve ser feliz, Edward a ama. O que pode acabar com uma felicidade como essa?

– Muitas, muitas circunstâncias – disse Elinor, solenemente.

– Não, não, não – exclamou Marianne – ele a ama, ama você e mais ninguém. Você não *pode* ter nenhuma mágoa.

– Não posso ficar satisfeita ao vê-la desse jeito.

– E nunca mais me verá de outra forma. A minha é uma desgraça que não tem fim.

– Você não deve falar assim, Marianne. Você não tem nenhum conforto? Não tem amigos? Sua perda é tão grande que não deixa espaço para o consolo? Por mais que sofra agora, pense no que teria sofrido se descobrisse o caráter de Willoughby mais tarde... se seu compromisso tivesse se prolongando por meses e meses, e poderia ter sido assim, antes que ele tomasse a decisão de terminá-lo. Cada dia a mais na sua infeliz confiança, teria tornado o golpe ainda pior.

– Compromisso! – exclamou Marianne – Não havia compromisso.

– Nenhum compromisso!

– Não, ele não é tão indigno como pensa. Ele não me enganou.

– Mas ele lhe disse que a amava.

– Sim... Não... Nunca... Em absoluto. Era tudo implícito, mas nunca se declarou abertamente. Às vezes eu pensava que tinha sido... Mas nunca foi.

– E ainda assim você escreveu para ele?

– Sim. Podia estar errada depois de tudo que se passou? Mas não posso falar.

Elinor não disse mais nada, e voltando sua atenção para as três cartas, que agora lhe despertavam muito mais curiosidade do que antes, imediatamente se dedicou a examinar-lhes o conteúdo. A primeira, que fora enviada por sua irmã, logo que chegara à cidade, dizia o seguinte:

*Berkeley Street, janeiro.*

*Como ficará surpreso, Willoughby ao receber este bilhete! Penso que sentirá até algo maior que surpresa ao saber que estou na cidade. A oportunidade de vir até aqui, apesar de ser na companhia de Mrs. Jennings, foi uma tentação a que não pudemos resistir. Espero que receba este a tempo de vir aqui à noite, mas não contarei com isso. Em todo caso, esperarei por você amanhã. Por hora, adeus.*

M.D.

O seguinte bilhete, que fora escrito na manhã seguinte ao baile dos Middletons, continha essas palavras:

*Não posso expressar minha decepção por não tê-lo encontrado anteontem, nem meu assombro por não ter recebido resposta alguma ao bilhete que lhe enviei há mais de uma semana. Tenho esperado notícias suas, e anseio ainda mais em vê-lo, todas as horas do dia. Por favor, venha novamente assim que for possível, e explique o motivo de eu ter esperado em vão. Seria melhor que viesse mais cedo da próxima vez, porque geralmente saímos depois de uma da tarde. Na noite passada, estivemos na casa de Lady Middleton, onde houve um baile. Disseram-me que você fora convidado. Isso é verdade? Você deve estar bastante mudado desde que nos separamos, se este é o caso e você não foi. Mas não estou disposta a acreditar que isso seja possível, e espero que logo me diga pessoalmente o que aconteceu.*

M.D.

O conteúdo do último bilhete era este:

*O que devo imaginar, Willoughby, do seu comportamento na noite passada? Mais uma vez, peço uma explicação. Estava preparada para encontrá-lo com o prazer*

*que a nossa separação naturalmente provocou, com a familiaridade que nossa intimidade em Barton me parecia justificar. Fui rejeitada, na verdade! Passei uma terrível noite tentando desculpar uma conduta que no mínimo chamaria de insultante, porém, como fui incapaz de encontrar uma justificativa razoável para seu comportamento, estou perfeitamente pronta para ouvir as suas justificativas. Talvez você tenha sido mal informado, ou propositalmente enganado a meu respeito, o que pode ter piorado a opinião que tem de mim. Diga-me o que é, explicando porque agiu daquela maneira, e ficarei satisfeita por poder satisfazê-lo. Certamente me causaria grande dor ter que pensar mal de você, mas se sou obrigada a fazê-lo, se sou obrigada a ver que você não é quem acreditávamos que fosse, que sua afeição por nós era insincera, que a sua conduta para comigo tinha apenas a intenção de enganar-me, diga-me o mais rápido possível. Meus sentimentos estão agora em um terrível estado de indecisão. Desejo absolvê-lo, porém a certeza, seja qual for, será melhor do que meu sofrimento. Se seus sentimentos já não são mais os mesmos, devolva meus bilhetes e o meu cacho de cabelos que estão em seu poder.*

M.D.

Em consideração a Willoughby, Elinor não estava disposta a acreditar que tais cartas, tão cheias de afeto e confiança, pudessem ter merecido a resposta que tiveram. No entanto, sua condenação não a tornou cega à impropriedade de terem sido escritas. Lamentava silenciosamente a imprudência que dera oportunidade a tais provas de ternura não solicitadas, não garantidas por nada que tivesse ocorrido e severamente condenadas pelos fatos, quando Marianne, percebendo que ela terminara de ler as cartas, observou-lhe que elas não continham nada além do que qualquer um escreveria na mesma situação.

– Eu me senti – acrescentou – tão solenemente comprometida com ele como se estivéssemos unidos pelo mais estreito pacto legal.

– Eu acredito – disse Elinor –, mas infelizmente ele não sentia o mesmo.

– Ele sentia o mesmo, Elinor, por várias semanas ele sentia o mesmo. Eu sei que sentiu. Seja o que for que causou essa transformação nele agora, (e só mesmo a magia mais negra usada contra mim poderia ter feito isso), eu era tão querida por ele quanto minha própria alma poderia desejar. Esse cacho de cabelo, do qual agora ele desiste tão facilmente, ele o obteve mediante súplicas veementes. Se tivesse visto seu aspecto, suas maneiras, se



tivesse escutado sua voz naquele momento! Esqueceu-se da última tarde que passamos juntos em Barton? E a manhã em que nos despedimos também! Quando ele me disse que poderiam se passar muitas semanas antes de nos encontrarmos novamente... seu desespero... Como posso esquecer do desespero de Willoughby?

Por alguns instantes ela não pôde dizer mais nada, mas quando a emoção passou, ela acrescentou, em um tom mais firme de voz:

– Elinor, fui cruelmente usada, mas não por Willoughby.

– Querida Marianne, quem pode ser, além dele? Quem poderia ter induzido Willoughby?

– Todo o mundo, menos o seu próprio coração. Prefiro acreditar que todas as pessoas que conhecemos se uniram para arruinar-me em sua opinião, do que acreditar que sua natureza fosse capaz de tamanha crueldade. Esta mulher que ele menciona... seja quem for... ou quaisquer outras pessoas, com exceção de você, naturalmente, mamãe e Edward, podiam ser tão cruéis a ponto de me denegrirem. Além de vocês três, existe outra pessoa no mundo de quem eu jamais suspeitaria, senão de Willoughby, cujo coração conheço tão bem?

Elinor não quis discutir, apenas respondeu:

– Seja quem for o seu detestável inimigo, deixe que seja enganado por seu próprio triunfo maligno, minha querida irmã, mostrando-lhe com quanta nobreza a consciência de sua própria inocência e boas intenções sustenta o seu espírito. É razoável e digno o orgulho que resiste a essa malevolência.

– Não, não – exclamou Marianne – não há orgulho para um sofrimento como o meu. Não me importa que saibam o quanto sou infeliz. Todos podem saborear o triunfo de ver-me dessa maneira. Elinor, Elinor, aqueles que pouco sofrem, podem ser tão orgulhosos e independentes como queiram... podem resistir aos insultos ou esquecer a humilhação... mas eu não. Tenho que sentir... tenho que ser infeliz... e eles estão livres para saborear o que conseguiram fazer.

– Mas por minha mãe, e por mim...

– Faria mais do que por mim mesma. Mas parecer feliz quando na verdade estou triste... Oh! Quem pode exigir isso?

De novo ficaram em silêncio. Elinor se dedicava a caminhar, pensativa, da lareira até a janela, da janela até a lareira, sem notar se recebia calor de uma ou via objetos através da outra. Marianne, sentada ao pé da cama, com a cabeça apoiada contra um dos seus pilares, tomou de novo a carta de Willoughby e, depois de arrepiar-se com cada sentença, exclamou:

– É demais! Oh, Willoughby, Willoughby, como isto pode ter sido escrito por você? Cruel, cruel, nada pode desculpá-lo. Elinor, nada pode desculpá-lo. Seja o que for que ouviu contra mim... Não deveria ter suspenso o julgamento? Não deveria ter conversado comigo, para que eu pudesse defender-me? – *“O cacho de cabelo (repetindo o que a carta dizia), com que tão gentilmente me presenteou”* – Isso é imperdoável! Willoughby, onde estava seu coração quando escreveu essas palavras? Oh! Que insolência desalmada! Elinor, por acaso ele pode se justificar?

– Não, Marianne, de maneira alguma.

– E, no entanto, essa mulher... Quem sabe o que ela foi capaz de fazer? Durante quanto tempo premeditou tudo isso, e o quanto ela o induziu! Quem é ela? Quem poderá ser? Será que alguma vez terei ouvido Willoughby mencionar uma jovem atraente entre as suas relações femininas? Oh! Nunca, nenhuma vez, ele só falava de mim.

Seguiu-se uma nova pausa. Marianne estava bastante agitada, e terminou assim:

– Elinor, tenho que ir para casa. Tenho que ir e confortar a mamãe. Podemos ir amanhã?

– Amanhã, Marianne!

– Sim, por que devemos ficar aqui? Só vim por causa de Willoughby, e agora quem se importa comigo? Quem me considera?

– Seria impossível partirmos amanhã. Devemos à Mrs. Jennings muito mais do que a boa educação exige, e as regras de etiqueta impedem que façamos uma partida assim tão precipitada.

– Bem, então em dois ou três dias, talvez. Mas não posso ficar aqui mais tempo, não poderei ficar e enfrentar os questionamentos e comentários de todas essas pessoas. Como irei suportar a piedade dos Middletons e dos Palmers? A piedade de uma mulher como Lady Middleton? Oh, o que Willoughby diria a respeito disso?

Elinor aconselhou-a a deitar-se novamente, e por um momento ela obedeceu, mas nenhuma posição parecia lhe trazer conforto, e na dor sem descanso de seu corpo e de seu espírito, mudava de posição várias vezes, até que foi ficando mais e mais nervosa, de modo que a irmã teve dificuldade de mantê-la na cama, e por alguns instantes pensou em chamar alguém para ajudá-la. Algumas gotas de água de lavanda, no entanto, que Marianne foi convencida a tomar, lhe serviram de ajuda, e deste instante até a volta de Mrs. Jennings permaneceu na cama, calada e sem se mover.

## CAPÍTULO 30

Ao retornar à casa, Mrs. Jennings se dirigiu imediatamente ao quarto de Elinor e Marianne e, sem esperar que respondessem seu chamado, abriu a porta e entrou com o semblante bastante preocupado.

– Como você está, minha querida? – perguntou em um tom compassivo.

Marianne desviou o rosto sem demonstrar nenhuma intenção de responder.

– Como ela está, Miss Dashwood? Pobrezinha! Está com uma aparência horrível. Não é de se estranhar. Ah, então é mesmo verdade! Ele vai se casar em breve, sujeitinho desclassificado! Não tenho paciência com ele. Mrs. Taylor disse-me há meia hora, e ela ouviu de uma amiga particular de Miss Grey, do contrário eu não seria capaz de acreditar, quase desmaiei quando soube. Bem, disse eu, tudo que posso dizer é que, se for verdade, ele se aproveitou de uma jovem de minhas relações de maneira abominavelmente cruel, e desejo de todo meu coração que sua esposa o atormente a vida inteira. E seguirei dizendo para sempre, querida, pode ter certeza. Não consigo imaginar como os homens podem seguir em frente trilhando este caminho, e se alguma vez eu voltar a encontrá-lo, passarei um sermão nele, como até hoje ele nunca ouviu. Mas existe um conforto, minha querida Marianne, ele não é o único jovem do mundo que vale à pena, e com seu lindo rostinho nunca lhe faltarão pretendentes. Pobrezinha! Não quero incomodá-la por muito tempo, pois o melhor a fazer é chorar tudo que tem para chorar de uma vez. Por sorte, como você sabe, os Parrys e os Sandersons nos visitarão hoje à noite, e isso servirá para distraí-la.

Saiu, caminhando na ponta dos pés, como se acreditasse que a aflição de sua amiga fosse aumentar por causa do ruído.

Marianne, para a surpresa de sua irmã, decidiu jantar com elas. Elinor chegou a aconselhar o contrário. Mas não, “*ela iria lá embaixo, podia suportar muito bem, e o falatório a seu respeito seria menor*”. Elinor, contente por vê-la deixar-se guiar por tal motivo, apesar de não crer que ela pudesse se

sentar à mesa de jantar, não disse mais nada. Assim, tentando ajeitar-lhe o vestido da melhor maneira possível, enquanto Marianne ainda permanecia na cama, estava pronta para levá-la à sala de jantar assim que fossem chamadas.

Uma vez ali, embora parecesse muito triste, alimentou-se melhor e estava mais calma do que sua irmã esperava. Se tivesse tentado falar ou se tivesse consciência da metade das boas intenções, porém desajeitadas, de Mrs. Jennings para com ela, essa calma talvez não pudesse ser mantida. Porém, nenhuma sílaba saiu de seus lábios, e absorvida por seus pensamentos não prestava atenção no que se passava à sua volta.

Elinor, que valorizava a bondade de Mrs. Jennings, apesar de suas efusões serem um tanto irritantes e às vezes quase ridículas, manifestou-lhe sua gratidão e retribuiu as gentilezas, o que a irmã não podia fazer ou retribuir por si mesma. A sua boa amiga viu que Marianne estava triste, e sentiu que deveria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para diminuir-lhe a dor. Tratou-a, então, com todo o indulgente carinho de uma mãe para com sua filha favorita em seu último dia de férias. Marianne tinha de ficar no melhor lugar junto à lareira, deveria ser tentada a comer cada uma das iguarias da casa e precisava ser distraída com um relato de todas as notícias do dia. Se Elinor não tivesse visto, no semblante triste da irmã, uma contenção de qualquer alegria, teria se divertido com os esforços de Mrs. Jennings para curar a decepção amorosa da irmã por meio de uma variedade de doces, azeitonas e uma boa lareira. No entanto, assim que Marianne teve consciência de tudo aquilo devido a sua repetição contínua, não suportou mais. Com uma viva exclamação de dor e um sinal para que a irmã não a seguisse, levantou-se e saiu rapidamente da sala.

– Pobre alma! – exclamou Mrs. Jennings, assim que ela saiu – Como fico triste ao vê-la assim! E vejam, ela saiu sem terminar o vinho! E as cerejas secas também! Meu Deus! Nada parece lhe dar alegria. Estou certo de que se soubesse de algo que pudesse alegrá-la, mandaria procurar por toda cidade até consegui-lo. Bem, para mim é muito estranho que um homem use uma moça de maneira tão cruel! Mas quando existe muito dinheiro de um lado, e quase nenhum do outro, que Deus me ajude! Eles não se importam mais com essas coisas!

– Então a moça – acho que seu nome é Miss Grey – é muito rica?

– Cinquenta mil libras, minha querida. Nunca a viu? Uma moça inteligente e elegante, mas não é muito bonita. Lembro muito bem de sua tia, Biddy Henshawe, casou-se com um homem muito rico. Mas todos da família são muito ricos. Cinquenta mil libras! E pelo que contam, esse dinheiro chegará bem a tempo, pois dizem que ele está bastante endividado. Não é de admirar, já que está sempre por ai passeando com sua carruagem e seus cachorros! Bem, sem querer fazer fofoca, mas quando um rapaz, seja ele quem for, se apaixona por uma linda jovem e lhe promete casamento, não tem o direito de não cumprir com sua palavra só porque ficou pobre e há uma outra moça rica à sua espera. Por que ele, neste caso, não vendeu seus cavalos, alugou sua casa, despediu os criados e mudou completamente de vida? Garanto-lhe que Miss Marianne estaria disposta a esperar até que as coisas se arranjassem. Mas não é assim que se faz hoje em dia, os jovens de hoje jamais renunciam a nenhum prazer.

– Sabe que tipo de moça é essa Miss Grey? Dizem que é amável?

– Eu nunca ouvi nada de mal sobre ela. Na verdade, quase nunca ouvi falar a seu respeito, exceto o que Mrs. Taylor disse esta manhã, que um dia Miss Walker insinuou que acreditava que Mr. e Mrs. Ellison não lamentariam se Miss Grey se casasse, pois ela e Mrs. Ellison nunca se entenderam bem.

– Quem são os Ellisons?

– São os tutores dela, minha querida. Mas agora ela já é maior de idade e pode fazer suas próprias escolhas. E que bela escolha ela fez! – Depois de fazer uma pausa, continuou: – E agora, sua pobre irmã saiu da sala, suponho, para lamentar-se sozinha. Não há nada que possamos fazer para consolar Marianne? Pobrezinha, parece muita crueldade deixá-la sozinha. Bem, pouco a pouco convidaremos novos amigos, e ela poderá se divertir um pouco. O que podemos jogar? Sei que ela odeia uíste, mas não há outro jogo que ela goste?

– Minha cara senhora, esta generosidade é bastante desnecessária. Marianne, posso lhe garantir, não vai mais sair do quarto hoje. Tentarei convencê-la a se deitar mais cedo, pois tenho certeza que ela precisa de descanso.

– Sim, creio que será melhor para ela. Espero que diga o que deseja comer na ceia e depois vá dormir. Deus! Não é de estranhar que tenha andado tão mal e tão abatida nas últimas semanas, porque imagino que este assunto ficava em sua cabeça o tempo todo. E então a carta que chegou hoje foi a gota d’água! Pobrezinha! Garanto-lhe que se eu soubesse disso tudo, não teria brincado com ela sobre o assunto por nada neste mundo. Mas como eu poderia ter adivinhado? Tinha certeza que era apenas uma carta de amor, e você sabe que os jovens gostam que brinquem com eles sobre essas cartas. Deus! Como Sir John e minhas filhas ficarão preocupados ao ouvir tal notícia! Se eu estivesse com minha cabeça no lugar, teria passado em Conduit Street na volta para casa e lhes contado a notícia. Mas irei vê-los amanhã.

– Estou certa de que não será necessário que a senhora aconselhe Mrs. Palmer e Sir John a não mencionarem o nome de Mr. Willoughby, nem fazerem a menor alusão ao ocorrido na frente de minha irmã. Sua própria bondade natural lhes fará ver a crueldade que seria demonstrar o que sabem a respeito em sua presença, e muito menos que falem sobre o assunto comigo, pois assim meus sentimentos serão preservados, como a senhora facilmente entenderá.

– Oh, Deus! Sim, entendo sim. Deve ser terrível para você ouvir falar desse assunto, e quanto à sua irmã, garanto-lhe que não mencionarei uma palavra sequer para ela. Você percebeu que não falei nada durante o jantar. Nem Sir John nem minhas filhas irão falar nada, uma vez que todos são tão atenciosos e têm bastante consideração por vocês, principalmente se eu os aconselhar, como certamente farei. Da minha parte, acredito que quanto menos se falar sobre essas coisas, melhor, e rapidamente os mexericos vão cessar e serão esquecidos. E de que adianta falar sobre isso?

– Nesse caso, falar só pode prejudicar, talvez mais do que em muitos casos parecidos, porque este vem acompanhado de circunstâncias que, para o bem de todos os interessados, o tornam impróprio como motivo de comentário público. Devo fazer *esta* justiça a Mr. Willoughby: ele não rompeu nenhum compromisso efetivo com minha irmã.

– Justiça, minha cara! Não tente defendê-lo. Nenhum compromisso efetivo, realmente! Depois de levá-la a Allenham House, e mostrar a ela todos os cômodos que iriam ocupar no futuro!

Elinor, pelo bem da irmã, não quis continuar a falar sobre o assunto, e também pelo bem de Willoughby esperava que não lhe fizessem perguntas, pois apesar de Marianne ter perdido muito, não ganharia nada ao dizer a verdade. Depois de um breve silêncio entre as duas, Mrs. Jennings, com toda sua hilariante naturalidade, entrou no assunto novamente.

– Bem, minha querida, como diz o ditado: há males que vêm para o bem, e neste caso, o beneficiário será o Coronel Brandon. Finalmente ele vai poder conquistá-la, e tenho certeza que o fará. Escute o que eu digo, eles estarão casados até meados do verão. Deus! Como ele vai se alegrar com a notícia! Espero que ele venha esta noite. Tenho certeza que será um casamento melhor para sua irmã. Duas mil libras por ano, sem dívidas nem descontos, com exceção, é claro, de sua filha natural. Ah, quase me esqueci dela. Podem colocá-la como interna em algum lugar, sem maiores gastos, e então o que isso poderia significar? Delaford é um lindo lugar, posso lhe dizer! É exatamente o que eu chamo de belo lugar à moda antiga, cheio de conforto e conveniências, rodeado pelos grandes muros de um imenso jardim cheio de árvores frutíferas, as melhores da região! Além disso, há uma amoreira em um dos cantos! Deus! Como eu e Charlotte nos fartamos de comer na única vez que estivemos por lá! Há também um pombal, uns deliciosos tanques de peixes e um lindo canal, enfim, tudo que se pode desejar. Além disso, fica perto da igreja, e a cerca de quatrocentos metros da estrada principal, então nunca é monótono, pois precisamos apenas nos sentar sobre um teixo velho que há atrás da casa e podemos observar as carruagens passando. Oh! É um ótimo lugar! Há um açougueiro perto da vila, e a casa paroquial fica a alguns metros dali. Em minha opinião é mil vezes mais lindo que Barton Park, onde são obrigados a andar quase cinco quilômetros para comprar carne, e não tem nenhum outro vizinho por perto a não ser sua mãe. Bem, vou animar o Coronel Brandon assim que puder. E como você sabe, uma coisa puxa a outra. Se apenas pudermos tirar-lhe Willoughby da cabeça!

– Ah, se pudermos fazer *isso*, senhora – disse Elinor – passaremos muito bem com ou sem o Coronel Brandon. – Então se levantou e foi ao encontro de Marianne, a quem encontrou, tal como esperava, em seu



quarto, triste e silenciosa, debruçada sobre o resto das brasas da lareira, a qual, até a entrada de Elinor, fora sua única luz.

– É melhor você me deixar. – foi a única coisa que Marianne disse à irmã.

– Vou deixá-la – disse Elinor – se você for se deitar. – Levada pela impaciência momentânea de seu sofrimento, recusou a princípio. Mas os insistentes, porém gentis, argumentos de sua irmã logo a deixaram mais dócil, e Elinor a viu encostar a cabeça dolorida sobre uma almofada, e como esperava, começou a descansar antes que a deixasse.

Na sala de estar, para onde Elinor se dirigiu, Mrs. Jennings logo juntou-se a ela, com uma taça cheia de vinho na mão.

– Minha querida – disse ela ao entrar –, acabo de me lembrar que havia uma garrafa de um excelente vinho Constancia e posso lhe garantir que é o melhor que já provei, então decidi trazer uma taça para sua irmã. Meu pobre marido! Como gostava desse vinho! Cada vez que tinha um de seus ataques de gota, dizia que esse vinho era a melhor coisa do mundo. Pegue e leve uma taça para sua irmã.

– Minha cara senhora – respondeu Elinor, sorrindo por causa da diversidade de males para os quais o vinho era recomendado –, quanta bondade! Mas acabo de deixar Marianne na cama, e espero que esteja quase adormecida. E como acredito que nada lhe fará mais bem que um bom descanso, se a senhora permitir, eu mesma tomarei o vinho.

Mrs. Jennings, apesar de lamentar não ter chegado cinco minutos antes, ficou satisfeita com a proposta. E Elinor, enquanto tomava a maior parte do vinho, pensava que, embora os efeitos do vinho em relação à gota, no momento, não lhe fossem relevantes, talvez seus poderes curativos sobre um coração despedaçado pudessem ser de alguma valia tanto para ela como para a irmã.

Coronel Brandon chegou quando estavam tomando chá, e pela maneira com que olhava à volta da sala, procurando por Marianne, Elinor percebeu logo que ele não esperava e nem sequer desejava vê-la ali, e, em suma, que já sabia o motivo de sua ausência. Mrs. Jennings não pensou da mesma maneira, pois logo após a chegada do Coronel, foi em direção à mesa em cuja cabeceira estava Elinor e sussurrou:

– Veja como o Coronel está mais sério do que de costume. Não deve saber de nada, conte a ele, minha querida.

Logo depois, ele puxou uma cadeira para junto dela e, com um olhar que lhe garantia que ele sabia da notícia, perguntou por sua irmã.

– Marianne não está se sentindo bem – disse ela. – Esteve indisposta durante todo o dia, e nós a convencemos a ir se deitar.

– Talvez, então – respondeu ele hesitante –, o que eu ouvi esta manhã seja verdade... Deve haver mais verdade nisso do que acreditei a princípio.

– O que foi que ouviu?

– Que um cavalheiro, a respeito do qual tenho motivos para acreditar... Em suma, que um homem que eu *sabia* estar comprometido... Mas, como posso lhe dizer? Se já sabe, como imagino, não me obrigue a repeti-lo.

– Você se refere – respondeu Elinor, com forçosa tranquilidade – ao casamento de Willoughby com Miss Grey. Sim, nós *sabemos* tudo a respeito. Parece que foi um dia de esclarecimento geral, pois logo no início da manhã descobrimos tudo. Mr. Willoughby é uma pessoa insondável! Onde ouviu a notícia?

– Em uma papelaria em Pall Mall, onde estava a negócios. Duas senhoras estavam aguardando a carruagem e uma delas contava à outra sobre este futuro casamento, em um tom de voz tão pouco discreto que não tive como não escutar tudo. O nome de Willoughby, John Willoughby, repetido mais de uma vez, chamou minha atenção. E o que se seguiu era a afirmação positiva de que tudo finalmente estava acertado a respeito do seu casamento com Miss. Grey... Já não era mais segredo... E que aconteceria dentro de poucas semanas, e muitos outros detalhes sobre os preparativos e outros assuntos. Recordo-me em especial de uma coisa, que me serviu para identificar ainda mais o homem em questão: logo após a cerimônia, viajariam para Combe Magna, sua propriedade em Somersetshire. Não imagina meu assombro! Mas seria impossível descrever-lhe o que senti. Ao perguntar, já que permaneci na papelaria até elas irem embora, informaram-me que a comunicativa senhora era Mrs. Ellison, a tutora de Miss Grey.

– Sim é verdade. Mas você também ouviu que Miss Grey possui cinquenta mil libras? Apenas essa pode ser considerada uma boa explicação.

– Pode ser. Porém, Willoughby é capaz, pelo eu acredito... – parou um instante, e em seguida acrescentou com uma voz que parecia trair a si mesma: – E sua irmã, como...

– Seu sofrimento é enorme. Só espero que seja proporcionalmente breve. Tem sido a mais cruel aflição. Até ontem, creio que ela nunca duvidou do afeto de Willoughby, e até mesmo agora, talvez... Mas estou convencida de que ele nunca esteve realmente apaixonado por ela. Agiu com muita falsidade! E, em alguns pontos, parece ser um homem sem coração.

– Ah! – disse Coronel Brandon – estou certo que sim! Mas sua irmã não... Acho que você já me disse isso... Não tem a mesma opinião?

– Você sabe como ela é, e pode imaginar o quanto ela se esforçaria para justificá-lo, se pudesse.

Ele não respondeu, e logo em seguida, quando tiraram o serviço de chá e organizaram os grupos para jogar cartas, o assunto foi necessariamente deixado de lado. Mrs. Jennings, que os observava com prazer enquanto conversavam, e esperava que o efeito da comunicação de Miss Dashwood causasse uma instantânea explosão de alegria no Coronel Brandon, como aconteceria com um homem na flor da idade, da esperança e da felicidade, com assombro viu-o permanecer toda a noite mais sério e pensativo do que o habitual.

## CAPÍTULO 31

Depois de uma noite em que dormiu mais do que esperava, Marianne acordou na manhã seguinte consciente de que continuava com a mesma infelicidade de quando adormecera.

Elinor tentou encorajá-la a falar do que sentia o mais que pôde, então, antes que o café da manhã fosse servido, elas conversaram sobre o assunto várias vezes; Elinor sem alterar sua tranquila certeza e conselhos afetuosos, e Marianne mantendo os impetuosos sentimentos e mudando constantemente de opinião, como antes. Às vezes acreditava que Willoughby era tão infeliz e inocente quanto ela, em outras, ficava inconsolável ante a impossibilidade de absolvê-lo. Em um momento, era indiferente aos comentários do mundo, no momento seguinte se retiraria dele para sempre, em um terceiro momento poderia resistir a ele com determinação. Entretanto, em uma coisa ela permanecia constante ao tratar desta questão: em evitar, quando possível, a presença de Mrs. Jennings, e em sua decisão de se manter em absoluto silêncio quando fosse obrigada a tolerá-la. Seu coração se recusava a crer que Mrs. Jennings pudesse participar de sua dor com alguma compaixão.

– Não, não, não pode ser – exclamou – ela não pode sentir. Sua amabilidade não é consideração, seu bom caráter não é ternura. Ela só se interessa por fofocas, e só gosta de mim porque lhe dou motivos para tanto.

Elinor não precisava disto para ter certeza de que sua irmã podia cometer injustiças, movida pelo irritável refinamento de sua própria mente quando se tratava de opinar sobre os demais, pela excessiva importância que atribuía às delicadezas próprias de uma grande sensibilidade e às graças de maneiras refinadas. Como metade do mundo, Marianne, com excelentes qualidades e grande disposição, não era nem razoável nem justa. Esperava que os demais tivessem as mesmas opiniões e sentimentos que os seus, e julgava as atitudes de todos pelo efeito imediato que as ações destes exerciam sobre ela. Foi em uma destas circunstâncias quando as irmãs estavam em seu quarto, após o café da manhã, que ocorreu algo que rebaixou ainda mais sua opinião sobre os sentimentos de Mrs. Jennings,

pois, por sua própria fraqueza, permitiu que lhe causasse uma nova dor, apesar da boa senhora ter sido guiada pela maior boa vontade.

Com uma carta estendida em sua mão e um alegre sorriso, entrou no quarto, convencida de que era portadora de consolo, dizendo:

– Agora, minha querida, trago-lhe algo que lhe fará muito bem.

Marianne não precisava escutar mais. Em um segundo sua imaginação trouxe-lhe uma carta de Willoughby, cheia de ternura e arrependimento, na qual explicava o ocorrido e lhe dava toda satisfação, de maneira convincente; a carta seria seguida pelo próprio Willoughby, adentrando o cômodo com toda urgência para reforçar, aos seus pés e com a eloquência de seus olhos, as declarações de sua mensagem. O trabalho de um momento foi destruído pelo momento seguinte. Estava à sua frente a letra de sua mãe, que até então nunca fora mal recebida; e na mais profunda decepção que se seguira àquele êxtase maior do que a esperança, sentiu como se até aquele momento nunca tivesse sofrido.

Não havia palavras que descrevessem a crueldade de Mrs. Jennings, nem mesmo em seus momentos da mais feliz eloquência ela poderia expressar. E agora só podia repreendê-la pelas lágrimas que então corriam de seus olhos com passional violência; uma repreensão, no entanto, inteiramente perdida em seus objetivos, pois que, após muitas expressões de compaixão, Mrs. Jennings retirou-se, ainda se referindo ao conforto que a carta devia causar. Mas quando teve tranquilidade suficiente para lê-la, encontrou pouco alívio. Todas as páginas continham o nome de Willoughby. Sua mãe, ainda confiante em seu compromisso e acreditando firmemente na lealdade do rapaz, somente por insistência de Elinor havia se decidido a exigir que Marianne fosse franca com ambas, e o fez com tanta ternura, tanta afeição por Willoughby, tanta convicção sobre a felicidade que cada um encontraria no outro, que Marianne não pôde deixar de chorar desesperadamente até terminar de ler.

Toda sua impaciência de voltar para casa retornou; sua mãe nunca havia sido tão querida, inclusive pelo mesmo excesso de sua errônea confiança em Willoughby, e desejava desesperadamente partir. Elinor, incapaz de decidir se era melhor para Marianne permanecer em Londres ou ir para Barton, não lhe ofereceu outro consolo a não ser que fosse paciente

até que elas conhecessem os desejos de sua mãe, e finalmente obteve da irmã o consentimento de aguardar por essa decisão.

Mrs. Jennings saiu mais cedo do que de costume, pois não podia sossegar até que os Middleton e os Palmers pudessem compartilhar de suas lamentações, e recusando terminantemente a companhia de Elinor, saiu sozinha por todo o resto da manhã. Elinor, com o coração abatido, consciente da dor que iria causar e percebendo, pela carta de Marianne, como fracassara em preparar a mãe para aquilo, sentou-se para escrever o ocorrido e pedir à mãe que lhes desse orientações sobre o futuro. Enquanto isso Marianne, que entrara na sala de estar logo depois que Mrs. Jennings saiu, manteve-se imóvel junto à mesa onde Elinor escrevia, observando o avanço da pena, lamentando a dureza desta tarefa e lamentando ainda mais o efeito que aquela carta produziria em sua mãe.

Estavam ali há cerca de quinze minutos quando Marianne, cujos nervos não suportavam nenhum tipo de ruído repentino, assustou-se ao ouvir uma batida na porta.

– Quem poderá ser? – exclamou Elinor. – Tão cedo! Pensava que estivéssemos a salvo.

Marianne foi em direção à janela.

– É o Coronel Brandon! – disse ela, irritada. – Nunca estamos a salvo *dele*.

– Ele não vai entrar, já que Mrs. Jennings está fora.

– Não tenho tanta confiança *nisso* – disse, retirando-se para seu quarto. – Um homem que não sabe o que fazer da vida não tem consciência alguma de sua intromissão na vida dos outros.

O que aconteceu em seguida confirmou a suposição de Marianne, embora fosse baseada na injustiça e no erro, pois o Coronel Brandon *entrou* na casa. E Elinor, convencida de que sua preocupação por Marianne era o motivo dele estar ali, e que via essa preocupação em seu semblante triste e preocupado, e em suas ansiosas, porém breves, perguntas a respeito de Marianne, não pôde perdoar a irmã.

– Eu encontrei Mrs. Jennings em Bond Street – disse ele, depois que a cumprimentou – e ela me encorajou a vir. E não foi difícil tomar essa decisão, porque pensei que provavelmente a encontraria sozinha, como eu

desejava. O meu objetivo... Meu desejo, meu único desejo ao querê-lo... Espero, creio que é... Poder dar-lhe algum consolo... Não, não devo dizer consolo, não me refiro a um conforto momentâneo, e sim a uma certeza, uma duradoura certeza para a mente de sua irmã. Meu afeto por ela, por você e por sua mãe, espero prová-lo ao relatar algumas circunstâncias, que apenas a mais sincera consideração... ou então o desejo de ser-lhes útil... creio que justificaria. Embora tenha passado muitas horas tentando convencer-me de que estou certo, não haverá razões para temer que eu esteja errado?

Ele se calou.

– Eu o compreendo – disse Elinor. – Você tem algo a me dizer a respeito de Mr. Willoughby que ajudará a entender melhor seu caráter. Ao contar-me, fará o maior ato de amizade que pode demonstrar por Marianne. Qualquer informação com esta finalidade merecerá *minha* imediata gratidão, e a *dela* virá com o tempo. Por favor, por favor, diga-me.

– Direi, então. E para ser breve, quando deixei Barton em outubro passado... Bem, mas assim você não entenderá. Devo voltar um pouco mais atrás no tempo. Vai julgar-me um narrador muito desajeitado, Miss Dashwood. Mal sei por onde começar. Creio que será preciso contar um pouco da minha história, mas serei breve. Sobre um tema como este – suspirou profundamente – não tenho intenção de falar muito.

Ele parou um momento para se recompor, e então, após um suspiro, continuou:

– Provavelmente você esqueceu completamente uma conversa (não creio que ela possa ter lhe causado grande impressão), uma conversa que tivemos uma noite em Barton Park, uma noite em que havia um baile, na qual eu mencionei uma dama que conheci há muito tempo e que se parecia, de alguma forma, com Marianne.

– Sim – respondeu Elinor – *não* me esqueci da conversa.

Ele pareceu satisfeito pela lembrança e acrescentou:

– Se não estou enganado pela incerteza e pela parcialidade de doces lembranças, há uma grande semelhança entre as duas, em espírito e aparência: a mesma intensidade de sentimentos, a mesma força de imaginação e veemência de espírito. Esta dama era uma de minhas

conhecidas mais próximas, uma órfã desde a infância e sob a tutela de meu pai. Tínhamos quase a mesma idade, e desde a mais tenra infância fomos companheiros de brincadeiras e amigos. Não consigo lembrar de um tempo em que não tivesse amado Eliza, e meu afeto por ela, à medida que crescíamos, foi crescendo de tal maneira que, talvez, julgando por minha atual austeridade, lastimável e triste, você poderia acreditar que eu seja incapaz de alguma vez tê-lo sentido. E o afeto dela por mim, acredito, foi tão intenso quanto o amor de sua irmã por Willoughby e, ainda que por motivos diferentes, não menos afortunado. Aos dezessete anos a perdi para sempre. Casou-se, contra sua vontade, com meu irmão. Era dona de uma grande fortuna e as propriedades de nossa família encontravam-se bastante comprometidas. E isto, receio dizer, é tudo o que se pode falar para justificar o comportamento de alguém que era ao mesmo tempo seu tio e tutor. Meu irmão não a merecia, nem sequer a amava. Eu tinha a esperança de que seu afeto por mim a ajudasse a suportar tantas dificuldades, e por um tempo assim o foi; mas, finalmente, a infeliz situação em que vivia, pois tinha que suportar as maiores provações, foi mais forte que ela, e apesar de ter prometido que nada... Mas como estou contando tudo às cegas! Nunca lhe contei como tudo isso ocorreu. Estávamos a poucas horas de fugir para a Escócia, antes deles se casarem. A desonestidade ou a insensatez da empregada de minha prima nos arruinou. Fui enviado para a casa de um parente que morava muito distante, e a ela não foi permitida nenhuma liberdade, nenhuma companhia e nenhuma diversão, até que o desejo de meu pai fosse satisfeito. Confiei demais na força de Eliza, e o golpe foi muito duro. Mas, se seu casamento fosse feliz, jovem como eu era na época, em poucos meses terminaria aceitando-o, ou ao menos não teria o que lamentar agora. Mas não foi isso o que aconteceu. Meu irmão não tinha nenhuma consideração por ela, seus prazeres não eram tão corretos, e desde o começo tratou-a de maneira grosseira. A consequência disto sobre a mente de uma jovem tão cheia de vida, tão inexperiente como Eliza, não foi senão a esperada. A princípio se resignou com sua infeliz situação, e essa decisão teria sido feliz se ela não tivesse dedicado a vida a superar o pesar que minha lembrança lhe provocava. Porém, é de se admirar que, com um marido que só lhe trazia infelicidade, e sem um amigo para aconselhá-la ou contê-la (pois meu pai viveu apenas alguns meses depois que se casaram, e eu estava com o meu regimento nas Índias Orientais) ela acabasse por cair?



Se eu tivesse ficado na Inglaterra, talvez... Mas eu quis promover a felicidade de ambos ficando distante dela por anos, e com tal propósito pedira transferência. O golpe que seu casamento significou para mim – continuou com a voz agitada – não foi nada, foi algo trivial se comparado ao que senti quando, mais ou menos dois anos depois, soube de seu divórcio. Foi *essa* a causa desta melancolia... mesmo hoje, a lembrança do que sofri...

Ele não podia dizer mais nada, levantou-se precipitadamente e começou a dar algumas voltas pela sala. Elinor, afetada por seu relato, e ainda mais por seu sofrimento, não foi capaz de dizer uma única palavra. Ele viu sua preocupação e, aproximando-se dela, pegou-lhe a mão e beijou-a com agradecido respeito. Alguns minutos mais de silencioso esforço lhe permitiram seguir com certa compostura.

– Passaram-se quase três anos depois dessa triste época até que eu voltasse à Inglaterra. Minha primeira preocupação, quando cheguei, foi procurar por ela, mas a procura foi tão infrutífera quanto triste. Não consegui rastreá-la além do seu primeiro sedutor, e tinha toda razão para temer que ela tivesse se afastado dele só para cair ainda mais baixo em uma vida de pecado. Sua pensão legal não estava de acordo com a sua fortuna, nem era suficiente para mantê-la com conforto, e eu soube por meu irmão que o direito de recebê-la fora passado há alguns meses para outra pessoa. Ele imaginava, e com que tranquilidade o fazia, que a extravagância de Eliza, e sua conseqüente infelicidade, obrigaram-na a desfazer-se de seu dinheiro para alívio de alguma necessidade imediata. Por fim, seis meses após minha chegada à Inglaterra, eu a encontrei. A preocupação com um ex-empregado meu, que havia caído em desgraça, fez com que eu fosse visitá-lo em uma casa de detenção onde estava preso por causa de dívidas; e ali, no mesmo lugar, no mesmo confinamento, se encontrava minha desafortunada cunhada. Tão diferente, tão pálida, abatida por todo tipo de sofrimento! Mal pude acreditar que a triste e doente figura que estava diante de mim, era o que restava da menina adorável, vivaz e cheia de saúde de que tanto havia gostado. O quanto tive que suportar ao vê-la assim... Mas não tenho direito de ferir seus sentimentos tentando descrevê-la... Já lhe fiz sofrer demais. Que ela estivesse no estágio final, ao que tudo indicava...naquela situação, esse fato foi para mim um grande consolo. A vida não podia fazer mais nada por ela, além de dar-lhe tempo para melhor preparar-se para a morte, e isso

ela obteve. Consegui que a instalassem em um lugar confortável e fosse assistida da forma apropriada; visitei-a diariamente durante o resto de sua curta vida, e estive ao seu lado em seus últimos momentos.

Novamente ele se calou, tentando se recompor. E Elinor exprimiu seus sentimentos através de uma terna exclamação de preocupação pelo destino infeliz de sua amiga.

– Sua irmã, espero, não pode se ofender – disse ele – pela semelhança que imaginei entre ela e minha pobre e desgraçada parenta. Seus destinos e suas fortunas não podem ser as mesmas; e se a natureza meiga de uma tivesse sido protegida por uma mente mais firme, ou um casamento mais feliz, ela teria sido tudo o que a outra será. Mas, a que nos leva tudo isto? Creio que a deixei angustiada por nada. Ah, Miss Dashwood! Um assunto como este, silenciado durante quatorze anos... É perigoso até mesmo mencioná-lo! Tenho que me concentrar, ser mais conciso... Ela deixou sob os meus cuidados sua única filha, uma menina de três anos de idade, fruto de sua primeira relação pecaminosa. Ela amava a criança, e sempre a manteve ao seu lado. Foi um valioso, um precioso encargo para mim, e com muito prazer teria me encarregado dela no sentido mais estrito, cuidando eu mesmo de sua educação, se minha situação o permitisse. Mas eu não tinha família, nem casa, e minha pequena Eliza foi enviada para uma escola. Ia vê-la sempre que podia, e depois da morte de meu irmão (que aconteceu cerca de cinco anos atrás, e deixou-me a posse da propriedade da família), ela me visitou em Delaford. Eu dizia que se tratava de uma parenta distante, mas sei muito bem que suspeitavam que meu parentesco com ela fosse muito mais próximo. Faz agora três anos (ela acabara de completar quatorze anos) que eu a retirei da escola, para deixá-la sob os cuidados de uma senhora muito respeitável, que reside em Dorsetshire, e que tem sob sua tutela cerca de quatro ou cinco outras meninas com aproximadamente a mesma idade; e durante dois anos, tudo me fazia sentir satisfeito com a situação. Mas em fevereiro passado, há quase um ano, Eliza desapareceu de repente. Eu lhe dera autorização (imprudentemente, como se mostrou logo depois) para saciar seu desejo de ir à Bath com uma de suas jovens amigas, cujo pai se encontrava ali por motivos de saúde. Eu sabia que ele era um homem muito bom, e tive uma boa impressão de sua filha – mais do que ela merecia, pois, com o mais teimoso e insensato sigilo, ela se negou a dizer

qualquer coisa, não deu nenhuma pista, embora com certeza soubesse de tudo. Creio que seu pai, um homem bem intencionado, mas não muito perspicaz, era realmente incapaz de dar alguma informação, pois estava quase sempre recluso em casa, enquanto as meninas passeavam pela cidade e se relacionavam com quem quisessem. Ele tentou me convencer, como ele próprio estava inteiramente convencido, de que sua filha não estava envolvida no assunto. Em suma, não pude esclarecer nada a não ser que ela tinha desaparecido, e todo o resto, após oito longos meses, foi deixado às conjecturas. Pode imaginar o que pensei, o que temi e também o que sofri.

– Deus do céu! – exclamou Elinor – Será possível! Será que Willoughby...

– As primeiras notícias que recebi dela – continuou – vieram de uma carta da própria Eliza, em outubro passado. A carta fora remetida de Delaford, e a recebi naquela manhã em que planejávamos ir até Whitwell, e esta foi a razão de eu partir de Barton tão de repente, o que, com toda certeza, deve ter parecido estranho a todos naquele momento, e creio até que ofendi alguns. Mr. Willoughby pouco podia imaginar, creio, quando repreendeu-me pela falta de cortesia ao arruinar o passeio, que eu era solicitado para ajudar alguém que ele tornara pobre e miserável, mas se ele soubesse, de que serviria? Teria sido menos alegre e menos feliz diante dos risos de sua irmã? Não, já havia feito o que nenhum homem que tivesse compaixão faria. Abandonara uma menina cuja juventude e inocência havia seduzido, deixando-a em uma situação de máxima angústia, sem um lar respeitável, sem ajuda, sem amigos, sem saber onde encontrá-lo! Abandonara-a prometendo voltar, mas não voltou, nem escreveu e nem sequer lhe deu algum auxílio.

– Isto ultrapassa todo meu entendimento! – exclamou Elinor.

– Agora você pode ver como é o seu caráter: gastador, libertino, e talvez pior que isso. Sabendo de tudo, como eu sabia há muitas semanas, imagine o que senti ao ver sua irmã tão apaixonada por ele como sempre, e na certeza de que iriam se casar, tente imaginar como me senti por causa de vocês. Quando estive aqui na semana passada, e a encontrei sozinha, estava decidido a saber a verdade, embora não soubesse o que fazer ao descobrir. Você pode ter achado meu comportamento estranho na ocasião, mas agora poderá me compreender melhor. Sofria por vê-las tão enganadas, por ver

sua irmã... Mas o que eu poderia fazer? Não tinha esperança alguma de interferir com êxito, e às vezes pensava que a influência de sua irmã poderia recuperá-lo. Mas agora, depois de tão desonroso ato, quem pode dizer quais seriam suas intenções para com ela? Quaisquer que fossem, no entanto, ela pode agora se sentir agradecida, e sem dúvida o fará, por sua própria condição, quando comparada a da minha pobre Eliza; quando pensar na situação miserável e desesperada desta pobre menina e imaginar-se em seu lugar, com uma afeição tão forte por ele, ainda tão forte quanto a dela própria, e com um espírito atormentado pelo remorso, que a seguirá pela vida toda. Certamente essa comparação lhe será útil. Marianne sentirá que seus próprios sofrimentos não são nada. Não são provenientes de nenhuma má conduta e não podem trazer-lhe desgraça. Pelo contrário, fará com que cada um de seus amigos aumente ainda mais a amizade por ela. A preocupação por seu sofrimento e o respeito por sua força devem fortalecer todos os laços de amizade. No entanto, use toda a sua discrição ao contar-lhe o que eu lhe disse. Você deve saber melhor que efeito terá, mas se eu não acreditasse firmemente e do fundo do meu coração que poderia ser-lhe de alguma utilidade, que poderia aliviar seus sofrimentos, não me teria permitido vir aqui e incomodá-la com o relato dos sofrimentos de minha família, uma narrativa que parece ter o objetivo de enaltecer-me à custa dos outros.

Elinor agradeceu essas palavras com profunda gratidão, e foram recebidas também com a certeza de que o conhecimento do ocorrido seria de importante proveito para Marianne.

– Para mim tem sido mais doloroso – disse ela – os esforços de Marianne para desculpá-lo do que todo o resto, pois isso a irrita mais do que ter a mais perfeita convicção da indignidade dele. Agora, ainda que a princípio, ela venha a sofrer muito, estou certa de que logo ficará bem. – Após um breve momento de silêncio, continuou: – O senhor voltou a ver Mr. Willoughby depois que deixou Barton?

– Sim, uma vez – ele respondeu gravemente. – Foi inevitável um encontro com ele.

Elinor, espantada por seus modos, olhou para ele ansiosamente, dizendo:

– Como? Encontrou-o para...

– Não poderia ser de outra maneira. Eliza confessou-me o nome de seu amante, embora com relutância. E quando ele voltou a Londres, apenas quinze dias depois que cheguei, marcamos um duelo, ele para se defender, e eu para punir sua conduta. Como não houve feridos, ninguém soube do duelo.

Elinor suspirou pensando na fantasiosa necessidade daquilo, mas pelo fato dele ser homem e soldado, não pretendeu censurá-lo.

– Essa é a infeliz semelhança entre o destino da mãe e da filha! – disse Coronel Brandon. – E como falhei naquilo que me fora confiado!

– Ela ainda está em Londres?

– Não, pois quando a encontrei já estava prestes a dar a luz, e assim que ela se recuperou do parto mandei-a com a criança para o interior, e lá ela permanece.

Lembrando-se, pouco depois, de que ele provavelmente estava privando Elinor de ficar com a irmã, o Coronel Brandon encerrou a visita, recebendo dela novamente o mais agradecido reconhecimento, e deixando-a cheia de compaixão e de estima por ele.

## CAPÍTULO 32

Quando Elinor contou os pormenores da conversa a Marianne, o que aconteceu logo em seguida, o efeito que exerceu sobre ela não foi exatamente aquele que ela esperava. Não que Marianne desconfiasse da veracidade do relato, pois ouviu tudo com a mais firme e submissa atenção, não fez nenhuma objeção ou comentário, em nenhum momento tentou justificar Willoughby, e com suas lágrimas pareceu demonstrar que seria impossível qualquer justificativa. Embora esse comportamento assegurasse a Elinor que tinha conseguido que a mente de Marianne aceitasse a culpa de Willoughby, embora visse com satisfação que ela não mais evitava a presença do Coronel Brandon quando vinha visitá-las, e mesmo conversava com ele, voluntariamente e com uma espécie de compassivo respeito, e embora a visse com um ânimo menos irritável do que antes, nem por isso Elinor a via menos infeliz. Seu espírito se acalmara, porém havia se recuperado em um triste abatimento. Sentia mais dor por ter perdido a imagem que fizera de Willoughby do que por ter perdido seu coração; ele seduzira e abandonara Miss Williams, a miséria dessa pobre menina e a dúvida sobre quais teriam sido seus propósitos em relação a *ela*, tudo isso persistia de tal maneira em sua mente que não conseguia falar do que sentia nem sequer com Elinor, e ruminando sobre suas dores em silêncio, fazia sua irmã sofrer mais do que se tivesse aberto o coração e confessado seus sentimentos.

Descrever os sentimentos ou as palavras de Mrs. Dashwood ao receber e responder a carta de Elinor seria apenas repetir o que suas filhas já haviam dito e sentido, uma desilusão pouco menos dolorosa que a de Marianne, e uma indignação ainda maior que a de Elinor. Chegaram longas cartas dela, uma atrás da outra, em que falava de sua dor e do que pensava; expressava sua ansiedade e preocupação por Marianne e pedia que ela suportasse com firmeza sua desgraça. De fato, devia ser terrível mesmo a aflição de Marianne, para que sua mãe falasse em firmeza! Quão mortificante e humilhante devia ser a origem de seus lamentos, para que Mrs. Dashwood a aconselhasse a não ceder!

Contra seus próprios interesses e conveniência, Mrs. Dashwood havia decidido que, nesse momento, seria melhor para Marianne estar em qualquer outro lugar menos em Barton, onde tudo o que visse a faria recordar-se intensa e dolorosamente de seu passado, fazendo Willoughby tão presente, já que o vira ali muitas vezes. Entretanto, recomendou às filhas que não encurtassem sua visita a Mrs. Jennings; apesar de nunca terem determinado sua exata duração, todos esperavam que durasse cerca de cinco ou seis semanas. Ali podiam se distrair com uma variedade de ocupações, objetivos e companhias que Barton não podia lhes oferecer e que, de acordo com suas expectativas, podia distrair Marianne, às vezes, com algum interesse além dela mesma e até com alguma diversão, por mais que ela agora rejeitasse tais ideias.

Quanto ao perigo de ver Willoughby novamente, a mãe achava que Marianne estava tão a salvo em Londres quanto no campo, pois ninguém que as considerasse como amigas admitiria agora a companhia do rapaz. O destino nunca poderia fazer com que seus caminhos se cruzassem; nem por negligência, estariam expostos a uma surpresa, e o acaso tem menos a seu favor na multidão de Londres do que no isolamento de Barton, onde talvez ele fosse forçado a fazer uma visita a Allenhurst após seu casamento, um fato que Mrs. Dashwood havia considerado como muito provável, e que agora já esperava como certo.

Ela ainda tinha outra razão para manter suas filhas onde estavam; havia uma carta de seu enteado dizendo que ele e a mulher estavam em Londres antes de meados de fevereiro, e ela considerou adequado que as filhas vissem, de vez em quando, o irmão.

Marianne prometera que seria guiada pela opinião da mãe e submeteu-se a ela sem objeções, apesar de ser o exato oposto do que ela desejava e esperava, apesar de acreditar que era totalmente errada, baseada em premissas equivocadas; e essa prolongada permanência em Londres a privava do único alívio possível à sua dor – a compaixão íntima de sua mãe – e a condenava a uma companhia e a situações que lhe impediriam de vivenciar um só momento de paz.

Porém, era motivo de grande consolo para Marianne saber que aquilo que era o mal dela seria bom para a irmã. E Elinor, por outro lado, suspeitando que não dependesse de sua vontade evitar Edward

completamente, se tranquilizou pensando que, embora aquela permanência mais longa militasse contra sua própria felicidade, seria melhor para Marianne que um imediato retorno a Devonshire.

Seu cuidado em proteger a irmã de sequer escutar o nome de Willoughby não foi em vão. Marianne, ainda que sem saber, colheu todos os frutos dessa proteção, pois nem Mrs. Jennings, nem Sir John, nem sequer Mrs. Palmer mencionaram o nome dele na frente dela. Elinor desejava que fizessem o mesmo em sua presença, mas tal coisa era impossível, e assim se via obrigada a escutar dia após dia as manifestações de indignação de todos eles.

Sir John, não conseguia acreditar que tudo aquilo fosse verdade. Um homem do qual sempre tivera tantos motivos para pensar bem! Um rapaz de tão bom caráter! Não acreditava que houvesse um melhor cavaleiro em toda Inglaterra! Era algo inexplicável. Desejava de todo coração vê-lo no inferno. Nunca mais lhe dirigiria a palavra, em nenhum lugar onde o encontrasse, por nada no mundo! Nem mesmo, se por acaso se encontrassem no abrigo de caçadores de Barton e tivessem que ficar esperando juntos por duas horas. Sujeitinho sem vergonha! Um cão desleal! Na última vez que se encontraram, prometeu-lhe um dos filhotes de Folly! E com isto tudo estava acabado!

Mrs. Palmer, à sua maneira, estava igualmente zangada. Estava decidida a romper de imediato toda relação com ele, e agradecia aos céus por nunca tê-lo conhecido de fato. Desejava de todo coração que Combe Magna não estivesse tão perto de Cleveland, mas não tinha importância, porque estava longe demais para visitas. Odiava-o tanto que decidiu nunca mais pronunciar seu nome, e diria a todos que encontrasse que ele era um canalha.

O resto da simpatia de Mrs. Palmer era demonstrado ao procurar saber todos os detalhes possíveis do casamento que se aproximava, e comunicá-los a Elinor. Logo pôde dizer quem estava construindo a nova carruagem, quem estava pintando o retrato de Mr. Willoughby e em qual loja as roupas de Miss Grey podiam ser encontradas.

A calma e polida despreocupação de Lady Middleton na ocasião foi um grato alívio para o espírito de Elinor, oprimido como frequentemente



estava pela ruidosa simpatia dos demais. Era um bálsamo para ela a segurança de não despertar nenhum interesse pelo menos em *uma* pessoa de seu círculo de amizades, era um descanso saber que havia *uma* pessoa que poderia encontrá-la sem sentir curiosidade alguma sobre os detalhes, nem ansiedade para saber da saúde de sua irmã.

Toda qualificação às vezes alcança, dependendo das circunstâncias do momento, um valor maior do que realmente tem, e Elinor se aborrecia às vezes com as condolências oficiais, que cotavam a boa educação como mais indispensável ao consolo do que um bom coração.

Lady Middleton manifestava sua opinião sobre o assunto, uma ou duas vezes ao dia, se o assunto era mencionado com frequência, dizendo:

– É muito chocante, de fato!

E com esse contínuo, mas gentil desabafo, não somente foi capaz de ver as Dashwoods desde o começo sem a menor emoção, como logo passou a vê-las sem se lembrar de uma palavra sobre o assunto. E havendo defendido assim a dignidade de seu próprio sexo e censurado o que achava errado no outro, sentiu-se livre para cuidar dos interesses de suas próprias reuniões e, portanto, decidiu (embora um tanto contra a opinião de Sir John) que, como Mrs. Willoughby seria uma mulher elegante e rica, ela deixaria seu cartão de visitas com ela assim que se casassem.

As delicadas e discretas indagações do Coronel Brandon nunca eram mal recebidas por Miss Dashwood. Ele ganhara a grande confiança de discutir de maneira íntima a decepção de Marianne, graças ao amigável zelo com que havia se esforçado para aliviá-la, e sempre conversavam em tom confessional. O Coronel, pelo doloroso esforço de revelar sofrimentos passados e humilhações atuais, era recompensado, principalmente, pelo olhar de compaixão com que Marianne às vezes o observava e pela gentileza de sua voz (apesar de não acontecer com frequência) sempre que se via obrigada a falar com ele. Essas coisas lhe garantiam que seus esforços haviam produzido um aumento da boa vontade para com ele, e essas mesmas coisas davam esperanças a Elinor de que aumentassem ainda mais no futuro. Mas, Mrs. Jennings, que desconhecia tudo isso e sabendo somente que o Coronel continuava tão sério como sempre, e que não podia nem convencê-lo a fazer o pedido, nem tampouco incumbir-se ela mesma de fazê-lo, ao fim de dois dias começou a pensar que, em vez de em meados do

verão, eles só se casariam no dia de São Miguel[1], e ao fim de uma semana, que não haveria casamento algum. O bom entendimento entre o Coronel e Elinor parecia antes indicar que as honras da amoreira, do canal e do teixo[2], passariam todas para ela, e Mrs. Jennings, por algum tempo, deixou totalmente de pensar em Mr. Ferrars.

No começo de fevereiro, quinze dias após a chegada da carta de Willoughby, Elinor teve a dolorosa missão de informar à sua irmã que ele se casara. Ela teve o cuidado de contar ela mesma a notícia, assim que souberam que a cerimônia acontecera, pois desejava evitar que sua irmã ficasse sabendo através dos jornais, que a via examinar ansiosamente todas as manhãs.

Marianne recebeu a notícia com absoluta compostura, não fez nenhuma observação a respeito e a princípio não derramou nenhuma lágrima, mas após algum tempo começou a chorar, e pelo resto do dia permaneceu em um estado pouco menos penoso do que quando soube pela primeira vez que eles iriam se casar.

Os Willoughbys deixaram a cidade assim que se casaram, e Elinor agora esperava, já que não havia perigo de que viessem a se encontrar, que pudesse convencer a irmã para que, aos poucos, voltasse a sair como antes, já que Marianne não saía mais de casa desde o momento em que recebera o primeiro golpe.

Nessa época, as irmãs Steeles, recém chegadas à casa de sua prima em Bartlett's Buildings, em Holborn, apareceram novamente na casa de seus parentes mais importantes em Conduit e Berkeley Street, onde foram recebidas por todos com grande cordialidade.

Somente Elinor ficou triste ao vê-las. Sua presença sempre lhe causava dor, e ela teve dificuldade para responder com alguma gentileza à extraordinária alegria de Lucy ao descobrir que elas *ainda* estavam na cidade.

– Eu ficaria muito desapontada se não encontrasse vocês *ainda* aqui – dizia Lucy, repetidas vezes, com bastante ênfase na palavra. – Mas sempre pensei que *estariam* aqui. Estava quase certa de que não deixariam Londres tão cedo, embora você tenha me *dito* em Barton, que não ficaria mais que um mês. Mas pensei, naquela época, que você mudaria de opinião quando

chegasse a hora. Seria uma lástima muito grande se vocês tivessem partido antes da chegada de seu irmão e sua cunhada. E agora, com toda certeza, não terão nenhuma pressa em ir embora. Estou incrivelmente contente de não terem mantido *sua palavra*.

Elinor compreendeu-a perfeitamente, e se viu obrigada a controlar-se para parecer que *não* a entendera.

– Bem, minha querida – disse Mrs. Jennings – como foi sua viagem?

– Não viemos por diligência, pode ter certeza – respondeu Miss Steele, com súbito júbilo – viemos na carruagem dos correios todo o tempo, na companhia de um jovem muito elegante. O Reverendo Davies estava vindo para Londres, então pensamos em acompanhá-lo, e ele se comportou tão gentilmente, e pagou dez ou doze xelins mais do que nós.

– Oh, oh! – exclamou Mrs. Jennings – muito bem! E o Reverendo é um homem solteiro, isso posso lhe garantir.

– Veja só – disse Miss Steele, com um sorriso afetado – todos estão fazendo piadinhas comigo a respeito do Reverendo Davies, e não posso entender por quê. Minhas primas dizem estar certas de que fiz uma conquista, mas, da minha parte, lhe asseguro que em nenhum momento eu pensei nele dessa forma. “Deus! Lá vem seu pretendente Nancy.” minha prima disse outro dia, quando o viu atravessar a rua. “Meu pretendente!” disse eu. “Não posso entender do que está falando, Reverendo Davies não é meu pretendente.”

– Sim, sim, tudo isso soa muito bem... Mas você não me convence, o Reverendo Davies é o homem, já entendi.

– Não, de maneira alguma – respondeu sua prima, com afetada sinceridade – e lhe peço que desmintam se ouvirem alguém mencionar isso.

Mrs. Jennings imediatamente lhe deu toda certeza que não o faria, e Miss Steele ficou completamente feliz.

– Suponho que irá ficar com seu irmão e sua cunhada, Miss Dashwood, quando eles chegarem à cidade – disse Lucy, após cessarem as insinuações hostis.

– Não, não creio que vamos.

– Oh, sim, tenho certeza que sim!

Elinor não quis dar-lhe a satisfação de continuar opondo-se a ela.

– Que bom que Mrs. Dashwood possa ficar tanto sem tempo sem as duas!

– É muito tempo realmente! – interrompeu Mrs. Jennings. – Mas a visita delas mal começou!

Lucy ficou em silêncio.

– Lamento por não podermos ver sua irmã, Miss Dashwood. – disse Miss Steele – Sinto muito que não esteja bem! (Marianne deixara a sala assim que elas chegaram).

– Você é muito amável. Minha irmã também lamentará por ter perdido o prazer de vê-las, mas ultimamente tem sofrido muito com dores de cabeça, o que a impossibilitam de receber visitas ou conversar.

– Oh, querida, que lástima! Mas tratando-se de velhas amigas como Lucy e eu... Acho que poderia nos ver, e garanto-lhe que nós não diríamos uma palavra.

Elinor, com muita educação, recusou a proposta dizendo que talvez sua irmã estivesse já deitada, de camisola, e não poderia vê-las.

– Oh, se for somente isso – exclamou Miss Steele – podemos ir até lá para vê-la.

Elinor começou a se sentir incapaz de suportar tanta impertinência, mas se salvou de ter que controlar-se pela energética repreensão de Lucy, que agora, como em muitas ocasiões, embora não conseguisse refinar os modos de uma irmã, certamente reprimia os modos da outra.

[1] O dia de São Miguel é celebrado no dia 29 de setembro, portanto, alguns dias após o fim do verão, no hemisfério norte. (N. T.)

[2] Árvore conífera pertencente à família das taxáceas, proveniente das regiões altas de Portugal. (N. T.)

## CAPÍTULO 33

Depois de alguma relutância, Marianne cedeu aos rogos de sua irmã e em uma certa manhã aceitou sair com ela e Mrs. Jennings por meia hora. Contudo, fez a expressa condição de que não fariam visitas e que se limitaria apenas a acompanhá-las à joalheria Gray em Sackville Street, onde Elinor estava negociando a venda de algumas jóias antigas de sua mãe.

Quando chegaram à porta da joalheria, Mrs. Jennings lembrou-se de que do outro lado da rua morava uma senhora que ela deveria visitar, e como não tinha negócios na joalheria, decidiu que enquanto suas jovens amigas resolviam seus negócios, ela poderia visitar sua amiga e logo retornaria.

Ao subirem as escadas, Elinor e Marianne encontraram tantas pessoas diante delas na sala, que não havia ninguém disponível para atendê-las, e foram obrigadas a esperar. Não podiam fazer mais nada a não ser sentarem-se à frente do balcão que parecia ter o atendimento mais rápido; ali só havia um cavalheiro, e é provável que Elinor não deixasse de ter a esperança de despertar-lhe a cortesia para que despachassem logo seu pedido. Mas a precisão do seu olhar, a delicadeza do seu gosto, pareciam ser maiores que a cortesia do cavalheiro. Estava encomendando um paliteiro, e até que decidisse o tamanho, a forma e os adornos, depois de examinar e discutir por quinze minutos cada paliteiro da loja, para depois finalmente combinar tudo aquilo de acordo com sua imaginação, não tinha tempo para prestar atenção nas duas moças, com exceção de dois ou três olhares bastante atrevidos; um tipo de interesse que serviu para Elinor guardar na lembrança uma pessoa de rosto forte, natural e patentemente insignificante, embora trajada na última moda.

Marianne foi poupada dos perturbadores sentimentos de desprezo e ressentimento ante a impertinência com que ele as examinava, e da futilidade de seus modos ao discutir os diferentes horrores dos paliteiros que lhe foram apresentados, permanecendo alheia a tudo isso; era capaz de se perder em seus pensamentos e ignorar tudo o que ocorria ao seu redor, tanto dentro da joalheria como em seu próprio quarto.

Finalmente o assunto foi resolvido. O marfim, o ouro e as pérolas, todos receberam sua aprovação, e o cavalheiro, tendo determinado o último dia em que sua existência poderia prosseguir sem a posse do paliteiro, vestiu as luvas com bastante calma e, olhando novamente para as Dashwoods, um olhar que mais parecia pedir admiração do que manifestá-la, se retirou com um jeito satisfeito em que se misturavam um ar de grande importância e afetada indiferença.

Elinor não perdeu tempo, expôs rapidamente seus assuntos e já estava prestes a concluí-los quando um outro cavalheiro se colocou ao seu lado. Ela se virou para olhá-lo e descobriu com certa surpresa que era seu irmão.

O afeto e o prazer que demonstraram foi o suficiente para parecerem felizes diante das clientes da joalheria de Mr. Gray. Na verdade, John Dashwood estava longe de se lamentar por tornar a ver suas irmãs. Os três ficaram satisfeitos, e as perguntas dele a respeito de Mrs. Dashwood foram respeitosas e amáveis.

Elinor descobriu que ele e Fanny estavam na cidade há dois dias.

– Quis muito visitá-las ontem – disse ele – mas era impossível, pois fomos obrigados a levar Harry para ver os animais selvagens em Exeter Exchange<sup>[1]</sup>, e passamos o resto do dia com Mrs. Ferrars. Harry estava muito alegre. Tinha a intenção de visitá-las *hoje* pela manhã, se eu pudesse dispor de meia hora, mas sempre há tanto o que se fazer quando recém chegamos a uma cidade! Vim aqui para encomendar um sinete para Fanny. Mas amanhã certamente terei tempo para visitá-las em Berkeley Street, e ser apresentado à sua amiga Mrs. Jennings. Sei que ela é uma mulher de grande fortuna, e os Middletons também. Vocês devem me apresentar a *elas*. Como são parentes de minha madrasta, ficarei contente em apresentar-lhes meus respeitos. Eles são excelentes vizinhos para vocês, pelo que soube.

– Excelentes, sem nenhuma dúvida. Sua preocupação por nosso conforto, a amizade que todos demonstram por nós, é mais do que posso expressar.

– Estou extremamente contente ao ouvir isso, esteja certa, estou contentíssimo. Mas era de se esperar: são pessoas de grande fortuna, são seus parentes, e era natural que lhes oferecessem todas as demonstrações de

cortesia e as comodidades necessárias para tornar agradável a sua situação. Então, estão confortavelmente instaladas na casinha de campo e nada lhes falta. Edward nos descreveu o lugar como algo encantador, o mais completo do gênero, e disse que todas vocês pareciam desfrutá-lo muito. Garanto-lhe que é uma grande alegria para nós sabermos que estão bem.

Elinor sentiu-se um pouco envergonhada por seu irmão, e não lamentou ser poupada da necessidade de responder-lhe pela chegada do empregado de Mrs. Jennings, que vinha dizer-lhes que ela estava à porta, esperando por elas.

Mr. Dashwood acompanhou-as ao descerem as escadas, foi apresentado à Mrs. Jennings à porta da carruagem e, reafirmando sua esperança de vê-las no dia seguinte, despediu-se.

A visita aconteceu de fato. Chegou com uma desculpa da esposa por não poder vir, estava tão ocupada com sua mãe, que na verdade não tinha tempo de ir a nenhum outro lugar. Mrs. Jennings, porém, garantiu-lhe imediatamente que não precisava de cerimônia, já que todos eram primos, ou algo parecido, e certamente esperaria pela visita de Mrs. John Dashwood muito em breve, e traria suas irmãs para vê-la. As maneiras dele para com *elas*, apesar de calmas, eram perfeitamente gentis, e para com Mrs. Jennings eram atenciosamente educadas. E quando o Coronel Brandon chegou logo depois, observou-o com uma curiosidade que parecia mostrar que só esperava saber se era rico para tratá-lo com a mesma cortesia.

Após permanecer com eles por meia hora, Mr. Dashwood pediu à Elinor que o acompanhasse até Conduit Street, para que fosse apresentado à Sir John e Lady Middleton. Como o dia estava lindo, ela aceitou imediatamente. Assim que saíram da casa de Mrs. Jennings, ele começou a fazer perguntas.

- Quem é esse Coronel Brandon? É um homem de posses?
- Sim, ele tem uma boa propriedade em Dorsetshire.
- Fico contente em saber. Parece ser um cavalheiro, e creio, Elinor, que posso felicitá-la pela perspectiva de uma situação muito respeitável na vida.
- Eu, meu irmão! O que quer dizer com isso?

– Ele gosta de você. Observei-o atentamente e estou convencido disso. Qual é o valor de sua fortuna?

– Creio que duas mil libras por ano.

– Duas mil libras por ano! – e tentando alcançar um tom de entusiasmada generosidade, acrescentou: – Elinor, gostaria que fosse *duas* vezes isso, para o seu bem.

– Sim, acredito em você – respondeu Elinor – mas estou muito segura que o Coronel Brandon não tem o menor interesse em se casar *comigo*.

– Você está enganada, Elinor, está muito enganada. Com um pequeno esforço de sua parte, sei que o conquistará. Talvez no momento ele esteja indeciso, a pequena fortuna que você tem deve desencorajá-lo e seus amigos devem ser contra. Mas essas pequenas atenções e estímulos que as jovens tão facilmente podem oferecer, o convencerão. E não pode existir nenhuma razão para que você não tente conquistá-lo. Não deve supor que algum outro afeto anterior de sua parte... em suma, você sabe que um afeto como esse é totalmente impossível, as objeções são insuperáveis... você é bastante sensata para não se dar conta. Coronel Brandon deve ser o escolhido, e da minha parte, não faltará nenhuma gentileza para que você e sua família lhe sejam agradáveis. Será uma união que trará satisfação a todos. Em suma, é o tipo de união que – diminuindo o tom da voz para sussurrar algo importante – será conveniente para *todas* as partes. – Recompondo-se, acrescentou: – Isto é, quero dizer... Todos os seus amigos desejam vê-la bem estabelecida, Fanny em especial, pois ela é muito interessada em seu bem-estar, posso lhe garantir. E sua mãe também, Mrs. Ferrars, uma mulher muito bondosa, estou certo de que ela sentiria muito prazer com essa união, como ela mesma disse outro dia.

Elinor não se dignou a responder.

– Seria notável, agora – continuou John – algo muito precioso, se Fanny pudesse ver seu irmão e eu minha irmã, tão bem estabelecidos e ao mesmo tempo. E ainda assim não é muito improvável.

– Mr. Edward Ferrars vai se casar? – disse Elinor bastante resoluta.

– Ainda não está acertado, mas há alguma cogitação. Ele tem uma excelente mãe. Mrs. Ferrars, com a maior generosidade, se fará presente e



estabelecerá mil libras anuais se ele se casar. A jovem em questão é a honorável Miss Morton, filha única do falecido Lorde Morton, com um dote de trinta mil libras. Uma união bastante desejada por ambas as partes, e não tenho dúvidas de que logo se realizará. Mil libras anuais é uma quantia significativa para uma mãe desfazer-se, presenteando um filho. Mas Mrs. Ferrars tem um espírito nobre. Para lhe dar um outro exemplo de sua generosidade, outro dia, assim que chegamos à cidade, conscientes de que neste momento não tínhamos bastante dinheiro, ela colocou nas mãos de Fanny duzentas libras. Algo extremamente bem vindo, já que nossos gastos em Londres são muito altos.

Ele fez uma pausa, esperando a aprovação e simpatia de Elinor, e ela foi forçada a dizer:

– Suas despesas tanto na cidade quanto no campo devem ser consideráveis, mas suas rendas são muito boas.

– Não, atrever-me-ia a dizer que não são tão boas, como muita gente pensa. Eu não quero reclamar, porém, é sem dúvida uma renda confortável, espero que com o tempo melhore. Atualmente estamos cercando Norland Common, o que aumenta ainda mais os meus gastos. E também fiz uma pequena compra nesses últimos seis meses, a fazenda East Kingham, você deve se lembrar do lugar, onde o velho Gibson costumava morar. Essas terras me eram tão convenientes em todos os aspectos, tão próximas à minha propriedade, que eu me senti no dever de comprá-las. Eu não teria me perdoado se tivessem sido vendidas à outra pessoa. Um homem deve pagar por sua comodidade, e isso me custou uma grande quantia de dinheiro.

– Muito mais do que considerava ser o seu valor real?

– Bem, espero que não. Eu teria vendido a fazenda no dia seguinte, por uma quantia acima do que paguei, mas, quanto ao dinheiro da compra, poderia ter sido muito infeliz, na verdade, porque as ações estavam tão baixas na época, que se eu não tivesse a quantia necessária no banco para a compra, teria de liquidar as ações, com grandes perdas.

Elinor apenas sorriu.

– Quando chegamos a Norland também tivemos outro grande gasto inevitável. Nosso respeitado pai, como você bem sabe, deixou como

herança para sua mãe todos os bens de Stanhil que permaneceram em Norland, e estes eram muito valiosos. Longe de queixar-me dele, o direito que tinha de dispor de seus bens era inquestionável, mas, em consequência disso, fomos obrigados a realizar grandes compras de linho, porcelana, etc... para suprir o que vocês levaram. Você pode adivinhar, depois de tantas despesas, o quanto estamos longe de sermos ricos, e o quão bem vinda é a ajuda de Mrs. Ferrars.

– Com certeza – disse Elinor – e com o respaldo de sua generosidade, espero que possam chegar a viver com mais conforto.

– Mais um ou dois anos e as coisas estarão melhores – respondeu ele seriamente. – Porém ainda há muito que ser feito. Ainda não levantamos uma parede sequer na construção da estufa de Fanny, e quanto ao jardim de flores, a única coisa que existe é o projeto.

– Onde vai ser a estufa?

– Sobre um pequeno monte atrás da casa. As velhas nogueiras serão todas derrubadas para abrir espaço para a estufa. Terá uma linda vista de todas as partes do parque, e justo na parte da frente é que ficará o jardim de flores, e creio que ficará extremamente bonito. Eliminamos todos os espinheiros que ali cresciam.

Elinor guardou para si os comentários e censuras que teria sobre o assunto, e agradeceu que Marianne não estivesse presente para compartilhar sua irritação.

Tendo dito o suficiente para deixar claro sua pobreza, e evitar a necessidade de comprar um par de brincos para cada uma das irmãs, em sua próxima visita à joalheria Gray, seus pensamentos tomaram um rumo mais alegre e começou a felicitar Elinor por ter uma amiga como Mrs. Jennings.

– Ela parece ser uma mulher de grande valor. Sua casa, seu estilo de vida, tudo condiz com uma renda muito boa, e é uma relação que não apenas tem sido útil para vocês até agora, mas que no fim pode ser mostrar materialmente vantajosa. O convite que fez para que viessem à Londres certamente lhes favoreceu, e, de todas as maneiras, é um sinal de tanto afeto por vocês, que com toda certeza não se esquecerá de vocês na hora da morte. Deve ter muita coisa para deixar.

– Absolutamente nada, eu diria, pois ela tem apenas o usufruto de seus bens, que passarão para suas filhas.

– Mas não é possível que ela gaste todos os seus rendimentos. Poucas pessoas prudentes o fazem, e qualquer quantia que ela economizar, poderá dispor.

– E você não acha mais provável que ela deixe tudo para as filhas, do que para nós?

– Suas filhas são ambas muito bem casadas, e não vejo necessidade de ajudá-las ainda mais. Enquanto que, em minha opinião, pela grande atenção que concede a vocês, tratando-as de modo tão gentil, ela lhes deu uma espécie de direito em seus planos futuros, que uma mulher conscienciosa não recusaria. Nada pode ser mais gentil do que o comportamento de Mrs. Jennings, e dificilmente poderia fazê-lo sem estar consciente das expectativas que desperta.

– Mas não despertou nenhuma expectativa nas pessoas interessadas. Na verdade, meu irmão, sua preocupação por nosso bem estar e prosperidade está levando-o longe demais.

– Porque, para ser sincero – disse ele, se recompondo – as pessoas tem muito pouco, muito pouco em seu poder. Mas, minha querida Elinor, qual é o problema de Marianne? Ela parece que não está bem, está pálida e muito magra. Está doente?

– Ela não está se sentindo bem, está sofrendo dos nervos há muitas semanas.

– Sinto muito por isso. Na sua idade, qualquer doença destrói a jovialidade para sempre! A dela durou tão pouco! Em setembro passado era uma moça muito bonita, como nunca vi outra igual, muito atraente para os homens. Tinha um tipo de beleza que os agradava particularmente. Lembro-me que ouvi Fanny dizer que ela se casaria mais cedo e faria um melhor casamento que você, não que ela não tenha um enorme carinho por você, mas é o que ela pensava na época. Porém, creio que ela estava enganada. Duvido que Marianne *agora* vá se casar com um homem de mais de quinhentas ou seiscentas libras por ano, e eu estaria muito enganado se você não conseguisse muito mais. Dorsetshire! Conheço muito pouco de Dorsetshire, mas, minha querida Elinor, ficarei extremamente grato em

saber mais, e acredito que você pode considerar Fanny e eu como os seus primeiros e mais felizes visitantes.

Elinor tentou seriamente convencê-lo de que não havia probabilidade alguma de ela se casar com o Coronel Brandon, mas a expectativa o agradava tanto que não seria possível renunciar a ela. Estava bastante decidido a estreitar a amizade com aquele cavalheiro, e assim promover o casamento de qualquer maneira. Tinha bastante arrependimento por não ter feito nada por suas irmãs até agora, por isso estava muito ansioso para que outros o fizessem, e uma proposta de casamento vinda do Coronel Brandon ou um legado de Mrs. Jennings eram os caminhos mais fáceis para compensar sua própria negligência.

Eles tiveram muita sorte de encontrar Lady Middleton em casa, e Sir John chegou antes que a visita terminasse. Houve uma abundância de gentilezas de ambas as partes. Sir John estava sempre disposto a gostar de qualquer pessoa, e embora Mr. Dashwood não parecesse entender muito de cavalos, logo o considerou um bom homem. Lady Middleton, por seu lado, observando que ele era muito elegante, considerou que valia a pena se tornarem amigos, e Mr. Dashwood despediu-se encantado com os dois.

– Terei coisas muito agradáveis para contar a Fanny. – disse ele, enquanto voltavam – Lady Middleton é realmente uma mulher muito elegante! Uma mulher que, tenho certeza, Fanny terá prazer em conhecer. E Mrs. Jennings também, uma mulher de excelentes modos, embora não seja tão elegante quanto a filha. Sua cunhada não precisa ter nenhum escrúpulo em visitá-la, o que, para dizer a verdade, era um pouco o caso, naturalmente, pois só sabíamos que Mrs. Jennings era viúva de um homem que tinha ganhado todo seu dinheiro de maneira um tanto escusa. E Fanny e Mrs. Ferrars tinham decidido de antemão que nem Mrs. Jennings nem suas filhas eram o tipo de mulheres com as quais Fanny desejaria se relacionar. Mas agora posso contar-lhe as mais satisfatórias referências sobre ambas.

[1] Edifício localizado ao norte de Londres, famoso por possuir animais selvagens, considerado um predecessor dos zoológicos atuais, demolido em 1829. (N. T.)

## CAPÍTULO 34

Mrs. John Dashwood confiava tanto no julgamento do marido, que no dia seguinte visitou tanto Mrs. Jennings quanto sua filha. Sua confiança foi recompensada ao descobrir que a primeira, a mulher em cuja casa suas cunhadas estavam hospedadas, de modo algum era indigna de sua atenção, e quanto à Lady Middleton, achou-a uma das mulheres mais encantadoras do mundo!

Lady Middleton também gostou de Mrs. John Dashwood. Havia em ambas uma espécie de frieza egoísta, que fez com que se sentissem mutuamente atraídas. Simpatizaram uma com a outra graças a uma insípida semelhança de comportamento e uma total falta de compreensão.

Os mesmos modos, porém, que fizeram Mrs. John Dashwood ser merecedora da atenção de Lady Middleton, não satisfizeram as fantasias de Mrs. Jennings. Para *ela*, Mrs. John Dashwood não passava de uma mulher arrogante e de modos pouco cordiais, que não demonstrou nenhum afeto por suas cunhadas e parecia não ter quase nada a dizer-lhes. Durante os quinze minutos que passou em Berkeley Street, permaneceu pelo menos sete minutos e meio em silêncio.

Elinor queria muito saber, embora preferisse não perguntar, se Edward estava na cidade, mas nada no mundo faria Fanny mencionar voluntariamente o nome dele na frente dela, até que fosse capaz de contar que o seu casamento com Miss Morton estava marcado, ou quando as expectativas de seu esposo a respeito do Coronel Brandon fossem confirmadas; pois acreditava que Edward e Elinor ainda estavam muito atraídos um pelo outro, e que nunca era demais ter cuidado em mantê-los separados, seja por palavras ou atos, em todas as ocasiões. Entretanto, a notícia que *ela* se negava a dar, logo chegou de outra fonte. Não passou muito tempo antes que Lucy viesse pedir a compaixão de Elinor por não poder ver Edward, embora ele estivesse em Londres com Mr. e Mrs. John Dashwood. Ele não se atrevia a ir a Bartlett's Buildings por medo de ser descoberto, e ainda que a impaciência mútua para se encontrarem fosse indizível, não podiam no momento fazer nada além de corresponder-se.

Edward não demorou a confirmar por si mesmo que estava na cidade, fazendo duas visitas à Berkeley Street. Encontraram seu cartão de visitas duas vezes sobre a mesa, depois que retornaram de seus compromissos matutinos. Elinor estava contente com a visita, e ainda mais contente por não o ter encontrado.

Os Dashwoods estavam tão prodigiosamente encantados com os Middletons, que, embora não tivessem o costume de receber ninguém, decidiram oferecer-lhes um jantar; e assim que começaram a amizade, convidaram-nos para jantar em Harley Street, onde haviam alugado uma boa casa por três meses. Suas irmãs e Mrs. Jennings também foram convidadas, e John Dashwood se preocupou em garantir a presença do Coronel Brandon, o qual, sempre feliz de estar onde as Dashwoods estivessem, recebeu suas ansiosas cortesias com certa surpresa, mas com muito prazer. Iriam conhecer Mrs. Ferrars, mas Elinor não conseguiu saber se seus filhos estariam presentes à reunião. A expectativa de vê-la, entretanto, foi suficiente para que tivesse interesse em aceitar o convite, pois agora poderia conhecer a mãe de Edward sem aquela enorme ansiedade que antes teria sido inevitável, e mesmo que agora pudesse vê-la com total indiferença pela opinião que tivesse a seu respeito, seu desejo de estar na companhia de Mrs. Ferrars, sua curiosidade de saber como ela era, continuavam tão fortes como antes.

Pouco depois, o interesse com que esperava a reunião aumentou, de maneira mais intensa que prazerosa, ao saber que as Steeles também estariam presentes.

Elas haviam deixando tão boa impressão em Lady Middleton, as incansáveis atenções das moças as tornaram tão agradáveis a ela, que embora Lucy não fosse tão elegante, e sua irmã nem sequer educada, estava tão disposta quanto Sir John a convidá-las para ficarem em Conduit Street por uma ou duas semanas. E pareceu muito conveniente para as Steeles, assim que o convite dos Dashwoods foi recebido, que sua visita começasse alguns dias antes da data da reunião.

Suas tentativas de chamar a atenção de Mrs. John Dashwood, como sendo as sobrinhas do cavalheiro que por muitos anos fora o tutor de seu irmão, não lhes garantiu, porém, um bom lugar à mesa. Mas como eram convidadas de Lady Middleton, deviam ser bem vindas; e Lucy, que por

muito tempo desejava conhecer pessoalmente a família, para ter uma visão mais aprofundada do caráter de cada um e de suas próprias dificuldades, e para ter uma oportunidade de se esforçar para agradá-los, poucas vezes se sentiu tão feliz na vida, como quando recebeu o cartão de visitas de Mrs. John Dashwood.

O efeito em Elinor foi muito diferente. Ela começou imediatamente a pensar que Edward, que vivia com sua mãe, teria que ser convidado juntamente com ela, para um jantar organizado por sua irmã. E vê-lo pela primeira vez, depois de todo o ocorrido, na companhia de Lucy! Não sabia se poderia suportá-lo!

As apreensões de Elinor talvez não fossem inteiramente baseadas na razão, e nem de todo verdadeiras. Encontraram alívio, entretanto, não em suas próprias reflexões, mas na boa vontade de Lucy, que acreditava infligir-lhe uma terrível desilusão quando lhe disse que Edward certamente não estaria em Harley Street na terça-feira, e ainda esperava feri-la ainda mais convencendo-a de que sua ausência era justificada pelo enorme afeto que sentia por ela, o qual era incapaz de ocultar quando estavam juntos.

Finalmente chegou o dia em que as duas jovens seriam apresentadas à sua formidável sogra.

– Tenha pena de mim, querida Miss Dashwood! – disse Lucy, enquanto subiam juntas as escadas (pois os Middletons chegaram tão imediatamente após Mrs. Jennings, que todos foram seguindo o criado ao mesmo tempo). – Não há ninguém aqui, a não ser você, que possa sentir por mim... Afirmo que não posso aguentar! Em poucos segundos verei a pessoa de quem depende toda a minha felicidade, minha futura sogra!

Elinor poderia ter-lhe proporcionado um alívio imediato sugerindo a possibilidade de que ela seria a sogra de Miss Morton, e não a dela, mas, ao invés disso, garantiu a Lucy, com grande sinceridade, que tinha pena dela... E para o grande assombro de Lucy, que, apesar de se sentir incomodada, esperava ao menos ser objeto da irrepreensível inveja de Elinor.

Mrs. Ferrars era uma mulher pequena e magra, altiva, quase formal na aparência, e tão séria a ponto de ser ácida de aspecto. Tinha o rosto pálido, suas feições eram pequenas, sem beleza ou expressividade natural;

no entanto, uma feliz contração das sobrancelhas a salvava de ter um semblante insípido, dando-lhe fortes expressões de orgulho e mau humor. Não era uma mulher de muitas palavras, pois, diferente das pessoas de um modo geral, suas palavras eram proporcionais ao número de suas ideias, e das poucas sílabas que deixara escapar, nenhuma se dirigiu à Miss Dashwood, a quem olhava com bastante determinação de nela não encontrar nada que pudesse gostar, sob nenhum pretexto.

*Agora*, Elinor não poderia se entristecer por esse comportamento. Alguns meses atrás isso a teria magoado extremamente, mas não estava mais nas mãos de Mrs. Ferrars fazê-la infeliz; e a diferença com que tratava as Steeles somente a divertia – uma diferença que parecia proposital, para humilhá-la ainda mais. Não podia deixar de sorrir ao ver a amabilidade da mãe e da filha para com a pessoa (pois Lucy era particularmente distinguida), dentre todas, que, se soubessem tudo o que ela sabia, estariam mais ansiosas para ferir; ao passo que ela mesma, que comparativamente não tinha o poder de feri-las, se via obviamente menosprezada por ambas. Porém, enquanto sorria dessa amabilidade tão mal dirigida, não podia refletir sobre a mesquinha necessidade que a originava, nem contemplar as fingidas atenções com que as Steeles buscavam sua continuidade, sem desprezar profundamente as quatro por isso.

Lucy era toda alegria por ver-se tão honrosamente destacada, e a única coisa que faltava à Miss Steele era alguma piadinha sobre o Reverendo Davies para que ela alcançasse a mais perfeita felicidade.

O jantar foi suntuoso, com muitos empregados, e tudo revelava a propensão da dona da casa para a ostentação e a capacidade que o dono tinha em promovê-la. Apesar das reformas e das ampliações que estavam fazendo na propriedade de Norland, e apesar de seu proprietário ter estado, por conta de alguns milhares de libras, prestes a vender suas ações com prejuízo, nada parecia demonstrar sinais daquela indigência que ele tentara inferir de tudo isso. Não parecia haver pobreza alguma, com exceção das conversas, pois estas eram consideravelmente deficientes. John Dashwood não tinha muito o quê dizer sobre si mesmo que valesse a pena ouvir, e sua esposa tinha menos ainda. Mas não havia nenhuma desgraça especial nisso, porque o mesmo ocorria com a maior parte dos convidados, quase todos tentando incorrer, para lhes serem agradáveis, em uma ou outra destas



deficiências: falta de sensatez, seja por natureza ou por educação... falta de elegância... falta de espírito... ou falta de caráter.

Quando as mulheres se retiraram para a sala de estar, depois do jantar, essa pobreza ficou bastante evidente, pois os cavalheiros haviam enriquecido a conversa com certa variedade de assuntos: sobre política, sobre como cercar terras e amansar cavalos. Mas então esses assuntos terminaram e um único tema ocupou as senhoras até a chegada do café: fazer comparações entre as estaturas de Harry Dashwood e o segundo filho de Lady Middleton, William, que tinham aproximadamente a mesma idade.

Se as duas crianças estivessem presentes, poderiam ter resolvido o problema facilmente, medindo-as, mas como apenas Harry estava presente, só havia conjecturas de ambas as partes, e cada um tinha direito de dizer categoricamente sua opinião, e repeti-la quantas vezes quisesse.

As opiniões dividiam-se assim:

As mães, embora cada uma estivesse convencida de que seu filho era o mais alto, educadamente decidiam em favor do outro menino.

As avós, não menos imparciais, mas mais sinceras, apoiavam com grande entusiasmo seus próprios netos.

Lucy, que por nenhum motivo queria agradar uma parenta menos que a outra, pensava que os meninos eram notavelmente altos para suas idades, e não podia conceber que houvesse sequer uma pequena diferença entre eles; e Miss Steele, com uma delicadeza ainda maior, se manifestou a favor dos dois.

Elinor, tendo já dado sua opinião a favor de William, ofendendo assim Mrs. Ferrars e Fanny ainda mais, não via a necessidade de reforçá-la com nenhuma palavra a mais. E Marianne, quando lhe perguntaram, ofendeu a todos declarando que não tinha nenhuma opinião para dar, já que nunca havia pensando no assunto.

Antes de se mudarem de Norland, Elinor tinha pintando um par de telas muito bonitas para sua cunhada, as quais, recém emolduradas e trazidas para a casa, ornamentavam sua atual sala de estar. E como essas telas chamaram a atenção de John Dashwood, ao acompanhar os outros cavalheiros até a sala, tomou-as e entregou-as nas mãos do Coronel Brandon para que ele pudesse admirá-las.

– Quem pintou as telas foi minha irmã mais velha – disse ele – e você, que é um homem de bom gosto, creio eu, saberá apreciá-las. Não sei se tinha visto alguma de suas obras antes, mas em geral ela tem a reputação de desenhar muito bem.

O Coronel, ainda que negando qualquer pretensão de ser um conhecedor, admirou com grande entusiasmo as telas, como teria feito em relação a qualquer outra pintura de Miss Dashwood, e já que incitaram a curiosidade geral, as pinturas passaram de mão em mão para serem examinadas por todos. Mrs. Ferrars, sem saber que eram obra de Elinor, pediu para examiná-las, e após terem recebido a aprovação de Lady Middleton, Fanny entregou-as à mãe, informando-a, de maneira muito considerada, que haviam sido pintadas por Miss Dashwood.

– Hum... – disse Mrs. Ferrars – são muito bonitas – e sem prestar a menor atenção nas telas, devolveu-as à filha.

Talvez Fanny admitisse por um momento que sua mãe havia sido grosseira, pois, corando um pouco, disse imediatamente:

– São muito bonitas, não acha?

Mas talvez sentisse novamente o receio de ter sido exageradamente polida ou excessivamente encorajadora, pois logo em seguida acrescentou:

– Não são parecidas com o estilo de Miss Morton, mamãe? Ela pinta admiravelmente bem! Como sua última paisagem estava bem feita!

– De fato muito linda! Mas *ela* faz todas as coisas muito bem.

Marianne não pôde aguentar aquilo. Estava muito decepcionada com Mrs. Ferrars, e aquele inoportuno elogio a outra, à custa de Elinor, apesar de não ter a menor ideia do que significava, respondeu com bastante veemência:

– Que maneira mais curiosa de elogiar algo! E quem é Miss Morton para nós? Quem a conhece e quem se importa com ela? É de Elinor que estamos falando.

E assim que o disse, tomou as pinturas das mãos de sua cunhada para admirá-las como se devia.

Mrs. Ferrars pareceu extremamente zangada e, ficando mais tensa do que nunca, devolveu a ofensa acidamente:

– Miss Morton é filha do Lorde Morton.

Fanny também parecia muito brava, e seu marido assustou-se com a audácia da irmã. Elinor ficou muito mais magoada pela veemência de Marianne do que pelo fato que a provocara; mas os olhos do Coronel Brandon, que estavam fixos em Marianne, demonstravam que ele havia percebido apenas o que era mais amável na atitude dela: um coração afetuoso incapaz de suportar o menor desprezo dirigido à sua irmã.

Os sentimentos de Marianne não se detiveram por aí. A fria insolência do comportamento de Mrs. Ferrars para com sua irmã parecia-lhe prever para Elinor as mesmas dificuldades e aflições que seu próprio coração ferido lhe havia ensinado a temer. Depois de alguns minutos, levada por um forte impulso de sua própria sensibilidade e afeto, aproximou-se da cadeira onde a irmã estava sentada, colocou um braço ao redor de seu pescoço, encostou seu rosto no dela, e falou em voz baixa, porém firme:

– Querida, querida Elinor, não ligue para elas. Não deixe que elas a façam infeliz.

Ela não podia dizer mais nada, quase desfaleceu, e escondendo o rosto no ombro de Elinor, começou a chorar. Todos repararam, e quase todos se preocuparam. O Coronel Brandon levantou-se e foi em direção a elas, sem saber o que fazia. Mrs. Jennings, com um ar muito inteligente disse: “Ah! Pobrezinha!” e imediatamente ofereceu-lhe seus saís. Sir John sentiu-se tão desesperadamente furioso contra a autora daquele ataque de nervos, que imediatamente trocou de lugar, sentou-se perto de Lucy Steele, e sussurrando, contou-lhe resumidamente todo aquele caso chocante.

Porém, em alguns minutos, Marianne estava recuperada o suficiente para por um fim naquele alvoroço e sentar-se junto aos demais, embora mantivesse em seu espírito tudo o que se passara, durante o resto da noite.

– Pobre Marianne! – disse seu irmão ao Coronel Brandon, em voz baixa, assim que conseguiu chamar sua atenção. – Ela não tem uma saúde tão boa quanta sua irmã... É muito nervosa... Não tem a constituição de Elinor. E tenho que admitir que para uma jovem que já foi muito bela é

muito perturbador sentir a perda de seus atrativos pessoais. Talvez não saiba, mas Marianne *era* extremamente bonita há poucos meses, tão bonita quanto Elinor... Agora como vê, tudo acabou.

## CAPÍTULO 35

A curiosidade de Elinor em ver Mrs. Ferrars tinha sido satisfeita. Elinor encontrara nela tudo o que tornava indesejável uma união mais estreita entre as duas famílias. Vira o suficiente de sua arrogância, sua mesquinhez e seu preconceito contra ela para compreender todos os obstáculos que dificultariam seu compromisso com Edward e conseqüentemente retardariam o casamento dos dois, se ele estivesse livre. E vira o bastante para agradecer, por seu próprio bem, que uma obstrução maior a impedira de sofrer sob algum outro empecilho criado por Mrs. Ferrars, e a salvara de ter que depender de seu capricho ou ter que conquistar sua boa opinião. Ao menos, se não era capaz de alegrar-se ao ver Edward comprometido com Lucy, decidiu que, se Lucy tivesse sido mais amável, ela *deveria* ter se alegrado.

Elinor pensava como Lucy pôde se alegrar tanto com as demonstrações de cortesia de Mrs. Ferrars, como podiam cegá-la tanto seus interesses e vaidades, a ponto de fazê-la crer que era um cumprimento a atenção que Mrs. Ferrars lhe dedicava, unicamente porque Lucy *não era* Elinor, ou permitir-lhe encorajar-se por uma preferência que somente lhe era concedida pelo total desconhecimento de sua verdadeira condição. Mas tratava-se disso mesmo, como foi demonstrado pelo olhar de Lucy naquela ocasião e, na manhã seguinte, foi novamente declarado com mais franqueza, quando, a seu pedido, Lady Middleton a deixou em Berkeley Street, com a esperança de encontrar Elinor sozinha e contar-lhe como se sentia feliz.

Lucy teve sorte, pois logo depois que chegou à casa de Mrs. Jennings esta recebeu uma mensagem de Mrs. Palmer solicitando sua presença.

– Minha querida amiga – exclamou Lucy, assim que ficaram a sós – vim contar-lhe da minha felicidade. Por acaso há algo mais lisonjeiro que o modo como Mrs. Ferrars me tratou ontem? Ela foi extremamente amável! Você sabe o quanto eu tinha receio só de vê-la, mas no mesmo momento em que fomos apresentadas, seus modos foram tão amáveis que quase parecia

mostrar que ela realmente gostou de mim. Não foi assim mesmo? Você viu tudo, e não ficou totalmente surpreendida?

– Ela realmente foi muito educada com você.

– Educada! – Você viu apenas educação? Eu vi muito mais... Uma delicadeza dirigida a ninguém mais que a mim! Não foi orgulhosa nem altiva, e o mesmo pode se dizer da sua cunhada: uma pessoa muito doce e amável!

Elinor desejava falar sobre outra coisa, mas Lucy continuava pressionando para que reconhecesse que tinha motivos para sentir-se tão feliz, e Elinor viu-se obrigada a continuar.

– Sem dúvida, se elas soubessem do seu compromisso com Edward – disse ela – nada poderia ser mais lisonjeiro que o tratamento que deram a você, mas, como este não foi o caso...

– Imaginei que diria isso – respondeu Lucy rapidamente – mas não há nenhuma razão no mundo para que Mrs. Ferrars finja gostar de mim se não gostar, mas como demonstrou claramente que gosta, isso já me basta. Você não deveria estragar minha satisfação. Tenho certeza que tudo acabará bem, e não existirão dificuldades, como eu pensava. Mrs Ferrars é uma mulher encantadora, assim como a sua cunhada. De fato, são duas mulheres encantadoras! Surpreende-me o fato de eu nunca ter ouvido você dizer o quanto Mrs. John Dashwood é agradável!

Elinor não tinha resposta alguma para dar, e nem sequer tentou fazê-lo.

– Você está doente Miss Dashwood? Parece abatida, mal fala... Com toda certeza não se sente bem.

– Minha saúde nunca esteve melhor.

– Fico contente de todo coração, mas na verdade não é o que parece. Lamentaria muito se *you* adoecesse! Logo você, que tem sido o maior consolo do mundo para mim! Só Deus sabe o que eu teria feito sem a sua amizade.

Elinor tentou responder educadamente, embora tivesse dúvidas quanto ao seu sucesso. Mas Lucy pareceu satisfeita com isso, pois respondeu diretamente:

– Na verdade estou plenamente convencida de seu afeto por mim, e junto com o amor de Edward, é o meu único consolo. Pobre Edward! Mas agora temos uma boa notícia: poderemos nos encontrar, e nos encontrar com bastante frequência, porque como Lady Middleton ficou encantada com Mrs. Dashwood, parece-me que a visitaremos sempre em Harley Street, e Edward passa a metade do tempo com a irmã. Além disso, Lady Middleton e Mrs. Ferrars agora vão visitar-se... e Mrs. Ferrars e sua cunhada foram tão boas comigo, certamente ficarão felizes sempre que me virem. São mulheres encantadoras! Tenho certeza de que se algum dia você contar à sua cunhada o que penso dela, não conseguiria falar o suficiente.

Mas Elinor não quis dar nenhuma esperança de que ela fosse dizer algo à cunhada. Então Lucy continuou:

– Estou certa que teria percebido imediatamente caso Mrs. Ferrars não houvesse gostado de mim. Por exemplo, se ela tivesse apenas me cumprimentado formalmente, sem dizer uma palavra, e depois tivesse agido como se eu nem existisse, se nunca mais me olhasse de modo simpático – você entende o que quero dizer – seu eu tivesse sido tratada de maneira intimidante, teria ficado desesperada. Não conseguiria suportar. Pois quando ela *não* gosta de algo, sei que o demonstra violentamente.

Elinor não pôde dar nenhuma resposta a este educado triunfo, pois foram interrompidas quando a porta se abriu e o empregado anunciou a chegada de Mr. Ferrars, e então Edward entrou imediatamente.

Era uma situação muito incômoda, e o semblante de cada um deles transpareceu isso. Todos pareciam um tanto estúpidos, e Edward pareceu que não sabia se entrava ou saía da sala. A própria circunstância que cada um havia desejado evitar tão fervorosamente, acabava de acontecer em sua pior forma. Estavam não apenas os três juntos, mas estavam juntos sem a presença de mais ninguém para atenuar a situação. As moças foram as primeiras a se recuperarem. Não cabia à Lucy tomar nenhuma iniciativa, e era necessário manter as aparências do segredo. Podia apenas *olhar* com ternura, e depois de cumprimentá-lo rapidamente, não disse mais nada.

Mas Elinor tinha mais a fazer, e como estava muito ansiosa, pelo bem dele e o dela própria, obrigou-se, depois de se recompor por um momento, a dar-lhe as boas vindas, com um olhar e modos quase normais,

quase espontâneos; e esforçando-se ainda mais, os resultados foram ainda melhores. Não iria permitir que a presença de Lucy ou a consciência de alguma injustiça em relação a ela a impedisse de dizer que estava contente ao vê-lo, e que lamentava muito não estar em casa quando ele as visitou em Berkeley Street. Tão pouco se sentiria ameaçada, ao dar a devida atenção a Edward, que era um amigo e quase um parente, pelo olhar de Lucy, que a observava atentamente.

A atitude de Elinor deu certa segurança a Edward, que encontrou ânimo suficiente para sentar-se; porém seu embaraço ainda era maior que o das duas moças, e muito justificado pelas circunstâncias, embora não fosse comum ao seu sexo; pois seu coração não tinha a indiferença de Lucy, nem sua consciência a tranquilidade de Elinor.

Lucy, com um ar recatado e tranquilo, parecia decidida a não contribuir em nada para o conforto dos outros e manteve-se em completo silêncio; e quase tudo o que foi dito vinha de Elinor, que fora obrigada voluntariamente a oferecer todas as informações sobre a saúde de sua mãe, sua vinda à cidade, etc., o que Edward deveria ter perguntando, mas não o fez.

Seus esforços não terminaram aí, pois logo em seguida ela sentiu-se heroicamente disposta a tomar a decisão de deixar Lucy e Edward sozinhos, com a desculpa de ir buscar Marianne. E assim realmente o fez, e da maneira mais elegante, pois demorou alguns minutos no patamar da escada, com grande força de espírito, antes de ir ao encontro da irmã. Quando o fez, no entanto, já era tempo de acabar com os arroubos de Edward, pois a alegria de Marianne fê-la correr para a sala de estar imediatamente. O prazer que sentiu ao vê-lo era como todos os seus outros sentimentos, fortes e intensamente expressos. Foi ao encontro de Edward estendendo-lhe a mão, com uma voz que demonstrava um carinho de irmã:

– Querido Edward! – exclamou Marianne – Este é um momento de grande felicidade! Serve quase de compensação para todo o resto.

Edward tentou retribuir sua gentileza como merecia, no entanto, diante de Lucy não ousaria dizer metade do que sentia. Novamente se sentaram, e por alguns momentos ficaram em silêncio, enquanto Marianne olhava com grande ternura, às vezes para Edward, outras vezes para Elinor, lamentando unicamente que o prazer de ambos fosse diminuído pela



inoportuna presença de Lucy. Edward foi o primeiro a falar, e apenas falou do semblante alterado de Marianne e manifestou seu temor de que Londres não tivesse lhe feito bem.

– Oh, não pense em mim! – respondeu Marianne com alegre veemência, embora tivesse lágrimas nos olhos enquanto falava – Não pense em *minha* saúde. Elinor está bem, como vê. E isso já é o suficiente para nós.

Esta observação não teve a intenção de facilitar a situação para Edward ou Elinor, nem tão pouco conquistar a boa vontade de Lucy, que olhou para Marianne com uma expressão pouco benevolente.

– Gosta de Londres? – disse Edward, ansioso para mudar de assunto.

– Não, de jeito nenhum. Esperava sentir muito prazer aqui, mas não encontrei nenhum. Encontrá-lo, Edward, foi meu único consolo, e graças a Deus você continua o mesmo de antes.

Ela fez uma pausa... ninguém disse nada.

– Eu creio, Elinor – acrescentou Marianne depois de um tempo – que devemos pedir a Edward que nos acompanhe em nossa volta à Barton. Partiremos dentro de uma ou duas semanas, suponho, e, acho que Edward não recusará nosso pedido.

O pobre Edward murmurou algo que ninguém entendeu, nem ele mesmo. Mas Marianne, percebendo sua agitação, e podendo facilmente atribuí-la a qualquer causa que lhe parecesse mais conveniente, sentiu-se completamente satisfeita e logo começou a falar de outra coisa.

– Edward, não imagina o dia que passamos ontem em Harley Street! Tão entediante, tão espantosamente entediante! Tenho muito que contar-lhe a respeito, porém não posso contar agora.

E com essa discrição admirável, deixou para contar-lhe quando estivessem a sós que achava seus parentes mútuos mais desagradáveis do que nunca, e em especial o quanto sua mãe a desagradara.

– Mas, por que você não estava lá, Edward? Por que não compareceu?

– Eu tinha outro compromisso.

– Outro compromisso! Mas como? Se todos os seus amigos estavam lá?

– Talvez, Miss Marianne – exclamou Lucy, ansiosa para vingar-se dela de alguma maneira – não acredite que os jovens possam manter seus compromissos, grandes ou pequenos, quando não tem interesse em cumpri-los.

Elinor ficou muito zangada, mas Marianne parecia completamente insensível ao sarcasmo de Lucy, pois respondeu calmamente:

– Na verdade, não, pois falando seriamente, estou certa de que apenas a consciência impediu Edward de ir a Harley Street. E eu realmente acredito que *ele* tem a consciência mais delicada do mundo, o maior escrúpulo em manter quaisquer compromissos, por menores que sejam, mesmo que os faça contra seu interesse ou prazer. É a pessoa que mais teme causar alguma dor aos outros e destruir uma expectativa, e é a pessoa mais incapaz de egoísmo que conheço. Edward é assim, e assim o direi. Como! Nunca ouviu ninguém elogiá-lo? Então você não pode ser meu amigo, pois aqueles que aceitam meu afeto e minha estima, devem se submeter aos meus elogios.

A natureza de seus elogios, neste caso, porém, podia considerar-se particularmente imprópria para dois terços dos ouvintes, e foram tão desestimulantes para Edward que ele logo se levantou para ir embora.

– Já vai embora tão cedo! – disse Marianne – Meu querido Edward, não faça isso!

E levando-o um pouco à parte, Marianne sussurrou sua crença de que a visita de Lucy não iria demorar. Mas até mesmo esse encorajamento falhou, pois ele insistiu em ir embora, e Lucy, que teria permanecido mais tempo mesmo que a visita de Edward demorasse duas horas, logo se foi também.

– O que a faz nos visitar tantas vezes? – disse-lhe Marianne, assim que eles saíram. – Será que não percebe que queríamos vê-la longe? Que irritante para Edward!

– Por quê? Somos todas amigas dele, e Lucy o conhece há mais tempo que nós. É natural que ele tenha prazer em vê-la assim como tem em nos ver.

Marianne olhou-a firmemente e disse:

– Você sabe, Elinor, que esse é o tipo de coisa que não suporto ouvir. Se estiver apenas esperando que eu contradiga sua afirmação, como suponho ser o caso, você deve se lembrar que eu seria a última pessoa do mundo a fazê-lo. Não tenho o costume de ser induzida a fazer afirmações que não são realmente desejadas.

Então deixou a sala, e Elinor não se atreveu a segui-la e dizer mais alguma coisa, pois, presa como estava à promessa de segredo feita a Lucy, não poderia dar nenhuma justificativa que convencesse Marianne. E, por mais dolorosas que fossem as consequências de deixar que ela permanecesse em erro, teve de se conformar com isso. Tinha a esperança de que Edward não a expusesse muitas vezes, ou a si mesmo, ao desconforto de ouvir o caloroso equívoco de Marianne, nem à repetição de qualquer outra parte da angústia que havia acompanhado seu recente encontro... E este último desejo, Elinor tinha plena certeza de que seria cumprido.

## CAPÍTULO 36

Poucos dias após essa reunião, os jornais anunciaram ao mundo que a esposa de Mr. Thomas Palmer dera à luz um filho e herdeiro, uma nota muito interessante e satisfatória, ao menos para todos os amigos íntimos que já sabiam da notícia.

Esse evento, de grande importância para a felicidade de Mrs. Jennings, produziu uma alteração passageira na disposição do seu tempo, e afetou de forma parecida os compromissos de suas jovens amigas; pois, como ela desejava ficar o máximo de tempo com Charlotte, ia vê-la todas as manhãs assim que se vestia, e não retornava até tarde da noite. E as Dashwoods, por um pedido especial dos Middletons, passavam a maior parte do dia em Conduit Street. Se fosse para sua própria comodidade, teriam preferido ficar, pelo menos na parte da manhã, na casa de Mrs. Jennings, porém não era algo para se insistir contra o desejo de todos. Passavam suas horas na companhia de Lady Middleton e as Steeles, para quem o valor de sua companhia era tão pouco apreciado quanto ostensivamente procurado.

As Dashwoods tinham bom senso demais para serem companhia desejável para a primeira, e eram consideradas motivo de inveja para as últimas, como intrusas em *seu* território, compartilhando da amabilidade que elas desejavam monopolizar. Embora nada pudesse ser mais educado que o comportamento de Lady Middleton para com Elinor e Marianne, ela não gostava muito de ambas, porque não adulavam nem a ela nem aos seus filhos. Também não acreditava que as Dashwoods tivessem boa formação, e como gostavam de literatura, imaginava que as moças fossem satíricas: talvez sem ao menos saber o significado exato da palavra; mas não tinha importância. Era uma censura que estava na moda, e se fazia sem o menor cuidado.

A presença das jovens incomodava, tanto à Lady Middleton quanto à Lucy, porque ameaçava o ócio de uma e as ocupações da outra. Lady Middleton se sentia envergonhada de não fazer nada na presença delas, e Lucy temia que a desmerecessem pela bajulação que sentia orgulho de

imaginar e oferecer em outras ocasiões. Das três, Miss Steele era a que menos se sentia afetada pela presença das Dashwoods, e só dependia que fosse inteiramente aceita por elas. Bastava apenas que uma delas lhe tivesse feito um relato completo e minucioso do caso entre Marianne e Mr. Willoughby, que ela se sentiria amplamente recompensada pelo sacrifício de ceder-lhes o melhor lugar junto à lareira depois do jantar, que a chegada das duas lhe custara. Mas essa aproximação não se concretizava, pois, apesar de deixar escapar, às vezes, expressões de piedade pela irmã junto a Elinor, e mais de uma vez falar na frente de Marianne algo sobre a inconstância dos galanteadores, isso não produzia nenhum efeito, senão um olhar de indiferença de Elinor e um olhar de desgosto de Marianne. Com um esforço menor ainda, elas teriam sido amigas. Se ao menos tivessem rido dela por causa do reverendo! Mas estavam tão pouco dispostas a isso, assim como as outras, que se Sir John jantasse fora, ela passaria o dia inteiro sem ouvir qualquer referência ao assunto, com exceção das que ela mesma tinha a gentileza de se conceder.

Todos esses ciúmes e descontentamentos, porém, passavam tão completamente despercebidos à Mrs. Jennings, que ela acreditava que o fato de estarem juntas era algo que as jovens apreciavam; e assim, cada noite felicitava suas jovens amigas por terem se livrado da companhia de uma estúpida senhora por tanto tempo. Ela, às vezes, as encontrava na casa de Sir John, outras vezes em sua própria casa, mas, onde quer que fosse, chegava sempre muito animada, cheia de satisfação e importância, atribuindo o bem-estar de Charlotte aos seus próprios cuidados, e ainda disposta a dar uma descrição tão detalhada da situação de sua filha, que somente a curiosidade de Miss Steele poderia desejar. Havia *uma* coisa que a deixava inquieta, e sobre a qual ela se queixava diariamente. Mr. Palmer mantinha a opinião comum aos homens, mas pouco paternal, de que todos os recém-nascidos eram iguais; e embora ela pudesse constatar claramente, em diferentes momentos, a mais impressionante semelhança entre o bebê e cada um de seus parentes de ambos os lados, não havia maneira de convencer o pai disto nem persuadi-lo a reconhecer que o bebê não era exatamente como qualquer outra criatura da mesma idade, nem sequer podia fazê-lo admitir a simples afirmação de que era a criança mais linda do mundo.

Venho agora relatar um infortúnio que nessa época atingiu Mrs. John Dashwood. Quando Mrs. Jennings e suas cunhadas, Marianne e Elinor, foram pela primeira vez à casa dela, em Harley Street, uma outra pessoa conhecida de Fanny fora visitá-la também, uma circunstância que por si só aparentemente não causou nenhum problema. Mas quando as pessoas se deixam levar por sua imaginação para fazer julgamentos errôneos ou indevidos a respeito da conduta dos outros, baseando-se apenas nas aparências, a felicidade de uma pessoa pode ficar à mercê do destino. Nessa ocasião, a dama que chegara por último, deixou que sua fantasia excedesse de tal maneira a verdade e as probabilidades, que só de escutar o nome das Dashwoods e entender que eram irmãs de Mr. Dashwood, chegou à conclusão que estavam hospedadas em Harley Street. E esse mal-entendido resultou, cerca de um dia ou dois após, no envio de cartões de convite para elas, como também para seu irmão e cunhada, para uma pequena reunião musical em sua casa. A consequência disto foi que Mrs. John Dashwood foi obrigada não apenas ao incômodo de enviar sua carruagem para buscar as Dashwoods, como também suportar todo o inconveniente de fingir que as tratava com atenção. Mas, o que era pior: quem iria garantir que as Dashwoods não teriam esperanças de sair com ela uma segunda vez? A verdade é que Fanny teria sempre o poder de desapontá-las. Só que saber disso não lhe era suficiente, pois quando as pessoas se empenham em uma forma de conduta que sabem estar errada, sentem-se injuriadas quando se espera algo melhor da parte delas.

Marianne, entretanto, fora levada aos poucos a aceitar sair todos os dias, a ponto de se tornar indiferente para ela – sair ou não sair; passou a se preparar silenciosa e mecanicamente para todos os eventos noturnos, embora não esperasse nenhum tipo de diversão, e muitas vezes sem saber sequer, até o momento de partir, aonde a levariam.

Ela se tornara tão indiferente às roupas e à aparência que, durante todo o tempo gasto em se arrumar, dava a elas metade da atenção que recebiam de Miss Steele nos primeiros cinco minutos em que ficavam juntas, depois de estar pronta. Nada escapava a sua minuciosa observação e grande curiosidade, via tudo e perguntava também sobre tudo. Não ficava tranquila até saber o preço de cada parte do vestuário de Marianne, podia dizer com precisão quantos vestidos Marianne tinha, melhor do que a

própria, e não perdia a esperança de descobrir antes de partirem, quanto ela gastava semanalmente com lavanderia, e quanto tinha por ano para gastos pessoais. Além disso, a impertinência dessas perguntas sempre terminava em elogios, que, apesar de serem ditos com boa intenção, eram considerados por Marianne a maior de todas as impertinências, pois após tê-la submetido a perguntas relacionadas ao valor e feitura do vestido, a cor dos seus sapatos e ao arranjo do cabelo, estava quase certa de que ouviria da parte dela algo assim: “palavra de honra, está muito elegante e tenho certeza que fará grandes conquistas”.

Com essas encorajadoras palavras, Marianne se despediu e dirigiu-se à carruagem do irmão, na qual puderam entrar cinco minutos após sua chegada, uma pontualidade não muito agradável à sua cunhada, que as precedera à casa de sua amiga e esperava que uma demora das jovens pudesse ser motivo de incômodo para ela ou para o cocheiro.

Os acontecimentos desta noite não foram extraordinários. Esta reunião, como as outras reuniões musicais, incluía uma boa quantidade de pessoas que sentiam real prazer pelo espetáculo, e muito mais pessoas que não tinham gosto algum pela música. E, como sempre, os músicos eram, aos seus próprios olhos e aos de seus amigos, os melhores concertistas privados da Inglaterra.

Como Elinor não tinha talentos musicais, nem pretendia tê-los, sem grandes escrúpulos desviava seus olhos do piano cada vez que tinha vontade, e sem se constranger com a presença de uma harpa e um violoncelo, contemplava ao seu gosto qualquer outro objeto da sala. Em um desses olhares, encontrou entre um grupo de jovens rapazes, aquele que estivera na joalheria de Mr. Gray e de quem escutara um verdadeiro discurso a respeito de paliteiros. Elinor viu, logo depois, que ele a encarava e falava familiarmente com seu irmão. E mal tinha decidido descobrir o nome do rapaz através do irmão, quando ambos vieram em sua direção e Mr. Dashwood o apresentou como Mr. Robert Ferrars.

Ele se dirigiu a ela com cortesia e inclinou sua cabeça em uma reverência que lhe deixou claro, mais do que as palavras poderiam fazer, que ele era exatamente o fanfarrão que Lucy descrevera. Seria uma sorte para ela se seu afeto por Edward dependesse menos de seus próprios méritos do que dos méritos de seus parentes mais próximos! Aquela

reverência feita pelo irmão de Edward seria então o golpe final ao mau humor que a mãe e a irmã haviam começado. Mas, enquanto refletia sobre a diferença entre os dois irmãos, não lhe ocorreu que a vaidade e a presunção de um pudessem ofuscar a modéstia e o valor do outro. Eram bastante diferentes, e isto fora demonstrado por Robert no decorrer de quinze minutos de conversa, pois, ao falar do irmão, lamentando o extremo acanhamento que, em sua opinião, o impedia de se relacionar com a melhor sociedade, atribuía cãndida e generosamente este acanhamento à desventura de uma educação particular mais do que a alguma deficiência natural. Enquanto ele, ainda que provavelmente sem nenhuma superioridade particular e importante de natureza, simplesmente pela vantagem de ter frequentado uma escola pública[1], estava tão bem preparado para relacionar-se em sociedade como qualquer outro homem.

– Palavra de honra – acrescentou Robert – creio que não é outra coisa. Por isso sempre digo à minha mãe, quando ela se lamenta. “Minha querida senhora – sempre digo a ela – a senhora precisa acalmar-se. O dano agora é irreparável, e foi tudo por sua causa. Por que se deixou influenciar por meu tio, Sir Robert, contra sua própria opinião, a colocar Edward aos cuidados de um tutor particular, durante o momento mais crítico de sua vida? Se ao menos o tivesse enviado a Westminster[2], como fez comigo, em vez de enviá-lo ao Mr. Pratt, tudo isso seria evitado”. É dessa maneira que eu sempre considerei o assunto, e minha mãe está bastante convencida de seu erro.

Elinor não se opôs à sua opinião, pois, quaisquer que fossem suas considerações a respeito das vantagens da escola pública, não conseguia pensar com satisfação na convivência de Edward com a família de Mr. Pratt.

– A senhorita mora em Devonshire, se não me engano – foi sua observação seguinte – em um chalé perto de Dawlish.

Elinor o corrigiu quanto à correta localização, e parecia surpreendê-lo bastante que alguém pudesse viver em Devonshire sem viver perto de Dawlish. Porém, expressou sua mais entusiasmada aprovação quanto ao tipo de casa.

– Da minha parte – disse – sou extremamente fascinado pelas casas de campo, são sempre confortáveis e elegantes. E garanto que, se tivesse algum dinheiro de sobra, compraria um pequeno terreno e construiria um



chalé perto de Londres, onde pudesse ir a qualquer momento, reunir alguns amigos e ser feliz. A todas as pessoas que pensam em construir, aconselho que construam uma pequena casa de campo. Um amigo, Lorde Courtland, veio até a mim outro dia com o propósito de me pedir conselho, e apresentou-me três projetos de Bonomi[3]. Eu deveria escolher o melhor deles. “Meu caro Courtland”, disse a ele, jogando imediatamente os três no fogo, “não escolha nenhum deles, mas construa um chalé”. E creio que com isso disse tudo.

– Algumas pessoas acreditam que não existe comodidade nem bastante espaço em um chalé; mas é um grande erro. No mês passado, estive na casa de meu amigo Elliot, perto de Dartford[4]. Lady Elliot desejava oferecer um baile. “Mas como fazê-lo?”, disse ela. “Meu querido Ferrars, diga-me, por favor, como organizá-lo. Não há um só lugar nesse chalé que possa abrigar dez casais, e onde serviremos a ceia?” Eu imediatamente vi que não teria dificuldade em organizar o evento, e disse: “Minha querida Lady Elliot, não se preocupe. A sala de jantar abrigará dezoito casais com facilidade, as mesas de jogos poderão ficar na sala de estar, na biblioteca poderá servir chá e outros refrescos, e deixe que a ceia seja servida no salão”. Lady Elliot ficou encantada com a ideia. Medimos a sala de jantar, e descobrimos que caberiam exatamente dezoito casais, e tudo aconteceu de acordo com meu plano. Assim, na verdade, como pode ver, basta saber organizar as coisas, e desse modo poder desfrutar a vida em um chalé, como se estivesse na residência mais espaçosa.

Elinor concordou com tudo, pois não acreditava que ele merecia o cumprimento de uma oposição racional.

Como John Dashwood não sentia mais prazer com a música que sua irmã mais velha, sua mente também estava livre para pensar em outra coisa; e nessa noite lhe ocorreu uma ideia que, ao voltar para casa, submeteu à aprovação da esposa. O engano de Mrs. Dennison ao pensar que suas irmãs estivessem hospedadas em sua casa, sugeriu-lhe a obrigação de efetivamente convidá-las, enquanto Mrs. Jennings tinha compromissos que a mantinham fora de casa. O gasto seria insignificante, os inconvenientes menores ainda, e era, ao mesmo tempo, uma atenção e uma delicadeza que sua consciência indicava como requisito para libertar-se por completo da promessa feita ao pai. Fanny se surpreendeu com a proposta.

– Não vejo como poderemos fazê-lo – disse – sem ofender Lady Middleton, já que suas irmãs passam todos os dias com ela; caso contrário, ficaria muito orgulhosa em convidá-las. Você sabe que estou sempre pronta a oferecer-lhes a atenção que estiver ao meu alcance, como demonstrei hoje à noite ao sair com elas. Porém, Elinor e Marianne são hóspedes de Lady Middleton. Como posso pedir-lhes que a deixem?

Seu esposo, embora com grande humildade, não aceitou que suas objeções fossem convincentes, e disse:

– Elas já passaram uma semana em Conduit Street e acredito que Lady Middleton não ficaria descontente ao deixá-las passar a mesma quantidade de tempo com parentes tão próximos.

Fanny fez uma breve pausa, e com renovado vigor, logo disse:

– Meu amor, se estivesse ao meu alcance, far-lhes-ia o convite de todo coração. Porém, já havia decidido convidar as Steeles a passarem alguns dias conosco. Elas são bem comportadas, boas moças, e acredito que devemos lhes dar atenção já que seu tio cuidou tão bem de Edward. Podemos convidar suas irmãs em outra ocasião, e é bem provável que as Steeles não voltem mais a Londres. Tenho certeza que você gostará delas, na verdade, você já gosta muito, assim como minha mãe, e elas são as companhias favoritas de Harry!

Mr. Dashwood se convenceu. Entendeu a necessidade de convidar as Steeles imediatamente, e sua decisão de convidar suas irmãs algum outro ano tranquilizou sua consciência; ao mesmo tempo, contudo, suspeitava de que no outro ano não haveria necessidade de tal convite, pois Elinor voltaria a Londres como esposa do Coronel Brandon e Marianne como hóspedes *deles*.

Fanny, regozijando-se com sua escapatória, e orgulhosa da pronta sagacidade com que tinha obtido isto, escreveu na manhã seguinte para Lucy, solicitando sua companhia e a da irmã por alguns dias em Harley Street, assim que Lady Middleton pudesse dispensá-las. Foi o suficiente para Lucy ficar verdadeira e razoavelmente feliz. Mrs. John Dashwood parecia estar mesmo trabalhando a seu favor, acalentando todas as suas esperanças, favorecendo todas as suas intenções! Uma oportunidade de estar com Edward e sua família era, acima de tudo, importantíssima para

seus interesses; e o convite, mais do que gratificante para seus sentimentos! Era uma vantagem que não poderia ser reconhecida com demasiada gratidão, nem aproveitada com demasiada pressa; e a visita à Lady Middleton, que antes não tinha nenhum limite preciso, repentinamente descobriu-se que sempre estivera marcada para terminar dali a dois dias.

Quando o bilhete foi mostrado a Elinor, cerca de dez minutos após ter chegado, fez com que esta de certa forma compartilhasse, pela primeira vez, as expectativas de Lucy; tal mostra de incomum gentileza apoiada em uma amizade tão recente, parecia demonstrar que a boa vontade para com ela passara a ser algo além de rancor em relação à Elinor; e que o tempo e a habilidade poderiam levar Lucy a obter tudo o que quisesse. Sua bajulação já havia vencido o orgulho de Lady Middleton, e penetrara no duro coração de Mrs. John Dashwood; e tais resultados deixavam em aberto a probabilidade de outros ainda maiores.

As Steeles se mudaram para Harley Street, e tudo o que chegou até Elinor a respeito da influência delas naquela casa fortaleceu sua expectativa do acontecimento. Sir John, que as visitou mais de uma vez, trouxe notícias do favoritismo de que estavam gozando, considerado impressionante por todos. Mrs. John Dashwood nunca encontrara jovens tão agradáveis quanto elas, deu-lhes de presente um porta-agulhas feito por algum imigrante<sup>[5]</sup>, chamava Lucy pelo primeiro nome e não sabia se algum dia conseguiria se separar delas.

[1] Entende-se neste caso às escolas abertas a todos que pudessem pagar (N.T.)

[2] Escola particular, fundada pela Rainha Elizabeth em 1560, alguns de seus alunos ilustres: Locke, Dryden e Cowper. (N. T.)

[3] Giuseppe Bonomi (1739–1808), arquiteto italiano, famoso por sua atuação na sociedade inglesa, membro da Academia Real. (N. T.)

[4] Dartford é uma cidade localizada no Condado de Kent, no sudeste da Inglaterra, a 25 quilômetros de Londres. (N. T.)

[5] O porta-agulhas feito provavelmente por uma imigrante francesa, que por causa da Revolução Francesa, foi obrigada a trabalhar para se sustentar. (N. T.)

## CAPÍTULO 37

Mrs. Palmer se encontrava tão bem passados quinze dias, que sua mãe sentiu que já não era necessário dedicar todo o seu tempo à filha, e contentando-se em visitá-la uma ou duas vezes ao dia, retornou para sua casa e para a sua rotina, encontrando as Dashwoods muito dispostas a retomarem a sua antiga convivência.

Na terceira ou quarta manhã depois que se instalaram novamente em Berkeley Street, Mrs. Jennings, ao retornar de sua visita diária a Mrs. Palmer, entrou com um ar de tão urgente importância na sala onde Elinor se encontrava sozinha, que a moça se preparou para ouvir algo prodigioso, e dando-lhe tempo apenas para formar essa ideia, Mrs. Jennings começou a justificá-la dizendo:

– Deus! Minha querida Miss Dashwood! Soube da notícia?

– Não, senhora. Do que se trata?

– Algo muito estranho! Mas lhe contarei tudo. Quando cheguei à casa de Charlotte, encontrei-a aos prantos com o filho. Tinha certeza que ele estava muito doente, pois ele gritava e choramingava, e estava cheio de manchinhas vermelhas. Então olhei para a criança e disse: ‘Deus! Minha querida, não é nada demais, trata-se apenas de uma erupção cutânea’<sup>[1]</sup> – e a enfermeira disse o mesmo. Mas Charlotte, não satisfeita, mandou chamar o Dr. Donavan, que por sorte vinha voltando de uma visita que tinha feito em Harley Street, e entrou rapidamente, e assim que viu a criança disse o mesmo que eu: erupções na pele. Só assim Charlotte ficou tranquila. E então, quando ele já estava de partida, ocorreu-me perguntar-lhe, não sei como foi que pensei nisso, mas acabei perguntando se havia alguma novidade. Ao ouvir aquilo, ele sorriu maliciosamente, disfarçou, mas parecia sério, parecia saber de algo, e em um sussurro disse: “Por receio que alguma notícia desagradável sobre a indisposição da cunhada chegou até as jovens que estão sob seus cuidados, penso que é melhor dizer que não há motivos para alarme, creio que Mrs. John Dashwood vai resistir muito bem”.

– O quê! Fanny está doente?

– Foi exatamente o que eu disse, minha querida. ‘Deus! Mrs. John Dashwood está doente?’ (foi o que eu disse) Então tudo ficou esclarecido, e do que pude entender, posso resumir em poucas palavras: Mr. Edward Ferrars, aquele mesmo rapaz que eu costumava brincar com você (porém, como vê, estou completamente satisfeita em saber que todas minhas brincadeiras eram infundadas), pois parece que ele está comprometido há mais de um ano com minha prima Lucy! É isso mesmo, minha querida! E ninguém sabia de nada sobre o assunto, com exceção de Nancy! Você acreditaria em tal coisa? Não é estranho que se gostem, mas o relacionamento dos dois avançou tanto, sem que ninguém suspeitasse! É  *muito* estranho! Nunca os vi juntos, pois se os visse teria descoberto rapidamente. Bem, então mantiveram tudo no mais absoluto segredo por temor de Mrs. Ferrars, e nem ela, nem seu irmão, nem sua cunhada suspeitaram de algo... Até que hoje de manhã a pobre Nancy, que, como você sabe, é uma moça muito bem-intencionada, mas incapaz de guardar um segredo acabou revelando-o. “Deus!” (ela deve ter pensado) “Eles gostam tanto de Lucy que certamente não farão nenhuma objeção sobre a união dos dois.” Então foi até Mrs. John Dashwood, que estava bordando um tapete, sem imaginar o que estava para acontecer... Pois há poucos minutos ela havia falado ao marido que pensava casar Edward com a filha de um lorde qualquer, cujo nome me esqueci. Elinor, você pode imaginar o golpe que foi para sua vaidade e orgulho. Ela imediatamente teve um ataque de histeria, e gritava tão alto, que seus gritos chegaram aos ouvidos do marido, que se encontrava em seu quarto de vestir, no andar de baixo, pensando em escrever uma carta ao administrador de sua propriedade no interior. Então ele subiu correndo as escadas e ali uma terrível cena aconteceu, pois Lucy já havia se juntado a eles, sem ao menos imaginar o que estava acontecendo. Pobre alma! Tenho pena *dela*. E acredito que ela foi tratada com muita dureza. Mrs. John Dashwood a repreendeu com muita fúria, até que ela desmaiou. Nancy, por sua vez, se ajoelhou aos seus pés e chorou amargamente, e seu irmão, que andava de um lado para o outro da sala, não sabia o que fazer. Mrs. John Dashwood declarou que elas não deveriam ficar nem mais um minuto debaixo de seu teto, e seu marido foi forçado a se ajoelhar aos seus pés também, para convencê-la a deixar que as moças ficassem até que conseguissem empacotar seus pertences. Então, ela começou a ficar histérica novamente, e ele ficou tão assustado que mandou

chamar o Dr. Donovan. Quando Dr. Donovan chegou, a casa estava de pernas para o ar. A carruagem estava parada à porta, pronta para levar minhas pobres primas, e elas já estavam embarcando quando ele saiu. Dr. Donovan disse que a pobre Lucy estava tão prostrada, que mal conseguia andar, e Nancy estava péssima também. Afirmo que não tenho a menor paciência com sua cunhada, e espero de todo coração que os dois se casem, apesar dos protestos dela. Deus! Imagino como Edward ficará ao saber de tudo! Ao saber que maltrataram sua amada! Pois dizem que ele é apaixonado por ela, e deve ser mesmo! Não acharia estranho se sentisse a maior das paixões! E Dr. Donovan pensa o mesmo. Eu e ele conversamos muito sobre o assunto, e o melhor de tudo é que ele voltou a Harley Street, para ficar a postos quando fossem contar a Mrs. Ferrars, pois ela foi até a casa da filha assim que minhas primas saíram, e sua cunhada pensou que ela poderia ficar histérica também, e pelo que sei, deve ficar mesmo. Não tenho pena de nenhuma das duas. Nunca conheci pessoas que fizessem tanto alarde quando o assunto é dinheiro e grandeza. Não há razão no mundo que impeça Mr. Edward de se casar com Lucy, e estou certa que Mrs. Ferrars pode muito bem ajudar o filho, e ainda que Lucy não tenha quase nada de seu, sabe melhor do que ninguém como tirar proveito de uma situação. E sou capaz de dizer que se Mrs. Ferrars oferecer a Edward quinhentas libras por ano, ela será capaz de manter uma aparência que nenhuma outra conseguiria nem com oitocentas libras. Deus! Como poderiam viver com comodidade em um chalé como o seu, Elinor! Talvez um pouquinho maior, com duas criadas e dois empregados. Creio que posso ajudá-los a encontrar uma empregada, pois a minha Betty tem uma irmã desempregada que lhes serviria perfeitamente.

Mrs. Jennings parou de falar, e como Elinor tivera tempo suficiente para recompor seus pensamentos, pôde responder e fazer os comentários que o assunto naturalmente deveria provocar. Contenta ao saber que não era suspeita de ter nenhum interesse particular na questão e que Mrs. Jennings (como ela muitas vezes esperava que finalmente acontecesse) deixou de imaginar que ela tivesse algum compromisso com Edward, e mais feliz ainda porque Marianne não estava presente, foi assim capaz de falar do assunto sem se constranger e sem receio de dar sua opinião, com imparcialidade, sobre a conduta de cada um dos interessados.

Elinor dificilmente poderia determinar qual era sua real expectativa sobre o caso, embora tenha se esforçado bastante para afastar a ideia de que pudesse terminar de outra maneira senão com o casamento de Edward e Lucy. Estava ansiosa para saber o que Mrs. Ferrars diria e faria, embora não pudesse haver dúvidas quanto à sua natureza; e mais ansiosa ainda para saber como Edward se comportaria. Sentia bastante compaixão por *ele*, muito pouca por Lucy (e lhe custou muito sentir este pouco), e não sentia nada pelos outros.

Como Mrs. Jennings não mudava de assunto, Elinor logo percebeu que seria necessário preparar Marianne para discuti-lo. Não deveria perder tempo em desenganá-la, colocá-la a par da verdade e conseguir que escutasse os comentários dos demais sem revelar nenhuma inquietação pela irmã ou ressentimento contra Edward.

A tarefa de Elinor foi bastante penosa. Teria que destruir o que na verdade acreditava ser o principal consolo de sua irmã, e lhe dar tais detalhes sobre Edward que temia fossem desmerecê-lo para sempre no conceito de Marianne... E fazer com que a irmã, pela semelhança de suas situações, que na sua imaginação seria enorme, revivesse uma vez mais sua própria desilusão. Mas apesar de ser uma tarefa ingrata, teria que cumpri-la, e Elinor apressou-se, portanto, em executá-la.

Estava muito longe de querer enfatizar seus próprios sentimentos, ou demonstrar que estava sofrendo muito, a não ser que seu autocontrole, que praticara desde o momento em que soube do compromisso de Edward, pudesse indicar a Marianne o que seria possível fazer. Sua narrativa foi clara e simples, e embora não pudesse ser dita sem emoção, não foi acompanhada por nenhuma agitação violenta ou profunda dor. Isso ficou por conta da ouvinte, pois Marianne ouviu tudo horrorizada e chorou excessivamente. Elinor teria que consolar os demais em sua dor, quando ela própria sofria. E todo consolo que pudesse ser dado pela demonstração de sua própria tranquilidade de espírito, e a séria disposição de defender Edward de todas as acusações, com exceção de sua imprudência, foi prontamente oferecido.

Por um tempo, Marianne não deu crédito a nenhum de seus argumentos. Edward parecia um segundo Willoughby. E se Elinor admitia que *tinha* amado Edward com toda sinceridade, como podia sentir menos que ela! Quanto a Lucy Steele, considerava-a totalmente desprezível,

incapaz de atrair um homem sensível, e, em um primeiro momento, não pôde ser convencida a acreditar, e conseqüentemente perdoar, qualquer antiga afeição que Edward sentisse por ela. Marianne sequer admitia que aquilo fosse algo natural, e Elinor desistiu de convencê-la de que era verdade, pois apenas um profundo conhecimento da natureza humana seria capaz de fazê-lo.

Sua primeira tentativa de comunicar o fato não foi além de mencionar o compromisso, e há quanto tempo existia. Os sentimentos de Marianne então extravasaram, e impediram qualquer descrição dos detalhes; e por um tempo, tudo o que podia ser feito era acalmar sua aflição, tranquilizar seus temores e combater seu ressentimento. A primeira pergunta que fez, que conduziu a outros detalhes, foi:

– Há quanto tempo você sabe, Elinor? Ele escreveu para você?

– Eu sei de tudo faz quatro meses. Quando Lucy esteve em Barton Park pela primeira vez, em novembro passado, ela contou-me em segredo seu compromisso.

Diante de tais palavras, os olhos de Marianne expressaram o assombro que seus lábios não seriam capazes de dizer. Depois de uma pausa de espanto, exclamou:

– Quatro meses! Você sabia disso tudo há quatro meses?

Elinor confirmou.

– O quê! Enquanto me consolava de meu desgosto, já sentia tudo isso em seu coração? E eu que a repreendi por ser feliz!

– Não era conveniente, naquele momento, que você soubesse o quanto eu sentia o contrário.

– Quatro meses! – exclamou Marianne novamente. – Tão calma! Tão alegre! Como conseguiu suportar?

– Sentindo que eu estava cumprindo com meu dever. Tinha que manter segredo, conforme prometi à Lucy. Devia isso a ela: evitar que qualquer indício sobre a verdade viesse à tona, e devia à minha família e aos meus amigos evitar uma preocupação por mim, sobre algo que não estava em meu poder decidir.

Marianne parecia arrasada.



– Senti, às vezes, desejo de contar a você e a minha mãe – acrescentou Elinor – e uma ou duas vezes tentei fazê-lo; mas sem trair a confiança de Lucy, como eu poderia convencê-las?

– Quatro meses! – E ainda o amava!

– Sim. Mas não amava apenas a ele, e como o bem-estar das outras pessoas era importante para mim, alegrava-me poupá-las do meu sofrimento. Agora posso pensar e falar sobre o assunto sem grande emoção. Não queria vê-la sofrer por minha causa, pois lhe garanto que eu já não sofro com isso. Tenho outras coisas para me amparar. Estou consciente de que não provoquei decepção por alguma imprudência de minha parte, suportei o máximo que pude, sem contar para ninguém. Absolvo Edward de qualquer má conduta. Desejo que ele seja feliz. Estou tão certa de que ele sempre cumprirá com sua obrigação que, apesar de agora sentir algum arrependimento, creio que no final será feliz. Lucy não necessita de juízo, e esta é a base para que todas as coisas boas sejam construídas. E afinal de contas, Marianne, tudo o que fascina na ideia de um amor único e permanente, e tudo que pode ser dito sobre a felicidade de alguém depender inteiramente de uma pessoa em especial, as coisas não são assim... Não é adequado... Não é possível que assim seja. Edward se casará com Lucy, se casará com uma mulher superior em aspecto e inteligência, bem acima da média das outras mulheres; e o tempo e a rotina lhe ensinarão a esquecer que ele alguma vez pensou que outra fosse superior a *ela*.

– Se essa é a sua maneira de pensar – disse Marianne – se a perda de alguém tão valioso é facilmente compensada por algo mais, sua decisão e seu autocontrole são, talvez, menos admiráveis. Estão mais próximos da minha compreensão.

– Eu a entendo. Você talvez suponha que eu nunca senti muito. Por quatro meses, Marianne, tudo isso deu voltas na minha cabeça sem que eu tivesse a liberdade de contar a alguém, sabendo que tal notícia deixaria você e mamãe muito tristes quando eu lhes contasse, ainda que não fosse possível prepará-las, pelo menos para isso. Fui informada da notícia, de algum modo fui forçada a sabê-lo pela própria pessoa cujo compromisso anterior arruinou todos os meus projetos, e disse-me, creio eu, com certo triunfo. Tive, portanto, que vencer as suspeitas de Lucy, tentando parecer indiferente justamente onde meu interesse era mais profundo. E não foi

apenas uma vez, tive que ouvir suas esperanças e alegrias várias vezes. Eu já sabia que ficaria separada de Edward para sempre, sem saber de uma circunstância que pudesse me fazer desejar menos a união. Nada o tornava indigno, nem o tornava indiferente a mim. Tive que lutar contra a falta de gentileza de sua irmã e a insolência de sua mãe; sofri a punição de um amor, sem aproveitar suas vantagens. E tudo isso aconteceu em um momento em que, como você sabe muito bem, não era a única dor que me afligia. Se puder crer que sou capaz de alguma vez ter sentido... certamente deve supor que sofri nesse momento. A tranquilidade com que posso, agora, falar sobre o assunto, o consolo que estou disposta a aceitar, tem sido resultado de um constante e doloroso esforço; não foram espontâneos, e no começo, não contava com eles para aliviar minha alma... Não, Marianne. Então, se eu não estivesse atada ao pacto de silêncio, talvez nada tivesse me impedido de expressar minha enorme infelicidade... nem sequer o que devo aos meus amigos mais queridos.

Marianne estava bastante convencida.

– Oh, Elinor! – exclamou – Você fez com que eu me odeie para sempre. Fui muito desalmada com você! Você, que sempre foi meu consolo, que acompanhou todo o meu sofrimento, que parecia sofrer unicamente por mim! É assim que lhe agradeço? É a única recompensa que posso lhe oferecer? Pois seu mérito salta aos meus olhos, e estive tentando desconhecê-lo.

As mais ternas carícias seguiram essa confissão. Por causa de seu atual estado de espírito, Elinor não teve dificuldade alguma em obter de Marianne todas as promessas que queria; e a seu pedido, Marianne prometeu nunca falar do caso com a menor amargura, além de encontrar com Lucy sem deixar transparecer o menor sinal de que não gostava dela; e até ver Edward sem diminuir sua usual cordialidade para com ele, se por acaso se encontrassem. Todas eram grandes concessões, mas se Marianne sentisse que havia ferido alguém, nada que pudesse fazer para reparar seria exagerado.

Marianne cumpriu admiravelmente a promessa de ser discreta. Escutou tudo o que Mrs. Jennings tinha a dizer sobre o assunto, sem qualquer alteração em sua fisionomia, não divergiu dela em nada, e até disse por três vezes: “Sim, senhora.” Sua única reação ao ouvir falar de Lucy foi

mudar de uma cadeira para outra e quando Mrs. Jennings mencionou o afeto de Edward, apenas sentiu um espasmo na garganta. Tantos atos de heroísmo da parte de Marianne fizeram com que Elinor se sentisse igualmente forte.

A manhã seguinte trouxe mais uma prova, com a visita de seu irmão, que chegou com um aspecto muito sério para falar sobre o lamentável ocorrido e trazer-lhes notícias de sua esposa.

– Vocês já souberam, suponho... – disse com grande solenidade, assim que se sentou – da chocante descoberta que fizemos ontem em minha casa.

Todas concordaram inclinando a cabeça. Parecia um momento terrível para falarem.

– Sua cunhada – continuou – sofreu espantosamente. Mrs. Ferrars também... Em suma, foi uma cena muito complicada e triste... Mas espero que a tempestade passe sem que nenhum de nós fique muito abalado. Pobre Fanny! Ficou com os nervos à flor da pele durante todo o dia de ontem. Mas não queria que ficassem muito alarmadas. Donavan disse que não havia nada a temer, Fanny tem uma boa constituição física e é capaz de enfrentar qualquer coisa. Passou por tudo isso com a força de um anjo! Disse que jamais pensará bem de alguém novamente; e não é de se estranhar, depois de ter sido enganada desta forma! Receber tamanha ingratidão após demonstrar tanta bondade e depositar tanta confiança! Foi obedecendo à generosidade de seu coração que ela convidou essas duas moças para se hospedarem em nossa casa; simplesmente porque pensava que mereciam um pouco mais de atenção, acreditava que eram moças inofensivas, comportadas, e seriam boas companhias. Pois, caso contrário, teríamos antes convidado você e Marianne para ficarem conosco, enquanto sua gentil amiga dava atenção à filha. E tudo isso para sermos recompensados dessa maneira! Disse a pobre Fanny, na sua maneira afetuosa: “Desejava, de todo coração, que tivéssemos convidado suas irmãs ao invés delas”.

Nesse momento, fez uma pausa para receber os agradecimentos e depois de recebê-los, continuou.

– Não posso descrever o quanto Mrs. Ferrars sofreu quando Fanny contou-lhe a notícia. Enquanto ela, com o mais verdadeiro afeto, planejava

uma união mais conveniente para o filho, como poderia supor que ele estivesse todo o tempo comprometido com outra pessoa! Tal suspeita jamais teria lhe ocorrido! Se ela suspeitasse de qualquer *outra* ligação da parte dele, não imaginaria que seria *dali*. “Estava bastante segura que *dali* não surgiria nada” disse minha sogra. Estava completamente agoniada. Conversamos entre nós, sobre o que deveria ser feito, e finalmente ela decidiu chamar Edward. Ele veio. Mas sinto muito ter que relatar o que ocorreu. Tudo o que Mrs. Ferrars pôde dizer para fazê-lo romper o compromisso, acompanhado pelos meus argumentos, como vocês devem imaginar, e pelas súplicas de Fanny, foi em vão. O dever, o afeto, tudo foi desconsiderado. Nunca pensei que Edward fosse tão obstinado, tão insensível. Sua mãe lhe explicou os generosos projetos que tinha para ele, caso ele se casasse com Miss Morton; disse que lhe daria a propriedade de Norfolk [\[2\]](#), a qual, descontados os impostos, daria uma boa renda de cerca de mil libras por ano. Inclusive prometeu, quando as coisas começaram a ficar desesperadoras, que lhe daria mil e duzentas libras. Mas, se ele continuasse a se opor e persistisse nessa união pouco vantajosa, mostrar-lhe-ia a penúria que tal união enfrentaria. Insistiu que ele teria apenas as duas mil libras a que tinha direito e que não queria vê-lo nunca mais; e que, além de não lhe conceder assistência alguma, caso ele viesse a exercer qualquer profissão para se sustentar, faria tudo o que estivesse em seu poder para impedir que fosse bem-sucedido.

Diante disso, Marianne, cheia de indignação, juntou as mãos e exclamou:

– Santo Deus! Será possível?

– Talvez você estranhe, Marianne – respondeu seu irmão –, a obstinação capaz de resistir a argumentos como estes. Seu espanto é muito natural.

Marianne ia replicar, mas lembrou-se de suas promessas e se reprimiu.

– Todos esses esforços, entretanto – continuou –, foram em vão. Edward disse muito pouco, mas quando falou foi de maneira muito determinada. Nada poderia convencê-lo a desistir de seu compromisso. Ele manteria sua palavra, custasse o que custasse.

– Então – exclamou Mrs. Jennings com brusca seriedade, incapaz de se manter em silêncio – ele agiu como um homem honesto! Peça-lhe desculpas, Mr. Dashwood, mas se ele tivesse agido de outra forma, eu o acharia um canalha. Tenho certo interesse no assunto, assim como você, já que Lucy Steele é minha prima, e acredito que não há melhor moça no mundo, nem outra mais merecedora de um bom marido.

John Dashwood ficou bastante espantado; mas era calmo por natureza, não era aberto a provocações, e não desejava ofender ninguém, especialmente alguém de boa fortuna. Então respondeu, sem nenhum ressentimento:

– Minha cara senhora, eu jamais tive a intenção de falar desrespeitosamente sobre algum familiar seu. Miss Lucy Steele é, atrevesse-me a dizer, uma jovem muito merecedora, mas no caso em questão, como deve saber, a união é impossível. E se comprometer em segredo com um jovem que estava sob a tutela de seu tio, o filho de uma mulher de tão grande fortuna quanto Mrs. Ferrars é, talvez, um pouco extraordinário. Em suma, não é minha intenção desmerecer o comportamento de qualquer pessoa a quem a senhora estime, Mrs. Jennings. Todos nós desejamos que ela seja muito feliz; e a conduta de Mrs. Ferrars foi a mesma que qualquer outra mãe consciente e bondosa adotaria nas mesmas circunstâncias. Foi uma atitude digna e generosa. Edward escolheu seu próprio destino e receio que tenha sido uma péssima escolha.

Marianne suspirou com a mesma apreensão, e o coração de Elinor ficou apertado ao pensar nos sentimentos de Edward, enquanto enfrentava as ameaças da mãe, por uma mulher que não poderia recompensá-lo.

– Bem, meu senhor, como tudo terminou? – disse Mrs. Jennings.

– Lamento dizer, senhora, que tudo terminou na mais infeliz ruptura: Edward perdeu para sempre a consideração de sua mãe. Deixou a casa ontem, mas para onde foi e se ainda está na cidade, eu não sei, já que nós não podemos fazer nenhuma pergunta.

– Pobre rapaz! O que será dele?

– Sim, por certo, senhora! É um pensamento melancólico. Nascido com a expectativa de tanta riqueza! Não consigo imaginar uma situação mais deplorável. Com os juro de duas mil libras... Como uma pessoa poderá

viver com isto? E quando se lembrar que, se não fosse pela sua estupidez, em três meses estaria recebendo duas mil e quinhentas libras (pois Miss Morton tem trinta mil libras), não consigo imaginar situação mais miserável. Todos sentimos pena dele, ainda mais se levar em consideração que não temos como ajudá-lo.

– Pobre rapaz! – exclamou Mrs. Jennings – Garanto-lhe que teria muito gosto em oferecer-lhe hospedagem e comida em minha casa. É o que eu diria, caso o encontrasse. Não é certo que tenha que ficar só agora, vivendo em hospedarias ou tabernas.

Elinor ficou agradecida de coração pela gentileza com Edward, embora não pudesse evitar sorrir pela maneira como foi dita.

– Se ele apenas tivesse feito por si mesmo – disse John Dashwood – o que todos os seus amigos estariam dispostos a fazer por ele, estaria agora em uma situação adequada, e nada lhe faltaria. Como escolheu outro caminho, está fora do alcance de todos poderem ajudá-lo. E ainda há algo mais contra ele, que deve ser o pior de tudo: sua mãe determinou, com um espírito bastante natural, passar imediatamente para Robert *aquela* propriedade que seria de Edward, em circunstâncias normais. Quando a deixei essa manhã, estava com seu advogado, conversando sobre o assunto.

– Bem! – disse Mrs. Jennings – Essa é *sua* vingança. Cada um age de acordo com seus pensamentos. Mas não penso que eu agiria assim, dar independência a um filho, porque o outro me aborreceu.

Marianne levantou-se e começou a andar pela sala.

– Pode haver algo mais vergonhoso para o espírito de um homem – continuou John – do que ver seu irmão mais novo receber a propriedade que deveria ter sido sua? Pobre Edward! Sinto muito por ele, sinceramente.

Depois de mais alguns minutos despendidos no mesmo tipo de lamentação, encerrou a visita. E após assegurar, por repetidas vezes, que não havia nenhum perigo na indisposição de Fanny, e que elas não deviam preocupar-se com ela, ele se foi, deixando as três damas com sentimentos unânimes a respeito da situação atual, ao menos no que se relacionava à conduta de Mrs. Ferrars, dos Dashwoods e de Edward.

A indignação de Marianne explodiu assim que ele deixou a sala, e como sua veemência tornou impossível qualquer discrição por parte de

Elinor, e desnecessária por parte de Mrs. Jennings, as três se uniram em uma animada crítica de todo o grupo.

[1] Em português é chamada de estrófulo, em inglês é conhecida como “strophulus”, “red gum” ou “teething rash”. É uma dermatose bastante comum em crianças pequenas, muitas vezes causada por distúrbios intestinais, provocando erupções na pele. (N. T.)

[2] Condado localizado no leste da Inglaterra. (N. T.)

## CAPÍTULO 38

Mrs. Jennings foi muito calorosa ao elogiar a conduta de Edward, porém apenas Marianne e Elinor entenderam seu verdadeiro mérito. Somente *elas* sabiam como foram poucos os motivos que o instigaram à desobediência, e como era pequeno o consolo, além da consciência de fazer o certo, que lhe restaria após a perda de amigos e fortuna. Elinor orgulhava-se de sua integridade, e Marianne perdoou todas as suas ofensas por pena de seu castigo. Embora a confiança entre elas fosse restaurada, após o caso vir a público, não era um assunto que tivessem prazer em discutir quando estavam a sós. Elinor o evitava por princípio, tendendo a fixar-se ainda mais em seus pensamentos, pois das certezas calorosas e positivas de Marianne, que continuava a acreditar que Edward ainda gostava dela, a própria Elinor desejava se ver livre; e a coragem de Marianne para falar sobre o assunto acabou se esvaindo, já que sempre ficava mais insatisfeita do que nunca consigo mesma, pela comparação que necessariamente se impunha entre a conduta de Elinor e a sua própria.

Sentia todo o peso da comparação, mas não como Elinor havia esperado, de maneira que a fizesse esforçar-se. Ela a sentia com toda a dor de uma contínua autorreprovação, lamentando mais amargamente nunca ter se esforçado antes; mas isso trazia apenas a tortura da penitência, sem a esperança da reparação. Seu espírito se debilitara de tal maneira que ela achava impossível qualquer esforço no momento, o que só servia para desanimá-la ainda mais.

Por um dia ou dois não ouviram nenhuma outra notícia vinda de Harley Street ou de Bartlett's Buildings. Mas, como já sabiam bastante sobre o assunto, Mrs. Jennings teria muito trabalho pela frente para espalhar a notícia, sem ter que averiguar mais. Desde o começo ela havia decidido fazer uma visita, assim que pudesse, para consolar e fazer perguntas às suas primas – e nada, senão o estorvo de receber mais visitas do que o usual, impediram-na de visitá-las logo.

Em um domingo, o terceiro dia após terem se inteirado do assunto, estava um clima tão agradável e o dia tão bonito, que muitos se dirigiram



aos Jardins de Kensington, embora ainda fosse a segunda semana de março<sup>[1]</sup>. Mrs. Jennings e Elinor também foram passear, mas Marianne, que sabia que os Willoughbys estavam novamente na cidade, e vivia temerosa de encontrá-los, preferiu ficar em casa antes de aventurar-se a um lugar tão público.

Pouco depois de chegarem aos jardins, uma amiga íntima de Mrs. Jennings se juntou a elas, e Elinor não lamentou que ela as acompanhasse, pois as senhoras conversavam muito entre si, e Elinor pôde refletir tranquilamente sobre vários assuntos. Não viu os Willoughbys, nem Edward, e por algum tempo não viu ninguém nem nada que pudesse, por sua tristeza ou alegria, despertar seu interesse. No entanto, finalmente foi surpreendida ao ser interpelada por Miss Steele, que, embora parecesse um tanto tímida, expressou enorme satisfação em encontrá-las, e sentindo-se encorajada pela especial bondade de Mrs. Jennings, deixou seu próprio grupo de amigos, por um curto período de tempo, para unir-se a elas. Mrs. Jennings imediatamente sussurrou a Elinor:

– Arranque dela tudo o que puder, minha querida. Se perguntar, certamente ela lhe contará tudo. Como pode ver, não posso abandonar Mrs. Clarke.

Felizmente para a curiosidade de Mrs. Jennings e também para a de Elinor, Miss Steele contava qualquer coisa *sem* a necessidade de que lhe fizessem perguntas, pois de outra forma, elas não saberiam de nada.

– Fico muito contente por encontrá-la – disse Miss Steele, tomando-a familiarmente pelo braço – porque queria vê-la mais que qualquer outra coisa. – Então, baixando o tom da voz, disse:

– Suponho que Mrs. Jennings saiba de tudo. Ela está zangada?

– Acredito que não esteja zangada com você.

– Que bom. E Lady Middleton, está zangada?

– Não consigo acreditar que ela possa se sentir assim.

– Fico imensamente contente. Graças a Deus! Ah! Tenho passado por tantas coisas. Nunca vi Lucy tão furiosa em toda minha vida. Primeiro jurou que não me daria mais nenhum chapéu novo, não faria mais nada por mim, enquanto vivesse. Mas agora ela está mais calma e voltamos a ser amigas, como sempre. Veja, ela fez esse laço para meu chapéu e colocou essa

pluma na noite passada. Bem, acho que *você* também vai rir de mim agora. Mas por que não posso usar fitas cor-de-rosa? Não me importa se é a cor favorita do Reverendo. Estou certa que, de minha parte, eu jamais saberia que ele gosta mais dessa cor do que de qualquer outra, se ele não tivesse dito isso por acaso. Minhas primas têm me irritado tanto! Às vezes não sei para onde olhar quando estou com elas.

Ela começara um assunto sobre o qual Elinor nada tinha a dizer, e então procurou um modo de voltar ao primeiro.

– Bem, Miss Dashwood – disse de forma triunfante – as pessoas podem falar o que quiserem sobre Mr. Ferrars ter declarado que não se casaria com Lucy, mas posso lhe garantir que isso não é verdade, e é muito vergonhoso que as pessoas sejam capazes de espalhar esses rumores odiosos. Seja o que for que Lucy pense sobre o assunto, ninguém tem o direito de fazer tais insinuações.

– Posso lhe garantir que nunca ouvi nenhuma insinuação como essa – disse Elinor.

– Oh, não ouviu? Mas isso *foi* dito, sei muito bem, e por mais de uma pessoa, e sei que Miss Godby disse a Miss Sparks que ninguém em seu juízo perfeito poderia esperar que Mr. Ferrars fosse desistir de uma moça como Miss Morton, com trinta mil libras de fortuna, para se casar com Lucy, que não possui nada. Eu mesma ouvi Miss Sparks dizer. Além disso, meu primo Richard disse que, quando chegasse o momento, temia que Mr. Ferrars desistisse. E como Edward não veio nos visitar, após três dias eu já não sabia o que pensar, e acredito, de todo coração, que Lucy deu tudo por perdido, pois saímos da casa de seu irmão na quarta-feira, e não vimos Edward na quinta, nem na sexta ou no sábado e nem sequer soubemos o que havia acontecido com ele. A princípio, Lucy pensou em escrever-lhe, mas logo desistiu. Porém, ele veio nos visitar esta manhã, logo que chegamos da igreja, então tudo foi esclarecido: ele fora chamado a Harley Street, conversou com sua mãe e os outros membros da família, e declarou que não amava outra pessoa senão Lucy, e que não se casaria com mais ninguém. Disse-nos o quanto ficara preocupado com o ocorrido, e, assim que deixou a casa da mãe, montou em seu cavalo e se dirigiu ao interior, tendo passado a quinta e a sexta em uma hospedaria para poder refletir com calma. E após refletir sobre o assunto diversas vezes, de acordo com o que

ele nos contou, pensou que não seria justo obrigá-la a manter um compromisso, agora que ele não tinha mais fortuna, pois seria uma grande perda para ela, já que ele não possui mais nada além de duas mil libras, e não tem esperanças de receber mais nenhum rendimento. E se ele tivesse se ordenado, como havia pensado, receberia apenas os rendimentos de um assistente de paróquia [2], e como viveriam com tão pouco? Não suportava pensar que ela não viveria bem, então implorou a Lucy que, se ela tivesse qualquer consideração, deveria colocar um fim imediato a todo o caso e deixar que ele seguisse seu caminho. Eu o escutei dizer tudo isso com bastante clareza. E o fez inteiramente para o bem *dela*, foi pensando em Lucy que disse tudo aquilo, não para o seu próprio bem. Posso jurar que ele nunca disse uma sílaba sobre estar cansado dela, ou que desejava se casar com Miss Morton, ou qualquer outra coisa parecida. Mas, para dizer a verdade, Lucy nunca deu ouvidos a tais conversinhas, então disse a Edward imediatamente (com muita doçura e amor, você sabe... todas estas coisas... Ah... não sou capaz de repetir as palavras, entende...), disse-lhe sem vacilar que não tinha nenhuma intenção de romper o compromisso, porque poderia viver com ele com o pouco que fosse, e mesmo que ele fosse pobre para sempre, ela ficaria contente com isto, ou algo assim. Ele ficou imensamente feliz, mesmo ganhando uma ninharia, e então os dois conversaram sobre o que deveriam fazer, e concordaram que ele deveria se ordenar o mais breve possível, e que deveriam se casar apenas quando ele recebesse os rendimentos da paróquia que ele assumir. E justo neste momento não pude continuar ouvindo a conversa, pois minha prima me chamou no andar de baixo para dizer-me que Mrs. Richardson acabara de chegar em sua carruagem e nos levaria aos Jardins Kensington; então fui forçada a entrar na sala e interrompê-los para perguntar a Lucy se ela gostaria de ir conosco, mas ela não queria deixar Edward, então subi até meu quarto e coloquei um par de meias de seda e vim com os Richardsons.

– Eu não entendi o que quis dizer ao interrompê-los – disse Elinor  
– vocês estavam todos no mesmo cômodo, não é mesmo?

– Não, de jeito nenhum. Ora! Miss Dashwood, Você acha que os enamorados dizem palavras de amor quando há outras pessoas por perto? Oh, que vergonha! Para ser sincera, creio que você deve saber muito bem

disso. (rindo de maneira afetada) Não, não... Eles estavam a sós na sala de estar, e eu ouvi tudo porque estava escutando atrás da porta.

– Como! – exclamou Elinor – Você está me contando coisas que ouviu detrás da porta? Lamento não ter sabido disso antes, pois de maneira alguma teria aceitado que me contasse detalhes de uma conversa que você mesma não tinha o direito de ouvir. Como pôde agir assim com sua irmã?

– Ah, não há nada demais nisso. Só fiquei junto à porta e escutei o que pude. E estou certa que Lucy teria feito o mesmo, já que um ou dois anos atrás, quando Martha Sharpe e eu tínhamos tantos segredos entre nós, ela nunca teve escrúpulos de se esconder em um armário, ou atrás da tela da lareira[3], com o propósito de ouvir nossas conversas.

Elinor tentou mudar de assunto, mas Miss Steele não podia deixar de falar nem por dois minutos, sobre o assunto que ocupava sua mente.

– Edward fala em ir logo para Oxford – disse ela – mas agora está hospedado no nº... em Pall Mall. Como sua mãe é má, não é mesmo? E seu irmão e sua cunhada também não foram amáveis! Porém, não irei falar deles para  *você*, e para falar a verdade, eles nos mandaram embora em sua própria carruagem, o que foi mais do que eu esperava. E da minha parte, eu tinha receio que sua cunhada pedisse que nós devolvêssemos o porta-agulhas que ela dera a cada uma de nós um ou dois dias antes; mas não disse nada a respeito deles, e tratei logo de deixar o meu longe da vista. Edward nos disse que tinha alguns negócios em Oxford, então deveria ficar lá por um tempo, e depois *disso*, assim que conseguir um bispo, irá se ordenar. Imagino qual paróquia ele assumirá! Deus do céu! (dando uma risadinha boba enquanto falava) Apostaria minha vida para saber o que minhas primas dirão quando souberem. Dirão que eu deveria escrever ao Reverendo, e pedir que Edward seja seu novo assistente. Tenho certeza de que dirão isso, mas eu jamais faria tal coisa, por nada nesse mundo. Se perguntarem, serei muito direta: “como podem pensar em tal coisa? Escrever ao Reverendo, francamente!”

– Bem – disse Elinor – é um conforto estar preparada para o pior. Pois já se tem as respostas prontas.

Miss Steele ia continuar a falar da mesma coisa, porém a proximidade do seu grupo de amigos obrigou-a a mudar de assunto.

– Oh, aí vem os Richardsons. Tenho muito que lhe contar, porém não posso afastar-me deles por tanto tempo. Garanto-lhe que são pessoas muito gentis. O marido ganha um monte de dinheiro e possuem carruagem própria. Não tive tempo de falar pessoalmente com Mrs. Jennings, mas peço-lhe, por favor, que lhe diga que estou muito contente de saber que não está zangada conosco, e digo o mesmo em relação à Lady Middleton. E se acontecer alguma coisa e você e sua irmã tiverem que ir embora, e Mrs. Jennings precisar de companhia, tenho certeza de que ficaremos muito contentes de ir e ficar com ela o quanto quiser. Suponho que Lady Middleton não nos convide mais. Adeus! Sinto muito não ter visto Miss Marianne por aqui. Dê lembranças afetuosas a ela. Ah! Vejo que está usando seu vestido de musselina de bolinhas! Imagino o quanto tem medo de rasgá-lo.

Essa foi sua preocupação ao se despedirem, pois depois disso, teve tempo apenas para dizer adeus a Mrs. Jennings, antes que Mrs. Richardson reclamasse sua companhia. E assim, Elinor recebeu as notícias que alimentariam suas reflexões por algum tempo, embora ela tivesse ouvido muito pouco além do que havia previsto e suposto em seus pensamentos. O casamento de Edward com Lucy estava tão firmemente decidido e a data da cerimônia permanecia tão incerta, como ela havia esperado; tudo dependia deste cargo que, até o momento, não tinha a menor chance de acontecer.

Assim que elas voltaram à carruagem, Mrs. Jennings estava aflita por novidades, mas como Elinor não desejava espalhar informações obtidas de maneira tão pouco justa, limitou-se a repetir alguns simples detalhes, que tinha certeza que Lucy, por seu próprio interesse, desejaria divulgar. A continuidade do compromisso e os meios que utilizariam para levá-lo adiante foi tudo o que disse, e isso provocou em Mrs. Jennings a seguinte natural observação:

– Esperar até que consiga um rendimento! Sim, todos nós sabemos como *isso* irá terminar: eles esperarão por um ano, e percebendo que assim não conseguirão nada, se acomodarão em uma paróquia de cinquenta libras anuais, mais os juros das duas mil libras de Edward e o pouco que Mr. Steele e Mr. Pratt puderem dar à Lucy. E depois terão um filho a cada ano! Que Deus os ajude! Como serão pobres! Tenho que ver o que posso oferecer-lhes para ajudá-los a mobiliar sua casa. Duas criadas e dois empregados... Eu

dizia isso outro dia! Não, não, eles devem contratar uma moça forte para dar conta de todo o trabalho. A irmã de Betty não lhes será útil agora.

Na manhã seguinte, Elinor recebeu uma carta do correio expresso, enviada por Lucy. Dizia o seguinte:

*Bartlett's Buildings, março.*

*Espero que minha querida Miss Dashwood perdoe a liberdade que tomei ao escrever-lhe, mas sei que sua amizade por mim a fará contente de saber tão boas notícias minhas e do meu querido Edward, depois de todos os problemas que passamos recentemente. Portanto, não me desculparei mais e continuarei a dizer que, graças a Deus, embora tenhamos sofrido terrivelmente, estamos bem agora, e tão felizes como sempre deveremos estar com nosso amor um pelo outro. Enfrentamos duras provas e grandes perseguições, mas, ao mesmo tempo, devemos agradecer a muitos amigos, entre os quais você ocupa um dos lugares mais importantes, de cuja grande bondade me lembrarei para sempre com toda minha gratidão, assim como Edward, a quem contei tudo. Estou certa que ficará contente em saber, assim como minha querida Mrs. Jennings, que passei duas horas felizes ao lado dele ontem, ele não queria ouvir falar de nossa separação, apesar de eu ter insistido por prudência, como creio que era meu dever, e teria me separado dele imediatamente, se ele consentisse. Mas Edward disse-me que jamais teve tal pensamento, que não se importaria com a raiva da mãe, enquanto tivesse minha afeição. Nossas perspectivas não são muito brilhantes, na verdade, devemos aguardar e esperar o melhor. Em breve ele será ordenado, e se estiver em seu poder recomendá-lo a alguém que possa lhe oferecer um benefício eclesiástico, tenho certeza que você não se esquecerá de nós. Assim como acredito que minha querida Mrs. Jennings intercederá por nós a Sir John ou Mr. Palmer, ou qualquer outro amigo que seja capaz de nos ajudar. Pobre Anne, é bastante culpada pelo que fez, mas a coitada fez por bem, então não a repreendi. Espero que não seja um grande problema para Mrs. Jennings nos visitar, se alguma manhã vier por esses lados. Seria muita gentileza se ela viesse, e meus primos ficarão orgulhosos em conhecê-la. O papel obriga-me a encerrar a carta [4], pedindo-lhe que envie as minhas mais agradecidas e respeitadas lembranças a ela, a Sir John, a Lady Middleton e a seus queridos filhos, quando tiver a oportunidade de encontrá-los, e meu amor por Miss Marianne,*

*Sua, etc..*

Assim que Elinor terminou de ler a carta, executou o que imaginava ser a intenção real de Lucy, entregando-a nas mãos de Mrs. Jennings, que leu em voz alta com muitos comentários de satisfação e louvor.

– Muito bem! Como Lucy escreve bem! Foi muito correto liberá-lo do compromisso se ele o quisesse. Foi bem próprio de Lucy. Pobre alma! Desejaria de todo coração poder dar a Edward algum rendimento. Ela me chama de querida Mrs. Jennings, como vê. Lucy tem o melhor coração do mundo. Juro que tem. Esta frase está muito bem escrita. Sim, sim, certamente irei vê-la. Como é atenciosa! Pensa em todo mundo! Obrigada, minha querida, por mostrar-me isso. É a carta mais bonita que já vi, e mostra muito bem a inteligência e o coração de Lucy.

[1] O inverno ainda não havia terminado. (N. T.)

[2] Assistente paroquial (*Curate* em inglês) é uma espécie de assistente de um pastor, ou ministro da eucaristia do vigário. Os párocos que tinham mais de uma fonte de renda, frequentemente empregavam assistentes para cumprirem suas obrigações em paróquias onde não existiam residências para eles. Sem rendimentos próprios e muitas vezes mal pagos, os assistentes eram extremamente pobres. (N. T.)

[3] Tela de lareira (em inglês chimney-board), é uma peça decorativa, geralmente com desenhos e gravuras, usada para tampar a lareira quando não estava em uso, principalmente no verão. (N. T.)

[4] Os envelopes não eram usados com frequência, então a parte detrás da folha tinha que ser deixada em branco para que o nome do remetente e seu endereço fossem escritos, quando a carta fosse dobrada e lacrada com cera derretida. Neste caso, Lucy está dizendo que tem que encerrar a carta por falta de espaço. (N. T.)

## CAPÍTULO 39

As Dashwoods já estavam na cidade há mais de dois meses, e a impaciência de Marianne para ir embora aumentava a cada dia. Ela ansiava pelo ar puro, pela liberdade, pela tranquilidade do interior, e fantasiava que, se algum lugar lhe poderia trazer tranquilidade, este era Barton. Elinor estava também bastante ansiosa, seu desejo de partir só era menor que o de Marianne porque estava consciente das dificuldades de uma viagem tão longa, o que Marianne não admitia reconhecer. Ela começou, entretanto, a voltar seriamente seus pensamentos para a concretização dessa viagem, e já mencionara seus desejos à gentil anfitriã – que resistiu a eles com toda eloquência de sua boa vontade – quando surgiu uma possibilidade que, apesar de mantê-las longe de casa por mais algumas semanas, pareceu a Elinor muito mais conveniente do que qualquer outro plano. Os Palmers deviam retornar a Cleveland mais ou menos no final de março, para os feriados de Páscoa, e Mrs. Jennings, assim como Marianne e Elinor, receberam um caloroso convite de Charlotte para acompanhá-los. Por si só, o convite não teria sido suficiente para a delicadeza de Miss Dashwood, mas como foi reforçado com verdadeira polidez pelo próprio Mr. Palmer, cujo trato para com elas melhorara radicalmente desde que soube que Marianne estava muito infeliz, Elinor acabou aceitando com prazer.

Quando disse a Marianne que havia aceitado o convite, porém, a primeira reação que ela teve não foi muito auspiciosa.

– Cleveland! – Marianne exclamou, com grande agitação – Não, não posso ir à Cleveland.

– Você se esquece – disse Elinor gentilmente – de que a localização... Não fica perto de...

– Mas fica em Somersetshire... E eu não posso ir a Somersetshire... Ali, onde tanto desejei ir... Não, Elinor, você não pode esperar que eu vá.

Elinor não quis discutir sobre a conveniência de superar tais sentimentos, limitou-se apenas a contrariá-los, apresentando outros; e assim, apresentou-lhe essa viagem como uma forma de fixar a data para



retornar à casa de sua querida mãe, a quem tanto desejava ver, de maneira mais conveniente e cômoda, e talvez sem grande demora. De Cleveland, que ficava a alguns quilômetros de Bristol<sup>[1]</sup>, a distância até Barton não seria de mais que um dia, apesar de ser um dia inteiro de viagem, e o empregado de sua mãe poderia facilmente ir buscá-las, e como não ficariam em Cleveland mais de uma semana, poderiam estar de volta a casa em pouco mais de três semanas a contar de agora. Como o afeto de Marianne por sua mãe era sincero, superou com pouca dificuldade os perigos imaginários que ela a princípio pensara.

Mrs. Jennings estava tão longe de estar cansada de suas hóspedes, que insistiu com grande veemência para que voltassem de Cleveland novamente para sua companhia. Elinor ficou muito agradecida pela delicadeza, mas nada a faria mudar de planos, e com o imediato consentimento da mãe, tomaram, logo que possível, todas as providências necessárias para voltarem, e Marianne encontrou certo alívio em calcular as horas que ainda a separavam de Barton.

– Ah! Coronel, eu não sei o que você e eu faremos sem as Dashwoods – foram as palavras que Mrs. Jennings dirigiu a ele, na primeira vez em que a visitou, depois que acertaram a partida de Marianne e Elinor – pois estão decididas a voltar para casa depois que visitarem os Palmers. Como ficaremos solitários quando eu voltar! Deus! Vamos nos sentar aqui e bocejar como dois gatos aborrecidos.

Talvez Mrs. Jennings tivesse a esperança de que esse expressivo esboço de um futuro enfadonho o provocasse a fazer o pedido, o que lhe permitiria escapar de tal destino. E teve, logo em seguida, boas razões para pensar haver alcançado seu objetivo, pois, quando Elinor dirigiu-se à janela para tomar, com mais precisão, as medidas de uma gravura que copiaria para a amiga, ele a seguiu e, com um olhar particularmente significativo, conversou com ela durante vários minutos. O efeito do discurso do Coronel sobre Elinor também não escapou à sua observação, pois, apesar de ser muito digna para ficar escutando, e tivesse mesmo mudado de lugar com o propósito de *não* ouvir, sentando-se junto ao piano em que Marianne estava tocando, ela não pode deixar de perceber que Elinor estava corada, escutava com grande agitação e estava bastante concentrada para continuar tirando as medidas da gravura. Confirmando ainda mais suas esperanças, no

momento em que Marianne trocava as partituras, inevitavelmente pôde ouvir algumas palavras do Coronel, nas quais ele parecia estar se desculpando pelo mau estado de sua casa. Aquilo eliminou todas as suas dúvidas. De fato, ela imaginava porque o Coronel achou necessário dizê-lo, mas supôs ser a etiqueta correta. Mrs. Jennings não conseguiu entender o que Elinor respondeu, mas a julgar pelo movimento de seus lábios, acreditou que ela não julgava *esta* uma objeção de peso... E Mrs. Jennings, de todo coração, a exaltou por ter sido tão honesta. Então eles conversaram por mais alguns minutos sem que ela ouvisse sequer uma sílaba, quando outra feliz interrupção de Marianne trouxe-lhe estas palavras do Coronel, ditas com tranquilidade:

– Temo que não possa se realizar tão cedo.

Atônita e espantada diante de palavras tão estranhas para um enamorado, Mrs. Jennings quase exclamou em alto e bom som: “Deus! O que lhe impede de fazê-lo?”, mas contendo seu desejo, limitou-se a pensar: “Que estranho! Ele não precisa esperar ficar mais velho”.

Esse atraso por parte do Coronel, no entanto, ao menos não pareceu ofender nem envergonhar Elinor, pois logo depois terminaram a conversa e caminharam em direções distintas. Mrs. Jennings escutou claramente Elinor dizer, com voz bastante sincera:

– Sempre lhe serei muito grata.

Mrs. Jennings sentiu-se encantada diante dessa demonstração de gratidão, e apenas estranhou que tão logo o Coronel ouvisse essa frase, ele já estivesse de partida, como o fez imediatamente, com bastante sangue frio, sem ao menos dar uma resposta a Elinor! Jamais pensaria que seu velho amigo pudesse ser um pretendente tão indiferente.

O que realmente se passou entre eles foi o seguinte:

– Eu ouvi – disse ele com grande compaixão – sobre a injustiça que seu amigo Mr. Ferrars sofreu de sua família; se estou certo, ele foi completamente castigado por ter mantido seu compromisso com uma moça bastante merecedora. Estou bem informado? Foi isso que aconteceu?

Elinor disse-lhe que sim.

– A crueldade, a grosseira crueldade – replicou ele, com grande emoção – de dividir, ou tentar dividir dois jovens que se gostam, é terrível!

Mrs. Ferrars não sabe o que está fazendo, nem o que está induzindo seu filho a fazer. Eu já vi Mr. Ferrars duas ou três vezes em Harley Street, e simpatizei muito com ele. Ele não é um jovem que se possa chegar a conhecer intimamente em tão pouco tempo, mas vi o suficiente para desejar-lhe o bem por seus méritos próprios, e como é amigo seu, desejo-lhe ainda mais. Soube que pretende se ordenar. Peço-lhe a bondade de dizer-lhe que o benefício de Delaford, que acabou de vagar, conforme fui informado pelo correio de hoje, será dele, se ele achar que vale à pena aceitá-lo... Mas *disso*, devido às suas atuais circunstâncias, talvez seja falta de senso duvidar. Eu apenas gostaria que o benefício fosse maior. É uma casa paroquial, porém é pequena, o último beneficiário não recebia mais que duzentas libras por ano, e embora seja perfeitamente possível alguma melhoria, receio que não seja a quantia necessária para o conforto de Mr. Ferrars. No entanto, terei muito prazer em oferecê-lo. Por favor, transmita-lhe minha oferta.

O espanto de Elinor por esse encargo dificilmente teria sido maior, mesmo se o Coronel pedisse sua mão em casamento. Há apenas dois dias pensara que Edward não teria esperança alguma de conseguir uma condição que o permitisse se casar, e justo *ela*, dentre todas as pessoas no mundo, era a encarregada de concedê-la!... Sua emoção foi tão grande que Mrs. Jennings a atribuiu a uma causa muito diferente... mas quaisquer que fossem os sentimentos pequenos, menos puros, ou menos agradáveis, que pudessem ter participado daquela emoção, também sentia uma enorme gratidão e apreço, que expressou com palavras calorosas, pela benevolência e sentimentos especiais de amizade que levaram o Coronel a tomar tal atitude. Agradeceu-lhe de todo coração e falou dos princípios e da disposição de Edward do modo que acreditava ele fosse merecedor, e prometeu cumprir o encargo com grande prazer, se fosse realmente seu desejo dar à outra pessoa a incumbência de uma tarefa tão agradável. Mas, ao mesmo tempo, ela não conseguiu deixar de pensar que ninguém mais cumpriria a tarefa melhor que ele. Era, em suma, uma tarefa da qual gostaria de ver-se poupada, pois não desejava causar constrangimento a Edward por receber um favor *dela*, mas o Coronel Brandon, motivado por igual delicadeza, parecia desejar tanto que fosse ela a mensageira da notícia, que Elinor não podia sequer recusar. Ela acreditava que Edward ainda estava na

cidade, e felizmente ouvira Miss Steele mencionar seu endereço. Podia, portanto, cumprir sua missão, informando a Edward a novidade até o final do dia. Depois de tudo combinado, o Coronel Brandon começou a falar da vantagem que para ele representava ter conseguido um vizinho tão respeitável e agradável, e foi *então* que lamentou que a casa fosse pequena e simples, um mal a que Elinor, como Mrs. Jennings já havia imaginado, não deu grande importância, ao menos no que se referia ao tamanho.

– Quanto ao tamanho da casa – disse ela – eu não posso imaginar que seja algum impedimento, pois será proporcional ao tamanho da família e aos seus rendimentos.

O Coronel se surpreendeu que Elinor pensasse no casamento do rapaz como consequência direta de sua proposta, pois não imaginava possível que o benefício de Delaford pudesse, por si só, proporcionar uma renda com a qual alguém acostumado ao estilo de vida de Edward se aventurasse a se estabelecer, e disse:

– Essa pequena casa paroquial mal acomoda Mr. Ferrars como solteiro, não permite que se case. Sinto muito dizer que minha oferta termina aqui, e minha ajuda não poder ir além. Se, entretanto, por alguma imprevista oportunidade estiver em meu poder prestar-lhe melhor serviço, teria de mudar muito a minha opinião sobre ele, para não lhe ser útil como sinceramente quisera poder ser agora. O que estou fazendo, na verdade, não parece nada, uma vez que lhe permite avançar tão pouco em relação ao que deve ser seu principal e único objetivo de felicidade. O casamento dele pode continuar ainda muito distante, ao menos, temo que não possa se realizar tão cedo.

Foi essa a frase, que mal compreendida, ofendeu de maneira tão justa os delicados sentimentos de Mrs. Jennings; mas depois deste relato sobre o que realmente conversaram o Coronel Brandon e Elinor, enquanto estiveram junto à janela, a gratidão expressa por ela ao se despedirem talvez possa parecer, afinal, não menos razoável, nem expressa com menos propriedade do que se decorresse de uma proposta de casamento.

[1] Bristol é a maior cidade do sudoeste da Inglaterra. (N. T.)

## CAPÍTULO 40

– Bem, Miss Dashwood – disse Mrs. Jennings, com um sorriso sagaz, assim que o cavalheiro se retirou – Não vou lhe perguntar sobre o quê o Coronel estava conversando com você, embora, dou-lhe minha palavra que não tentei escutar; não pude evitar, porém, de escutar o suficiente para entender o que ele pretendia. Garanto-lhe que nunca fui tão feliz em minha vida, e desejo de todo coração que você seja muito feliz.

– Muito obrigada – disse Elinor. – É motivo de grande alegria para mim, e sinto-me sensibilizada pela bondade do Coronel Brandon. Não existem muitos homens que fariam o que ele fez. Poucos têm um coração tão compassivo! Nunca senti tamanha surpresa em minha vida.

– Deus! Minha querida, como você é modesta. Não me estranha nada, em absoluto, pois ultimamente tenho pensado muitas vezes no assunto, e não havia nada mais natural que pudesse acontecer.

– Julga a partir do seu conhecimento da benevolência do Coronel, mas, ao menos, não poderia prever que a oportunidade se apresentaria tão cedo.

– Oportunidade! – repetiu Mrs. Jennings – Ah! Quanto a isto, quando um homem já decidiu tal coisa, de algum modo irá encontrar o momento certo. Bem, minha querida, desejo-lhe toda felicidade novamente, e se alguma vez já houve um casal tão feliz no mundo, creio que em breve saberemos onde encontrá-lo.

– Então pensa em ir a Delaford, eu suponho – disse Elinor, com um sorriso forçado.

– Claro, minha querida, certamente irei. E quanto ao fato da casa não ser boa, não entendo a que se referia o Coronel, pois é uma das melhores casas que já vi.

– Ele disse que precisava de reparos.

– Bem, e de quem é a culpa? Porque ele não faz os reparos? Quem mais poderia fazer isso a não ser ele?

Foram interrompidas pelo empregado que vinha anunciar que a carruagem já estava à porta, e Mrs. Jennings preparando-se imediatamente para sair, disse:

– Bem, minha querida, tenho que ir antes mesmo de dizer a metade do que eu pretendia. Mas podemos conversar detalhadamente à noite, pois estaremos a sós. Não lhe peço que venha comigo, pois imagino que está com a mente bastante ocupada para querer companhia, e, além disso, você deve estar ansiosa para contar a sua irmã.

Marianne tinha deixado a sala antes de começarem a conversar.

– Certamente, minha senhora, eu tenho que contar a Marianne, mas no momento não devo mencioná-lo a mais ninguém.

– Oh! Muito bem – disse Mrs. Jennings, um tanto desapontada. – Então você não deseja que eu mencione nada a Lucy, pois estava pensando em ir a Holborn hoje.

– Não senhora, nem mesmo para Lucy, se me faz o favor. Um dia a mais não fará diferença, e até que eu tenha escrito a Mr. Ferrars, penso que não deve contar nada a ninguém. Escreverei a carta imediatamente. É importante não perder tempo em dizer-lhe, pois certamente terá muito que fazer até sua ordenação.

A princípio, esse discurso deixou Mrs. Jennings bastante perplexa. Porque Elinor deveria escrever a Edward sobre este assunto com tanta urgência, isso ela não conseguiu entender imediatamente. Alguns momentos de reflexão, porém, tiveram como resultado uma feliz ideia, que a fez exclamar:

– Oh! Agora entendo. Mr. Ferrars deverá ser a pessoa indicada. Bem, melhor para ele. Claro, ele deve se ordenar o mais rápido que puder, e estou contente ao ver que as coisas estão tão adiantadas entre vocês. Mas, querida, não é um pouco estranho? Não seria melhor que o Coronel escrevesse essa carta? Tenho certeza que seria a pessoa mais apropriada.

Elinor não entendeu o significado das primeiras palavras de Mrs. Jennings, nem pensou se valia à pena perguntar-lhe. E assim, respondeu apenas a parte final.

– O Coronel Brandon é um homem tão delicado, que preferiu que fosse qualquer outra pessoa a comunicar suas intenções a Mr. Ferrars.

– Então *you* foi forçada a fazê-lo. Bem, *essa* delicadeza é muito estranha! No entanto, não vou mais incomodá-la (observando que Elinor já se preparava para escrever). Você conhece melhor seus próprios assuntos. Então... Adeus, minha querida. Não recebo melhor notícia desde que Charlotte deu à luz.

Então partiu, mas voltou pouco tempo depois.

– Estive pensando na irmã de Betty, minha querida. Ficaria feliz se lhe arranjasse uma boa patroa. Mas na verdade não sei se será útil a uma dama. Sei que é uma excelente criada, e trabalha muito bem com a agulha. Mas creio que você decidirá tudo isso a seu tempo.

– Certamente senhora – respondeu Elinor, sem ouvir muito do que ela dizia, mais ansiosa para ficar sozinha do que dominar o assunto.

Como deveria começar... Como deveria se expressar em seu bilhete para Edward era agora toda sua preocupação. As peculiares circunstâncias entre eles tornavam difícil o que para qualquer outra pessoa seria a coisa mais fácil do mundo. Mas ela temia igualmente dizer demais ou dizer de menos, e ficou pensando em frente ao papel, com a pena na mão, até que foi interrompida pela entrada do próprio Edward.

Ele se encontrara com Mrs. Jennings na porta de casa, quando ela entrava na carruagem, ao chegar para entregar seu cartão de despedida. E ela, desculpando-se por não poder voltar com ele, insistiu para que entrasse, dizendo-lhe que Miss Dashwood estava no andar de cima, e queria conversar com ele sobre um assunto muito particular.

Elinor acabara de pensar, em meio à sua perplexidade, que embora fosse difícil expressar-se adequadamente por carta, pelo menos seria melhor que dar a notícia pessoalmente. Quando o visitante entrou, foi obrigada a fazer um grande esforço. Seu espanto e confusão foram enormes pela chegada de Edward! Ela não o tinha visto desde que seu compromisso tornara-se público, portanto, não se falaram depois que ele soube que Elinor estava a par do caso. E isso, com a consciência do que estivera pensando, e o que tinha para dizer-lhe, fez com que se sentisse especialmente incomodada por alguns minutos. Edward também estava bastante perturbado, e sentaram-se um na frente do outro, em uma situação que prometia ser constrangedora. Ele não se lembrava se havia pedido licença para entrar na

sala, mas, para maior segurança, o fez tão logo pôde dizer uma palavra e se sentou.

– Mrs. Jennings contou-me – disse Edward – que você deseja falar comigo, bem, foi o que eu entendi, ou caso contrário, não a teria incomodado dessa maneira. Embora, ao mesmo tempo, eu me lamentasse muito em deixar Londres sem ter visto você e sua irmã, especialmente porque tudo indica que ficarei fora por algum tempo, e muito provavelmente não terei o prazer de encontrá-las novamente tão cedo. Parto para Oxford amanhã.

– Você não deveria ter ido, sem antes receber nossos votos de felicidades, mesmo que não fosse possível oferecê-los pessoalmente – disse Elinor, tentando se recuperar, e determinada a dizer o que pretendia o mais rápido possível. Mrs. Jennings estava muito certa no que disse. Tenho algo importante para lhe dizer, e estava pronta para escrever-lhe um bilhete. Recebi uma tarefa muito agradável (respirando mais rápido do que o normal, enquanto falava). Coronel Brandon, que estive aqui há cerca de dez minutos, pediu-me para dizer-lhe que, sabendo que você pretende se ordenar, ele tem enorme prazer em lhe oferecer o benefício de Delaford, que acaba de vagar, desejando apenas que o rendimento fosse maior. Permita-me felicitá-lo por ter um amigo tão digno e prudente, e unir-me ao seu desejo de que o benefício, que chega a ser de duzentas libras por ano, fosse de valor mais considerável, de maneira que lhe permitisse... Que pudesse ser algo além de uma acomodação temporária para você... Em suma, que pudesse satisfazer todos os seus desejos de felicidade.

Como Edward não foi capaz de dizer o que sentiu, não era de se esperar que qualquer outra pessoa pudesse fazê-lo. Com o olhar, *mostrava* todo o espanto que uma informação tão inesperada, tão impensável, não podia deixar de produzir, mas disse apenas essas duas palavras:

– Coronel Brandon!

– Sim – continuou Elinor, tornando-se mais decidida agora que, pelo menos em parte, o pior já havia passado. – O Coronel Brandon deseja, com isto, testemunhar sua preocupação pelo que recentemente lhe aconteceu: a situação cruel na qual a conduta injustificável de sua família o colocou. Uma preocupação que lhe asseguro que eu, Marianne, e todos os seus amigos compartilhamos; e também como prova da sua mais alta estima



pelo seu caráter em geral, e de sua aprovação por seu comportamento no presente caso.

– O Coronel Brandon oferece-me um benefício! Como isso é possível?

– A falta de generosidade de seus parentes o leva a se espantar de encontrar amizade desinteressada em outras partes.

– Não – respondeu ele, com súbita consciência – não por encontrá-la da sua parte, pois não posso ignorar que a senhorita, e a sua bondade, são os responsáveis por isso. O que sinto... Expressaria se pudesse... Mas, como bem sabe, não sou dotado para a oratória.

– Está muito enganado. Garanto-lhe que o mérito é todo seu, pelo menos quase que inteiramente, além do discernimento do Coronel Brandon a respeito dele. Não tive nenhuma participação nisso. Eu nem mesmo sabia, até ele contar-me o que pretendia, que o benefício estava vago. Eu nem sequer suspeitava que ele tivesse tal benefício a oferecer. Como meu amigo e de minha família, ele pode, talvez... Sei que ele realmente tem prazer em oferecer-lhe o benefício, mas, dou-lhe minha palavra que nada me deve.

A verdade obrigou Elinor a reconhecer uma pequena participação no caso, mas, ao mesmo tempo, ela desejava tão pouco aparecer como a benfeitora de Edward, que o admitiu com hesitação; o que provavelmente contribuiu para aumentar essa suspeita na mente de Edward. Por um curto tempo, depois que Elinor terminou de falar, Edward manteve-se pensativo; por fim, como se fizesse um esforço, disse:

– O Coronel Brandon parece ser um homem de grande valor e respeitabilidade. Sempre ouvi as pessoas falarem dele nestes termos e sei que Mr. Dashwood, seu irmão, o tem em grande estima. Sem dúvida ele é um homem sensível, e age como um perfeito cavalheiro.

– De fato – respondeu Elinor – acredito que, ao conhecê-lo melhor, descobrirá que tudo o que dizem sobre ele é verdade; e como serão vizinhos muito próximos (pois creio que a casa paroquial fica muito próxima à mansão), é particularmente importante que ele seja tudo isso.

Edward não respondeu, mas quando ela virou a cabeça para o lado, olhou-a de modo tão sério, tão ansioso, tão triste que parecia dizer que preferia que a distância entre a casa pastoral e a mansão fosse muito maior.

– Creio que o Coronel Brandon mora em St. James Street. – disse Edward e, em seguida, se levantou da cadeira.

Elinor disse-lhe o número da casa.

– Tenho que apressar-me então, e fazer a ele o agradecimento que a senhorita não permite que lhe faça. Quero garantir ao Coronel que ele me fez um homem extremamente feliz.

Elinor não procurou detê-lo, e se separaram depois que ela lhe confirmou seus desejos mais profundos de felicidade em todas as situações de mudança que vivesse. E Edward fez algum esforço para retribuir da mesma forma, apesar de não saber expressar-se adequadamente.

“Quando eu voltar a vê-lo” – disse Elinor para si mesma, assim que ele fechou a porta – “já será esposo de Lucy”.

E com esta agradável antecipação, Elinor sentou-se para reconsiderar o passado, relembrar as palavras, e se esforçou para compreender todos os sentimentos de Edward, e, é claro, para refletir sobre seu próprio descontentamento.

Quando Mrs. Jennings chegou em casa – apesar de ter visto pessoas que nunca havia visto antes, e sobre as quais, portanto, devia ter muito que falar – tinha a mente muito mais ocupada com um importante segredo que estava em seu poder, do que qualquer outra coisa, e retomou o tema assim que Elinor apareceu.

– Bem, minha querida – exclamou – eu lhe enviei o rapaz. Não agi corretamente? E suponho que você não teve grande dificuldade... Você não o achou pouco disposto a aceitar sua proposta?

– Não senhora, *isso* não seria muito provável.

– Bem, e quando ele estará pronto? Pois parece que tudo depende disso.

– Na realidade – disse Elinor – sei tão pouco desse tipo de formalidade, que dificilmente posso fazer conjecturas sobre o tempo ou a preparação que é necessária, mas suponho que em dois ou três meses poderá completar sua ordenação.

– Dois ou três meses! – exclamou Mrs. Jennings – Deus! Minha querida, como você fala calmamente sobre o assunto, e o Coronel pode

esperar dois ou três meses! Deus do céu! Tenho certeza que eu não teria paciência! E, apesar de todos nós nos alegrarmos em fazer um favor ao pobre Mr. Ferrars, penso que na verdade não vale à pena esperá-lo por dois ou três meses. Com certeza encontrarão alguém tão bom quanto ele, e que já tenha se ordenado.

– Minha querida senhora – disse Elinor – No que está pensando? Porque o único objetivo do Coronel Brandon é ser útil a Mr. Ferrars.

– Deus a abençoe, minha querida! Não creio que está tentando me convencer de que o Coronel se casará com você somente para dar dez guinéus a Mr. Ferrars!

A decepção não pôde continuar por mais tempo, e logo seguiu-se uma explicação, com a qual ambas se divertiram bastante naquele momento, sem qualquer perda de felicidade de ambas as partes, pois Mrs. Jennings simplesmente trocou uma forma de satisfação por outra, e sem abandonar suas expectativas a respeito da primeira.

– Sim, sim, a casa paroquial é pequena – disse ela, depois que a primeira ebulição de surpresa e satisfação havia passado – e provavelmente necessita de reparos. Mas escutar um homem se desculpendo, tal como pensei, por uma casa que, se bem me lembro, tem cinco salas de estar no primeiro piso, e segundo o que a governanta me disse, pode abrigar cerca de quinze leitos! E dizer isso a você, que mora em um chalé! Parece muito ridículo. Mas, minha querida, devemos sugerir ao Coronel que faça alguns reparos na casa paroquial e a deixe confortável para eles, antes que Lucy se mude para lá.

– Mas o Coronel Brandon não acredita que o benefício que Edward receberá será o suficiente para que eles se casem.

– O Coronel é um tolo, minha querida. Como ele tem duas mil libras por ano de rendimento, acredita que ninguém pode se casar com menos. Dou-lhe minha palavra que, se ainda estiver viva, farei uma visita à casa paroquial de Delaford antes da festa de São Miguel, e garanto que não irei se Lucy não estiver lá.

Elinor tinha a mesma opinião: provavelmente eles não iriam esperar muito tempo mais.

## CAPÍTULO 41

Depois de agradecer ao Coronel Brandon, Edward foi até a casa de Lucy para contar de sua felicidade, e quando chegou a Bartlett's Buildings estava tão feliz que, no dia seguinte, Lucy pôde assegurar a Mrs. Jennings, que veio visitá-la novamente para felicitá-la, que nunca, em toda sua vida, o vira tão feliz.

Pelo menos a felicidade de Lucy e seu estado de espírito não deixavam margem a dúvidas, e com grande entusiasmo se uniu a Mrs. Jennings em suas expectativas de um grato encontro na casa paroquial de Delaford antes do dia de São Miguel. Ao mesmo tempo, estava tão longe de retirar de Elinor o crédito que Edward lhe concedera, que falou de sua amizade por ambos com a mais entusiasmada gratidão, estava pronta a reconhecer o quanto lhe deviam, e declarou abertamente que Miss Dashwood não pouparia nenhum esforço para ajudá-los, quer seja no presente ou no futuro, e isso não a surpreendera, pois acreditava que Elinor seria capaz de qualquer coisa por aqueles a quem realmente apreciava. E quanto ao Coronel Brandon, não apenas estava disposta a adorá-lo como um santo, mas ainda mais ansiosa para que todos lhe dessem o verdadeiro valor, e desejava que seus dízimos<sup>[1]</sup> aumentassem ainda mais, e secretamente decidiu avaliar, assim que estivessem em Delaford, os seus empregados, sua carruagem, suas vacas e suas criações.

Já se passara uma semana desde a visita de John Dashwood a Berkeley Street, e como desde então não tinham nenhuma notícia sobre a indisposição de sua esposa, além do inquérito verbal, Elinor começou a sentir a necessidade de visitá-la. No entanto, tal obrigação não apenas ia contra suas próprias inclinações, como também não recebia nenhum estímulo de suas companheiras. Marianne, não satisfeita em negar-se a ir, tentou com todas as forças impedir que sua irmã fosse; e quanto a Mrs. Jennings, apesar de sua carruagem estar sempre à disposição de Elinor, detestava tanto Mrs. John Dashwood, que nem mesmo sua curiosidade de ver como ela estava depois da recente descoberta, nem seu forte desejo de afrontá-la tomando o partido de Edward, podiam superar o desprazer de

estar novamente em sua companhia. Como resultado, Elinor partiu sozinha para fazer uma visita, para a qual ninguém poderia estar menos inclinada do que ela, além de correr o risco de conversar a sós com uma mulher a quem nenhuma das outras tinha tantos motivos para detestar.

Mrs. John Dashwood não estava [2], mas antes que a carruagem partisse, por mero acaso, o marido apareceu. Ele demonstrou grande prazer em encontrar Elinor, disse-lhe que estava indo visitá-las em Berkeley Street, e garantindo-lhe que Fanny ficaria muito feliz ao vê-la, convidou-a a entrar.

Subiram até a sala de estar. Porém, não havia ninguém ali.

– Suponho que Fanny esteja em seu quarto – disse ele – Irei até ela, pois tenho certeza que ela não tem motivos para não lhe ver. Muito ao contrário, na verdade. Principalmente *agora...* Mas, de qualquer maneira, você e Marianne sempre foram suas favoritas. Por que Marianne não veio?

Elinor se desculpou do melhor jeito que pôde.

– Não lamento vê-la sozinha – respondeu – pois tenho muitas coisas para lhe dizer. Esse benefício do Coronel Brandon, é verdade? Ele realmente ofereceu a Edward? Eu escutei ontem por acaso, e estava indo fazer-lhe uma visita para averiguar se a notícia era verdadeira.

– É verdade sim. O Coronel Brandon deu o benefício de Delaford a Edward.

– Mesmo! Bem, isso é surpreendente! Não há nenhuma relação, nenhum parentesco entre eles! E justo agora que os benefícios subiram! Qual é o valor?

– Cerca de duzentas libras por ano.

– Muito bem... E para conceder esse valor... Suponho que o último titular já estivesse velho e doente, e com mostras de que o desocuparia em breve... Estou certo de que ele poderia obter cerca de mil e quatrocentas libras. E como é possível que não resolvesse a questão antes da morte dessa pessoa? *Agora*, com certeza, é muito tarde para vender a nomeação [3], mas um homem de juízo como o Coronel Brandon! Me pergunto como ele pode ter sido tão impudente em um assunto que é tão comum, tão natural que se preocupasse! Bem, estou convencido de que quase todos os seres humanos possuem grandes incoerências. Suponho, porém... Que o caso deve ser o seguinte. Edward receberá o benefício até que a pessoa a quem o

Coronel vendeu a nomeação tenha idade suficiente para tomar posse do cargo. Sim, sim, é esse o caso, pode ter certeza.

Elinor contradisse-o com bastante veemência, e o obrigou a aceitar seu conhecimento sobre o assunto contando-lhe que o Coronel Brandon lhe pedira para fazer a oferta a Edward, e, portanto, tinha que entender bem os termos nos quais o benefício era concedido.

– É verdadeiramente assombroso! – ele exclamou após ouvir o que Elinor disse – Qual poderia ser o motivo do Coronel?

– Um motivo muito simples: ser útil a Mr. Ferrars.

– Bem, bem. Qualquer que seja o motivo do Coronel Brandon, a verdade é que Edward é um homem de sorte. Não conte a notícia à Fanny, pois embora eu já tenha lhe falado sobre o assunto, e ela o tenha recebido muito bem, não vai querer mais falar sobre ele.

Elinor teve muita dificuldade em conter-se para não dizer que Fanny poderia suportar com grande compostura o aumento da riqueza de seu irmão, já que isso não implicaria no empobrecimento dela nem de seu filho.

– Mrs. Ferrars – acrescentou John, baixando o tom de voz para demonstrar a importância do assunto –, até o momento, não sabe nada sobre isso, e creio que será melhor ocultar-lhe a notícia tanto quanto possível. Quando o casamento se realizar, temo que venha a saber de tudo.

– Mas, por que devem tomar tais precauções? Embora não seja de se esperar que Mrs. Ferrars sinta a menor satisfação ao saber que o filho tem dinheiro suficiente para se manter... Pois tal coisa seria impensável. E, por que, depois do que ela fez, era de se esperar que se importasse com algo? Expulsou Edward de casa, e fez com que todos aqueles sobre os quais ela tinha influência fizessem o mesmo. Certamente, depois de ter feito tudo o que fez, Mrs. Ferrars não pode querer que as pessoas esperem que ela tenha qualquer sentimento de dor ou alegria em relação ao filho... Ela não deve estar interessada em nada que o favoreça. Não seria tão inconstante de expulsar um filho e mantê-lo no coração de mãe!

– Ah, Elinor! – disse John – seu raciocínio é muito bom, mas está baseado na ignorância da natureza humana. Quando o infeliz casamento de Edward acontecer, não tenha dúvidas de que sua mãe sofrerá tanto como se

nunca o tivesse expulsado; portanto, qualquer circunstância que possa acelerar esse evento terrível deve lhe ser ocultada o máximo possível. Mrs. Ferrars nunca pode se esquecer de que Edward é seu filho.

– Você me surpreende, pensei que ela já tivesse quase se esquecido dele.

– Você está muito enganada. Mrs. Ferrars é uma das mães mais afetuosas do mundo.

Elinor ficou em silêncio.

– Agora, estamos pensando em casar *Robert* com Miss Morton – disse Mr. Dashwood, após uma breve pausa.

Elinor, sorrindo do tom grave e decisivo do irmão, respondeu calmamente:

– A moça, eu suponho, não tem direito de escolha.

– Escolha! O que você quer dizer?

– Eu apenas quero dizer que eu suponho, por sua forma de falar, que para Miss Morton tanto faz se casar com Edward ou Robert.

– Certamente que não há diferença, pois Robert, agora, para todos os efeitos e propósitos, será considerado o filho mais velho. Além disso, ambos são jovens e muito agradáveis... Não creio que um seja superior ao outro.

Elinor não disse mais nada, e John ficou por um momento em silêncio. Colocou um fim às suas reflexões, dizendo:

– De uma coisa, minha querida irmã – tomando uma de suas mãos carinhosamente e sussurrando – eu posso lhe assegurar, e o farei porque sei que deve lhe trazer alegria. Tenho boas razões para pensar... Na verdade, ouvi da melhor autoridade no assunto, ou talvez seja melhor eu não dizer, talvez não seja certo... Mas sei por fonte segura... Não que eu tenha ouvido diretamente dos lábios de Mrs. Ferrars... Mas sua filha ouviu, e me contou... Que, em suma, qualquer objeção que pudesse ter existido contra certo... Um certo parente... Você me compreende... Essa ligação teria sido muito mais agradável a ela, não teria lhe causado metade da tristeza que *este* lhe causou. Fiquei extremamente contente ao saber que ela considerava a questão sob essa perspectiva... Uma circunstância muito gratificante para nós todos. Ela

disse algo como: “Não teria comparação, dos males o menor, e *agora* estaria alegre em aceitar o menor dos males”. No entanto, isso está fora de questão... Tal ideia não pode ser pensada nem mencionada... Já que qualquer compromisso, você sabe... Não poderia acontecer... Tudo está encerrado. Mas, pensei que eu deveria lhe contar isso, pois sei o quanto ficaria contente. Não que você tenha algum motivo para se lamentar, minha querida Elinor. Não restam dúvidas de que você agiu corretamente... Muito bem, ou melhor, talvez se considerarmos todas as coisas. Você encontrou o Coronel Brandon recentemente?

Elinor já ouvira o suficiente, não para enaltecer sua vaidade e aumentar sua autoestima, mas para agitar seus nervos e encher seu pensamento... E se alegrou, portanto, já que a entrada de Mr. Ferrars a salvou de ter que responder alguma coisa ou correr o risco de ter que ouvir mais alguma palavra do irmão. Depois de alguns minutos de conversa, John Dashwood, lembrando-se que ainda não avisara Fanny da presença da irmã, deixou a sala e foi tentar encontrá-la. E Elinor ficou ali, com a tarefa de tentar melhorar sua relação com Robert, que, com sua alegre despreocupação e a feliz autocomplacência de seus modos – enquanto desfrutava da injusta divisão do amor e da generosidade de sua mãe, em prejuízo de seu irmão banido, um privilégio que ele só recebia graças à sua vida dissoluta e à integridade do irmão – só confirmava a Elinor a opinião desfavorável que tinha sobre seu caráter e seu coração.

Ficaram apenas dois minutos a sós quando Robert começou a falar de Edward, pois também soubera do benefício e fez muitas perguntas a respeito. Elinor repetiu os detalhes que já havia dito a John, e o efeito que teve em Robert, apesar de muito diferente, não foi menos forte. Ele riu sem nenhuma moderação. A ideia de Edward se tornar um clérigo e viver em uma pequena casa paroquial o divertia além da conta, principalmente quando a isso foi somada a imagem fantástica de Edward lendo orações com uma sobrepeliz [4], e fazendo os proclamas do casamento entre John Smith e Mary Brown, não conseguia pensar em mais nada ridículo.

Elinor, enquanto esperava a conclusão da zombaria em silêncio e com imóvel gravidade, não pôde evitar que seus olhos se fixassem nos dele com uma expressão que mostrava todo seu desprezo. Foi um olhar, entretanto, muito bem direcionado, pois aliviou seus sentimentos sem que



ele percebesse alguma coisa. Então ele se recuperou da insensatez e tornou-se mais sóbrio, não por alguma reprovação dela, mas por sua própria sensibilidade.

– Podemos tratar isto como uma piada – disse ele, recuperando-se de uma gargalhada afetada que prolongara consideravelmente a genuína alegria do momento – mas, dou-lhe minha palavra que é algo muito sério. Pobre Edward! Está arruinado para sempre. Lamento profundamente tudo isso... Pois sei que ele é um homem de bom coração, talvez a pessoa com as melhores intenções do mundo. Não o julgue, Miss Dashwood, baseando-se no pouco que o conhece. Pobre Edward! É verdade que ele não tem maneiras tão naturais. Mas, como você sabe, nem todos nascemos com as mesmas qualidades, com o mesmo porte. Pobre coitado! Vê-lo em um círculo de estranhos! Isso é muito lamentável! Mas, dou-lhe minha palavra que ele possui o melhor coração de todo o reino, e lhe digo e asseguro que nada me desestruturou tanto como o fato ocorrido. Não pude crer que fosse verdade. Minha mãe foi a primeira pessoa a contar-me a notícia, e eu, sentindo que tinha que agir com decisão, imediatamente disse à minha mãe: “Minha querida senhora, não sei o que pretende fazer em uma situação como essa, mas, quanto a mim, devo dizer-lhe que se Edward se casar com essa moça, nunca mais o verei novamente”. Foi o que eu disse imediatamente. Estava muito chocado! Pobre Edward! Prejudicou-se completamente, para sempre ficará à margem da sociedade decente! Mas, como dizia diretamente à minha mãe, não me surpreendia em nada com isso, pois, pela educação que recebeu, era o mínimo que se podia esperar. Minha pobre mãe quase enlouqueceu.

– Você já viu a moça?

– Sim, uma vez, quando estava hospedada nesta casa. Fiz uma visita rápida de dez minutos, e foi o suficiente para conhecê-la. Uma simples moça do interior, sem estilo, sem elegância, e quase sem nenhuma beleza. Lembro-me dela perfeitamente. É o tipo de moça que seria capaz de cativar o pobre Edward. Imediatamente me ofereci para conversar com ele e tentar convencê-lo a desistir do compromisso, assim que minha mãe me relatou o caso. Mas, já era tarde demais, descobri que por falta de sorte eu não estive ali nos primeiros momentos e não soube do ocorrido até depois da ruptura, quando, como você sabe, não tinha condições de intervir. Mas,

se tivessem me informado algumas horas antes, provavelmente poderia ter feito algo. Certamente teria feito Edward ver as coisas com outros olhos. “Meu caro irmão” – teria dito – “considere o que você está fazendo. Está comprometendo-se com a mais desafortunada união, que toda sua família desaprova de maneira unânime”. Enfim, não pude evitar pensar que conseguiríamos uma saída. Mas agora é tarde demais. Edward deve estar passando necessidades, como deve imaginar, necessidades imensas.

Ele acabara de fazer essa afirmação, quando a chegada de Mrs. John Dashwood colocou um ponto final no assunto. Apesar de *ela* nunca ter falado nisso fora da família, Elinor pôde ver a influência em seu espírito, no semblante um tanto confuso com que entrou, e na tentativa de cordialidade no tratamento para com ela. Tentou até mesmo demonstrar preocupação em saber que Elinor e sua irmã deixariam a cidade em breve, pois tinha muita vontade de encontrar-se com elas mais vezes; um esforço no qual seu marido, que a conduzira até a sala e acompanhava cada uma de suas palavras com um ar apaixonado, parecia encontrar tudo o que há de mais afetuoso e gracioso.

[1] O pastor local recebia um décimo da produção anual de cada propriedade rural. Edward receberia então uma parte da produção da fazenda. (N. T.)

[2] Os cavalheiros ou as damas da casa que não gostariam de receber visitas indesejáveis, instruíam os empregados a dizerem que seus patrões não estavam em casa. (N. T.)

[3] Na maioria das igrejas do interior, os donos da terra tinham o direito de oferecer os benefícios de uma paróquia aos filhos mais jovens ou parentes. Quando eles não possuíam parentes a quem concedê-lo, podiam vender a nomeação do benefício. Neste caso, John Dashwood se espantou que o Coronel Brandon, por não ser parente de Edward, não tivesse interesse em ganhar dinheiro vendendo a nomeação. (N. T.)

[4] Vestimenta branca que os religiosos usam sobre a roupa. (N. T.)

## CAPÍTULO 42

Outra breve visita à Harley Street, em que Elinor recebeu as felicitações do irmão por fazerem tão longa viagem, até Barton, sem nenhuma despesa, e pelo fato de o Coronel acompanhá-las a Cleveland em um ou dois dias, encerrou o contato entre irmão e irmãs em Londres. Um lânguido convite de Fanny, de que fossem a Norland sempre que passassem pela região, o que de todas as coisas era a menos provável de acontecer, e uma promessa mais calorosa, apesar de menos pública, de John a Elinor, de que iria vê-la em Delaford muito em breve, foi tudo o que se disse a respeito de um futuro encontro no interior.

Elinor se divertia a observar que todos os seus amigos pareciam decididos a mandá-la para Delaford, um lugar que, de todos os outros, era o que tinha menos vontade de visitar, ou desejo de morar, pois não apenas era considerado como seu futuro lar por seu irmão e Mrs. Jennings, mas até Lucy, quando partiu, fez o convite para que a visitasse ali.

Em um dos primeiros dias de abril, nas primeiras horas da manhã, os dois grupos de Hanover Square e Berkeley Street saíram de seus respectivos lares para se encontrarem no caminho, conforme haviam combinado. Para a comodidade de Charlotte e seu filho, estenderiam a viagem por mais de dois dias, e Mr. Palmer, viajando rapidamente com o Coronel Brandon, se juntaria a elas em Cleveland logo depois que chegassem.

Marianne, que passara poucas horas alegres em Londres, e que há muito estava ansiosa por partir, quando chegou o momento, não conseguiu dizer adeus à casa onde pela última vez havia desfrutado das esperanças e da confiança em Willoughby, que agora se haviam extinguido para sempre, sem grande pesar. Não pôde sequer abandonar o lugar em que Willoughby ficara, entregue aos novos compromissos e novos planos, dos quais ela não faria parte, sem derramar muitas lágrimas.

A satisfação de Elinor, no momento da partida, foi mais positiva. Não havia nada em Londres que cativasse seus pensamentos, não deixara ninguém para trás, cuja separação definitiva lhe causasse algum

arrependimento. Estava contente por ver-se livre da perseguição da amizade de Lucy, estava agradecida por levar sua irmã de volta sem que ela tivesse visto Willoughby após seu casamento, e tinha grandes esperanças de que alguns meses de tranquilidade em Barton seriam suficientes para restaurar a paz de espírito de Marianne, e fortalecer a sua própria.

A viagem transcorreu sem contratemplos. E o segundo dia as levou ao querido (ou proibido) condado de Somerset, que assim aparecia alternadamente na imaginação de Marianne; e na manhã do terceiro dia chegaram a Cleveland.

A casa em Cleveland era espaçosa e moderna, situada em uma encosta coberta de grama. Não havia um *park*<sup>[1]</sup>, mas os jardins de passeio eram de bom tamanho, e como qualquer outro lugar da mesma importância, tinha uma plantação de arbustos e um bosque para passeio, protegido por muros: um caminho de cascalho circundava a plantação, levando à entrada da casa. Havia um gramado cheio de árvores, a própria casa estava protegida por abetos, sorveiras e acácias, e uma área de espessa vegetação, constituída por todos eles, unidos por altos choupos<sup>[2]</sup>, da Lombardia<sup>[3]</sup>, encobria a área de serviços.

Marianne entrou na casa com o coração cheio de emoção por saber que estava a apenas cento e cinquenta quilômetros de Barton, e menos de sessenta quilômetros de Combe Magna; e, antes de passar cinco minutos dentro de seus muros, enquanto os demais estavam ocupados ajudando Charlotte a mostrar seu filho à governanta, ela saiu de novo, escapando às escondidas pelos sinuosos arbustos, que agora começavam a florescer, para alcançar um monte distante, onde havia um templo grego<sup>[4]</sup>; seus olhos, percorrendo uma grande paisagem a sudeste, poderiam descansar felizes nos distantes montes do horizonte, e imaginar que de seus cumes poderia ver Combe Magna.

Em tais momentos de preciosa e incomparável angústia, as lágrimas a confortaram da agonia de estar em Cleveland. E ao retornar a casa por um caminho diferente, sentindo todo o feliz privilégio de gozar da liberdade do campo, de perambular de um lugar a outro em uma livre e luxuosa solidão, Marianne decidiu dedicar quase todas as horas de seus dias ao prazer de fazer esses passeios solitários, enquanto estivesse hospedada na casa dos Palmers.

Ela retornou justo a tempo de reunir-se aos demais, no momento em que saíam da casa para uma excursão pelas imediações. O resto da manhã passou rapidamente enquanto passeavam pelo quintal, examinando as trepadeiras já floridas sobre os muros, e escutando o jardineiro se lamentar das pragas... Passeando pela estufa, onde a perda de suas plantas favoritas, indevidamente expostas e queimadas pelas geadas, fizeram com que Charlotte risse... E visitando o aviário, onde ela achou outros motivos para rir, pois encontraram a empregada bastante desapontada e sem esperanças, já que as galinhas haviam abandonado seus ninhos ou foram apanhadas por uma raposa, ou ainda por não haver ninhadas promissoras.

A manhã estava bonita e sem umidade no ar. Marianne, com seu projeto de passear a maior parte do tempo, não pensou que o clima poderia mudar durante sua permanência em Cleveland. Foi com grande espanto, portanto, que foi surpreendida por uma chuva que a impediu de sair novamente depois do jantar. Estava certa de que faria um passeio no final da tarde até o templo grego, e talvez caminhasse pelos outros gramados – algo que uma noite úmida e fria não a impediria de fazer, mas, diante de uma chuva forte e persistente como essa, nem mesmo *ela* podia imaginar um tempo seco e agradável para passear.

O grupo era pequeno, e as horas passavam tranquilamente. Mrs. Palmer tinha que cuidar do filho e Mrs. Jennings bordava, falaram dos amigos que haviam deixado para trás, organizaram os compromissos de Lady Middleton e várias vezes se perguntaram se Mr. Palmer e o Coronel Brandon conseguiriam chegar até Reading[5] naquela noite. Elinor, apesar do pouco interesse na conversa, participava dela. E Marianne, que tinha o dom de encontrar em cada casa o caminho da biblioteca, apesar do lugar ser evitado pelos donos da casa, logo pegou um livro.

Mrs. Palmer não deixava que lhes faltasse nada, com seu humor constante e amigoso procurava fazer de tudo para que se sentissem bem-vindas. A franqueza e a cordialidade de seus modos mais do que compensavam a falta de compostura e elegância que a tornavam menos educada; sua gentileza, realçada por seu bonito rosto, era envolvente; sua frivolidade, embora evidente, não era desagradável, porque não era presumida; e Elinor poderia perdoar qualquer coisa menos seu riso.

Os dois cavalheiros chegaram no dia seguinte já tarde, para o jantar, garantindo uma agradável ampliação do grupo e uma bem-vinda variedade de assuntos em sua conversa, a qual uma longa manhã de chuva contínua reduzira a níveis muito baixos.

Elinor tinha visto tão pouco de Mr. Palmer, e nesse pouco havia visto tanta variedade no modo como tratava a ela e a irmã, que não sabia o que esperar, quando estivesse no seio da família. Porém, descobriu que ele agia como um perfeito cavalheiro com todos os seus convidados, e só ocasionalmente era rude com sua esposa e sua sogra. Descobriu que ele era capaz de ser uma boa companhia, e a única coisa que o impedia de ser sempre assim era a excessiva capacidade de sentir-se tão superior às pessoas de um modo geral como acreditava ser em relação à Mrs. Jennings e Charlotte. O restante do seu caráter e hábitos eram marcados, até onde Elinor conseguiu perceber, por traços não incomuns aos homens de sua idade. Mr. Palmer era educado ao comer, mas não era pontual. Adorava o filho, mas fingia desdenhá-lo. Passava jogando bilhar as manhãs que deveriam ser dedicadas aos negócios. De um modo geral, Elinor gostava dele, muito mais do que havia esperado, e em seu coração não lamentava que não pudesse gostar mais; não lamentava que a observação de seu epicurismo[6], seu egoísmo e sua vaidade, a fizessem lembrar-se com carinho do temperamento generoso, gostos simples e sentimentos modestos de Edward.

Elinor teve notícias de Edward, ou de assuntos de seu interesse, através do Coronel Brandon, que há pouco tempo estivera em Dorsetshire e que, dirigindo-se a ela como uma amiga desinteressada de Mr. Ferrars e sua gentil confidente, falava abertamente sobre a casa paroquial de Delaford, descrevia suas deficiências e lhe contava o que pretendia fazer para solucioná-las. Seu comportamento para com ela nesse caso, assim como em qualquer outro assunto, seu prazer sincero ao vê-la após uma ausência de apenas dez dias, sua disposição para conversar com ela e seu respeito pela sua opinião, podiam muito bem justificar a crença de Mrs. Jennings em um afeto entre os dois, e seria talvez suficiente para que Elinor também suspeitasse, se desde o começo não soubesse que Marianne era sua favorita. Mas, do modo como eram as coisas, esta ideia nunca teria passado por sua mente, não fossem as insinuações de Mrs. Jennings; e não podia deixar de

acreditar que era a melhor observadora das duas... Observava os olhos do Coronel, enquanto Mrs. Jennings pensava apenas em seu comportamento. E enquanto os olhos dele se preocupavam ansiosamente com os sentimentos de Marianne, a moça começou a sentir, pelas dores de cabeça e de garganta, que chegava um forte resfriado, o qual, por não se exprimir através de palavras, escapava completamente à observação de Mrs. Jennings. Elinor podia ver nos olhos do Coronel os vivos sentimentos e o desnecessário alarme de um homem apaixonado.

Duas caminhadas vespertinas ao terceiro e quarto dias de sua estada em Cleveland, não apenas pelo caminho de cascalho, mas pelos gramados, e especialmente nas partes mais distantes da propriedade, onde havia mais umidade do que em outros lugares, onde as árvores eram mais velhas e o capim estava alto e úmido - com o acréscimo da enorme imprudência de manter os sapatos e as meias molhadas - trouxeram a Marianne um resfriado tão violento que, embora ela tratasse com descaso e negasse por um dia ou dois, acabou impondo-se a ela mesma e aos demais, à custa de seus sofrimentos crescentes. Surgiram receitas de todos os lados, e como sempre, foram recusadas. Apesar de sentir-se pesada e febril, com os membros doloridos, tosse e garganta irritada, uma boa noite de sono poderia curá-la completamente. E foi com bastante dificuldade que Elinor conseguiu convencê-la, quando foi se deitar, a tomar um ou dois dos remédios mais simples.

[1] Vasta área verde que circundava uma propriedade rural, muitas vezes servia de pasto para animais de criação. Geralmente a área era mantida intacta na propriedade mais com o objetivo de contemplação do que para finalidades agropecuárias. (N. T.)

[2] Árvores da família das salicáceas. Exemplo: salgueiro. (N. T.)

[3] Região da Itália. (N. T.)

[4] Naquela época eram muito comuns as réplicas da arquitetura grega. (N. T.)

[5] Cidade localizada entre a confluência do Rio Tâmisa e de seu afluente, o Rio Kennet, localizado a 64 quilômetros de Londres. (N. T.)

[6] Devoção ao gosto refinado na arte, música e culinária. (N. T.)

## CAPÍTULO 43

Marianne se levantou na manhã seguinte na hora habitual; todas as vezes que perguntavam como estava, dizia que estava se sentindo melhor, e tentou provar isso a si mesma dedicando-se às suas ocupações habituais. Mas, ficar sentada tremendo mesmo em frente à lareira, um dia inteiro com um livro nas mãos, que era incapaz de ler, ou deitada no sofá, prostrada e sem forças, não eram sinais de sua melhora. E quando, enfim, foi mais cedo para a cama sentindo-se ainda pior, o Coronel Brandon ficou completamente impressionado com a calma de Elinor, que, embora acompanhando-a e tratando-a o dia inteiro, contra a vontade de Marianne, e forçando-a a tomar os remédios certos à noite, confiava, assim como Marianne, na certeza da eficácia do sono, e não estava realmente alarmada.

No entanto, passou uma noite muito agitada e febril, o que frustrou as esperanças de ambas. E quando Marianne, após insistir em se levantar, confessou ser incapaz de sentar-se e voltou para a cama voluntariamente, Elinor se mostrou muito disposta a aceitar o conselho de Mrs. Jennings e chamar o boticário<sup>[1]</sup> dos Palmer.

O boticário veio, examinou a paciente, e embora tivesse animado Miss Dashwood a esperar que em poucos dias a saúde de sua irmã estaria restabelecida, acabou falando que a doença tinha uma tendência infecciosa, e ao deixar escapar a palavra “infecção”, provocou instantâneo alarme em Mrs. Palmer por causa do bebê. Mrs. Jennings, que desde o começo acreditava que a enfermidade era mais séria, diferente do que pensava Elinor, escutou gravemente o relato de Mr. Harris, e confirmando os temores e a preocupação de Charlotte, imediatamente lhe recomendou que se mudasse com a criança. E Mr. Palmer, embora achasse que suas preocupações fossem vãs, se viu incapaz de resistir à enorme ansiedade e insistência da esposa. Sua partida então ficou decidida, e antes que se passasse uma hora da chegada de Mr. Harris, ela seguiu, com seu filho e a enfermeira, para a casa de um parente de Mr. Palmer, que vivia a alguns quilômetros dali, do outro lado de Bath. Após grande insistência de sua parte, o marido prometeu que se juntaria a ela em um ou dois dias, e ela



desejava, com igual urgência, que sua mãe também a acompanhasse. Mrs. Jennings, porém, com uma bondade que fez Elinor realmente admirá-la, declarou que estava decidida a não sair de Cleveland enquanto Marianne estivesse enferma, e se esforçaria, com um atencioso cuidado, a suprir-lhe o lugar da mãe, de quem ela a havia afastado; e em todos os momentos Elinor encontrou na boa senhora uma colaboradora ativa e disposta, desejosa de compartilhar de todas as suas fadigas, e frequentemente usando da sua maior experiência em cuidar de pessoas doentes, bastante útil no caso.

Pobre Marianne, abatida e lânguida pela natureza de sua doença e sentindo-se completamente indisposta, já não poderia esperar que estivesse recuperada no dia seguinte. E a incerteza do que traria o amanhã, tornou a infeliz doença algo muito sério, pois, naquele dia, elas começariam sua viagem de volta para casa, e, acompanhadas pelo empregado de Mrs. Jennings, fariam uma grande surpresa à mãe na manhã seguinte. O pouco que falou foi para lamentar este inevitável atraso, e Elinor tentava elevar seu ânimo, fazendo-a acreditar, assim como ela mesma acreditava então, que seria um atraso muito curto.

O dia seguinte trouxe pouca ou nenhuma alteração no estado da paciente – evidentemente não estava melhor. Mas, apesar de não haver melhoras, também não havia nenhuma piora. O grupo agora estava bastante reduzido, pois Mr. Palmer, apesar de não ter intenção de ir embora, tanto por espírito humanitário quanto por bom coração, ou simplesmente para não parecer medroso por causa da exigência da mulher, foi convencido pelo Coronel Brandon a cumprir a promessa que fizera à esposa de se juntar a ela. E enquanto ele se preparava para partir, o próprio Coronel Brandon, fazendo um esforço ainda maior, também começou a falar em ir-se.

Neste ponto, porém, a generosidade de Mrs. Jennings interpôs-se de maneira mais positiva, pois permitir a partida do Coronel enquanto sua amada sofria, por causa da irmã, significaria privar a ambos de todo consolo, e assim, foi dizendo ao Coronel que a permanência dele era necessária em Cleveland até para ela mesma, que precisava dele para jogar cartas, enquanto Miss Dashwood cuidava da irmã, etc. Insistiu tanto para que ele ficasse, que ele, ao ceder, cumprindo apenas com o que seu coração desejava, não pôde sequer fingir qualquer objeção, especialmente quando o pedido de Mrs. Jennings foi acompanhado pelo pedido de Mr. Palmer, que

parecia sentir-se aliviado por deixar ali uma pessoa tão capaz de apoiar e aconselhar Miss Dashwood em qualquer emergência.

Marianne, é claro, foi mantida na mais completa ignorância a respeito desses arranjos. Não sabia que por sua causa os proprietários de Cleveland foram obrigados a deixar a casa antes de completar uma semana da sua chegada. Não ficou surpresa por não ter visto Mrs. Palmer, assim como também não ficou preocupada, por isso nem sequer mencionava seu nome.

Passaram-se dois dias desde a partida de Mr. Palmer, e as condições da paciente mantinham-se as mesmas, com poucas alterações. Mr. Harris, que a visitava todos os dias, de maneira bastante audaciosa continuava falando de sua rápida recuperação, e Miss Dashwood se mostrava igualmente otimista; os demais, porém, não tinham perspectivas tão boas. Logo no início da crise, Mrs. Jennings havia se convencido de que Marianne nunca se recuperaria, e o Coronel Brandon, que era obrigado a escutar os presságios de Mrs. Jennings, não estava com o estado de ânimo capaz de resistir a sua influência. Tentou recorrer à razão para superar os temores que, segundo a opinião do boticário, eram absurdos; mas as muitas horas do dia que passava sozinho propiciavam a aceitação de ideias melancólicas, e ele não conseguia tirar da cabeça a ideia de que nunca mais veria Marianne.

Na manhã do terceiro dia, porém, as sombrias previsões de ambos quase desapareceram; pois, quando Mr. Harris chegou, ele declarou que sua paciente estava visivelmente melhor. Sua pulsação estava mais forte e os sintomas eram bem mais favoráveis que em sua visita anterior. Elinor estava muito alegre, ao serem confirmadas as suas esperanças. Estava satisfeita de ter, nas cartas que escrevera à mãe, expresso muito mais seu próprio julgamento do que a opinião de seus amigos, dando pouca importância à indisposição que havia atrasado sua partida de Cleveland, e quase se atrevendo a marcar a data em que Marianne estaria em condições de viajar.

Mas o dia não terminou de maneira tão auspiciosa como havia começado. Quando chegou a noite, Marianne piorou novamente, a febre tornou-se mais forte, e ela ficou mais agitada e indisposta do que antes. Sua irmã, no entanto, continuava otimista, preferia atribuir a mudança apenas ao cansaço de ter permanecido sentada enquanto arrumavam sua cama; e,

administrando cuidadosamente os remédios prescritos, com alegria viu-a cair no sono, o qual esperava que lhe trouxesse os maiores benefícios. Seu sono, embora não fosse tão tranquilo quanto Elinor esperava, durou um tempo considerável; e ansiosa por observar os resultados, decidiu ficar ao seu lado até a hora que despertasse. Mrs. Jennings, que não sabia da mudança do estado da paciente, foi dormir mais cedo; sua empregada, que era uma das principais encarregadas em cuidar de Marianne, estava descansando no quarto da governanta, e Elinor ficou sozinha com Marianne.

O sono de Marianne começou a ficar cada vez mais agitado. E Elinor, que em nenhum momento deixava de observar atentamente suas contínuas mudanças de posição e escutar os frequentes, porém inarticulados, sons que saíam de seus lábios, estava quase decidida a acordá-la de um sono tão doloroso quando Marianne, repentinamente desperta depois de ouvir um ruído na casa, ergueu-se sobressaltada, exclamando bastante febril:

– Mamãe está vindo?

– Ainda não – respondeu Elinor, ocultando seu terror e ajudando Marianne a deitar-se novamente – Mas logo ela estará aqui, assim espero. É um longo caminho daqui a Barton, você sabe.

– Mas não deve dar a volta por Londres – exclamou Marianne, com o mesmo tom de voz inquieto – Nunca voltarei a vê-la, se passar por Londres.

Elinor percebeu, alarmada, que Marianne estava delirando, e apesar de tentar acalmá-la, tomou-lhe o pulso ansiosamente. Estava mais fraco e mais rápido do que nunca! E ao perceber que Marianne continuava chamando pela mãe, seu temor aumentou tanto, que ela decidiu mandar chamar Mr. Harris, e enviar um mensageiro para avisar sua mãe em Barton. Consultar o Coronel Brandon sobre a melhor forma de enviar um mensageiro à mãe pareceu-lhe a melhor maneira de colocar em prática seu plano. E assim que pediu à empregada que assumisse seu lugar e ficasse tomando conta de Marianne, se apressou para descer à sala, onde sabia que ele permanecia até horas mais tardias que a presente.

Não era momento para hesitar. Imediatamente comunicou-lhe seus temores e suas dificuldades. O Coronel Brandon não teve coragem, nem confiança para tentar acabar com os medos de Elinor; escutou-os com silencioso desalento; mas suas dificuldades logo foram abreviadas, pois com uma rapidez que parecia evidenciar o que mentalmente já havia previsto, se colocou a disposição para ser, ele mesmo, o mensageiro que traria Mrs. Dashwood. Elinor não fez nenhuma objeção que não pudesse ser facilmente resolvida. Agradeceu-lhe com palavras breves, porém fervorosas, e enquanto ele apressava seu criado para levar uma mensagem para Mr. Harris, e uma ordem para que preparassem os cavalos de posta imediatamente, Elinor escreveu algumas linhas para sua mãe.

Elinor sentiu enorme gratidão pelo consolo de ter um amigo como o Coronel Brandon naquele momento – ou tal companhia para sua mãe! Uma companhia cujo bom senso poderia guiá-la, cujo auxílio poderia aliviá-la, e cuja amizade devia acalmá-la! A companhia do Coronel poderia suavizar a perturbação que tal chamado provocaria em sua mãe, e estava certa de que sua presença, seus modos e sua ajuda contribuiriam para isso, tanto quanto possível.

*Ele*, entretanto, quaisquer que fossem os seus sentimentos, agiu com a firmeza de uma mente tranquila, tomou todas as providências necessárias com a maior diligência e calculou com exatidão o momento em que poderia esperar sua volta. Não perdeu nenhum instante. Os cavalos chegaram, antes do esperado, e o Coronel Brandon, limitando-se apenas a estender-lhe a mão com um olhar solene, e com poucas palavras ditas em voz baixa demais para que chegassem aos seus ouvidos, se apressou para entrar na carruagem. Era quase meia-noite, e Elinor retornou ao quarto da irmã para esperar a chegada do boticário, e ficar junto a ela o resto da noite. Foi uma noite de sofrimentos quase iguais para as duas irmãs. Marianne passou, hora após hora, insone em sua dor e delírio, e Elinor sentindo a mais cruel ansiedade, antes da chegada de Mr. Harris. À medida que suas apreensões cresciam, Elinor pagou pelo excesso de confiança que a princípio tivera; e a empregada que sempre a acompanhava, pois ela não admitiu que chamassem Mrs. Jennings, a torturava ainda mais, insinuando coisas que sua patroa havia pensado desde o começo.

Os pensamentos de Marianne ainda estavam fixos incoerentemente na mãe, e cada vez que mencionava seu nome, Elinor sentia um aperto no coração, repreendia-se por não ter dado importância à doença por tantos dias e, desejando um alívio imediato, pensava que em breve um pronto restabelecimento seria em vão, que havia adiado demais, e imaginava sua aflita mãe chegando demasiado tarde para ver sua preciosa filha, ou para vê-la lúcida.

Estava a ponto de mandar chamar novamente Mr. Harris ou, caso *ele* não pudesse vir, solicitar algum outro auxílio, quando o boticário – não antes das cinco da manhã – finalmente chegou. Sua opinião, entretanto, compensou sua demora, pois apesar de reconhecer uma mudança inesperada e desfavorável em sua paciente, insistiu que não havia perigo grave e se referiu ao alívio que um novo tipo de tratamento poderia proporcionar com uma confiança que, mesmo em grau menor, foi comunicada a Elinor. Prometeu vir novamente dentro de três ou quatro horas, e deixou tanto a paciente quanto sua ansiosa irmã mais tranquilas do que as encontrara.

Com muita preocupação e muito sentida por não ter sido chamada, Mrs. Jennings ouviu o que se passara na manhã seguinte. Seus antigos temores, que agora se fortaleciam, não lhe deixaram dúvida alguma sobre o ocorrido; apesar de tentar consolar Elinor, sua certeza sobre o perigo que Marianne corria não lhe permitia oferecer nenhum tipo de esperança. Seu coração estava realmente pesaroso. O rápido declínio, a morte prematura de uma moça tão jovem e adorável como Marianne, afetaria até mesmo uma pessoa que não fizesse parte de seu círculo de amizades. Mas Marianne podia esperar mais da compaixão de Mrs. Jennings. Durante três meses lhe servira de companhia, ainda estava sob seus cuidados, e sabia que ela fora ferida profundamente e que havia sofrido por muito tempo. Via também a angústia da irmã, sua favorita; e quanto à mãe das moças, quando Mrs. Jennings pensava que Marianne poderia ser para sua mãe o que Charlotte era para ela, sentia uma sincera simpatia por seus sofrimentos.

Mr. Harris foi pontual em sua segunda visita, mas as esperanças que a visita anterior havia produzido foram frustradas. Seus medicamentos haviam falhado, a febre persistia; e Marianne, apenas um pouco mais calma – já não era dona de si – permanecia em pesado estupor. Elinor, percebendo

todos os receios do boticário, além de seus receios do momento, decidiu pedir outra opinião. Porém, o boticário achou desnecessário, ainda tinha algo mais a tentar, uma nova prescrição cujo êxito confiava tanto quanto a última, e terminou sua visita com palavras encorajadoras que chegaram aos ouvidos de Elinor, mas não ao seu coração. Ela estava calma, exceto quando pensava na mãe. Porém quase não tinha mais esperanças, e permaneceu assim até o meio-dia, quase sem se afastar do lado da irmã, com o pensamento vagueando de uma imagem de dor à outra, de um amigo que sofria para outro, e com a alma oprimida pela última conversa que teve com Mrs. Jennings, que não teve escrúpulos em atribuir a gravidade e o perigo dessa crise às muitas semanas que Marianne esteve indisposta por causa de sua decepção. Elinor sentia que ela tinha razão, o que aumentou ainda mais o sofrimento que a consumia.

Por volta do meio-dia, ela começou – com cautela, com receio de desapontar-se, o que por algum tempo a manteve em silêncio, até mesmo com sua amiga – a imaginar, a ter a esperança de estar percebendo uma ligeira melhora no pulso de sua irmã. Esperou, observou e examinou várias vezes, e finalmente, com uma agitação mais difícil de ocultar sob a calma exterior, que toda sua angústia anterior, aventurou-se a comunicar suas esperanças. Mrs. Jennings, embora forçada a reconhecer uma recuperação temporária, tentou evitar que sua jovem amiga acreditasse na sua continuidade. E Elinor, recorrendo mentalmente a todos os argumentos que a levavam a descreer, decidiu-se a não alimentar esperanças. Mas já era tarde demais. Já estava completamente esperançosa, e sentindo sua ansiosa palpitação, ela inclinou-se sobre a irmã para observar... Mal sabia o quê. Passou meia hora, e os sintomas favoráveis continuavam abençoando-a. Surgiram outros que favoreceram esta confirmação. A respiração, a pele e os lábios de Marianne, todos indicavam sinais de melhora para Elinor; e Marianne fixou seus olhos na irmã com um olhar racional, apesar de lânguido. A ansiedade e a esperança a oprimiam em igual medida, e não teve sequer um momento de tranquilidade até a chegada de Mr. Harris, às quatro horas – quando as certezas que ele lhe deu, suas felicitações pela recuperação da irmã, que inclusive superava suas expectativas, trouxeram à Elinor confiança, conforto e lágrimas de alegria.

Marianne estava, sob todos os pontos de vista, notavelmente melhor, e ele declarou que ela estava fora de perigo. Mrs. Jennings, talvez satisfeita com a justificação parcial de suas previsões, que expressara no recente alarme que haviam vivido, permitiu-se confiar no juízo do boticário e admitiu com alegria sincera e sem equívocos a probabilidade de uma recuperação completa.

Elinor não podia mostrar-se alegre. Sua alegria era diferente, e a levava a um contentamento interior. Ver Marianne de volta à vida, à saúde, aos amigos e à sua amorosa mãe, era uma ideia que enchia seu coração de intenso conforto e o expandia em fervorosa gratidão; porém, não se manifestava em demonstrações exteriores de alegria, nem em palavras ou sorrisos. Tudo o que Elinor sentia no peito era uma intensa e silenciosa satisfação.

Ela continuou ao lado da irmã, com poucas interrupções, durante toda a tarde, acalmando cada um de seus receios, satisfazendo cada uma das indagações do seu espírito enfraquecido, prestando-lhe todo o auxílio necessário e observando cada olhar seu, cada respiração. A possibilidade de uma recaída por alguns momentos lhe ocorria, para recordar-lhe do que fora sua ansiedade – mas quando ela viu, no seu frequente e minucioso exame, que cada sintoma de recuperação se mantinha, e notou que Marianne, às seis da tarde, mergulhava em um sono tranquilo, pesado, e aparentemente confortável, todas as suas dúvidas foram silenciadas.

Chegava o momento em que se podia esperar o retorno do Coronel Brandon. As dez horas, ou ao menos não muito depois disso, ela acreditava que sua mãe se veria livre do suspense que agora deveria sentir enquanto viajava. O Coronel também! – talvez só um pouco menos merecedor de piedade! Oh! Como passava devagar o tempo que ainda os mantinha na completa ignorância do que estava acontecendo!

As sete, deixando Marianne ainda entregue a um sono tranquilo, uniu-se à Mrs. Jennings na sala para tomar o chá. Seus temores a impediram de tomar o café da manhã, e a mudança repentina do estado de saúde de Marianne não permitiu que se alimentasse corretamente ao jantar; aquela refeição, portanto, parecia particularmente bem-vinda, pois se sentia muito contente. Mrs. Jennings quis convencê-la a descansar um pouco até a chegada de sua mãe, e se ofereceu para ficar ao lado de Marianne; mas

Elinor não parecia cansada, nem conseguiria dormir naquele momento, e não queria se manter longe da irmã sem necessidade, nem por um instante. Mrs. Jennings a acompanhou até o quarto de Marianne para verificar se tudo estava bem, deixou-a entregue novamente aos seus cuidados e pensamentos, e retirou-se para seu quarto para escrever algumas cartas e dormir.

A noite estava fria e tempestuosa. O vento rugia em volta da casa e a chuva batia contra as janelas, mas Elinor, tão feliz, sequer notava isso. Marianne dormia mesmo com as rajadas. E os viajantes receberiam uma rica recompensa por toda presente inconveniência.

O relógio marcou oito horas. Se fosse dez, Elinor estaria convencida de ter ouvido naquele momento o barulho de uma carruagem; e foi tão grande sua certeza de *ter* escutado, apesar de ser *quase* impossível que já tivessem chegado, que se dirigiu ao quarto de vestir mais próximo e abriu uma veneziana da janela, para convencer-se da verdade. Instantaneamente descobriu que seus ouvidos não a haviam enganado. Conseguiu enxergar logo as lanternas de uma carruagem. Naquela luz fraca, pensou discernir que era conduzida por quatro cavalos, e isto, embora demonstrasse o enorme temor de sua pobre mãe, explicou em parte aquela inesperada rapidez.

Nunca em sua vida Elinor teve tanta dificuldade para se manter calma como naquele momento. Saber o que sua mãe devia estar sentindo no instante em que a carruagem parou diante da porta... Sua dúvida, seu temor, talvez seu desespero!... e o que mais ela tinha para contar! Diante das circunstâncias era impossível ficar calma. Tudo o que lhe restava a fazer era se apressar, e aguardou apenas até conseguir que a empregada de Mrs. Jennings ficasse com sua irmã. Depois desceu as escadas correndo.

A agitação que viu no vestibulo, enquanto passava por um saguão interno, assegurou-lhe que eles já estavam dentro da casa. Elinor correu até a sala de estar, e quando entrou... viu apenas Willoughby.

[1] Era equivalente a um farmacêutico, porque preparava e vendia medicamentos na botica (um tipo de farmácia), porém apenas no final do século XIX é que a profissão de farmacêutico foi formalizada. (N. T.)



## CAPÍTULO 44

Elinor obedeceu ao primeiro impulso de seu coração, recuando com o olhar aterrorizado ao vê-lo e voltando-se imediatamente para sair da sala. Sua mão já se encontrava na maçaneta quando parou ao ver que Willoughby avançava rapidamente, dizendo, com um tom de voz mais imperativo que suplicante:

– Miss Dashwood, meia hora... Dez minutos... É tudo o que eu lhe peço... Por favor, fique.

– Não senhor – respondeu com firmeza – não ficarei aqui nem mais um minuto. O senhor nada tem a tratar *comigo*. Os empregados certamente se esqueceram de dizer-lhe que Mr. Palmer não está em casa.

– Se eles tivessem me falado que Mr. Palmer e todos seus parentes tinham ido para o inferno, mesmo assim eu não teria me afastado desta porta – exclamou Willoughby com veemência. – É com a senhorita que quero falar, e apenas consigo.

– Comigo! – disse bastante espantada – Bem senhor... Seja rápido... E se puder, menos violento.

– Sente-se e eu cumprirei suas ordens.

Ela hesitou, não sabia o que fazer. A possibilidade de o Coronel Brandon chegar e encontrá-lo ali passou pela sua cabeça. Mas havia prometido que o ouviria, e estava comprometida não apenas por sua curiosidade, mas principalmente por sua honra. Após um momento de reflexão, no entanto, concluindo que a prudência exigia presteza e que seu consentimento era a melhor maneira de obtê-la, caminhou silenciosamente em direção à mesa e sentou-se. Ele sentou-se na cadeira em frente, e durante um minuto e meio não disseram uma palavra.

– Por favor, seja rápido senhor – disse Elinor, com impaciência – não tenho tempo a perder.

Ele estava sentado em uma atitude de profunda meditação, e parecia não escutá-la.

– Sua irmã está fora de perigo – disse ele, abruptamente, logo em seguida. – Eu ouvi o empregado dizer. Deus seja louvado! Mas, é verdade? Realmente é verdade?

Elinor não iria responder. Ele repetiu a pergunta com mais ansiedade ainda.

– Pelo amor de Deus, ela está fora de perigo, não está? – disse ele.

– Esperamos que sim.

Ele se levantou e caminhou pela sala.

– Se eu soubesse disso há meia hora... Mas, já que estou aqui... (falou com vivacidade forçada, enquanto voltava para sua cadeira) O que isto significa? Por uma vez, Miss Dashwood... Talvez pela última vez... Alegremo-nos juntos. Estou com disposição para a alegria... Diga-me honestamente – seu rosto se iluminou com um rubor mais profundo – você acha que eu sou um canalha ou um tolo?

Elinor olhou para ele mais espantada que nunca. Começou a pensar que devia estar embriagado, pois era a única justificativa para uma visita como esta, para agir desta maneira. E com esta impressão, colocou-se imediatamente de pé e disse:

– Mr. Willoughby, eu o aconselho a voltar à Combe... Não disponho de mais tempo para permanecer aqui com o senhor. Qualquer que seja o assunto que deseje falar comigo, será melhor se recompor e me explicar amanhã.

– Compreendo-a – respondeu ele, com um sorriso expressivo e a voz perfeitamente calma. – Sim, estou muito embriagado... Um copo de cerveja preta e uma porção de rosbife que comi em Marlborough[1], foi o suficiente para me transtornar.

– Em Marlborough! – exclamou Elinor, entendendo cada vez menos o que ele desejava.

– Sim, deixei Londres por volta das oito horas desta manhã, e os únicos dez minutos que passei fora da minha carruagem, desde então, foram para fazer uma refeição em Marlborough.

A firmeza de seus modos e a inteligência de seus olhos enquanto falava, convenceram Elinor que qualquer que fosse a loucura imperdoável

que o trouxera a Cleveland, não era consequência de sua embriaguez. Após um momento de reflexão disse:

– Mr. Willoughby, o senhor deve sentir, assim como eu sinto... que depois de tudo o que se passou... Sua vinda aqui, desta maneira, impondo-me sua presença, exige uma justificativa muito especial. Que pretende com isto?

– O que pretendo – disse ele, sério e enérgico – se é que posso, é fazer com que me odeie menos do que *agora*. Meu objetivo é oferecer-lhe algum tipo de explicação, alguma desculpa, pelo ocorrido no passado. Quero abrir-lhe meu coração, e convencê-la de que, embora eu tenha sido um cabeça-dura, nem sempre fui um canalha, e desta forma, obter algo parecido com o perdão de Ma... de sua irmã.

– Este é o real motivo de sua visita?

– Juro por minha alma que é verdade – foi sua resposta, dita com um fervor que fez Elinor se lembrar do antigo Willoughby, e a despeito de si mesma, acreditou que ele estava sendo sincero.

– Se isto é tudo, pode se sentir satisfeito, pois Marianne... Ela já o perdoou há muito tempo.

– É verdade? – exclamou ele, com a mesma ansiedade. – Então ela me perdoou antes do tempo. Mas me perdoará outra vez, e desta vez por motivos muito mais racionais. *Agora* me escutará?

Elinor concordou com a cabeça.

– Eu não sei – disse ele, após uma pausa de expectativa da parte de Elinor e de meditação da parte dele – como considerou meu comportamento para com sua irmã, ou qual motivo diabólico me terá imputado. Talvez não consiga pensar bem de mim, porém, vale a pena tentar, e deve ouvir tudo. No começo de minha amizade com sua família, eu não tinha nenhuma outra intenção, nenhum outro interesse além de passar momentos agradáveis durante minha forçada estadia em Devonshire, mais agradáveis do que eu já vivenciara antes. Sua irmã, sendo uma pessoa adorável e de maneiras atrativas, não podia deixar de me encantar; e seu comportamento para comigo, desde o princípio foi... É espantoso, quando penso como tudo aconteceu, como *ela* me tratava, que meu coração tivesse sido tão insensível! Mas primeiramente devo confessar que isto só

aumentou minha vaidade. Sem preocupar-me com a felicidade de Marianne, pensando apenas em minha própria diversão, permitindo-me sentimentos que sempre tive o hábito de cultivar em minha vida, esforcei-me de todas as maneiras para tornar-me agradável a ela, sem nenhuma intenção de corresponder ao seu afeto.

Miss Dashwood, neste momento, olhando-o com desprezo, interrompeu-o dizendo:

– Não vale a pena, Mr. Willoughby, continuar o seu relato, ou para eu continuar escutando-o. Tal começo não vai levá-lo a nada... Não me faça sofrer ao ter que ouvir mais alguma coisa sobre o assunto.

– Eu insisto em que ouça tudo o que tenho a dizer – ele respondeu.  
– Minha fortuna nunca foi grande, e eu sempre fui perdulário, sempre tive o costume de envolver-me com pessoas de rendimentos superiores aos meus. Desde a maioridade, ou até mesmo antes, acredito que aumentava minhas dívidas ano após ano, na crença de que a morte de minha prima, Mrs. Smith, viesse a me liberar de algumas delas; mas esse era um evento incerto, e talvez muito distante, por isso, durante algum tempo, tive a intenção de restabelecer minha situação casando-me com uma mulher de fortuna. Portanto, unir-me a sua irmã, era algo impensável. E por me encontrar em um estado de mesquinhez, egoísmo, crueldade... que nem mesmo um olhar de indignação ou desprezo, nem mesmo o seu olhar, Miss Dashwood, poderia censurar-me o suficiente, eu agia com o propósito de conquistar o afeto de Marianne, sem intenções de correspondê-lo. Mas uma coisa digo em meu favor: mesmo neste horrendo estado de egoísta vaidade, eu não sabia a extensão do dano que causaria, porque até *então* não sabia o que era amar. Mas, alguma vez eu soube o que é o amor? Talvez seja duvidoso, se eu realmente a amasse teria sacrificado meus sentimentos à vaidade ou à avareza? Ou, o que é pior, teria sacrificado os dela? Mas acabei fazendo isso. Para evitar uma pobreza relativa, da qual seu afeto e sua companhia teriam me compensado de todos os horrores, eu consegui, elevando-me à fortuna, perder tudo o que a tornaria uma benção.

– Então – disse Elinor, já mais calma – o senhor sentiu algo por ela durante algum tempo?

– Ter resistido a tais atrativos, ter resistido a tanta ternura! Que homem no mundo teria conseguido? Sim, pouco a pouco, sem dar-me conta,

vi-me sinceramente apaixonado por ela, e as horas mais felizes de minha vida foram as que passei ao seu lado, quando sentia que minhas intenções eram totalmente honradas e meus sentimentos irrepreensíveis. Mesmo então, porém, quando estava completamente decidido a corresponder aos seus sentimentos, permiti-me, contra todo decoro, adiar, dia após dia, o momento de fazê-lo, por não querer firmar um compromisso enquanto estivesse naquela situação embaraçosa. Não vou justificar isto... nem vou impedi-la de divagar sobre o absurdo, e pior que absurdo, da minha falta de escrúpulo em comprometer minha palavra onde minha honra já estava comprometida. Minhas ações demonstraram o quanto fui completamente tolo, fazendo com que me tornasse desprezível e desgraçado para sempre. Por fim, ao menos minha resolução estava tomada, e eu tinha decidido que, assim que conseguisse ficar a sós com ela, falaria abertamente sobre as atenções que invariavelmente lhe concedia, e lhe garantiria minha afeição, que tanta dor me causava demonstrar. Mas nesse ínterim, em um intervalo de poucas horas, antes que eu tivesse a oportunidade de conversar com Marianne a sós, ocorreu uma circunstância, uma infeliz circunstância, para arruinar toda minha resolução e todo meu bem-estar. Descobriram – neste momento ele hesitou e baixou os olhos. – Mrs. Smith foi informada, de uma forma ou de outra, creio que por algum parente distante, cujo interesse era privar-me de sua herança, sobre um assunto... Uma relação... Bem, não preciso contar muitos detalhes, (ele acrescentou, olhando-a bastante corado e com um olhar inquiridor) pois através de seu amigo íntimo, provavelmente já sabe de toda história há muito tempo.

– Já sei – respondeu Elinor, bastante ruborizada, tentando endurecer seu coração contra qualquer sentimento de compaixão por ele. – Eu já sei de tudo. E como você poderá se eximir de sua culpa nesse assunto terrível, confesso que está além da minha compreensão.

– Lembre-se – exclamou Willoughby – de quem lhe contou. Ele poderia ter sido imparcial? Reconheço que eu deveria ter respeitado a situação e o caráter da moça. Não quero me justificar, mas ao mesmo tempo não quero que você pense que não tive nada para me encorajar... Que, porque ela sofreu, era irrepreensível, e porque fui libertino, *ela* deveria ser considerada uma santa. Se a violência de suas paixões, a fraqueza de seu entendimento... Eu não quero, entretanto, me defender. O afeto dela por

mim merecia melhor tratamento, e eu, às vezes, com grande remorso, lembro-me da ternura que durante um breve momento teve o poder de despertar em mim certa correspondência. Eu desejo... Desejo de todo coração que nunca tivesse feito isso. Mas acabei magoando mais alguém além dela, pois magoei alguém cuja afeição por mim (posso dizê-lo?) era pouco menor do que a dela, e cuja mente... Oh! O quão infinitamente superior!

– Mas sua indiferença, entretanto, em relação àquela infeliz moça... Devo dizer, por mais desagradável que seja para eu discutir tal assunto... Sua indiferença não é desculpa para sua cruel negligência. Não pense que pode se desculpar por nenhuma fraqueza, nenhuma falta de entendimento por parte dela, nada pode desculpar a insensível crueldade que você demonstrou. Você deveria saber que, enquanto se divertia em Devonshire com novos planos, sempre alegre, sempre feliz, ela estava reduzida a mais extrema indignação.

– Mas, dou minha palavra, que *não* sabia de nada – respondeu ele calorosamente; – Eu não me lembro de ter omitido meu endereço para ela, e o simples bom senso deveria tê-la ensinado como me encontrar.

– Bem, senhor, e o que Mrs. Smith disse?

– Imediatamente censurou a ofensa que eu havia cometido, e pode imaginar o quanto fiquei confuso. A pureza de sua vida, seus princípios convencionais, sua ignorância do mundo, tudo estava contra mim. Não podia negar o fato, e qualquer esforço para tentar amenizar a situação foi em vão. Ela estava predisposta a duvidar da moralidade da minha conduta em geral e, além disso, estava descontente com minha pouca atenção, com o pouco tempo que eu lhe dedicava naquela visita. Em poucas palavras, terminou em uma ruptura total. Apenas uma coisa teria me salvado. No mais extremo de sua moralidade, boa mulher!, ela se ofereceu para perdoar o passado se eu me casasse com Eliza. Isso não era possível... e fui formalmente expulso de seus favores e de sua casa. Como tinha que partir na manhã seguinte, à noite, logo após a conversa com Mrs. Smith, refleti sobre qual rumo meu futuro deveria tomar. O esforço foi muito grande... Mas logo terminou. Meu afeto por Marianne, minha certeza de que gostava de mim... foram insuficientes para superar o medo da pobreza, ou para deixar de lado essas falsas ideias sobre a necessidade de riqueza, que tão

naturais me pareciam, e que uma sociedade rica só me fazia engrandecer. Tinha razões para acreditar na aceitação da minha atual esposa, caso optasse por ela, e convenci-me de que não me restava nada mais prudente a fazer. Porém, uma difícil situação me aguardava antes de partir de Devonshire; estava comprometido a jantar em sua casa nesse mesmo dia, portanto, necessitava de uma desculpa para faltar a este compromisso. Custei a decidir se escreveria uma desculpa ou falaria pessoalmente. Sentia que seria terrível ver Marianne, e até mesmo duvidava se poderia vê-la novamente e manter minha decisão. Nesse ponto, entretanto, subestimei minha própria capacidade, como os fatos o provam; pois eu fui, encontrei-a, vi como ficou triste e deixei-a assim mesmo... E a deixei, esperando não vê-la nunca mais.

– Por que foi à nossa casa, Mr. Willoughby? – disse Elinor, reprovando-o. – Um bilhete resolveria tudo. Era necessário ir pessoalmente?

– Era necessário para o meu orgulho. Não suportava deixar o campo permitindo que vocês e o resto dos vizinhos, suspeitassem qualquer coisa do que havia ocorrido entre Mrs. Smith e eu, então decidi parar em sua casa quando estava a caminho de Honiton[2]. Ver sua querida irmã, no entanto, foi realmente terrível, e para piorar as coisas, encontrei-a sozinha. Todas haviam saído, não sei para onde. Na noite anterior eu a deixara, tão decidido e resoluto de que faria a coisa certa! Em poucas horas nós estaríamos comprometidos para sempre, e lembro-me como eu estava feliz, e como estava alegre enquanto voltava do chalé até Allenham, satisfeito comigo mesmo, encantado com todo mundo! Mas neste encontro, o último de nossa amizade, eu a abordei com um sentimento de culpa que quase me tirou toda a capacidade de fingir. Sua dor, sua desilusão, seu profundo arrependimento, quando lhe disse que era obrigado a deixar Devonshire imediatamente... Eu nunca os esquecerei... de tal modo estavam unidos à sua confiança em mim! Oh, Deus! Que canalha sem coração eu fui!

Os dois ficaram em silêncio por alguns momentos. Elinor foi a primeira a falar.

– Disse para Marianne que voltaria logo?

– Eu não sei o que disse a ela – ele respondeu, impacientemente – menos do que exigia o passado, sem nenhuma dúvida, e com toda probabilidade muito mais do que justificava o futuro. Não posso pensar

nisso... Não devo... Depois veio sua gentil mãe me torturar ainda mais com sua bondade e confiança. Graças a Deus que *isso* me torturou. Eu me sentia infeliz! Miss Dashwood, a senhorita não tem ideia do consolo que me dá relembrar minha própria infelicidade. É tão grande o rancor que guardo pela estúpida e vil loucura do meu coração, que todos os meus sofrimentos passados hoje são apenas triunfo e exaltação para mim. Bem, eu parti, deixei para trás tudo o que amava, e fui ao encontro daqueles por quem, na melhor das hipóteses, apenas sentia indiferença. Minha viagem a Londres... em minha própria carruagem, tão entediante, sem ninguém com quem conversar... Que pensamentos alegres... Quando pensava no que me esperava! Quando me lembrava de Barton, que imagem reconfortante... Oh, foi uma viagem abençoada!

Ele parou.

– Muito bem, senhor, isso é tudo? – disse Elinor, que embora sentindo pena dele, estava impaciente por sua partida.

– Ah! Não... Você já se esqueceu do que ocorreu em Londres? Aquela carta infame! Ela lhe mostrou?

– Sim, vi todos os bilhetes que escreveram.

– Quando recebi o primeiro bilhete de Marianne (o que aconteceu imediatamente, pois eu estava na cidade o tempo todo), o que senti foi... como dizem... é impossível de se expressar; em palavras simples... talvez simples demais para despertar alguma emoção... meus sentimentos foram muito, muito dolorosos. Cada linha, cada palavra era... uma adaga no meu coração – em uma vulgar metáfora que tomo emprestada de um de seus mais queridos escritores, que se ela estivesse aqui certamente proibiria. Saber que Marianne estava na cidade era, na mesma linguagem, era um trovão. Trovões e punhaladas! Como ela me repreenderia! Seu gosto, suas opiniões... creio que os conheço melhor que os meus próprios, e com toda certeza os aprecio mais.

O coração de Elinor, que tinha sofrido muitas mudanças durante esta conversa, agora estava mais calmo novamente. Mas ainda assim sentia que era seu dever evitar pelo menos que seu visitante falasse certas coisas.

– Isto não está certo, Mr. Willoughby. Lembre-se que agora é um homem casado. Fale somente aquilo que sua consciência acredita ser



necessário que eu ouça.

– O bilhete de Marianne, assegurando-me que eu ainda lhe era tão querido como antes, que apesar das muitas e muitas semanas que estivemos separados, mantinha-se constante em seus sentimentos, e tão confiante na constância dos meus como sempre, despertou-me um grande remorso. Digo que despertou, porque o tempo e Londres, os negócios e a vida dissipada, de alguma maneira os tinham adormecido e eu me transformara em um vilão completamente endurecido, acreditando que era indiferente a ela e insistindo em acreditar que ela também me era indiferente; dizendo a mim mesmo que nosso compromisso passado era apenas um passatempo, uma coisa à toa, e sacudia os ombros como prova disso, silenciando qualquer censura, passando por cima de qualquer escrúpulo, dizendo-me uma vez ou outra: “Ficarei feliz de todo coração se souber que ela se casou bem”. Mas este bilhete fez com que eu me conhecesse melhor. Senti que a amava muito mais do que qualquer outra mulher no mundo, e que eu estava me comportando de maneira infame. Mas, tudo já estava então acertado entre Miss Grey e eu. Era impossível retroceder. Tudo o que tinha a fazer era evitar encontrar-me com as duas. Não enviei nenhuma resposta para Marianne, tentando evitar que ela tivesse mais notícias minhas, e por algum tempo estava decidido a não visitá-las em Berkeley Street... Mas, finalmente, julgando ser melhor apenas fingir um sentimento de fria e comum amizade que qualquer outra coisa, esperei que saíssem de casa, em uma manhã, e deixei meu cartão.

– Esperou que saíssemos de casa!

– Sim, isso mesmo. Ficaria surpresa se soubesse quantas vezes eu as vi, quantas vezes estive prestes a encontrá-las. Entrei em muitas lojas para evitar que me vissem, enquanto a carruagem passava. Vivendo em Bond Street, não havia quase um dia em que não avistasse uma das duas, e a única coisa que nos manteve separados por tanto tempo foi minha constante observação, e um forte desejo de manter-me longe de seus olhos. Evitava os Middletons tanto quanto possível, assim como qualquer outra pessoa que pudesse ser um amigo em comum. Sem saber que eles estavam na cidade, entretanto, eu topei com Sir John, creio que no dia de sua chegada, que foi o dia seguinte à minha visita à casa de Mrs. Jennings. Ele me convidou para uma festa, um baile em sua casa à noite. Mesmo que *não*

tivesse dito, para convencer-me, que você e sua irmã estariam ali, senti que isso era muito provável para atrever-me a ir. Na manhã seguinte chegou um novo bilhete de Marianne, ainda afetuosa, sincera, ingênua, confiante... Tudo que podia tornar minha conduta mais odiosa. Não pude responder o bilhete. Tentei... Mas não consegui sequer escrever uma frase. Mas pensei em Marianne em cada momento do dia. Se *puder* sentir pena de mim, Miss Dashwood, tenha piedade da situação em que me encontrava *então*. Com minha cabeça e coração cheios de sentimentos por sua irmã, fui forçado a representar o papel de feliz enamorado de outra mulher! Aquelas três ou quatro semanas foram as piores de todas. Bem, finalmente, como não é necessário que o diga, nós nos encontramos. E que doce imagem encontrei! Que noite de agonia foi aquela! De um lado, Marianne bonita como um anjo, dizendo meu nome da maneira mais doce possível! Oh, Deus! Estendendo-me a mão, exigindo uma explicação, com seus belos olhos fixos em mim com tão expressiva solicitude! E Sophia, ciumenta como o demônio, do outro lado, olhando tudo o que... Enfim, o que importa agora, já está tudo acabado. Que noite aquela! Fugí de vocês tão logo pude, porém não antes de ter visto o doce rosto de Marianne branco como a morte. *Essa* foi a última, a última visão que tive dela, o modo como a vi pela última vez. Foi horrível! Mas quando hoje pensei que ela estava realmente morrendo, senti uma espécie de conforto ao imaginar que eu sabia perfeitamente a exata aparência que teria para os que a vissem pela última vez. Ela estava diante de mim, constantemente na minha frente, durante toda a viagem, com o mesmo olhar e a mesma palidez.

Seguiu-se uma breve pausa de mútua reflexão. Willoughby se levantou primeiro, e quebrou o silêncio dizendo:

– Bem, devo apressar-me e ir embora. Tem certeza que sua irmã está melhor, está fora de perigo?

– Temos certeza disso.

– E sua mãe também! Gosta tanto de Marianne.

– Mas e sobre a sua carta, Mr. Willoughby, tem algo a dizer sobre ela?

– Sim, sim, *essa* em particular. Sua irmã escreveu-me novamente, como sabe, na manhã seguinte. Você leu o que ela escreveu. Eu estava

tomando o café da manhã na casa dos Ellisons, e a carta de Marianne me foi entregue, assim como outras que me foram enviadas da minha pousada. Aconteceu de a carta chamar a atenção de Sophia antes de eu mesmo vê-la, e pelo tamanho, pela elegância do papel, a letra, tudo foi motivo para que ela suspeitasse. Já chegara aos seus ouvidos notícias sobre minha relação com uma jovem de Devonshire, e o ocorrido na noite anterior havia indicado quem era a moça em questão, tornando-a mais ciumenta do que nunca. Fingindo aquele ar de brincadeira, que só é delicioso na mulher que se ama, abriu a carta e leu seu conteúdo. Foi bem recompensada por sua imprudência. Leu as palavras que a deixaram infeliz. Eu poderia suportar sua infelicidade, mas sua ira... sua maldade... Tive que acalmá-la de qualquer maneira. E, em suma, o que você acha do estilo de escrita da minha esposa? Não é delicado, terno, verdadeiramente feminino?

– Sua esposa! A carta foi escrita com a sua própria letra!

– Sim, mas meu único mérito foi ter copiado servilmente as sentenças sob as quais tive vergonha de assinar meu nome. A original foi inteiramente dela, foram dela aqueles felizes pensamentos e gentil redação. Mas, o que eu poderia fazer! Estávamos noivos, estavam preparando tudo, a data já estava quase marcada... Mas... Falo como um tolo. Preparações! Data! Falando honestamente, o dinheiro de Sophia me era necessário, e em uma situação como a minha, tinha que fazer qualquer coisa para evitar um rompimento. E, além disso, que importância poderia ter para a opinião de Marianne e de seus amigos sobre o meu caráter, a linguagem em que fora escrita minha resposta? Devia servir apenas a um único propósito. Restava apenas declarar-me um patife, e pouco importava se eu o fizesse educadamente ou de forma grosseira. “Estou completamente arruinado na opinião delas” – foi o que disse a mim mesmo. “Estou banido para sempre de seu convívio, se já pensam que sou um homem sem princípios, esta carta só fará com que pensem que eu seja um canalha.” Estes eram meus pensamentos enquanto, em uma espécie de calma desesperada, copiei as palavras de minha esposa e me separei das últimas relíquias de Marianne. Os três bilhetes que me enviara, infelizmente estavam na minha carteira, ou eu teria negado a existência deles e os teria conservado para sempre. Fui forçado a devolvê-los e nem sequer pude beijá-los. E o cacho de cabelo – também sempre carregava comigo em minha carteira, que agora era

vasculhada pela minha mulher com a mais cativante virulência... Meu querido cacho de cabelos... Tudo, todas as recordações foram arrancadas de mim.

– Está muito enganado, Mr. Willoughby, suas palavras são muito censuráveis – disse Elinor, enquanto sua voz, a despeito de si mesma, traía sua emoção compadecida. – O senhor não tem o direito de falar dessa maneira, não pode falar assim nem de Mrs. Willoughby nem de minha irmã. Fez sua escolha. Não foi forçado. Sua esposa tem direito a sua cortesia, ao seu respeito ao menos. Ela deve gostar de você, caso contrário não teria se casado. Trata-la com indelicadeza, falar dela desrespeitosamente, não repara o dano que fez a Marianne... E acredito que também não alivie sua consciência.

– Não mencione minha esposa – disse ele com um profundo suspiro. – Ela não merece sua compaixão. Sabia que não gostava dela quando nos casamos. Bem, nos casamos, fomos a Combe Magna para sermos felizes, e depois voltamos a Londres para nos divertirmos. E agora, tem pena de mim, Miss Dashwood? Ou eu disse tudo isso em vão? Em sua opinião, sou, mesmo que seja um pouco, menos culpado do que antes? Minhas intenções nem sempre foram erradas. Justifiquei em parte minha culpa?

– Sim, você certamente removeu uma pequena parte da culpa. De um modo geral, provou ser menos culpado do que eu pensava. Demonstrou que seu coração é menos perverso, muito menos perverso. Mas é difícil saber... A dimensão da infelicidade que você causou, acho difícil pensar que poderia ter sido pior.

– Quando sua irmã se recuperar, irá contar-lhe tudo o que eu lhe disse? Por favor, permita que ela tenha uma melhor opinião a meu respeito, assim como a senhorita agora tem. Disse-me que ela já me perdoou. Permita-me acreditar que um melhor conhecimento de meu coração, de meus sentimentos atuais, conseguirá dela um perdão mais espontâneo, mais natural, mais gentil, menos superior. Conte-lhe sobre minha infelicidade e meu arrependimento, diga-lhe que meu coração nunca lhe foi infiel, e se desejar, diga-lhe que neste momento ela me é tão querida como sempre o foi.

– Eu direi a Marianne tudo o que for necessário para que, relativamente, possa ser chamado de sua justificativa. Mas você ainda não me explicou qual foi o motivo de sua visita, nem me disse como soube de sua doença.

– Ontem à noite, no saguão de Drury Lane[3], encontrei-me com Sir John Middleton, e quando ele viu quem era – foi nosso primeiro encontro nestes dois meses – dirigiu-me a palavra. Que ele tivesse me cortado de suas relações desde o meu casamento, não me deixou surpreso nem ressentido. Agora, entretanto, com sua boa, honesta e estúpida alma, cheio de indignação contra mim, e muito preocupado com sua irmã, não pôde resistir à tentação de contar-me o que achava necessário... embora ele provavelmente não tivesse pensado... que me afetaria terrivelmente. Contou-me, tão bruscamente como pôde, que Marianne Dashwood estava à beira da morte por causa de uma febre infecciosa em Cleveland... Uma carta enviada por Mrs. Jennings naquela manhã declarava o perigo eminente, e os Palmers já haviam se mudado, etc... O golpe foi demasiadamente forte para que pudesse fingir insensibilidade, mesmo diante de um homem tão pouco perspicaz quanto Sir John. Seu coração se abrandou ao ver o quanto eu sofria, e uma boa parte de sua má vontade passou, pois quando nos despedimos ele quase apertou minha mão, enquanto lembrava-me de uma antiga promessa que lhe fizera de lhe presentear com um filhote de pointer. O que senti ao ouvir que sua irmã estava morrendo... E morrendo acreditando que eu era o maior canalha do mundo, desprezando-me, odiando-me em seus últimos momentos... Como saber quais terríveis planos não me teria imputado? *Uma* pessoa, estava certo, seria capaz de apresentar-me como capaz de tudo... O que senti foi terrível! Rapidamente tomei uma decisão, e hoje às oito da manhã já estava em minha carruagem. Agora sabe de tudo.

Elinor não respondeu. Seus pensamentos estavam silenciosamente fixos no dano irreparável que uma independência muito precoce e os consequentes hábitos de ociosidade, dissipação e luxo fizeram na mente, no caráter, e na felicidade de um homem que possuía todas as vantagens pessoais e de talento, unidas a uma disposição naturalmente sincera e honesta e a um temperamento sensível e afetuoso. O mundo o tornara extravagante e vaidoso... A extravagância e a vaidade o tornaram frio e

egoísta. A vaidade, que o levara a buscar seu próprio triunfo culposo à custa de outrem, envolveu-o em uma afeição de verdade, a qual a extravagância, ou pelo menos sua consequência, a necessidade, havia exigido que sacrificasse. Cada um de seus defeitos, ao conduzi-lo ao mal, também o conduziram ao castigo. O afeto, que contra toda honra, contra todo sentimento, contra qualquer um de seus melhores interesses, arrancara de si, agora, quando não lhe era mais permitido, dominava todos os seus pensamentos. E a união, pela qual, sem o menor escrúpulo, deixara sua irmã à mercê do infortúnio, revelava-se para ele uma fonte de infelicidade de natureza muito mais incurável. De um devaneio como esse, após alguns minutos, Elinor foi chamada a realidade por Willoughby, que, despertando de um devaneio pelo menos tão doloroso quanto o dela, se preparava para sair, e disse:

– Não adianta ficar mais aqui, devo ir embora.

– Voltará a Londres?

– Não, irei a Combe Magna. Tenho negócios lá, e em um ou dois dias seguirei para Londres. Adeus.

Ele estendeu-lhe a mão. Elinor não poderia recusar-lhe a sua... Willoughby apertou-a com afeição.

– E agora *pensa* um pouco melhor a meu respeito? – disse ele, soltando sua mão e apoiando-se na proteção da lareira, como se tivesse esquecido que estava prestes a ir embora.

Elinor garantiu-lhe que sim, que o perdoava, tinha pena dele, e lhe desejava o bem... Inclusive desejava que fosse feliz... E acrescentou alguns conselhos gentis sobre como obter esta felicidade. A resposta de Willoughby não foi muito animadora.

– Quanto a isto – disse – viverei como puder. A felicidade doméstica está fora de questão. Se, entretanto, tiver o direito de pensar que você e sua família têm interesse em minha sorte e em meus atos, pode ser uma maneira... Pode colocar-me em guarda... Pelo menos, será um motivo pelo qual viver. Certamente Marianne está perdida para sempre. Mas se, por algum motivo abençoado, eu estiver livre novamente...

Elinor interrompeu-o com uma censura.

– Bem – ele respondeu – mais uma vez digo adeus. Agora devo partir e viver aterrorizado por um evento.

– O que quer dizer?

– O casamento de sua irmã.

– Você está muito enganado. Ela não poderia estar mais perdida para o senhor do que está agora.

– Mas ela será ganha por outro. E se esse outro for o mesmo que, entre todos os homens, considero o mais insuportável... Mas não permaneceréi, para não perder toda a sua compassiva boa vontade, mostrando que a quem mais feri, é quem menos posso perdoar. Adeus! Deus a abençoe!

E com estas palavras, ele saiu quase correndo da sala.

[1] Cidade localizada no condado de Wiltshire, antigamente era o caminho que ligava Bath a Londres, sendo o caminho mais utilizado.

[2] Cidade situada próxima ao Rio Otter, a 32 quilômetros de Exeter no condado de Devon. (N. T.)

[3] Famoso teatro inglês, localizado em Westminster. O teatro foi inaugurado em 1663, tendo sido reconstruído três vezes. (N. T.)

## CAPÍTULO 45

Durante um bom tempo depois da partida de Willoughby, inclusive depois que o som da carruagem se esvaiu, Elinor permaneceu bastante abatida por um turbilhão de ideias, muito diferentes entre si, mas cujo resultado geral era a tristeza, a ponto de sequer pensar em sua irmã.

Willoughby, o próprio Willoughby que apenas meia hora atrás era odiado por ela como o mais desprezível dos homens, e que, apesar de todos os seus defeitos, despertou nela certa compaixão pelos sofrimentos por ele mesmo provocados; e que agora a faziam pensar nele – separado para sempre de sua família – com uma espécie de ternura e pena, que eram, como ela própria admitia, mais pelos seus desejos que por seus méritos. Sentiu que a influência dele sobre ela se via aumentada por circunstâncias que não deviam significar nada para ela: sua aparência singularmente atrativa, seus modos francos e afetuosos que não constituía mérito algum possuir; e por ainda sentir um amor ardente por Marianne, que nem mesmo era inocente permitir-se. Mas sentia que ainda estava longe, bem longe de sentir essa influência diminuir.

Quando finalmente voltou para junto de Marianne, que de nada sabia, encontrou-a despertando, renovada por um longo e doce sono, tal como havia esperado. O coração de Elinor estava pesado. O passado, o presente, o futuro, a visita de Willoughby, ver Marianne a salvo, a expectativa da chegada de sua mãe, a deixaram tão agitada que a impediam de sentir-se fatigada, e a tornavam apenas temerosa de trair-se perante a irmã. Entretanto, ficou preocupada por pouco tempo, pois cerca de meia hora após a partida de Willoughby, foi novamente chamada ao andar de baixo pelo barulho de outra carruagem. Ansiosa por evitar que sua mãe sofresse com um suspense desnecessário, correu imediatamente para o hall e alcançou a porta bem a tempo de recebê-la e ampará-la na entrada.

Mrs. Dashwood, cujo terror à medida que se aproximavam da casa lhe dera quase a certeza de que Marianne já havia morrido, não teve voz para perguntar por ela, nem mesmo para falar com Elinor. Mas *esta*, sem esperar cumprimentos nem perguntas, deu-lhe imediatamente a feliz



notícia e sua mãe, recebendo-a com o habitual entusiasmo, no momento seguinte estava transbordando de felicidade, tanto quanto antes sofrera por seus temores. Ela foi conduzida até a sala de estar por sua filha e seu amigo; e lá, derramando lágrimas de felicidade, embora ainda incapaz de dizer algo, abraçou Elinor várias vezes, separando-se dela apenas para apertar a mão do Coronel Brandon, com olhares que expressavam ao mesmo tempo sua gratidão e a certeza de estar compartilhando com ele a alegria daquele momento. Porém, ele a compartilhava em um silêncio ainda maior que o dela.

Assim que Mrs. Dashwood se recuperou, seu primeiro desejo foi ver Marianne; e em dois minutos já se encontrava ao lado da filha amada, a quem a ausência, a infelicidade e o perigo tornaram ainda mais querida. O prazer de Elinor ao ver o que cada uma delas sentia ao se encontrarem foi refreado apenas pelo temor de estarem roubando a Marianne algumas horas de sono. Mas Mrs. Dashwood poderia estar calma, poderia ser prudente, quando a vida de uma filha estivera em perigo? E Marianne, satisfeita em ver a mãe ao seu lado, consciente de ainda estar muito fraca para conversarem, se submeteu prontamente ao silêncio e ao descanso que lhe recomendavam todas as pessoas ao seu redor. Mrs. Dashwood insistiu em velar o sono da filha durante toda a noite, e Elinor, obedecendo ao pedido de sua mãe, foi se deitar. Mas o descanso que parecia tão necessário, depois de uma noite em claro e de muitas horas da mais exaustiva ansiedade, foi impedido pela exaltação de seu ânimo. Willoughby, “pobre Willoughby”, como ela mesma agora se permitia chamá-lo, estava constantemente em seus pensamentos; preferia não ter ouvido sua defesa, e ora se culpava, ora se redimia por tê-lo julgado com tanta dureza. Mas sua promessa de contar tudo à irmã também era muito dolorosa. Temia fazê-lo, temia os efeitos que poderia exercer sobre Marianne; duvidava até que, depois de tal explicação, ela pudesse ser feliz com outro, e por um momento desejou que Willoughby ficasse viúvo. Então, lembrando-se do Coronel Brandon, censurou-se a si mesma, sentindo que *seus* sofrimentos e sua constância, muito maiores do que os de seu rival, mereciam ter Marianne como recompensa e desejou qualquer coisa menos a morte de Mrs. Willoughby.

O choque causado em Mrs. Dashwood pela mensagem que o Coronel Brandon levava a Barton foi reduzido pelo seu próprio alarme

anterior, pois tão grande era a sua preocupação com Marianne, que já havia decidido ir até Cleveland naquele mesmo dia, sem esperar por mais nenhuma informação; e os preparativos de sua viagem estavam tão avançados antes da chegada do Coronel, que esperava os Careys a qualquer momento para levarem Margaret, pois sua mãe não queria levá-la onde havia perigo de infecção.

Marianne continuou se recuperando a cada dia, e a radiante alegria no semblante e no ânimo de Mrs. Dashwood demonstravam que ela era, tal como disse repetidas vezes, uma das mulheres mais felizes do mundo. Elinor não podia ouvir essa declaração, nem testemunhar suas provas, sem às vezes imaginar se sua mãe alguma vez se lembrou de Edward. Porém, Mrs. Dashwood, confiando no relato tranquilo de Elinor a respeito de sua própria decepção, permitiu que a exuberância de sua alegria a levasse a pensar somente no que podia fazer para aumentá-la. Marianne lhe fora restituída de um perigo no qual ela contribuía para colocá-la, como agora começava a sentir, com seu próprio julgamento errôneo encorajando a filha à infeliz ligação com Willoughby; e sua recuperação tinha ainda outro motivo de alegria, no qual Elinor não havia pensado. Então lhe contou assim que teve uma oportunidade de conversar a sós com a filha.

– Finalmente estamos a sós. Minha querida Elinor, você ainda não sabe da minha maior felicidade! Coronel Brandon ama Marianne. Ele mesmo me disse.

Elinor, sentindo-se ora contente, ora pesarosa, ora surpresa ora não, ouvia atenta e em silêncio.

– Você nunca será como eu, querida Elinor, não sei como consegue manter sua compostura em um momento como esse. Se alguma vez tivesse parado para pensar no que seria melhor para minha família, teria concluído que o casamento do Coronel Brandon com uma de vocês era o mais desejável. E eu acredito que Marianne será mais feliz com ele do que você.

Elinor estava um pouco tentada a perguntar-lhe porque ela acreditava que seria assim, sabendo que não poderia dar-lhe razão alguma, que tudo se sustentava em considerações imparciais sobre a idade, o caráter ou os sentimentos deles, mas a mãe sempre se deixava levar por sua

imaginação em todos os assuntos que a interessavam e, assim, em vez de perguntar, apenas sorriu.

– O Coronel Brandon abriu-me seu coração ontem enquanto viajávamos. Foi meio que ao acaso, não houve premeditação. Eu, como você pode imaginar, não podia falar de nada que não fosse relacionado à minha filha; e ele não conseguia disfarçar sua preocupação. Vi que a angústia dele era igual à minha, e ele, talvez pensando que uma mera amizade, tal como são as coisas hoje, não poderia justificar uma simpatia tão ardente – ou talvez, sem pensar em nada, como suponho – dando vazão a sentimentos irresistíveis, confessou-me sua profunda, terna e constante afeição por Marianne. Ele já a amava, querida Elinor, desde o primeiro momento em que a viu.

Neste ponto Elinor percebeu que aquelas palavras não eram nem a linguagem, nem as declarações do Coronel Brandon, mas os floreios naturais da imaginação de sua mãe, que embelezava tudo que lhe agradasse.

– Seu afeto por ela, que sobrepassa infinitamente tudo que Willoughby sentiu ou fingiu sentir, por mais cálido, mais sincero e mais constante que seja – como quer que o chamemos – sobreviveu até ao conhecimento da infeliz predileção de Marianne por aquele jovem sem valor! E sem egoísmo, sem alimentar esperanças! Como pôde vê-la feliz com outro? Que nobreza de espírito! Que franqueza, que sinceridade! Ninguém pode se enganar com *ele*.

– O caráter de Coronel Brandon – disse Elinor – como de um excelente homem, é algo que ninguém tinha dúvidas.

– Eu sei disso – respondeu sua mãe seriamente –, pois depois de tal aviso eu seria a última pessoa a encorajar tal amor ou mesmo a ficar contente com ele. Mas do jeito que ele veio a mim, como o fez, com uma amizade tão ativa e solícita, é prova suficiente de que é um homem de grande valor.

– Seu caráter, entretanto – respondeu Elinor – não se baseia apenas em *um* gesto de bondade, ao qual seu afeto por Marianne, se deixarmos de lado seu espírito humanitário, o teria conduzido. Mrs. Jennings, os Middletons, faz tempo que o conhecem intimamente; eles o respeitam e o amam da mesma forma. Inclusive por mim, embora só o tenha conhecido

recentemente, é bastante considerado; e tenho-o em tão alta estima e o valorizo tanto, que se Marianne acredita que pode ser feliz com ele, estarei tão disposta como a senhora a pensar que essa amizade é para nós a maior bênção do mundo. Que resposta deu a ele? Permitiu que tivesse esperanças?

– Oh! Meu amor, eu não poderia falar de esperanças nem para ele nem para mim. Marianne podia estar morrendo nesse momento. Mas ele não pediu que eu lhe desse esperanças ou que o animasse. O que ele fez foi uma confiança involuntária, um desabafo irrepreensível a uma amiga... não um pedido a uma mãe. Embora no começo eu me sentisse muito abalada, depois de certo tempo eu disse que se ela sobrevivesse, como eu acreditava que iria, a minha maior felicidade seria promover o casamento dos dois; e desde a nossa chegada, desde que tivemos certeza de que ela está a salvo, tenho-lhe repetido isso diversas vezes, tenho lhe dado todo tipo de encorajamento que posso. Algum tempo, só um pouco mais de tempo, disse a ele; tudo vai se resolver. O coração de Marianne não deve ser desperdiçado para sempre com um homem como Willoughby. Os próprios méritos do Coronel logo a conquistarão.

– A julgar pelo ânimo do Coronel, porém, a senhora não conseguiu torná-lo muito otimista.

– Não. Ele acredita que o amor de Marianne está demasiadamente arraigado para que possa sofrer alguma mudança por um longo tempo; e mesmo supondo que seu coração esteja novamente livre, não confia o suficiente em si para pensar que, com tanta diferença de idade e temperamento, ele possa atraí-la. Neste ponto ele está bastante equivocado. A diferença de idades é uma vantagem, pois fortalece seu caráter e princípios; e quanto ao seu jeito de ser, estou convencida que é exatamente a pessoa certa para fazer sua irmã feliz. E a sua pessoa, as suas maneiras, também estão a favor dele. Minha parcialidade não me cega; é verdade que ele não é tão bonito quanto Willoughby, mas ao mesmo tempo, existe algo muito mais agradável em seu semblante. Você se lembra que sempre havia algo nos olhos de Willoughby que, às vezes, eu não gostava?

Elinor *não* lembrava daquilo; mas sua mãe, sem esperar que ela concordasse, continuou:

– Os seus modos, os modos do Coronel não somente são mais agradáveis para mim do que os de Willoughby jamais foram, como também

são de um tipo que eu sei que chamará mais a atenção de Marianne. Sua gentileza, sua atenção genuína com as outras pessoas e sua simplicidade máscula e espontânea está muito mais de acordo com o jeito de ser de sua irmã, do que a vivacidade muito vezes artificial e inoportuna do outro. Tenha plena certeza que se Willoughby tivesse se revelado tão amável como se mostrou o contrário disso, Marianne nunca teria sido tão feliz com *ele*, como ela será com o Coronel Brandon.

Ela calou-se. Sua filha não estava totalmente de acordo com ela, mas sua discordância não foi ouvida e, portanto, não a ofendeu.

– Em Delaford, ela estará muito perto de mim – acrescentou Mrs. Dashwood – mesmo se eu permanecer em Barton. E muito provavelmente, já que soube que essa vila é muito grande, certamente *deve* haver uma casinha ou um chalé por perto que possa nos acomodar tão bem como nossa atual moradia.

Pobre Elinor! Ali estava um novo esquema para levá-la a Delaford! Mas seu espírito era obstinado.

– E a fortuna do Coronel! Porque na minha idade, você sabe, todos se preocupam com *isso*; e embora eu não saiba e nem queira saber o quanto ele realmente tem, estou certa que é uma boa quantia.

Nesse momento elas foram interrompidas pela entrada de uma terceira pessoa, e Elinor se retirou para refletir sobre tudo aquilo, para desejar sucesso ao seu amigo e, ainda que o desejasse, sentia um aperto no coração por Willoughby.

## CAPÍTULO 46

A doença de Marianne, apesar de debilitante, não foi tão longa a ponto de tornar lenta sua recuperação; e sua juventude, sua energia natural, e a presença da mãe a facilitaram de tal maneira, que passados apenas quatro dias da chegada de Mrs. Dashwood, Marianne pôde ser instalada no quarto de vestir de Mrs. Palmer. Ao chegar lá, ela mesma solicitou que chamassem o Coronel Brandon, pois estava impaciente para lhe agradecer por ter ido buscar sua mãe.

Tal foi sua emoção ao entrar no quarto, ao ver as feições alteradas de Marianne e receber a pálida mão que ela imediatamente lhe estendeu, que levou Elinor a pensar que a grande emoção que ele demonstrou devia ter origem em algo mais do que seu afeto por Marianne, ou a consciência de que os outros sabiam de seus sentimentos; e logo Elinor descobriu na melancolia de seus olhos e na mudança do seu semblante quando ele olhava para sua irmã, a provável lembrança de cenas de angústia passadas em sua mente, trazidas de volta pela semelhança, já reconhecida, entre Marianne e Eliza, agora fortalecida pelos olhos fundos, a pele sem brilho, pela postura de prostração e pelo caloroso agradecimento por um favor especial.

Mrs. Dashwood, não menos atenta do que a filha ao que se passava, mas com a mente influenciada por ideias bem diferentes, e esperando, portanto, efeitos bem diferentes, não viu nada no comportamento do Coronel Brandon que não viesse das mais simples e evidentes sensações, enquanto nas ações e palavras de Marianne persuadiu-se a pensar que já havia nascido algo maior que uma simples gratidão.

Ao final de um ou dois dias, com Marianne recuperando-se visivelmente a cada doze horas, Mrs. Dashwood, impulsionada tanto por seus próprios desejos como pelos desejos da filha, começou a falar em voltar a Barton. Dessas medidas dependiam seus dois amigos: Mrs. Jennings que não poderia sair de Cleveland durante a estadia das Dashwood e o Coronel Brandon, que obedecendo ao pedido unânime de todas elas, logo foi levado a considerar sua própria estadia lá como certa e igualmente indispensável. A pedido dele e de Mrs. Jennings, Mrs. Dashwood foi convencida a aceitar a

carruagem dele na viagem de volta a casa, para a comodidade de sua filha doente; e o Coronel, diante do convite conjunto de Mrs. Dashwood e de Mrs. Jennings, cuja bondade a tornava gentil e hospitaleira tanto para os outros quanto para si própria, comprometeu-se com prazer a ir buscar de volta a carruagem em uma visita ao chalé, dentro de poucas semanas.

O dia da separação e da partida chegou; e Marianne, depois de uma especial e demorada despedida de Mrs. Jennings, tão cheia de gratidão, tão cheia de respeito e desejos de felicidade, vindos do fundo do seu coração devido ao secreto conhecimento de sua antiga falta de atenção para com a senhora, disse adeus ao Coronel Brandon com a cordialidade de uma amiga, e subiu na carruagem cuidadosamente ajudada por ele, que parecia empenhado em que ela ocupasse pelo menos a metade do espaço. Mrs. Dashwood e Elinor entraram em seguida, deixando os outros ali, a conversar sobre as viajantes, já sentindo o desalento que os invadia, até que Mrs. Jennings voltou à sua cadeira para se reconfortar da perda das suas jovens amigas com as fofocas da criada; e o Coronel Brandon, logo em seguida, seguiu seu caminho solitário para Delaford.

As Dashwoods viajaram por dois dias, e Marianne suportou a viagem sem se fatigar muito. Tudo que a mais zelosa afeição, o mais solícito cuidado podiam fazer para tornar-lhe a viagem mais confortável era executado pelas atenciosas acompanhantes, e ambas se viram recompensadas por seu bem-estar físico e sua tranquilidade de espírito. Para Elinor era particularmente gratificante observar essa tranquilidade. Depois de observar, semana após semana, o constante sofrimento de Marianne, de vê-la com o coração oprimido por uma angústia que ela não tinha nem a coragem de expressar, nem a força necessária para ocultar, agora via nela, com uma satisfação que ninguém mais poderia igualmente compartilhar, uma aparente serenidade que, se fosse, como ela esperava, o resultado de uma reflexão, com o tempo poderia trazer-lhe contentamento e alegria.

De fato, ao se aproximarem de Barton, passando por lugares onde cada campo, cada árvore lhe trazia alguma lembrança peculiar e dolorosa, ela ficou silenciosa e pensativa, e, virando o rosto para que não a vissem, olhava fixamente pela janela. Mas Elinor não pôde se admirar ou culpá-la por aquilo; e quando ela percebeu, ao ajudar Marianne a sair da carruagem,

que ela estivera chorando, considerou essa emoção bastante natural em si mesma para despertar uma resposta menos terna que a piedade e, dada a discricção com que se manifestara, achou a atitude de Marianne muito louvável. Em todo seu comportamento subsequente percebeu os indícios de uma mente disposta a um esforço razoável, pois assim que entraram na sala de estar, Marianne olhou à sua volta com uma expressão firme e decidida, como se estivesse resolvida a se acostumar de imediato à vista de cada objeto que poderia ser associado à lembrança de Willoughby. Ela falou pouco, porém cada sentença era cheia de alegria, e mesmo que ocasionalmente desse um suspiro, sempre o compensava com um sorriso. Depois do jantar ela tentaria tocar piano. Marianne foi até o instrumento; mas a primeira música sobre a qual seus olhos se fixaram foi uma ópera, um presente de Willoughby, contendo alguns de seus duetos favoritos e que trazia na primeira página seu próprio nome escrito com a letra dele. Aquela não servia. Marianne balançou a cabeça, deixou a partitura de lado e após dedilhar o instrumento durante um minuto, queixou-se de que seus dedos estavam fracos e fechou-o novamente, declarando, entretanto, com toda firmeza, que deveria praticar muito no futuro.

A manhã seguinte não trouxe abatimento a esses felizes sintomas. Ao contrário, com a mente e o corpo igualmente fortalecidos pelo descanso, seus gestos e palavras pareciam genuinamente animados, antecipando o prazer do retorno de Margaret, e falava de seu querido grupo familiar agora recomposto, de suas ocupações comuns e da sua alegre companhia como a única felicidade digna de ser desejada.

– Quando o tempo melhorar, e eu tiver recuperado minhas forças – disse ela – faremos longas caminhadas juntas todos os dias. Vamos caminhar até a fazenda no sopé da colina e ver como estão as crianças; podemos caminhar pelas novas plantações de Sir John em Barton Cross e Abbeyland. Talvez possamos ir até as ruínas antigas do priorado, e tentaremos explorar suas fundações até onde nos disseram que chegavam antigamente. Sei que seremos felizes. Sei que o verão vai passar alegremente. Pretendo não me levantar nunca depois das seis e desde essa hora até o jantar repartirei cada instante entre a música e a leitura. Tenho meus planos, e estou determinada a seguir meus estudos seriamente. Já conheço nossa biblioteca muito bem para recorrer a ela por algo mais que



simples entretenimento. Mas há muitas obras que valem à pena ler em Barton Park, e outras mais modernas que posso pedir emprestado ao Coronel Brandon. Lendo apenas seis horas por dia, certamente em um ano terei conquistado um bom nível de instrução, que agora sinto que me faz falta.

Elinor elogiou-a por um plano tão nobre como esse; apesar de sorrir ao ver a mesma fantasia ansiosa que a levava aos maiores extremos de lânguida indolência e descontentamento egoísta, agora a serviço de levar a termo um esquema de tão racional ocupação e virtuoso autocontrole. Seu sorriso, porém, mudou para um suspiro ao lembrar-se que ainda não tinha cumprido a promessa que fizera a Willoughby, e temeu ter que comunicar algo que outra vez poderia alterar a mente de Marianne, e destruir, pelo menos por um tempo, esta grata perspectiva de tranquilidade. Desejosa, pois, de adiar o momento fatal, resolveu esperar até que a saúde da irmã estivesse mais firme, para que pudesse fazer a confissão. Mas a decisão foi tomada apenas para não ser cumprida.

Marianne permaneceu em casa por dois ou três dias, antes que o tempo estivesse bom o suficiente para que uma convalescente como ela pudesse se aventurar a sair. Mas por fim o dia amanheceu suave e maravilhoso, capaz de tentar os desejos da filha e a confiança da mãe; e Marianne, apoiando-se no braço de Elinor, foi autorizada a passear o quanto pudesse sem se cansar, no caminho em frente da casa.

As irmãs partiram em um passo lento, exigido pela fraqueza de Marianne, em um exercício que não tentara desde que caíra doente, e haviam se afastado de casa apenas o suficiente para ter uma visão completa da colina, a grande colina situada atrás da casa, quando pousando nela os olhos, Marianne disse calmamente:

– Ali, foi exatamente ali – apontando com mão –, foi ali que caí e encontrei Willoughby pela primeira vez.

Sua voz sumiu quando disse o nome, mas imediatamente revigorando-se, acrescentou:

– Como estou contente por descobrir que posso contemplar esse lugar com tão pouca dor! Será que podemos falar sobre esse assunto, Elinor?

– disse com voz vacilante. – Ou não será bom? Espero poder falar disso agora, como eu sempre quis.

Elinor convidou-a, ternamente, a ser franca.

– Quanto ao ressentimento – disse Marianne –, isso já passou, pelo menos no que diz respeito a *ele*. Não quero falar-lhe do que foram meus sentimentos por ele, mas do que são *agora*. No momento, se eu puder me satisfazer em uma questão, se puder pensar que nem *sempre* ele estava representando um papel, não estava *sempre* me enganando... Mas, acima de tudo, se pudesse ter certeza de que nem sempre ele foi tão perverso quanto os meus medos me fizeram imaginar, desde que ouvi a história daquela pobre moça...

Ela calou-se. Elinor recebeu com alegria suas palavras enquanto dizia:

– Se você pudesse ter certeza disso, ficaria tranquila?

– Sim. Minha paz de espírito está duplamente envolvida nisso, pois não só é horrível suspeitar que uma pessoa, que significou para mim tanto como ele, seja capaz de tais atos... mas, o que devo pensar de mim mesma?... Em uma situação como a minha, nada além de um afeto vergonhosamente indiscreto poderia me expor...

– Então – perguntou a irmã – como você explica seu comportamento?

– Eu pensaria que ele... oh, como eu ficaria feliz em pensar que ele é apenas muito volúvel, muito volúvel.

Elinor não disse mais nada. Debatia-se internamente sobre a conveniência de começar sua história imediatamente ou adiá-la até que Marianne estivesse mais forte, e seguiram caminhando lentamente durante alguns minutos em silêncio.

– Eu não estou lhe desejando um grande bem – disse finalmente Marianne com um suspiro – quando desejo que seus pensamentos íntimos não lhe sejam mais ingratos do que os meus. Ele sofrerá bastante com eles.

– Você compara a sua conduta com a dele?

– Não, eu a comparo ao que devia ter sido, comparo com a sua.

– Nossas situações não têm muita semelhança.

– São mais parecidas do que se parecem nossos comportamentos. Não deixe, minha querida Elinor, que sua bondade defenda o que seu julgamento censura. Minha doença fez-me pensar, deu-me tempo e calma para meditar com seriedade sobre as coisas. Muitos antes de eu estar em condições de falar, já podia perfeitamente refletir. Eu pensei sobre o passado: tudo o que vi em meu próprio comportamento, desde o início de nossa amizade com ele no outono passado, foi uma série de imprudências contra mim mesma e de falta de gentileza com os demais. Vi que meus próprios sentimentos prepararam meus sofrimentos, e que minha falta de força para enfrentá-los quase me levou ao túmulo. Minha doença, eu bem sei, foi inteiramente provocada por mim mesma, consequência de tal negligência com minha saúde, que mesmo naquela ocasião sentia estar errada. Se eu tivesse morrido, seria autodestruição. Não soube do perigo em que havia me colocado até que esse perigo desapareceu; mas com os sentimentos que essas reflexões me trouxeram, admirava-me de minha recuperação, admirava-me que a mesma intensidade da minha ânsia de viver, para ter tempo de arrependê-lo diante de Deus e de todas vocês, não me tivesse matado de imediato. Se eu tivesse morrido, em que terrível tristeza havia de deixá-la, Elinor, a você que foi minha enfermeira, minha amiga, minha irmã! Você, que tinha visto todo o irritante egoísmo dos meus últimos dias, que conhecia todos os segredos do meu coração! Como iria viver em *sua* lembrança? E minha mãe também! Como você poderia consolá-la? Não consigo expressar com palavras o quanto me odiei. Cada vez que olhava para o passado, via algum dever que negligenciei ou alguma falta que deixei passar. Todos pareciam ofendidos por mim. A gentileza de Mrs. Jennings, sua incessante gentileza, eu havia respondido com um ingrato desprezo. Com os Middletons, com os Palmers, com as Steeles, e até com os conhecidos eu tinha sido insolente e injusta; meu coração estava insensível aos seus méritos e meu temperamento irritado com suas atenções. A John e Fanny, sim, mesmo a eles, por pouco que mereçam, concedi ainda menos do que eu devia. Mas você, você acima de todos, mesmo de nossa mãe, você foi ofendida por mim. Eu, somente eu, conhecia seu coração e suas mágoas, e ainda assim me influenciaram? Não, não me tornou mais compassiva, beneficiando a mim ou a você. Eu tinha seu exemplo bem na minha frente, mas, de que me serviu? Tive mais consideração com você e com seu bem-estar? Imitéi sua indulgência, ou aliviei as suas obrigações, assumindo

algumas dessas mostras de complacência ou gratidão particular, que recaíram sobre você sozinha? Não, nem quando sabia que você estava infeliz, ou quando acreditava que estava bem, eu assumi qualquer esforço que o dever ou a amizade exigiam; dificilmente admitindo que a dor existisse para alguém além de mim, e lamentando somente *aquela* coração que havia me abandonado e enganado, deixei você, a quem eu professava uma afeição sem limites, ser infeliz por minha causa.

Aqui cessou o rápido fluxo de seu espírito de reprovação; e Elinor, impaciente por aliviar a irmã, embora sincera demais para fazer lisonjas, deu-lhe imediatamente os elogios e o apoio que sua franqueza e arrependimento tão bem mereciam. Marianne apertou sua mão e respondeu:

– Você é muito boa. O futuro deve ser minha prova. Já elaborei meu plano, e se for capaz de cumprir-lo chegarei ao domínio dos meus sentimentos e melhorarei meu temperamento. Não serei mais motivo de preocupação para os outros, nem tormento para mim mesma. Agora viverei unicamente para minha família. Você, minha mãe e Margaret, de agora em diante, serão todo o meu mundo, todo meu afeto será dedicado a vocês. Nunca mais terei desejo de afastar-me de vocês e de nossa casa; e se eu frequentar outras companhias, será apenas para mostrar que meu espírito é humilde, meu coração restaurado, e que posso exercer as menores obrigações da vida social com gentileza e paciência. E quanto a Willoughby, seria vão dizer que logo ou que algum dia o esquecerei. Nenhuma modificação das circunstâncias ou das opiniões poderá vencer as recordações que tenho dele. Mas estarão dominadas e refreadas pela religião, pela razão, pelo trabalho constante.

Ela fez uma pausa, e acrescentou em voz baixa:

– Se ao menos eu pudesse conhecer *seu* coração, tudo seria mais fácil.

Elinor, que agora já estava refletindo sobre a conveniência ou inconveniência de aventurar-se a fazer seu relato de imediato, sem se sentir mais decidida do que no começo, ouviu estas palavras; percebeu que, como a reflexão não produzira nenhum resultado, a resolução podia acertar tudo, e viu-se logo a expor os fatos conhecidos.

Conseguiu fazer o relato, como esperava, com habilidade; preparou a ansiosa ouvinte com cuidado; relatou com simplicidade e honestidade os pontos principais em que Willoughby sustentava sua defesa; fez justiça ao seu arrependimento e atenuou apenas as declarações de que ainda a amava. Marianne não disse uma palavra. Tremia, os olhos estavam fixos no chão, os lábios mais brancos do que quando esteve doente. Brotavam muitas perguntas de seu coração, mas não se atrevia a fazer nenhuma. Escutou cada sílaba com avidez; sua mão, sem que se desse conta, apertou forte a da irmã e as lágrimas cobriram seu rosto.

Elinor, temendo que ela estivesse cansada, conduziu-a em direção a casa e, até chegarem à porta do chalé, facilmente imaginando como a irmã estaria curiosa, embora nenhuma pergunta fosse feita, falou apenas de Willoughby e da conversa que tiveram. Foi cuidadosa ao contar cada detalhe do que haviam falado e de seu semblante, desde que pudessem ser revelados com segurança. Assim que entraram na casa, Marianne a beijou com gratidão e apenas articulando essas palavras em meio ao choro, “conte à mamãe”, se separou da irmã e subiu lentamente as escadas. Elinor não queria perturbar uma solidão tão razoável como a que ela buscava agora, e prevendo ansiosamente seus possíveis resultados, decidida a tocar no assunto novamente, caso Marianne não conseguisse fazê-lo, entrou na sala de estar para cumprir o seu último mandato.

## CAPÍTULO 47

Mrs. Dashwood não ouviu impassível a defesa de seu antigo favorito. Alegrou-se por vê-lo absolvido de parte da culpa que lhe era imputada, sentia pena dele, desejava que fosse feliz. Mas os sentimentos do passado não poderiam ser revividos. Nada poderia restituí-lo com uma fé inabalável e um caráter sem mácula perante Marianne. Nada poderia fazer desaparecer o conhecimento do que ela havia sofrido por sua causa, nem eliminar a culpa de seu comportamento com Eliza. Nada poderia devolvê-lo, portanto, ao lugar que ocupava em sua estima, nem prejudicar os interesses do Coronel Brandon.

Se, como sua filha, Mrs. Dashwood tivesse ouvido a história diretamente dos lábios de Willoughby, se tivesse sido testemunha de sua angústia e tivesse experimentado a influência de seu olhar e de suas atitudes, provavelmente sua compaixão teria sido maior. Mas não estava ao alcance de Elinor, nem, tampouco, era sua intenção, despertar tais sentimentos nas outras pessoas com uma explicação detalhada, como inicialmente acontecera com ela própria. A reflexão trouxera tranquilidade ao seu juízo e moderara sua própria opinião sobre os méritos de Willoughby. Ela desejava, portanto, dizer somente a verdade e deixar claro certos fatos que realmente poderiam ser atribuídos ao seu caráter, sem floreios de ternura que pudessem despertar a imaginação.

À noite, quando as três estavam juntas, Marianne começou, voluntariamente, a falar dele novamente. Mas não foi sem esforço, e mostrou claramente a agitada e intranquila preocupação em que antes estivera mergulhada desde algum tempo; o rubor na face aumentava e a voz estava vacilante.

– Desejo assegurar-lhes – disse ela – que vejo tudo como vocês querem que eu veja.

Mrs. Dashwood a teria interrompido imediatamente, com consoladora ternura, se Elinor, que realmente desejava escutar a opinião imparcial de sua irmã, não lhe fizesse um sinal, com certa ansiedade, para que ela permanecesse calada. Marianne continuou lentamente:

– O que Elinor me contou esta manhã, foi um grande alívio para mim, ouvi exatamente o que eu desejava ouvir.

Por alguns momentos sua voz sumiu, mas recuperou-se... E com calma maior do que antes, ela acrescentou:

– Estou bastante satisfeita, não desejo que nada mude. Eu nunca poderia ser feliz com ele, depois de saber tudo isto – cedo ou tarde eu saberia. Teria perdido toda a confiança, toda estima que sentia. Nada poderia evitar que eu sentisse isso.

– Eu sei disso, eu sei – exclamou sua mãe. – Ser feliz com um homem de práticas libertinas! Com um homem que tirou a paz do mais querido de nossos amigos e o melhor dos homens! Não, a minha Marianne não tem um coração que possa ser feliz com um homem assim! Sua consciência, sua sensível consciência, teria sentido tudo aquilo que a consciência de seu marido deveria ter sofrido.

Marianne suspirou e repetiu:

– Não desejo que nada mude.

– Você está considerando a questão, disse Elinor, exatamente como uma pessoa de mente capaz e bom entendimento deveria considerar; e atrevo-me a dizer que você encontrará, assim com eu, não apenas nesta, mas em muitas outras circunstâncias, motivos suficientes para se convencer de que o casamento com Willoughby lhe traria muito mais inquietudes e desilusões, e teria pouco apoio de um afeto que, da parte dele, seria muito incerto. Se vocês tivessem se casado, teriam sido pobres para sempre. Até ele mesmo reconhece que faz gastos excessivos, e toda sua conduta indica que abnegação é uma palavra que ele não conhece. As demandas de Willoughby e sua inexperiência, Marianne, acrescidos de uma renda tão, tão pequena, colocariam vocês em apuros que, por serem completamente desconhecidos ou impensáveis antes, nem por isso lhe seriam *menos* penosos. *Seu* senso de honra e honestidade a teriam levado, bem sei, ao dar-se conta de sua situação, a tentar todas as possibilidades de economia que lhe parecessem possíveis; e talvez, enquanto a frugalidade afetasse apenas o seu próprio conforto, você poderia ter sido capaz de praticá-la, ainda que sofresse, mas, se fosse além disso... E quão pouco poderia fazer, até o maior de seus esforços isolados, para deter uma ruína que havia começado antes

do seu casamento? Além disso, se você tivesse tentando, mesmo que do modo mais sensato, reduzir as diversões dele, não seria de se temer que, ao invés de vencer os próprios sentimentos egoístas para consentir com tal sugestão, você veria diminuída a influência que tivesse sobre o coração dele, e o faria se arrepender da união que o envolveu em tantas dificuldades?

Os lábios de Marianne tremeram, e ela repetiu a palavra “Egoísta?” em um tom que indagava, “acha mesmo que ele seja egoísta?”.

– Todo seu comportamento, respondeu Elinor, desde o início até o final do relacionamento, foi baseado no egoísmo. Foi o egoísmo que primeiramente o fez brincar com seus sentimentos. Foi o que, logo depois, quando os próprios sentimentos dele já estavam comprometidos, o fez adiar a confissão do que sentia e, por último, foi o que o fez partir de Barton. Seu próprio prazer ou sua própria tranquilidade foram sempre, em cada ponto, os princípios que guiaram sua conduta.

– Isso é bem verdade. Minha felicidade nunca foi o objetivo dele.

– No momento – continuou Elinor – ele se arrepende do que fez. E por que se arrepende? Porque descobriu que aquilo não foi bom para ele e não o fez feliz. Já não tem problemas econômicos, não sofre com isso, e apenas pensa que se casou com uma mulher de temperamento menos amável que o seu. Mas, será que ele estaria feliz se tivesse se casado com você? As dificuldades seriam diferentes. Ele teria sofrido com as dificuldades financeiras que agora não tem, por isso não dá a menor importância. Teria tido uma esposa de cujo temperamento não poderia se queixar, mas teria vivido sempre necessitado, sempre pobre; e provavelmente em pouco tempo teria aprendido a valorizar muito mais as inumeráveis comodidades de uma bela propriedade e de uma boa renda para a felicidade no lar, do que o mero temperamento de uma esposa.

– Eu não tenho dúvidas disto – disse Marianne – e não me arrependo de nada, nada além da minha imprudência.

– Basta dizer que a imprudência é de sua mãe, minha filha, *eu* sou a responsável – disse Mrs. Dashwood.

Marianne não a deixaria prosseguir e Elinor, satisfeita ao ver que as duas perceberam seus próprios erros, desejava evitar todo tipo de análise



do passado que pudesse fazer o espírito de sua irmã fraquejar; e foi logo retomando o primeiro assunto:

– Creio que apenas *uma* conclusão justa pode ser tirada de toda a história: que todos os problemas de Willoughby surgiram da primeira ofensa contra a moral, no seu comportamento com Eliza Williams. Esse crime foi a origem de todos os outros menores, e de toda a sua atual insatisfação.

Marianne concordou de todo coração com aquela observação, e sua mãe foi levada por ela a uma enumeração dos sofrimentos e dos méritos do Coronel Brandon, com um calor que só a amizade e um objetivo, juntos, poderiam ditar. Sua filha, porém, não parecia ter prestado muita atenção.

Elinor, de acordo com sua expectativa, viu, nos dois ou três dias seguintes, que Marianne não continuou a recuperar suas forças como antes, mas enquanto sua determinação estivesse intacta, e ela ainda tentasse parecer alegre e tranquila, sua irmã poderia confiar, sem receios, que o tempo a curaria.

Margaret voltou e a família estava reunida novamente na tranquilidade do chalé e, se não continuaram seus estudos habituais com a mesma energia de quando haviam recém chegado a Barton, ao menos tinham intenções de retomá-los vigorosamente no futuro.

Elinor começou a ficar impaciente por não receber notícias de Edward. Não soubera mais nada sobre ele desde que deixaram Londres. Nada novo sobre seus planos, nada certo sobre sua atual residência. Havia trocado algumas cartas com o irmão, por causa da doença de Marianne, e a primeira que John enviou continha a frase: “Não sabemos nada a respeito de nosso desafortunado Edward e não podemos fazer perguntas a respeito de um tema proibido, mas acreditamos que ele esteja em Oxford”. Essa foi toda a informação que a correspondência lhe proporcionou sobre Edward, pois em nenhuma das cartas posteriores seu nome foi mencionado. Entretanto, ela não estava condenada a permanecer na ignorância por muito tempo.

Em uma manhã, o empregado da casa foi enviado a Exeter com alguns negócios para resolver. Assim que voltou, enquanto servia à mesa, respondia as perguntas de sua patroa a respeito de seus afazeres, quando fez um comentário voluntário:

– Creio que a senhora já sabe que Mr. Ferrars se casou.

Marianne teve um violento sobressalto, fixou os olhos em Elinor, viu como ela ficou pálida e histérica, reclinando-se na cadeira. Mrs. Dashwood, cujos olhos intuitivamente seguiram a mesma direção enquanto respondia a indagação do criado, sentiu um forte impacto ao perceber no semblante de Elinor o quanto ela sofria, e no momento seguinte, igualmente preocupada com a situação de Marianne, não sabia a qual das filhas deveria acudir primeiro.

O criado, que viu apenas que Miss Marianne estava doente, foi bastante sensato para chamar uma das criadas, que, com a ajuda de Mrs. Dashwood, a conduziram para outro cômodo. Àquela altura, Marianne estava melhor, e sua mãe, deixando-a sob os cuidados de Margaret e da criada, voltou ao encontro de Elinor, que embora estivesse muito descomposta, havia recuperado o uso da razão e da voz o suficiente para começar a interrogar Thomas sobre a fonte daquela informação. Mrs. Dashwood imediatamente se encarregou de tal tarefa e Elinor pôde beneficiar-se da informação sem o esforço de ter que pedi-la.

– Quem lhe disse que Mr. Ferrars está casado, Thomas?

– Eu vi, senhora, com meus próprios olhos esta manhã em Exeter, Mr. Ferrars com sua esposa, Miss Steele como era chamada. Eles estavam parando a carruagem em frente à hospedaria New London, quando entrei com uma mensagem de Sally, de Barton Park, para seu irmão, que trabalha como carteiro. Aconteceu de eu olhar para a carruagem e ver que era a mais jovem das Steeles, então eu tirei o chapéu, ela me reconheceu, me chamou e perguntou pela senhora, pelas moças e especialmente por Miss Marianne, além de encarregar-me de trazer-lhe os cumprimentos dela e de Mr. Ferrars, suas melhores saudações, e o quanto lamentavam não terem tempo para visitá-las, pois tinham pressa em seguir a viagem, porque lhes faltava um bom trecho para percorrer, mas, de todo modo, quando eles estivessem de volta, deram-me certeza de vir ver a senhora.

– Mas ela lhe contou que estava casada, Thomas?

– Sim, senhora. Ela sorriu, e disse como havia mudado de sobrenome desde a última vez que esteve por estes lados. Sempre foi uma

jovem muito amistosa e sincera, e muito bem educada. Então, tomei a liberdade de desejar-lhe felicidades.

– Mr. Ferrars estava com ela na carruagem?

– Sim, senhora, eu o vi sentado ali dentro, no entanto, sequer levantou os olhos. O cavalheiro nunca foi de conversar muito.

O coração de Elinor podia facilmente explicar porque ele não havia se mostrado, e Mrs. Dashwood provavelmente imaginou a mesma razão.

– Não havia mais ninguém na carruagem?

– Não, senhora, somente os dois.

– Você sabe de onde vinham?

– Eles vinham de Londres, pelo que Miss Lucy... Mrs. Ferrars me contou.

– Estavam indo para oeste?

– Sim, senhora, mas não vão se demorar muito. Logo estarão de volta e passarão por aqui.

Mrs. Dashwood neste momento olhou para a filha, mas Elinor sabia muito bem que não deveria esperar por essa visita. Reconheceu Lucy inteira na mensagem, e tinha bastante certeza de que Edward não se aproximaria delas. Em voz baixa comentou com a mãe que eles deveriam estar a caminho da casa de Mr. Pratt, perto de Plymouth.

Thomas parecia ter terminado de contar as novidades. Elinor olhou para ele como se esperasse ouvir mais.

– Você os viu partir antes de voltar para casa?

– Não, senhora, estavam acabando de tirar os cavalos, mas eu não podia me demorar mais, estava preocupado em não me atrasar.

– Mrs. Ferrars parecia bem?

– Sim, senhora, ela me disse o quanto se sentia bem; para mim ela sempre foi uma jovem bonita e parecia bastante contente.

Mrs. Dashwood não pôde pensar em mais nada para perguntar, assim, tanto Thomas quanto a toalha de mesa agora pareciam desnecessários, portanto foram logo em seguida dispensados. Marianne já havia avisado que não iria comer mais nada. Mrs. Dashwood e Elinor

perderam o apetite e Margaret podia dar-se por satisfeita, pois, apesar das inúmeras inquietações que ambas as irmãs haviam experimentado ultimamente, com tantas razões para não se preocuparem com as refeições, ela nunca havia sido obrigada a ficar sem jantar.

Quando serviram a sobremesa e o vinho e Mrs. Dashwood e Elinor ficaram a sós, permaneceram muito tempo juntas, ambas meditando em silêncio. Mrs. Dashwood não se atreveu a fazer nenhuma observação nem se arriscou a oferecer consolo. Dava-se conta agora de que havia se equivocado ao confiar na representação de Elinor e concluiu com justiça que tudo havia sido amenizado na época, para poupá-la de uma infelicidade maior, considerando o quanto estava sofrendo por Marianne. Descobriu que a cuidadosa e considerada atenção da filha a levava ao engano de pensar que o afeto, que um dia havia compreendido tão bem, era na realidade muito menos sério do que acreditava, ou do que agora ficara provado. Temia que, ao se convencer daquilo, tivesse sido injusta, desatenta ou até indelicada com sua querida Elinor; pois a aflição de Marianne, que era mais evidente, mais patente aos seus olhos, havia absorvido demais a sua ternura, levando-a a quase se esquecer de que Elinor poderia estar sofrendo tanto quanto ela, porém com menos demonstrações de dor e maior coragem.

## CAPÍTULO 48

Elinor havia descoberto a diferença entre a expectativa de um evento desagradável, por mais certo que a razão o considere, e a certeza do fato em si. Havia descoberto que, mesmo contra a vontade, sempre tivera a esperança, enquanto Edward permanecesse solteiro, de que algo aconteceria para evitar que ele se casasse com Lucy; que alguma resolução dele mesmo, alguma mediação dos amigos, ou uma oportunidade mais interessante para Lucy se estabelecer, acabaria surgindo para a felicidade de todos. Mas agora ele estava casado e ela culpou seu próprio coração por essa fantasia secreta, que aumentava ainda mais a dor da notícia.

No começo, surpreendeu-se um pouco de que ele houvesse se casado tão cedo, antes (segundo ela imaginava) de sua ordenação e, conseqüentemente, antes de tomar posse de seu benefício na casa paroquial. Mas logo ela percebeu o quanto era provável que Lucy, cuidando de seus próprios interesses e ansiosa por garanti-lo para si, correria qualquer risco, menos o risco do adiamento. Eles estavam casados, casaram-se em Londres, e agora iam para a casa do tio dela. O que sentiu Edward ao estar a menos de sete quilômetros de Barton, ao ver o empregado de sua mãe, ao escutar a mensagem de Lucy!

Supôs que eles logo se estabeleceriam em Delaford. Delaford – o lugar pelo qual tantos conspiravam para despertar seu interesse, um lugar que queria conhecer e também evitar. Rapidamente imaginou os dois na casa paroquial, viu Lucy como uma administradora ativa, ao mesmo tempo unindo o desejo de elegância com a maior frugalidade, e envergonhada de que suspeitassem de metade das suas práticas econômicas; em busca de seus próprios interesses em cada pensamento, cortejando os favores do Coronel Brandon, de Mrs. Jennings e de cada um de seus amigos mais abastados. Elinor não sabia muito bem como veria Edward, nem o que queria ver... feliz ou infeliz... nada lhe agradava. Afastou de sua mente qualquer pensamento sobre ele.

Elinor tinha a ilusão de que algum de seus conhecidos de Londres lhe escreveria para anunciar o casamento, e dar-lhe mais detalhes, porém, os

dias se passaram e nenhuma carta chegou, nenhuma notícia. Ainda que não estivesse certa de que alguém fosse culpado, criticava cada um de seus amigos ausentes. Todos eram desatenciosos ou indolentes.

– Quando a senhora vai escrever ao Coronel Brandon, mamãe? – foi a pergunta que brotou de sua mente, impaciente para saber mais informações.

– Eu escrevi para ele semana passada, meu amor, e antes espero vê-lo do que receber notícias suas outra vez. Eu insisti para que nos visitasse, e não ficaria surpresa ao vê-lo chegar aqui hoje, amanhã ou outro dia qualquer.

Isto já era algo que podia se esperar. Coronel Brandon tinha que ter informações para dar.

Mal acabava de concluir tal coisa, quando a figura de um homem a cavalo atraiu seus olhos para a janela. Ele parou no portão. Era um cavalheiro, era o próprio Coronel Brandon. Agora ela poderia saber mais notícias, e tremeu ao imaginá-lo. Mas *não* era o Coronel Brandon... não tinha seu porte, nem sua altura. Se fosse possível, diria que devia ser Edward. Voltou a olhar. O homem acabara de descer do cavalo... Não podia se enganar... *Era* Edward. Elinor se afastou e procurou um lugar para sentar. “Ele vem da casa de Mr. Pratt com o propósito de nos ver. *Tenho* que ficar calma, *hei* de me controlar”.

Elinor logo percebeu que as outras também estavam cientes do engano. Viu Marianne e sua mãe corarem, viu que olhavam para ela e sussurravam algo entre si. Daria tudo no mundo para poder falar e fazê-las compreender que esperava que não demonstrassem a menor frieza ou menosprezo para com ele. Mas não conseguiu falar e foi obrigada a contar com o discernimento da mãe e das irmãs.

Não trocaram uma sílaba entre si. Esperaram em silêncio que o visitante aparecesse. Escutaram seus passos ao longo do caminho de cascalho, em um momento estava no corredor, e no momento seguinte estava diante delas.

O semblante dele, quando entrou na sala, não era muito feliz, até mesmo para Elinor. Estava pálido de agitação e parecia temeroso da forma como seria recebido, consciente de não merecer uma acolhida amável. Mrs.

Dashwood, entretanto, conformando-se com o que ela acreditava ser o desejo de sua filha, aquela por quem ansiava, de coração, ser guiada em todas as coisas, o recebeu com um olhar de alegria forçada, estendeu-lhe a mão e desejou-lhe felicidades.

Ele corou e murmurou uma resposta ininteligível. Os lábios de Elinor haviam se movido junto com os de sua mãe, e quando o momento de agir já havia passado, desejou ter lhe dado a mão também. Mas já era tarde demais e, com uma expressão no rosto que pretendia ser sincera, ela sentou-se novamente e começou a falar sobre o tempo.

Marianne, tentando ocultar sua aflição, retirara-se da vista dos demais o mais rápido possível, e Margaret, entendendo em parte o que ocorria, mas não por completo, pensou que sua obrigação era comportar-se dignamente, portanto sentou-se o mais longe possível de Edward e manteve o mais estrito silêncio.

Quando Elinor terminou de alegrar-se com o clima seco da estação, sucedeu-se uma horrível pausa. Ela foi quebrada por Mrs. Dashwood, que se sentiu obrigada a desejar que Mrs. Ferrars estivesse gozando de boa saúde. Apressadamente ele respondeu que sim.

Outra pausa.

Elinor, decidindo fazer um esforço, embora temesse ouvir o som da própria voz, disse:

– Mrs. Ferrars está em Longstaple?

– Longstaple! – respondeu ele, surpreso. Não, minha mãe está em Londres.

– Eu referia-me – disse Elinor, pegando um trabalho manual que estava sobre a mesa – a Mrs. Edward Ferrars.

Ela não ousou levantar os olhos, mas sua mãe e Marianne olharam para ele. Edward ficou vermelho, parecia perplexo, olhou com um olhar de dúvida e, após hesitar um pouco, disse:

– Talvez se refira ao meu irmão, talvez queira dizer Mrs. Robert Ferrars.

– Mrs. Robert Ferrars! – Marianne e sua mãe repetiram bastante assustadas.

E embora Elinor não pudesse falar, *seus* olhos estavam fixos em Edward com a mesma admiração impaciente. Ele se levantou da cadeira, caminhou até a janela, aparentemente sem saber o que fazer; pegou uma tesoura que estava por ali, e enquanto cortava alguns pedaços da bainha que a guardava, disse, com voz apressada:

– Talvez vocês não saibam... ou não devem ter ouvido que meu irmão se casou recentemente... com a mais nova... com Miss Lucy Steele.

As palavras dele foram repetidas com assombro indescritível por todas elas menos Elinor, que continuou sentada com a cabeça inclinada sobre seu trabalho, em um estado de agitação tão grande que ela mal sabia dizer onde estava.

– Sim – disse ele – eles se casaram na semana passada, e estão agora em Dawlish.

Elinor não conseguia mais ficar sentada. Saiu quase correndo da sala, e assim que a porta foi fechada, rompeu em lágrimas de tamanha felicidade que, a princípio, ela pensou que não fossem mais parar. Edward, que neste momento olhava para qualquer outra parte menos para ela, viu-a correr pela porta, e talvez tenha notado, ou até mesmo ouvido, a sua emoção; pois logo em seguida ele caiu em um devaneio que nenhum comentário, nenhuma pergunta, nenhuma palavra gentil de Mrs. Dashwood pôde interromper. E finalmente, sem dizer uma palavra, deixou a casa e caminhou em direção à vila, deixando as outras completamente estupefatas e perplexas diante de uma mudança tão maravilhosa e repentina em sua situação – perplexidade que não conseguiam atenuar, a não ser por meio de suas próprias conjecturas.



## CAPÍTULO 49

Porém, por mais inexplicáveis que parecessem a toda família as circunstâncias de sua liberação, o certo é que Edward estava livre; e todas perceberam facilmente em que ele poderia utilizar essa liberdade: após experimentar os benefícios de *um* compromisso imprudente, contraído sem o consentimento de sua mãe, como fora o caso por mais de quatro anos, depois do fracasso *deste*, nada mais se poderia esperar do que a imediata contração de outro.

O motivo de ele estar em Barton, de fato, era simples. Era apenas para pedir Elinor em casamento, e considerando que não era totalmente inexperiente no assunto, pode parecer estranho que tenha se sentido tão desconfortável nesta ocasião, como na verdade se sentia, sempre necessitado de encorajamento e de ar fresco.

Não é necessário, porém, contar em detalhes com que presteza ele decidiu tomar aquela resolução, quão rápido viu a oportunidade de colocá-la em prática, de que maneira se expressou e como foi recebido. A única coisa importante a dizer é que, quando todos se sentaram à mesa às quatro horas, cerca de três horas depois de sua chegada, ele já havia conseguido a mão de sua amada, o consentimento de Mrs. Dashwood, e não apenas professava o discurso arrebatado do enamorado, como também, na realidade da razão e da verdade, se considerava o mais feliz dos homens. De fato, sua alegria era maior do que o comum. Tinha mais do que o triunfo normal do amor correspondido para fazer transbordar seu coração e elevar seu ânimo. Estava livre de seu compromisso, sem nenhuma culpa de sua parte, livre de um embaraço que há muito tempo o fazia infeliz, de uma mulher que há muito tempo já não amava – e, ao mesmo tempo, encontrara segurança junto de outra, na qual ficava pensando quase com desespero, desde o momento em que começou a desejá-la. Fora trazido, não da dúvida ou da incerteza, mas da desgraça para a felicidade; e essa mudança era abertamente expressa com uma alegria tão genuína, tão transbordante, tão agradecida, como suas amigas nunca haviam conhecido.

Seu coração agora estava aberto para Elinor, confessou todas as suas fraquezas, todos os seus erros, e tratou seu primeiro amor infantil por Lucy com toda a dignidade filosófica de seus vinte e quatro anos.

– Foi uma inclinação boba e inútil de minha parte – disse ele – consequência da ignorância do mundo e da falta de ocupação. Se minha mãe tivesse me oferecido uma profissão ativa, assim que fiz dezoito anos e fui afastado da tutela de Mr. Pratt, creio... não, tenho certeza de que nada disso jamais teria ocorrido; pois embora tenha deixado Longstaple com o que julgava ser, na época, a mais invencível devoção por sua sobrinha, ainda assim, se eu tivesse qualquer ocupação, qualquer coisa em que ocupar meu tempo e manter-me longe dela por alguns meses, logo teria superado esse amor de fantasia, especialmente se tivesse convivido mais com outras pessoas, como em tal caso eu deveria ter feito. Porém, em vez de ter qualquer coisa para fazer, em vez de ter qualquer profissão escolhida para mim, ou de ter permissão para escolhê-la, voltei para casa e permaneci completamente ocioso. E durante os doze meses seguintes, não tive sequer a ocupação universitária, já que entrei em Oxford somente quando completei dezenove anos. Não tinha, portanto, nada para fazer, a não ser imaginar-me apaixonado. Como minha mãe não criava em minha casa um clima agradável, como eu não tinha amigos, nem sequer a companhia de meu irmão, e também não gostava de conhecer novas pessoas, era natural que fosse com frequência a Longstaple, onde eu sempre me senti em casa, sempre fui bem recebido. Passei ali a maior parte do tempo entre os meus dezoito e dezenove anos de idade. Lucy parecia tudo o que havia de mais amável e gentil. E era bonita também, pelo menos eu pensava assim *naquela* época, e como conhecia tão poucas mulheres, não podia fazer comparações nem ver-lhe defeitos. Portanto, levando tudo em consideração, creio que, por mais insensato que fosse nosso compromisso, por mais insensato que tenha se mostrado desde então, nessa época não foi um ato anormal ou indesculpável.

A mudança que em algumas horas se produzira no espírito e na felicidade das Dashwoods foi tal – tão intensa – que prometia proporcionar a todas elas a satisfação de uma noite em claro. Mrs. Dashwood, feliz demais para sentir-se calma, não sabia como demonstrar seu amor por Edward ou elogiar Elinor o suficiente, não tinha ideia de como ser grata por

vê-lo livre do compromisso sem ser indelicada, nem como oferecer-lhes oportunidade para conversarem livremente e, ao mesmo tempo, desfrutar da presença e companhia de ambos, como era seu desejo.

Marianne podia manifestar *sua* felicidade unicamente através das lágrimas. Surgiriam comparações, pesares também apareceriam, e sua alegria, ainda que tão sincera como seu amor pela irmã, não era de um tipo que lhe trouxesse entusiasmo nem palavras.

Mas e quanto a Elinor, como descrever *seus* sentimentos? Desde o momento em que soube que Lucy havia se casado com outro, que Edward estava livre, até o momento em que ele justificou as esperanças que imediatamente passara a ter, ela sentiu tudo menos tranquilidade. Mas quando o primeiro momento passou, quando viu que todas as suas dúvidas, todas as suas preocupações foram aplacadas, quando pôde comparar sua situação com a dos últimos tempos – e o viu honradamente livre de seu compromisso anterior, e logo aproveitando a oportunidade para dirigir-se a ela e declarar-lhe tão terno afeto, tão constante como ela sempre havia pensando – sentiu-se oprimida e vencida por sua própria felicidade. E apesar da afortunada tendência da mente humana de aceitar rapidamente qualquer mudança para melhor, foram necessárias várias horas para que ela voltasse à serenidade de ânimo e seu coração ficasse tranquilo.

Edward permaneceria no chalé pelo menos por uma semana, pois, quaisquer que fossem suas outras obrigações, era impossível dedicar menos de uma semana a desfrutar da companhia de Elinor – período, aliás, insuficiente para dizer tudo o que deveria ser dito sobre o passado, o presente e o futuro; pois, embora umas poucas horas passadas no duro trabalho de falar sem parar sejam suficientes para esgotar mais assuntos do que os que podem realmente existir em comum entre duas criaturas racionais, já com os enamorados é diferente. Entre *eles* nunca assunto algum se esgota, nenhuma comunicação é de fato feita sem que tenha sido repetida pelo menos vinte vezes.

O casamento de Lucy, a inesgotável e previsível surpresa de todos, foi certamente uma das primeiras conversas entre os enamorados, e o conhecimento particular que Elinor tinha de cada uma das partes fez com que o caso lhe parecesse, de todos os pontos de vista, como uma das circunstâncias mais extraordinárias e inconcebíveis de que já tivera

conhecimento. Como eles puderam se unir e o que atraiu Robert a ponto de levá-lo a se casar com uma moça, de cuja beleza ela mesma o ouvira falar sem qualquer admiração, uma moça já comprometida com seu irmão, e por quem esse irmão havia sido expulso da família, tudo isso era algo que estava além da compreensão de Elinor. Para seu coração era algo maravilhoso, para sua imaginação era algo ridículo, mas para sua razão, seu julgamento, era um perfeito enigma.

Edward poderia apenas tentar explicar com a suposição de que, talvez, depois de um primeiro encontro acidental, a vaidade de um insuflada pela bajulação do outro, levasse pouco a pouco a todo o resto. Elinor lembrou-se do que Robert lhe dissera em Harley Street, da opinião que ele tinha sobre as consequências de sua própria intervenção na vida particular do irmão, se soubesse a tempo. Ela contou para Edward a conversa que tiveram.

– Isso é típico de Robert – foi seu comentário imediato. – E é o que certamente tinha em mente no começo de sua relação com Lucy – acrescentou. – E Lucy, no começo, talvez quisesse apenas conquistar a simpatia de Robert em nosso favor. Quaisquer outros objetivos devem ter surgido depois.

Por quanto tempo aquilo estava acontecendo entre eles, porém, Edward, assim como Elinor, não tinha como saber com certeza, pois já em Oxford, onde escolhera permanecer desde que deixara Londres, não tivera notícias dela, a não ser as que ela mesma lhe enviava. Até o último momento suas cartas não foram nem menos frequentes, nem menos afetuosas do que sempre haviam sido. Por isso, não tinha a menor suspeita, nada o preparou para o que se seguiria. E quando finalmente recebeu a notícia em uma carta da própria Lucy, ele ficou por algum tempo estupefato, entre a surpresa, o horror e a alegria da liberdade recuperada. Colocou a carta nas mãos de Elinor.

*Caro senhor,*

*Com a certeza absoluta de que já perdi seu afeto há muito tempo, senti-me livre para entregar o meu à outra pessoa e não tenho dúvida de que serei tão feliz com ele como pensei um dia que seria feliz com o senhor. Mas recuso-me a aceitar a mão de alguém cujo coração pertence à outra. Sinceramente, desejo que seja feliz em sua escolha, e não será*

*minha culpa se não formos bons amigos, como o nosso próprio parentesco torna apropriado. Sem nenhuma dúvida posso dizer que não lhe tenho rancor, e estou certa de que será bastante generoso para não nos prejudicar. Seu irmão conquistou por completo minha afeição, e como não podemos viver um sem o outro, acabamos de voltar do altar. Agora seguiremos para Dawlish para passar algumas semanas, lugar que seu querido irmão tem grande curiosidade em conhecer, mas pensei que antes deveria incomodá-lo com estas poucas linhas. Permanecerei para sempre*

*Sua sincera amiga e cunhada, que lhe quer bem,*

*Lucy Ferrars.*

*P.S. Queimei todas as suas cartas, e devolverei seu retrato na primeira oportunidade. Por favor, destrua meus rabiscos, mas o anel com minha mecha de cabelos sinta-se à vontade para guardar.*

Elinor leu a carta e devolveu-a sem qualquer comentário.

– Eu não perguntarei sua opinião a respeito da redação da carta – disse Edward. – Por nada no mundo gostaria que lesse uma carta dela em outros tempos. Para uma cunhada já é bastante ruim, mas para uma esposa! Eu creio que posso dizer que desde os primeiros seis meses deste tolo... negócio... esta é a única carta que recebi dela em que o conteúdo compensa, de certa forma, os defeitos de estilo.

– Seja como for que aconteceu – disse Elinor, depois de uma pausa –, é certo que estão casados. E sua mãe recebeu uma punição mais que merecida. A independência financeira concedida a Robert, por ressentimento contra você, deu a ele o poder de escolher por si mesmo. Ela, na verdade, subornou um dos filhos com mil libras anuais para que fizesse a mesma coisa pela qual deserudara o outro filho, que apenas o pretendia. Suponho que dificilmente ficará menos magoada com o casamento de Robert e Lucy do que teria ficado com seu casamento com ela.

– Ela ficará mais magoada, pois Robert sempre foi seu favorito. Há de ficar mais ofendida, mas de acordo com o mesmo princípio, irá perdoá-lo muito mais rápido.

Edward não sabia em que estado estavam as relações entre eles nesse momento, pois não havia tentando nenhuma comunicação com

ninguém da família. Havia deixado Oxford menos de vinte e quatro horas após receber a carta de Lucy, com um único objetivo em mente, ir à Barton. Não teve tempo de traçar nenhum plano de ação ao qual esse caminho não estivesse intimamente ligado. Não poderia fazer mais nada até que soubesse do seu destino com Miss Dashwood, e é de se supor, pela rapidez com a qual buscou esse destino, apesar dos ciúmes que antes tivera do Coronel Brandon, apesar da modéstia com que avaliava seus próprios méritos e da gentileza com que falava de suas dúvidas, em último caso, não esperava uma recepção muito cruel. Era sua obrigação, porém, dizer que *sim* e ele o disse com perfeição. O que ele poderia dizer a respeito deste assunto, um ano mais tarde, é algo que deve ficar na imaginação dos casais.

Para Elinor estava claro que Lucy certamente tentou enganá-la e quis despedir-se com um toque de malícia contra Edward em seu recado trazido por Thomas, e o próprio Edward, vendo agora com toda clareza como era seu caráter, não tinha dúvidas de que ela seria capaz das maiores leviandades. Apesar de seus olhos estarem abertos há muito tempo, mesmo antes de conhecer Elinor, para a ignorância e a falta de liberalidade de algumas de suas opiniões, imputou-as à falta de instrução dela; e até receber sua última carta, sempre acreditara que ela fosse uma moça bem intencionada, de bom coração, e muito apaixonada por ele. Nada senão essa convicção podia impedi-lo de pôr um fim no compromisso que, muito antes de ser descoberto e de tê-lo exposto à raiva da mãe, já era uma fonte contínua de inquietude e arrependimento para ele.

– Eu pensei que fosse meu dever – disse ele – independentemente dos meus sentimentos, dar-lhe a opção de continuar ou não o compromisso, quando minha mãe me deserdou e fiquei aparentemente sem nenhum amigo no mundo que pudesse me ajudar. Em uma situação como essa, em que parecia não haver nada que pudesse servir de tentação à avareza ou à vaidade de nenhuma criatura viva, como poderia supor, quando ela insistiu com tanta intensidade e paixão em compartilhar meu destino, fosse ele qual fosse, que seu motivo fosse algo mais que um afeto desinteressado? E mesmo agora, não consigo entender o que a levou a se comportar dessa maneira ou que vantagem imaginária poderia ter para ela estar ligada a um homem pelo qual não tinha a menor consideração e que tinha apenas duas

mil libras. Ela não podia prever que o Coronel Brandon fosse me dar algum benefício.

– Não, mas ela poderia imaginar que algo bom aconteceria em seu favor, que com o tempo, sua própria família cederia. E em todo caso, não perdeu nada em continuar com o compromisso, pois, como deixou bem claro, não se sentia obrigada por ele nem em seus desejos nem em suas ações. A união era certamente respeitável, e provavelmente a fazia ganhar consideração entre seus amigos e, se nada mais vantajoso acontecesse, seria melhor para ela casar-se com *você* do que ficar solteira.

Edward convenceu-se imediatamente, é claro, que nada podia ser mais natural que o comportamento de Lucy, nem mais evidente que o seu motivo.

Elinor repreendeu-o (com a dureza que as damas sempre utilizam para repreender uma imprudência que lhes serve de cumprimento) por ter ficando tanto tempo com elas em Norland, quando devia ter tido consciência de sua própria inconstância.

– Seu comportamento foi, certamente, muito errado – disse ela –, pois, para não falar de minhas próprias convicções, nossos amigos foram levados a imaginar e a esperar algo que, devido à sua situação na época, não podia acontecer.

Edward só pôde apresentar como desculpa a ignorância de seu próprio coração e uma equivocada confiança na força de seu compromisso.

– Eu era ingênuo a ponto de pensar que, se havia empenhado minha palavra à outra pessoa, não havia perigo em permanecer em sua companhia; e que a consciência do meu compromisso deveria resguardar meus sentimentos, tornando-os tão seguros e sagrados quanto minha honra. Percebi que a admirava, mas dizia a mim mesmo que era apenas amizade, e até começar a fazer comparações entre você e Lucy, eu não sabia até onde esse sentimento poderia ir. Depois disso, suponho que não foi correto permanecer tanto tempo em Sussex, e os argumentos com os quais me reconciliei com a conveniência da minha permanência não eram melhores do que estes: o risco é todo meu, não causei dano a ninguém a não ser a mim mesmo.

Elinor sorriu e balançou a cabeça.

Edward ouviu com prazer que esperavam a visita do Coronel Brandon, pois não apenas desejava conhecê-lo melhor, como também queria ter a oportunidade de convencê-lo de que não estava ofendido por ter-lhe oferecido o benefício de Delaford.

– Pois até hoje – disse ele – com os agradecimentos tão pouco entusiasmados que recebeu de minha parte naquela ocasião, pode continuar acreditando que não o perdoei por ter me oferecido.

*Agora* ele se admirava de nunca ter ido conhecer o lugar. Mas se interessara tão pouco pelo assunto, que devia todo o conhecimento da casa, do jardim, das terras, a extensão da paróquia, as condições das terras e o valor dos dízimos, à própria Elinor, que havia escutado tantas vezes Coronel Brandon dizer, e ouvira com tanta atenção, que tinha completo domínio sobre o assunto.

Depois disso, havia apenas uma questão em aberto entre eles, uma dificuldade a ser vencida. Eles haviam se unido pelo afeto mútuo, com a mais calorosa aprovação de seus verdadeiros amigos e o conhecimento íntimo que tinham um do outro era uma base segura para sua felicidade – só lhes faltavam os meios para conseguir viver. Edward tinha duas mil libras e Elinor mil, as quais, somadas ao rendimento do benefício de Delaford, eram tudo o que tinham de seu, pois parecia impossível que Mrs. Dashwood pudesse lhes adiantar algo, e nenhum deles estava tão apaixonado a ponto de pensar que trezentas e cinquenta libras por ano seriam o suficiente para uma vida confortável.

Edward não perdera completamente as esperanças de alguma mudança favorável da mãe em relação a ele, e confiava *nisso* para obter o restante de suas rendas. Mas Elinor não tinha a mesma confiança, pois como Edward continuava sem poder se casar com Miss Morton e, nas palavras elogiosas dela, Mrs. Ferrars havia se referido à Elinor unicamente como um mal menor do que a escolha de Lucy Steele, temia que a ofensa de Robert só servisse para enriquecer Fanny.

Cerca de quatro dias após a chegada de Edward, Coronel Brandon apareceu, para a satisfação de Mrs. Dashwood, que teve a honra, pela primeira vez desde que fora viver em Barton, de ter mais companhia do que sua casa podia acolher. Edward manteve o privilégio do primeiro a chegar, e o Coronel Brandon, portanto, teve que caminhar a cada noite para seus



antigos aposentos em Barton Park, dos quais voltava a cada manhã, cedo o bastante para interromper a primeira conversa dos enamorados antes do café da manhã.

Depois de três semanas de permanência em Delaford, onde, pelo menos à noite, pouco tinha a fazer senão calcular a desproporção entre trinta e seis e dezessete anos de idade, chegou a Barton em um estado de ânimo tal que, para alegrar-se, precisou de todo o estímulo dos olhares de Marianne, toda gentileza de sua recepção e todo o estímulo das palavras de sua mãe. Entre tais amigos, porém, e tantas amabilidades, pareceu ganhar ânimo novo. Nenhum rumor sobre o casamento de Lucy havia chegado até ele, não sabia nada sobre o ocorrido, e, conseqüentemente, passou as primeiras horas de sua visita escutando e se surpreendendo. Tudo lhe era explicado por Mrs. Dashwood, dando-lhe novos motivos para alegrar-se com o que fizera por Mr. Ferrars, porque acabara resultando em um benefício para os interesses de Elinor.

Seria desnecessário dizer que os cavalheiros avançaram na boa opinião um do outro, à medida que se conheciam melhor, pois não poderia ser de outra maneira. A semelhança de seus bons princípios e bom senso, de humor e de maneira de pensar, provavelmente já seria suficiente para uni-los como amigos sem necessidade alguma de outro atrativo. Mas o fato de estarem apaixonados por duas irmãs, e duas irmãs que se adoravam, tornou inevitável e imediato o afeto mútuo que em outras condições talvez tivesse de esperar pelo efeito do tempo e do discernimento.

As cartas vindas de Londres, que alguns dias antes teriam estremecido cada nervo do corpo de Elinor, agora chegavam para serem lidas com menos emoção do que alegria. Mrs. Jennings escreveu para contar toda a fantástica história, para desabafar sua honesta indignação contra a leviana moça e expressar sua compaixão pelo pobre Edward que, certamente, estava completamente apaixonado por aquela assanhada e, pelos seus cálculos, estava agora em Oxford com o coração despedaçado. A carta continuava assim:

*Creio que ninguém nunca agiu de maneira tão dissimulada, pois apenas dois dias antes Lucy me visitou e ficou umas duas horas comigo. Ninguém suspeitou de nada, nem mesmo Nancy que, pobre criatura! chegou aqui no dia seguinte chorando,*

*terrivelmente alarmada com medo de Mrs. Ferrars e por não ter como chegar a Plymouth, pois Lucy, segundo parece, pediu-lhe emprestado todo o dinheiro antes de casar-se, talvez para poder se exhibir, e a pobre Nancy ficou com apenas sete xelins, então, alegrei-me muito ao dar-lhe cinco guinéus para poder ir a Exeter, onde pensa em passar três ou quatro semanas com Mrs. Burgess, na esperança, como eu lhe disse, de encontrar-se novamente com o reverendo. E devo confessar que o pior de tudo foi a má vontade de Lucy em não levá-la consigo na carruagem. Pobre Mr. Edward! Não consigo tirá-lo de minha cabeça, mas devem convidá-lo para vir a Barton, e Miss Marianne deve tentar consolá-lo.*

O tom de Mr. Dashwood era mais solene. Mrs. Ferrars era a mais desafortunada das mulheres... e a pobre Fanny havia suportado tantas agonias... ele estava agradecido ao ver que não sucumbiram diante de tal golpe. A ofensa de Robert era imperdoável, mas a de Lucy era infinitamente pior. Nunca mais se deveria mencionar o nome dos dois na presença de Mrs. Ferrars, e mesmo se mais tarde ela fosse levada a perdoar o filho, sua esposa jamais seria reconhecida como nora ou seria autorizada a aparecer em sua presença. O segredo com que haviam tratado o assunto entre eles, foi racionalmente considerado como um enorme agravante do crime, porque, se os outros tivessem suspeitado de alguma coisa, teriam tomado medidas para impedir o casamento; e John convidava Elinor a se unir a ele para lamentar que o casamento de Lucy e Edward não tivesse se realizado, pois acabara sendo um meio de espalhar ainda mais a desgraça na família. E continuava assim:

*Mrs. Ferrars nunca mais mencionou o nome de Edward, o que não nos surpreende, mas o que nos assombra muito é não termos recebido sequer uma linha dele sobre o ocorrido. Talvez ele se mantenha calado por receio de ofendê-la e, portanto, vou dar a ele uma sugestão, vou escrever-lhe algumas linhas e enviar a Oxford insinuando-lhe que sua irmã e eu pensamos que uma carta em que demonstre uma submissão adequada, endereçada talvez a Fanny e por ela mostrada à sua mãe, pode não ser levada a mal, já que todos nós conhecemos a ternura do coração de Mrs. Ferrars, que não deseja mais do que estar bem com seus filhos.*

Este parágrafo tinha certa importância para os planos e a conduta de Edward. Ele decidiu tentar uma reconciliação, embora não fosse exatamente da maneira sugerida por seu cunhado e sua irmã.

– Uma submissão adequada! – repetiu Edward – Será que querem que eu peça perdão a minha mãe pela ingratidão de Robert para com *ela* e pela forma como ele ofendeu a *minha* honra? Não posso mostrar nenhuma submissão. O ocorrido não me tornou mais humilde nem mais arrependido. De fato, fez-me muito feliz, mas isso não interessa. Não sei de nenhum gesto de submissão que eu deva realizar.

– Você pode pedir perdão – disse Elinor – porque a ofendeu, e acho que *agora* deveria demonstrar certa preocupação por ter firmado um compromisso que provocou a ira de sua mãe.

Ele concordou que poderia fazê-lo.

– E quando ela o tiver perdoado, talvez seja conveniente uma pequena demonstração de humildade ao informar a sua mãe um segundo compromisso que, aos olhos *dela*, é quase tão imprudente quanto o primeiro.

Ele não tinha nenhuma objeção, porém ainda resistia à ideia de uma carta em que se mostrava adequadamente submisso, e assim, para tornar seu ato mais fácil, visto que manifestava uma disposição muito maior para fazer concessões verbais do que por escrito, ficou resolvido que, em vez de escrever a Fanny, ele iria a Londres e lhe pediria pessoalmente que intercedesse por ele.

– E se eles realmente se interessarem – disse Marianne, em sua nova personalidade benevolente – em conseguir uma reconciliação, terei que pensar que nem mesmo John e Fanny são inteiramente desprovidos de méritos.

Depois de uma visita de três ou quatro dias, da parte do Coronel Brandon, os dois cavalheiros deixaram Barton juntos. Dirigiram-se imediatamente a Delaford, para que Edward pudesse conhecer pessoalmente seu futuro lar e ajudar seu protetor e amigo a decidir quais melhorias eram necessárias; e depois de passar ali duas noites, ele seguiria sua viagem para Londres.

## CAPÍTULO 50

Depois de uma apropriada e bastante enérgica resistência por parte de Mrs. Ferrars, uma atitude firme e bastante para salvá-la da acusação que sempre pareceu recluir, a de ser muito amável, Edward foi admitido em sua presença e declarado novamente seu filho.

Sua família ultimamente andava muito incerta. Durante muitos anos de sua vida tivera dois filhos, mas o crime e o afastamento de Edward, há poucas semanas, lhe havia roubado um deles; e um afastamento similar de Robert a havia deixado por quinze dias sem nenhum dos filhos; mas agora, pela ressurreição de Edward, voltara a ter um.

Apesar de ter recebido a permissão para viver, não sentiu segurança na continuidade de sua existência até que revelasse seu compromisso atual, porque, ao tornar pública essa situação, Edward temia uma repentina reviravolta que o fizesse morrer tão rápido quanto antes. Então, fez sua revelação com receosa cautela e foi ouvido com inesperada calma. A princípio Mrs. Ferrars tentou dissuadi-lo de se casar com Miss Dashwood, recorrendo a todos os argumentos ao seu alcance. Disse a ele que encontraria em Miss Morton uma mulher de alta posição e grande riqueza, e reforçou tal afirmação observando que Miss Morton era filha de um nobre e dona de trinta mil libras, enquanto Miss Dashwood apenas era filha de um cavalheiro e não tinha mais que *três* mil libras. Mas quando viu que, embora admitindo a verdade de sua argumentação, Edward não tinha a menor intenção de deixar-se guiar por ela, julgou mais sábio, por sua experiência passada, submeter-se... E assim, após uma demora desagradável, que servia tanto para a manutenção de sua própria dignidade como para evitar toda suspeita de boa vontade, ela decretou seu consentimento para o casamento de Edward e Elinor.

O que ela passou a considerar em seguida foi como aumentar sua renda, e aqui, ficou ainda mais claro que, mesmo que Edward fosse seu único filho no momento, ele não era o herdeiro. Pois ainda que Robert recebesse inevitavelmente mil libras por ano, não se fez a menor objeção contra o fato de Edward ordenar-se por duzentas e cinquenta, no máximo;

tampouco prometeu nada para o presente nem para o futuro, além das dez mil libras que Fanny recebera.

Aquilo era, porém, mais do que o esperado por Edward e Elinor, já que Mrs. Ferrars, com suas evasivas desculpas, parecia a única pessoa surpresa por não dar mais.

Com uma renda suficiente para garantir suas necessidades, depois que Edward tomou posse do benefício, eles não tinham mais nada que esperar a não ser o término das obras da casa, na qual o Coronel Brandon, com um forte desejo de acomodar Elinor, fez consideráveis melhorias. E, depois de experimentar por algum tempo, como de costume, as mil desilusões e atrasos dos trabalhadores, Elinor, como sempre, voltou atrás em sua decisão de só se casar quando tudo estivesse pronto, e a cerimônia se realizou na igreja de Barton, no começo do outono.

O primeiro mês depois do casamento foi passado com seu amigo na mansão do Coronel Brandon, de onde podiam supervisionar os progressos na casa paroquial e conduzir as coisas como queriam no próprio local. Podiam escolher os papéis de parede, planejar onde plantar os arbustos e inventar um caminho sinuoso até a casa. As profecias de Mrs. Jennings, ainda que embaralhadas, foram cumpridas em sua maior parte: ela pôde visitar Edward e sua esposa na casa paroquial no dia de São Miguel, e encontrou em Elinor e seu esposo, tal como havia pensando, um dos casais mais felizes do mundo. De fato, eles não tinham mais nada a desejar, salvo o casamento do Coronel Brandon com Marianne e pastos melhores para suas vacas.

Eles foram visitados, logo que se instalaram, por quase todos os seus parentes e amigos. Mrs. Ferrars veio inspecionar a felicidade, que quase se envergonhava de ter autorizado, e até mesmo os Dashwoods pagaram os custos de uma viagem desde Sussex para fazer-lhes as honras.

– Eu não direi que estou desapontado, minha querida irmã – disse John, enquanto caminhavam juntos uma manhã diante dos portões de Delaford House – *isso seria exagero*, pois tal como são as coisas, na verdade você se tornou uma das mulheres mais afortunadas do mundo. Mas confesso que me daria grande prazer chamar o Coronel Brandon de cunhado. Sua propriedade aqui, sua posição, sua casa, tudo tão admirável e em excelentes condições! E os bosques! Em nenhuma parte em Dorsetshire

vi madeiras como as que estão em Delaford Hanger! E, mesmo que Marianne não pareça ser a pessoa ideal para atraí-lo, penso que seria aconselhável que as convidassem com frequência para virem ficar com vocês, pois como o Coronel Brandon parece passar muito tempo em casa, ninguém sabe o que poderia acontecer... Quando duas pessoas estão sempre juntas, sem ver mais ninguém... E sempre estará em suas mãos ressaltar seu melhor lado, etc... Em suma, você poderia oferecer-lhe uma oportunidade... Você me entende.

Embora Mrs. Ferrars *tivesse* vindo visitá-los e sempre os tratasse com fingido afeto, eles nunca receberam o insulto de seus favores reais e sua preferência. Isso estava reservado à insensatez de Robert e à astúcia de sua esposa, que conseguiram tal façanha antes que muitos meses se passassem. A sagacidade egoísta de Lucy, que no começo havia arrastado Robert àquela enrascada, foi o principal instrumento para liberá-lo de lá; pois sua humildade respeitosa, suas atenções constantes e suas intermináveis adulações, tão logo encontrou uma pequena oportunidade para exercitá-las, reconciliaram Mrs. Ferrars com a escolha do filho, e restabeleceram-no completamente como seu filho favorito.

Todo o comportamento de Lucy no caso e a prosperidade que o coroou pode, portanto, ser tido como exemplo estimulante de que uma intensa e incessante atenção aos próprios interesses, por mais obstáculos que pareçam obstruir o caminho, pode proporcionar todas as vantagens da fortuna, sem sacrificar outra coisa além do tempo e da consciência. Quando Robert a procurou pela primeira vez, e visitou-a em Bartlett's Buildings, sua única intenção era resolver o caso do irmão. Só queria convencê-la a desistir do compromisso, e como o único obstáculo que imaginava possível era o afeto de ambos, logicamente esperava que uma ou duas conversas fossem suficientes para resolver o assunto. Nesse ponto, porém, e apenas nesse, equivocou-se... pois, embora Lucy logo lhe desse provas de que sua eloquência a convenceria *a tempo*, sempre era preciso outra visita, outra conversa para conseguir convencê-la. Quando se separavam, Lucy sempre tinha dúvidas, que só podiam ser resolvidas com mais uma conversa com Robert. Desta maneira garantia uma nova visita, e o resto seguiu seu curso natural. Em vez de falar de Edward, passaram gradualmente a falar de Robert, um assunto sobre o qual ele sempre tinha mais a dizer do que sobre qualquer outro, e no qual ela demonstrou um imediato interesse, quase

igual ao dele próprio. Em poucas palavras, rapidamente tornou-se evidente para ambos que ele havia suplantado por completo a preferência dela pelo irmão. Robert estava orgulhoso de sua conquista, orgulhoso de enganar Edward, e mais ainda por ter se casado secretamente sem o consentimento da mãe. O que aconteceu depois já se sabe. Passaram alguns meses felizes em Dawlish, pois Lucy tinha muitos parentes e velhos conhecidos com quem contar, e Robert desenhava muitos planos para magníficos chalés. Quando voltaram a Londres, obtiveram o perdão de Mrs. Ferrars pelo simples expediente de pedi-lo, procedimento este adotado por instigação de Lucy. O perdão, a princípio, obviamente foi dado apenas a Robert, e Lucy, que não tinha nenhuma obrigação com sua sogra e, portanto, não podia transgredir nenhuma, permaneceu algumas semanas sem ser perdoada. Mas a perseverança de um comportamento humilde e as mensagens onde assumia a culpa pela ofensa de Robert, e declarava estar grata pela dureza com que era tratada, proporcionaram-lhe, com o tempo, o altivo reconhecimento de sua existência pela sogra, a quem conquistou com sua graciosidade e que logo a conduziu, em rápida sucessão, ao mais alto grau de afeto e influência. Lucy tornou-se tão necessária a Mrs. Ferrars como Robert ou Fanny; e enquanto Edward nunca foi perdoado de todo coração por uma vez ter pretendido casar-se com ela, e se referirem a Elinor, apesar de superior a Lucy em fortuna e berço, como uma intrusa, *ela* sempre foi considerada e abertamente declarada como a nora favorita. Foram morar em Londres, receberam um apoio muito generoso de Mrs. Ferrars e tinham o melhor relacionamento possível com os Dashwoods; e, deixando de lado os ciúmes e a má vontade que persistia entre Fanny e Lucy, na qual seus maridos, é claro, tomavam parte, bem como os frequentes desentendimentos domésticos entre Robert e Lucy, nada poderia superar a harmonia em que todos viviam juntos.

O que Edward tinha feito para perder seus direitos de filho primogênito poderia ter deixado muitas pessoas confusas, e o que Robert fizera para obtê-lo podia deixar essas pessoas ainda mais perplexas. Foi um acordo, porém, justificado por suas consequências, senão por sua causa; pois nada no estilo de vida de Robert ou no seu jeito de falar levantou a suspeita de que lamentasse o montante de suas rendas, seja por deixar demasiado pouco ao irmão, seja por proporcionar-lhe tanto... E se Edward fosse julgado pelo imediato cumprimento de seus deveres, em todos os

detalhes, por um crescente apego à sua esposa e ao seu lar e pelo constante bom humor, poderia se supor que não estava menos contente com sua sorte, nem menos livre de desejar qualquer mudança.

O casamento de Elinor só a separou de sua família o mínimo de tempo necessário para não deixar o chalé de Barton completamente inútil, já que sua mãe e suas irmãs passavam mais da metade do tempo com ela. As visitas frequentes de Mrs. Dashwood a Delaford eram motivadas tanto pelo prazer como pela prudência, pois seu desejo de unir Marianne ao Coronel Brandon era pouco menos firme, embora fosse bem mais liberal do que o expresso por John. Era agora seu objetivo mais querido. Apesar da companhia da filha lhe ser preciosa, não havia nada que desejasse mais do que renunciar a ela em favor do seu querido amigo. E ver Marianne estabelecida na mansão de Delaford também era o desejo de Edward e Elinor. Os dois percebiam o sofrimento do Coronel e suas próprias obrigações para com ele, e pelo consenso geral, Marianne deveria ser a recompensa de tudo.

Com tal conspiração contra ela... com o íntimo conhecimento da bondade do Coronel... com a certeza de seu enorme afeto por ela, que há muito tempo todos já haviam notado... nasceu um sentimento em Marianne. O que mais ela poderia fazer?

Marianne Dashwood nascera para um destino extraordinário. Nascera para descobrir a falsidade de suas próprias opiniões e para contrariar, pela sua conduta, suas máximas favoritas. Nascera para vencer um afeto que surgiu já aos dezessete anos, e, sem nenhum sentimento superior a um grande apreço e uma profunda amizade, voluntariamente dar a mão a outro! É esse outro era um homem que havia sofrido não menos que ela por causa de seu antigo afeto, e a quem, dois anos antes, havia considerado velho demais para se casar, e ainda por cima procurava proteger a saúde usando coletes de flanela!

Mas assim foi. Em vez de sacrificar-se a uma paixão irresistível, como uma vez ela tinha orgulhosamente esperado fazer... em vez de permanecer para sempre com a mãe, tendo a reclusão e os estudos como seus únicos prazeres, como mais tarde, com o juízo mais calmo e sóbrio, decidira... aos dezenove anos viu-se entregue a novos afetos, aceitando



novos deveres, instalada em outra casa, uma esposa, uma dona de casa e senhora de uma vila.

O Coronel Brandon agora estava tão feliz como todos os que o amavam acreditavam que ele merecia. Encontrava em Marianne o consolo para todas as aflições passadas, seu afeto e sua companhia reanimaram seu espírito e devolveram-lhe o bom humor; e que Marianne encontrasse a sua própria felicidade em ser o objeto da felicidade dele, era a certeza e o prazer de cada um de seus amigos. Marianne não poderia amar pela metade, e, com o tempo, entregou inteiramente seu coração ao esposo, como havia feito antes com Willoughby.

Willoughby não soube do casamento de Marianne sem sentir uma pontada de dor, e seu castigo foi completo quando foi perdoado por Mrs. Smith, a qual, ao declarar que deveria agradecer sua clemência ao fato de ter se casado com uma mulher de caráter, deu-lhe motivos para pensar que, se houvesse agido honrosamente com Marianne, poderia ter sido rico e feliz ao mesmo tempo. Não há motivos para duvidar da sinceridade do seu arrependimento pela má conduta, que lhe trouxe seu próprio castigo, nem tampouco que, durante muito tempo, pensava no Coronel Brandon com inveja e em Marianne com remorso. Mas não devemos supor que ficou inconsolável para sempre, ou que tenha evitado a boa sociedade, ou que havia adquirido um temperamento sombrio, ou que tinha morrido por causa do coração partido... pois nada disso aconteceu... Ele viveu intensamente e muito satisfeito. Sua esposa nem sempre estava mal-humorada, nem sua casa era desconfortável. E na criação de cavalos e cães e em todo tipo de esportes encontrou um grau considerável de felicidade doméstica.

Por Marianne, porém, apesar de sua indelicadeza em sobreviver à sua perda, sempre manteve esse decidido afeto que o fazia interessar-se por tudo que lhe dizia respeito, e transformou-a em seu ideal secreto de perfeição feminina. E no futuro haveria de olhar com desdém muitas beldades, quando fossem comparadas a Mrs. Brandon.

Mrs. Dashwood foi prudente o bastante para permanecer no chalé, sem tentar uma mudança para Delaford, e felizmente para Sir John e Mrs. Jennings, quando ficaram sem Marianne, Margaret já havia chegado a uma

idade muito apropriada para bailes, e não de todo inadequada para ter um namorado.

Entre Barton e Delaford havia aquela constante comunicação que surge naturalmente de um grande afeto familiar. E dentre os méritos e alegrias de Elinor e Marianne, não era menos considerável o fato que, embora fossem irmãs e vivessem quase à vista uma da outra, pudessem conviver sem desavenças entre si e sem causar desentendimentos entre os maridos.

**FIM**

# SENSE AND SENSIBILITY

## CHAPTER 1

The family of Dashwood had long been settled in Sussex. Their estate was large, and their residence was at Norland Park, in the centre of their property, where, for many generations, they had lived in so respectable a manner as to engage the general good opinion of their surrounding acquaintance. The late owner of this estate was a single man, who lived to a very advanced age, and who for many years of his life, had a constant companion and housekeeper in his sister. But her death, which happened ten years before his own, produced a great alteration in his home; for to supply her loss, he invited and received into his house the family of his nephew Mr. Henry Dashwood, the legal inheritor of the Norland estate, and the person to whom he intended to bequeath it. In the society of his nephew and niece, and their children, the old Gentleman's days were comfortably spent. His attachment to them all increased. The constant attention of Mr. and Mrs. Henry Dashwood to his wishes, which proceeded not merely from interest, but from goodness of heart, gave him every degree of solid comfort which his age could receive; and the cheerfulness of the children added a relish to his existence.

By a former marriage, Mr. Henry Dashwood had one son: by his present lady, three daughters. The son, a steady respectable young man, was amply provided for by the fortune of his mother, which had been large, and half of which devolved on him on his coming of age. By his own marriage, likewise, which happened soon afterwards, he added to his wealth. To him therefore the succession to the Norland estate was not so really important as to his sisters; for their fortune, independent of what might arise to them from their father's inheriting that property, could be but small. Their mother had nothing, and their father only seven thousand pounds in his own disposal; for the remaining moiety of his first wife's fortune was also secured to her child, and he had only a life-interest in it.

The old gentleman died: his will was read, and like almost every other will, gave as much disappointment as pleasure. He was neither so unjust, nor so ungrateful, as to leave his estate from his nephew; but he left

it to him on such terms as destroyed half the value of the bequest. Mr. Dashwood had wished for it more for the sake of his wife and daughters than for himself or his son; but to his son, and his son's son, a child of four years old, it was secured, in such a way, as to leave to himself no power of providing for those who were most dear to him, and who most needed a provision by any charge on the estate, or by any sale of its valuable woods. The whole was tied up for the benefit of this child, who, in occasional visits with his father and mother at Norland, had so far gained on the affections of his uncle, by such attractions as are by no means unusual in children of two or three years old; an imperfect articulation, an earnest desire of having his own way, many cunning tricks, and a great deal of noise, as to outweigh all the value of all the attention which, for years, he had received from his niece and her daughters. He meant not to be unkind, however, and, as a mark of his affection for the three girls, he left them a thousand pounds a-piece.

Mr. Dashwood's disappointment was, at first, severe; but his temper was cheerful and sanguine; and he might reasonably hope to live many years, and by living economically, lay by a considerable sum from the produce of an estate already large, and capable of almost immediate improvement. But the fortune, which had been so tardy in coming, was his only one twelvemonth. He survived his uncle no longer; and ten thousand pounds, including the late legacies, was all that remained for his widow and daughters.

His son was sent for as soon as his danger was known, and to him Mr. Dashwood recommended, with all the strength and urgency which illness could command, the interest of his mother-in-law and sisters.

Mr. John Dashwood had not the strong feelings of the rest of the family; but he was affected by a recommendation of such a nature at such a time, and he promised to do every thing in his power to make them comfortable. His father was rendered easy by such an assurance, and Mr. John Dashwood had then leisure to consider how much there might prudently be in his power to do for them.

He was not an ill-disposed young man, unless to be rather cold hearted and rather selfish is to be ill-disposed: but he was, in general, well respected; for he conducted himself with propriety in the discharge of his

ordinary duties. Had he married a more amiable woman, he might have been made still more respectable than he was:—he might even have been made amiable himself; for he was very young when he married, and very fond of his wife. But Mrs. John Dashwood was a strong caricature of himself; more narrow-minded and selfish.

When he gave his promise to his father, he meditated within himself to increase the fortunes of his sisters by the present of a thousand pounds a-piece. He then really thought himself equal to it. The prospect of four thousand a-year, in addition to his present income, besides the remaining half of his own mother's fortune, warmed his heart, and made him feel capable of generosity. "Yes, he would give them three thousand pounds: it would be liberal and handsome! It would be enough to make them completely easy. Three thousand pounds! he could spare so considerable a sum with little inconvenience." He thought of it all day long, and for many days successively, and he did not repent.

No sooner was his father's funeral over, than Mrs. John Dashwood, without sending any notice of her intention to her mother-in-law, arrived with her child and their attendants. No one could dispute her right to come; the house was her husband's from the moment of his father's decease; but the indelicacy of her conduct was so much the greater, and to a woman in Mrs. Dashwood's situation, with only common feelings, must have been highly displeasing; but in HER mind there was a sense of honor so keen, a generosity so romantic, that any offence of the kind, by whomsoever given or received, was to her a source of immovable disgust. Mrs. John Dashwood had never been a favourite with any of her husband's family; but she had had no opportunity, till the present, of shewing them with how little attention to the comfort of other people she could act when occasion required it.

So acutely did Mrs. Dashwood feel this ungracious behaviour, and so earnestly did she despise her daughter-in-law for it, that, on the arrival of the latter, she would have quitted the house for ever, had not the entreaty of her eldest girl induced her first to reflect on the propriety of going, and her own tender love for all her three children determined her afterwards to stay, and for their sakes avoid a breach with their brother.

Elinor, this eldest daughter, whose advice was so effectual, possessed a strength of understanding, and coolness of judgment, which qualified her, though only nineteen, to be the counsellor of her mother, and enabled her frequently to counteract, to the advantage of them all, that eagerness of mind in Mrs. Dashwood which must generally have led to imprudence. She had an excellent heart; her disposition was affectionate, and her feelings were strong; but she knew how to govern them: it was a knowledge which her mother had yet to learn; and which one of her sisters had resolved never to be taught.

Marianne's abilities were, in many respects, quite equal to Elinor's. She was sensible and clever; but eager in everything: her sorrows, her joys, could have no moderation. She was generous, amiable, interesting: she was everything but prudent. The resemblance between her and her mother was strikingly great.

Elinor saw, with concern, the excess of her sister's sensibility; but by Mrs. Dashwood it was valued and cherished. They encouraged each other now in the violence of their affliction. The agony of grief which overpowered them at first, was voluntarily renewed, was sought for, was created again and again. They gave themselves up wholly to their sorrow, seeking increase of wretchedness in every reflection that could afford it, and resolved against ever admitting consolation in future. Elinor, too, was deeply afflicted; but still she could struggle, she could exert herself. She could consult with her brother, could receive her sister-in-law on her arrival, and treat her with proper attention; and could strive to rouse her mother to similar exertion, and encourage her to similar forbearance.

Margaret, the other sister, was a good-humored, well-disposed girl; but as she had already imbibed a good deal of Marianne's romance, without having much of her sense, she did not, at thirteen, bid fair to equal her sisters at a more advanced period of life.

## CHAPTER 2

Mrs. John Dashwood now installed herself mistress of Norland; and her mother and sisters-in-law were degraded to the condition of visitors. As such, however, they were treated by her with quiet civility; and by her husband with as much kindness as he could feel towards anybody beyond himself, his wife, and their child. He really pressed them, with some earnestness, to consider Norland as their home; and, as no plan appeared so eligible to Mrs. Dashwood as remaining there till she could accommodate herself with a house in the neighbourhood, his invitation was accepted.

A continuance in a place where everything reminded her of former delight, was exactly what suited her mind. In seasons of cheerfulness, no temper could be more cheerful than hers, or possess, in a greater degree, that sanguine expectation of happiness which is happiness itself. But in sorrow she must be equally carried away by her fancy, and as far beyond consolation as in pleasure she was beyond alloy.

Mrs. John Dashwood did not at all approve of what her husband intended to do for his sisters. To take three thousand pounds from the fortune of their dear little boy would be impoverishing him to the most dreadful degree. She begged him to think again on the subject. How could he answer it to himself to rob his child, and his only child too, of so large a sum? And what possible claim could the Miss Dashwoods, who were related to him only by half blood, which she considered as no relationship at all, have on his generosity to so large an amount. It was very well known that no affection was ever supposed to exist between the children of any man by different marriages; and why was he to ruin himself, and their poor little Harry, by giving away all his money to his half sisters?

“It was my father’s last request to me,” replied her husband, “that I should assist his widow and daughters.”

“He did not know what he was talking of, I dare say; ten to one but he was light-headed at the time. Had he been in his right senses, he could not have thought of such a thing as begging you to give away half your fortune from your own child.”



“He did not stipulate for any particular sum, my dear Fanny; he only requested me, in general terms, to assist them, and make their situation more comfortable than it was in his power to do. Perhaps it would have been as well if he had left it wholly to myself. He could hardly suppose I should neglect them. But as he required the promise, I could not do less than give it; at least I thought so at the time. The promise, therefore, was given, and must be performed. Something must be done for them whenever they leave Norland and settle in a new home.”

“Well, then, LET something be done for them; but THAT something need not be three thousand pounds. Consider,” she added, “that when the money is once parted with, it never can return. Your sisters will marry, and it will be gone for ever. If, indeed, it could be restored to our poor little boy...”

“Why, to be sure,” said her husband, very gravely, “that would make great difference. The time may come when Harry will regret that so large a sum was parted with. If he should have a numerous family, for instance, it would be a very convenient addition.”

“To be sure it would.”

“Perhaps, then, it would be better for all parties, if the sum were diminished one half. Five hundred pounds would be a prodigious increase to their fortunes!”

“Oh! beyond anything great! What brother on earth would do half so much for his sisters, even if REALLY his sisters! And as it is only half blood! But you have such a generous spirit!”

“I would not wish to do any thing mean,” he replied. “One had rather, on such occasions, do too much than too little. No one, at least, can think I have not done enough for them: even themselves, they can hardly expect more.”

“There is no knowing what THEY may expect,” said the lady, “but we are not to think of their expectations: the question is, what you can afford to do.”

“Certainly, and I think I may afford to give them five hundred pounds a-piece. As it is, without any addition of mine, they will each have

about three thousand pounds on their mother's death, a very comfortable fortune for any young woman."

"To be sure it is; and, indeed, it strikes me that they can want no addition at all. They will have ten thousand pounds divided amongst them. If they marry, they will be sure of doing well, and if they do not, they may all live very comfortably together on the interest of ten thousand pounds."

"That is very true, and, therefore, I do not know whether, upon the whole, it would not be more advisable to do something for their mother while she lives, rather than for them something of the annuity kind I mean. My sisters would feel the good effects of it as well as herself. A hundred a year would make them all perfectly comfortable."

His wife hesitated a little, however, in giving her consent to this plan.

"To be sure," said she, "it is better than parting with fifteen hundred pounds at once. But, then, if Mrs. Dashwood should live fifteen years we shall be completely taken in."

"Fifteen years! my dear Fanny; her life cannot be worth half that purchase."

"Certainly not; but if you observe, people always live for ever when there is an annuity to be paid them; and she is very stout and healthy, and hardly forty. An annuity is a very serious business; it comes over and over every year, and there is no getting rid of it. You are not aware of what you are doing. I have known a great deal of the trouble of annuities; for my mother was clogged with the payment of three to old superannuated servants by my father's will, and it is amazing how disagreeable she found it. Twice every year these annuities were to be paid; and then there was the trouble of getting it to them; and then one of them was said to have died, and afterwards it turned out to be no such thing. My mother was quite sick of it. Her income was not her own, she said, with such perpetual claims on it; and it was the more unkind in my father, because, otherwise, the money would have been entirely at my mother's disposal, without any restriction whatever. It has given me such an abhorrence of annuities, that I am sure I would not pin myself down to the payment of one for all the world."

“It is certainly an unpleasant thing,” replied Mr. Dashwood, “to have those kind of yearly drains on one’s income. One’s fortune, as your mother justly says, is NOT one’s own. To be tied down to the regular payment of such a sum, on every rent day, is by no means desirable: it takes away one’s independence.”

“Undoubtedly; and after all you have no thanks for it. They think themselves secure, you do no more than what is expected, and it raises no gratitude at all. If I were you, whatever I did should be done at my own discretion entirely. I would not bind myself to allow them any thing yearly. It may be very inconvenient some years to spare a hundred, or even fifty pounds from our own expenses.”

“I believe you are right, my love; it will be better that there should be no annuity in the case; whatever I may give them occasionally will be of far greater assistance than a yearly allowance, because they would only enlarge their style of living if they felt sure of a larger income, and would not be sixpence the richer for it at the end of the year. It will certainly be much the best way. A present of fifty pounds, now and then, will prevent their ever being distressed for money, and will, I think, be amply discharging my promise to my father.”

“To be sure it will. Indeed, to say the truth, I am convinced within myself that your father had no idea of your giving them any money at all. The assistance he thought of, I dare say, was only such as might be reasonably expected of you; for instance, such as looking out for a comfortable small house for them, helping them to move their things, and sending them presents of fish and game, and so forth, whenever they are in season. I’ll lay my life that he meant nothing farther; indeed, it would be very strange and unreasonable if he did. Do but consider, my dear Mr. Dashwood, how excessively comfortable your mother-in-law and her daughters may live on the interest of seven thousand pounds, besides the thousand pounds belonging to each of the girls, which brings them in fifty pounds a year a-piece, and, of course, they will pay their mother for their board out of it. Altogether, they will have five hundred a-year amongst them, and what on earth can four women want for more than that?—They will live so cheap! Their housekeeping will be nothing at all. They will have no carriage, no horses, and hardly any servants; they will keep no company,

and can have no expenses of any kind! Only conceive how comfortable they will be! Five hundred a year! I am sure I cannot imagine how they will spend half of it; and as to your giving them more, it is quite absurd to think of it. They will be much more able to give YOU something.”

“Upon my word,” said Mr. Dashwood, “I believe you are perfectly right. My father certainly could mean nothing more by his request to me than what you say. I clearly understand it now, and I will strictly fulfil my engagement by such acts of assistance and kindness to them as you have described. When my mother removes into another house my services shall be readily given to accommodate her as far as I can. Some little present of furniture too may be acceptable then.”

“Certainly,” returned Mrs. John Dashwood. “But, however, ONE thing must be considered. When your father and mother moved to Norland, though the furniture of Stanhill was sold, all the china, plate, and linen was saved, and is now left to your mother. Her house will therefore be almost completely fitted up as soon as she takes it.”

“That is a material consideration undoubtedly. A valuable legacy indeed! And yet some of the plate would have been a very pleasant addition to our own stock here.”

“Yes; and the set of breakfast china is twice as handsome as what belongs to this house. A great deal too handsome, in my opinion, for any place THEY can ever afford to live in. But, however, so it is. Your father thought only of THEM. And I must say this: that you owe no particular gratitude to him, nor attention to his wishes; for we very well know that if he could, he would have left almost everything in the world to THEM.”

This argument was irresistible. It gave to his intentions whatever of decision was wanting before; and he finally resolved, that it would be absolutely unnecessary, if not highly indecorous, to do more for the widow and children of his father, than such kind of neighbourly acts as his own wife pointed out.

## CHAPTER 3

Mrs. Dashwood remained at Norland several months; not from any disinclination to move when the sight of every well known spot ceased to raise the violent emotion which it produced for a while; for when her spirits began to revive, and her mind became capable of some other exertion than that of heightening its affliction by melancholy remembrances, she was impatient to be gone, and indefatigable in her inquiries for a suitable dwelling in the neighbourhood of Norland; for to remove far from that beloved spot was impossible. But she could hear of no situation that at once answered her notions of comfort and ease, and suited the prudence of her eldest daughter, whose steadier judgment rejected several houses as too large for their income, which her mother would have approved.

Mrs. Dashwood had been informed by her husband of the solemn promise on the part of his son in their favour, which gave comfort to his last earthly reflections. She doubted the sincerity of this assurance no more than he had doubted it himself, and she thought of it for her daughters' sake with satisfaction, though as for herself she was persuaded that a much smaller provision than 7000£ would support her in affluence. For their brother's sake, too, for the sake of his own heart, she rejoiced; and she reproached herself for being unjust to his merit before, in believing him incapable of generosity. His attentive behaviour to herself and his sisters convinced her that their welfare was dear to him, and, for a long time, she firmly relied on the liberality of his intentions.

The contempt which she had, very early in their acquaintance, felt for her daughter-in-law, was very much increased by the farther knowledge of her character, which half a year's residence in her family afforded; and perhaps in spite of every consideration of politeness or maternal affection on the side of the former, the two ladies might have found it impossible to have lived together so long, had not a particular circumstance occurred to give still greater eligibility, according to the opinions of Mrs. Dashwood, to her daughters' continuance at Norland.

This circumstance was a growing attachment between her eldest girl and the brother of Mrs. John Dashwood, a gentleman-like and pleasing young man, who was introduced to their acquaintance soon after his sister's establishment at Norland, and who had since spent the greatest part of his time there.

Some mothers might have encouraged the intimacy from motives of interest, for Edward Ferrars was the eldest son of a man who had died very rich; and some might have repressed it from motives of prudence, for, except a trifling sum, the whole of his fortune depended on the will of his mother. But Mrs. Dashwood was alike uninfluenced by either consideration. It was enough for her that he appeared to be amiable, that he loved her daughter, and that Elinor returned the partiality. It was contrary to every doctrine of her's that difference of fortune should keep any couple asunder who were attracted by resemblance of disposition; and that Elinor's merit should not be acknowledged by every one who knew her, was to her comprehension impossible.

Edward Ferrars was not recommended to their good opinion by any peculiar graces of person or address. He was not handsome, and his manners required intimacy to make them pleasing. He was too diffident to do justice to himself; but when his natural shyness was overcome, his behaviour gave every indication of an open, affectionate heart. His understanding was good, and his education had given it solid improvement. But he was neither fitted by abilities nor disposition to answer the wishes of his mother and sister, who longed to see him distinguished—as—they hardly knew what. They wanted him to make a fine figure in the world in some manner or other. His mother wished to interest him in political concerns, to get him into parliament, or to see him connected with some of the great men of the day. Mrs. John Dashwood wished it likewise; but in the mean while, till one of these superior blessings could be attained, it would have quieted her ambition to see him driving a barouche. But Edward had no turn for great men or barouches. All his wishes centered in domestic comfort and the quiet of private life. Fortunately he had a younger brother who was more promising.

Edward had been staying several weeks in the house before he engaged much of Mrs. Dashwood's attention; for she was, at that time, in

such affliction as rendered her careless of surrounding objects. She saw only that he was quiet and unobtrusive, and she liked him for it. He did not disturb the wretchedness of her mind by ill-timed conversation. She was first called to observe and approve him farther, by a reflection which Elinor chanced one day to make on the difference between him and his sister. It was a contrast which recommended him most forcibly to her mother.

“It is enough,” said she; “to say that he is unlike Fanny is enough. It implies everything amiable. I love him already.”

“I think you will like him,” said Elinor, “when you know more of him.”

“Like him!” replied her mother with a smile. “I feel no sentiment of approbation inferior to love.”

“You may esteem him.”

“I have never yet known what it was to separate esteem and love.”

Mrs. Dashwood now took pains to get acquainted with him. Her manners were attaching, and soon banished his reserve. She speedily comprehended all his merits; the persuasion of his regard for Elinor perhaps assisted her penetration; but she really felt assured of his worth: and even that quietness of manner, which militated against all her established ideas of what a young man’s address ought to be, was no longer uninteresting when she knew his heart to be warm and his temper affectionate.

No sooner did she perceive any symptom of love in his behaviour to Elinor, than she considered their serious attachment as certain, and looked forward to their marriage as rapidly approaching.

“In a few months, my dear Marianne.” said she, “Elinor will, in all probability be settled for life. We shall miss her; but SHE will be happy.”

“Oh! Mamma, how shall we do without her?”

“My love, it will be scarcely a separation. We shall live within a few miles of each other, and shall meet every day of our lives. You will gain a brother, a real, affectionate brother. I have the highest opinion in the world of Edward’s heart. But you look grave, Marianne; do you disapprove your sister’s choice?”

“Perhaps,” said Marianne, “I may consider it with some surprise. Edward is very amiable, and I love him tenderly. But yet—he is not the kind of young man—there is something wanting—his figure is not striking; it has none of that grace which I should expect in the man who could seriously attach my sister. His eyes want all that spirit, that fire, which at once announce virtue and intelligence. And besides all this, I am afraid, Mamma, he has no real taste. Music seems scarcely to attract him, and though he admires Elinor’s drawings very much, it is not the admiration of a person who can understand their worth. It is evident, in spite of his frequent attention to her while she draws, that in fact he knows nothing of the matter. He admires as a lover, not as a connoisseur. To satisfy me, those characters must be united. I could not be happy with a man whose taste did not in every point coincide with my own. He must enter into all my feelings; the same books, the same music must charm us both. Oh! mama, how spiritless, how tame was Edward’s manner in reading to us last night! I felt for my sister most severely. Yet she bore it with so much composure, she seemed scarcely to notice it. I could hardly keep my seat. To hear those beautiful lines which have frequently almost driven me wild, pronounced with such impenetrable calmness, such dreadful indifference!”. “He would certainly have done more justice to simple and elegant prose. I thought so at the time; but you WOULD give him Cowper.”

“Nay, Mamma, if he is not to be animated by Cowper! but we must allow for difference of taste. Elinor has not my feelings, and therefore she may overlook it, and be happy with him. But it would have broke MY heart, had I loved him, to hear him read with so little sensibility. Mama, the more I know of the world, the more am I convinced that I shall never see a man whom I can really love. I require so much! He must have all Edward’s virtues, and his person and manners must ornament his goodness with every possible charm.”

“Remember, my love, that you are not seventeen. It is yet too early in life to despair of such a happiness. Why should you be less fortunate than your mother? In one circumstance only, my Marianne, may your destiny be different from her’s!”



## CHAPTER 4

“What a pity it is, Elinor,” said Marianne, “that Edward should have no taste for drawing.”

“No taste for drawing!” replied Elinor, “why should you think so? He does not draw himself, indeed, but he has great pleasure in seeing the performances of other people, and I assure you he is by no means deficient in natural taste, though he has not had opportunities of improving it. Had he ever been in the way of learning, I think he would have drawn very well. He distrusts his own judgment in such matters so much, that he is always unwilling to give his opinion on any picture; but he has an innate propriety and simplicity of taste, which in general direct him perfectly right.”

Marianne was afraid of offending, and said no more on the subject; but the kind of approbation which Elinor described as excited in him by the drawings of other people, was very far from that rapturous delight, which, in her opinion, could alone be called taste. Yet, though smiling within herself at the mistake, she honoured her sister for that blind partiality to Edward which produced it.

“I hope, Marianne,” continued Elinor, “you do not consider him as deficient in general taste. Indeed, I think I may say that you cannot, for your behaviour to him is perfectly cordial, and if THAT were your opinion, I am sure you could never be civil to him.”

Marianne hardly knew what to say. She would not wound the feelings of her sister on any account, and yet to say what she did not believe was impossible. At length she replied:

“Do not be offended, Elinor, if my praise of him is not in every thing equal to your sense of his merits. I have not had so many opportunities of estimating the minuter propensities of his mind, his inclinations and tastes, as you have; but I have the highest opinion in the world of his goodness and sense. I think him every thing that is worthy and amiable.”

“I am sure,” replied Elinor, with a smile, “that his dearest friends could not be dissatisfied with such commendation as that. I do not perceive how you could express yourself more warmly.”

Marianne was rejoiced to find her sister so easily pleased.

“Of his sense and his goodness,” continued Elinor, “no one can, I think, be in doubt, who has seen him often enough to engage him in unreserved conversation. The excellence of his understanding and his principles can be concealed only by that shyness which too often keeps him silent. You know enough of him to do justice to his solid worth. But of his minuter propensities, as you call them you have from peculiar circumstances been kept more ignorant than myself. He and I have been at times thrown a good deal together, while you have been wholly engrossed on the most affectionate principle by my mother. I have seen a great deal of him, have studied his sentiments and heard his opinion on subjects of literature and taste; and, upon the whole, I venture to pronounce that his mind is well-informed, enjoyment of books exceedingly great, his imagination lively, his observation just and correct, and his taste delicate and pure. His abilities in every respect improve as much upon acquaintance as his manners and person. At first sight, his address is certainly not striking; and his person can hardly be called handsome, till the expression of his eyes, which are uncommonly good, and the general sweetness of his countenance, is perceived. At present, I know him so well, that I think him really handsome; or at least, almost so. What say you, Marianne?”

“I shall very soon think him handsome, Elinor, if I do not now. When you tell me to love him as a brother, I shall no more see imperfection in his face, than I now do in his heart.”

Elinor started at this declaration, and was sorry for the warmth she had been betrayed into, in speaking of him. She felt that Edward stood very high in her opinion. She believed the regard to be mutual; but she required greater certainty of it to make Marianne’s conviction of their attachment agreeable to her. She knew that what Marianne and her mother conjectured one moment, they believed the next, that with them, to wish was to hope, and to hope was to expect. She tried to explain the real state of the case to her sister.

“I do not attempt to deny,” said she, “that I think very highly of him, that I greatly esteem, that I like him.”

Marianne here burst forth with indignation...

“Esteem him! Like him! Cold-hearted Elinor! Oh! worse than cold-hearted! Ashamed of being otherwise. Use those words again, and I will leave the room this moment.”

Elinor could not help laughing. “Excuse me,” said she; “and be assured that I meant no offence to you, by speaking, in so quiet a way, of my own feelings. Believe them to be stronger than I have declared; believe them, in short, to be such as his merit, and the suspicion—the hope of his affection for me may warrant, without imprudence or folly. But farther than this you must not believe. I am by no means assured of his regard for me. There are moments when the extent of it seems doubtful; and till his sentiments are fully known, you cannot wonder at my wishing to avoid any encouragement of my own partiality, by believing or calling it more than it is. In my heart I feel little... scarcely any doubt of his preference. But there are other points to be considered besides his inclination. He is very far from being independent. What his mother really is we cannot know; but, from Fanny’s occasional mention of her conduct and opinions, we have never been disposed to think her amiable; and I am very much mistaken if Edward is not himself aware that there would be many difficulties in his way, if he were to wish to marry a woman who had not either a great fortune or high rank.”

Marianne was astonished to find how much the imagination of her mother and herself had outstripped the truth.

“And you really are not engaged to him!” said she. “Yet it certainly soon will happen. But two advantages will proceed from this delay. I shall not lose you so soon, and Edward will have greater opportunity of improving that natural taste for your favourite pursuit which must be so indispensably necessary to your future felicity. Oh! if he should be so far stimulated by your genius as to learn to draw himself, how delightful it would be!”

Elinor had given her real opinion to her sister. She could not consider her partiality for Edward in so prosperous a state as Marianne had

believed it. There was, at times, a want of spirits about him which, if it did not denote indifference, spoke of something almost as unpromising. A doubt of her regard, supposing him to feel it, need not give him more than inquietude. It would not be likely to produce that dejection of mind which frequently attended him. A more reasonable cause might be found in the dependent situation which forbade the indulgence of his affection. She knew that his mother neither behaved to him so as to make his home comfortable at present, nor to give him any assurance that he might form a home for himself, without strictly attending to her views for his aggrandizement. With such a knowledge as this, it was impossible for Elinor to feel easy on the subject. She was far from depending on that result of his preference of her, which her mother and sister still considered as certain. Nay, the longer they were together the more doubtful seemed the nature of his regard; and sometimes, for a few painful minutes, she believed it to be no more than friendship.

But, whatever might really be its limits, it was enough, when perceived by his sister, to make her uneasy, and at the same time, (which was still more common,) to make her uncivil. She took the first opportunity of affronting her mother-in-law on the occasion, talking to her so expressively of her brother's great expectations, of Mrs. Ferrars's resolution that both her sons should marry well, and of the danger attending any young woman who attempted to DRAW HIM IN; that Mrs. Dashwood could neither pretend to be unconscious, nor endeavor to be calm. She gave her an answer which marked her contempt, and instantly left the room, resolving that, whatever might be the inconvenience or expense of so sudden a removal, her beloved Elinor should not be exposed another week to such insinuations.

In this state of her spirits, a letter was delivered to her from the post, which contained a proposal particularly well timed. It was the offer of a small house, on very easy terms, belonging to a relation of her own, a gentleman of consequence and property in Devonshire. The letter was from this gentleman himself, and written in the true spirit of friendly accommodation. He understood that she was in need of a dwelling; and though the house he now offered her was merely a cottage, he assured her that everything should be done to it which she might think necessary, if the

situation pleased her. He earnestly pressed her, after giving the particulars of the house and garden, to come with her daughters to Barton Park, the place of his own residence, from whence she might judge, herself, whether Barton Cottage, for the houses were in the same parish, could, by any alteration, be made comfortable to her. He seemed really anxious to accommodate them and the whole of his letter was written in so friendly a style as could not fail of giving pleasure to his cousin; more especially at a moment when she was suffering under the cold and unfeeling behaviour of her nearer connections. She needed no time for deliberation or inquiry. Her resolution was formed as she read. The situation of Barton, in a county so far distant from Sussex as Devonshire, which, but a few hours before, would have been a sufficient objection to outweigh every possible advantage belonging to the place, was now its first recommendation. To quit the neighbourhood of Norland was no longer an evil; it was an object of desire; it was a blessing, in comparison of the misery of continuing her daughter-in-law's guest; and to remove for ever from that beloved place would be less painful than to inhabit or visit it while such a woman was its mistress. She instantly wrote Sir John Middleton her acknowledgment of his kindness, and her acceptance of his proposal; and then hastened to shew both letters to her daughters, that she might be secure of their approbation before her answer were sent.

Elinor had always thought it would be more prudent for them to settle at some distance from Norland, than immediately amongst their present acquaintance. On THAT head, therefore, it was not for her to oppose her mother's intention of removing into Devonshire. The house, too, as described by Sir John, was on so simple a scale, and the rent so uncommonly moderate, as to leave her no right of objection on either point; and, therefore, though it was not a plan which brought any charm to her fancy, though it was a removal from the vicinity of Norland beyond her wishes, she made no attempt to dissuade her mother from sending a letter of acquiescence.

## CHAPTER 5

No sooner was her answer dispatched, than Mrs. Dashwood indulged herself in the pleasure of announcing to her son-in-law and his wife that she was provided with a house, and should incommode them no longer than till every thing were ready for her inhabiting it. They heard her with surprise. Mrs. John Dashwood said nothing; but her husband civilly hoped that she would not be settled far from Norland. She had great satisfaction in replying that she was going into Devonshire. Edward turned hastily towards her, on hearing this, and, in a voice of surprise and concern, which required no explanation to her, repeated, "Devonshire! Are you, indeed, going there? So far from hence! And to what part of it?" She explained the situation. It was within four miles northward of Exeter.

"It is but a cottage," she continued, "but I hope to see many of my friends in it. A room or two can easily be added; and if my friends find no difficulty in travelling so far to see me, I am sure I will find none in accommodating them."

She concluded with a very kind invitation to Mr. and Mrs. John Dashwood to visit her at Barton; and to Edward she gave one with still greater affection. Though her late conversation with her daughter-in-law had made her resolve on remaining at Norland no longer than was unavoidable, it had not produced the smallest effect on her in that point to which it principally tended. To separate Edward and Elinor was as far from being her object as ever; and she wished to show Mrs. John Dashwood, by this pointed invitation to her brother, how totally she disregarded her disapprobation of the match.

Mr. John Dashwood told his mother again and again how exceedingly sorry he was that she had taken a house at such a distance from Norland as to prevent his being of any service to her in removing her furniture. He really felt conscientiously vexed on the occasion; for the very exertion to which he had limited the performance of his promise to his father was by this arrangement rendered impracticable.— The furniture was all sent around by water. It chiefly consisted of household linen, plate,

china, and books, with a handsome pianoforte of Marianne's. Mrs. John Dashwood saw the packages depart with a sigh: she could not help feeling it hard that as Mrs. Dashwood's income would be so trifling in comparison with their own, she should have any handsome article of furniture.

Mrs. Dashwood took the house for a twelvemonth; it was ready furnished, and she might have immediate possession. No difficulty arose on either side in the agreement; and she waited only for the disposal of her effects at Norland, and to determine her future household, before she set off for the west; and this, as she was exceedingly rapid in the performance of everything that interested her, was soon done.—The horses which were left her by her husband had been sold soon after his death, and an opportunity now offering of disposing of her carriage, she agreed to sell that likewise at the earnest advice of her eldest daughter. For the comfort of her children, had she consulted only her own wishes, she would have kept it; but the discretion of Elinor prevailed. HER wisdom too limited the number of their servants to three; two maids and a man, with whom they were speedily provided from amongst those who had formed their establishment at Norland.

The man and one of the maids were sent off immediately into Devonshire, to prepare the house for their mistress's arrival; for as Lady Middleton was entirely unknown to Mrs. Dashwood, she preferred going directly to the cottage to being a visitor at Barton Park; and she relied so undoubtingly on Sir John's description of the house, as to feel no curiosity to examine it herself till she entered it as her own. Her eagerness to be gone from Norland was preserved from diminution by the evident satisfaction of her daughter-in-law in the prospect of her removal; a satisfaction which was but feebly attempted to be concealed under a cold invitation to her to defer her departure. Now was the time when her son-in-law's promise to his father might with particular propriety be fulfilled. Since he had neglected to do it on first coming to the estate, their quitting his house might be looked on as the most suitable period for its accomplishment. But Mrs. Dashwood began shortly to give over every hope of the kind, and to be convinced, from the general drift of his discourse, that his assistance extended no farther than their maintenance for six months at Norland. He so frequently talked of the increasing expenses of housekeeping, and of the

perpetual demands upon his purse, which a man of any consequence in the world was beyond calculation exposed to, that he seemed rather to stand in need of more money himself than to have any design of giving money away.

In a very few weeks from the day which brought Sir John Middleton's first letter to Norland, every thing was so far settled in their future abode as to enable Mrs. Dashwood and her daughters to begin their journey.

Many were the tears shed by them in their last adieus to a place so much beloved. "Dear, dear Norland!" said Marianne, as she wandered alone before the house, on the last evening of their being there; "when shall I cease to regret you!—when learn to feel a home elsewhere!—Oh! happy house, could you know what I suffer in now viewing you from this spot, from whence perhaps I may view you no more!—And you, ye well-known trees!—but you will continue the same.—No leaf will decay because we are removed, nor any branch become motionless although we can observe you no longer!—No; you will continue the same; unconscious of the pleasure or the regret you occasion, and insensible of any change in those who walk under your shade! But who will remain to enjoy you?"



## CHAPTER 6

The first part of their journey was performed in too melancholy a disposition to be otherwise than tedious and unpleasant. But as they drew towards the end of it, their interest in the appearance of a country which they were to inhabit overcame their dejection, and a view of Barton Valley as they entered it gave them cheerfulness. It was a pleasant fertile spot, well wooded, and rich in pasture. After winding along it for more than a mile, they reached their own house. A small green court was the whole of its demesne in front; and a neat wicket gate admitted them into it.

As a house, Barton Cottage, though small, was comfortable and compact; but as a cottage it was defective, for the building was regular, the roof was tiled, the window shutters were not painted green, nor were the walls covered with honeysuckles. A narrow passage led directly through the house into the garden behind. On each side of the entrance was a sitting room, about sixteen feet square; and beyond them were the offices and the stairs. Four bed-rooms and two garrets formed the rest of the house. It had not been built many years and was in good repair. In comparison of Norland, it was poor and small indeed! But the tears which recollection called forth as they entered the house were soon dried away. They were cheered by the joy of the servants on their arrival, and each for the sake of the others resolved to appear happy. It was very early in September; the season was fine, and from first seeing the place under the advantage of good weather, they received an impression in its favour which was of material service in recommending it to their lasting approbation.

The situation of the house was good. High hills rose immediately behind, and at no great distance on each side; some of which were open downs, the others cultivated and woody. The village of Barton was chiefly on one of these hills, and formed a pleasant view from the cottage windows. The prospect in front was more extensive; it commanded the whole of the valley, and reached into the country beyond. The hills which surrounded the cottage terminated the valley in that direction; under another name,

and in another course, it branched out again between two of the steepest of them.

With the size and furniture of the house Mrs. Dashwood was upon the whole well satisfied; for though her former style of life rendered many additions to the latter indispensable, yet to add and improve was a delight to her; and she had at this time ready money enough to supply all that was wanted of greater elegance to the apartments. "As for the house itself, to be sure," said she, "it is too small for our family, but we will make ourselves tolerably comfortable for the present, as it is too late in the year for improvements. Perhaps in the spring, if I have plenty of money, as I dare say I shall, we may think about building. These parlors are both too small for such parties of our friends as I hope to see often collected here; and I have some thoughts of throwing the passage into one of them with perhaps a part of the other, and so leave the remainder of that other for an entrance; this, with a new drawing room which may be easily added, and a bed-chamber and garret above, will make it a very snug little cottage. I could wish the stairs were handsome. But one must not expect every thing; though I suppose it would be no difficult matter to widen them. I shall see how much I am before-hand with the world in the spring, and we will plan our improvements accordingly."

In the mean time, till all these alterations could be made from the savings of an income of five hundred a-year by a woman who never saved in her life, they were wise enough to be contented with the house as it was; and each of them was busy in arranging their particular concerns, and endeavoring, by placing around them books and other possessions, to form themselves a home. Marianne's pianoforte was unpacked and properly disposed of; and Elinor's drawings were affixed to the walls of their sitting room.

In such employments as these they were interrupted soon after breakfast the next day by the entrance of their landlord, who called to welcome them to Barton, and to offer them every accommodation from his own house and garden in which theirs might at present be deficient. Sir John Middleton was a good looking man about forty. He had formerly visited at Stanhill, but it was too long for his young cousins to remember him. His countenance was thoroughly good-humoured; and his manners

were as friendly as the style of his letter. Their arrival seemed to afford him real satisfaction, and their comfort to be an object of real solicitude to him. He said much of his earnest desire of their living in the most sociable terms with his family, and pressed them so cordially to dine at Barton Park every day till they were better settled at home, that, though his entreaties were carried to a point of perseverance beyond civility, they could not give offence. His kindness was not confined to words; for within an hour after he left them, a large basket full of garden stuff and fruit arrived from the park, which was followed before the end of the day by a present of game. He insisted, moreover, on conveying all their letters to and from the post for them, and would not be denied the satisfaction of sending them his newspaper every day.

Lady Middleton had sent a very civil message by him, denoting her intention of waiting on Mrs. Dashwood as soon as she could be assured that her visit would be no inconvenience; and as this message was answered by an invitation equally polite, her ladyship was introduced to them the next day.

They were, of course, very anxious to see a person on whom so much of their comfort at Barton must depend; and the elegance of her appearance was favourable to their wishes. Lady Middleton was not more than six or seven and twenty; her face was handsome, her figure tall and striking, and her address graceful. Her manners had all the elegance which her husband's wanted. But they would have been improved by some share of his frankness and warmth; and her visit was long enough to detract something from their first admiration, by shewing that, though perfectly well-bred, she was reserved, cold, and had nothing to say for herself beyond the most common-place inquiry or remark.

Conversation however was not wanted, for Sir John was very chatty, and Lady Middleton had taken the wise precaution of bringing with her their eldest child, a fine little boy about six years old, by which means there was one subject always to be recurred to by the ladies in case of extremity, for they had to enquire his name and age, admire his beauty, and ask him questions which his mother answered for him, while he hung about her and held down his head, to the great surprise of her ladyship, who wondered at his being so shy before company, as he could make noise

enough at home. On every formal visit a child ought to be of the party, by way of provision for discourse. In the present case it took up ten minutes to determine whether the boy were most like his father or mother, and in what particular he resembled either, for of course every body differed, and every body was astonished at the opinion of the others.

An opportunity was soon to be given to the Dashwoods of debating on the rest of the children, as Sir John would not leave the house without securing their promise of dining at the park the next day.

## CHAPTER 7

Barton Park was about half a mile from the cottage. The ladies had passed near it in their way along the valley, but it was screened from their view at home by the projection of a hill. The house was large and handsome; and the Middletons lived in a style of equal hospitality and elegance. The former was for Sir John's gratification, the latter for that of his lady. They were scarcely ever without some friends staying with them in the house, and they kept more company of every kind than any other family in the neighbourhood. It was necessary to the happiness of both; for however dissimilar in temper and outward behaviour, they strongly resembled each other in that total want of talent and taste which confined their employments, unconnected with such as society produced, within a very narrow compass. Sir John was a sportsman, Lady Middleton a mother. He hunted and shot, and she humoured her children; and these were their only resources. Lady Middleton had the advantage of being able to spoil her children all the year round, while Sir John's independent employments were in existence only half the time. Continual engagements at home and abroad, however, supplied all the deficiencies of nature and education; supported the good spirits of Sir John, and gave exercise to the good breeding of his wife.

Lady Middleton piqued herself upon the elegance of her table, and of all her domestic arrangements; and from this kind of vanity was her greatest enjoyment in any of their parties. But Sir John's satisfaction in society was much more real; he delighted in collecting about him more young people than his house would hold, and the noisier they were the better was he pleased. He was a blessing to all the juvenile part of the neighbourhood, for in summer he was for ever forming parties to eat cold ham and chicken out of doors, and in winter his private balls were numerous enough for any young lady who was not suffering under the insatiable appetite of fifteen.

The arrival of a new family in the country was always a matter of joy to him, and in every point of view he was charmed with the inhabitants

he had now procured for his cottage at Barton. The Miss Dashwoods were young, pretty, and unaffected. It was enough to secure his good opinion; for to be unaffected was all that a pretty girl could want to make her mind as captivating as her person. The friendliness of his disposition made him happy in accommodating those, whose situation might be considered, in comparison with the past, as unfortunate. In showing kindness to his cousins therefore he had the real satisfaction of a good heart; and in settling a family of females only in his cottage, he had all the satisfaction of a sportsman; for a sportsman, though he esteems only those of his sex who are sportsmen likewise, is not often desirous of encouraging their taste by admitting them to a residence within his own manor.

Mrs. Dashwood and her daughters were met at the door of the house by Sir John, who welcomed them to Barton Park with unaffected sincerity; and as he attended them to the drawing room repeated to the young ladies the concern which the same subject had drawn from him the day before, at being unable to get any smart young men to meet them. They would see, he said, only one gentleman there besides himself; a particular friend who was staying at the park, but who was neither very young nor very gay. He hoped they would all excuse the smallness of the party, and could assure them it should never happen so again. He had been to several families that morning in hopes of procuring some addition to their number, but it was moonlight and every body was full of engagements. Luckily Lady Middleton's mother had arrived at Barton within the last hour, and as she was a very cheerful agreeable woman, he hoped the young ladies would not find it so very dull as they might imagine. The young ladies, as well as their mother, were perfectly satisfied with having two entire strangers of the party, and wished for no more.

Mrs. Jennings, Lady Middleton's mother, was a good-humoured, merry, fat, elderly woman, who talked a great deal, seemed very happy, and rather vulgar. She was full of jokes and laughter, and before dinner was over had said many witty things on the subject of lovers and husbands; hoped they had not left their hearts behind them in Sussex, and pretended to see them blush whether they did or not. Marianne was vexed at it for her sister's sake, and turned her eyes towards Elinor to see how she bore these

attacks, with an earnestness which gave Elinor far more pain than could arise from such common-place raillery as Mrs. Jennings's.

Colonel Brandon, the friend of Sir John, seemed no more adapted by resemblance of manner to be his friend, than Lady Middleton was to be his wife, or Mrs. Jennings to be Lady Middleton's mother. He was silent and grave. His appearance however was not unpleasing, in spite of his being in the opinion of Marianne and Margaret an absolute old bachelor, for he was on the wrong side of five and thirty; but though his face was not handsome, his countenance was sensible, and his address was particularly gentlemanlike.

There was nothing in any of the party which could recommend them as companions to the Dashwoods; but the cold insipidity of Lady Middleton was so particularly repulsive, that in comparison of it the gravity of Colonel Brandon, and even the boisterous mirth of Sir John and his mother-in-law was interesting. Lady Middleton seemed to be roused to enjoyment only by the entrance of her four noisy children after dinner, who pulled her about, tore her clothes, and put an end to every kind of discourse except what related to themselves.

In the evening, as Marianne was discovered to be musical, she was invited to play. The instrument was unlocked, every body prepared to be charmed, and Marianne, who sang very well, at their request went through the chief of the songs which Lady Middleton had brought into the family on her marriage, and which perhaps had lain ever since in the same position on the pianoforte, for her ladyship had celebrated that event by giving up music, although by her mother's account, she had played extremely well, and by her own was very fond of it.

Marianne's performance was highly applauded. Sir John was loud in his admiration at the end of every song, and as loud in his conversation with the others while every song lasted. Lady Middleton frequently called him to order, wondered how any one's attention could be diverted from music for a moment, and asked Marianne to sing a particular song which Marianne had just finished. Colonel Brandon alone, of all the party, heard her without being in raptures. He paid her only the compliment of attention; and she felt a respect for him on the occasion, which the others had reasonably forfeited by their shameless want of taste. His pleasure in

music, though it amounted not to that ecstatic delight which alone could sympathize with her own, was estimable when contrasted against the horrible insensibility of the others; and she was reasonable enough to allow that a man of five and thirty might well have outlived all acuteness of feeling and every exquisite power of enjoyment. She was perfectly disposed to make every allowance for the colonel's advanced state of life which humanity required.



## CHAPTER 8

Mrs. Jennings was a widow with an ample jointure. She had only two daughters, both of whom she had lived to see respectably married, and she had now therefore nothing to do but to marry all the rest of the world. In the promotion of this object she was zealously active, as far as her ability reached; and missed no opportunity of projecting weddings among all the young people of her acquaintance. She was remarkably quick in the discovery of attachments, and had enjoyed the advantage of raising the blushes and the vanity of many a young lady by insinuations of her power over such a young man; and this kind of discernment enabled her soon after her arrival at Barton decisively to pronounce that Colonel Brandon was very much in love with Marianne Dashwood. She rather suspected it to be so, on the very first evening of their being together, from his listening so attentively while she sang to them; and when the visit was returned by the Middletons' dining at the cottage, the fact was ascertained by his listening to her again. It must be so. She was perfectly convinced of it. It would be an excellent match, for HE was rich, and SHE was handsome. Mrs. Jennings had been anxious to see Colonel Brandon well married, ever since her connection with Sir John first brought him to her knowledge; and she was always anxious to get a good husband for every pretty girl.

The immediate advantage to herself was by no means inconsiderable, for it supplied her with endless jokes against them both. At the park she laughed at the colonel, and in the cottage at Marianne. To the former her raillery was probably, as far as it regarded only himself, perfectly indifferent; but to the latter it was at first incomprehensible; and when its object was understood, she hardly knew whether most to laugh at its absurdity, or censure its impertinence, for she considered it as an unfeeling reflection on the colonel's advanced years, and on his forlorn condition as an old bachelor.

Mrs. Dashwood, who could not think a man five years younger than herself, so exceedingly ancient as he appeared to the youthful fancy of

her daughter, ventured to clear Mrs. Jennings from the probability of wishing to throw ridicule on his age.

“But at least, Mamma, you cannot deny the absurdity of the accusation, though you may not think it intentionally ill-natured. Colonel Brandon is certainly younger than Mrs. Jennings, but he is old enough to be MY father; and if he were ever animated enough to be in love, must have long outlived every sensation of the kind. It is too ridiculous! When is a man to be safe from such wit, if age and infirmity will not protect him?”

“Infirmity!” said Elinor, “do you call Colonel Brandon infirm? I can easily suppose that his age may appear much greater to you than to my mother; but you can hardly deceive yourself as to his having the use of his limbs!”

“Did not you hear him complain of the rheumatism? and is not that the commonest infirmity of declining life?”

“My dearest child,” said her mother, laughing, “at this rate you must be in continual terror of MY decay; and it must seem to you a miracle that my life has been extended to the advanced age of forty.”

“Mamma, you are not doing me justice. I know very well that Colonel Brandon is not old enough to make his friends yet apprehensive of losing him in the course of nature. He may live twenty years longer. But thirty-five has nothing to do with matrimony.”

“Perhaps,” said Elinor, “thirty-five and seventeen had better not have any thing to do with matrimony together. But if there should by any chance happen to be a woman who is single at seven and twenty, I should not think Colonel Brandon’s being thirty-five any objection to his marrying HER.”

“A woman of seven and twenty,” said Marianne, after pausing a moment, “can never hope to feel or inspire affection again, and if her home be uncomfortable, or her fortune small, I can suppose that she might bring herself to submit to the offices of a nurse, for the sake of the provision and security of a wife. In his marrying such a woman therefore there would be nothing unsuitable. It would be a compact of convenience, and the world would be satisfied. In my eyes it would be no marriage at all, but that

would be nothing. To me it would seem only a commercial exchange, in which each wished to be benefited at the expense of the other.”

“It would be impossible, I know,” replied Elinor, “to convince you that a woman of seven and twenty could feel for a man of thirty-five anything near enough to love, to make him a desirable companion to her. But I must object to your dooming Colonel Brandon and his wife to the constant confinement of a sick chamber, merely because he chanced to complain yesterday (a very cold damp day) of a slight rheumatic feel in one of his shoulders.”

“But he talked of flannel waistcoats,” said Marianne; “and with me a flannel waistcoat is invariably connected with aches, cramps, rheumatisms, and every species of ailment that can afflict the old and the feeble.”

“Had he been only in a violent fever, you would not have despised him half so much. Confess, Marianne, is not there something interesting to you in the flushed cheek, hollow eye, and quick pulse of a fever?”

Soon after this, upon Elinor’s leaving the room, “Mamma,” said Marianne, “I have an alarm on the subject of illness which I cannot conceal from you. I am sure Edward Ferrars is not well. We have now been here almost a fortnight, and yet he does not come. Nothing but real indisposition could occasion this extraordinary delay. What else can detain him at Norland?”

“Had you any idea of his coming so soon?” said Mrs. Dashwood. “I had none. On the contrary, if I have felt any anxiety at all on the subject, it has been in recollecting that he sometimes showed a want of pleasure and readiness in accepting my invitation, when I talked of his coming to Barton. Does Elinor expect him already?”

“I have never mentioned it to her, but of course she must.”

“I rather think you are mistaken, for when I was talking to her yesterday of getting a new grate for the spare bedchamber, she observed that there was no immediate hurry for it, as it was not likely that the room would be wanted for some time.”

“How strange this is! what can be the meaning of it! But the whole of their behaviour to each other has been unaccountable! How cold, how

composed were their last adieus! How languid their conversation the last evening of their being together! In Edward's farewell there was no distinction between Elinor and me: it was the good wishes of an affectionate brother to both. Twice did I leave them purposely together in the course of the last morning, and each time did he most unaccountably follow me out of the room. And Elinor, in quitting Norland and Edward, cried not as I did. Even now her self-command is invariable. When is she dejected or melancholy? When does she try to avoid society, or appear restless and dissatisfied in it?"

## CHAPTER 9

The Dashwoods were now settled at Barton with tolerable comfort to themselves. The house and the garden, with all the objects surrounding them, were now become familiar, and the ordinary pursuits which had given to Norland half its charms were engaged in again with far greater enjoyment than Norland had been able to afford, since the loss of their father. Sir John Middleton, who called on them every day for the first fortnight, and who was not in the habit of seeing much occupation at home, could not conceal his amazement on finding them always employed.

Their visitors, except those from Barton Park, were not many; for, in spite of Sir John's urgent entreaties that they would mix more in the neighbourhood, and repeated assurances of his carriage being always at their service, the independence of Mrs. Dashwood's spirit overcame the wish of society for her children; and she was resolute in declining to visit any family beyond the distance of a walk. There were but few who could be so classed; and it was not all of them that were attainable. About a mile and a half from the cottage, along the narrow winding valley of Allenham, which issued from that of Barton, as formerly described, the girls had, in one of their earliest walks, discovered an ancient respectable looking mansion which, by reminding them a little of Norland, interested their imagination and made them wish to be better acquainted with it. But they learnt, on enquiry, that its possessor, an elderly lady of very good character, was unfortunately too infirm to mix with the world, and never stirred from home.

The whole country about them abounded in beautiful walks. The high downs which invited them from almost every window of the cottage to seek the exquisite enjoyment of air on their summits, were a happy alternative when the dirt of the valleys beneath shut up their superior beauties; and towards one of these hills did Marianne and Margaret one memorable morning direct their steps, attracted by the partial sunshine of a showery sky, and unable longer to bear the confinement which the settled rain of the two preceding days had occasioned. The weather was not

tempting enough to draw the two others from their pencil and their book, in spite of Marianne's declaration that the day would be lastingly fair, and that every threatening cloud would be drawn off from their hills; and the two girls set off together.

They gaily ascended the downs, rejoicing in their own penetration at every glimpse of blue sky; and when they caught in their faces the animating gales of a high south-westerly wind, they pitied the fears which had prevented their mother and Elinor from sharing such delightful sensations.

"Is there a felicity in the world," said Marianne, "superior to this? Margaret, we will walk here at least two hours."

Margaret agreed, and they pursued their way against the wind, resisting it with laughing delight for about twenty minutes longer, when suddenly the clouds united over their heads, and a driving rain set full in their face.— Chagrined and surprised, they were obliged, though unwillingly, to turn back, for no shelter was nearer than their own house. One consolation however remained for them, to which the exigence of the moment gave more than usual propriety; it was that of running with all possible speed down the steep side of the hill which led immediately to their garden gate.

They set off. Marianne had at first the advantage, but a false step brought her suddenly to the ground; and Margaret, unable to stop herself to assist her, was involuntarily hurried along, and reached the bottom in safety.

A gentleman carrying a gun, with two pointers playing round him, was passing up the hill and within a few yards of Marianne, when her accident happened. He put down his gun and ran to her assistance. She had raised herself from the ground, but her foot had been twisted in her fall, and she was scarcely able to stand. The gentleman offered his services; and perceiving that her modesty declined what her situation rendered necessary, took her up in his arms without farther delay, and carried her down the hill. Then passing through the garden, the gate of which had been left open by Margaret, he bore her directly into the house, whither Margaret was just arrived, and quitted not his hold till he had seated her in a chair in the parlour.

Elinor and her mother rose up in amazement at their entrance, and while the eyes of both were fixed on him with an evident wonder and a secret admiration which equally sprung from his appearance, he apologized for his intrusion by relating its cause, in a manner so frank and so graceful that his person, which was uncommonly handsome, received additional charms from his voice and expression. Had he been even old, ugly, and vulgar, the gratitude and kindness of Mrs. Dashwood would have been secured by any act of attention to her child; but the influence of youth, beauty, and elegance, gave an interest to the action which came home to her feelings.

She thanked him again and again; and, with a sweetness of address which always attended her, invited him to be seated. But this he declined, as he was dirty and wet. Mrs. Dashwood then begged to know to whom she was obliged. His name, he replied, was Willoughby, and his present home was at Allenham, from whence he hoped she would allow him the honour of calling tomorrow to enquire after Miss Dashwood. The honour was readily granted, and he then departed, to make himself still more interesting, in the midst of a heavy rain.

His manly beauty and more than common gracefulness were instantly the theme of general admiration, and the laugh which his gallantry raised against Marianne received particular spirit from his exterior attractions. Marianne herself had seen less of his person than the rest, for the confusion which crimsoned over her face, on his lifting her up, had robbed her of the power of regarding him after their entering the house. But she had seen enough of him to join in all the admiration of the others, and with an energy which always adorned her praise. His person and air were equal to what her fancy had ever drawn for the hero of a favourite story; and in his carrying her into the house with so little previous formality, there was a rapidity of thought which particularly recommended the action to her. Every circumstance belonging to him was interesting. His name was good, his residence was in their favourite village, and she soon found out that of all manly dresses a shooting-jacket was the most becoming. Her imagination was busy, her reflections were pleasant, and the pain of a sprained ankle was disregarded.

Sir John called on them as soon as the next interval of fair weather that morning allowed him to get out of doors; and Marianne's accident being related to him, he was eagerly asked whether he knew any gentleman of the name of Willoughby at Allenham.

"Willoughby!" cried Sir John; "what, is HE in the country? That is good news however; I will ride over tomorrow, and ask him to dinner on Thursday."

"You know him then," said Mrs. Dashwood.

"Know him! to be sure I do. Why, he is down here every year."

"And what sort of a young man is he?"

"As good a kind of fellow as ever lived, I assure you. A very decent shot, and there is not a bolder rider in England."

"And is that all you can say for him?" cried Marianne, indignantly. "But what are his manners on more intimate acquaintance? What his pursuits, his talents, and genius?"

Sir John was rather puzzled.

"Upon my soul," said he, "I do not know much about him as to all THAT. But he is a pleasant, good humoured fellow, and has got the nicest little black bitch of a pointer I ever saw. Was she out with him today?"

But Marianne could no more satisfy him as to the colour of Mr. Willoughby's pointer, than he could describe to her the shades of his mind.

"But who is he?" said Elinor. "Where does he come from? Has he a house at Allenham?"

On this point Sir John could give more certain intelligence; and he told them that Mr. Willoughby had no property of his own in the country; that he resided there only while he was visiting the old lady at Allenham Court, to whom he was related, and whose possessions he was to inherit; adding, "Yes, yes, he is very well worth catching I can tell you, Miss Dashwood; he has a pretty little estate of his own in Somersetshire besides; and if I were you, I would not give him up to my younger sister, in spite of all this tumbling down hills. Miss Marianne must not expect to have all the men to herself. Brandon will be jealous, if she does not take care."



“I do not believe,” said Mrs. Dashwood, with a good humoured smile, “that Mr. Willoughby will be incommoded by the attempts of either of MY daughters towards what you call CATCHING him. It is not an employment to which they have been brought up. Men are very safe with us, let them be ever so rich. I am glad to find, however, from what you say, that he is a respectable young man, and one whose acquaintance will not be ineligible.”

“He is as good a sort of fellow, I believe, as ever lived,” repeated Sir John. “I remember last Christmas at a little hop at the park, he danced from eight o’clock till four, without once sitting down.”

“Did he indeed?” cried Marianne with sparkling eyes, “and with elegance, with spirit?”

“Yes; and he was up again at eight to ride to covert.”

“That is what I like; that is what a young man ought to be. Whatever be his pursuits, his eagerness in them should know no moderation, and leave him no sense of fatigue.”

“Aye, aye, I see how it will be,” said Sir John, “I see how it will be. You will be setting your cap at him now, and never think of poor Brandon.”

“That is an expression, Sir John,” said Marianne, warmly, “which I particularly dislike. I abhor every common-place phrase by which wit is intended; and ‘setting one’s cap at a man,’ or ‘making a conquest,’ are the most odious of all. Their tendency is gross and illiberal; and if their construction could ever be deemed clever, time has long ago destroyed all its ingenuity.”

Sir John did not much understand this reproof; but he laughed as heartily as if he did, and then replied,

“Ay, you will make conquests enough, I dare say, one way or other. Poor Brandon! he is quite smitten already, and he is very well worth setting your cap at, I can tell you, in spite of all this tumbling about and spraining of ankles.”

## CHAPTER 10

Marianne's preserver, as Margaret, with more elegance than precision, styled Willoughby, called at the cottage early the next morning to make his personal enquiries. He was received by Mrs. Dashwood with more than politeness; with a kindness which Sir John's account of him and her own gratitude prompted; and every thing that passed during the visit tended to assure him of the sense, elegance, mutual affection, and domestic comfort of the family to whom accident had now introduced him. Of their personal charms he had not required a second interview to be convinced.

Miss Dashwood had a delicate complexion, regular features, and a remarkably pretty figure. Marianne was still handsomer. Her form, though not so correct as her sister's, in having the advantage of height, was more striking; and her face was so lovely, that when in the common cant of praise, she was called a beautiful girl, truth was less violently outraged than usually happens. Her skin was very brown, but, from its transparency, her complexion was uncommonly brilliant; her features were all good; her smile was sweet and attractive; and in her eyes, which were very dark, there was a life, a spirit, an eagerness, which could hardly be seen without delight. From Willoughby their expression was at first held back, by the embarrassment which the remembrance of his assistance created. But when this passed away, when her spirits became collected, when she saw that to the perfect good-breeding of the gentleman, he united frankness and vivacity, and above all, when she heard him declare, that of music and dancing he was passionately fond, she gave him such a look of approbation as secured the largest share of his discourse to herself for the rest of his stay.

It was only necessary to mention any favourite amusement to engage her to talk. She could not be silent when such points were introduced, and she had neither shyness nor reserve in their discussion. They speedily discovered that their enjoyment of dancing and music was mutual, and that it arose from a general conformity of judgment in all that related to either. Encouraged by this to a further examination of his

opinions, she proceeded to question him on the subject of books; her favourite authors were brought forward and dwelt upon with so rapturous a delight, that any young man of five and twenty must have been insensible indeed, not to become an immediate convert to the excellence of such works, however disregarded before. Their taste was strikingly alike. The same books, the same passages were idolized by each, or if any difference appeared, any objection arose, it lasted no longer than till the force of her arguments and the brightness of her eyes could be displayed. He acquiesced in all her decisions, caught all her enthusiasm; and long before his visit concluded, they conversed with the familiarity of a long-established acquaintance.

“Well, Marianne,” said Elinor, as soon as he had left them, “for ONE morning I think you have done pretty well. You have already ascertained Mr. Willoughby’s opinion in almost every matter of importance. You know what he thinks of Cowper and Scott; you are certain of his estimating their beauties as he ought, and you have received every assurance of his admiring Pope no more than is proper. But how is your acquaintance to be long supported, under such extraordinary despatch of every subject for discourse? You will soon have exhausted each favourite topic. Another meeting will suffice to explain his sentiments on picturesque beauty, and second marriages, and then you can have nothing farther to ask.”

“Elinor,” cried Marianne, “is this fair? is this just? are my ideas so scanty? But I see what you mean. I have been too much at my ease, too happy, too frank. I have erred against every common-place notion of decorum; I have been open and sincere where I ought to have been reserved, spiritless, dull, and deceitful had I talked only of the weather and the roads, and had I spoken only once in ten minutes, this reproach would have been spared.”

“My love,” said her mother, “you must not be offended with Elinor, she was only in jest. I should scold her myself, if she were capable of wishing to check the delight of your conversation with our new friend.” Marianne was softened in a moment.

Willoughby, on his side, gave every proof of his pleasure in their acquaintance, which an evident wish of improving it could offer. He came

to them every day. To enquire after Marianne was at first his excuse; but the encouragement of his reception, to which every day gave greater kindness, made such an excuse unnecessary before it had ceased to be possible, by Marianne's perfect recovery. She was confined for some days to the house; but never had any confinement been less irksome. Willoughby was a young man of good abilities, quick imagination, lively spirits, and open, affectionate manners. He was exactly formed to engage Marianne's heart, for with all this, he joined not only a captivating person, but a natural ardour of mind which was now roused and increased by the example of her own, and which recommended him to her affection beyond every thing else.

His society became gradually her most exquisite enjoyment. They read, they talked, they sang together; his musical talents were considerable; and he read with all the sensibility and spirit which Edward had unfortunately wanted.

In Mrs. Dashwood's estimation he was as faultless as in Marianne's; and Elinor saw nothing to censure in him but a propensity, in which he strongly resembled and peculiarly delighted her sister, of saying too much what he thought on every occasion, without attention to persons or circumstances. In hastily forming and giving his opinion of other people, in sacrificing general politeness to the enjoyment of undivided attention where his heart was engaged, and in slighting too easily the forms of worldly propriety, he displayed a want of caution which Elinor could not approve, in spite of all that he and Marianne could say in its support.

Marianne began now to perceive that the desperation which had seized her at sixteen and a half, of ever seeing a man who could satisfy her ideas of perfection, had been rash and unjustifiable. Willoughby was all that her fancy had delineated in that unhappy hour and in every brighter period, as capable of attaching her; and his behaviour declared his wishes to be in that respect as earnest, as his abilities were strong.

Her mother too, in whose mind not one speculative thought of their marriage had been raised, by his prospect of riches, was led before the end of a week to hope and expect it; and secretly to congratulate herself on having gained two such sons-in-law as Edward and Willoughby.

Colonel Brandon's partiality for Marianne, which had so early been discovered by his friends, now first became perceptible to Elinor, when it ceased to be noticed by them. Their attention and wit were drawn off to his more fortunate rival; and the raillery which the other had incurred before any partiality arose, was removed when his feelings began really to call for the ridicule so justly annexed to sensibility. Elinor was obliged, though unwillingly, to believe that the sentiments which Mrs. Jennings had assigned him for her own satisfaction, were now actually excited by her sister; and that however a general resemblance of disposition between the parties might forward the affection of Mr. Willoughby, an equally striking opposition of character was no hindrance to the regard of Colonel Brandon. She saw it with concern; for what could a silent man of five and thirty hope, when opposed to a very lively one of five and twenty? and as she could not even wish him successful, she heartily wished him indifferent. She liked him, in spite of his gravity and reserve, she beheld in him an object of interest. His manners, though serious, were mild; and his reserve appeared rather the result of some oppression of spirits than of any natural gloominess of temper. Sir John had dropped hints of past injuries and disappointments, which justified her belief of his being an unfortunate man, and she regarded him with respect and compassion.

Perhaps she pitied and esteemed him the more because he was slighted by Willoughby and Marianne, who, prejudiced against him for being neither lively nor young, seemed resolved to undervalue his merits.

"Brandon is just the kind of man," said Willoughby one day, when they were talking of him together, "whom every body speaks well of, and nobody cares about; whom all are delighted to see, and nobody remembers to talk to."

"That is exactly what I think of him," cried Marianne.

"Do not boast of it, however," said Elinor, "for it is injustice in both of you. He is highly esteemed by all the family at the park, and I never see him myself without taking pains to converse with him."

"That he is patronised by YOU," replied Willoughby, "is certainly in his favour; but as for the esteem of the others, it is a reproach in itself. Who would submit to the indignity of being approved by such a woman as

Lady Middleton and Mrs. Jennings, that could command the indifference of any body else?”

“But perhaps the abuse of such people as yourself and Marianne will make amends for the regard of Lady Middleton and her mother. If their praise is censure, your censure may be praise, for they are not more undiscerning, than you are prejudiced and unjust.”

“In defence of your protege you can even be saucy.”

“My protege, as you call him, is a sensible man; and sense will always have attractions for me. Yes, Marianne, even in a man between thirty and forty. He has seen a great deal of the world; has been abroad, has read, and has a thinking mind. I have found him capable of giving me much information on various subjects; and he has always answered my inquiries with readiness of good-breeding and good nature.”

“That is to say,” cried Marianne contemptuously, “he has told you, that in the East Indies the climate is hot, and the mosquitoes are troublesome.”

“He WOULD have told me so, I doubt not, had I made any such inquiries, but they happened to be points on which I had been previously informed.”

“Perhaps,” said Willoughby, “his observations may have extended to the existence of nabobs, gold mohrs, and palanquins.”

“I may venture to say that HIS observations have stretched much further than your candour. But why should you dislike him?”

“I do not dislike him. I consider him, on the contrary, as a very respectable man, who has every body’s good word, and nobody’s notice; who, has more money than he can spend, more time than he knows how to employ, and two new coats every year.”

“Add to which,” cried Marianne, “that he has neither genius, taste, nor spirit. That his understanding has no brilliancy, his feelings no ardour, and his voice no expression.”

“You decide on his imperfections so much in the mass,” replied Elinor, “and so much on the strength of your own imagination, that the commendation I am able to give of him is comparatively cold and insipid. I

can only pronounce him to be a sensible man, well-bred, well-informed, of gentle address, and, I believe, possessing an amiable heart.”

“Miss Dashwood,” cried Willoughby, “you are now using me unkindly. You are endeavouring to disarm me by reason, and to convince me against my will. But it will not do. You shall find me as stubborn as you can be artful. I have three unanswerable reasons for disliking Colonel Brandon; he threatened me with rain when I wanted it to be fine; he has found fault with the hanging of my curricle, and I cannot persuade him to buy my brown mare. If it will be any satisfaction to you, however, to be told, that I believe his character to be in other respects irreproachable, I am ready to confess it. And in return for an acknowledgment, which must give me some pain, you cannot deny me the privilege of disliking him as much as ever.”

## CHAPTER II

Little had Mrs. Dashwood or her daughters imagined when they first came into Devonshire, that so many engagements would arise to occupy their time as shortly presented themselves, or that they should have such frequent invitations and such constant visitors as to leave them little leisure for serious employment. Yet such was the case. When Marianne was recovered, the schemes of amusement at home and abroad, which Sir John had been previously forming, were put into execution. The private balls at the park then began; and parties on the water were made and accomplished as often as a showery October would allow. In every meeting of the kind Willoughby was included; and the ease and familiarity which naturally attended these parties were exactly calculated to give increasing intimacy to his acquaintance with the Dashwoods, to afford him opportunity of witnessing the excellencies of Marianne, of marking his animated admiration of her, and of receiving, in her behaviour to himself, the most pointed assurance of her affection.

Elinor could not be surprised at their attachment. She only wished that it were less openly shewn; and once or twice did venture to suggest the propriety of some self-command to Marianne. But Marianne abhorred all concealment where no real disgrace could attend unreserve; and to aim at the restraint of sentiments which were not in themselves illaudable, appeared to her not merely an unnecessary effort, but a disgraceful subjection of reason to common-place and mistaken notions. Willoughby thought the same; and their behaviour at all times, was an illustration of their opinions.

When he was present she had no eyes for any one else. Every thing he did, was right. Every thing he said, was clever. If their evenings at the park were concluded with cards, he cheated himself and all the rest of the party to get her a good hand. If dancing formed the amusement of the night, they were partners for half the time; and when obliged to separate for a couple of dances, were careful to stand together and scarcely spoke a word to any body else. Such conduct made them of course most exceedingly



laughed at; but ridicule could not shame, and seemed hardly to provoke them.

Mrs. Dashwood entered into all their feelings with a warmth which left her no inclination for checking this excessive display of them. To her it was but the natural consequence of a strong affection in a young and ardent mind.

This was the season of happiness to Marianne. Her heart was devoted to Willoughby, and the fond attachment to Norland, which she brought with her from Sussex, was more likely to be softened than she had thought it possible before, by the charms which his society bestowed on her present home.

Elinor's happiness was not so great. Her heart was not so much at ease, nor her satisfaction in their amusements so pure. They afforded her no companion that could make amends for what she had left behind, nor that could teach her to think of Norland with less regret than ever. Neither Lady Middleton nor Mrs. Jennings could supply to her the conversation she missed; although the latter was an everlasting talker, and from the first had regarded her with a kindness which ensured her a large share of her discourse. She had already repeated her own history to Elinor three or four times; and had Elinor's memory been equal to her means of improvement, she might have known very early in their acquaintance all the particulars of Mr. Jennings's last illness, and what he said to his wife a few minutes before he died. Lady Middleton was more agreeable than her mother only in being more silent. Elinor needed little observation to perceive that her reserve was a mere calmness of manner with which sense had nothing to do. Towards her husband and mother she was the same as to them; and intimacy was therefore neither to be looked for nor desired. She had nothing to say one day that she had not said the day before. Her insipidity was invariable, for even her spirits were always the same; and though she did not oppose the parties arranged by her husband, provided every thing were conducted in style and her two eldest children attended her, she never appeared to receive more enjoyment from them than she might have experienced in sitting at home; and so little did her presence add to the pleasure of the others, by any share in their conversation, that they were

sometimes only reminded of her being amongst them by her solicitude about her troublesome boys.

In Colonel Brandon alone, of all her new acquaintance, did Elinor find a person who could in any degree claim the respect of abilities, excite the interest of friendship, or give pleasure as a companion. Willoughby was out of the question. Her admiration and regard, even her sisterly regard, was all his own; but he was a lover; his attentions were wholly Marianne's, and a far less agreeable man might have been more generally pleasing. Colonel Brandon, unfortunately for himself, had no such encouragement to think only of Marianne, and in conversing with Elinor he found the greatest consolation for the indifference of her sister.

Elinor's compassion for him increased, as she had reason to suspect that the misery of disappointed love had already been known to him. This suspicion was given by some words which accidentally dropped from him one evening at the park, when they were sitting down together by mutual consent, while the others were dancing. His eyes were fixed on Marianne, and, after a silence of some minutes, he said, with a faint smile, "Your sister, I understand, does not approve of second attachments."

"No," replied Elinor, "her opinions are all romantic."

"Or rather, as I believe, she considers them impossible to exist."

"I believe she does. But how she contrives it without reflecting on the character of her own father, who had himself two wives, I know not. A few years however will settle her opinions on the reasonable basis of common sense and observation; and then they may be more easy to define and to justify than they now are, by any body but herself."

"This will probably be the case," he replied; "and yet there is something so amiable in the prejudices of a young mind, that one is sorry to see them give way to the reception of more general opinions."

"I cannot agree with you there," said Elinor. "There are inconveniences attending such feelings as Marianne's, which all the charms of enthusiasm and ignorance of the world cannot atone for. Her systems have all the unfortunate tendency of setting propriety at nought; and a better acquaintance with the world is what I look forward to as her greatest possible advantage."

After a short pause he resumed the conversation by saying,

“Does your sister make no distinction in her objections against a second attachment? or is it equally criminal in every body? Are those who have been disappointed in their first choice, whether from the inconstancy of its object, or the perverseness of circumstances, to be equally indifferent during the rest of their lives?”

“Upon my word, I am not acquainted with the minutiae of her principles. I only know that I never yet heard her admit any instance of a second attachment’s being pardonable.”

“This,” said he, “cannot hold; but a change, a total change of sentiments. No, no, do not desire it; for when the romantic refinements of a young mind are obliged to give way, how frequently are they succeeded by such opinions as are but too common, and too dangerous! I speak from experience. I once knew a lady who in temper and mind greatly resembled your sister, who thought and judged like her, but who from an inforced change—from a series of unfortunate circumstances”— Here he stopt suddenly; appeared to think that he had said too much, and by his countenance gave rise to conjectures, which might not otherwise have entered Elinor’s head. The lady would probably have passed without suspicion, had he not convinced Miss Dashwood that what concerned her ought not to escape his lips. As it was, it required but a slight effort of fancy to connect his emotion with the tender recollection of past regard. Elinor attempted no more. But Marianne, in her place, would not have done so little. The whole story would have been speedily formed under her active imagination; and every thing established in the most melancholy order of disastrous love.

## CHAPTER 12

As Elinor and Marianne were walking together the next morning the latter communicated a piece of news to her sister, which in spite of all that she knew before of Marianne's imprudence and want of thought, surprised her by its extravagant testimony of both. Marianne told her, with the greatest delight, that Willoughby had given her a horse, one that he had bred himself on his estate in Somersetshire, and which was exactly calculated to carry a woman. Without considering that it was not in her mother's plan to keep any horse, that if she were to alter her resolution in favour of this gift, she must buy another for the servant, and keep a servant to ride it, and after all, build a stable to receive them, she had accepted the present without hesitation, and told her sister of it in raptures.

"He intends to send his groom into Somersetshire immediately for it," she added, "and when it arrives we will ride every day. You shall share its use with me. Imagine to yourself, my dear Elinor, the delight of a gallop on some of these downs."

Most unwilling was she to awaken from such a dream of felicity to comprehend all the unhappy truths which attended the affair; and for some time she refused to submit to them. As to an additional servant, the expense would be a trifle; Mamma she was sure would never object to it; and any horse would do for HIM; he might always get one at the park; as to a stable, the merest shed would be sufficient. Elinor then ventured to doubt the propriety of her receiving such a present from a man so little, or at least so lately known to her. This was too much.

"You are mistaken, Elinor," said she warmly, "in supposing I know very little of Willoughby. I have not known him long indeed, but I am much better acquainted with him, than I am with any other creature in the world, except yourself and mama. It is not time or opportunity that is to determine intimacy; it is disposition alone. Seven years would be insufficient to make some people acquainted with each other, and seven days are more than enough for others. I should hold myself guilty of greater impropriety in accepting a horse from my brother, than from Willoughby.

Of John I know very little, though we have lived together for years; but of Willoughby my judgment has long been formed.”

Elinor thought it wisest to touch that point no more. She knew her sister's temper. Opposition on so tender a subject would only attach her the more to her own opinion. But by an appeal to her affection for her mother, by representing the inconveniences which that indulgent mother must draw on herself, if (as would probably be the case) she consented to this increase of establishment, Marianne was shortly subdued; and she promised not to tempt her mother to such imprudent kindness by mentioning the offer, and to tell Willoughby when she saw him next, that it must be declined.

She was faithful to her word; and when Willoughby called at the cottage, the same day, Elinor heard her express her disappointment to him in a low voice, on being obliged to forego the acceptance of his present. The reasons for this alteration were at the same time related, and they were such as to make further entreaty on his side impossible. His concern however was very apparent; and after expressing it with earnestness, he added, in the same low voice, "But, Marianne, the horse is still yours, though you cannot use it now. I shall keep it only till you can claim it. When you leave Barton to form your own establishment in a more lasting home, Queen Mab shall receive you."

This was all overheard by Miss Dashwood; and in the whole of the sentence, in his manner of pronouncing it, and in his addressing her sister by her Christian name alone, she instantly saw an intimacy so decided, a meaning so direct, as marked a perfect agreement between them. From that moment she doubted not of their being engaged to each other; and the belief of it created no other surprise than that she, or any of their friends, should be left by tempers so frank, to discover it by accident.

Margaret related something to her the next day, which placed this matter in a still clearer light. Willoughby had spent the preceding evening with them, and Margaret, by being left some time in the parlour with only him and Marianne, had had opportunity for observations, which, with a most important face, she communicated to her eldest sister, when they were next by themselves.

“Oh, Elinor!” she cried, “I have such a secret to tell you about Marianne. I am sure she will be married to Mr. Willoughby very soon.”

“You have said so,” replied Elinor, “almost every day since they first met on High-church Down; and they had not known each other a week, I believe, before you were certain that Marianne wore his picture round her neck; but it turned out to be only the miniature of our great uncle.”

“But indeed this is quite another thing. I am sure they will be married very soon, for he has got a lock of her hair.”

“Take care, Margaret. It may be only the hair of some great uncle of HIS.”

“But, indeed, Elinor, it is Marianne’s. I am almost sure it is, for I saw him cut it off. Last night after tea, when you and mama went out of the room, they were whispering and talking together as fast as could be, and he seemed to be begging something of her, and presently he took up her scissors and cut off a long lock of her hair, for it was all tumbled down her back; and he kissed it, and folded it up in a piece of white paper; and put it into his pocket-book.”

For such particulars, stated on such authority, Elinor could not withhold her credit; nor was she disposed to it, for the circumstance was in perfect unison with what she had heard and seen herself.

Margaret’s sagacity was not always displayed in a way so satisfactory to her sister. When Mrs. Jennings attacked her one evening at the park, to give the name of the young man who was Elinor’s particular favourite, which had been long a matter of great curiosity to her, Margaret answered by looking at her sister, and saying, “I must not tell, may I, Elinor?”

This of course made every body laugh; and Elinor tried to laugh too. But the effort was painful. She was convinced that Margaret had fixed on a person whose name she could not bear with composure to become a standing joke with Mrs. Jennings.

Marianne felt for her most sincerely; but she did more harm than good to the cause, by turning very red and saying in an angry manner to Margaret,

“Remember that whatever your conjectures may be, you have no right to repeat them.”

“I never had any conjectures about it,” replied Margaret; “it was you who told me of it yourself.”

This increased the mirth of the company, and Margaret was eagerly pressed to say something more.

“Oh! pray, Miss Margaret, let us know all about it,” said Mrs. Jennings. “What is the gentleman’s name?”

“I must not tell, ma’am. But I know very well what it is; and I know where he is too.”

“Yes, yes, we can guess where he is; at his own house at Norland to be sure. He is the curate of the parish I dare say.”

“No, THAT he is not. He is of no profession at all.”

“Margaret,” said Marianne with great warmth, “you know that all this is an invention of your own, and that there is no such person in existence.”

“Well, then, he is lately dead, Marianne, for I am sure there was such a man once, and his name begins with an F.”

Most grateful did Elinor feel to Lady Middleton for observing, at this moment, “that it rained very hard,” though she believed the interruption to proceed less from any attention to her, than from her ladyship’s great dislike of all such inelegant subjects of raillery as delighted her husband and mother. The idea however started by her, was immediately pursued by Colonel Brandon, who was on every occasion mindful of the feelings of others; and much was said on the subject of rain by both of them. Willoughby opened the piano-forte, and asked Marianne to sit down to it; and thus amidst the various endeavours of different people to quit the topic, it fell to the ground. But not so easily did Elinor recover from the alarm into which it had thrown her.

A party was formed this evening for going on the following day to see a very fine place about twelve miles from Barton, belonging to a brother-in-law of Colonel Brandon, without whose interest it could not be seen, as the proprietor, who was then abroad, had left strict orders on that head. The grounds were declared to be highly beautiful, and Sir John, who

was particularly warm in their praise, might be allowed to be a tolerable judge, for he had formed parties to visit them, at least, twice every summer for the last ten years. They contained a noble piece of water; a sail on which was to form a great part of the morning's amusement; cold provisions were to be taken, open carriages only to be employed, and every thing conducted in the usual style of a complete party of pleasure.

To some few of the company it appeared rather a bold undertaking, considering the time of year, and that it had rained every day for the last fortnight; and Mrs. Dashwood, who had already a cold, was persuaded by Elinor to stay at home.



## CHAPTER 13

Their intended excursion to Whitwell turned out very different from what Elinor had expected. She was prepared to be wet through, fatigued, and frightened; but the event was still more unfortunate, for they did not go at all.

By ten o'clock the whole party was assembled at the park, where they were to breakfast. The morning was rather favourable, though it had rained all night, as the clouds were then dispersing across the sky, and the sun frequently appeared. They were all in high spirits and good humour, eager to be happy, and determined to submit to the greatest inconveniences and hardships rather than be otherwise.

While they were at breakfast the letters were brought in. Among the rest there was one for Colonel Brandon; he took it, looked at the direction, changed colour, and immediately left the room.

“What is the matter with Brandon?” said Sir John.

Nobody could tell.

“I hope he has had no bad news,” said Lady Middleton. “It must be something extraordinary that could make Colonel Brandon leave my breakfast table so suddenly.”

In about five minutes he returned.

“No bad news, Colonel, I hope;” said Mrs. Jennings, as soon as he entered the room.

“None at all, ma'am, I thank you.”

“Was it from Avignon? I hope it is not to say that your sister is worse.”

“No, ma'am. It came from town, and is merely a letter of business.”

“But how came the hand to discompose you so much, if it was only a letter of business? Come, come, this won't do, Colonel; so let us hear the truth of it.”

“My dear madam,” said Lady Middleton, “recollect what you are saying.”

“Perhaps it is to tell you that your cousin Fanny is married?” said Mrs. Jennings, without attending to her daughter’s reproof.

“No, indeed, it is not.”

“Well, then, I know who it is from, Colonel. And I hope she is well.”

“Whom do you mean, ma’am?” said he, colouring a little.

“Oh! you know who I mean.”

“I am particularly sorry, ma’am,” said he, addressing Lady Middleton, “that I should receive this letter today, for it is on business which requires my immediate attendance in town.”

“In town!” cried Mrs. Jennings. “What can you have to do in town at this time of year?”

“My own loss is great,” he continued, “in being obliged to leave so agreeable a party; but I am the more concerned, as I fear my presence is necessary to gain your admittance at Whitwell.”

What a blow upon them all was this!

“But if you write a note to the housekeeper, Mr. Brandon,” said Marianne, eagerly, “will it not be sufficient?”

He shook his head.

“We must go,” said Sir John.—“It shall not be put off when we are so near it. You cannot go to town till tomorrow, Brandon, that is all.”

“I wish it could be so easily settled. But it is not in my power to delay my journey for one day!”

“If you would but let us know what your business is,” said Mrs. Jennings, “we might see whether it could be put off or not.”

“You would not be six hours later,” said Willoughby, “if you were to defer your journey till our return.”

“I cannot afford to lose ONE hour.”

Elinor then heard Willoughby say, in a low voice to Marianne, “There are some people who cannot bear a party of pleasure. Brandon is one

of them. He was afraid of catching cold I dare say, and invented this trick for getting out of it. I would lay fifty guineas the letter was of his own writing.”

“I have no doubt of it,” replied Marianne.

“There is no persuading you to change your mind, Brandon, I know of old,” said Sir John, “when once you are determined on anything. But, however, I hope you will think better of it. Consider, here are the two Miss Careys come over from Newton, the three Miss Dashwoods walked up from the cottage, and Mr. Willoughby got up two hours before his usual time, on purpose to go to Whitwell.”

Colonel Brandon again repeated his sorrow at being the cause of disappointing the party; but at the same time declared it to be unavoidable.

“Well, then, when will you come back again?”

“I hope we shall see you at Barton,” added her ladyship, “as soon as you can conveniently leave town; and we must put off the party to Whitwell till you return.”

“You are very obliging. But it is so uncertain, when I may have it in my power to return, that I dare not engage for it at all.”

“Oh! he must and shall come back,” cried Sir John. “If he is not here by the end of the week, I shall go after him.”

“Ay, so do, Sir John,” cried Mrs. Jennings, “and then perhaps you may find out what his business is.”

“I do not want to pry into other men’s concerns. I suppose it is something he is ashamed of.”

Colonel Brandon’s horses were announced.

“You do not go to town on horseback, do you?” added Sir John.

“No. Only to Honiton. I shall then go post.”

“Well, as you are resolved to go, I wish you a good journey. But you had better change your mind.”

“I assure you it is not in my power.”

He then took leave of the whole party.

“Is there no chance of my seeing you and your sisters in town this winter, Miss Dashwood?”

“I am afraid, none at all.”

“Then I must bid you farewell for a longer time than I should wish to do.”

To Marianne, he merely bowed and said nothing.

“Come Colonel,” said Mrs. Jennings, “before you go, do let us know what you are going about.”

He wished her a good morning, and, attended by Sir John, left the room.

The complaints and lamentations which politeness had hitherto restrained, now burst forth universally; and they all agreed again and again how provoking it was to be so disappointed.

“I can guess what his business is, however,” said Mrs. Jennings exultingly.

“Can you, ma’am?” said almost every body.

“Yes; it is about Miss Williams, I am sure.”

“And who is Miss Williams?” asked Marianne.

“What! do not you know who Miss Williams is? I am sure you must have heard of her before. She is a relation of the Colonel’s, my dear; a very near relation. We will not say how near, for fear of shocking the young ladies.” Then, lowering her voice a little, she said to Elinor, “She is his natural daughter.”

“Indeed!”

“Oh, yes; and as like him as she can stare. I dare say the Colonel will leave her all his fortune.”

When Sir John returned, he joined most heartily in the general regret on so unfortunate an event; concluding however by observing, that as they were all got together, they must do something by way of being happy; and after some consultation it was agreed, that although happiness could only be enjoyed at Whitwell, they might procure a tolerable composure of mind by driving about the country. The carriages were then ordered; Willoughby’s was first, and Marianne never looked happier than

when she got into it. He drove through the park very fast, and they were soon out of sight; and nothing more of them was seen till their return, which did not happen till after the return of all the rest. They both seemed delighted with their drive; but said only in general terms that they had kept in the lanes, while the others went on the downs.

It was settled that there should be a dance in the evening, and that every body should be extremely merry all day long. Some more of the Careys came to dinner, and they had the pleasure of sitting down nearly twenty to table, which Sir John observed with great contentment. Willoughby took his usual place between the two elder Miss Dashwoods. Mrs. Jennings sat on Elinor's right hand; and they had not been long seated, before she leant behind her and Willoughby, and said to Marianne, loud enough for them both to hear, "I have found you out in spite of all your tricks. I know where you spent the morning."

Marianne coloured, and replied very hastily, "Where, pray?"

"Did not you know," said Willoughby, "that we had been out in my curricule?"

"Yes, yes, Mr. Impudence, I know that very well, and I was determined to find out WHERE you had been to. I hope you like your house, Miss Marianne. It is a very large one, I know; and when I come to see you, I hope you will have new-furnished it, for it wanted it very much when I was there six years ago."

Marianne turned away in great confusion. Mrs. Jennings laughed heartily; and Elinor found that in her resolution to know where they had been, she had actually made her own woman enquire of Mr. Willoughby's groom; and that she had by that method been informed that they had gone to Allenham, and spent a considerable time there in walking about the garden and going all over the house.

Elinor could hardly believe this to be true, as it seemed very unlikely that Willoughby should propose, or Marianne consent, to enter the house while Mrs. Smith was in it, with whom Marianne had not the smallest acquaintance.

As soon as they left the dining-room, Elinor enquired of her about it; and great was her surprise when she found that every circumstance

related by Mrs. Jennings was perfectly true. Marianne was quite angry with her for doubting it.

“Why should you imagine, Elinor, that we did not go there, or that we did not see the house? Is not it what you have often wished to do yourself?”

“Yes, Marianne, but I would not go while Mrs. Smith was there, and with no other companion than Mr. Willoughby.”

“Mr. Willoughby however is the only person who can have a right to shew that house; and as he went in an open carriage, it was impossible to have any other companion. I never spent a pleasanter morning in my life.”

“I am afraid,” replied Elinor, “that the pleasantness of an employment does not always evince its propriety.”

“On the contrary, nothing can be a stronger proof of it, Elinor; for if there had been any real impropriety in what I did, I should have been sensible of it at the time, for we always know when we are acting wrong, and with such a conviction I could have had no pleasure.”

“But, my dear Marianne, as it has already exposed you to some very impertinent remarks, do you not now begin to doubt the discretion of your own conduct?”

“If the impertinent remarks of Mrs. Jennings are to be the proof of impropriety in conduct, we are all offending every moment of our lives. I value not her censure any more than I should do her commendation. I am not sensible of having done anything wrong in walking over Mrs. Smith’s grounds, or in seeing her house. They will one day be Mr. Willoughby’s, and...”

“If they were one day to be your own, Marianne, you would not be justified in what you have done.”

She blushed at this hint; but it was even visibly gratifying to her; and after a ten minutes’ interval of earnest thought, she came to her sister again, and said with great good humour, “Perhaps, Elinor, it WAS rather ill-judged in me to go to Allenham; but Mr. Willoughby wanted particularly to shew me the place; and it is a charming house, I assure you. There is one remarkably pretty sitting room up stairs; of a nice comfortable size for constant use, and with modern furniture it would be delightful. It is a

corner room, and has windows on two sides. On one side you look across the bowling-green, behind the house, to a beautiful hanging wood, and on the other you have a view of the church and village, and, beyond them, of those fine bold hills that we have so often admired. I did not see it to advantage, for nothing could be more forlorn than the furniture, But if it were newly fitted up, a couple of hundred pounds, Willoughby says, would make it one of the pleasantest summer-rooms in England.”

Could Elinor have listened to her without interruption from the others, she would have described every room in the house with equal delight.

## CHAPTER 14

The sudden termination of Colonel Brandon's visit at the park, with his steadiness in concealing its cause, filled the mind, and raised the wonder of Mrs. Jennings for two or three days; she was a great wonderer, as every one must be who takes a very lively interest in all the comings and goings of all their acquaintance. She wondered, with little intermission what could be the reason of it; was sure there must be some bad news, and thought over every kind of distress that could have befallen him, with a fixed determination that he should not escape them all.

“Something very melancholy must be the matter, I am sure,” said she. “I could see it in his face. Poor man! I am afraid his circumstances may be bad. The estate at Delaford was never reckoned more than two thousand a year, and his brother left everything sadly involved. I do think he must have been sent for about money matters, for what else can it be? I wonder whether it is so. I would give anything to know the truth of it. Perhaps it is about Miss Williams and, by the bye, I dare say it is, because he looked so conscious when I mentioned her. May be she is ill in town; nothing in the world more likely, for I have a notion she is always rather sickly. I would lay any wager it is about Miss Williams. It is not so very likely he should be distressed in his circumstances NOW, for he is a very prudent man, and to be sure must have cleared the estate by this time. I wonder what it can be! May be his sister is worse at Avignon, and has sent for him over. His setting off in such a hurry seems very like it. Well, I wish him out of all his trouble with all my heart, and a good wife into the bargain.”

So wondered, so talked Mrs. Jennings. Her opinion varying with every fresh conjecture, and all seeming equally probable as they arose. Elinor, though she felt really interested in the welfare of Colonel Brandon, could not bestow all the wonder on his going so suddenly away, which Mrs. Jennings was desirous of her feeling; for besides that the circumstance did not in her opinion justify such lasting amazement or variety of speculation, her wonder was otherwise disposed of. It was engrossed by the extraordinary silence of her sister and Willoughby on the subject,



which they must know to be peculiarly interesting to them all. As this silence continued, every day made it appear more strange and more incompatible with the disposition of both. Why they should not openly acknowledge to her mother and herself, what their constant behaviour to each other declared to have taken place, Elinor could not imagine.

She could easily conceive that marriage might not be immediately in their power; for though Willoughby was independent, there was no reason to believe him rich. His estate had been rated by Sir John at about six or seven hundred a year; but he lived at an expense to which that income could hardly be equal, and he had himself often complained of his poverty. But for this strange kind of secrecy maintained by them relative to their engagement, which in fact concealed nothing at all, she could not account; and it was so wholly contradictory to their general opinions and practice, that a doubt sometimes entered her mind of their being really engaged, and this doubt was enough to prevent her making any inquiry of Marianne.

Nothing could be more expressive of attachment to them all, than Willoughby's behaviour. To Marianne it had all the distinguishing tenderness which a lover's heart could give, and to the rest of the family it was the affectionate attention of a son and a brother. The cottage seemed to be considered and loved by him as his home; many more of his hours were spent there than at Allenham; and if no general engagement collected them at the park, the exercise which called him out in the morning was almost certain of ending there, where the rest of the day was spent by himself at the side of Marianne, and by his favourite pointer at her feet.

One evening in particular, about a week after Colonel Brandon left the country, his heart seemed more than usually open to every feeling of attachment to the objects around him; and on Mrs. Dashwood's happening to mention her design of improving the cottage in the spring, he warmly opposed every alteration of a place which affection had established as perfect with him.

"What!" he exclaimed. "Improve this dear cottage! No. THAT I will never consent to. Not a stone must be added to its walls, not an inch to its size, if my feelings are regarded."

“Do not be alarmed,” said Miss Dashwood, “nothing of the kind will be done; for my mother will never have money enough to attempt it.”

“I am heartily glad of it,” he cried. “May she always be poor, if she can employ her riches no better.”

“Thank you, Willoughby. But you may be assured that I would not sacrifice one sentiment of local attachment of yours, or of any one whom I loved, for all the improvements in the world. Depend upon it that whatever unemployed sum may remain, when I make up my accounts in the spring, I would even rather lay it uselessly by than dispose of it in a manner so painful to you. But are you really so attached to this place as to see no defect in it?”

“I am,” said he. “To me it is faultless. Nay, more, I consider it as the only form of building in which happiness is attainable, and were I rich enough I would instantly pull Combe down, and build it up again in the exact plan of this cottage.”

“With dark narrow stairs and a kitchen that smokes, I suppose,” said Elinor.

“Yes,” cried he in the same eager tone, “with all and every thing belonging to it; in no one convenience or inconvenience about it, should the least variation be perceptible. Then, and then only, under such a roof, I might perhaps be as happy at Combe as I have been at Barton.”

“I flatter myself,” replied Elinor, “that even under the disadvantage of better rooms and a broader staircase, you will hereafter find your own house as faultless as you now do this.”

“There certainly are circumstances,” said Willoughby, “which might greatly endear it to me; but this place will always have one claim of my affection, which no other can possibly share.”

Mrs. Dashwood looked with pleasure at Marianne, whose fine eyes were fixed so expressively on Willoughby, as plainly denoted how well she understood him.

“How often did I wish,” added he, “when I was at Allenham this time twelvemonth, that Barton cottage were inhabited! I never passed within view of it without admiring its situation, and grieving that no one should live in it. How little did I then think that the very first news I

should hear from Mrs. Smith, when I next came into the country, would be that Barton cottage was taken: and I felt an immediate satisfaction and interest in the event, which nothing but a kind of prescience of what happiness I should experience from it, can account for. Must it not have been so, Marianne?" speaking to her in a lowered voice. Then continuing his former tone, he said, "And yet this house you would spoil, Mrs. Dashwood? You would rob it of its simplicity by imaginary improvement! and this dear parlour in which our acquaintance first began, and in which so many happy hours have been since spent by us together, you would degrade to the condition of a common entrance, and every body would be eager to pass through the room which has hitherto contained within itself more real accommodation and comfort than any other apartment of the handsomest dimensions in the world could possibly afford."

Mrs. Dashwood again assured him that no alteration of the kind should be attempted.

"You are a good woman," he warmly replied. "Your promise makes me easy. Extend it a little farther, and it will make me happy. Tell me that not only your house will remain the same, but that I shall ever find you and yours as unchanged as your dwelling; and that you will always consider me with the kindness which has made everything belonging to you so dear to me."

The promise was readily given, and Willoughby's behaviour during the whole of the evening declared at once his affection and happiness.

"Shall we see you tomorrow to dinner?" said Mrs. Dashwood, when he was leaving them. "I do not ask you to come in the morning, for we must walk to the park, to call on Lady Middleton."

He engaged to be with them by four o'clock.

## CHAPTER 15

Mrs. Dashwood's visit to Lady Middleton took place the next day, and two of her daughters went with her; but Marianne excused herself from being of the party, under some trifling pretext of employment; and her mother, who concluded that a promise had been made by Willoughby the night before of calling on her while they were absent, was perfectly satisfied with her remaining at home.

On their return from the park they found Willoughby's curricule and servant in waiting at the cottage, and Mrs. Dashwood was convinced that her conjecture had been just. So far it was all as she had foreseen; but on entering the house she beheld what no foresight had taught her to expect. They were no sooner in the passage than Marianne came hastily out of the parlour apparently in violent affliction, with her handkerchief at her eyes; and without noticing them ran up stairs. Surprised and alarmed they proceeded directly into the room she had just quitted, where they found only Willoughby, who was leaning against the mantel-piece with his back towards them. He turned round on their coming in, and his countenance shewed that he strongly partook of the emotion which over-powered Marianne.

"Is anything the matter with her?" cried Mrs. Dashwood as she entered. "is she ill?"

"I hope not," he replied, trying to look cheerful; and with a forced smile presently added, "It is I who may rather expect to be ill, for I am now suffering under a very heavy disappointment!"

"Disappointment?"

"Yes, for I am unable to keep my engagement with you. Mrs. Smith has this morning exercised the privilege of riches upon a poor dependent cousin, by sending me on business to London. I have just received my dispatches, and taken my farewell of Allenham; and by way of exhilaration I am now come to take my farewell of you."

"To London! and are you going this morning?"

“Almost this moment.”

“This is very unfortunate. But Mrs. Smith must be obliged; and her business will not detain you from us long I hope.”

He coloured as he replied, “You are very kind, but I have no idea of returning into Devonshire immediately. My visits to Mrs. Smith are never repeated within the twelvemonth.”

“And is Mrs. Smith your only friend? Is Allenham the only house in the neighbourhood to which you will be welcome? For shame, Willoughby, can you wait for an invitation here?”

His colour increased; and with his eyes fixed on the ground he only replied, “You are too good.”

Mrs. Dashwood looked at Elinor with surprise. Elinor felt equal amazement. For a few moments every one was silent. Mrs. Dashwood first spoke.

“I have only to add, my dear Willoughby, that at Barton cottage you will always be welcome; for I will not press you to return here immediately, because you only can judge how far THAT might be pleasing to Mrs. Smith; and on this head I shall be no more disposed to question your judgment than to doubt your inclination.”

“My engagements at present,” replied Willoughby, confusedly, “are of such a nature, that, I dare not flatter myself”

He stopt. Mrs. Dashwood was too much astonished to speak, and another pause succeeded. This was broken by Willoughby, who said with a faint smile, “It is folly to linger in this manner. I will not torment myself any longer by remaining among friends whose society it is impossible for me now to enjoy.”

He then hastily took leave of them all and left the room. They saw him step into his carriage, and in a minute it was out of sight.

Mrs. Dashwood felt too much for speech, and instantly quitted the parlour to give way in solitude to the concern and alarm which this sudden departure occasioned.

Elinor’s uneasiness was at least equal to her mother’s. She thought of what had just passed with anxiety and distrust. Willoughby’s behaviour

in taking leave of them, his embarrassment, and affectation of cheerfulness, and, above all, his unwillingness to accept her mother's invitation, a backwardness so unlike a lover, so unlike himself, greatly disturbed her. One moment she feared that no serious design had ever been formed on his side; and the next that some unfortunate quarrel had taken place between him and her sister;—the distress in which Marianne had quitted the room was such as a serious quarrel could most reasonably account for, though when she considered what Marianne's love for him was, a quarrel seemed almost impossible.

But whatever might be the particulars of their separation, her sister's affliction was indubitable; and she thought with the tenderest compassion of that violent sorrow which Marianne was in all probability not merely giving way to as a relief, but feeding and encouraging as a duty.

In about half an hour her mother returned, and though her eyes were red, her countenance was not uncheerful.

“Our dear Willoughby is now some miles from Barton, Elinor,” said she, as she sat down to work, “and with how heavy a heart does he travel?”

“It is all very strange. So suddenly to be gone! It seems but the work of a moment. And last night he was with us so happy, so cheerful, so affectionate? And now, after only ten minutes notice—Gone too without intending to return!—Something more than what he owed to us must have happened. He did not speak, he did not behave like himself. YOU must have seen the difference as well as I. What can it be? Can they have quarrelled? Why else should he have shewn such unwillingness to accept your invitation here?”—

“It was not inclination that he wanted, Elinor; I could plainly see THAT. He had not the power of accepting it. I have thought it all over I assure you, and I can perfectly account for every thing that at first seemed strange to me as well as to you.”

“Can you, indeed!”

“Yes. I have explained it to myself in the most satisfactory way;—but you, Elinor, who love to doubt where you can—it will not satisfy YOU, I know; but you shall not talk ME out of my trust in it. I am persuaded that

Mrs. Smith suspects his regard for Marianne, disapproves of it, (perhaps because she has other views for him,) and on that account is eager to get him away;—and that the business which she sends him off to transact is invented as an excuse to dismiss him. This is what I believe to have happened. He is, moreover, aware that she DOES disapprove the connection, he dares not therefore at present confess to her his engagement with Marianne, and he feels himself obliged, from his dependent situation, to give into her schemes, and absent himself from Devonshire for a while. You will tell me, I know, that this may or may NOT have happened; but I will listen to no cavil, unless you can point out any other method of understanding the affair as satisfactory at this. And now, Elinor, what have you to say?”

“Nothing, for you have anticipated my answer.”

“Then you would have told me, that it might or might not have happened. Oh, Elinor, how incomprehensible are your feelings! You had rather take evil upon credit than good. You had rather look out for misery for Marianne, and guilt for poor Willoughby, than an apology for the latter. You are resolved to think him blameable, because he took leave of us with less affection than his usual behaviour has shewn. And is no allowance to be made for inadvertence, or for spirits depressed by recent disappointment? Are no probabilities to be accepted, merely because they are not certainties? Is nothing due to the man whom we have all such reason to love, and no reason in the world to think ill of? To the possibility of motives unanswerable in themselves, though unavoidably secret for a while? And, after all, what is it you suspect him of?”

“I can hardly tell myself. But suspicion of something unpleasant is the inevitable consequence of such an alteration as we just witnessed in him. There is great truth, however, in what you have now urged of the allowances which ought to be made for him, and it is my wish to be candid in my judgment of every body. Willoughby may undoubtedly have very sufficient reasons for his conduct, and I will hope that he has. But it would have been more like Willoughby to acknowledge them at once. Secrecy may be advisable; but still I cannot help wondering at its being practiced by him.”

“Do not blame him, however, for departing from his character, where the deviation is necessary. But you really do admit the justice of what I have said in his defence? I am happy and he is acquitted.”

“Not entirely. It may be proper to conceal their engagement (if they ARE engaged) from Mrs. Smith—and if that is the case, it must be highly expedient for Willoughby to be but little in Devonshire at present. But this is no excuse for their concealing it from us.”

“Concealing it from us! my dear child, do you accuse Willoughby and Marianne of concealment? This is strange indeed, when your eyes have been reproaching them every day for incautiousness.”

“I want no proof of their affection,” said Elinor; “but of their engagement I do.”

“I am perfectly satisfied of both.”

“Yet not a syllable has been said to you on the subject, by either of them.”

“I have not wanted syllables where actions have spoken so plainly. Has not his behaviour to Marianne and to all of us, for at least the last fortnight, declared that he loved and considered her as his future wife, and that he felt for us the attachment of the nearest relation? Have we not perfectly understood each other? Has not my consent been daily asked by his looks, his manner, his attentive and affectionate respect? My Elinor, is it possible to doubt their engagement? How could such a thought occur to you? How is it to be supposed that Willoughby, persuaded as he must be of your sister’s love, should leave her, and leave her perhaps for months, without telling her of his affection;—that they should part without a mutual exchange of confidence?”

“I confess,” replied Elinor, “that every circumstance except ONE is in favour of their engagement; but that ONE is the total silence of both on the subject, and with me it almost outweighs every other.”

“How strange this is! You must think wretchedly indeed of Willoughby, if, after all that has openly passed between them, you can doubt the nature of the terms on which they are together. Has he been acting a part in his behaviour to your sister all this time? Do you suppose him really indifferent to her?”



“No, I cannot think that. He must and does love her I am sure.”

“But with a strange kind of tenderness, if he can leave her with such indifference, such carelessness of the future, as you attribute to him.”

“You must remember, my dear mother, that I have never considered this matter as certain. I have had my doubts, I confess; but they are fainter than they were, and they may soon be entirely done away. If we find they correspond, every fear of mine will be removed.”

“A mighty concession indeed! If you were to see them at the altar, you would suppose they were going to be married. Ungracious girl! But I require no such proof. Nothing in my opinion has ever passed to justify doubt; no secrecy has been attempted; all has been uniformly open and unreserved. You cannot doubt your sister’s wishes. It must be Willoughby therefore whom you suspect. But why? Is he not a man of honour and feeling? Has there been any inconsistency on his side to create alarm? can he be deceitful?”

“I hope not, I believe not,” cried Elinor. “I love Willoughby, sincerely love him; and suspicion of his integrity cannot be more painful to yourself than to me. It has been involuntary, and I will not encourage it. I was startled, I confess, by the alteration in his manners this morning;—he did not speak like himself, and did not return your kindness with any cordiality. But all this may be explained by such a situation of his affairs as you have supposed. He had just parted from my sister, had seen her leave him in the greatest affliction; and if he felt obliged, from a fear of offending Mrs. Smith, to resist the temptation of returning here soon, and yet aware that by declining your invitation, by saying that he was going away for some time, he should seem to act an ungenerous, a suspicious part by our family, he might well be embarrassed and disturbed. In such a case, a plain and open avowal of his difficulties would have been more to his honour I think, as well as more consistent with his general character;—but I will not raise objections against any one’s conduct on so illiberal a foundation, as a difference in judgment from myself, or a deviation from what I may think right and consistent.”

“You speak very properly. Willoughby certainly does not deserve to be suspected. Though WE have not known him long, he is no stranger in

this part of the world; and who has ever spoken to his disadvantage? Had he been in a situation to act independently and marry immediately, it might have been odd that he should leave us without acknowledging everything to me at once: but this is not the case. It is an engagement in some respects not prosperously begun, for their marriage must be at a very uncertain distance; and even secrecy, as far as it can be observed, may now be very advisable.”

They were interrupted by the entrance of Margaret; and Elinor was then at liberty to think over the representations of her mother, to acknowledge the probability of many, and hope for the justice of all.

They saw nothing of Marianne till dinner time, when she entered the room and took her place at the table without saying a word. Her eyes were red and swollen; and it seemed as if her tears were even then restrained with difficulty. She avoided the looks of them all, could neither eat nor speak, and after some time, on her mother’s silently pressing her hand with tender compassion, her small degree of fortitude was quite overcome, she burst into tears and left the room.

This violent oppression of spirits continued the whole evening. She was without any power, because she was without any desire of command over herself. The slightest mention of anything relative to Willoughby overpowered her in an instant; and though her family were most anxiously attentive to her comfort, it was impossible for them, if they spoke at all, to keep clear of every subject which her feelings connected with him.

## CHAPTER 16

Marianne would have thought herself very inexcusable had she been able to sleep at all the first night after parting from Willoughby. She would have been ashamed to look her family in the face the next morning, had she not risen from her bed in more need of repose than when she lay down in it. But the feelings which made such composure a disgrace, left her in no danger of incurring it. She was awake the whole night, and she wept the greatest part of it. She got up with a headache, was unable to talk, and unwilling to take any nourishment; giving pain every moment to her mother and sisters, and forbidding all attempt at consolation from either. Her sensibility was potent enough!

When breakfast was over she walked out by herself, and wandered about the village of Allenham, indulging the recollection of past enjoyment and crying over the present reverse for the chief of the morning.

The evening passed off in the equal indulgence of feeling. She played over every favourite song that she had been used to play to Willoughby, every air in which their voices had been oftenest joined, and sat at the instrument gazing on every line of music that he had written out for her, till her heart was so heavy that no farther sadness could be gained; and this nourishment of grief was every day applied. She spent whole hours at the pianoforte alternately singing and crying; her voice often totally suspended by her tears. In books too, as well as in music, she courted the misery which a contrast between the past and present was certain of giving. She read nothing but what they had been used to read together.

Such violence of affliction indeed could not be supported for ever; it sunk within a few days into a calmer melancholy; but these employments, to which she daily recurred, her solitary walks and silent meditations, still produced occasional effusions of sorrow as lively as ever.

No letter from Willoughby came; and none seemed expected by Marianne. Her mother was surprised, and Elinor again became uneasy. But Mrs. Dashwood could find explanations whenever she wanted them, which at least satisfied herself.

“Remember, Elinor,” said she, “how very often Sir John fetches our letters himself from the post, and carries them to it. We have already agreed that secrecy may be necessary, and we must acknowledge that it could not be maintained if their correspondence were to pass through Sir John’s hands.”

Elinor could not deny the truth of this, and she tried to find in it a motive sufficient for their silence. But there was one method so direct, so simple, and in her opinion so eligible of knowing the real state of the affair, and of instantly removing all mystery, that she could not help suggesting it to her mother.

“Why do you not ask Marianne at once,” said she, “whether she is or she is not engaged to Willoughby? From you, her mother, and so kind, so indulgent a mother, the question could not give offence. It would be the natural result of your affection for her. She used to be all unreserve, and to you more especially.”

“I would not ask such a question for the world. Supposing it possible that they are not engaged, what distress would not such an enquiry inflict! At any rate it would be most ungenerous. I should never deserve her confidence again, after forcing from her a confession of what is meant at present to be unacknowledged to any one. I know Marianne’s heart: I know that she dearly loves me, and that I shall not be the last to whom the affair is made known, when circumstances make the revealment of it eligible. I would not attempt to force the confidence of any one; of a child much less; because a sense of duty would prevent the denial which her wishes might direct.”

Elinor thought this generosity overstrained, considering her sister’s youth, and urged the matter farther, but in vain; common sense, common care, common prudence, were all sunk in Mrs. Dashwood’s romantic delicacy.

It was several days before Willoughby’s name was mentioned before Marianne by any of her family; Sir John and Mrs. Jennings, indeed, were not so nice; their witticisms added pain to many a painful hour; but one evening, Mrs. Dashwood, accidentally taking up a volume of Shakespeare, exclaimed,

“We have never finished Hamlet, Marianne; our dear Willoughby went away before we could get through it. We will put it by, that when he comes again...But it may be months, perhaps, before THAT happens.”

“Months!” cried Marianne, with strong surprise. “No, nor many weeks.”

Mrs. Dashwood was sorry for what she had said; but it gave Elinor pleasure, as it produced a reply from Marianne so expressive of confidence in Willoughby and knowledge of his intentions.

One morning, about a week after his leaving the country, Marianne was prevailed on to join her sisters in their usual walk, instead of wandering away by herself. Hitherto she had carefully avoided every companion in her rambles. If her sisters intended to walk on the downs, she directly stole away towards the lanes; if they talked of the valley, she was as speedy in climbing the hills, and could never be found when the others set off. But at length she was secured by the exertions of Elinor, who greatly disapproved such continual seclusion. They walked along the road through the valley, and chiefly in silence, for Marianne’s MIND could not be controlled, and Elinor, satisfied with gaining one point, would not then attempt more. Beyond the entrance of the valley, where the country, though still rich, was less wild and more open, a long stretch of the road which they had travelled on first coming to Barton, lay before them; and on reaching that point, they stopped to look around them, and examine a prospect which formed the distance of their view from the cottage, from a spot which they had never happened to reach in any of their walks before.

Amongst the objects in the scene, they soon discovered an animated one; it was a man on horseback riding towards them. In a few minutes they could distinguish him to be a gentleman; and in a moment afterwards Marianne rapturously exclaimed,

“It is he; it is indeed; I know it is!” and was hastening to meet him, when Elinor cried out,

“Indeed, Marianne, I think you are mistaken. It is not Willoughby. The person is not tall enough for him, and has not his air.”

“He has, he has,” cried Marianne, “I am sure he has. His air, his coat, his horse. I knew how soon he would come.”

She walked eagerly on as she spoke; and Elinor, to screen Marianne from particularity, as she felt almost certain of its not being Willoughby, quickened her pace and kept up with her. They were soon within thirty yards of the gentleman. Marianne looked again; her heart sunk within her; and abruptly turning round, she was hurrying back, when the voices of both her sisters were raised to detain her; a third, almost as well known as Willoughby's, joined them in begging her to stop, and she turned round with surprise to see and welcome Edward Ferrars.

He was the only person in the world who could at that moment be forgiven for not being Willoughby; the only one who could have gained a smile from her; but she dispersed her tears to smile on HIM, and in her sister's happiness forgot for a time her own disappointment.

He dismounted, and giving his horse to his servant, walked back with them to Barton, whither he was purposely coming to visit them.

He was welcomed by them all with great cordiality, but especially by Marianne, who showed more warmth of regard in her reception of him than even Elinor herself. To Marianne, indeed, the meeting between Edward and her sister was but a continuation of that unaccountable coldness which she had often observed at Norland in their mutual behaviour. On Edward's side, more particularly, there was a deficiency of all that a lover ought to look and say on such an occasion. He was confused, seemed scarcely sensible of pleasure in seeing them, looked neither rapturous nor gay, said little but what was forced from him by questions, and distinguished Elinor by no mark of affection. Marianne saw and listened with increasing surprise. She began almost to feel a dislike of Edward; and it ended, as every feeling must end with her, by carrying back her thoughts to Willoughby, whose manners formed a contrast sufficiently striking to those of his brother elect.

After a short silence which succeeded the first surprise and enquiries of meeting, Marianne asked Edward if he came directly from London. No, he had been in Devonshire a fortnight.

"A fortnight!" she repeated, surprised at his being so long in the same county with Elinor without seeing her before.

He looked rather distressed as he added, that he had been staying with some friends near Plymouth.

“Have you been lately in Sussex?” said Elinor.

“I was at Norland about a month ago.”

“And how does dear, dear Norland look?” cried Marianne.

“Dear, dear Norland,” said Elinor, “probably looks much as it always does at this time of the year. The woods and walks thickly covered with dead leaves.”

“Oh,” cried Marianne, “with what transporting sensation have I formerly seen them fall! How have I delighted, as I walked, to see them driven in showers about me by the wind! What feelings have they, the season, the air altogether inspired! Now there is no one to regard them. They are seen only as a nuisance, swept hastily off, and driven as much as possible from the sight.”

“It is not every one,” said Elinor, “who has your passion for dead leaves.”

“No; my feelings are not often shared, not often understood. But **SOMETIMES** they are.” As she said this, she sunk into a reverie for a few moments; but rousing herself again, “Now, Edward,” said she, calling his attention to the prospect, “here is Barton valley. Look up to it, and be tranquil if you can. Look at those hills! Did you ever see their equals? To the left is Barton park, amongst those woods and plantations. You may see the end of the house. And there, beneath that farthest hill, which rises with such grandeur, is our cottage.”

“It is a beautiful country,” he replied; “but these bottoms must be dirty in winter.”

“How can you think of dirt, with such objects before you?”

“Because,” replied he, smiling, “among the rest of the objects before me, I see a very dirty lane.”

“How strange!” said Marianne to herself as she walked on.

“Have you an agreeable neighbourhood here? Are the Middletons pleasant people?”

“No, not all,” answered Marianne; “we could not be more unfortunately situated.”

“Marianne,” cried her sister, “how can you say so? How can you be so unjust? They are a very respectable family, Mr. Ferrars; and towards us have behaved in the friendliest manner. Have you forgot, Marianne, how many pleasant days we have owed to them?”

“No,” said Marianne, in a low voice, “nor how many painful moments.”

Elinor took no notice of this; and directing her attention to their visitor, endeavoured to support something like discourse with him, by talking of their present residence, its conveniences, &c. extorting from him occasional questions and remarks. His coldness and reserve mortified her severely; she was vexed and half angry; but resolving to regulate her behaviour to him by the past rather than the present, she avoided every appearance of resentment or displeasure, and treated him as she thought he ought to be treated from the family connection.



## CHAPTER 17

Mrs. Dashwood was surprised only for a moment at seeing him; for his coming to Barton was, in her opinion, of all things the most natural. Her joy and expression of regard long outlived her wonder. He received the kindest welcome from her; and shyness, coldness, reserve could not stand against such a reception. They had begun to fail him before he entered the house, and they were quite overcome by the captivating manners of Mrs. Dashwood. Indeed a man could not very well be in love with either of her daughters, without extending the passion to her; and Elinor had the satisfaction of seeing him soon become more like himself. His affections seemed to reanimate towards them all, and his interest in their welfare again became perceptible. He was not in spirits, however; he praised their house, admired its prospect, was attentive, and kind; but still he was not in spirits. The whole family perceived it, and Mrs. Dashwood, attributing it to some want of liberality in his mother, sat down to table indignant against all selfish parents.

“What are Mrs. Ferrars’s views for you at present, Edward?” said she, when dinner was over and they had drawn round the fire; “are you still to be a great orator in spite of yourself?”

“No. I hope my mother is now convinced that I have no more talents than inclination for a public life!”

“But how is your fame to be established? for famous you must be to satisfy all your family; and with no inclination for expense, no affection for strangers, no profession, and no assurance, you may find it a difficult matter.”

“I shall not attempt it. I have no wish to be distinguished; and have every reason to hope I never shall. Thank Heaven! I cannot be forced into genius and eloquence.”

“You have no ambition, I well know. Your wishes are all moderate.”

“As moderate as those of the rest of the world, I believe. I wish as well as every body else to be perfectly happy; but, like every body else it must be in my own way. Greatness will not make me so.”

“Strange that it would!” cried Marianne. “What have wealth or grandeur to do with happiness?”

“Grandeur has but little,” said Elinor, “but wealth has much to do with it.”

“Elinor, for shame!” said Marianne, “money can only give happiness where there is nothing else to give it. Beyond a competence, it can afford no real satisfaction, as far as mere self is concerned.”

“Perhaps,” said Elinor, smiling, “we may come to the same point. YOUR competence and MY wealth are very much alike, I dare say; and without them, as the world goes now, we shall both agree that every kind of external comfort must be wanting. Your ideas are only more noble than mine. Come, what is your competence?”

“About eighteen hundred or two thousand a year; not more than THAT.”

Elinor laughed. “TWO thousand a year! ONE is my wealth! I guessed how it would end.”

“And yet two thousand a-year is a very moderate income,” said Marianne. “A family cannot well be maintained on a smaller. I am sure I am not extravagant in my demands. A proper establishment of servants, a carriage, perhaps two, and hunters, cannot be supported on less.”

Elinor smiled again, to hear her sister describing so accurately their future expenses at Combe Magna.

“Hunters!” repeated Edward. “but why must you have hunters? Every body does not hunt.”

Marianne coloured as she replied, “But most people do.”

“I wish,” said Margaret, striking out a novel thought, “that somebody would give us all a large fortune apiece!”

“Oh that they would!” cried Marianne, her eyes sparkling with animation, and her cheeks glowing with the delight of such imaginary happiness.

“We are all unanimous in that wish, I suppose,” said Elinor, “in spite of the insufficiency of wealth.”

“Oh dear!” cried Margaret, “how happy I should be! I wonder what I should do with it!”

Marianne looked as if she had no doubt on that point.

“I should be puzzled to spend so large a fortune myself,” said Mrs. Dashwood, “if my children were all to be rich my help.”

“You must begin your improvements on this house,” observed Elinor, “and your difficulties will soon vanish.”

“What magnificent orders would travel from this family to London,” said Edward, “in such an event! What a happy day for booksellers, music-sellers, and print-shops! You, Miss Dashwood, would give a general commission for every new print of merit to be sent you—and as for Marianne, I know her greatness of soul, there would not be music enough in London to content her. And books! Thomson, Cowper, Scott... she would buy them all over and over again: she would buy up every copy, I believe, to prevent their falling into unworthy hands; and she would have every book that tells her how to admire an old twisted tree. Should not you, Marianne? Forgive me, if I am very saucy. But I was willing to shew you that I had not forgot our old disputes.”

“I love to be reminded of the past, Edward, whether it be melancholy or gay, I love to recall it, and you will never offend me by talking of former times. You are very right in supposing how my money would be spent some of it, at least my loose cash would certainly be employed in improving my collection of music and books.”

“And the bulk of your fortune would be laid out in annuities on the authors or their heirs.”

“No, Edward, I should have something else to do with it.”

“Perhaps, then, you would bestow it as a reward on that person who wrote the ablest defence of your favourite maxim, that no one can ever be in love more than once in their life, your opinion on that point is unchanged, I presume?”

“Undoubtedly. At my time of life opinions are tolerably fixed. It is not likely that I should now see or hear any thing to change them.”

“Marianne is as steadfast as ever, you see,” said Elinor, “she is not at all altered.”

“She is only grown a little more grave than she was.”

“Nay, Edward,” said Marianne, “you need not reproach me. You are not very gay yourself.”

“Why should you think so!” replied he, with a sigh. “But gaiety never was a part of MY character.”

“Nor do I think it a part of Marianne’s,” said Elinor; “I should hardly call her a lively girl, she is very earnest, very eager in all she does sometimes talks a great deal and always with animation, but she is not often really merry.”

“I believe you are right,” he replied, “and yet I have always set her down as a lively girl.”

“I have frequently detected myself in such kind of mistakes,” said Elinor, “in a total misapprehension of character in some point or other: fancying people so much more gay or grave, or ingenious or stupid than they really are, and I can hardly tell why or in what the deception originated. Sometimes one is guided by what they say of themselves, and very frequently by what other people say of them, without giving oneself time to deliberate and judge.”

“But I thought it was right, Elinor,” said Marianne, “to be guided wholly by the opinion of other people. I thought our judgments were given us merely to be subservient to those of neighbours. This has always been your doctrine, I am sure.”

“No, Marianne, never. My doctrine has never aimed at the subjection of the understanding. All I have ever attempted to influence has been the behaviour. You must not confound my meaning. I am guilty, I confess, of having often wished you to treat our acquaintance in general with greater attention; but when have I advised you to adopt their sentiments or to conform to their judgment in serious matters?”

“You have not been able to bring your sister over to your plan of general civility,” said Edward to Elinor, “Do you gain no ground?”

“Quite the contrary,” replied Elinor, looking expressively at Marianne.

“My judgment,” he returned, “is all on your side of the question; but I am afraid my practice is much more on your sister’s. I never wish to offend, but I am so foolishly shy, that I often seem negligent, when I am only kept back by my natural awkwardness. I have frequently thought that I must have been intended by nature to be fond of low company, I am so little at my ease among strangers of gentility!”

“Marianne has not shyness to excuse any inattention of hers,” said Elinor.

“She knows her own worth too well for false shame,” replied Edward. “Shyness is only the effect of a sense of inferiority in some way or other. If I could persuade myself that my manners were perfectly easy and graceful, I should not be shy.”

“But you would still be reserved,” said Marianne, “and that is worse.”

Edward started, “Reserved! Am I reserved, Marianne?”

“Yes, very.”

“I do not understand you,” replied he, colouring. “Reserved! how, in what manner? What am I to tell you? What can you suppose?”

Elinor looked surprised at his emotion; but trying to laugh off the subject, she said to him, “Do not you know my sister well enough to understand what she means? Do not you know she calls every one reserved who does not talk as fast, and admire what she admires as rapturously as herself?”

Edward made no answer. His gravity and thoughtfulness returned on him in their fullest extent and he sat for some time silent and dull.

## CHAPTER 18

Elinor saw, with great uneasiness the low spirits of her friend. His visit afforded her but a very partial satisfaction, while his own enjoyment in it appeared so imperfect. It was evident that he was unhappy; she wished it were equally evident that he still distinguished her by the same affection which once she had felt no doubt of inspiring; but hitherto the continuance of his preference seemed very uncertain; and the reservedness of his manner towards her contradicted one moment what a more animated look had intimated the preceding one.

He joined her and Marianne in the breakfast-room the next morning before the others were down; and Marianne, who was always eager to promote their happiness as far as she could, soon left them to themselves. But before she was half way upstairs she heard the parlour door open, and, turning round, was astonished to see Edward himself come out.

“I am going into the village to see my horses,” said he, “as you are not yet ready for breakfast; I shall be back again presently.”

Edward returned to them with fresh admiration of the surrounding country; in his walk to the village, he had seen many parts of the valley to advantage; and the village itself, in a much higher situation than the cottage, afforded a general view of the whole, which had exceedingly pleased him. This was a subject which ensured Marianne’s attention, and she was beginning to describe her own admiration of these scenes, and to question him more minutely on the objects that had particularly struck him, when Edward interrupted her by saying, “You must not enquire too far, Marianne remember I have no knowledge in the picturesque, and I shall offend you by my ignorance and want of taste if we come to particulars. I shall call hills steep, which ought to be bold; surfaces strange and uncouth, which ought to be irregular and rugged; and distant objects out of sight, which ought only to be indistinct through the soft medium of a hazy atmosphere. You must be satisfied with such admiration as I can honestly give. I call it a very fine country, the hills are steep, the woods seem full of fine timber, and the valley looks comfortable and snug,

with rich meadows and several neat farm houses scattered here and there. It exactly answers my idea of a fine country, because it unites beauty with utility and I dare say it is a picturesque one too, because you admire it; I can easily believe it to be full of rocks and promontories, grey moss and brush wood, but these are all lost on me. I know nothing of the picturesque.”

“I am afraid it is but too true,” said Marianne; “but why should you boast of it?”

“I suspect,” said Elinor, “that to avoid one kind of affectation, Edward here falls into another. Because he believes many people pretend to more admiration of the beauties of nature than they really feel, and is disgusted with such pretensions, he affects greater indifference and less discrimination in viewing them himself than he possesses. He is fastidious and will have an affectation of his own.”

“It is very true,” said Marianne, “that admiration of landscape scenery is become a mere jargon. Every body pretends to feel and tries to describe with the taste and elegance of him who first defined what picturesque beauty was. I detest jargon of every kind, and sometimes I have kept my feelings to myself, because I could find no language to describe them in but what was worn and hackneyed out of all sense and meaning.”

“I am convinced,” said Edward, “that you really feel all the delight in a fine prospect which you profess to feel. But, in return, your sister must allow me to feel no more than I profess. I like a fine prospect, but not on picturesque principles. I do not like crooked, twisted, blasted trees. I admire them much more if they are tall, straight, and flourishing. I do not like ruined, tattered cottages. I am not fond of nettles or thistles, or heath blossoms. I have more pleasure in a snug farm-house than a watch-tower and a troop of tidy, happy villages please me better than the finest banditti in the world.”

Marianne looked with amazement at Edward, with compassion at her sister. Elinor only laughed.

The subject was continued no farther; and Marianne remained thoughtfully silent, till a new object suddenly engaged her attention. She was sitting by Edward, and in taking his tea from Mrs. Dashwood, his hand

passed so directly before her, as to make a ring, with a plait of hair in the centre, very conspicuous on one of his fingers.

“I never saw you wear a ring before, Edward,” she cried. “Is that Fanny’s hair? I remember her promising to give you some. But I should have thought her hair had been darker.”

Marianne spoke inconsiderately what she really felt, but when she saw how much she had pained Edward, her own vexation at her want of thought could not be surpassed by his. He coloured very deeply, and giving a momentary glance at Elinor, replied, “Yes; it is my sister’s hair. The setting always casts a different shade on it, you know.”

Elinor had met his eye, and looked conscious likewise. That the hair was her own, she instantaneously felt as well satisfied as Marianne; the only difference in their conclusions was, that what Marianne considered as a free gift from her sister, Elinor was conscious must have been procured by some theft or contrivance unknown to herself. She was not in a humour, however, to regard it as an affront, and affecting to take no notice of what passed, by instantly talking of something else, she internally resolved henceforward to catch every opportunity of eyeing the hair and of satisfying herself, beyond all doubt, that it was exactly the shade of her own.

Edward’s embarrassment lasted some time, and it ended in an absence of mind still more settled. He was particularly grave the whole morning. Marianne severely censured herself for what she had said; but her own forgiveness might have been more speedy, had she known how little offence it had given her sister.

Before the middle of the day, they were visited by Sir John and Mrs. Jennings, who, having heard of the arrival of a gentleman at the cottage, came to take a survey of the guest. With the assistance of his mother-in-law, Sir John was not long in discovering that the name of Ferrars began with an F. and this prepared a future mine of raillery against the devoted Elinor, which nothing but the newness of their acquaintance with Edward could have prevented from being immediately sprung. But, as it was, she only learned, from some very significant looks, how far their penetration, founded on Margaret’s instructions, extended.



Sir John never came to the Dashwoods without either inviting them to dine at the park the next day, or to drink tea with them that evening. On the present occasion, for the better entertainment of their visitor, towards whose amusement he felt himself bound to contribute, he wished to engage them for both.

“You MUST drink tea with us to night,” said he, “for we shall be quite alone and tomorrow you must absolutely dine with us, for we shall be a large party.”

Mrs. Jennings enforced the necessity. “And who knows but you may raise a dance,” said she. “And that will tempt YOU, Miss Marianne.”

“A dance!” cried Marianne. “Impossible! Who is to dance?”

“Who! why yourselves, and the Careys, and Whitakers to be sure. What! you thought nobody could dance because a certain person that shall be nameless is gone!”

“I wish with all my soul,” cried Sir John, “that Willoughby were among us again.”

This, and Marianne’s blushing, gave new suspicions to Edward. “And who is Willoughby?” said he, in a low voice, to Miss Dashwood, by whom he was sitting.

She gave him a brief reply. Marianne’s countenance was more communicative. Edward saw enough to comprehend, not only the meaning of others, but such of Marianne’s expressions as had puzzled him before; and when their visitors left them, he went immediately round her, and said, in a whisper, “I have been guessing. Shall I tell you my guess?”

“What do you mean?”

“Shall I tell you.”

“Certainly.”

“Well then; I guess that Mr. Willoughby hunts.”

Marianne was surprised and confused, yet she could not help smiling at the quiet archness of his manner, and after a moment’s silence, said,

“Oh, Edward! How can you? But the time will come I hope...I am sure you will like him.”

“I do not doubt it,” replied he, rather astonished at her earnestness and warmth; for had he not imagined it to be a joke for the good of her acquaintance in general, founded only on a something or a nothing between Mr. Willoughby and herself, he would not have ventured to mention it.

## CHAPTER 19

Edward remained a week at the cottage; he was earnestly pressed by Mrs. Dashwood to stay longer; but, as if he were bent only on self-mortification, he seemed resolved to be gone when his enjoyment among his friends was at the height. His spirits, during the last two or three days, though still very unequal, were greatly improved—he grew more and more partial to the house and environs—never spoke of going away without a sigh—declared his time to be wholly disengaged—even doubted to what place he should go when he left them—but still, go he must. Never had any week passed so quickly—he could hardly believe it to be gone. He said so repeatedly; other things he said too, which marked the turn of his feelings and gave the lie to his actions. He had no pleasure at Norland; he detested being in town; but either to Norland or London, he must go. He valued their kindness beyond any thing, and his greatest happiness was in being with them. Yet, he must leave them at the end of a week, in spite of their wishes and his own, and without any restraint on his time.

Elinor placed all that was astonishing in this way of acting to his mother's account; and it was happy for her that he had a mother whose character was so imperfectly known to her, as to be the general excuse for every thing strange on the part of her son. Disappointed, however, and vexed as she was, and sometimes displeased with his uncertain behaviour to herself, she was very well disposed on the whole to regard his actions with all the candid allowances and generous qualifications, which had been rather more painfully extorted from her, for Willoughby's service, by her mother. His want of spirits, of openness, and of consistency, were most usually attributed to his want of independence, and his better knowledge of Mrs. Ferrars's disposition and designs. The shortness of his visit, the steadiness of his purpose in leaving them, originated in the same fettered inclination, the same inevitable necessity of temporizing with his mother. The old well-established grievance of duty against will, parent against child, was the cause of all. She would have been glad to know when these difficulties were to cease, this opposition was to yield,—when Mrs. Ferrars

would be reformed, and her son be at liberty to be happy. But from such vain wishes she was forced to turn for comfort to the renewal of her confidence in Edward's affection, to the remembrance of every mark of regard in look or word which fell from him while at Barton, and above all to that flattering proof of it which he constantly wore round his finger.

"I think, Edward," said Mrs. Dashwood, as they were at breakfast the last morning, "you would be a happier man if you had any profession to engage your time and give an interest to your plans and actions. Some inconvenience to your friends, indeed, might result from it, you would not be able to give them so much of your time. But (with a smile) you would be materially benefited in one particular at least, you would know where to go when you left them."

"I do assure you," he replied, "that I have long thought on this point, as you think now. It has been, and is, and probably will always be a heavy misfortune to me, that I have had no necessary business to engage me, no profession to give me employment, or afford me any thing like independence. But unfortunately my own nicety, and the nicety of my friends, have made me what I am, an idle, helpless being. We never could agree in our choice of a profession. I always preferred the church, as I still do. But that was not smart enough for my family. They recommended the army. That was a great deal too smart for me. The law was allowed to be genteel enough; many young men, who had chambers in the Temple, made a very good appearance in the first circles, and drove about town in very knowing gigs. But I had no inclination for the law, even in this less abstruse study of it, which my family approved. As for the navy, it had fashion on its side, but I was too old when the subject was first started to enter it and, at length, as there was no necessity for my having any profession at all, as I might be as dashing and expensive without a red coat on my back as with one, idleness was pronounced on the whole to be most advantageous and honourable, and a young man of eighteen is not in general so earnestly bent on being busy as to resist the solicitations of his friends to do nothing. I was therefore entered at Oxford and have been properly idle ever since."

"The consequence of which, I suppose, will be," said Mrs. Dashwood, "since leisure has not promoted your own happiness, that your

sons will be brought up to as many pursuits, employments, professions, and trades as Columella's."

"They will be brought up," said he, in a serious accent, "to be as unlike myself as is possible. In feeling, in action, in condition, in every thing."

"Come, come; this is all an effusion of immediate want of spirits, Edward. You are in a melancholy humour, and fancy that any one unlike yourself must be happy. But remember that the pain of parting from friends will be felt by every body at times, whatever be their education or state. Know your own happiness. You want nothing but patience or give it a more fascinating name, call it hope. Your mother will secure to you, in time, that independence you are so anxious for; it is her duty, and it will, it must ere long become her happiness to prevent your whole youth from being wasted in discontent. How much may not a few months do?"

"I think," replied Edward, "that I may defy many months to produce any good to me."

This desponding turn of mind, though it could not be communicated to Mrs. Dashwood, gave additional pain to them all in the parting, which shortly took place, and left an uncomfortable impression on Elinor's feelings especially, which required some trouble and time to subdue. But as it was her determination to subdue it, and to prevent herself from appearing to suffer more than what all her family suffered on his going away, she did not adopt the method so judiciously employed by Marianne, on a similar occasion, to augment and fix her sorrow, by seeking silence, solitude and idleness. Their means were as different as their objects, and equally suited to the advancement of each.

Elinor sat down to her drawing-table as soon as he was out of the house, busily employed herself the whole day, neither sought nor avoided the mention of his name, appeared to interest herself almost as much as ever in the general concerns of the family, and if, by this conduct, she did not lessen her own grief, it was at least prevented from unnecessary increase, and her mother and sisters were spared much solicitude on her account.

Such behaviour as this, so exactly the reverse of her own, appeared no more meritorious to Marianne, than her own had seemed faulty to her. The business of self-command she settled very easily; with strong affections it was impossible, with calm ones it could have no merit. That her sister's affections WERE calm, she dared not deny, though she blushed to acknowledge it; and of the strength of her own, she gave a very striking proof, by still loving and respecting that sister, in spite of this mortifying conviction.

Without shutting herself up from her family, or leaving the house in determined solitude to avoid them, or lying awake the whole night to indulge meditation, Elinor found every day afforded her leisure enough to think of Edward, and of Edward's behaviour, in every possible variety which the different state of her spirits at different times could produce, with tenderness, pity, approbation, censure, and doubt. There were moments in abundance, when, if not by the absence of her mother and sisters, at least by the nature of their employments, conversation was forbidden among them, and every effect of solitude was produced. Her mind was inevitably at liberty; her thoughts could not be chained elsewhere; and the past and the future, on a subject so interesting, must be before her, must force her attention, and engross her memory, her reflection, and her fancy.

From a reverie of this kind, as she sat at her drawing-table, she was roused one morning, soon after Edward's leaving them, by the arrival of company. She happened to be quite alone. The closing of the little gate, at the entrance of the green court in front of the house, drew her eyes to the window, and she saw a large party walking up to the door. Amongst them were Sir John and Lady Middleton and Mrs. Jennings, but there were two others, a gentleman and lady, who were quite unknown to her. She was sitting near the window, and as soon as Sir John perceived her, he left the rest of the party to the ceremony of knocking at the door, and stepping across the turf, obliged her to open the casement to speak to him, though the space was so short between the door and the window, as to make it hardly possible to speak at one without being heard at the other.

“Well,” said he, “we have brought you some strangers. How do you like them?”

“Hush! they will hear you.”

“Never mind if they do. It is only the Palmers. Charlotte is very pretty, I can tell you. You may see her if you look this way.”

As Elinor was certain of seeing her in a couple of minutes, without taking that liberty, she begged to be excused.

“Where is Marianne? Has she run away because we are come? I see her instrument is open.”

“She is walking, I believe.”

They were now joined by Mrs. Jennings, who had not patience enough to wait till the door was opened before she told HER story. She came hallooing to the window, “How do you do, my dear? How does Mrs. Dashwood do? And where are your sisters? What! all alone! you will be glad of a little company to sit with you. I have brought my other son and daughter to see you. Only think of their coming so suddenly! I thought I heard a carriage last night, while we were drinking our tea, but it never entered my head that it could be them. I thought of nothing but whether it might not be Colonel Brandon come back again; so I said to Sir John, I do think I hear a carriage; perhaps it is Colonel Brandon come back again”

Elinor was obliged to turn from her, in the middle of her story, to receive the rest of the party; Lady Middleton introduced the two strangers; Mrs. Dashwood and Margaret came down stairs at the same time, and they all sat down to look at one another, while Mrs. Jennings continued her story as she walked through the passage into the parlour, attended by Sir John.

Mrs. Palmer was several years younger than Lady Middleton, and totally unlike her in every respect. She was short and plump, had a very pretty face, and the finest expression of good humour in it that could possibly be. Her manners were by no means so elegant as her sister’s, but they were much more prepossessing. She came in with a smile, smiled all the time of her visit, except when she laughed, and smiled when she went away. Her husband was a grave looking young man of five or six and twenty, with an air of more fashion and sense than his wife, but of less willingness to please or be pleased. He entered the room with a look of self-consequence, slightly bowed to the ladies, without speaking a word, and,

after briefly surveying them and their apartments, took up a newspaper from the table, and continued to read it as long as he staid.

Mrs. Palmer, on the contrary, who was strongly endowed by nature with a turn for being uniformly civil and happy, was hardly seated before her admiration of the parlour and every thing in it burst forth.

“Well! what a delightful room this is! I never saw anything so charming! Only think, Mamma, how it is improved since I was here last! I always thought it such a sweet place, ma’am! (turning to Mrs. Dashwood) but you have made it so charming! Only look, sister, how delightful every thing is! How I should like such a house for myself! Should not you, Mr. Palmer?”

Mr. Palmer made her no answer, and did not even raise his eyes from the newspaper.

“Mr. Palmer does not hear me,” said she, laughing; “he never does sometimes. It is so ridiculous!”

This was quite a new idea to Mrs. Dashwood; she had never been used to find wit in the inattention of any one, and could not help looking with surprise at them both.

Mrs. Jennings, in the meantime, talked on as loud as she could, and continued her account of their surprise, the evening before, on seeing their friends, without ceasing till every thing was told. Mrs. Palmer laughed heartily at the recollection of their astonishment, and every body agreed, two or three times over, that it had been quite an agreeable surprise.

“You may believe how glad we all were to see them,” added Mrs. Jennings, leaning forward towards Elinor, and speaking in a low voice as if she meant to be heard by no one else, though they were seated on different sides of the room; “but, however, I can’t help wishing they had not travelled quite so fast, nor made such a long journey of it, for they came all round by London upon account of some business, for you know (nodding significantly and pointing to her daughter) it was wrong in her situation. I wanted her to stay at home and rest this morning, but she would come with us; she longed so much to see you all!”

Mrs. Palmer laughed, and said it would not do her any harm.

“She expects to be confined in February,” continued Mrs. Jennings.



Lady Middleton could no longer endure such a conversation, and therefore exerted herself to ask Mr. Palmer if there was any news in the paper.

“No, none at all,” he replied, and read on.

“Here comes Marianne,” cried Sir John. “Now, Palmer, you shall see a monstrous pretty girl.”

He immediately went into the passage, opened the front door, and ushered her in himself. Mrs. Jennings asked her, as soon as she appeared, if she had not been to Allenham; and Mrs. Palmer laughed so heartily at the question, as to show she understood it. Mr. Palmer looked up on her entering the room, stared at her some minutes, and then returned to his newspaper. Mrs. Palmer’s eye was now caught by the drawings which hung round the room. She got up to examine them.

“Oh! dear, how beautiful these are! Well! how delightful! Do but look, mama, how sweet! I declare they are quite charming; I could look at them for ever.” And then sitting down again, she very soon forgot that there were any such things in the room.

When Lady Middleton rose to go away, Mr. Palmer rose also, laid down the newspaper, stretched himself and looked at them all around.

“My love, have you been asleep?” said his wife, laughing.

He made her no answer; and only observed, after again examining the room, that it was very low pitched, and that the ceiling was crooked. He then made his bow, and departed with the rest.

Sir John had been very urgent with them all to spend the next day at the park. Mrs. Dashwood, who did not chuse to dine with them oftener than they dined at the cottage, absolutely refused on her own account; her daughters might do as they pleased. But they had no curiosity to see how Mr. and Mrs. Palmer ate their dinner, and no expectation of pleasure from them in any other way. They attempted, therefore, likewise, to excuse themselves; the weather was uncertain, and not likely to be good. But Sir John would not be satisfied—the carriage should be sent for them and they must come. Lady Middleton too, though she did not press their mother, pressed them. Mrs. Jennings and Mrs. Palmer joined their entreaties, all

seemed equally anxious to avoid a family party; and the young ladies were obliged to yield.

“Why should they ask us?” said Marianne, as soon as they were gone. “The rent of this cottage is said to be low; but we have it on very hard terms, if we are to dine at the park whenever any one is staying either with them, or with us.”

“They mean no less to be civil and kind to us now,” said Elinor, “by these frequent invitations, than by those which we received from them a few weeks ago. The alteration is not in them, if their parties are grown tedious and dull. We must look for the change elsewhere.”

## CHAPTER 20

As the Miss Dashwoods entered the drawing-room of the park the next day, at one door, Mrs. Palmer came running in at the other, looking as good humoured and merry as before. She took them all most affectionately by the hand, and expressed great delight in seeing them again.

“I am so glad to see you!” said she, seating herself between Elinor and Marianne, “for it is so bad a day I was afraid you might not come, which would be a shocking thing, as we go away again tomorrow. We must go, for the Westons come to us next week you know. It was quite a sudden thing our coming at all, and I knew nothing of it till the carriage was coming to the door, and then Mr. Palmer asked me if I would go with him to Barton. He is so droll! He never tells me any thing! I am so sorry we cannot stay longer; however we shall meet again in town very soon, I hope.”

They were obliged to put an end to such an expectation.

“Not go to town!” cried Mrs. Palmer, with a laugh, “I shall be quite disappointed if you do not. I could get the nicest house in world for you, next door to ours, in Hanover-square. You must come, indeed. I am sure I shall be very happy to chaperon you at any time till I am confined, if Mrs. Dashwood should not like to go into public.”

They thanked her; but were obliged to resist all her entreaties.

“Oh, my love,” cried Mrs. Palmer to her husband, who just then entered the room...”you must help me to persuade the Miss Dashwoods to go to town this winter.”

Her love made no answer; and after slightly bowing to the ladies, began complaining of the weather.

“How horrid all this is!” said he. “Such weather makes every thing and every body disgusting. Dullness is as much produced within doors as without, by rain. It makes one detest all one’s acquaintance. What the devil does Sir John mean by not having a billiard room in his house? How few people know what comfort is! Sir John is as stupid as the weather.”

The rest of the company soon dropt in.

“I am afraid, Miss Marianne,” said Sir John, “you have not been able to take your usual walk to Allenham today.”

Marianne looked very grave and said nothing.

“Oh, don’t be so sly before us,” said Mrs. Palmer; “for we know all about it, I assure you; and I admire your taste very much, for I think he is extremely handsome. We do not live a great way from him in the country, you know. Not above ten miles, I dare say.”

“Much nearer thirty,” said her husband.

“Ah, well! there is not much difference. I never was at his house; but they say it is a sweet pretty place.”

“As vile a spot as I ever saw in my life,” said Mr. Palmer.

Marianne remained perfectly silent, though her countenance betrayed her interest in what was said.

“Is it very ugly?” continued Mrs. Palmer “then it must be some other place that is so pretty I suppose.”

When they were seated in the dining room, Sir John observed with regret that they were only eight all together.

“My dear,” said he to his lady, “it is very provoking that we should be so few. Why did not you ask the Gilberts to come to us today?”

“Did not I tell you, Sir John, when you spoke to me about it before, that it could not be done? They dined with us last.”

“You and I, Sir John,” said Mrs. Jennings, “should not stand upon such ceremony.”

“Then you would be very ill-bred,” cried Mr. Palmer.

“My love you contradict every body,” said his wife with her usual laugh. “Do you know that you are quite rude?”

“I did not know I contradicted any body in calling your mother ill-bred.”

“Ay, you may abuse me as you please,” said the good-natured old lady, “you have taken Charlotte off my hands, and cannot give her back again. So there I have the whip hand of you.”

Charlotte laughed heartily to think that her husband could not get rid of her; and exultingly said, she did not care how cross he was to her, as they must live together. It was impossible for any one to be more thoroughly good-natured, or more determined to be happy than Mrs. Palmer. The studied indifference, insolence, and discontent of her husband gave her no pain; and when he scolded or abused her, she was highly diverted.

“Mr. Palmer is so droll!” said she, in a whisper, to Elinor. “He is always out of humour.”

Elinor was not inclined, after a little observation, to give him credit for being so genuinely and unaffectedly ill-natured or ill-bred as he wished to appear. His temper might perhaps be a little soured by finding, like many others of his sex, that through some unaccountable bias in favour of beauty, he was the husband of a very silly woman. But she knew that this kind of blunder was too common for any sensible man to be lastingly hurt by it. It was rather a wish of distinction, she believed, which produced his contemptuous treatment of every body, and his general abuse of every thing before him. It was the desire of appearing superior to other people. The motive was too common to be wondered at; but the means, however they might succeed by establishing his superiority in ill-breeding, were not likely to attach any one to him except his wife.

“Oh, my dear Miss Dashwood,” said Mrs. Palmer soon afterwards, “I have got such a favour to ask of you and your sister. Will you come and spend some time at Cleveland this Christmas? Now, pray do, And come while the Westons are with us. You cannot think how happy I shall be! It will be quite delightful! My love,” applying to her husband, “don’t you long to have the Miss Dashwoods come to Cleveland?”

“Certainly,” he replied, with a sneer “I came into Devonshire with no other view.”

“There now,” said his lady, “you see Mr. Palmer expects you; so you cannot refuse to come.”

They both eagerly and resolutely declined her invitation.

“But indeed you must and shall come. I am sure you will like it of all things. The Westons will be with us, and it will be quite delightful. You

cannot think what a sweet place Cleveland is; and we are so gay now, for Mr. Palmer is always going about the country canvassing against the election; and so many people came to dine with us that I never saw before, it is quite charming! But, poor fellow! it is very fatiguing to him! for he is forced to make every body like him.”

Elinor could hardly keep her countenance as she assented to the hardship of such an obligation.

“How charming it will be,” said Charlotte, “when he is in Parliament!—won’t it? How I shall laugh! It will be so ridiculous to see all his letters directed to him with an M.P. But do you know, he says, he will never frank for me? He declares he won’t. Don’t you, Mr. Palmer?”

Mr. Palmer took no notice of her.

“He cannot bear writing, you know,” she continued, “he says it is quite shocking.”

“No,” said he, “I never said any thing so irrational. Don’t palm all your abuses of languages upon me.”

“There now; you see how droll he is. This is always the way with him! Sometimes he won’t speak to me for half a day together, and then he comes out with something so droll—all about any thing in the world.”

She surprised Elinor very much as they returned into the drawing-room, by asking her whether she did not like Mr. Palmer excessively.

“Certainly,” said Elinor; “he seems very agreeable.”

“Well, I am so glad you do. I thought you would, he is so pleasant; and Mr. Palmer is excessively pleased with you and your sisters I can tell you, and you can’t think how disappointed he will be if you don’t come to Cleveland. I can’t imagine why you should object to it.”

Elinor was again obliged to decline her invitation; and by changing the subject, put a stop to her entreaties. She thought it probable that as they lived in the same county, Mrs. Palmer might be able to give some more particular account of Willoughby’s general character, than could be gathered from the Middletons’ partial acquaintance with him; and she was eager to gain from any one, such a confirmation of his merits as might remove the possibility of fear from Marianne. She began by inquiring if they

saw much of Mr. Willoughby at Cleveland, and whether they were intimately acquainted with him.

“Oh dear, yes; I know him extremely well,” replied Mrs. Palmer; —“Not that I ever spoke to him, indeed; but I have seen him for ever in town. Somehow or other I never happened to be staying at Barton while he was at Allenham. Mama saw him here once before;—but I was with my uncle at Weymouth. However, I dare say we should have seen a great deal of him in Somersetshire, if it had not happened very unluckily that we should never have been in the country together. He is very little at Combe, I believe; but if he were ever so much there, I do not think Mr. Palmer would visit him, for he is in the opposition, you know, and besides it is such a way off. I know why you inquire about him, very well; your sister is to marry him. I am monstrous glad of it, for then I shall have her for a neighbour you know.”

“Upon my word,” replied Elinor, “you know much more of the matter than I do, if you have any reason to expect such a match.”

“Don’t pretend to deny it, because you know it is what every body talks of. I assure you I heard of it in my way through town.”

“My dear Mrs. Palmer!”

“Upon my honour I did. I met Colonel Brandon Monday morning in Bond-street, just before we left town, and he told me of it directly.”

“You surprise me very much. Colonel Brandon tell you of it! Surely you must be mistaken. To give such intelligence to a person who could not be interested in it, even if it were true, is not what I should expect Colonel Brandon to do.”

“But I do assure you it was so, for all that, and I will tell you how it happened. When we met him, he turned back and walked with us; and so we began talking of my brother and sister, and one thing and another, and I said to him, ‘So, Colonel, there is a new family come to Barton cottage, I hear, and mama sends me word they are very pretty, and that one of them is going to be married to Mr. Willoughby of Combe Magna. Is it true, pray? for of course you must know, as you have been in Devonshire so lately.’”

“And what did the Colonel say?”

“Oh, he did not say much; but he looked as if he knew it to be true, so from that moment I set it down as certain. It will be quite delightful, I declare! When is it to take place?”

“Mr. Brandon was very well I hope?”

“Oh! yes, quite well; and so full of your praises, he did nothing but say fine things of you.”

“I am flattered by his commendation. He seems an excellent man; and I think him uncommonly pleasing.”

“So do I. He is such a charming man, that it is quite a pity he should be so grave and so dull. Mamma says HE was in love with your sister too. I assure you it was a great compliment if he was, for he hardly ever falls in love with any body.”

“Is Mr. Willoughby much known in your part of Somersetshire?” said Elinor.

“Oh! yes, extremely well; that is, I do not believe many people are acquainted with him, because Combe Magna is so far off; but they all think him extremely agreeable I assure you. Nobody is more liked than Mr. Willoughby wherever he goes, and so you may tell your sister. She is a monstrous lucky girl to get him, upon my honour; not but that he is much more lucky in getting her, because she is so very handsome and agreeable, that nothing can be good enough for her. However, I don't think her hardly at all handsomer than you, I assure you; for I think you both excessively pretty, and so does Mr. Palmer too I am sure, though we could not get him to own it last night.”

Mrs. Palmer's information respecting Willoughby was not very material; but any testimony in his favour, however small, was pleasing to her.

“I am so glad we are got acquainted at last,” continued Charlotte. —“And now I hope we shall always be great friends. You can't think how much I longed to see you! It is so delightful that you should live at the cottage! Nothing can be like it, to be sure! And I am so glad your sister is going to be well married! I hope you will be a great deal at Combe Magna. It is a sweet place, by all accounts.”



“You have been long acquainted with Colonel Brandon, have not you?”

“Yes, a great while; ever since my sister married. He was a particular friend of Sir John’s. I believe,” she added in a low voice, “he would have been very glad to have had me, if he could. Sir John and Lady Middleton wished it very much. But mama did not think the match good enough for me, otherwise Sir John would have mentioned it to the Colonel, and we should have been married immediately.”

“Did not Colonel Brandon know of Sir John’s proposal to your mother before it was made? Had he never owned his affection to yourself?”

“Oh, no; but if mama had not objected to it, I dare say he would have liked it of all things. He had not seen me then above twice, for it was before I left school. However, I am much happier as I am. Mr. Palmer is the kind of man I like.”

## CHAPTER 21

The Palmers returned to Cleveland the next day, and the two families at Barton were again left to entertain each other. But this did not last long; Elinor had hardly got their last visitors out of her head, had hardly done wondering at Charlotte's being so happy without a cause, at Mr. Palmer's acting so simply, with good abilities, and at the strange unsuitableness which often existed between husband and wife, before Sir John's and Mrs. Jennings's active zeal in the cause of society, procured her some other new acquaintance to see and observe.

In a morning's excursion to Exeter, they had met with two young ladies, whom Mrs. Jennings had the satisfaction of discovering to be her relations, and this was enough for Sir John to invite them directly to the park, as soon as their present engagements at Exeter were over. Their engagements at Exeter instantly gave way before such an invitation, and Lady Middleton was thrown into no little alarm on the return of Sir John, by hearing that she was very soon to receive a visit from two girls whom she had never seen in her life, and of whose elegance, whose tolerable gentility even, she could have no proof; for the assurances of her husband and mother on that subject went for nothing at all. Their being her relations too made it so much the worse; and Mrs. Jennings's attempts at consolation were therefore unfortunately founded, when she advised her daughter not to care about their being so fashionable; because they were all cousins and must put up with one another. As it was impossible, however, now to prevent their coming, Lady Middleton resigned herself to the idea of it, with all the philosophy of a well-bred woman, contenting herself with merely giving her husband a gentle reprimand on the subject five or six times every day.

The young ladies arrived: their appearance was by no means ungentle or unfashionable. Their dress was very smart, their manners very civil, they were delighted with the house, and in raptures with the furniture, and they happened to be so doatingly fond of children that Lady Middleton's good opinion was engaged in their favour before they had been

an hour at the Park. She declared them to be very agreeable girls indeed, which for her ladyship was enthusiastic admiration. Sir John's confidence in his own judgment rose with this animated praise, and he set off directly for the cottage to tell the Miss Dashwoods of the Miss Steeles' arrival, and to assure them of their being the sweetest girls in the world. From such commendation as this, however, there was not much to be learned; Elinor well knew that the sweetest girls in the world were to be met with in every part of England, under every possible variation of form, face, temper and understanding. Sir John wanted the whole family to walk to the Park directly and look at his guests. Benevolent, philanthropic man! It was painful to him even to keep a third cousin to himself.

“Do come now,” said he, “pray come, you must come, I declare you shall come. You can't think how you will like them. Lucy is monstrous pretty, and so good humoured and agreeable! The children are all hanging about her already, as if she was an old acquaintance. And they both long to see you of all things, for they have heard at Exeter that you are the most beautiful creatures in the world; and I have told them it is all very true, and a great deal more. You will be delighted with them I am sure. They have brought the whole coach full of playthings for the children. How can you be so cross as not to come? Why they are your cousins, you know, after a fashion. YOU are my cousins, and they are my wife's, so you must be related.”

But Sir John could not prevail. He could only obtain a promise of their calling at the Park within a day or two, and then left them in amazement at their indifference, to walk home and boast anew of their attractions to the Miss Steeles, as he had been already boasting of the Miss Steeles to them.

When their promised visit to the Park and consequent introduction to these young ladies took place, they found in the appearance of the eldest, who was nearly thirty, with a very plain and not a sensible face, nothing to admire; but in the other, who was not more than two or three and twenty, they acknowledged considerable beauty; her features were pretty, and she had a sharp quick eye, and a smartness of air, which though it did not give actual elegance or grace, gave distinction to her person. Their manners were particularly civil, and Elinor soon allowed

them credit for some kind of sense, when she saw with what constant and judicious attention they were making themselves agreeable to Lady Middleton. With her children they were in continual raptures, extolling their beauty, courting their notice, and humouring their whims; and such of their time as could be spared from the importunate demands which this politeness made on it, was spent in admiration of whatever her ladyship was doing, if she happened to be doing any thing, or in taking patterns of some elegant new dress, in which her appearance the day before had thrown them into unceasing delight. Fortunately for those who pay their court through such foibles, a fond mother, though, in pursuit of praise for her children, the most rapacious of human beings, is likewise the most credulous; her demands are exorbitant; but she will swallow any thing; and the excessive affection and endurance of the Miss Steeles towards her offspring were viewed therefore by Lady Middleton without the smallest surprise or distrust. She saw with maternal complacency all the impertinent encroachments and mischievous tricks to which her cousins submitted. She saw their sashes untied, their hair pulled about their ears, their work-bags searched, and their knives and scissors stolen away, and felt no doubt of its being a reciprocal enjoyment. It suggested no other surprise than that Elinor and Marianne should sit so composedly by, without claiming a share in what was passing.

“John is in such spirits today!” said she, on his taking Miss Steeles’s pocket handkerchief, and throwing it out of window. “He is full of monkey tricks.”

And soon afterwards, on the second boy’s violently pinching one of the same lady’s fingers, she fondly observed, “How playful William is!”

“And here is my sweet little Annamaria,” she added, tenderly caressing a little girl of three years old, who had not made a noise for the last two minutes; “And she is always so gentle and quiet Never was there such a quiet little thing!”

But unfortunately in bestowing these embraces, a pin in her ladyship’s head dress slightly scratching the child’s neck, produced from this pattern of gentleness such violent screams, as could hardly be outdone by any creature professedly noisy. The mother’s consternation was excessive; but it could not surpass the alarm of the Miss Steeles, and every

thing was done by all three, in so critical an emergency, which affection could suggest as likely to assuage the agonies of the little sufferer. She was seated in her mother's lap, covered with kisses, her wound bathed with lavender-water, by one of the Miss Steeles, who was on her knees to attend her, and her mouth stuffed with sugar plums by the other. With such a reward for her tears, the child was too wise to cease crying. She still screamed and sobbed lustily, kicked her two brothers for offering to touch her, and all their united soothings were ineffectual till Lady Middleton luckily remembering that in a scene of similar distress last week, some apricot marmalade had been successfully applied for a bruised temple, the same remedy was eagerly proposed for this unfortunate scratch, and a slight intermission of screams in the young lady on hearing it, gave them reason to hope that it would not be rejected. She was carried out of the room therefore in her mother's arms, in quest of this medicine, and as the two boys chose to follow, though earnestly entreated by their mother to stay behind, the four young ladies were left in a quietness which the room had not known for many hours.

"Poor little creatures!" said Miss Steele, as soon as they were gone. "It might have been a very sad accident."

"Yet I hardly know how," cried Marianne, "unless it had been under totally different circumstances. But this is the usual way of heightening alarm, where there is nothing to be alarmed at in reality."

"What a sweet woman Lady Middleton is!" said Lucy Steele.

Marianne was silent; it was impossible for her to say what she did not feel, however trivial the occasion; and upon Elinor therefore the whole task of telling lies when politeness required it, always fell. She did her best when thus called on, by speaking of Lady Middleton with more warmth than she felt, though with far less than Miss Lucy.

"And Sir John too," cried the elder sister, "what a charming man he is!"

Here too, Miss Dashwood's commendation, being only simple and just, came in without any eclat. She merely, a great many smart beaux there? I suppose you have not so many in this part of the world; for my part, I think they are a vast addition always."

“But why should you think,” said Lucy, looking ashamed of her sister, “that there are not as many genteel young men in Devonshire as Sussex?”

“Nay, my dear, I’m sure I don’t pretend to say that there an’t. I’m sure there’s a vast many smart beaux in Exeter; but you know, how could I tell what smart beaux there might be about Norland; and I was only afraid the Miss Dashwoods might find it dull at Barton, if they had not so many as they used to have. But perhaps you young ladies may not care about the beaux, and had as lief be without them as with them. For my part, I think they are vastly agreeable, provided they dress smart and behave civil. But I can’t bear to see them dirty and nasty. Now there’s Mr. Rose at Exeter, a prodigious smart young man, quite a beau, clerk to Mr. Simpson, you know, and yet if you do but meet him of a morning, he is not fit to be seen. I suppose your brother was quite a beau, Miss Dashwood, before he married, as he was so rich?”

“Upon my word,” replied Elinor, “I cannot tell you, for I do not perfectly comprehend the meaning of the word. But this I can say, that if he ever was a beau before he married, he is one still for there is not the smallest alteration in him.”

“Oh! dear! one never thinks of married men’s being beaux, they have something else to do.”

“Lord! Anne,” cried her sister, “you can talk of nothing but beaux; you will make Miss Dashwood believe you think of nothing else.” And then to turn the discourse, she began admiring the house and the furniture.

This specimen of the Miss Steeles was enough. The vulgar freedom and folly of the eldest left her no recommendation, and as Elinor was not blinded by the beauty, or the shrewd look of the youngest, to her want of real elegance and artlessness, she left the house without any wish of knowing them better.

Not so the Miss Steeles. They came from Exeter, well provided with admiration for the use of Sir John Middleton, his family, and all his relations, and no niggardly proportion was now dealt out to his fair cousins, whom they declared to be the most beautiful, elegant, accomplished, and agreeable girls they had ever beheld, and with whom

they were particularly anxious to be better acquainted. And to be better acquainted therefore, Elinor soon found was their inevitable lot, for as Sir John was entirely on the side of the Miss Steeles, their party would be too strong for opposition, and that kind of intimacy must be submitted to, which consists of sitting an hour or two together in the same room almost every day. Sir John could do no more; but he did not know that any more was required: to be together was, in his opinion, to be intimate, and while his continual schemes for their meeting were effectual, he had not a doubt of their being established friends.

To do him justice, he did every thing in his power to promote their unreserve, by making the Miss Steeles acquainted with whatever he knew or supposed of his cousins' situations in the most delicate particulars, and Elinor had not seen them more than twice, before the eldest of them wished her joy on her sister's having been so lucky as to make a conquest of a very smart beau since she came to Barton.

"Twill be a fine thing to have her married so young to be sure," said she, "and I hear he is quite a beau, and prodigious handsome. And I hope you may have as good luck yourself soon, but perhaps you may have a friend in the corner already."

Elinor could not suppose that Sir John would be more nice in proclaiming his suspicions of her regard for Edward, than he had been with respect to Marianne; indeed it was rather his favourite joke of the two, as being somewhat newer and more conjectural; and since Edward's visit, they had never dined together without his drinking to her best affections with so much significancy and so many nods and winks, as to excite general attention. The letter F. had been likewise invariably brought forward, and found productive of such countless jokes, that its character as the wittiest letter in the alphabet had been long established with Elinor.

The Miss Steeles, as she expected, had now all the benefit of these jokes, and in the eldest of them they raised a curiosity to know the name of the gentleman alluded to, which, though often impertinently expressed, was perfectly of a piece with her general inquisitiveness into the concerns of their family. But Sir John did not sport long with the curiosity which he delighted to raise, for he had at least as much pleasure in telling the name, as Miss Steele had in hearing it.

“His name is Ferrars,” said he, in a very audible whisper; “but pray do not tell it, for it’s a great secret.”

“Ferrars!” repeated Miss Steele; “Mr. Ferrars is the happy man, is he? What! your sister-in-law’s brother, Miss Dashwood? a very agreeable young man to be sure; I know him very well.”

“How can you say so, Anne?” cried Lucy, who generally made an amendment to all her sister’s assertions. “Though we have seen him once or twice at my uncle’s, it is rather too much to pretend to know him very well.”

Elinor heard all this with attention and surprise. “And who was this uncle? Where did he live? How came they acquainted?” She wished very much to have the subject continued, though she did not chuse to join in it herself; but nothing more of it was said, and for the first time in her life, she thought Mrs. Jennings deficient either in curiosity after petty information, or in a disposition to communicate it. The manner in which Miss Steele had spoken of Edward, increased her curiosity; for it struck her as being rather ill-natured, and suggested the suspicion of that lady’s knowing, or fancying herself to know something to his disadvantage. But her curiosity was unavailing, for no farther notice was taken of Mr. Ferrars’s name by Miss Steele when alluded to, or even openly mentioned by Sir John.



## CHAPTER 22

Marianne, who had never much toleration for any thing like impertinence, vulgarity, inferiority of parts, or even difference of taste from herself, was at this time particularly ill-disposed, from the state of her spirits, to be pleased with the Miss Steeles, or to encourage their advances; and to the invariable coldness of her behaviour towards them, which checked every endeavour at intimacy on their side, Elinor principally attributed that preference of herself which soon became evident in the manners of both, but especially of Lucy, who missed no opportunity of engaging her in conversation, or of striving to improve their acquaintance by an easy and frank communication of her sentiments.

Lucy was naturally clever; her remarks were often just and amusing; and as a companion for half an hour Elinor frequently found her agreeable; but her powers had received no aid from education: she was ignorant and illiterate; and her deficiency of all mental improvement, her want of information in the most common particulars, could not be concealed from Miss Dashwood, in spite of her constant endeavour to appear to advantage. Elinor saw, and pitied her for, the neglect of abilities which education might have rendered so respectable; but she saw, with less tenderness of feeling, the thorough want of delicacy, of rectitude, and integrity of mind, which her attentions, her assiduities, her flatteries at the Park betrayed; and she could have no lasting satisfaction in the company of a person who joined insincerity with ignorance; whose want of instruction prevented their meeting in conversation on terms of equality, and whose conduct toward others made every shew of attention and deference towards herself perfectly valueless.

“You will think my question an odd one, I dare say,” said Lucy to her one day, as they were walking together from the park to the cottage — “but pray, are you personally acquainted with your sister-in-law’s mother, Mrs. Ferrars?”

Elinor DID think the question a very odd one, and her countenance expressed it, as she answered that she had never seen Mrs. Ferrars.

“Indeed!” replied Lucy; “I wonder at that, for I thought you must have seen her at Norland sometimes. Then, perhaps, you cannot tell me what sort of a woman she is?”

“No,” returned Elinor, cautious of giving her real opinion of Edward’s mother, and not very desirous of satisfying what seemed impertinent curiosity— “I know nothing of her.”

“I am sure you think me very strange, for enquiring about her in such a way,” said Lucy, eyeing Elinor attentively as she spoke; “but perhaps there may be reasons, I wish I might venture; but however I hope you will do me the justice of believing that I do not mean to be impertinent.”

Elinor made her a civil reply, and they walked on for a few minutes in silence. It was broken by Lucy, who renewed the subject again by saying, with some hesitation,

“I cannot bear to have you think me impertinently curious. I am sure I would rather do any thing in the world than be thought so by a person whose good opinion is so well worth having as yours. And I am sure I should not have the smallest fear of trusting YOU; indeed, I should be very glad of your advice how to manage in such and uncomfortable situation as I am; but, however, there is no occasion to trouble YOU. I am sorry you do not happen to know Mrs. Ferrars.”

“I am sorry I do NOT,” said Elinor, in great astonishment, “if it could be of any use to YOU to know my opinion of her. But really I never understood that you were at all connected with that family, and therefore I am a little surprised, I confess, at so serious an inquiry into her character.”

“I dare say you are, and I am sure I do not at all wonder at it. But if I dared tell you all, you would not be so much surprised. Mrs. Ferrars is certainly nothing to me at present, but the time MAY come, how soon it will come must depend upon herself, when we may be very intimately connected.”

She looked down as she said this, amiably bashful, with only one side glance at her companion to observe its effect on her.

“Good heavens!” cried Elinor, “what do you mean? Are you acquainted with Mr. Robert Ferrars? Can you be?” And she did not feel much delighted with the idea of such a sister-in-law.

“No,” replied Lucy, “not to Mr. Robert Ferrars, I never saw him in my life; but,” fixing her eyes upon Elinor, “to his eldest brother.”

What felt Elinor at that moment? Astonishment, that would have been as painful as it was strong, had not an immediate disbelief of the assertion attended it. She turned towards Lucy in silent amazement, unable to divine the reason or object of such a declaration; and though her complexion varied, she stood firm in incredulity, and felt in no danger of an hysterical fit, or a swoon.

“You may well be surprised,” continued Lucy; “for to be sure you could have had no idea of it before; for I dare say he never dropped the smallest hint of it to you or any of your family; because it was always meant to be a great secret, and I am sure has been faithfully kept so by me to this hour. Not a soul of all my relations know of it but Anne, and I never should have mentioned it to you, if I had not felt the greatest dependence in the world upon your secrecy; and I really thought my behaviour in asking so many questions about Mrs. Ferrars must seem so odd, that it ought to be explained. And I do not think Mr. Ferrars can be displeased, when he knows I have trusted you, because I know he has the highest opinion in the world of all your family, and looks upon yourself and the other Miss Dashwoods quite as his own sisters.” She paused.

Elinor for a few moments remained silent. Her astonishment at what she heard was at first too great for words; but at length forcing herself to speak, and to speak cautiously, she said, with calmness of manner, which tolerably well concealed her surprise and solicitude. “May I ask if your engagement is of long standing?”

“We have been engaged these four years.”

“Four years!”

“Yes.”

Elinor, though greatly shocked, still felt unable to believe it.

“I did not know,” said she, “that you were even acquainted till the other day.”

“Our acquaintance, however, is of many years date. He was under my uncle’s care, you know, a considerable while.”

“Your uncle!”

“Yes; Mr. Pratt. Did you never hear him talk of Mr. Pratt?”

“I think I have,” replied Elinor, with an exertion of spirits, which increased with her increase of emotion.

“He was four years with my uncle, who lives at Longstaple, near Plymouth. It was there our acquaintance begun, for my sister and me was often staying with my uncle, and it was there our engagement was formed, though not till a year after he had quitted as a pupil; but he was almost always with us afterwards. I was very unwilling to enter into it, as you may imagine, without the knowledge and approbation of his mother; but I was too young, and loved him too well, to be so prudent as I ought to have been. Though you do not know him so well as me, Miss Dashwood, you must have seen enough of him to be sensible he is very capable of making a woman sincerely attached to him.”

“Certainly,” answered Elinor, without knowing what she said; but after a moment’s reflection, she added, with revived security of Edward’s honour and love, and her companion’s falsehood—“Engaged to Mr. Edward Ferrars!—I confess myself so totally surprised at what you tell me, that really—I beg your pardon; but surely there must be some mistake of person or name. We cannot mean the same Mr. Ferrars.”

“We can mean no other,” cried Lucy, smiling. “Mr. Edward Ferrars, the eldest son of Mrs. Ferrars, of Park Street, and brother of your sister-in-law, Mrs. John Dashwood, is the person I mean; you must allow that I am not likely to be deceived as to the name of the man on who all my happiness depends.”

“It is strange,” replied Elinor, in a most painful perplexity, “that I should never have heard him even mention your name.”

“No; considering our situation, it was not strange. Our first care has been to keep the matter secret.— You knew nothing of me, or my family, and, therefore, there could be no OCCASION for ever mentioning my name to you; and, as he was always particularly afraid of his sister’s suspecting any thing, THAT was reason enough for his not mentioning it.”

She was silent. Elinor’s security sunk; but her self-command did not sink with it.

“Four years you have been engaged,” said she with a firm voice.

“Yes; and heaven knows how much longer we may have to wait. Poor Edward! It puts him quite out of heart.” Then taking a small miniature from her pocket, she added, “To prevent the possibility of mistake, be so good as to look at this face. It does not do him justice, to be sure, but yet I think you cannot be deceived as to the person it was drew for. I have had it above these three years.”

She put it into her hands as she spoke; and when Elinor saw the painting, whatever other doubts her fear of a too hasty decision, or her wish of detecting falsehood might suffer to linger in her mind, she could have none of its being Edward’s face. She returned it almost instantly, acknowledging the likeness.

“I have never been able,” continued Lucy, “to give him my picture in return, which I am very much vexed at, for he has been always so anxious to get it! But I am determined to set for it the very first opportunity.”

“You are quite in the right,” replied Elinor calmly. They then proceeded a few paces in silence. Lucy spoke first.

“I am sure,” said she, “I have no doubt in the world of your faithfully keeping this secret, because you must know of what importance it is to us, not to have it reach his mother; for she would never approve of it, I dare say. I shall have no fortune, and I fancy she is an exceeding proud woman.”

“I certainly did not seek your confidence,” said Elinor; “but you do me no more than justice in imagining that I may be depended on. Your secret is safe with me; but pardon me if I express some surprise at so unnecessary a communication. You must at least have felt that my being acquainted with it could not add to its safety.”

As she said this, she looked earnestly at Lucy, hoping to discover something in her countenance; perhaps the falsehood of the greatest part of what she had been saying; but Lucy’s countenance suffered no change.

“I was afraid you would think I was taking a great liberty with you,” said she, “in telling you all this. I have not known you long to be sure, personally at least, but I have known you and all your family by description a great while; and as soon as I saw you, I felt almost as if you was an old acquaintance. Besides in the present case, I really thought some

explanation was due to you after my making such particular inquiries about Edward's mother; and I am so unfortunate, that I have not a creature whose advice I can ask. Anne is the only person that knows of it, and she has no judgment at all; indeed, she does me a great deal more harm than good, for I am in constant fear of her betraying me. She does not know how to hold her tongue, as you must perceive, and I am sure I was in the greatest fright in the world t'other day, when Edward's name was mentioned by Sir John, lest she should out with it all. You can't think how much I go through in my mind from it altogether. I only wonder that I am alive after what I have suffered for Edward's sake these last four years. Every thing in such suspense and uncertainty; and seeing him so seldom, we can hardly meet above twice a-year. I am sure I wonder my heart is not quite broke."

Here she took out her handkerchief; but Elinor did not feel very compassionate.

"Sometimes," continued Lucy, after wiping her eyes, "I think whether it would not be better for us both to break off the matter entirely." As she said this, she looked directly at her companion. "But then at other times I have not resolution enough for it. I cannot bear the thoughts of making him so miserable, as I know the very mention of such a thing would do. And on my own account too, so dear as he is to me, I don't think I could be equal to it. What would you advise me to do in such a case, Miss Dashwood? What would you do yourself?"

"Pardon me," replied Elinor, startled by the question; "but I can give you no advice under such circumstances. Your own judgment must direct you."

"To be sure," continued Lucy, after a few minutes silence on both sides, "his mother must provide for him sometime or other; but poor Edward is so cast down by it! Did you not think him dreadful low-spirited when he was at Barton? He was so miserable when he left us at Longstaple, to go to you, that I was afraid you would think him quite ill."

"Did he come from your uncle's, then, when he visited us?"

"Oh, yes; he had been staying a fortnight with us. Did you think he came directly from town?"

“No,” replied Elinor, most feelingly sensible of every fresh circumstance in favour of Lucy’s veracity; “I remember he told us, that he had been staying a fortnight with some friends near Plymouth.” She remembered too, her own surprise at the time, at his mentioning nothing farther of those friends, at his total silence with respect even to their names.

“Did not you think him sadly out of spirits?” repeated Lucy.

“We did, indeed, particularly so when he first arrived.”

“I begged him to exert himself for fear you should suspect what was the matter; but it made him so melancholy, not being able to stay more than a fortnight with us, and seeing me so much affected. Poor fellow! I am afraid it is just the same with him now; for he writes in wretched spirits. I heard from him just before I left Exeter;” taking a letter from her pocket and carelessly showing the direction to Elinor. “You know his hand, I dare say, a charming one it is; but that is not written so well as usual. He was tired, I dare say, for he had just filled the sheet to me as full as possible.”

Elinor saw that it WAS his hand, and she could doubt no longer. This picture, she had allowed herself to believe, might have been accidentally obtained; it might not have been Edward’s gift; but a correspondence between them by letter, could subsist only under a positive engagement, could be authorised by nothing else; for a few moments, she was almost overcome, her heart sunk within her, and she could hardly stand; but exertion was indispensably necessary; and she struggled so resolutely against the oppression of her feelings, that her success was speedy, and for the time complete.

“Writing to each other,” said Lucy, returning the letter into her pocket, “is the only comfort we have in such long separations. Yes, I have one other comfort in his picture, but poor Edward has not even THAT. If he had but my picture, he says he should be easy. I gave him a lock of my hair set in a ring when he was at Longstaple last, and that was some comfort to him, he said, but not equal to a picture. Perhaps you might notice the ring when you saw him?”

“I did,” said Elinor, with a composure of voice, under which was concealed an emotion and distress beyond any thing she had ever felt before. She was mortified, shocked, confounded.

Fortunately for her, they had now reached the cottage, and the conversation could be continued no farther. After sitting with them a few minutes, the Miss Steeles returned to the Park, and Elinor was then at liberty to think and be wretched.



## CHAPTER 23

However small Elinor's general dependence on Lucy's veracity might be, it was impossible for her on serious reflection to suspect it in the present case, where no temptation could be answerable to the folly of inventing a falsehood of such a description. What Lucy had asserted to be true, therefore, Elinor could not, dared not longer doubt; supported as it was too on every side by such probabilities and proofs, and contradicted by nothing but her own wishes. Their opportunity of acquaintance in the house of Mr. Pratt was a foundation for the rest, at once indisputable and alarming; and Edward's visit near Plymouth, his melancholy state of mind, his dissatisfaction at his own prospects, his uncertain behaviour towards herself, the intimate knowledge of the Miss Steeles as to Norland and their family connections, which had often surprised her, the picture, the letter, the ring, formed altogether such a body of evidence, as overcame every fear of condemning him unfairly, and established as a fact, which no partiality could set aside, his ill-treatment of herself.—Her resentment of such behaviour, her indignation at having been its dupe, for a short time made her feel only for herself; but other ideas, other considerations, soon arose. Had Edward been intentionally deceiving her? Had he feigned a regard for her which he did not feel? Was his engagement to Lucy an engagement of the heart? No; whatever it might once have been, she could not believe it such at present. His affection was all her own. She could not be deceived in that. Her mother, sisters, Fanny, all had been conscious of his regard for her at Norland; it was not an illusion of her own vanity. He certainly loved her. What a softener of the heart was this persuasion! How much could it not tempt her to forgive! He had been blamable, highly blamable, in remaining at Norland after he first felt her influence over him to be more than it ought to be. In that, he could not be defended; but if he had injured her, how much more had he injured himself; if her case were pitiable, his was hopeless. His imprudence had made her miserable for a while; but it seemed to have deprived himself of all chance of ever being otherwise. She might in time regain tranquillity; but HE, what had he to look forward to?

Could he ever be tolerably happy with Lucy Steele; could he, were his affection for herself out of the question, with his integrity, his delicacy, and well-informed mind, be satisfied with a wife like her, illiterate, artful, and selfish?

The youthful infatuation of nineteen would naturally blind him to every thing but her beauty and good nature; but the four succeeding years—years, which if rationally spent, give such improvement to the understanding, must have opened his eyes to her defects of education, while the same period of time, spent on her side in inferior society and more frivolous pursuits, had perhaps robbed her of that simplicity which might once have given an interesting character to her beauty.

If in the supposition of his seeking to marry herself, his difficulties from his mother had seemed great, how much greater were they now likely to be, when the object of his engagement was undoubtedly inferior in connections, and probably inferior in fortune to herself. These difficulties, indeed, with a heart so alienated from Lucy, might not press very hard upon his patience; but melancholy was the state of the person by whom the expectation of family opposition and unkindness, could be felt as a relief!

As these considerations occurred to her in painful succession, she wept for him, more than for herself. Supported by the conviction of having done nothing to merit her present unhappiness, and consoled by the belief that Edward had done nothing to forfeit her esteem, she thought she could even now, under the first smart of the heavy blow, command herself enough to guard every suspicion of the truth from her mother and sisters. And so well was she able to answer her own expectations, that when she joined them at dinner only two hours after she had first suffered the extinction of all her dearest hopes, no one would have supposed from the appearance of the sisters, that Elinor was mourning in secret over obstacles which must divide her for ever from the object of her love, and that Marianne was internally dwelling on the perfections of a man, of whose whole heart she felt thoroughly possessed, and whom she expected to see in every carriage which drove near their house.

The necessity of concealing from her mother and Marianne, what had been entrusted in confidence to herself, though it obliged her to unceasing exertion, was no aggravation of Elinor's distress. On the contrary

it was a relief to her, to be spared the communication of what would give such affliction to them, and to be saved likewise from hearing that condemnation of Edward, which would probably flow from the excess of their partial affection for herself, and which was more than she felt equal to support.

From their counsel, or their conversation, she knew she could receive no assistance, their tenderness and sorrow must add to her distress, while her self-command would neither receive encouragement from their example nor from their praise. She was stronger alone, and her own good sense so well supported her, that her firmness was as unshaken, her appearance of cheerfulness as invariable, as with regrets so poignant and so fresh, it was possible for them to be.

Much as she had suffered from her first conversation with Lucy on the subject, she soon felt an earnest wish of renewing it; and this for more reasons than one. She wanted to hear many particulars of their engagement repeated again, she wanted more clearly to understand what Lucy really felt for Edward, whether there were any sincerity in her declaration of tender regard for him, and she particularly wanted to convince Lucy, by her readiness to enter on the matter again, and her calmness in conversing on it, that she was no otherwise interested in it than as a friend, which she very much feared her involuntary agitation, in their morning discourse, must have left at least doubtful. That Lucy was disposed to be jealous of her appeared very probable: it was plain that Edward had always spoken highly in her praise, not merely from Lucy's assertion, but from her venturing to trust her on so short a personal acquaintance, with a secret so confessedly and evidently important. And even Sir John's joking intelligence must have had some weight. But indeed, while Elinor remained so well assured within herself of being really beloved by Edward, it required no other consideration of probabilities to make it natural that Lucy should be jealous; and that she was so, her very confidence was a proof. What other reason for the disclosure of the affair could there be, but that Elinor might be informed by it of Lucy's superior claims on Edward, and be taught to avoid him in future? She had little difficulty in understanding thus much of her rival's intentions, and while she was firmly resolved to act by her as every principle of honour and honesty directed, to

combat her own affection for Edward and to see him as little as possible; she could not deny herself the comfort of endeavouring to convince Lucy that her heart was unwounded. And as she could now have nothing more painful to hear on the subject than had already been told, she did not mistrust her own ability of going through a repetition of particulars with composure.

But it was not immediately that an opportunity of doing so could be commanded, though Lucy was as well disposed as herself to take advantage of any that occurred; for the weather was not often fine enough to allow of their joining in a walk, where they might most easily separate themselves from the others; and though they met at least every other evening either at the park or cottage, and chiefly at the former, they could not be supposed to meet for the sake of conversation. Such a thought would never enter either Sir John or Lady Middleton's head; and therefore very little leisure was ever given for a general chat, and none at all for particular discourse. They met for the sake of eating, drinking, and laughing together, playing at cards, or consequences, or any other game that was sufficiently noisy.

One or two meetings of this kind had taken place, without affording Elinor any chance of engaging Lucy in private, when Sir John called at the cottage one morning, to beg, in the name of charity, that they would all dine with Lady Middleton that day, as he was obliged to attend the club at Exeter, and she would otherwise be quite alone, except her mother and the two Miss Steeles. Elinor, who foresaw a fairer opening for the point she had in view, in such a party as this was likely to be, more at liberty among themselves under the tranquil and well-bred direction of Lady Middleton than when her husband united them together in one noisy purpose, immediately accepted the invitation; Margaret, with her mother's permission, was equally compliant, and Marianne, though always unwilling to join any of their parties, was persuaded by her mother, who could not bear to have her seclude herself from any chance of amusement, to go likewise.

The young ladies went, and Lady Middleton was happily preserved from the frightful solitude which had threatened her. The insipidity of the meeting was exactly such as Elinor had expected; it

produced not one novelty of thought or expression, and nothing could be less interesting than the whole of their discourse both in the dining parlour and drawing room: to the latter, the children accompanied them, and while they remained there, she was too well convinced of the impossibility of engaging Lucy's attention to attempt it. They quitted it only with the removal of the tea-things. The card-table was then placed, and Elinor began to wonder at herself for having ever entertained a hope of finding time for conversation at the park. They all rose up in preparation for a round game.

"I am glad," said Lady Middleton to Lucy, "you are not going to finish poor little Annamaria's basket this evening; for I am sure it must hurt your eyes to work filigree by candlelight. And we will make the dear little love some amends for her disappointment to-morrow, and then I hope she will not much mind it."

This hint was enough, Lucy recollected herself instantly and replied, "Indeed you are very much mistaken, Lady Middleton; I am only waiting to know whether you can make your party without me, or I should have been at my filigree already. I would not disappoint the little angel for all the world: and if you want me at the card-table now, I am resolved to finish the basket after supper."

"You are very good, I hope it won't hurt your eyes—will you ring the bell for some working candles? My poor little girl would be sadly disappointed, I know, if the basket was not finished tomorrow, for though I told her it certainly would not, I am sure she depends upon having it done."

Lucy directly drew her work table near her and reseated herself with an alacrity and cheerfulness which seemed to infer that she could taste no greater delight than in making a filigree basket for a spoilt child.

Lady Middleton proposed a rubber of Casino to the others. No one made any objection but Marianne, who with her usual inattention to the forms of general civility, exclaimed, "Your Ladyship will have the goodness to excuse ME—you know I detest cards. I shall go to the piano-forte; I have not touched it since it was tuned." And without farther ceremony, she turned away and walked to the instrument.

Lady Middleton looked as if she thanked heaven that SHE had never made so rude a speech.

“Marianne can never keep long from that instrument you know, ma’am,” said Elinor, endeavouring to smooth away the offence; “and I do not much wonder at it; for it is the very best toned piano-forte I ever heard.”

The remaining five were now to draw their cards.

“Perhaps,” continued Elinor, “if I should happen to cut out, I may be of some use to Miss Lucy Steele, in rolling her papers for her; and there is so much still to be done to the basket, that it must be impossible I think for her labour singly, to finish it this evening. I should like the work exceedingly, if she would allow me a share in it.”

“Indeed I shall be very much obliged to you for your help,” cried Lucy, “for I find there is more to be done to it than I thought there was; and it would be a shocking thing to disappoint dear Annamaria after all.”

“Oh! that would be terrible, indeed,” said Miss Steele. “Dear little soul, how I do love her!”

“You are very kind,” said Lady Middleton to Elinor; “and as you really like the work, perhaps you will be as well pleased not to cut in till another rubber, or will you take your chance now?”

Elinor joyfully profited by the first of these proposals, and thus by a little of that address which Marianne could never condescend to practise, gained her own end, and pleased Lady Middleton at the same time. Lucy made room for her with ready attention, and the two fair rivals were thus seated side by side at the same table, and, with the utmost harmony, engaged in forwarding the same work. The pianoforte at which Marianne, wrapped up in her own music and her own thoughts, had by this time forgotten that any body was in the room besides herself, was luckily so near them that Miss Dashwood now judged she might safely, under the shelter of its noise, introduce the interesting subject, without any risk of being heard at the card-table.

## CHAPTER 24

In a firm, though cautious tone, Elinor thus began.

“I should be undeserving of the confidence you have honoured me with, if I felt no desire for its continuance, or no farther curiosity on its subject. I will not apologize therefore for bringing it forward again.”

“Thank you,” cried Lucy warmly, “for breaking the ice; you have set my heart at ease by it; for I was somehow or other afraid I had offended you by what I told you that Monday.”

“Offended me! How could you suppose so? Believe me,” and Elinor spoke it with the truest sincerity, “nothing could be farther from my intention than to give you such an idea. Could you have a motive for the trust, that was not honourable and flattering to me?”

“And yet I do assure you,” replied Lucy, her little sharp eyes full of meaning, “there seemed to me to be a coldness and displeasure in your manner that made me quite uncomfortable. I felt sure that you was angry with me; and have been quarrelling with myself ever since, for having took such a liberty as to trouble you with my affairs. But I am very glad to find it was only my own fancy, and that you really do not blame me. If you knew what a consolation it was to me to relieve my heart speaking to you of what I am always thinking of every moment of my life, your compassion would make you overlook every thing else I am sure.”

“Indeed, I can easily believe that it was a very great relief to you, to acknowledge your situation to me, and be assured that you shall never have reason to repent it. Your case is a very unfortunate one; you seem to me to be surrounded with difficulties, and you will have need of all your mutual affection to support you under them. Mr. Ferrars, I believe, is entirely dependent on his mother.”

“He has only two thousand pounds of his own; it would be madness to marry upon that, though for my own part, I could give up every prospect of more without a sigh. I have been always used to a very small income, and could struggle with any poverty for him; but I love him too

well to be the selfish means of robbing him, perhaps, of all that his mother might give him if he married to please her. We must wait, it may be for many years. With almost every other man in the world, it would be an alarming prospect; but Edward's affection and constancy nothing can deprive me of I know."

"That conviction must be every thing to you; and he is undoubtedly supported by the same trust in your's. If the strength of your reciprocal attachment had failed, as between many people, and under many circumstances it naturally would during a four years' engagement, your situation would have been pitiable, indeed."

Lucy here looked up; but Elinor was careful in guarding her countenance from every expression that could give her words a suspicious tendency.

"Edward's love for me," said Lucy, "has been pretty well put to the test, by our long, very long absence since we were first engaged, and it has stood the trial so well, that I should be unpardonable to doubt it now. I can safely say that he has never gave me one moment's alarm on that account from the first."

Elinor hardly knew whether to smile or sigh at this assertion.

Lucy went on. "I am rather of a jealous temper too by nature, and from our different situations in life, from his being so much more in the world than me, and our continual separation, I was enough inclined for suspicion, to have found out the truth in an instant, if there had been the slightest alteration in his behaviour to me when we met, or any lowness of spirits that I could not account for, or if he had talked more of one lady than another, or seemed in any respect less happy at Longstaple than he used to be. I do not mean to say that I am particularly observant or quick-sighted in general, but in such a case I am sure I could not be deceived."

"All this," thought Elinor, "is very pretty; but it can impose upon neither of us."

"But what," said she after a short silence, "are your views? or have you none but that of waiting for Mrs. Ferrars's death, which is a melancholy and shocking extremity? Is her son determined to submit to this, and to all the tediousness of the many years of suspense in which it



may involve you, rather than run the risk of her displeasure for a while by owning the truth?"

"If we could be certain that it would be only for a while! But Mrs. Ferrars is a very headstrong proud woman, and in her first fit of anger upon hearing it, would very likely secure every thing to Robert, and the idea of that, for Edward's sake, frightens away all my inclination for hasty measures."

"And for your own sake too, or you are carrying your disinterestedness beyond reason."

Lucy looked at Elinor again, and was silent.

"Do you know Mr. Robert Ferrars?" asked Elinor.

"Not at all, I never saw him; but I fancy he is very unlike his brother silly and a great coxcomb."

"A great coxcomb!" repeated Miss Steele, whose ear had caught those words by a sudden pause in Marianne's music. "Oh, they are talking of their favourite beaux, I dare say."

"No sister," cried Lucy, "you are mistaken there, our favourite beaux are NOT great coxcombs."

"I can answer for it that Miss Dashwood's is not," said Mrs. Jennings, laughing heartily; "for he is one of the modestest, prettiest behaved young men I ever saw; but as for Lucy, she is such a sly little creature, there is no finding out who SHE likes."

"Oh," cried Miss Steele, looking significantly round at them, "I dare say Lucy's beau is quite as modest and pretty behaved as Miss Dashwood's."

Elinor blushed in spite of herself. Lucy bit her lip, and looked angrily at her sister. A mutual silence took place for some time. Lucy first put an end to it by saying in a lower tone, though Marianne was then giving them the powerful protection of a very magnificent concerto...

"I will honestly tell you of one scheme which has lately come into my head, for bringing matters to bear; indeed I am bound to let you into the secret, for you are a party concerned. I dare say you have seen enough of Edward to know that he would prefer the church to every other profession;

now my plan is that he should take orders as soon as he can, and then through your interest, which I am sure you would be kind enough to use out of friendship for him, and I hope out of some regard to me, your brother might be persuaded to give him Norland living; which I understand is a very good one, and the present incumbent not likely to live a great while. That would be enough for us to marry upon, and we might trust to time and chance for the rest.”

“I should always be happy,” replied Elinor, “to show any mark of my esteem and friendship for Mr. Ferrars; but do you not perceive that my interest on such an occasion would be perfectly unnecessary? He is brother to Mrs. John Dashwood. THAT must be recommendation enough to her husband.”

“But Mrs. John Dashwood would not much approve of Edward’s going into orders.”

“Then I rather suspect that my interest would do very little.”

They were again silent for many minutes. At length Lucy exclaimed with a deep sigh,

“I believe it would be the wisest way to put an end to the business at once by dissolving the engagement. We seem so beset with difficulties on every side, that though it would make us miserable for a time, we should be happier perhaps in the end. But you will not give me your advice, Miss Dashwood?”

“No,” answered Elinor, with a smile, which concealed very agitated feelings, “on such a subject I certainly will not. You know very well that my opinion would have no weight with you, unless it were on the side of your wishes.”

“Indeed you wrong me,” replied Lucy, with great solemnity; “I know nobody of whose judgment I think so highly as I do of yours; and I do really believe, that if you was to say to me, ‘I advise you by all means to put an end to your engagement with Edward Ferrars, it will be more for the happiness of both of you,’ I should resolve upon doing it immediately.”

Elinor blushed for the insincerity of Edward’s future wife, and replied, “This compliment would effectually frighten me from giving any opinion on the subject had I formed one. It raises my influence much too

high; the power of dividing two people so tenderly attached is too much for an indifferent person.”

“Tis because you are an indifferent person,” said Lucy, with some pique, and laying a particular stress on those words, “that your judgment might justly have such weight with me. If you could be supposed to be biased in any respect by your own feelings, your opinion would not be worth having.”

Elinor thought it wisest to make no answer to this, lest they might provoke each other to an unsuitable increase of ease and unreserve; and was even partly determined never to mention the subject again. Another pause therefore of many minutes’ duration, succeeded this speech, and Lucy was still the first to end it.

“Shall you be in town this winter, Miss Dashwood?” said she with all her accustomed complacency.

“Certainly not.”

“I am sorry for that,” returned the other, while her eyes brightened at the information, “it would have gave me such pleasure to meet you there! But I dare say you will go for all that. To be sure, your brother and sister will ask you to come to them.”

“It will not be in my power to accept their invitation if they do.”

“How unlucky that is! I had quite depended upon meeting you there. Anne and me are to go the latter end of January to some relations who have been wanting us to visit them these several years! But I only go for the sake of seeing Edward. He will be there in February, otherwise London would have no charms for me; I have not spirits for it.”

Elinor was soon called to the card-table by the conclusion of the first rubber, and the confidential discourse of the two ladies was therefore at an end, to which both of them submitted without any reluctance, for nothing had been said on either side to make them dislike each other less than they had done before; and Elinor sat down to the card table with the melancholy persuasion that Edward was not only without affection for the person who was to be his wife; but that he had not even the chance of being tolerably happy in marriage, which sincere affection on HER side would have given, for self-interest alone could induce a woman to keep a man to

an engagement, of which she seemed so thoroughly aware that he was weary.

From this time the subject was never revived by Elinor, and when entered on by Lucy, who seldom missed an opportunity of introducing it, and was particularly careful to inform her confidante, of her happiness whenever she received a letter from Edward, it was treated by the former with calmness and caution, and dismissed as soon as civility would allow; for she felt such conversations to be an indulgence which Lucy did not deserve, and which were dangerous to herself.

The visit of the Miss Steeles at Barton Park was lengthened far beyond what the first invitation implied. Their favour increased; they could not be spared; Sir John would not hear of their going; and in spite of their numerous and long arranged engagements in Exeter, in spite of the absolute necessity of returning to fulfill them immediately, which was in full force at the end of every week, they were prevailed on to stay nearly two months at the park, and to assist in the due celebration of that festival which requires a more than ordinary share of private balls and large dinners to proclaim its importance.

## CHAPTER 25

Though Mrs. Jennings was in the habit of spending a large portion of the year at the houses of her children and friends, she was not without a settled habitation of her own. Since the death of her husband, who had traded with success in a less elegant part of the town, she had resided every winter in a house in one of the streets near Portman Square. Towards this home, she began on the approach of January to turn her thoughts, and thither she one day abruptly, and very unexpectedly by them, asked the elder Misses Dashwood to accompany her. Elinor, without observing the varying complexion of her sister, and the animated look which spoke no indifference to the plan, immediately gave a grateful but absolute denial for both, in which she believed herself to be speaking their united inclinations. The reason alleged was their determined resolution of not leaving their mother at that time of the year. Mrs. Jennings received the refusal with some surprise, and repeated her invitation immediately.

“Oh, Lord! I am sure your mother can spare you very well, and I DO beg you will favour me with your company, for I’ve quite set my heart upon it. Don’t fancy that you will be any inconvenience to me, for I shan’t put myself at all out of my way for you. It will only be sending Betty by the coach, and I hope I can afford THAT. We three shall be able to go very well in my chaise; and when we are in town, if you do not like to go wherever I do, well and good, you may always go with one of my daughters. I am sure your mother will not object to it; for I have had such good luck in getting my own children off my hands that she will think me a very fit person to have the charge of you; and if I don’t get one of you at least well married before I have done with you, it shall not be my fault. I shall speak a good word for you to all the young men, you may depend upon it.”

“I have a notion,” said Sir John, “that Miss Marianne would not object to such a scheme, if her elder sister would come into it. It is very hard indeed that she should not have a little pleasure, because Miss Dashwood does not wish it. So I would advise you two, to set off for town,

when you are tired of Barton, without saying a word to Miss Dashwood about it.”

“Nay,” cried Mrs. Jennings, “I am sure I shall be monstrous glad of Miss Marianne’s company, whether Miss Dashwood will go or not, only the more the merrier say I, and I thought it would be more comfortable for them to be together; because, if they got tired of me, they might talk to one another, and laugh at my old ways behind my back. But one or the other, if not both of them, I must have. Lord bless me! how do you think I can live poking by myself, I who have been always used till this winter to have Charlotte with me. Come, Miss Marianne, let us strike hands upon the bargain, and if Miss Dashwood will change her mind by and bye, why so much the better.”

“I thank you, ma’am, sincerely thank you,” said Marianne, with warmth: “your invitation has insured my gratitude for ever, and it would give me such happiness, yes, almost the greatest happiness I am capable of, to be able to accept it. But my mother, my dearest, kindest mother, I feel the justice of what Elinor has urged, and if she were to be made less happy, less comfortable by our absence. Oh! no, nothing should tempt me to leave her. It should not, must not be a struggle.”

Mrs. Jennings repeated her assurance that Mrs. Dashwood could spare them perfectly well; and Elinor, who now understood her sister, and saw to what indifference to almost every thing else she was carried by her eagerness to be with Willoughby again, made no farther direct opposition to the plan, and merely referred it to her mother’s decision, from whom however she scarcely expected to receive any support in her endeavour to prevent a visit, which she could not approve of for Marianne, and which on her own account she had particular reasons to avoid. Whatever Marianne was desirous of, her mother would be eager to promote—she could not expect to influence the latter to cautiousness of conduct in an affair respecting which she had never been able to inspire her with distrust; and she dared not explain the motive of her own disinclination for going to London. That Marianne, fastidious as she was, thoroughly acquainted with Mrs. Jennings’ manners, and invariably disgusted by them, should overlook every inconvenience of that kind, should disregard whatever must be most wounding to her irritable feelings, in her pursuit of one object, was such a

proof, so strong, so full, of the importance of that object to her, as Elinor, in spite of all that had passed, was not prepared to witness.

On being informed of the invitation, Mrs. Dashwood, persuaded that such an excursion would be productive of much amusement to both her daughters, and perceiving through all her affectionate attention to herself, how much the heart of Marianne was in it, would not hear of their declining the offer upon HER account; insisted on their both accepting it directly; and then began to foresee, with her usual cheerfulness, a variety of advantages that would accrue to them all, from this separation.

“I am delighted with the plan,” she cried, “it is exactly what I could wish. Margaret and I shall be as much benefited by it as yourselves. When you and the Middletons are gone, we shall go on so quietly and happily together with our books and our music! You will find Margaret so improved when you come back again! I have a little plan of alteration for your bedrooms too, which may now be performed without any inconvenience to any one. It is very right that you SHOULD go to town; I would have every young woman of your condition in life acquainted with the manners and amusements of London. You will be under the care of a motherly good sort of woman, of whose kindness to you I can have no doubt. And in all probability you will see your brother, and whatever may be his faults, or the faults of his wife, when I consider whose son he is, I cannot bear to have you so wholly estranged from each other.”

“Though with your usual anxiety for our happiness,” said Elinor, “you have been obviating every impediment to the present scheme which occurred to you, there is still one objection which, in my opinion, cannot be so easily removed.”

Marianne’s countenance sunk.

“And what,” said Mrs. Dashwood, “is my dear prudent Elinor going to suggest? What formidable obstacle is she now to bring forward? Do let me hear a word about the expense of it.”

“My objection is this; though I think very well of Mrs. Jennings’s heart, she is not a woman whose society can afford us pleasure, or whose protection will give us consequence.”

“That is very true,” replied her mother, “but of her society, separately from that of other people, you will scarcely have any thing at all, and you will almost always appear in public with Lady Middleton.”

“If Elinor is frightened away by her dislike of Mrs. Jennings,” said Marianne, “at least it need not prevent MY accepting her invitation. I have no such scruples, and I am sure I could put up with every unpleasantness of that kind with very little effort.”

Elinor could not help smiling at this display of indifference towards the manners of a person, to whom she had often had difficulty in persuading Marianne to behave with tolerable politeness; and resolved within herself, that if her sister persisted in going, she would go likewise, as she did not think it proper that Marianne should be left to the sole guidance of her own judgment, or that Mrs. Jennings should be abandoned to the mercy of Marianne for all the comfort of her domestic hours. To this determination she was the more easily reconciled, by recollecting that Edward Ferrars, by Lucy’s account, was not to be in town before February; and that their visit, without any unreasonable abridgement, might be previously finished.

“I will have you BOTH go,” said Mrs. Dashwood; “these objections are nonsensical. You will have much pleasure in being in London, and especially in being together; and if Elinor would ever condescend to anticipate enjoyment, she would foresee it there from a variety of sources; she would, perhaps, expect some from improving her acquaintance with her sister-in-law’s family.”

Elinor had often wished for an opportunity of attempting to weaken her mother’s dependence on the attachment of Edward and herself, that the shock might be less when the whole truth were revealed, and now on this attack, though almost hopeless of success, she forced herself to begin her design by saying, as calmly as she could, “I like Edward Ferrars very much, and shall always be glad to see him; but as to the rest of the family, it is a matter of perfect indifference to me, whether I am ever known to them or not.”

Mrs. Dashwood smiled, and said nothing. Marianne lifted up her eyes in astonishment, and Elinor conjectured that she might as well have held her tongue.



After very little farther discourse, it was finally settled that the invitation should be fully accepted. Mrs. Jennings received the information with a great deal of joy, and many assurances of kindness and care; nor was it a matter of pleasure merely to her. Sir John was delighted; for to a man, whose prevailing anxiety was the dread of being alone, the acquisition of two, to the number of inhabitants in London, was something. Even Lady Middleton took the trouble of being delighted, which was putting herself rather out of her way; and as for the Miss Steeles, especially Lucy, they had never been so happy in their lives as this intelligence made them.

Elinor submitted to the arrangement which counteracted her wishes with less reluctance than she had expected to feel. With regard to herself, it was now a matter of unconcern whether she went to town or not, and when she saw her mother so thoroughly pleased with the plan, and her sister exhilarated by it in look, voice, and manner, restored to all her usual animation, and elevated to more than her usual gaiety, she could not be dissatisfied with the cause, and would hardly allow herself to distrust the consequence.

Marianne's joy was almost a degree beyond happiness, so great was the perturbation of her spirits and her impatience to be gone. Her unwillingness to quit her mother was her only restorative to calmness; and at the moment of parting her grief on that score was excessive. Her mother's affliction was hardly less, and Elinor was the only one of the three, who seemed to consider the separation as any thing short of eternal.

Their departure took place in the first week in January. The Middletons were to follow in about a week. The Miss Steeles kept their station at the park, and were to quit it only with the rest of the family.

## CHAPTER 26

Elinor could not find herself in the carriage with Mrs. Jennings, and beginning a journey to London under her protection, and as her guest, without wondering at her own situation, so short had their acquaintance with that lady been, so wholly unsuited were they in age and disposition, and so many had been her objections against such a measure only a few days before! But these objections had all, with that happy ardour of youth which Marianne and her mother equally shared, been overcome or overlooked; and Elinor, in spite of every occasional doubt of Willoughby's constancy, could not witness the rapture of delightful expectation which filled the whole soul and beamed in the eyes of Marianne, without feeling how blank was her own prospect, how cheerless her own state of mind in the comparison, and how gladly she would engage in the solicitude of Marianne's situation to have the same animating object in view, the same possibility of hope. A short, a very short time however must now decide what Willoughby's intentions were; in all probability he was already in town. Marianne's eagerness to be gone declared her dependence on finding him there; and Elinor was resolved not only upon gaining every new light as to his character which her own observation or the intelligence of others could give her, but likewise upon watching his behaviour to her sister with such zealous attention, as to ascertain what he was and what he meant, before many meetings had taken place. Should the result of her observations be unfavourable, she was determined at all events to open the eyes of her sister; should it be otherwise, her exertions would be of a different nature—she must then learn to avoid every selfish comparison, and banish every regret which might lessen her satisfaction in the happiness of Marianne.

They were three days on their journey, and Marianne's behaviour as they travelled was a happy specimen of what future complaisance and companionableness to Mrs. Jennings might be expected to be. She sat in silence almost all the way, wrapt in her own meditations, and scarcely ever voluntarily speaking, except when any object of picturesque beauty within

their view drew from her an exclamation of delight exclusively addressed to her sister. To atone for this conduct therefore, Elinor took immediate possession of the post of civility which she had assigned herself, behaved with the greatest attention to Mrs. Jennings, talked with her, laughed with her, and listened to her whenever she could; and Mrs. Jennings on her side treated them both with all possible kindness, was solicitous on every occasion for their ease and enjoyment, and only disturbed that she could not make them choose their own dinners at the inn, nor extort a confession of their preferring salmon to cod, or boiled fowls to veal cutlets. They reached town by three o'clock the third day, glad to be released, after such a journey, from the confinement of a carriage, and ready to enjoy all the luxury of a good fire.

The house was handsome, and handsomely fitted up, and the young ladies were immediately put in possession of a very comfortable apartment. It had formerly been Charlotte's, and over the mantelpiece still hung a landscape in coloured silks of her performance, in proof of her having spent seven years at a great school in town to some effect.

As dinner was not to be ready in less than two hours from their arrival, Elinor determined to employ the interval in writing to her mother, and sat down for that purpose. In a few moments Marianne did the same. "I am writing home, Marianne," said Elinor; "had not you better defer your letter for a day or two?"

"I am NOT going to write to my mother," replied Marianne, hastily, and as if wishing to avoid any farther inquiry. Elinor said no more; it immediately struck her that she must then be writing to Willoughby; and the conclusion which as instantly followed was, that, however mysteriously they might wish to conduct the affair, they must be engaged. This conviction, though not entirely satisfactory, gave her pleasure, and she continued her letter with greater alacrity. Marianne's was finished in a very few minutes; in length it could be no more than a note; it was then folded up, sealed, and directed with eager rapidity. Elinor thought she could distinguish a large W in the direction; and no sooner was it complete than Marianne, ringing the bell, requested the footman who answered it to get that letter conveyed for her to the two-penny post. This decided the matter at once.

Her spirits still continued very high; but there was a flutter in them which prevented their giving much pleasure to her sister, and this agitation increased as the evening drew on. She could scarcely eat any dinner, and when they afterwards returned to the drawing room, seemed anxiously listening to the sound of every carriage.

It was a great satisfaction to Elinor that Mrs. Jennings, by being much engaged in her own room, could see little of what was passing. The tea things were brought in, and already had Marianne been disappointed more than once by a rap at a neighbouring door, when a loud one was suddenly heard which could not be mistaken for one at any other house, Elinor felt secure of its announcing Willoughby's approach, and Marianne, starting up, moved towards the door. Every thing was silent; this could not be borne many seconds; she opened the door, advanced a few steps towards the stairs, and after listening half a minute, returned into the room in all the agitation which a conviction of having heard him would naturally produce; in the ecstasy of her feelings at that instant she could not help exclaiming, "Oh, Elinor, it is Willoughby, indeed it is!" and seemed almost ready to throw herself into his arms, when Colonel Brandon appeared.

It was too great a shock to be borne with calmness, and she immediately left the room. Elinor was disappointed too; but at the same time her regard for Colonel Brandon ensured his welcome with her; and she felt particularly hurt that a man so partial to her sister should perceive that she experienced nothing but grief and disappointment in seeing him. She instantly saw that it was not unnoticed by him, that he even observed Marianne as she quitted the room, with such astonishment and concern, as hardly left him the recollection of what civility demanded towards herself.

"Is your sister ill?" said he.

Elinor answered in some distress that she was, and then talked of head-aches, low spirits, and over fatigues; and of every thing to which she could decently attribute her sister's behaviour.

He heard her with the most earnest attention, but seeming to recollect himself, said no more on the subject, and began directly to speak of his pleasure at seeing them in London, making the usual inquiries about their journey, and the friends they had left behind.

In this calm kind of way, with very little interest on either side, they continued to talk, both of them out of spirits, and the thoughts of both engaged elsewhere. Elinor wished very much to ask whether Willoughby were then in town, but she was afraid of giving him pain by any enquiry after his rival; and at length, by way of saying something, she asked if he had been in London ever since she had seen him last. "Yes," he replied, with some embarrassment, "almost ever since; I have been once or twice at Delaford for a few days, but it has never been in my power to return to Barton."

This, and the manner in which it was said, immediately brought back to her remembrance all the circumstances of his quitting that place, with the uneasiness and suspicions they had caused to Mrs. Jennings, and she was fearful that her question had implied much more curiosity on the subject than she had ever felt.

Mrs. Jennings soon came in. "Oh! Colonel," said she, with her usual noisy cheerfulness, "I am monstrous glad to see you—sorry I could not come before—beg your pardon, but I have been forced to look about me a little, and settle my matters; for it is a long while since I have been at home, and you know one has always a world of little odd things to do after one has been away for any time; and then I have had Cartwright to settle with... Lord, I have been as busy as a bee ever since dinner! But pray, Colonel, how came you to conjure out that I should be in town today?"

"I had the pleasure of hearing it at Mr. Palmer's, where I have been dining."

"Oh, you did; well, and how do they all do at their house? How does Charlotte do? I warrant you she is a fine size by this time."

"Mrs. Palmer appeared quite well, and I am commissioned to tell you, that you will certainly see her to-morrow."

"Ay, to be sure, I thought as much. Well, Colonel, I have brought two young ladies with me, you see, that is, you see but one of them now, but there is another somewhere. Your friend, Miss Marianne, too, which you will not be sorry to hear. I do not know what you and Mr. Willoughby will do between you about her. Ay, it is a fine thing to be young and handsome. Well! I was young once, but I never was very handsome—worse

luck for me. However, I got a very good husband, and I don't know what the greatest beauty can do more. Ah! poor man! he has been dead these eight years and better. But Colonel, where have you been to since we parted? And how does your business go on? Come, come, let's have no secrets among friends."

He replied with his accustomed mildness to all her inquiries, but without satisfying her in any. Elinor now began to make the tea, and Marianne was obliged to appear again.

After her entrance, Colonel Brandon became more thoughtful and silent than he had been before, and Mrs. Jennings could not prevail on him to stay long. No other visitor appeared that evening, and the ladies were unanimous in agreeing to go early to bed.

Marianne rose the next morning with recovered spirits and happy looks. The disappointment of the evening before seemed forgotten in the expectation of what was to happen that day. They had not long finished their breakfast before Mrs. Palmer's barouche stopped at the door, and in a few minutes she came laughing into the room: so delighted to see them all, that it was hard to say whether she received most pleasure from meeting her mother or the Miss Dashwoods again. So surprised at their coming to town, though it was what she had rather expected all along; so angry at their accepting her mother's invitation after having declined her own, though at the same time she would never have forgiven them if they had not come!

"Mr. Palmer will be so happy to see you," said she; "What do you think he said when he heard of your coming with Mamma? I forget what it was now, but it was something so droll!"

After an hour or two spent in what her mother called comfortable chat, or in other words, in every variety of inquiry concerning all their acquaintance on Mrs. Jennings's side, and in laughter without cause on Mrs. Palmer's, it was proposed by the latter that they should all accompany her to some shops where she had business that morning, to which Mrs. Jennings and Elinor readily consented, as having likewise some purchases to make themselves; and Marianne, though declining it at first was induced to go likewise.

Wherever they went, she was evidently always on the watch. In Bond Street especially, where much of their business lay, her eyes were in constant inquiry; and in whatever shop the party were engaged, her mind was equally abstracted from every thing actually before them, from all that interested and occupied the others. Restless and dissatisfied every where, her sister could never obtain her opinion of any article of purchase, however it might equally concern them both: she received no pleasure from anything; was only impatient to be at home again, and could with difficulty govern her vexation at the tediousness of Mrs. Palmer, whose eye was caught by every thing pretty, expensive, or new; who was wild to buy all, could determine on none, and dawdled away her time in rapture and indecision.

It was late in the morning before they returned home; and no sooner had they entered the house than Marianne flew eagerly up stairs, and when Elinor followed, she found her turning from the table with a sorrowful countenance, which declared that no Willoughby had been there.

“Has no letter been left here for me since we went out?” said she to the footman who then entered with the parcels. She was answered in the negative. “Are you quite sure of it?” she replied. “Are you certain that no servant, no porter has left any letter or note?”

The man replied that none had.

“How very odd!” said she, in a low and disappointed voice, as she turned away to the window.

“How odd, indeed!” repeated Elinor within herself, regarding her sister with uneasiness. “If she had not known him to be in town she would not have written to him, as she did; she would have written to Combe Magna; and if he is in town, how odd that he should neither come nor write! Oh! my dear mother, you must be wrong in permitting an engagement between a daughter so young, a man so little known, to be carried on in so doubtful, so mysterious a manner! I long to inquire; and how will MY interference be borne.”

She determined, after some consideration, that if appearances continued many days longer as unpleasant as they now were, she would

represent in the strongest manner to her mother the necessity of some serious enquiry into the affair.

Mrs. Palmer and two elderly ladies of Mrs. Jennings's intimate acquaintance, whom she had met and invited in the morning, dined with them. The former left them soon after tea to fulfill her evening engagements; and Elinor was obliged to assist in making a whist table for the others. Marianne was of no use on these occasions, as she would never learn the game; but though her time was therefore at her own disposal, the evening was by no means more productive of pleasure to her than to Elinor, for it was spent in all the anxiety of expectation and the pain of disappointment. She sometimes endeavoured for a few minutes to read; but the book was soon thrown aside, and she returned to the more interesting employment of walking backwards and forwards across the room, pausing for a moment whenever she came to the window, in hopes of distinguishing the long-expected rap.



## CHAPTER 27

“If this open weather holds much longer,” said Mrs. Jennings, when they met at breakfast the following morning, “Sir John will not like leaving Barton next week; ‘tis a sad thing for sportsmen to lose a day’s pleasure. Poor souls! I always pity them when they do; they seem to take it so much to heart.”

“That is true,” cried Marianne, in a cheerful voice, and walking to the window as she spoke, to examine the day. “I had not thought of that. This weather will keep many sportsmen in the country.”

It was a lucky recollection, all her good spirits were restored by it. “It is charming weather for THEM indeed,” she continued, as she sat down to the breakfast table with a happy countenance. “How much they must enjoy it! But” (with a little return of anxiety) “it cannot be expected to last long. At this time of the year, and after such a series of rain, we shall certainly have very little more of it. Frosts will soon set in, and in all probability with severity. In another day or two perhaps; this extreme mildness can hardly last longer—nay, perhaps it may freeze tonight!”

“At any rate,” said Elinor, wishing to prevent Mrs. Jennings from seeing her sister’s thoughts as clearly as she did, “I dare say we shall have Sir John and Lady Middleton in town by the end of next week.”

“Ay, my dear, I’ll warrant you we do. Mary always has her own way.”

“And now,” silently conjectured Elinor, “she will write to Combe by this day’s post.”

But if she DID, the letter was written and sent away with a privacy which eluded all her watchfulness to ascertain the fact. Whatever the truth of it might be, and far as Elinor was from feeling thorough contentment about it, yet while she saw Marianne in spirits, she could not be very uncomfortable herself. And Marianne was in spirits; happy in the mildness of the weather, and still happier in her expectation of a frost.

The morning was chiefly spent in leaving cards at the houses of Mrs. Jennings's acquaintance to inform them of her being in town; and Marianne was all the time busy in observing the direction of the wind, watching the variations of the sky and imagining an alteration in the air.

“Don't you find it colder than it was in the morning, Elinor? There seems to me a very decided difference. I can hardly keep my hands warm even in my muff. It was not so yesterday, I think. The clouds seem parting too, the sun will be out in a moment, and we shall have a clear afternoon.”

Elinor was alternately diverted and pained; but Marianne persevered, and saw every night in the brightness of the fire, and every morning in the appearance of the atmosphere, the certain symptoms of approaching frost.

The Miss Dashwoods had no greater reason to be dissatisfied with Mrs. Jennings's style of living, and set of acquaintance, than with her behaviour to themselves, which was invariably kind. Every thing in her household arrangements was conducted on the most liberal plan, and excepting a few old city friends, whom, to Lady Middleton's regret, she had never dropped, she visited no one to whom an introduction could at all discompose the feelings of her young companions. Pleased to find herself more comfortably situated in that particular than she had expected, Elinor was very willing to compound for the want of much real enjoyment from any of their evening parties, which, whether at home or abroad, formed only for cards, could have little to amuse her.

Colonel Brandon, who had a general invitation to the house, was with them almost every day; he came to look at Marianne and talk to Elinor, who often derived more satisfaction from conversing with him than from any other daily occurrence, but who saw at the same time with much concern his continued regard for her sister. She feared it was a strengthening regard. It grieved her to see the earnestness with which he often watched Marianne, and his spirits were certainly worse than when at Barton.

About a week after their arrival, it became certain that Willoughby was also arrived. His card was on the table when they came in from the morning's drive.

“Good God!” cried Marianne, “he has been here while we were out.” Elinor, rejoiced to be assured of his being in London, now ventured to say, “Depend upon it, he will call again tomorrow.” But Marianne seemed hardly to hear her, and on Mrs. Jennings’s entrance, escaped with the precious card.

This event, while it raised the spirits of Elinor, restored to those of her sister all, and more than all, their former agitation. From this moment her mind was never quiet; the expectation of seeing him every hour of the day, made her unfit for any thing. She insisted on being left behind, the next morning, when the others went out.

Elinor’s thoughts were full of what might be passing in Berkeley Street during their absence; but a moment’s glance at her sister when they returned was enough to inform her, that Willoughby had paid no second visit there. A note was just then brought in, and laid on the table,

“For me!” cried Marianne, stepping hastily forward.

“No, ma’am, for my mistress.”

But Marianne, not convinced, took it instantly up.

“It is indeed for Mrs. Jennings; how provoking!”

“You are expecting a letter, then?” said Elinor, unable to be longer silent.

“Yes, a little—not much.”

After a short pause. “You have no confidence in me, Marianne.”

“Nay, Elinor, this reproach from YOU—you who have confidence in no one!”

“Me!” returned Elinor in some confusion; “indeed, Marianne, I have nothing to tell.”

“Nor I,” answered Marianne with energy, “our situations then are alike. We have neither of us any thing to tell; you, because you do not communicate, and I, because I conceal nothing.”

Elinor, distressed by this charge of reserve in herself, which she was not at liberty to do away, knew not how, under such circumstances, to press for greater openness in Marianne.

Mrs. Jennings soon appeared, and the note being given her, she read it aloud. It was from Lady Middleton, announcing their arrival in Conduit Street the night before, and requesting the company of her mother and cousins the following evening. Business on Sir John's part, and a violent cold on her own, prevented their calling in Berkeley Street. The invitation was accepted; but when the hour of appointment drew near, necessary as it was in common civility to Mrs. Jennings, that they should both attend her on such a visit, Elinor had some difficulty in persuading her sister to go, for still she had seen nothing of Willoughby; and therefore was not more indisposed for amusement abroad, than unwilling to run the risk of his calling again in her absence.

Elinor found, when the evening was over, that disposition is not materially altered by a change of abode, for although scarcely settled in town, Sir John had contrived to collect around him, nearly twenty young people, and to amuse them with a ball. This was an affair, however, of which Lady Middleton did not approve. In the country, an unpremeditated dance was very allowable; but in London, where the reputation of elegance was more important and less easily attained, it was risking too much for the gratification of a few girls, to have it known that Lady Middleton had given a small dance of eight or nine couple, with two violins, and a mere side-board collation.

Mr. and Mrs. Palmer were of the party; from the former, whom they had not seen before since their arrival in town, as he was careful to avoid the appearance of any attention to his mother-in-law, and therefore never came near her, they received no mark of recognition on their entrance. He looked at them slightly, without seeming to know who they were, and merely nodded to Mrs. Jennings from the other side of the room. Marianne gave one glance round the apartment as she entered: it was enough—HE was not there—and she sat down, equally ill-disposed to receive or communicate pleasure. After they had been assembled about an hour, Mr. Palmer sauntered towards the Miss Dashwoods to express his surprise on seeing them in town, though Colonel Brandon had been first informed of their arrival at his house, and he had himself said something very droll on hearing that they were to come.

“I thought you were both in Devonshire,” said he.

“Did you?” replied Elinor.

“When do you go back again?”

“I do not know.” And thus ended their discourse.

Never had Marianne been so unwilling to dance in her life, as she was that evening, and never so much fatigued by the exercise. She complained of it as they returned to Berkeley Street.

“Aye, aye,” said Mrs. Jennings, “we know the reason of all that very well; if a certain person who shall be nameless, had been there, you would not have been a bit tired: and to say the truth it was not very pretty of him not to give you the meeting when he was invited.”

“Invited!” cried Marianne.

“So my daughter Middleton told me, for it seems Sir John met him somewhere in the street this morning.” Marianne said no more, but looked exceedingly hurt. Impatient in this situation to be doing something that might lead to her sister’s relief, Elinor resolved to write the next morning to her mother, and hoped by awakening her fears for the health of Marianne, to procure those inquiries which had been so long delayed; and she was still more eagerly bent on this measure by perceiving after breakfast on the morrow, that Marianne was again writing to Willoughby, for she could not suppose it to be to any other person.

About the middle of the day, Mrs. Jennings went out by herself on business, and Elinor began her letter directly, while Marianne, too restless for employment, too anxious for conversation, walked from one window to the other, or sat down by the fire in melancholy meditation. Elinor was very earnest in her application to her mother, relating all that had passed, her suspicions of Willoughby’s inconstancy, urging her by every plea of duty and affection to demand from Marianne an account of her real situation with respect to him.

Her letter was scarcely finished, when a rap foretold a visitor, and Colonel Brandon was announced. Marianne, who had seen him from the window, and who hated company of any kind, left the room before he entered it. He looked more than usually grave, and though expressing satisfaction at finding Miss Dashwood alone, as if he had somewhat in particular to tell her, sat for some time without saying a word. Elinor,

persuaded that he had some communication to make in which her sister was concerned, impatiently expected its opening. It was not the first time of her feeling the same kind of conviction; for, more than once before, beginning with the observation of “your sister looks unwell to-day,” or “your sister seems out of spirits,” he had appeared on the point, either of disclosing, or of inquiring, something particular about her. After a pause of several minutes, their silence was broken, by his asking her in a voice of some agitation, when he was to congratulate her on the acquisition of a brother? Elinor was not prepared for such a question, and having no answer ready, was obliged to adopt the simple and common expedient, of asking what he meant? He tried to smile as he replied, “your sister’s engagement to Mr. Willoughby is very generally known.”

“It cannot be generally known,” returned Elinor, “for her own family do not know it.”

He looked surprised and said, “I beg your pardon, I am afraid my inquiry has been impertinent; but I had not supposed any secrecy intended, as they openly correspond, and their marriage is universally talked of.”

“How can that be? By whom can you have heard it mentioned?”

“By many, by some of whom you know nothing, by others with whom you are most intimate, Mrs. Jennings, Mrs. Palmer, and the Middletons. But still I might not have believed it, for where the mind is perhaps rather unwilling to be convinced, it will always find something to support its doubts, if I had not, when the servant let me in today, accidentally seen a letter in his hand, directed to Mr. Willoughby in your sister’s writing. I came to inquire, but I was convinced before I could ask the question. Is every thing finally settled? Is it impossible to-? But I have no right, and I could have no chance of succeeding. Excuse me, Miss Dashwood. I believe I have been wrong in saying so much, but I hardly know what to do, and on your prudence I have the strongest dependence. Tell me that it is all absolutely resolved on, that any attempt, that in short concealment, if concealment be possible, is all that remains.”

These words, which conveyed to Elinor a direct avowal of his love for her sister, affected her very much. She was not immediately able to say anything, and even when her spirits were recovered, she debated for a short

time, on the answer it would be most proper to give. The real state of things between Willoughby and her sister was so little known to herself, that in endeavouring to explain it, she might be as liable to say too much as too little. Yet as she was convinced that Marianne's affection for Willoughby, could leave no hope of Colonel Brandon's success, whatever the event of that affection might be, and at the same time wished to shield her conduct from censure, she thought it most prudent and kind, after some consideration, to say more than she really knew or believed. She acknowledged, therefore, that though she had never been informed by themselves of the terms on which they stood with each other, of their mutual affection she had no doubt, and of their correspondence she was not astonished to hear.

He listened to her with silent attention, and on her ceasing to speak, rose directly from his seat, and after saying in a voice of emotion, "to your sister I wish all imaginable happiness; to Willoughby that he may endeavour to deserve her," took leave, and went away.

Elinor derived no comfortable feelings from this conversation, to lessen the uneasiness of her mind on other points; she was left, on the contrary, with a melancholy impression of Colonel Brandon's unhappiness, and was prevented even from wishing it removed, by her anxiety for the very event that must confirm it.

## CHAPTER 28

Nothing occurred during the next three or four days, to make Elinor regret what she had done, in applying to her mother; for Willoughby neither came nor wrote. They were engaged about the end of that time to attend Lady Middleton to a party, from which Mrs. Jennings was kept away by the indisposition of her youngest daughter; and for this party, Marianne, wholly dispirited, careless of her appearance, and seeming equally indifferent whether she went or staid, prepared, without one look of hope or one expression of pleasure. She sat by the drawing-room fire after tea, till the moment of Lady Middleton's arrival, without once stirring from her seat, or altering her attitude, lost in her own thoughts, and insensible of her sister's presence; and when at last they were told that Lady Middleton waited for them at the door, she started as if she had forgotten that any one was expected.

They arrived in due time at the place of destination, and as soon as the string of carriages before them would allow, alighted, ascended the stairs, heard their names announced from one landing-place to another in an audible voice, and entered a room splendidly lit up, quite full of company, and insufferably hot. When they had paid their tribute of politeness by curtsying to the lady of the house, they were permitted to mingle in the crowd, and take their share of the heat and inconvenience, to which their arrival must necessarily add. After some time spent in saying little or doing less, Lady Middleton sat down to Cassino, and as Marianne was not in spirits for moving about, she and Elinor luckily succeeding to chairs, placed themselves at no great distance from the table.

They had not remained in this manner long, before Elinor perceived Willoughby, standing within a few yards of them, in earnest conversation with a very fashionable looking young woman. She soon caught his eye, and he immediately bowed, but without attempting to speak to her, or to approach Marianne, though he could not but see her; and then continued his discourse with the same lady. Elinor turned involuntarily to Marianne, to see whether it could be unobserved by her. At



that moment she first perceived him, and her whole countenance glowing with sudden delight, she would have moved towards him instantly, had not her sister caught hold of her.

“Good heavens!” she exclaimed, “he is there—he is there—Oh! why does he not look at me? why cannot I speak to him?”

“Pray, pray be composed,” cried Elinor, “and do not betray what you feel to every body present. Perhaps he has not observed you yet.”

This however was more than she could believe herself; and to be composed at such a moment was not only beyond the reach of Marianne, it was beyond her wish. She sat in an agony of impatience which affected every feature.

At last he turned round again, and regarded them both; she started up, and pronouncing his name in a tone of affection, held out her hand to him. He approached, and addressing himself rather to Elinor than Marianne, as if wishing to avoid her eye, and determined not to observe her attitude, inquired in a hurried manner after Mrs. Dashwood, and asked how long they had been in town. Elinor was robbed of all presence of mind by such an address, and was unable to say a word. But the feelings of her sister were instantly expressed. Her face was crimsoned over, and she exclaimed, in a voice of the greatest emotion, “Good God! Willoughby, what is the meaning of this? Have you not received my letters? Will you not shake hands with me?”

He could not then avoid it, but her touch seemed painful to him, and he held her hand only for a moment. During all this time he was evidently struggling for composure. Elinor watched his countenance and saw its expression becoming more tranquil. After a moment’s pause, he spoke with calmness.

“I did myself the honour of calling in Berkeley Street last Tuesday, and very much regretted that I was not fortunate enough to find yourselves and Mrs. Jennings at home. My card was not lost, I hope.”

“But have you not received my notes?” cried Marianne in the wildest anxiety. “Here is some mistake I am sure—some dreadful mistake. What can be the meaning of it? Tell me, Willoughby; for heaven’s sake tell me, what is the matter?”

He made no reply; his complexion changed and all his embarrassment returned; but as if, on catching the eye of the young lady with whom he had been previously talking, he felt the necessity of instant exertion, he recovered himself again, and after saying, "Yes, I had the pleasure of receiving the information of your arrival in town, which you were so good as to send me," turned hastily away with a slight bow and joined his friend.

Marianne, now looking dreadfully white, and unable to stand, sunk into her chair, and Elinor, expecting every moment to see her faint, tried to screen her from the observation of others, while reviving her with lavender water.

"Go to him, Elinor," she cried, as soon as she could speak, "and force him to come to me. Tell him I must see him again—must speak to him instantly.— I cannot rest—I shall not have a moment's peace till this is explained—some dreadful misapprehension or other.— Oh go to him this moment."

"How can that be done? No, my dearest Marianne, you must wait. This is not the place for explanations. Wait only till tomorrow."

With difficulty however could she prevent her from following him herself; and to persuade her to check her agitation, to wait, at least, with the appearance of composure, till she might speak to him with more privacy and more effect, was impossible; for Marianne continued incessantly to give way in a low voice to the misery of her feelings, by exclamations of wretchedness. In a short time Elinor saw Willoughby quit the room by the door towards the staircase, and telling Marianne that he was gone, urged the impossibility of speaking to him again that evening, as a fresh argument for her to be calm. She instantly begged her sister would entreat Lady Middleton to take them home, as she was too miserable to stay a minute longer.

Lady Middleton, though in the middle of a rubber, on being informed that Marianne was unwell, was too polite to object for a moment to her wish of going away, and making over her cards to a friend, they departed as soon the carriage could be found. Scarcely a word was spoken during their return to Berkeley Street. Marianne was in a silent agony, too

much oppressed even for tears; but as Mrs. Jennings was luckily not come home, they could go directly to their own room, where Hartshorn restored her a little to herself. She was soon undressed and in bed, and as she seemed desirous of being alone, her sister then left her, and while she waited the return of Mrs. Jennings, had leisure enough for thinking over the past.

That some kind of engagement had subsisted between Willoughby and Marianne she could not doubt, and that Willoughby was weary of it, seemed equally clear; for however Marianne might still feed her own wishes, SHE could not attribute such behaviour to mistake or misapprehension of any kind. Nothing but a thorough change of sentiment could account for it. Her indignation would have been still stronger than it was, had she not witnessed that embarrassment which seemed to speak a consciousness of his own misconduct, and prevented her from believing him so unprincipled as to have been sporting with the affections of her sister from the first, without any design that would bear investigation. Absence might have weakened his regard, and convenience might have determined him to overcome it, but that such a regard had formerly existed she could not bring herself to doubt.

As for Marianne, on the pangs which so unhappy a meeting must already have given her, and on those still more severe which might await her in its probable consequence, she could not reflect without the deepest concern. Her own situation gained in the comparison; for while she could ESTEEM Edward as much as ever, however they might be divided in future, her mind might be always supported. But every circumstance that could embitter such an evil seemed uniting to heighten the misery of Marianne in a final separation from Willoughby—in an immediate and irreconcilable rupture with him.

## CHAPTER 29

Before the house-maid had lit their fire the next day, or the sun gained any power over a cold, gloomy morning in January, Marianne, only half dressed, was kneeling against one of the window-seats for the sake of all the little light she could command from it, and writing as fast as a continual flow of tears would permit her. In this situation, Elinor, roused from sleep by her agitation and sobs, first perceived her; and after observing her for a few moments with silent anxiety, said, in a tone of the most considerate gentleness,

“Marianne, may I ask-?”

“No, Elinor,” she replied, “ask nothing; you will soon know all.”

The sort of desperate calmness with which this was said, lasted no longer than while she spoke, and was immediately followed by a return of the same excessive affliction. It was some minutes before she could go on with her letter, and the frequent bursts of grief which still obliged her, at intervals, to withhold her pen, were proofs enough of her feeling how more than probable it was that she was writing for the last time to Willoughby.

Elinor paid her every quiet and unobtrusive attention in her power; and she would have tried to sooth and tranquilize her still more, had not Marianne entreated her, with all the eagerness of the most nervous irritability, not to speak to her for the world. In such circumstances, it was better for both that they should not be long together; and the restless state of Marianne’s mind not only prevented her from remaining in the room a moment after she was dressed, but requiring at once solitude and continual change of place, made her wander about the house till breakfast time, avoiding the sight of every body.

At breakfast she neither ate, nor attempted to eat any thing; and Elinor’s attention was then all employed, not in urging her, not in pitying her, nor in appearing to regard her, but in endeavouring to engage Mrs. Jennings’s notice entirely to herself.

As this was a favourite meal with Mrs. Jennings, it lasted a considerable time, and they were just setting themselves, after it, round the common working table, when a letter was delivered to Marianne, which she eagerly caught from the servant, and, turning of a death-like paleness, instantly ran out of the room. Elinor, who saw as plainly by this, as if she had seen the direction, that it must come from Willoughby, felt immediately such a sickness at heart as made her hardly able to hold up her head, and sat in such a general tremour as made her fear it impossible to escape Mrs. Jennings's notice. That good lady, however, saw only that Marianne had received a letter from Willoughby, which appeared to her a very good joke, and which she treated accordingly, by hoping, with a laugh, that she would find it to her liking. Of Elinor's distress, she was too busily employed in measuring lengths of worsted for her rug, to see any thing at all; and calmly continuing her talk, as soon as Marianne disappeared, she said,

“Upon my word, I never saw a young woman so desperately in love in my life! MY girls were nothing to her, and yet they used to be foolish enough; but as for Miss Marianne, she is quite an altered creature. I hope, from the bottom of my heart, he won't keep her waiting much longer, for it is quite grievous to see her look so ill and forlorn. Pray, when are they to be married?”

Elinor, though never less disposed to speak than at that moment, obliged herself to answer such an attack as this, and, therefore, trying to smile, replied, “And have you really, Ma'am, talked yourself into a persuasion of my sister's being engaged to Mr. Willoughby? I thought it had been only a joke, but so serious a question seems to imply more; and I must beg, therefore, that you will not deceive yourself any longer. I do assure you that nothing would surprise me more than to hear of their being going to be married.”

“For shame, for shame, Miss Dashwood! how can you talk so? Don't we all know that it must be a match, that they were over head and ears in love with each other from the first moment they met? Did not I see them together in Devonshire every day, and all day long; and did not I know that your sister came to town with me on purpose to buy wedding clothes? Come, come, this won't do. Because you are so sly about it yourself, you

think nobody else has any senses; but it is no such thing, I can tell you, for it has been known all over town this ever so long. I tell every body of it and so does Charlotte.”

“Indeed, Ma’am,” said Elinor, very seriously, “you are mistaken. Indeed, you are doing a very unkind thing in spreading the report, and you will find that you have though you will not believe me now.”

Mrs. Jennings laughed again, but Elinor had not spirits to say more, and eager at all events to know what Willoughby had written, hurried away to their room, where, on opening the door, she saw Marianne stretched on the bed, almost choked by grief, one letter in her hand, and two or three others laying by her. Elinor drew near, but without saying a word; and seating herself on the bed, took her hand, kissed her affectionately several times, and then gave way to a burst of tears, which at first was scarcely less violent than Marianne’s. The latter, though unable to speak, seemed to feel all the tenderness of this behaviour, and after some time thus spent in joint affliction, she put all the letters into Elinor’s hands; and then covering her face with her handkerchief, almost screamed with agony. Elinor, who knew that such grief, shocking as it was to witness it, must have its course, watched by her till this excess of suffering had somewhat spent itself, and then turning eagerly to Willoughby’s letter, read as follows:

*Bond Street, January.*

MY DEAR MADAM,

*I have just had the honour of receiving your letter, for which I beg to return my sincere acknowledgments. I am much concerned to find there was anything in my behaviour last night that did not meet your approbation; and though I am quite at a loss to discover in what point I could be so unfortunate as to offend you, I entreat your forgiveness of what I can assure you to have been perfectly unintentional. I shall never reflect on my former acquaintance with your family in Devonshire without the most grateful pleasure, and flatter myself it will not be broken by any mistake or misapprehension of my actions. My esteem for your whole family is very sincere; but if I have been so unfortunate as to give rise to a belief of more than I felt, or meant to express, I shall reproach myself for not having been more guarded in my professions of that esteem.*

*That I should ever have meant more you will allow to be impossible, when you understand that my affections have been long engaged elsewhere, and it will not be many weeks, I believe, before this engagement is fulfilled. It is with great regret that I obey your commands in returning the letters with which I have been honoured from you, and the lock of hair, which you so obligingly bestowed on me.*

*I am, dear Madam,  
Your most obedient  
humble servant,  
JOHN WILLOUGHBY.*

With what indignation such a letter as this must be read by Miss Dashwood, may be imagined. Though aware, before she began it, that it must bring a confession of his inconstancy, and confirm their separation for ever, she was not aware that such language could be suffered to announce it; nor could she have supposed Willoughby capable of departing so far from the appearance of every honourable and delicate feeling—so far from the common decorum of a gentleman, as to send a letter so impudently cruel: a letter which, instead of bringing with his desire of a release any professions of regret, acknowledged no breach of faith, denied all peculiar affection whatever—a letter of which every line was an insult, and which proclaimed its writer to be deep in hardened villainy.

She paused over it for some time with indignant astonishment; then read it again and again; but every perusal only served to increase her abhorrence of the man, and so bitter were her feelings against him, that she dared not trust herself to speak, lest she might wound Marianne still deeper by treating their disengagement, not as a loss to her of any possible good but as an escape from the worst and most irremediable of all evils, a connection, for life, with an unprincipled man, as a deliverance the most real, a blessing the most important.

In her earnest meditations on the contents of the letter, on the depravity of that mind which could dictate it, and probably, on the very different mind of a very different person, who had no other connection whatever with the affair than what her heart gave him with every thing that passed, Elinor forgot the immediate distress of her sister, forgot that

she had three letters on her lap yet unread, and so entirely forgot how long she had been in the room, that when on hearing a carriage drive up to the door, she went to the window to see who could be coming so unreasonably early, she was all astonishment to perceive Mrs. Jennings's chariot, which she knew had not been ordered till one. Determined not to quit Marianne, though hopeless of contributing, at present, to her ease, she hurried away to excuse herself from attending Mrs. Jennings, on account of her sister being indisposed. Mrs. Jennings, with a thoroughly good-humoured concern for its cause, admitted the excuse most readily, and Elinor, after seeing her safe off, returned to Marianne, whom she found attempting to rise from the bed, and whom she reached just in time to prevent her from falling on the floor, faint and giddy from a long want of proper rest and food; for it was many days since she had any appetite, and many nights since she had really slept; and now, when her mind was no longer supported by the fever of suspense, the consequence of all this was felt in an aching head, a weakened stomach, and a general nervous faintness. A glass of wine, which Elinor procured for her directly, made her more comfortable, and she was at last able to express some sense of her kindness, by saying,

“Poor Elinor! how unhappy I make you!”

“I only wish,” replied her sister, “there were any thing I COULD do, which might be of comfort to you.”

This, as every thing else would have been, was too much for Marianne, who could only exclaim, in the anguish of her heart, “Oh! Elinor, I am miserable, indeed,” before her voice was entirely lost in sobs.

Elinor could no longer witness this torrent of unresisted grief in silence.

“Exert yourself, dear Marianne,” she cried, “if you would not kill yourself and all who love you. Think of your mother; think of her misery while YOU suffer: for her sake you must exert yourself.”

“I cannot, I cannot,” cried Marianne; “leave me, leave me, if I distress you; leave me, hate me, forget me! but do not torture me so. Oh! how easy for those, who have no sorrow of their own to talk of exertion! Happy, happy Elinor, YOU cannot have an idea of what I suffer.”



“Do you call ME happy, Marianne? Ah! if you knew! And can you believe me to be so, while I see you so wretched!”

“Forgive me, forgive me,” throwing her arms round her sister’s neck; “I know you feel for me; I know what a heart you have; but yet you are—you must be happy; Edward loves you—what, oh what, can do away such happiness as that?”

“Many, many circumstances,” said Elinor, solemnly.

“No, no, no,” cried Marianne wildly, “he loves you, and only you. You CAN have no grief.”

“I can have no pleasure while I see you in this state.”

“And you will never see me otherwise. Mine is a misery which nothing can do away.”

“You must not talk so, Marianne. Have you no comforts? no friends? Is your loss such as leaves no opening for consolation? Much as you suffer now, think of what you would have suffered if the discovery of his character had been delayed to a later period, if your engagement had been carried on for months and months, as it might have been, before he chose to put an end to it. Every additional day of unhappy confidence, on your side, would have made the blow more dreadful.”

“Engagement!” cried Marianne, “there has been no engagement.”

“No engagement!”

“No, he is not so unworthy as you believe him. He has broken no faith with me.”

“But he told you that he loved you.”

“Yes, no, never absolutely. It was every day implied, but never professedly declared. Sometimes I thought it had been—but it never was.”

“Yet you wrote to him?”

“Yes—could that be wrong after all that had passed?— But I cannot talk.”

Elinor said no more, and turning again to the three letters which now raised a much stronger curiosity than before, directly ran over the contents of all. The first, which was what her sister had sent him on their arrival in town, was to this effect.

Berkeley Street, January.

*How surprised you will be, Willoughby, on receiving this; and I think you will feel something more than surprise, when you know that I am in town. An opportunity of coming hither, though with Mrs. Jennings, was a temptation we could not resist. I wish you may receive this in time to come here to-night, but I will not depend on it. At any rate I shall expect you to-morrow. For the present, adieu.*

M.D.

Her second note, which had been written on the morning after the dance at the Middletons', was in these words:

*I cannot express my disappointment in having missed you the day before yesterday, nor my astonishment at not having received any answer to a note which I sent you above a week ago. I have been expecting to hear from you, and still more to see you, every hour of the day. Pray call again as soon as possible, and explain the reason of my having expected this in vain. You had better come earlier another time, because we are generally out by one. We were last night at Lady Middleton's, where there was a dance. I have been told that you were asked to be of the party. But could it be so? You must be very much altered indeed since we parted, if that could be the case, and you not there. But I will not suppose this possible, and I hope very soon to receive your personal assurance of its being otherwise.*

M.D.

The contents of her last note to him were these:

*What am I to imagine, Willoughby, by your behaviour last night? Again I demand an explanation of it. I was prepared to meet you with the pleasure which our separation naturally produced, with the familiarity which our intimacy at Barton appeared to me to justify. I was repulsed indeed! I have passed a wretched night in endeavouring to excuse a conduct which can scarcely be called less than insulting; but though I have not yet been able to form any reasonable apology for your behaviour, I am perfectly ready to hear your justification of it. You have perhaps been misinformed, or purposely deceived, in something concerning me, which may have lowered me in your opinion. Tell me what it is, explain the grounds on which you acted, and I shall be*

*satisfied, in being able to satisfy you. It would grieve me indeed to be obliged to think ill of you; but if I am to do it, if I am to learn that you are not what we have hitherto believed you, that your regard for us all was insincere, that your behaviour to me was intended only to deceive, let it be told as soon as possible. My feelings are at present in a state of dreadful indecision; I wish to acquit you, but certainty on either side will be ease to what I now suffer. If your sentiments are no longer what they were, you will return my notes, and the lock of my hair which is in your possession.*

M.D.

That such letters, so full of affection and confidence, could have been so answered, Elinor, for Willoughby's sake, would have been unwilling to believe. But her condemnation of him did not blind her to the impropriety of their having been written at all; and she was silently grieving over the imprudence which had hazarded such unsolicited proofs of tenderness, not warranted by anything preceding, and most severely condemned by the event, when Marianne, perceiving that she had finished the letters, observed to her that they contained nothing but what any one would have written in the same situation.

"I felt myself," she added, "to be as solemnly engaged to him, as if the strictest legal covenant had bound us to each other."

"I can believe it," said Elinor; "but unfortunately he did not feel the same."

"He DID feel the same, Elinor, for weeks and weeks he felt it. I know he did. Whatever may have changed him now, (and nothing but the blackest art employed against me can have done it), I was once as dear to him as my own soul could wish. This lock of hair, which now he can so readily give up, was begged of me with the most earnest supplication. Had you seen his look, his manner, had you heard his voice at that moment! Have you forgot the last evening of our being together at Barton? The morning that we parted too! When he told me that it might be many weeks before we met again his distress can I ever forget his distress?"

For a moment or two she could say no more; but when this emotion had passed away, she added, in a firmer tone,

"Elinor, I have been cruelly used; but not by Willoughby."

“Dearest Marianne, who but himself? By whom can he have been instigated?”

“By all the world, rather than by his own heart. I could rather believe every creature of my acquaintance leagued together to ruin me in his opinion, than believe his nature capable of such cruelty. This woman of whom he writes—whoever she be, or any one, in short, but your own dear self, mama, and Edward, may have been so barbarous to bely me. Beyond you three, is there a creature in the world whom I would not rather suspect of evil than Willoughby, whose heart I know so well?”

Elinor would not contend, and only replied, “Whoever may have been so detestably your enemy, let them be cheated of their malignant triumph, my dear sister, by seeing how nobly the consciousness of your own innocence and good intentions supports your spirits. It is a reasonable and laudable pride which resists such malevolence.”

“No, no,” cried Marianne, “misery such as mine has no pride. I care not who knows that I am wretched. The triumph of seeing me so may be open to all the world. Elinor, Elinor, they who suffer little may be proud and independent as they like, may resist insult, or return mortification, but I cannot. I must feel—I must be wretched—and they are welcome to enjoy the consciousness of it that can.”

“But for my mother’s sake and mine”

“I would do more than for my own. But to appear happy when I am so miserable. Oh! who can require it?”

Again they were both silent. Elinor was employed in walking thoughtfully from the fire to the window, from the window to the fire, without knowing that she received warmth from one, or discerning objects through the other; and Marianne, seated at the foot of the bed, with her head leaning against one of its posts, again took up Willoughby’s letter, and, after shuddering over every sentence, exclaimed:

“It is too much! Oh, Willoughby, Willoughby, could this be yours! Cruel, cruel, nothing can acquit you. Elinor, nothing can. Whatever he might have heard against me, ought he not to have suspended his belief? ought he not to have told me of it, to have given me the power of clearing myself? ‘The lock of hair, (repeating it from the letter,) which you so

obligingly bestowed on me'. That is unpardonable. Willoughby, where was your heart when you wrote those words? Oh, barbarously insolent! Elinor, can he be justified?"

"No, Marianne, in no possible way."

"And yet this woman, who knows what her art may have been? How long it may have been premeditated, and how deeply contrived by her! Who is she? Who can she be? Whom did I ever hear him talk of as young and attractive among his female acquaintance? Oh! no one, no one he talked to me only of myself."

Another pause ensued; Marianne was greatly agitated, and it ended thus.

"Elinor, I must go home. I must go and comfort mama. Can not we be gone to-morrow?"

"Tomorrow, Marianne!"

"Yes, why should I stay here? I came only for Willoughby's sake—and now who cares for me? Who regards me?"

"It would be impossible to go to-morrow. We owe Mrs. Jennings much more than civility; and civility of the commonest kind must prevent such a hasty removal as that."

"Well then, another day or two, perhaps; but I cannot stay here long, I cannot stay to endure the questions and remarks of all these people. The Middletons and Palmers—how am I to bear their pity? The pity of such a woman as Lady Middleton! Oh, what would HE say to that!"

Elinor advised her to lie down again, and for a moment she did so; but no attitude could give her ease; and in restless pain of mind and body she moved from one posture to another, till growing more and more hysterical, her sister could with difficulty keep her on the bed at all, and for some time was fearful of being constrained to call for assistance. Some lavender drops, however, which she was at length persuaded to take, were of use; and from that time till Mrs. Jennings returned, she continued on the bed quiet and motionless.

## CHAPTER 30

Mrs. Jennings came immediately to their room on her return, and without waiting to have her request of admittance answered, opened the door and walked in with a look of real concern.

“How do you do my dear?”—said she in a voice of great compassion to Marianne, who turned away her face without attempting to answer.

“How is she, Miss Dashwood?—Poor thing! she looks very bad.—No wonder. Ay, it is but too true. He is to be married very soon—a good-for-nothing fellow! I have no patience with him. Mrs. Taylor told me of it half an hour ago, and she was told it by a particular friend of Miss Grey herself, else I am sure I should not have believed it; and I was almost ready to sink as it was. Well, said I, all I can say is, that if this be true, he has used a young lady of my acquaintance abominably ill, and I wish with all my soul his wife may plague his heart out. And so I shall always say, my dear, you may depend on it. I have no notion of men’s going on in this way; and if ever I meet him again, I will give him such a dressing as he has not had this many a day. But there is one comfort, my dear Miss Marianne; he is not the only young man in the world worth having; and with your pretty face you will never want admirers. Well, poor thing! I won’t disturb her any longer, for she had better have her cry out at once and have done with. The Parrys and Sandersons luckily are coming tonight you know, and that will amuse her.”

She then went away, walking on tiptoe out of the room, as if she supposed her young friend’s affliction could be increased by noise.

Marianne, to the surprise of her sister, determined on dining with them. Elinor even advised her against it. But “no, she would go down; she could bear it very well, and the bustle about her would be less.” Elinor, pleased to have her governed for a moment by such a motive, though believing it hardly possible that she could sit out the dinner, said no more; and adjusting her dress for her as well as she could, while Marianne still

remained on the bed, was ready to assist her into the dining room as soon as they were summoned to it.

When there, though looking most wretchedly, she ate more and was calmer than her sister had expected. Had she tried to speak, or had she been conscious of half Mrs. Jennings's well-meant but ill-judged attentions to her, this calmness could not have been maintained; but not a syllable escaped her lips; and the abstraction of her thoughts preserved her in ignorance of every thing that was passing before her.

Elinor, who did justice to Mrs. Jennings's kindness, though its effusions were often distressing, and sometimes almost ridiculous, made her those acknowledgments, and returned her those civilities, which her sister could not make or return for herself. Their good friend saw that Marianne was unhappy, and felt that every thing was due to her which might make her at all less so. She treated her therefore, with all the indulgent fondness of a parent towards a favourite child on the last day of its holidays. Marianne was to have the best place by the fire, was to be tempted to eat by every delicacy in the house, and to be amused by the relation of all the news of the day. Had not Elinor, in the sad countenance of her sister, seen a check to all mirth, she could have been entertained by Mrs. Jennings's endeavours to cure a disappointment in love, by a variety of sweetmeats and olives, and a good fire. As soon, however, as the consciousness of all this was forced by continual repetition on Marianne, she could stay no longer. With a hasty exclamation of Misery, and a sign to her sister not to follow her, she directly got up and hurried out of the room.

"Poor soul!" cried Mrs. Jennings, as soon as she was gone, "how it grieves me to see her! And I declare if she is not gone away without finishing her wine! And the dried cherries too! Lord! nothing seems to do her any good. I am sure if I knew of any thing she would like, I would send all over the town for it. Well, it is the oddest thing to me, that a man should use such a pretty girl so ill! But when there is plenty of money on one side, and next to none on the other, Lord bless you! they care no more about such things!"

"The lady then, Miss Grey I think you called her, is very rich?"

"Fifty thousand pounds, my dear. Did you ever see her? a smart, stylish girl they say, but not handsome. I remember her aunt very well,

Biddy Henshawe; she married a very wealthy man. But the family are all rich together. Fifty thousand pounds! and by all accounts, it won't come before it's wanted; for they say he is all to pieces. No wonder! dashing about with his curricle and hunters! Well, it don't signify talking; but when a young man, be who he will, comes and makes love to a pretty girl, and promises marriage, he has no business to fly off from his word only because he grows poor, and a richer girl is ready to have him. Why don't he, in such a case, sell his horses, let his house, turn off his servants, and make a thorough reform at once? I warrant you, Miss Marianne would have been ready to wait till matters came round. But that won't do now-a-days; nothing in the way of pleasure can ever be given up by the young men of this age."

"Do you know what kind of a girl Miss Grey is? Is she said to be amiable?"

"I never heard any harm of her; indeed I hardly ever heard her mentioned; except that Mrs. Taylor did say this morning, that one day Miss Walker hinted to her, that she believed Mr. and Mrs. Ellison would not be sorry to have Miss Grey married, for she and Mrs. Ellison could never agree."

"And who are the Ellisons?"

"Her guardians, my dear. But now she is of age and may choose for herself; and a pretty choice she has made!—What now," after pausing a moment—"your poor sister is gone to her own room, I suppose, to moan by herself. Is there nothing one can get to comfort her? Poor dear, it seems quite cruel to let her be alone. Well, by-and-by we shall have a few friends, and that will amuse her a little. What shall we play at? She hates whist I know; but is there no round game she cares for?"

"Dear ma'am, this kindness is quite unnecessary. Marianne, I dare say, will not leave her room again this evening. I shall persuade her if I can to go early to bed, for I am sure she wants rest."

"Aye, I believe that will be best for her. Let her name her own supper, and go to bed. Lord! no wonder she has been looking so bad and so cast down this last week or two, for this matter I suppose has been hanging over her head as long as that. And so the letter that came today finished it!



Poor soul! I am sure if I had had a notion of it, I would not have joked her about it for all my money. But then you know, how should I guess such a thing? I made sure of its being nothing but a common love letter, and you know young people like to be laughed at about them. Lord! how concerned Sir John and my daughters will be when they hear it! If I had my senses about me I might have called in Conduit Street in my way home, and told them of it. But I shall see them tomorrow.”

“It would be unnecessary I am sure, for you to caution Mrs. Palmer and Sir John against ever naming Mr. Willoughby, or making the slightest allusion to what has passed, before my sister. Their own good-nature must point out to them the real cruelty of appearing to know any thing about it when she is present; and the less that may ever be said to myself on the subject, the more my feelings will be spared, as you my dear madam will easily believe.”

“Oh! Lord! yes, that I do indeed. It must be terrible for you to hear it talked of; and as for your sister, I am sure I would not mention a word about it to her for the world. You saw I did not all dinner time. No more would Sir John, nor my daughters, for they are all very thoughtful and considerate; especially if I give them a hint, as I certainly will. For my part, I think the less that is said about such things, the better, the sooner ‘tis blown over and forgot. And what does talking ever do you know?”

“In this affair it can only do harm; more so perhaps than in many cases of a similar kind, for it has been attended by circumstances which, for the sake of every one concerned in it, make it unfit to become the public conversation. I must do THIS justice to Mr. Willoughby—he has broken no positive engagement with my sister.”

“Law, my dear! Don’t pretend to defend him. No positive engagement indeed! after taking her all over Allenham House, and fixing on the very rooms they were to live in hereafter!”

Elinor, for her sister’s sake, could not press the subject farther, and she hoped it was not required of her for Willoughby’s; since, though Marianne might lose much, he could gain very little by the enforcement of the real truth. After a short silence on both sides, Mrs. Jennings, with all her natural hilarity, burst forth again.

“Well, my dear, ‘tis a true saying about an ill-wind, for it will be all the better for Colonel Brandon. He will have her at last; aye, that he will. Mind me, now, if they an’t married by Mid-summer. Lord! how he’ll chuckle over this news! I hope he will come tonight. It will be all to one a better match for your sister. Two thousand a year without debt or drawback—except the little love-child, indeed; aye, I had forgot her; but she may be ‘prenticed out at a small cost, and then what does it signify? Delaford is a nice place, I can tell you; exactly what I call a nice old fashioned place, full of comforts and conveniences; quite shut in with great garden walls that are covered with the best fruit-trees in the country; and such a mulberry tree in one corner! Lord! how Charlotte and I did stuff the only time we were there! Then, there is a dove-cote, some delightful stew-ponds, and a very pretty canal; and every thing, in short, that one could wish for; and, moreover, it is close to the church, and only a quarter of a mile from the turnpike-road, so ‘tis never dull, for if you only go and sit up in an old yew arbour behind the house, you may see all the carriages that pass along. Oh! ‘tis a nice place! A butcher hard by in the village, and the parsonage-house within a stone’s throw. To my fancy, a thousand times prettier than Barton Park, where they are forced to send three miles for their meat, and have not a neighbour nearer than your mother. Well, I shall spirit up the Colonel as soon as I can. One shoulder of mutton, you know, drives another down. If we CAN but put Willoughby out of her head!”

“Ay, if we can do THAT, Ma’am,” said Elinor, “we shall do very well with or without Colonel Brandon.” And then rising, she went away to join Marianne, whom she found, as she expected, in her own room, leaning, in silent misery, over the small remains of a fire, which, till Elinor’s entrance, had been her only light.

“You had better leave me,” was all the notice that her sister received from her.

“I will leave you,” said Elinor, “if you will go to bed.” But this, from the momentary perverseness of impatient suffering, she at first refused to do. Her sister’s earnest, though gentle persuasion, however, soon softened her to compliance, and Elinor saw her lay her aching head on the pillow, and as she hoped, in a way to get some quiet rest before she left her.

In the drawing-room, whither she then repaired, she was soon joined by Mrs. Jennings, with a wine-glass, full of something, in her hand.

“My dear,” said she, entering, “I have just recollected that I have some of the finest old Constantia wine in the house that ever was tasted, so I have brought a glass of it for your sister. My poor husband! how fond he was of it! Whenever he had a touch of his old colicky gout, he said it did him more good than any thing else in the world. Do take it to your sister.”

“Dear Ma’am,” replied Elinor, smiling at the difference of the complaints for which it was recommended, “how good you are! But I have just left Marianne in bed, and, I hope, almost asleep; and as I think nothing will be of so much service to her as rest, if you will give me leave, I will drink the wine myself.”

Mrs. Jennings, though regretting that she had not been five minutes earlier, was satisfied with the compromise; and Elinor, as she swallowed the chief of it, reflected, that though its effects on a colicky gout were, at present, of little importance to her, its healing powers, on a disappointed heart might be as reasonably tried on herself as on her sister.

Colonel Brandon came in while the party were at tea, and by his manner of looking round the room for Marianne, Elinor immediately fancied that he neither expected nor wished to see her there, and, in short, that he was already aware of what occasioned her absence. Mrs. Jennings was not struck by the same thought; for soon after his entrance, she walked across the room to the tea-table where Elinor presided, and whispered. “The Colonel looks as grave as ever you see. He knows nothing of it; do tell him, my dear.”

He shortly afterwards drew a chair close to her’s, and, with a look which perfectly assured her of his good information, inquired after her sister.

“Marianne is not well,” said she. “She has been indisposed all day, and we have persuaded her to go to bed.”

“Perhaps, then,” he hesitatingly replied, “what I heard this morning may be—there may be more truth in it than I could believe possible at first.”

“What did you hear?”

“That a gentleman, whom I had reason to think—in short, that a man, whom I KNEW to be engaged—but how shall I tell you? If you know it already, as surely you must, I may be spared.”

“You mean,” answered Elinor, with forced calmness, “Mr. Willoughby’s marriage with Miss Grey. Yes, we DO know it all. This seems to have been a day of general elucidation, for this very morning first unfolded it to us. Mr. Willoughby is unfathomable! Where did you hear it?”

“In a stationer’s shop in Pall Mall, where I had business. Two ladies were waiting for their carriage, and one of them was giving the other an account of the intended match, in a voice so little attempting concealment, that it was impossible for me not to hear all. The name of Willoughby, John Willoughby, frequently repeated, first caught my attention; and what followed was a positive assertion that every thing was now finally settled respecting his marriage with Miss Grey—it was no longer to be a secret—it would take place even within a few weeks, with many particulars of preparations and other matters. One thing, especially, I remember, because it served to identify the man still more:—as soon as the ceremony was over, they were to go to Combe Magna, his seat in Somersetshire. My astonishment!—but it would be impossible to describe what I felt. The communicative lady I learnt, on inquiry, for I stayed in the shop till they were gone, was a Mrs. Ellison, and that, as I have been since informed, is the name of Miss Grey’s guardian.”

“It is. But have you likewise heard that Miss Grey has fifty thousand pounds? In that, if in any thing, we may find an explanation.”

“It may be so; but Willoughby is capable—at least I think”—he stopped a moment; then added in a voice which seemed to distrust itself, “And your sister, how did she...”

“Her sufferings have been very severe. I have only to hope that they may be proportionately short. It has been, it is a most cruel affliction. Till yesterday, I believe, she never doubted his regard; and even now, perhaps—but I am almost convinced that he never was really attached to her. He has been very deceitful! and, in some points, there seems a hardness of heart about him.”

“Ah!” said Colonel Brandon, “there is, indeed! But your sister does not—I think you said so, she does not consider quite as you do?”

“You know her disposition, and may believe how eagerly she would still justify him if she could.”

He made no answer; and soon afterwards, by the removal of the tea-things, and the arrangement of the card parties, the subject was necessarily dropped. Mrs. Jennings, who had watched them with pleasure while they were talking, and who expected to see the effect of Miss Dashwood’s communication, in such an instantaneous gaiety on Colonel Brandon’s side, as might have become a man in the bloom of youth, of hope and happiness, saw him, with amazement, remain the whole evening more serious and thoughtful than usual.

## CHAPTER 31

From a night of more sleep than she had expected, Marianne awoke the next morning to the same consciousness of misery in which she had closed her eyes.

Elinor encouraged her as much as possible to talk of what she felt; and before breakfast was ready, they had gone through the subject again and again; and with the same steady conviction and affectionate counsel on Elinor's side, the same impetuous feelings and varying opinions on Marianne's, as before. Sometimes she could believe Willoughby to be as unfortunate and as innocent as herself, and at others, lost every consolation in the impossibility of acquitting him. At one moment she was absolutely indifferent to the observation of all the world, at another she would seclude herself from it for ever, and at a third could resist it with energy. In one thing, however, she was uniform, when it came to the point, in avoiding, where it was possible, the presence of Mrs. Jennings, and in a determined silence when obliged to endure it. Her heart was hardened against the belief of Mrs. Jennings's entering into her sorrows with any compassion.

"No, no, no, it cannot be," she cried; "she cannot feel. Her kindness is not sympathy; her good-nature is not tenderness. All that she wants is gossip, and she only likes me now because I supply it."

Elinor had not needed this to be assured of the injustice to which her sister was often led in her opinion of others, by the irritable refinement of her own mind, and the too great importance placed by her on the delicacies of a strong sensibility, and the graces of a polished manner. Like half the rest of the world, if more than half there be that are clever and good, Marianne, with excellent abilities and an excellent disposition, was neither reasonable nor candid. She expected from other people the same opinions and feelings as her own, and she judged of their motives by the immediate effect of their actions on herself. Thus a circumstance occurred, while the sisters were together in their own room after breakfast, which sunk the heart of Mrs. Jennings still lower in her estimation; because, through her own weakness, it chanced to prove a source of fresh pain to

herself, though Mrs. Jennings was governed in it by an impulse of the utmost goodwill.

With a letter in her outstretched hand, and countenance gaily smiling, from the persuasion of bringing comfort, she entered their room, saying,

“Now, my dear, I bring you something that I am sure will do you good.”

Marianne heard enough. In one moment her imagination placed before her a letter from Willoughby, full of tenderness and contrition, explanatory of all that had passed, satisfactory, convincing; and instantly followed by Willoughby himself, rushing eagerly into the room to enforce, at her feet, by the eloquence of his eyes, the assurances of his letter. The work of one moment was destroyed by the next. The hand writing of her mother, never till then unwelcome, was before her; and, in the acuteness of the disappointment which followed such an ecstasy of more than hope, she felt as if, till that instant, she had never suffered.

The cruelty of Mrs. Jennings no language, within her reach in her moments of happiest eloquence, could have expressed; and now she could reproach her only by the tears which streamed from her eyes with passionate violence—a reproach, however, so entirely lost on its object, that after many expressions of pity, she withdrew, still referring her to the letter of comfort. But the letter, when she was calm enough to read it, brought little comfort. Willoughby filled every page. Her mother, still confident of their engagement, and relying as warmly as ever on his constancy, had only been roused by Elinor’s application, to intreat from Marianne greater openness towards them both; and this, with such tenderness towards her, such affection for Willoughby, and such a conviction of their future happiness in each other, that she wept with agony through the whole of it.

All her impatience to be at home again now returned; her mother was dearer to her than ever; dearer through the very excess of her mistaken confidence in Willoughby, and she was wildly urgent to be gone. Elinor, unable herself to determine whether it were better for Marianne to be in London or at Barton, offered no counsel of her own except of patience till

their mother's wishes could be known; and at length she obtained her sister's consent to wait for that knowledge.

Mrs. Jennings left them earlier than usual; for she could not be easy till the Middletons and Palmers were able to grieve as much as herself; and positively refusing Elinor's offered attendance, went out alone for the rest of the morning. Elinor, with a very heavy heart, aware of the pain she was going to communicate, and perceiving, by Marianne's letter, how ill she had succeeded in laying any foundation for it, then sat down to write her mother an account of what had passed, and entreat her directions for the future; while Marianne, who came into the drawing-room on Mrs. Jennings's going away, remained fixed at the table where Elinor wrote, watching the advancement of her pen, grieving over her for the hardship of such a task, and grieving still more fondly over its effect on her mother.

In this manner they had continued about a quarter of an hour, when Marianne, whose nerves could not then bear any sudden noise, was startled by a rap at the door.

"Who can this be?" cried Elinor. "So early too! I thought we HAD been safe."

Marianne moved to the window.

"It is Colonel Brandon!" said she, with vexation. "We are never safe from HIM."

"He will not come in, as Mrs. Jennings is from home."

"I will not trust to THAT," retreating to her own room. "A man who has nothing to do with his own time has no conscience in his intrusion on that of others."

The event proved her conjecture right, though it was founded on injustice and error; for Colonel Brandon DID come in; and Elinor, who was convinced that solicitude for Marianne brought him thither, and who saw THAT solicitude in his disturbed and melancholy look, and in his anxious though brief inquiry after her, could not forgive her sister for esteeming him so lightly.

"I met Mrs. Jennings in Bond Street," said he, after the first salutation, "and she encouraged me to come on; and I was the more easily encouraged, because I thought it probable that I might find you alone,



which I was very desirous of doing. My object—my wish—my sole wish in desiring it—I hope, I believe it is—is to be a means of giving comfort;—no, I must not say comfort—not present comfort—but conviction, lasting conviction to your sister’s mind. My regard for her, for yourself, for your mother—will you allow me to prove it, by relating some circumstances which nothing but a VERY sincere regard—nothing but an earnest desire of being useful—I think I am justified—though where so many hours have been spent in convincing myself that I am right, is there not some reason to fear I may be wrong?” He stopped.

“I understand you,” said Elinor. “You have something to tell me of Mr. Willoughby, that will open his character farther. Your telling it will be the greatest act of friendship that can be shewn Marianne. MY gratitude will be insured immediately by any information tending to that end, and HERS must be gained by it in time. Pray, pray let me hear it.”

“You shall; and, to be brief, when I quitted Barton last October,—but this will give you no idea—I must go farther back. You will find me a very awkward narrator, Miss Dashwood; I hardly know where to begin. A short account of myself, I believe, will be necessary, and it SHALL be a short one. On such a subject,” sighing heavily, “can I have little temptation to be diffuse.”

He stopt a moment for recollection, and then, with another sigh, went on.

“You have probably entirely forgotten a conversation—(it is not to be supposed that it could make any impression on you)—a conversation between us one evening at Barton Park—it was the evening of a dance—in which I alluded to a lady I had once known, as resembling, in some measure, your sister Marianne.”

“Indeed,” answered Elinor, “I have NOT forgotten it.” He looked pleased by this remembrance, and added,

“If I am not deceived by the uncertainty, the partiality of tender recollection, there is a very strong resemblance between them, as well in mind as person. The same warmth of heart, the same eagerness of fancy and spirits. This lady was one of my nearest relations, an orphan from her infancy, and under the guardianship of my father. Our ages were nearly the

same, and from our earliest years we were playfellows and friends. I cannot remember the time when I did not love Eliza; and my affection for her, as we grew up, was such, as perhaps, judging from my present forlorn and cheerless gravity, you might think me incapable of having ever felt. Her's, for me, was, I believe, fervent as the attachment of your sister to Mr. Willoughby and it was, though from a different cause, no less unfortunate. At seventeen she was lost to me for ever. She was married—married against her inclination to my brother. Her fortune was large, and our family estate much encumbered. And this, I fear, is all that can be said for the conduct of one, who was at once her uncle and guardian. My brother did not deserve her; he did not even love her. I had hoped that her regard for me would support her under any difficulty, and for some time it did; but at last the misery of her situation, for she experienced great unkindness, overcame all her resolution, and though she had promised me that nothing—but how blindly I relate! I have never told you how this was brought on. We were within a few hours of eloping together for Scotland. The treachery, or the folly, of my cousin's maid betrayed us. I was banished to the house of a relation far distant, and she was allowed no liberty, no society, no amusement, till my father's point was gained. I had depended on her fortitude too far, and the blow was a severe one—but had her marriage been happy, so young as I then was, a few months must have reconciled me to it, or at least I should not have now to lament it. This however was not the case. My brother had no regard for her; his pleasures were not what they ought to have been, and from the first he treated her unkindly. The consequence of this, upon a mind so young, so lively, so inexperienced as Mrs. Brandon's, was but too natural. She resigned herself at first to all the misery of her situation; and happy had it been if she had not lived to overcome those regrets which the remembrance of me occasioned. But can we wonder that, with such a husband to provoke inconstancy, and without a friend to advise or restrain her (for my father lived only a few months after their marriage, and I was with my regiment in the East Indies) she should fall? Had I remained in England, perhaps—but I meant to promote the happiness of both by removing from her for years, and for that purpose had procured my exchange. The shock which her marriage had given me," he continued, in a voice of great agitation, "was of trifling weight—was nothing to what I felt when I heard, about two years afterwards, of her

divorce. It was THAT which threw this gloom,—even now the recollection of what I suffered—”

He could say no more, and rising hastily walked for a few minutes about the room. Elinor, affected by his relation, and still more by his distress, could not speak. He saw her concern, and coming to her, took her hand, pressed it, and kissed it with grateful respect. A few minutes more of silent exertion enabled him to proceed with composure.

“It was nearly three years after this unhappy period before I returned to England. My first care, when I DID arrive, was of course to seek for her; but the search was as fruitless as it was melancholy. I could not trace her beyond her first seducer, and there was every reason to fear that she had removed from him only to sink deeper in a life of sin. Her legal allowance was not adequate to her fortune, nor sufficient for her comfortable maintenance, and I learnt from my brother that the power of receiving it had been made over some months before to another person. He imagined, and calmly could he imagine it, that her extravagance, and consequent distress, had obliged her to dispose of it for some immediate relief. At last, however, and after I had been six months in England, I DID find her. Regard for a former servant of my own, who had since fallen into misfortune, carried me to visit him in a spunging-house, where he was confined for debt; and there, the same house, under a similar confinement, was my unfortunate sister. So altered—so faded—worn down by acute suffering of every kind! hardly could I believe the melancholy and sickly figure before me, to be the remains of the lovely, blooming, healthful girl, on whom I had once doted. What I endured in so beholding her—but I have no right to wound your feelings by attempting to describe it—I have pained you too much already. That she was, to all appearance, in the last stage of a consumption, was—yes, in such a situation it was my greatest comfort. Life could do nothing for her, beyond giving time for a better preparation for death; and that was given. I saw her placed in comfortable lodgings, and under proper attendants; I visited her every day during the rest of her short life: I was with her in her last moments.”

Again he stopped to recover himself; and Elinor spoke her feelings in an exclamation of tender concern, at the fate of his unfortunate friend.

“Your sister, I hope, cannot be offended,” said he, “by the resemblance I have fancied between her and my poor disgraced relation. Their fates, their fortunes, cannot be the same; and had the natural sweet disposition of the one been guarded by a firmer mind, or a happier marriage, she might have been all that you will live to see the other be. But to what does all this lead? I seem to have been distressing you for nothing. Ah! Miss Dashwood—a subject such as this—untouched for fourteen years—it is dangerous to handle it at all! I WILL be more collected—more concise. She left to my care her only child, a little girl, the offspring of her first guilty connection, who was then about three years old. She loved the child, and had always kept it with her. It was a valued, a precious trust to me; and gladly would I have discharged it in the strictest sense, by watching over her education myself, had the nature of our situations allowed it; but I had no family, no home; and my little Eliza was therefore placed at school. I saw her there whenever I could, and after the death of my brother, (which happened about five years ago, and which left to me the possession of the family property,) she visited me at Delaford. I called her a distant relation; but I am well aware that I have in general been suspected of a much nearer connection with her. It is now three years ago (she had just reached her fourteenth year,) that I removed her from school, to place her under the care of a very respectable woman, residing in Dorsetshire, who had the charge of four or five other girls of about the same time of life; and for two years I had every reason to be pleased with her situation. But last February, almost a twelvemonth back, she suddenly disappeared. I had allowed her, (imprudently, as it has since turned out,) at her earnest desire, to go to Bath with one of her young friends, who was attending her father there for his health. I knew him to be a very good sort of man, and I thought well of his daughter—better than she deserved, for, with a most obstinate and ill-judged secrecy, she would tell nothing, would give no clue, though she certainly knew all. He, her father, a well-meaning, but not a quick-sighted man, could really, I believe, give no information; for he had been generally confined to the house, while the girls were ranging over the town and making what acquaintance they chose; and he tried to convince me, as thoroughly as he was convinced himself, of his daughter’s being entirely unconcerned in the business. In short, I could learn nothing but that she

was gone; all the rest, for eight long months, was left to conjecture. What I thought, what I feared, may be imagined; and what I suffered too.”

“Good heavens!” cried Elinor, “could it be, could Willoughby!”

“The first news that reached me of her,” he continued, “came in a letter from herself, last October. It was forwarded to me from Delaford, and I received it on the very morning of our intended party to Whitwell; and this was the reason of my leaving Barton so suddenly, which I am sure must at the time have appeared strange to every body, and which I believe gave offence to some. Little did Mr. Willoughby imagine, I suppose, when his looks censured me for incivility in breaking up the party, that I was called away to the relief of one whom he had made poor and miserable; but HAD he known it, what would it have availed? Would he have been less gay or less happy in the smiles of your sister? No, he had already done that, which no man who CAN feel for another would do. He had left the girl whose youth and innocence he had seduced, in a situation of the utmost distress, with no creditable home, no help, no friends, ignorant of his address! He had left her, promising to return; he neither returned, nor wrote, nor relieved her.”

“This is beyond every thing!” exclaimed Elinor.

“His character is now before you; expensive, dissipated, and worse than both. Knowing all this, as I have now known it many weeks, guess what I must have felt on seeing your sister as fond of him as ever, and on being assured that she was to marry him: guess what I must have felt for all your sakes. When I came to you last week and found you alone, I came determined to know the truth; though irresolute what to do when it WAS known. My behaviour must have seemed strange to you then; but now you will comprehend it. To suffer you all to be so deceived; to see your sister—but what could I do? I had no hope of interfering with success; and sometimes I thought your sister’s influence might yet reclaim him. But now, after such dishonorable usage, who can tell what were his designs on her. Whatever they may have been, however, she may now, and hereafter doubtless WILL turn with gratitude towards her own condition, when she compares it with that of my poor Eliza, when she considers the wretched and hopeless situation of this poor girl, and pictures her to herself, with an affection for him so strong, still as strong as her own, and with a mind

tormented by self-reproach, which must attend her through life. Surely this comparison must have its use with her. She will feel her own sufferings to be nothing. They proceed from no misconduct, and can bring no disgrace. On the contrary, every friend must be made still more her friend by them. Concern for her unhappiness, and respect for her fortitude under it, must strengthen every attachment. Use your own discretion, however, in communicating to her what I have told you. You must know best what will be its effect; but had I not seriously, and from my heart believed it might be of service, might lessen her regrets, I would not have suffered myself to trouble you with this account of my family afflictions, with a recital which may seem to have been intended to raise myself at the expense of others.”

Elinor’s thanks followed this speech with grateful earnestness; attended too with the assurance of her expecting material advantage to Marianne, from the communication of what had passed.

“I have been more pained,” said she, “by her endeavors to acquit him than by all the rest; for it irritates her mind more than the most perfect conviction of his unworthiness can do. Now, though at first she will suffer much, I am sure she will soon become easier. Have you,” she continued, after a short silence, “ever seen Mr. Willoughby since you left him at Barton?”

“Yes,” he replied gravely, “once I have. One meeting was unavoidable.”

Elinor, startled by his manner, looked at him anxiously, saying,

“What? have you met him to...”

“I could meet him no other way. Eliza had confessed to me, though most reluctantly, the name of her lover; and when he returned to town, which was within a fortnight after myself, we met by appointment, he to defend, I to punish his conduct. We returned unwounded, and the meeting, therefore, never got abroad.”

Elinor sighed over the fancied necessity of this; but to a man and a soldier she presumed not to censure it.

“Such,” said Colonel Brandon, after a pause, “has been the unhappy resemblance between the fate of mother and daughter! and so imperfectly have I discharged my trust!”

“Is she still in town?”

“No; as soon as she recovered from her lying-in, for I found her near her delivery, I removed her and her child into the country, and there she remains.”

Recollecting, soon afterwards, that he was probably dividing Elinor from her sister, he put an end to his visit, receiving from her again the same grateful acknowledgments, and leaving her full of compassion and esteem for him.

## CHAPTER 32

When the particulars of this conversation were repeated by Miss Dashwood to her sister, as they very soon were, the effect on her was not entirely such as the former had hoped to see. Not that Marianne appeared to distrust the truth of any part of it, for she listened to it all with the most steady and submissive attention, made neither objection nor remark, attempted no vindication of Willoughby, and seemed to shew by her tears that she felt it to be impossible. But though this behaviour assured Elinor that the conviction of this guilt WAS carried home to her mind, though she saw with satisfaction the effect of it, in her no longer avoiding Colonel Brandon when he called, in her speaking to him, even voluntarily speaking, with a kind of compassionate respect, and though she saw her spirits less violently irritated than before, she did not see her less wretched. Her mind did become settled, but it was settled in a gloomy dejection. She felt the loss of Willoughby's character yet more heavily than she had felt the loss of his heart; his seduction and desertion of Miss Williams, the misery of that poor girl, and the doubt of what his designs might ONCE have been on herself, preyed altogether so much on her spirits, that she could not bring herself to speak of what she felt even to Elinor; and, brooding over her sorrows in silence, gave more pain to her sister than could have been communicated by the most open and most frequent confession of them.

To give the feelings or the language of Mrs. Dashwood on receiving and answering Elinor's letter would be only to give a repetition of what her daughters had already felt and said; of a disappointment hardly less painful than Marianne's, and an indignation even greater than Elinor's. Long letters from her, quickly succeeding each other, arrived to tell all that she suffered and thought; to express her anxious solicitude for Marianne, and entreat she would bear up with fortitude under this misfortune. Bad indeed must the nature of Marianne's affliction be, when her mother could talk of fortitude! mortifying and humiliating must be the origin of those regrets, which SHE could wish her not to indulge!



Against the interest of her own individual comfort, Mrs. Dashwood had determined that it would be better for Marianne to be any where, at that time, than at Barton, where every thing within her view would be bringing back the past in the strongest and most afflicting manner, by constantly placing Willoughby before her, such as she had always seen him there. She recommended it to her daughters, therefore, by all means not to shorten their visit to Mrs. Jennings; the length of which, though never exactly fixed, had been expected by all to comprise at least five or six weeks. A variety of occupations, of objects, and of company, which could not be procured at Barton, would be inevitable there, and might yet, she hoped, cheat Marianne, at times, into some interest beyond herself, and even into some amusement, much as the ideas of both might now be spurned by her.

From all danger of seeing Willoughby again, her mother considered her to be at least equally safe in town as in the country, since his acquaintance must now be dropped by all who called themselves her friends. Design could never bring them in each other's way: negligence could never leave them exposed to a surprise; and chance had less in its favour in the crowd of London than even in the retirement of Barton, where it might force him before her while paying that visit at Allenham on his marriage, which Mrs. Dashwood, from foreseeing at first as a probable event, had brought herself to expect as a certain one.

She had yet another reason for wishing her children to remain where they were; a letter from her son-in-law had told her that he and his wife were to be in town before the middle of February, and she judged it right that they should sometimes see their brother.

Marianne had promised to be guided by her mother's opinion, and she submitted to it therefore without opposition, though it proved perfectly different from what she wished and expected, though she felt it to be entirely wrong, formed on mistaken grounds, and that by requiring her longer continuance in London it deprived her of the only possible alleviation of her wretchedness, the personal sympathy of her mother, and doomed her to such society and such scenes as must prevent her ever knowing a moment's rest.

But it was a matter of great consolation to her, that what brought evil to herself would bring good to her sister; and Elinor, on the other hand, suspecting that it would not be in her power to avoid Edward entirely, comforted herself by thinking, that though their longer stay would therefore militate against her own happiness, it would be better for Marianne than an immediate return into Devonshire.

Her carefulness in guarding her sister from ever hearing Willoughby's name mentioned, was not thrown away. Marianne, though without knowing it herself, reaped all its advantage; for neither Mrs. Jennings, nor Sir John, nor even Mrs. Palmer herself, ever spoke of him before her. Elinor wished that the same forbearance could have extended towards herself, but that was impossible, and she was obliged to listen day after day to the indignation of them all.

Sir John, could not have thought it possible. "A man of whom he had always had such reason to think well! Such a good-natured fellow! He did not believe there was a bolder rider in England! It was an unaccountable business. He wished him at the devil with all his heart. He would not speak another word to him, meet him where he might, for all the world! No, not if it were to be by the side of Barton covert, and they were kept watching for two hours together. Such a scoundrel of a fellow! such a deceitful dog! It was only the last time they met that he had offered him one of Folly's puppies! and this was the end of it!"

Mrs. Palmer, in her way, was equally angry. "She was determined to drop his acquaintance immediately, and she was very thankful that she had never been acquainted with him at all. She wished with all her heart Combe Magna was not so near Cleveland; but it did not signify, for it was a great deal too far off to visit; she hated him so much that she was resolved never to mention his name again, and she should tell everybody she saw, how good-for-nothing he was."

The rest of Mrs. Palmer's sympathy was shewn in procuring all the particulars in her power of the approaching marriage, and communicating them to Elinor. She could soon tell at what coachmaker's the new carriage was building, by what painter Mr. Willoughby's portrait was drawn, and at what warehouse Miss Grey's clothes might be seen.

The calm and polite unconcern of Lady Middleton on the occasion was a happy relief to Elinor's spirits, oppressed as they often were by the clamorous kindness of the others. It was a great comfort to her to be sure of exciting no interest in ONE person at least among their circle of friends: a great comfort to know that there was ONE who would meet her without feeling any curiosity after particulars, or any anxiety for her sister's health.

Every qualification is raised at times, by the circumstances of the moment, to more than its real value; and she was sometimes worried down by officious condolence to rate good-breeding as more indispensable to comfort than good-nature.

Lady Middleton expressed her sense of the affair about once every day, or twice, if the subject occurred very often, by saying, "It is very shocking, indeed!" and by the means of this continual though gentle vent, was able not only to see the Miss Dashwoods from the first without the smallest emotion, but very soon to see them without recollecting a word of the matter; and having thus supported the dignity of her own sex, and spoken her decided censure of what was wrong in the other, she thought herself at liberty to attend to the interest of her own assemblies, and therefore determined (though rather against the opinion of Sir John) that as Mrs. Willoughby would at once be a woman of elegance and fortune, to leave her card with her as soon as she married.

Colonel Brandon's delicate, unobtrusive enquiries were never unwelcome to Miss Dashwood. He had abundantly earned the privilege of intimate discussion of her sister's disappointment, by the friendly zeal with which he had endeavoured to soften it, and they always conversed with confidence. His chief reward for the painful exertion of disclosing past sorrows and present humiliations, was given in the pitying eye with which Marianne sometimes observed him, and the gentleness of her voice whenever (though it did not often happen) she was obliged, or could oblige herself to speak to him. THESE assured him that his exertion had produced an increase of good-will towards himself, and THESE gave Elinor hopes of its being farther augmented hereafter; but Mrs. Jennings, who knew nothing of all this, who knew only that the Colonel continued as grave as ever, and that she could neither prevail on him to make the offer himself, nor commission her to make it for him, began, at the end of two days, to

think that, instead of Midsummer, they would not be married till Michaelmas, and by the end of a week that it would not be a match at all. The good understanding between the Colonel and Miss Dashwood seemed rather to declare that the honours of the mulberry-tree, the canal, and the yew arbour, would all be made over to HER; and Mrs. Jennings had, for some time ceased to think at all of Mrs. Ferrars.

Early in February, within a fortnight from the receipt of Willoughby's letter, Elinor had the painful office of informing her sister that he was married. She had taken care to have the intelligence conveyed to herself, as soon as it was known that the ceremony was over, as she was desirous that Marianne should not receive the first notice of it from the public papers, which she saw her eagerly examining every morning.

She received the news with resolute composure; made no observation on it, and at first shed no tears; but after a short time they would burst out, and for the rest of the day, she was in a state hardly less pitiable than when she first learnt to expect the event.

The Willoughbys left town as soon as they were married; and Elinor now hoped, as there could be no danger of her seeing either of them, to prevail on her sister, who had never yet left the house since the blow first fell, to go out again by degrees as she had done before.

About this time the two Miss Steeles, lately arrived at their cousin's house in Bartlett's Buildings, Holburn, presented themselves again before their more grand relations in Conduit and Berkeley Streets; and were welcomed by them all with great cordiality.

Elinor only was sorry to see them. Their presence always gave her pain, and she hardly knew how to make a very gracious return to the overpowering delight of Lucy in finding her STILL in town.

"I should have been quite disappointed if I had not found you here STILL," said she repeatedly, with a strong emphasis on the word. "But I always thought I SHOULD. I was almost sure you would not leave London yet awhile; though you TOLD me, you know, at Barton, that you should not stay above a MONTH. But I thought, at the time, that you would most likely change your mind when it came to the point. It would have been such a great pity to have went away before your brother and sister came.

And now to be sure you will be in no hurry to be gone. I am amazingly glad you did not keep to YOUR WORD.”

Elinor perfectly understood her, and was forced to use all her self-command to make it appear that she did NOT.

“Well, my dear,” said Mrs. Jennings, “and how did you travel?”

“Not in the stage, I assure you,” replied Miss Steele, with quick exultation; “we came post all the way, and had a very smart beau to attend us. Dr. Davies was coming to town, and so we thought we’d join him in a post-chaise; and he behaved very genteelly, and paid ten or twelve shillings more than we did.”

“Oh, oh!” cried Mrs. Jennings; “very pretty, indeed! and the Doctor is a single man, I warrant you.”

“There now,” said Miss Steele, affectedly simpering, “everybody laughs at me so about the Doctor, and I cannot think why. My cousins say they are sure I have made a conquest; but for my part I declare I never think about him from one hour’s end to another. ‘Lord! here comes your beau, Nancy,’ my cousin said t’other day, when she saw him crossing the street to the house. My beau, indeed! said I, I cannot think who you mean. The Doctor is no beau of mine.”

“Aye, aye, that is very pretty talking—but it won’t do—the Doctor is the man, I see.”

“No, indeed!” replied her cousin, with affected earnestness, “and I beg you will contradict it, if you ever hear it talked of.”

Mrs. Jennings directly gave her the gratifying assurance that she certainly would NOT, and Miss Steele was made completely happy.

“I suppose you will go and stay with your brother and sister, Miss Dashwood, when they come to town,” said Lucy, returning, after a cessation of hostile hints, to the charge.

“No, I do not think we shall.”

“Oh, yes, I dare say you will.”

Elinor would not humour her by farther opposition.

“What a charming thing it is that Mrs. Dashwood can spare you both for so long a time together!”

“Long a time, indeed!” interposed Mrs. Jennings. “Why, their visit is but just begun!”

Lucy was silenced.

“I am sorry we cannot see your sister, Miss Dashwood,” said Miss Steele. “I am sorry she is not well” for Marianne had left the room on their arrival.

“You are very good. My sister will be equally sorry to miss the pleasure of seeing you; but she has been very much plagued lately with nervous head-aches, which make her unfit for company or conversation.”

“Oh, dear, that is a great pity! but such old friends as Lucy and me! —I think she might see US; and I am sure we would not speak a word.”

Elinor, with great civility, declined the proposal. Her sister was perhaps laid down upon the bed, or in her dressing gown, and therefore not able to come to them.

“Oh, if that’s all,” cried Miss Steele, “we can just as well go and see HER.”

Elinor began to find this impertinence too much for her temper; but she was saved the trouble of checking it, by Lucy’s sharp reprimand, which now, as on many occasions, though it did not give much sweetness to the manners of one sister, was of advantage in governing those of the other.

## CHAPTER 33

After some opposition, Marianne yielded to her sister's entreaties, and consented to go out with her and Mrs. Jennings one morning for half an hour. She expressly conditioned, however, for paying no visits, and would do no more than accompany them to Gray's in Sackville Street, where Elinor was carrying on a negotiation for the exchange of a few old-fashioned jewels of her mother.

When they stopped at the door, Mrs. Jennings recollected that there was a lady at the other end of the street on whom she ought to call; and as she had no business at Gray's, it was resolved, that while her young friends transacted their's, she should pay her visit and return for them.

On ascending the stairs, the Miss Dashwoods found so many people before them in the room, that there was not a person at liberty to tend to their orders; and they were obliged to wait. All that could be done was, to sit down at that end of the counter which seemed to promise the quickest succession; one gentleman only was standing there, and it is probable that Elinor was not without hope of exciting his politeness to a quicker despatch. But the correctness of his eye, and the delicacy of his taste, proved to be beyond his politeness. He was giving orders for a toothpick-case for himself, and till its size, shape, and ornaments were determined, all of which, after examining and debating for a quarter of an hour over every toothpick-case in the shop, were finally arranged by his own inventive fancy, he had no leisure to bestow any other attention on the two ladies, than what was comprised in three or four very broad stares; a kind of notice which served to imprint on Elinor the remembrance of a person and face, of strong, natural, sterling insignificance, though adorned in the first style of fashion.

Marianne was spared from the troublesome feelings of contempt and resentment, on this impertinent examination of their features, and on the puppyism of his manner in deciding on all the different horrors of the different toothpick-cases presented to his inspection, by remaining unconscious of it all; for she was as well able to collect her thoughts within

herself, and be as ignorant of what was passing around her, in Mr. Gray's shop, as in her own bedroom.

At last the affair was decided. The ivory, the gold, and the pearls, all received their appointment, and the gentleman having named the last day on which his existence could be continued without the possession of the toothpick-case, drew on his gloves with leisurely care, and bestowing another glance on the Miss Dashwoods, but such a one as seemed rather to demand than express admiration, walked off with a happy air of real conceit and affected indifference.

Elinor lost no time in bringing her business forward, was on the point of concluding it, when another gentleman presented himself at her side. She turned her eyes towards his face, and found him with some surprise to be her brother.

Their affection and pleasure in meeting was just enough to make a very creditable appearance in Mr. Gray's shop. John Dashwood was really far from being sorry to see his sisters again; it rather gave them satisfaction; and his inquiries after their mother were respectful and attentive.

Elinor found that he and Fanny had been in town two days.

"I wished very much to call upon you yesterday," said he, "but it was impossible, for we were obliged to take Harry to see the wild beasts at Exeter Exchange; and we spent the rest of the day with Mrs. Ferrars. Harry was vastly pleased. THIS morning I had fully intended to call on you, if I could possibly find a spare half hour, but one has always so much to do on first coming to town. I am come here to bespeak Fanny a seal. But tomorrow I think I shall certainly be able to call in Berkeley Street, and be introduced to your friend Mrs. Jennings. I understand she is a woman of very good fortune. And the Middletons too, you must introduce me to THEM. As my mother-in-law's relations, I shall be happy to show them every respect. They are excellent neighbours to you in the country, I understand."

"Excellent indeed. Their attention to our comfort, their friendliness in every particular, is more than I can express."

"I am extremely glad to hear it, upon my word; extremely glad indeed. But so it ought to be; they are people of large fortune, they are



related to you, and every civility and accommodation that can serve to make your situation pleasant might be reasonably expected. And so you are most comfortably settled in your little cottage and want for nothing! Edward brought us a most charming account of the place: the most complete thing of its kind, he said, that ever was, and you all seemed to enjoy it beyond any thing. It was a great satisfaction to us to hear it, I assure you.”

Elinor did feel a little ashamed of her brother; and was not sorry to be spared the necessity of answering him, by the arrival of Mrs. Jennings’s servant, who came to tell her that his mistress waited for them at the door.

Mr. Dashwood attended them down stairs, was introduced to Mrs. Jennings at the door of her carriage, and repeating his hope of being able to call on them the next day, took leave.

His visit was duly paid. He came with a pretence at an apology from their sister-in-law, for not coming too; “but she was so much engaged with her mother, that really she had no leisure for going any where.” Mrs. Jennings, however, assured him directly, that she should not stand upon ceremony, for they were all cousins, or something like it, and she should certainly wait on Mrs. John Dashwood very soon, and bring her sisters to see her. His manners to THEM, though calm, were perfectly kind; to Mrs. Jennings, most attentively civil; and on Colonel Brandon’s coming in soon after himself, he eyed him with a curiosity which seemed to say, that he only wanted to know him to be rich, to be equally civil to HIM.

After staying with them half an hour, he asked Elinor to walk with him to Conduit Street, and introduce him to Sir John and Lady Middleton. The weather was remarkably fine, and she readily consented. As soon as they were out of the house, his enquiries began.

“Who is Colonel Brandon? Is he a man of fortune?”

“Yes; he has very good property in Dorsetshire.”

“I am glad of it. He seems a most gentlemanlike man; and I think, Elinor, I may congratulate you on the prospect of a very respectable establishment in life.”

“Me, brother! what do you mean?”

“He likes you. I observed him narrowly, and am convinced of it. What is the amount of his fortune?”

“I believe about two thousand a year.”

“Two thousand a-year;” and then working himself up to a pitch of enthusiastic generosity, he added, “Elinor, I wish with all my heart it were TWICE as much, for your sake.”

“Indeed I believe you,” replied Elinor; “but I am very sure that Colonel Brandon has not the smallest wish of marrying ME.”

“You are mistaken, Elinor; you are very much mistaken. A very little trouble on your side secures him. Perhaps just at present he may be undecided; the smallness of your fortune may make him hang back; his friends may all advise him against it. But some of those little attentions and encouragements which ladies can so easily give will fix him, in spite of himself. And there can be no reason why you should not try for him. It is not to be supposed that any prior attachment on your side—in short, you know as to an attachment of that kind, it is quite out of the question, the objections are insurmountable—you have too much sense not to see all that. Colonel Brandon must be the man; and no civility shall be wanting on my part to make him pleased with you and your family. It is a match that must give universal satisfaction. In short, it is a kind of thing that”—lowering his voice to an important whisper—“will be exceedingly welcome to ALL PARTIES.” Recollecting himself, however, he added, “That is, I mean to say—your friends are all truly anxious to see you well settled; Fanny particularly, for she has your interest very much at heart, I assure you. And her mother too, Mrs. Ferrars, a very good-natured woman, I am sure it would give her great pleasure; she said as much the other day.”

Elinor would not vouchsafe any answer.

“It would be something remarkable, now,” he continued, “something droll, if Fanny should have a brother and I a sister settling at the same time. And yet it is not very unlikely.”

“Is Mr. Edward Ferrars,” said Elinor, with resolution, “going to be married?”

“It is not actually settled, but there is such a thing in agitation. He has a most excellent mother. Mrs. Ferrars, with the utmost liberality, will

come forward, and settle on him a thousand a year, if the match takes place. The lady is the Hon. Miss Morton, only daughter of the late Lord Morton, with thirty thousand pounds. A very desirable connection on both sides, and I have not a doubt of its taking place in time. A thousand a-year is a great deal for a mother to give away, to make over for ever; but Mrs. Ferrars has a noble spirit. To give you another instance of her liberality:—The other day, as soon as we came to town, aware that money could not be very plenty with us just now, she put bank-notes into Fanny's hands to the amount of two hundred pounds. And extremely acceptable it is, for we must live at a great expense while we are here."

He paused for her assent and compassion; and she forced herself to say,

"Your expenses both in town and country must certainly be considerable; but your income is a large one."

"Not so large, I dare say, as many people suppose. I do not mean to complain, however; it is undoubtedly a comfortable one, and I hope will in time be better. The enclosure of Norland Common, now carrying on, is a most serious drain. And then I have made a little purchase within this half year; East Kingham Farm, you must remember the place, where old Gibson used to live. The land was so very desirable for me in every respect, so immediately adjoining my own property, that I felt it my duty to buy it. I could not have answered it to my conscience to let it fall into any other hands. A man must pay for his convenience; and it HAS cost me a vast deal of money."

"More than you think it really and intrinsically worth."

"Why, I hope not that. I might have sold it again, the next day, for more than I gave: but, with regard to the purchase-money, I might have been very unfortunate indeed; for the stocks were at that time so low, that if I had not happened to have the necessary sum in my banker's hands, I must have sold out to very great loss."

Elinor could only smile.

"Other great and inevitable expenses too we have had on first coming to Norland. Our respected father, as you well know, bequeathed all the Stanhill effects that remained at Norland (and very valuable they were)

to your mother. Far be it from me to repine at his doing so; he had an undoubted right to dispose of his own property as he chose, but, in consequence of it, we have been obliged to make large purchases of linen, china, &c. to supply the place of what was taken away. You may guess, after all these expenses, how very far we must be from being rich, and how acceptable Mrs. Ferrars's kindness is."

"Certainly," said Elinor; "and assisted by her liberality, I hope you may yet live to be in easy circumstances."

"Another year or two may do much towards it," he gravely replied; "but however there is still a great deal to be done. There is not a stone laid of Fanny's green-house, and nothing but the plan of the flower-garden marked out."

"Where is the green-house to be?"

"Upon the knoll behind the house. The old walnut trees are all come down to make room for it. It will be a very fine object from many parts of the park, and the flower-garden will slope down just before it, and be exceedingly pretty. We have cleared away all the old thorns that grew in patches over the brow."

Elinor kept her concern and her censure to herself; and was very thankful that Marianne was not present, to share the provocation.

Having now said enough to make his poverty clear, and to do away the necessity of buying a pair of ear-rings for each of his sisters, in his next visit at Gray's his thoughts took a cheerfuller turn, and he began to congratulate Elinor on having such a friend as Mrs. Jennings.

"She seems a most valuable woman indeed—Her house, her style of living, all bespeak an exceeding good income; and it is an acquaintance that has not only been of great use to you hitherto, but in the end may prove materially advantageous.—Her inviting you to town is certainly a vast thing in your favour; and indeed, it speaks altogether so great a regard for you, that in all probability when she dies you will not be forgotten.—She must have a great deal to leave."

"Nothing at all, I should rather suppose; for she has only her jointure, which will descend to her children."

“But it is not to be imagined that she lives up to her income. Few people of common prudence will do THAT; and whatever she saves, she will be able to dispose of.”

“And do you not think it more likely that she should leave it to her daughters, than to us?”

“Her daughters are both exceedingly well married, and therefore I cannot perceive the necessity of her remembering them farther. Whereas, in my opinion, by her taking so much notice of you, and treating you in this kind of way, she has given you a sort of claim on her future consideration, which a conscientious woman would not disregard. Nothing can be kinder than her behaviour; and she can hardly do all this, without being aware of the expectation it raises.”

“But she raises none in those most concerned. Indeed, brother, your anxiety for our welfare and prosperity carries you too far.”

“Why, to be sure,” said he, seeming to recollect himself, “people have little, have very little in their power. But, my dear Elinor, what is the matter with Marianne?— she looks very unwell, has lost her colour, and is grown quite thin. Is she ill?”

“She is not well, she has had a nervous complaint on her for several weeks.”

“I am sorry for that. At her time of life, any thing of an illness destroys the bloom for ever! Her’s has been a very short one! She was as handsome a girl last September, as I ever saw; and as likely to attract the man. There was something in her style of beauty, to please them particularly. I remember Fanny used to say that she would marry sooner and better than you did; not but what she is exceedingly fond of YOU, but so it happened to strike her. She will be mistaken, however. I question whether Marianne NOW, will marry a man worth more than five or six hundred a-year, at the utmost, and I am very much deceived if YOU do not do better. Dorsetshire! I know very little of Dorsetshire; but, my dear Elinor, I shall be exceedingly glad to know more of it; and I think I can answer for your having Fanny and myself among the earliest and best pleased of your visitors.”

Elinor tried very seriously to convince him that there was no likelihood of her marrying Colonel Brandon; but it was an expectation of too much pleasure to himself to be relinquished, and he was really resolved on seeking an intimacy with that gentleman, and promoting the marriage by every possible attention. He had just compunction enough for having done nothing for his sisters himself, to be exceedingly anxious that everybody else should do a great deal; and an offer from Colonel Brandon, or a legacy from Mrs. Jennings, was the easiest means of atoning for his own neglect.

They were lucky enough to find Lady Middleton at home, and Sir John came in before their visit ended. Abundance of civilities passed on all sides. Sir John was ready to like anybody, and though Mr. Dashwood did not seem to know much about horses, he soon set him down as a very good-natured fellow: while Lady Middleton saw enough of fashion in his appearance to think his acquaintance worth having; and Mr. Dashwood went away delighted with both.

“I shall have a charming account to carry to Fanny,” said he, as he walked back with his sister. “Lady Middleton is really a most elegant woman! Such a woman as I am sure Fanny will be glad to know. And Mrs. Jennings too, an exceedingly well-behaved woman, though not so elegant as her daughter. Your sister need not have any scruple even of visiting HER, which, to say the truth, has been a little the case, and very naturally; for we only knew that Mrs. Jennings was the widow of a man who had got all his money in a low way; and Fanny and Mrs. Ferrars were both strongly prepossessed, that neither she nor her daughters were such kind of women as Fanny would like to associate with. But now I can carry her a most satisfactory account of both.”

## CHAPTER 34

Mrs. John Dashwood had so much confidence in her husband's judgment, that she waited the very next day both on Mrs. Jennings and her daughter; and her confidence was rewarded by finding even the former, even the woman with whom her sisters were staying, by no means unworthy her notice; and as for Lady Middleton, she found her one of the most charming women in the world!

Lady Middleton was equally pleased with Mrs. Dashwood. There was a kind of cold hearted selfishness on both sides, which mutually attracted them; and they sympathised with each other in an insipid propriety of demeanor, and a general want of understanding.

The same manners, however, which recommended Mrs. John Dashwood to the good opinion of Lady Middleton did not suit the fancy of Mrs. Jennings, and to HER she appeared nothing more than a little proud-looking woman of uncordial address, who met her husband's sisters without any affection, and almost without having anything to say to them; for of the quarter of an hour bestowed on Berkeley Street, she sat at least seven minutes and a half in silence.

Elinor wanted very much to know, though she did not chuse to ask, whether Edward was then in town; but nothing would have induced Fanny voluntarily to mention his name before her, till able to tell her that his marriage with Miss Morton was resolved on, or till her husband's expectations on Colonel Brandon were answered; because she believed them still so very much attached to each other, that they could not be too sedulously divided in word and deed on every occasion. The intelligence however, which SHE would not give, soon flowed from another quarter. Lucy came very shortly to claim Elinor's compassion on being unable to see Edward, though he had arrived in town with Mr. and Mrs. Dashwood. He dared not come to Bartlett's Buildings for fear of detection, and though their mutual impatience to meet, was not to be told, they could do nothing at present but write.

Edward assured them himself of his being in town, within a very short time, by twice calling in Berkeley Street. Twice was his card found on the table, when they returned from their morning's engagements. Elinor was pleased that he had called; and still more pleased that she had missed him.

The Dashwoods were so prodigiously delighted with the Middletons, that, though not much in the habit of giving anything, they determined to give them—a dinner; and soon after their acquaintance began, invited them to dine in Harley Street, where they had taken a very good house for three months. Their sisters and Mrs. Jennings were invited likewise, and John Dashwood was careful to secure Colonel Brandon, who, always glad to be where the Miss Dashwoods were, received his eager civilities with some surprise, but much more pleasure. They were to meet Mrs. Ferrars; but Elinor could not learn whether her sons were to be of the party. The expectation of seeing HER, however, was enough to make her interested in the engagement; for though she could now meet Edward's mother without that strong anxiety which had once promised to attend such an introduction, though she could now see her with perfect indifference as to her opinion of herself, her desire of being in company with Mrs. Ferrars, her curiosity to know what she was like, was as lively as ever.

The interest with which she thus anticipated the party, was soon afterwards increased, more powerfully than pleasantly, by her hearing that the Miss Steeles were also to be at it.

So well had they recommended themselves to Lady Middleton, so agreeable had their assiduities made them to her, that though Lucy was certainly not so elegant, and her sister not even genteel, she was as ready as Sir John to ask them to spend a week or two in Conduit Street; and it happened to be particularly convenient to the Miss Steeles, as soon as the Dashwoods' invitation was known, that their visit should begin a few days before the party took place.

Their claims to the notice of Mrs. John Dashwood, as the nieces of the gentleman who for many years had had the care of her brother, might not have done much, however, towards procuring them seats at her table; but as Lady Middleton's guests they must be welcome; and Lucy, who had



long wanted to be personally known to the family, to have a nearer view of their characters and her own difficulties, and to have an opportunity of endeavouring to please them, had seldom been happier in her life, than she was on receiving Mrs. John Dashwood's card.

On Elinor its effect was very different. She began immediately to determine, that Edward who lived with his mother, must be asked as his mother was, to a party given by his sister; and to see him for the first time, after all that passed, in the company of Lucy!—she hardly knew how she could bear it!

These apprehensions, perhaps, were not founded entirely on reason, and certainly not at all on truth. They were relieved however, not by her own recollection, but by the good will of Lucy, who believed herself to be inflicting a severe disappointment when she told her that Edward certainly would not be in Harley Street on Tuesday, and even hoped to be carrying the pain still farther by persuading her that he was kept away by the extreme affection for herself, which he could not conceal when they were together.

The important Tuesday came that was to introduce the two young ladies to this formidable mother-in-law.

“Pity me, dear Miss Dashwood!” said Lucy, as they walked up the stairs together—for the Middletons arrived so directly after Mrs. Jennings, that they all followed the servant at the same time. “There is nobody here but you, that can feel for me..I declare I can hardly stand. Good gracious! In a moment I shall see the person that all my happiness depends on, that is to be my mother!”

Elinor could have given her immediate relief by suggesting the possibility of its being Miss Morton's mother, rather than her own, whom they were about to behold; but instead of doing that, she assured her, and with great sincerity, that she did pity her—to the utter amazement of Lucy, who, though really uncomfortable herself, hoped at least to be an object of irrepressible envy to Elinor.

Mrs. Ferrars was a little, thin woman, upright, even to formality, in her figure, and serious, even to sourness, in her aspect. Her complexion was sallow; and her features small, without beauty, and naturally without

expression; but a lucky contraction of the brow had rescued her countenance from the disgrace of insipidity, by giving it the strong characters of pride and ill nature. She was not a woman of many words; for, unlike people in general, she proportioned them to the number of her ideas; and of the few syllables that did escape her, not one fell to the share of Miss Dashwood, whom she eyed with the spirited determination of disliking her at all events.

Elinor could not NOW be made unhappy by this behaviour. A few months ago it would have hurt her exceedingly; but it was not in Mrs. Ferrars' power to distress her by it now; and the difference of her manners to the Miss Steeles, a difference which seemed purposely made to humble her more, only amused her. She could not but smile to see the graciousness of both mother and daughter towards the very person— for Lucy was particularly distinguished—whom of all others, had they known as much as she did, they would have been most anxious to mortify; while she herself, who had comparatively no power to wound them, sat pointedly slighted by both. But while she smiled at a graciousness so misapplied, she could not reflect on the mean-spirited folly from which it sprung, nor observe the studied attentions with which the Miss Steeles courted its continuance, without thoroughly despising them all four.

Lucy was all exultation on being so honorably distinguished; and Miss Steele wanted only to be teased about Dr. Davies to be perfectly happy.

The dinner was a grand one, the servants were numerous, and every thing bespoke the Mistress's inclination for show, and the Master's ability to support it. In spite of the improvements and additions which were making to the Norland estate, and in spite of its owner having once been within some thousand pounds of being obliged to sell out at a loss, nothing gave any symptom of that indigence which he had tried to infer from it;—no poverty of any kind, except of conversation, appeared—but there, the deficiency was considerable. John Dashwood had not much to say for himself that was worth hearing, and his wife had still less. But there was no peculiar disgrace in this; for it was very much the case with the chief of their visitors, who almost all laboured under one or other of these

disqualifications for being agreeable—Want of sense, either natural or improved—want of elegance—want of spirits—or want of temper.

When the ladies withdrew to the drawing-room after dinner, this poverty was particularly evident, for the gentlemen HAD supplied the discourse with some variety—the variety of politics, inclosing land, and breaking horses—but then it was all over; and one subject only engaged the ladies till coffee came in, which was the comparative heights of Harry Dashwood, and Lady Middleton's second son William, who were nearly of the same age.

Had both the children been there, the affair might have been determined too easily by measuring them at once; but as Harry only was present, it was all conjectural assertion on both sides; and every body had a right to be equally positive in their opinion, and to repeat it over and over again as often as they liked.

The parties stood thus:

The two mothers, though each really convinced that her own son was the tallest, politely decided in favour of the other.

The two grandmothers, with not less partiality, but more sincerity, were equally earnest in support of their own descendant.

Lucy, who was hardly less anxious to please one parent than the other, thought the boys were both remarkably tall for their age, and could not conceive that there could be the smallest difference in the world between them; and Miss Steele, with yet greater address gave it, as fast as she could, in favour of each.

Elinor, having once delivered her opinion on William's side, by which she offended Mrs. Ferrars and Fanny still more, did not see the necessity of enforcing it by any farther assertion; and Marianne, when called on for her's, offended them all, by declaring that she had no opinion to give, as she had never thought about it.

Before her removing from Norland, Elinor had painted a very pretty pair of screens for her sister-in-law, which being now just mounted and brought home, ornamented her present drawing room; and these screens, catching the eye of John Dashwood on his following the other

gentlemen into the room, were officiously handed by him to Colonel Brandon for his admiration.

“These are done by my eldest sister,” said he; “and you, as a man of taste, will, I dare say, be pleased with them. I do not know whether you have ever happened to see any of her performances before, but she is in general reckoned to draw extremely well.”

The Colonel, though disclaiming all pretensions to connoisseurship, warmly admired the screens, as he would have done any thing painted by Miss Dashwood; and on the curiosity of the others being of course excited, they were handed round for general inspection. Mrs. Ferrars, not aware of their being Elinor’s work, particularly requested to look at them; and after they had received gratifying testimony of Lady Middletons’s approbation, Fanny presented them to her mother, considerately informing her, at the same time, that they were done by Miss Dashwood.

“Hum”, said Mrs. Ferrars. “very pretty,” and without regarding them at all, returned them to her daughter.

Perhaps Fanny thought for a moment that her mother had been quite rude enough,—for, colouring a little, she immediately said,

“They are very pretty, ma’am, an’t they?” But then again, the dread of having been too civil, too encouraging herself, probably came over her, for she presently added,

“Do you not think they are something in Miss Morton’s style of painting, Ma’am? She DOES paint most delightfully! How beautifully her last landscape is done!”

“Beautifully indeed! But SHE does every thing well.”

Marianne could not bear this. She was already greatly displeased with Mrs. Ferrars; and such ill-timed praise of another, at Elinor’s expense, though she had not any notion of what was principally meant by it, provoked her immediately to say with warmth,

“This is admiration of a very particular kind! What is Miss Morton to us? Who knows, or who cares, for her? It is Elinor of whom WE think and speak.”

And so saying, she took the screens out of her sister-in-law's hands, to admire them herself as they ought to be admired.

Mrs. Ferrars looked exceedingly angry, and drawing herself up more stiffly than ever, pronounced in retort this bitter philippic, "Miss Morton is Lord Morton's daughter."

Fanny looked very angry too, and her husband was all in a fright at his sister's audacity. Elinor was much more hurt by Marianne's warmth than she had been by what produced it; but Colonel Brandon's eyes, as they were fixed on Marianne, declared that he noticed only what was amiable in it, the affectionate heart which could not bear to see a sister slighted in the smallest point.

Marianne's feelings did not stop here. The cold insolence of Mrs. Ferrars's general behaviour to her sister, seemed, to her, to foretell such difficulties and distresses to Elinor, as her own wounded heart taught her to think of with horror; and urged by a strong impulse of affectionate sensibility, she moved after a moment, to her sister's chair, and putting one arm round her neck, and one cheek close to hers, said in a low, but eager, voice,

"Dear, dear Elinor, don't mind them. Don't let them make YOU unhappy."

She could say no more; her spirits were quite overcome, and hiding her face on Elinor's shoulder, she burst into tears. Every body's attention was called, and almost every body was concerned.—Colonel Brandon rose up and went to them without knowing what he did.—Mrs. Jennings, with a very intelligent "Ah! poor dear," immediately gave her her salts; and Sir John felt so desperately enraged against the author of this nervous distress, that he instantly changed his seat to one close by Lucy Steele, and gave her, in a whisper, a brief account of the whole shocking affair.

In a few minutes, however, Marianne was recovered enough to put an end to the bustle, and sit down among the rest; though her spirits retained the impression of what had passed, the whole evening.

"Poor Marianne!" said her brother to Colonel Brandon, in a low voice, as soon as he could secure his attention,— "She has not such good health as her sister,—she is very nervous,—she has not Elinor's

constitution;—and one must allow that there is something very trying to a young woman who HAS BEEN a beauty in the loss of her personal attractions. You would not think it perhaps, but Marianne WAS remarkably handsome a few months ago; quite as handsome as Elinor.— Now you see it is all gone.”

## CHAPTER 35

Elinor's curiosity to see Mrs. Ferrars was satisfied.— She had found in her every thing that could tend to make a farther connection between the families undesirable.— She had seen enough of her pride, her meanness, and her determined prejudice against herself, to comprehend all the difficulties that must have perplexed the engagement, and retarded the marriage, of Edward and herself, had he been otherwise free;—and she had seen almost enough to be thankful for her OWN sake, that one greater obstacle preserved her from suffering under any other of Mrs. Ferrars's creation, preserved her from all dependence upon her caprice, or any solicitude for her good opinion. Or at least, if she did not bring herself quite to rejoice in Edward's being fettered to Lucy, she determined, that had Lucy been more amiable, she OUGHT to have rejoiced.

She wondered that Lucy's spirits could be so very much elevated by the civility of Mrs. Ferrars;—that her interest and her vanity should so very much blind her as to make the attention which seemed only paid her because she was NOT ELINOR, appear a compliment to herself—or to allow her to derive encouragement from a preference only given her, because her real situation was unknown. But that it was so, had not only been declared by Lucy's eyes at the time, but was declared over again the next morning more openly, for at her particular desire, Lady Middleton set her down in Berkeley Street on the chance of seeing Elinor alone, to tell her how happy she was.

The chance proved a lucky one, for a message from Mrs. Palmer soon after she arrived, carried Mrs. Jennings away.

“My dear friend,” cried Lucy, as soon as they were by themselves, “I come to talk to you of my happiness. Could anything be so flattering as Mrs. Ferrars's way of treating me yesterday? So exceeding affable as she was!—You know how I dreaded the thoughts of seeing her;—but the very moment I was introduced, there was such an affability in her behaviour as really should seem to say, she had quite took a fancy to me. Now was not it so?— You saw it all; and was not you quite struck with it?”

“She was certainly very civil to you.”

“Civil! Did you see nothing but only civility? I saw a vast deal more. Such kindness as fell to the share of nobody but me!—No pride, no hauteur, and your sister just the same—all sweetness and affability!”

Elinor wished to talk of something else, but Lucy still pressed her to own that she had reason for her happiness; and Elinor was obliged to go on.—

“Undoubtedly, if they had known your engagement,” said she, “nothing could be more flattering than their treatment of you;—but as that was not the case”

“I guessed you would say so”—replied Lucy quickly—“but there was no reason in the world why Mrs. Ferrars should seem to like me, if she did not, and her liking me is every thing. You shan’t talk me out of my satisfaction. I am sure it will all end well, and there will be no difficulties at all, to what I used to think. Mrs. Ferrars is a charming woman, and so is your sister. They are both delightful women, indeed!—I wonder I should never hear you say how agreeable Mrs. Dashwood was!”

To this Elinor had no answer to make, and did not attempt any.

“Are you ill, Miss Dashwood? you seem low... you don’t speak; sure you an’t well.”

“I never was in better health.”

“I am glad of it with all my heart; but really you did not look it. I should be sorry to have YOU ill; you, that have been the greatest comfort to me in the world!—Heaven knows what I should have done without your friendship.”—

Elinor tried to make a civil answer, though doubting her own success. But it seemed to satisfy Lucy, for she directly replied,

“Indeed I am perfectly convinced of your regard for me, and next to Edward’s love, it is the greatest comfort I have.—Poor Edward!—But now there is one good thing, we shall be able to meet, and meet pretty often, for Lady Middleton’s delighted with Mrs. Dashwood, so we shall be a good deal in Harley Street, I dare say, and Edward spends half his time with his sister—besides, Lady Middleton and Mrs. Ferrars will visit now;—and Mrs. Ferrars and your sister were both so good to say more than once, they



should always be glad to see me.— They are such charming women! I am sure if ever you tell your sister what I think of her, you cannot speak too high.”

But Elinor would not give her any encouragement to hope that she SHOULD tell her sister. Lucy continued.

“I am sure I should have seen it in a moment, if Mrs. Ferrars had took a dislike to me. If she had only made me a formal courtesy, for instance, without saying a word, and never after had took any notice of me, and never looked at me in a pleasant way—you know what I mean—if I had been treated in that forbidding sort of way, I should have gave it all up in despair. I could not have stood it. For where she DOES dislike, I know it is most violent.”

Elinor was prevented from making any reply to this civil triumph, by the door's being thrown open, the servant's announcing Mr. Ferrars, and Edward's immediately walking in.

It was a very awkward moment; and the countenance of each shewed that it was so. They all looked exceedingly foolish; and Edward seemed to have as great an inclination to walk out of the room again, as to advance farther into it. The very circumstance, in its unpleasantest form, which they would each have been most anxious to avoid, had fallen on them.—They were not only all three together, but were together without the relief of any other person. The ladies recovered themselves first. It was not Lucy's business to put herself forward, and the appearance of secrecy must still be kept up. She could therefore only LOOK her tenderness, and after slightly addressing him, said no more.

But Elinor had more to do; and so anxious was she, for his sake and her own, to do it well, that she forced herself, after a moment's recollection, to welcome him, with a look and manner that were almost easy, and almost open; and another struggle, another effort still improved them. She would not allow the presence of Lucy, nor the consciousness of some injustice towards herself, to deter her from saying that she was happy to see him, and that she had very much regretted being from home, when he called before in Berkeley Street. She would not be frightened from paying him those attentions which, as a friend and almost a relation, were his due,

by the observant eyes of Lucy, though she soon perceived them to be narrowly watching her.

Her manners gave some re-assurance to Edward, and he had courage enough to sit down; but his embarrassment still exceeded that of the ladies in a proportion, which the case rendered reasonable, though his sex might make it rare; for his heart had not the indifference of Lucy's, nor could his conscience have quite the ease of Elinor's.

Lucy, with a demure and settled air, seemed determined to make no contribution to the comfort of the others, and would not say a word; and almost every thing that WAS said, proceeded from Elinor, who was obliged to volunteer all the information about her mother's health, their coming to town, &c. which Edward ought to have inquired about, but never did.

Her exertions did not stop here; for she soon afterwards felt herself so heroically disposed as to determine, under pretence of fetching Marianne, to leave the others by themselves; and she really did it, and THAT in the handsomest manner, for she loitered away several minutes on the landing-place, with the most high-minded fortitude, before she went to her sister. When that was once done, however, it was time for the raptures of Edward to cease; for Marianne's joy hurried her into the drawing-room immediately. Her pleasure in seeing him was like every other of her feelings, strong in itself, and strongly spoken. She met him with a hand that would be taken, and a voice that expressed the affection of a sister.

"Dear Edward!" she cried, "this is a moment of great happiness!— This would almost make amends for every thing?"

Edward tried to return her kindness as it deserved, but before such witnesses he dared not say half what he really felt. Again they all sat down, and for a moment or two all were silent; while Marianne was looking with the most speaking tenderness, sometimes at Edward and sometimes at Elinor, regretting only that their delight in each other should be checked by Lucy's unwelcome presence. Edward was the first to speak, and it was to notice Marianne's altered looks, and express his fear of her not finding London agree with her.

"Oh, don't think of me!" she replied with spirited earnestness, though her eyes were filled with tears as she spoke, "don't think of MY

health. Elinor is well, you see. That must be enough for us both.”

This remark was not calculated to make Edward or Elinor more easy, nor to conciliate the good will of Lucy, who looked up at Marianne with no very benignant expression.

“Do you like London?” said Edward, willing to say any thing that might introduce another subject.

“Not at all. I expected much pleasure in it, but I have found none. The sight of you, Edward, is the only comfort it has afforded; and thank Heaven! you are what you always were!”

She paused, no one spoke.

“I think, Elinor,” she presently added, “we must employ Edward to take care of us in our return to Barton. In a week or two, I suppose, we shall be going; and, I trust, Edward will not be very unwilling to accept the charge.”

Poor Edward muttered something, but what it was, nobody knew, not even himself. But Marianne, who saw his agitation, and could easily trace it to whatever cause best pleased herself, was perfectly satisfied, and soon talked of something else.

“We spent such a day, Edward, in Harley Street yesterday! So dull, so wretchedly dull!—But I have much to say to you on that head, which cannot be said now.”

And with this admirable discretion did she defer the assurance of her finding their mutual relatives more disagreeable than ever, and of her being particularly disgusted with his mother, till they were more in private.

“But why were you not there, Edward?—Why did you not come?”

“I was engaged elsewhere.”

“Engaged! But what was that, when such friends were to be met?”

“Perhaps, Miss Marianne,” cried Lucy, eager to take some revenge on her, “you think young men never stand upon engagements, if they have no mind to keep them, little as well as great.”

Elinor was very angry, but Marianne seemed entirely insensible of the sting; for she calmly replied,

“Not so, indeed; for, seriously speaking, I am very sure that conscience only kept Edward from Harley Street. And I really believe he HAS the most delicate conscience in the world; the most scrupulous in performing every engagement, however minute, and however it may make against his interest or pleasure. He is the most fearful of giving pain, of wounding expectation, and the most incapable of being selfish, of any body I ever saw. Edward, it is so, and I will say it. What! are you never to hear yourself praised!—Then you must be no friend of mine; for those who will accept of my love and esteem, must submit to my open commendation.”

The nature of her commendation, in the present case, however, happened to be particularly ill-suited to the feelings of two thirds of her auditors, and was so very unexhilarating to Edward, that he very soon got up to go away.

“Going so soon!” said Marianne; “my dear Edward, this must not be.”

And drawing him a little aside, she whispered her persuasion that Lucy could not stay much longer. But even this encouragement failed, for he would go; and Lucy, who would have outstaid him, had his visit lasted two hours, soon afterwards went away.

“What can bring her here so often?” said Marianne, on her leaving them. “Could not she see that we wanted her gone!—how teasing to Edward!”

“Why so?—we were all his friends, and Lucy has been the longest known to him of any. It is but natural that he should like to see her as well as ourselves.”

Marianne looked at her steadily, and said, “You know, Elinor, that this is a kind of talking which I cannot bear. If you only hope to have your assertion contradicted, as I must suppose to be the case, you ought to recollect that I am the last person in the world to do it. I cannot descend to be tricked out of assurances, that are not really wanted.”

She then left the room; and Elinor dared not follow her to say more, for bound as she was by her promise of secrecy to Lucy, she could give no information that would convince Marianne; and painful as the consequences of her still continuing in an error might be, she was obliged

to submit to it. All that she could hope, was that Edward would not often expose her or himself to the distress of hearing Marianne's mistaken warmth, nor to the repetition of any other part of the pain that had attended their recent meeting—and this she had every reason to expect.

## CHAPTER 36

Within a few days after this meeting, the newspapers announced to the world, that the lady of Thomas Palmer, Esq. was safely delivered of a son and heir; a very interesting and satisfactory paragraph, at least to all those intimate connections who knew it before.

This event, highly important to Mrs. Jennings's happiness, produced a temporary alteration in the disposal of her time, and influenced, in a like degree, the engagements of her young friends; for as she wished to be as much as possible with Charlotte, she went thither every morning as soon as she was dressed, and did not return till late in the evening; and the Miss Dashwoods, at the particular request of the Middletons, spent the whole of every day, in every day in Conduit Street. For their own comfort they would much rather have remained, at least all the morning, in Mrs. Jennings's house; but it was not a thing to be urged against the wishes of everybody. Their hours were therefore made over to Lady Middleton and the two Miss Steeles, by whom their company, in fact was as little valued, as it was professedly sought.

They had too much sense to be desirable companions to the former; and by the latter they were considered with a jealous eye, as intruding on THEIR ground, and sharing the kindness which they wanted to monopolize. Though nothing could be more polite than Lady Middleton's behaviour to Elinor and Marianne, she did not really like them at all. Because they neither flattered herself nor her children, she could not believe them good-natured; and because they were fond of reading, she fancied them satirical: perhaps without exactly knowing what it was to be satirical; but THAT did not signify. It was censure in common use, and easily given.

Their presence was a restraint both on her and on Lucy. It checked the idleness of one, and the business of the other. Lady Middleton was ashamed of doing nothing before them, and the flattery which Lucy was proud to think of and administer at other times, she feared they would despise her for offering. Miss Steele was the least discomposed of the three,

by their presence; and it was in their power to reconcile her to it entirely. Would either of them only have given her a full and minute account of the whole affair between Marianne and Mr. Willoughby, she would have thought herself amply rewarded for the sacrifice of the best place by the fire after dinner, which their arrival occasioned. But this conciliation was not granted; for though she often threw out expressions of pity for her sister to Elinor, and more than once dropt a reflection on the inconstancy of beaux before Marianne, no effect was produced, but a look of indifference from the former, or of disgust in the latter. An effort even yet lighter might have made her their friend. Would they only have laughed at her about the Doctor! But so little were they, anymore than the others, inclined to oblige her, that if Sir John dined from home, she might spend a whole day without hearing any other raillery on the subject, than what she was kind enough to bestow on herself.

All these jealousies and discontents, however, were so totally unsuspected by Mrs. Jennings, that she thought it a delightful thing for the girls to be together; and generally congratulated her young friends every night, on having escaped the company of a stupid old woman so long. She joined them sometimes at Sir John's, sometimes at her own house; but wherever it was, she always came in excellent spirits, full of delight and importance, attributing Charlotte's well doing to her own care, and ready to give so exact, so minute a detail of her situation, as only Miss Steele had curiosity enough to desire. One thing DID disturb her; and of that she made her daily complaint. Mr. Palmer maintained the common, but unfatherly opinion among his sex, of all infants being alike; and though she could plainly perceive, at different times, the most striking resemblance between this baby and every one of his relations on both sides, there was no convincing his father of it; no persuading him to believe that it was not exactly like every other baby of the same age; nor could he even be brought to acknowledge the simple proposition of its being the finest child in the world.

I come now to the relation of a misfortune, which about this time befell Mrs. John Dashwood. It so happened that while her two sisters with Mrs. Jennings were first calling on her in Harley Street, another of her acquaintance had dropt in—a circumstance in itself not apparently likely

to produce evil to her. But while the imaginations of other people will carry them away to form wrong judgments of our conduct, and to decide on it by slight appearances, one's happiness must in some measure be always at the mercy of chance. In the present instance, this last-arrived lady allowed her fancy to so far outrun truth and probability, that on merely hearing the name of the Miss Dashwoods, and understanding them to be Mr. Dashwood's sisters, she immediately concluded them to be staying in Harley Street; and this misconstruction produced within a day or two afterwards, cards of invitation for them as well as for their brother and sister, to a small musical party at her house. The consequence of which was, that Mrs. John Dashwood was obliged to submit not only to the exceedingly great inconvenience of sending her carriage for the Miss Dashwoods, but, what was still worse, must be subject to all the unpleasantness of appearing to treat them with attention: and who could tell that they might not expect to go out with her a second time? The power of disappointing them, it was true, must always be her's. But that was not enough; for when people are determined on a mode of conduct which they know to be wrong, they feel injured by the expectation of any thing better from them.

Marianne had now been brought by degrees, so much into the habit of going out every day, that it was become a matter of indifference to her, whether she went or not: and she prepared quietly and mechanically for every evening's engagement, though without expecting the smallest amusement from any, and very often without knowing, till the last moment, where it was to take her.

To her dress and appearance she was grown so perfectly indifferent, as not to bestow half the consideration on it, during the whole of her toilet, which it received from Miss Steele in the first five minutes of their being together, when it was finished. Nothing escaped HER minute observation and general curiosity; she saw every thing, and asked every thing; was never easy till she knew the price of every part of Marianne's dress; could have guessed the number of her gowns altogether with better judgment than Marianne herself, and was not without hopes of finding out before they parted, how much her washing cost per week, and how much she had every year to spend upon herself. The impertinence of these kind of



scrutinies, moreover, was generally concluded with a compliment, which though meant as its *douceur*, was considered by Marianne as the greatest impertinence of all; for after undergoing an examination into the value and make of her gown, the colour of her shoes, and the arrangement of her hair, she was almost sure of being told that upon “her word she looked vastly smart, and she dared to say she would make a great many conquests.”

With such encouragement as this, was she dismissed on the present occasion, to her brother’s carriage; which they were ready to enter five minutes after it stopped at the door, a punctuality not very agreeable to their sister-in-law, who had preceded them to the house of her acquaintance, and was there hoping for some delay on their part that might inconvenience either herself or her coachman.

The events of this evening were not very remarkable. The party, like other musical parties, comprehended a great many people who had real taste for the performance, and a great many more who had none at all; and the performers themselves were, as usual, in their own estimation, and that of their immediate friends, the first private performers in England.

As Elinor was neither musical, nor affecting to be so, she made no scruple of turning her eyes from the grand pianoforte, whenever it suited her, and unrestrained even by the presence of a harp, and violoncello, would fix them at pleasure on any other object in the room. In one of these excursive glances she perceived among a group of young men, the very he, who had given them a lecture on toothpick-cases at Gray’s. She perceived him soon afterwards looking at herself, and speaking familiarly to her brother; and had just determined to find out his name from the latter, when they both came towards her, and Mr. Dashwood introduced him to her as Mr. Robert Ferrars.

He addressed her with easy civility, and twisted his head into a bow which assured her as plainly as words could have done, that he was exactly the coxcomb she had heard him described to be by Lucy. Happy had it been for her, if her regard for Edward had depended less on his own merit, than on the merit of his nearest relations! For then his brother’s bow must have given the finishing stroke to what the ill-humour of his mother and sister would have begun. But while she wondered at the difference of the two young men, she did not find that the emptiness of conceit of the

one, put her out of all charity with the modesty and worth of the other. Why they WERE different, Robert exclaimed to her himself in the course of a quarter of an hour's conversation; for, talking of his brother, and lamenting the extreme GAUCHERIE which he really believed kept him from mixing in proper society, he candidly and generously attributed it much less to any natural deficiency, than to the misfortune of a private education; while he himself, though probably without any particular, any material superiority by nature, merely from the advantage of a public school, was as well fitted to mix in the world as any other man.

“Upon my soul,” he added, “I believe it is nothing more; and so I often tell my mother, when she is grieving about it. ‘My dear Madam,’ I always say to her, ‘you must make yourself easy. The evil is now irremediable, and it has been entirely your own doing. Why would you be persuaded by my uncle, Sir Robert, against your own judgment, to place Edward under private tuition, at the most critical time of his life? If you had only sent him to Westminster as well as myself, instead of sending him to Mr. Pratt’s, all this would have been prevented.’ This is the way in which I always consider the matter, and my mother is perfectly convinced of her error.”

Elinor would not oppose his opinion, because, whatever might be her general estimation of the advantage of a public school, she could not think of Edward’s abode in Mr. Pratt’s family, with any satisfaction.

“You reside in Devonshire, I think,” was his next observation, “in a cottage near Dawlish.”

Elinor set him right as to its situation; and it seemed rather surprising to him that anybody could live in Devonshire, without living near Dawlish. He bestowed his hearty approbation however on their species of house.

“For my own part,” said he, “I am excessively fond of a cottage; there is always so much comfort, so much elegance about them. And I protest, if I had any money to spare, I should buy a little land and build one myself, within a short distance of London, where I might drive myself down at any time, and collect a few friends about me, and be happy. I advise every body who is going to build, to build a cottage. My friend Lord Courtland came to me the other day on purpose to ask my advice, and laid before me

three different plans of Bonomi's. I was to decide on the best of them. 'My dear Courtland,' said I, immediately throwing them all into the fire, 'do not adopt either of them, but by all means build a cottage.' And that I fancy, will be the end of it.

"Some people imagine that there can be no accommodations, no space in a cottage; but this is all a mistake. I was last month at my friend Elliott's, near Dartford. Lady Elliott wished to give a dance. 'But how can it be done?' said she; 'my dear Ferrars, do tell me how it is to be managed. There is not a room in this cottage that will hold ten couple, and where can the supper be?' I immediately saw that there could be no difficulty in it, so I said, 'My dear Lady Elliott, do not be uneasy. The dining parlour will admit eighteen couple with ease; card-tables may be placed in the drawing-room; the library may be open for tea and other refreshments; and let the supper be set out in the saloon.' Lady Elliott was delighted with the thought. We measured the dining-room, and found it would hold exactly eighteen couple, and the affair was arranged precisely after my plan. So that, in fact, you see, if people do but know how to set about it, every comfort may be as well enjoyed in a cottage as in the most spacious dwelling."

Elinor agreed to it all, for she did not think he deserved the compliment of rational opposition.

As John Dashwood had no more pleasure in music than his eldest sister, his mind was equally at liberty to fix on any thing else; and a thought struck him during the evening, which he communicated to his wife, for her approbation, when they got home. The consideration of Mrs. Dennison's mistake, in supposing his sisters their guests, had suggested the propriety of their being really invited to become such, while Mrs. Jennings's engagements kept her from home. The expense would be nothing, the inconvenience not more; and it was altogether an attention which the delicacy of his conscience pointed out to be requisite to its complete enfranchisement from his promise to his father. Fanny was startled at the proposal.

"I do not see how it can be done," said she, "without affronting Lady Middleton, for they spend every day with her; otherwise I should be exceedingly glad to do it. You know I am always ready to pay them any

attention in my power, as my taking them out this evening shews. But they are Lady Middleton's visitors. How can I ask them away from her?"

Her husband, but with great humility, did not see the force of her objection. "They had already spent a week in this manner in Conduit Street, and Lady Middleton could not be displeased at their giving the same number of days to such near relations."

Fanny paused a moment, and then, with fresh vigor, said,

"My love I would ask them with all my heart, if it was in my power. But I had just settled within myself to ask the Miss Steeles to spend a few days with us. They are very well behaved, good kind of girls; and I think the attention is due to them, as their uncle did so very well by Edward. We can ask your sisters some other year, you know; but the Miss Steeles may not be in town any more. I am sure you will like them; indeed, you DO like them, you know, very much already, and so does my mother; and they are such favourites with Harry!"

Mr. Dashwood was convinced. He saw the necessity of inviting the Miss Steeles immediately, and his conscience was pacified by the resolution of inviting his sisters another year; at the same time, however, slyly suspecting that another year would make the invitation needless, by bringing Elinor to town as Colonel Brandon's wife, and Marianne as THEIR visitor.

Fanny, rejoicing in her escape, and proud of the ready wit that had procured it, wrote the next morning to Lucy, to request her company and her sister's, for some days, in Harley Street, as soon as Lady Middleton could spare them. This was enough to make Lucy really and reasonably happy. Mrs. Dashwood seemed actually working for her, herself; cherishing all her hopes, and promoting all her views! Such an opportunity of being with Edward and his family was, above all things, the most material to her interest, and such an invitation the most gratifying to her feelings! It was an advantage that could not be too gratefully acknowledged, nor too speedily made use of; and the visit to Lady Middleton, which had not before had any precise limits, was instantly discovered to have been always meant to end in two days' time.

When the note was shown to Elinor, as it was within ten minutes after its arrival, it gave her, for the first time, some share in the expectations of Lucy; for such a mark of uncommon kindness, vouchsafed on so short an acquaintance, seemed to declare that the good-will towards her arose from something more than merely malice against herself; and might be brought, by time and address, to do every thing that Lucy wished. Her flattery had already subdued the pride of Lady Middleton, and made an entry into the close heart of Mrs. John Dashwood; and these were effects that laid open the probability of greater.

The Miss Steeles removed to Harley Street, and all that reached Elinor of their influence there, strengthened her expectation of the event. Sir John, who called on them more than once, brought home such accounts of the favour they were in, as must be universally striking. Mrs. Dashwood had never been so much pleased with any young women in her life, as she was with them; had given each of them a needle book made by some emigrant; called Lucy by her Christian name; and did not know whether she should ever be able to part with them.

## CHAPTER 37

Mrs. Palmer was so well at the end of a fortnight, that her mother felt it no longer necessary to give up the whole of her time to her; and, contenting herself with visiting her once or twice a day, returned from that period to her own home, and her own habits, in which she found the Miss Dashwoods very ready to resume their former share.

About the third or fourth morning after their being thus resettled in Berkeley Street, Mrs. Jennings, on returning from her ordinary visit to Mrs. Palmer, entered the drawing-room, where Elinor was sitting by herself, with an air of such hurrying importance as prepared her to hear something wonderful; and giving her time only to form that idea, began directly to justify it, by saying,

“Lord! my dear Miss Dashwood! have you heard the news?”

“No, ma’am. What is it?”

“Something so strange! But you shall hear it all.— When I got to Mr. Palmer’s, I found Charlotte quite in a fuss about the child. She was sure it was very ill—it cried, and fretted, and was all over pimples. So I looked at it directly, and, ‘Lord! my dear,’ says I, ‘it is nothing in the world, but the red gum—’ and nurse said just the same. But Charlotte, she would not be satisfied, so Mr. Donovan was sent for; and luckily he happened to just come in from Harley Street, so he stepped over directly, and as soon as ever he saw the child, he said just as we did, that it was nothing in the world but the red gum, and then Charlotte was easy. And so, just as he was going away again, it came into my head, I am sure I do not know how I happened to think of it, but it came into my head to ask him if there was any news. So upon that, he smirked, and simpered, and looked grave, and seemed to know something or other, and at last he said in a whisper, ‘For fear any unpleasant report should reach the young ladies under your care as to their sister’s indisposition, I think it advisable to say, that I believe there is no great reason for alarm; I hope Mrs. Dashwood will do very well.’”

“What! is Fanny ill?”

“That is exactly what I said, my dear. ‘Lord!’ says I, ‘is Mrs. Dashwood ill?’ So then it all came out; and the long and the short of the matter, by all I can learn, seems to be this. Mr. Edward Ferrars, the very young man I used to joke with you about (but however, as it turns out, I am monstrous glad there was never any thing in it), Mr. Edward Ferrars, it seems, has been engaged above this twelvemonth to my cousin Lucy! There’s for you, my dear! And not a creature knowing a syllable of the matter, except Nancy! Could you have believed such a thing possible?—There is no great wonder in their liking one another; but that matters should be brought so forward between them, and nobody suspect it! THAT is strange! I never happened to see them together, or I am sure I should have found it out directly. Well, and so this was kept a great secret, for fear of Mrs. Ferrars, and neither she nor your brother or sister suspected a word of the matter; till this very morning, poor Nancy, who, you know, is a well-meaning creature, but no conjurer, popt it all out. ‘Lord!’ thinks she to herself, ‘they are all so fond of Lucy, to be sure they will make no difficulty about it;’ and so, away she went to your sister, who was sitting all alone at her carpet-work, little suspecting what was to come—for she had just been saying to your brother, only five minutes before, that she thought to make a match between Edward and some Lord’s daughter or other, I forget who. So you may think what a blow it was to all her vanity and pride. She fell into violent hysterics immediately, with such screams as reached your brother’s ears, as he was sitting in his own dressing-room down stairs, thinking about writing a letter to his steward in the country. So up he flew directly, and a terrible scene took place, for Lucy was come to them by that time, little dreaming what was going on. Poor soul! I pity HER. And I must say, I think she was used very hardly; for your sister scolded like any fury, and soon drove her into a fainting fit. Nancy, she fell upon her knees, and cried bitterly; and your brother, he walked about the room, and said he did not know what to do. Mrs. Dashwood declared they should not stay a minute longer in the house, and your brother was forced to go down upon HIS knees too, to persuade her to let them stay till they had packed up their clothes. THEN she fell into hysterics again, and he was so frightened that he would send for Mr. Donovan, and Mr. Donovan found the house in all this uproar. The carriage was at the door ready to take my poor cousins away, and they were just stepping in as he came off; poor Lucy in such a

condition, he says, she could hardly walk; and Nancy, she was almost as bad. I declare, I have no patience with your sister; and I hope, with all my heart, it will be a match in spite of her. Lord! what a taking poor Mr. Edward will be in when he hears of it! To have his love used so scornfully! for they say he is monstrous fond of her, as well he may. I should not wonder, if he was to be in the greatest passion!—and Mr. Donavan thinks just the same. He and I had a great deal of talk about it; and the best of all is, that he is gone back again to Harley Street, that he may be within call when Mrs. Ferrars is told of it, for she was sent for as soon as ever my cousins left the house, for your sister was sure SHE would be in hysterics too; and so she may, for what I care. I have no pity for either of them. I have no notion of people's making such a to-do about money and greatness. There is no reason on earth why Mr. Edward and Lucy should not marry; for I am sure Mrs. Ferrars may afford to do very well by her son, and though Lucy has next to nothing herself, she knows better than any body how to make the most of every thing; I dare say, if Mrs. Ferrars would only allow him five hundred a-year, she would make as good an appearance with it as any body else would with eight. Lord! how snug they might live in such another cottage as yours—or a little bigger—with two maids, and two men; and I believe I could help them to a housemaid, for my Betty has a sister out of place, that would fit them exactly.”

Here Mrs. Jennings ceased, and as Elinor had had time enough to collect her thoughts, she was able to give such an answer, and make such observations, as the subject might naturally be supposed to produce. Happy to find that she was not suspected of any extraordinary interest in it; that Mrs. Jennings (as she had of late often hoped might be the case) had ceased to imagine her at all attached to Edward; and happy above all the rest, in the absence of Marianne, she felt very well able to speak of the affair without embarrassment, and to give her judgment, as she believed, with impartiality on the conduct of every one concerned in it.

She could hardly determine what her own expectation of its event really was; though she earnestly tried to drive away the notion of its being possible to end otherwise at last, than in the marriage of Edward and Lucy. What Mrs. Ferrars would say and do, though there could not be a doubt of its nature, she was anxious to hear; and still more anxious to know how



Edward would conduct himself. For HIM she felt much compassion;—for Lucy very little—and it cost her some pains to procure that little;—for the rest of the party none at all.

As Mrs. Jennings could talk on no other subject, Elinor soon saw the necessity of preparing Marianne for its discussion. No time was to be lost in undeceiving her, in making her acquainted with the real truth, and in endeavouring to bring her to hear it talked of by others, without betraying that she felt any uneasiness for her sister, or any resentment against Edward.

Elinor's office was a painful one.—She was going to remove what she really believed to be her sister's chief consolation,—to give such particulars of Edward as she feared would ruin him for ever in her good opinion,—and to make Marianne, by a resemblance in their situations, which to HER fancy would seem strong, feel all her own disappointment over again. But unwelcome as such a task must be, it was necessary to be done, and Elinor therefore hastened to perform it.

She was very far from wishing to dwell on her own feelings, or to represent herself as suffering much, any otherwise than as the self-command she had practised since her first knowledge of Edward's engagement, might suggest a hint of what was practicable to Marianne. Her narration was clear and simple; and though it could not be given without emotion, it was not accompanied by violent agitation, nor impetuous grief.—THAT belonged rather to the hearer, for Marianne listened with horror, and cried excessively. Elinor was to be the comforter of others in her own distresses, no less than in theirs; and all the comfort that could be given by assurances of her own composure of mind, and a very earnest vindication of Edward from every charge but of imprudence, was readily offered.

But Marianne for some time would give credit to neither. Edward seemed a second Willoughby; and acknowledging as Elinor did, that she HAD loved him most sincerely, could she feel less than herself! As for Lucy Steele, she considered her so totally unamiable, so absolutely incapable of attaching a sensible man, that she could not be persuaded at first to believe, and afterwards to pardon, any former affection of Edward for her. She would not even admit it to have been natural; and Elinor left her to be

convinced that it was so, by that which only could convince her, a better knowledge of mankind.

Her first communication had reached no farther than to state the fact of the engagement, and the length of time it had existed. Marianne's feelings had then broken in, and put an end to all regularity of detail; and for some time all that could be done was to soothe her distress, lessen her alarms, and combat her resentment. The first question on her side, which led to farther particulars, was,

“How long has this been known to you, Elinor? has he written to you?”

“I have known it these four months. When Lucy first came to Barton Park last November, she told me in confidence of her engagement.”

At these words, Marianne's eyes expressed the astonishment which her lips could not utter. After a pause of wonder, she exclaimed:

“Four months! Have you known of this four months?”

Elinor confirmed it.

“What!—while attending me in all my misery, has this been on your heart?—And I have reproached you for being happy!”

“It was not fit that you should then know how much I was the reverse!”

“Four months!”, cried Marianne again.—“So calm!—so cheerful!—how have you been supported?”

“By feeling that I was doing my duty.—My promise to Lucy, obliged me to be secret. I owed it to her, therefore, to avoid giving any hint of the truth; and I owed it to my family and friends, not to create in them a solicitude about me, which it could not be in my power to satisfy.”

Marianne seemed much struck.

“I have very often wished to undeceive yourself and my mother,” added Elinor; “and once or twice I have attempted it; but without betraying my trust, I never could have convinced you.”

“Four months! and yet you loved him!”

“Yes. But I did not love only him;—and while the comfort of others was dear to me, I was glad to spare them from knowing how much I felt.

Now, I can think and speak of it with little emotion. I would not have you suffer on my account; for I assure you I no longer suffer materially myself. I have many things to support me. I am not conscious of having provoked the disappointment by any imprudence of my own, I have borne it as much as possible without spreading it farther. I acquit Edward of essential misconduct. I wish him very happy; and I am so sure of his always doing his duty, that though now he may harbour some regret, in the end he must become so. Lucy does not want sense, and that is the foundation on which every thing good may be built.—And after all, Marianne, after all that is bewitching in the idea of a single and constant attachment, and all that can be said of one's happiness depending entirely on any particular person, it is not meant—it is not fit—it is not possible that it should be so.— Edward will marry Lucy; he will marry a woman superior in person and understanding to half her sex; and time and habit will teach him to forget that he ever thought another superior to HER.”

“If such is your way of thinking,” said Marianne, “if the loss of what is most valued is so easily to be made up by something else, your resolution, your self-command, are, perhaps, a little less to be wondered at. They are brought more within my comprehension.”

“I understand you. You do not suppose that I have ever felt much. For four months, Marianne, I have had all this hanging on my mind, without being at liberty to speak of it to a single creature; knowing that it would make you and my mother most unhappy whenever it were explained to you, yet unable to prepare you for it in the least.— It was told me, it was in a manner forced on me by the very person herself, whose prior engagement ruined all my prospects; and told me, as I thought, with triumph.— This person's suspicions, therefore, I have had to oppose, by endeavouring to appear indifferent where I have been most deeply interested;—and it has not been only once;—I have had her hopes and exultation to listen to again and again.— I have known myself to be divided from Edward for ever, without hearing one circumstance that could make me less desire the connection.—Nothing has proved him unworthy; nor has anything declared him indifferent to me.— I have had to contend against the unkindness of his sister, and the insolence of his mother; and have suffered the punishment of an attachment, without enjoying its advantages.

— And all this has been going on at a time, when, as you know too well, it has not been my only unhappiness.— If you can think me capable of ever feeling—surely you may suppose that I have suffered NOW. The composure of mind with which I have brought myself at present to consider the matter, the consolation that I have been willing to admit, have been the effect of constant and painful exertion;—they did not spring up of themselves;—they did not occur to relieve my spirits at first.— No, Marianne.—THEN, if I had not been bound to silence, perhaps nothing could have kept me entirely—not even what I owed to my dearest friends—from openly shewing that I was VERY unhappy.”

Marianne was quite subdued.

“Oh! Elinor,” she cried, “you have made me hate myself for ever. How barbarous have I been to you! you, who have been my only comfort, who have borne with me in all my misery, who have seemed to be only suffering for me!—Is this my gratitude? Is this the only return I can make you? Because your merit cries out upon myself, I have been trying to do it away.”

The tenderest caresses followed this confession. In such a frame of mind as she was now in, Elinor had no difficulty in obtaining from her whatever promise she required; and at her request, Marianne engaged never to speak of the affair to any one with the least appearance of bitterness;—to meet Lucy without betraying the smallest increase of dislike to her;—and even to see Edward himself, if chance should bring them together, without any diminution of her usual cordiality.— These were great concessions;—but where Marianne felt that she had injured, no reparation could be too much for her to make.

She performed her promise of being discreet, to admiration.—She attended to all that Mrs. Jennings had to say upon the subject, with an unchanging complexion, dissented from her in nothing, and was heard three times to say, “Yes, ma’am.”—She listened to her praise of Lucy with only moving from one chair to another, and when Mrs. Jennings talked of Edward’s affection, it cost her only a spasm in her throat.—Such advances towards heroism in her sister, made Elinor feel equal to any thing herself.

The next morning brought a farther trial of it, in a visit from their brother, who came with a most serious aspect to talk over the dreadful

affair, and bring them news of his wife.

“You have heard, I suppose,” said he with great solemnity, as soon as he was seated, “of the very shocking discovery that took place under our roof yesterday.”

They all looked their assent; it seemed too awful a moment for speech.

“Your sister,” he continued, “has suffered dreadfully. Mrs. Ferrars too—in short it has been a scene of such complicated distress—but I will hope that the storm may be weathered without our being any of us quite overcome. Poor Fanny! she was in hysterics all yesterday. But I would not alarm you too much. Donovan says there is nothing materially to be apprehended; her constitution is a good one, and her resolution equal to any thing. She has borne it all, with the fortitude of an angel! She says she never shall think well of anybody again; and one cannot wonder at it, after being so deceived!—meeting with such ingratitude, where so much kindness had been shewn, so much confidence had been placed! It was quite out of the benevolence of her heart, that she had asked these young women to her house; merely because she thought they deserved some attention, were harmless, well-behaved girls, and would be pleasant companions; for otherwise we both wished very much to have invited you and Marianne to be with us, while your kind friend there, was attending her daughter. And now to be so rewarded! ‘I wish, with all my heart,’ says poor Fanny in her affectionate way, ‘that we had asked your sisters instead of them.’”

Here he stopped to be thanked; which being done, he went on.

“What poor Mrs. Ferrars suffered, when first Fanny broke it to her, is not to be described. While she with the truest affection had been planning a most eligible connection for him, was it to be supposed that he could be all the time secretly engaged to another person!—such a suspicion could never have entered her head! If she suspected ANY prepossession elsewhere, it could not be in THAT quarter. ‘THERE, to be sure,’ said she, ‘I might have thought myself safe.’ She was quite in an agony. We consulted together, however, as to what should be done, and at last she determined to send for Edward. He came. But I am sorry to relate what ensued. All that Mrs. Ferrars could say to make him put an end to the engagement, assisted

too as you may well suppose by my arguments, and Fanny's entreaties, was of no avail. Duty, affection, every thing was disregarded. I never thought Edward so stubborn, so unfeeling before. His mother explained to him her liberal designs, in case of his marrying Miss Morton; told him she would settle on him the Norfolk estate, which, clear of land-tax, brings in a good thousand a-year; offered even, when matters grew desperate, to make it twelve hundred; and in opposition to this, if he still persisted in this low connection, represented to him the certain penury that must attend the match. His own two thousand pounds she protested should be his all; she would never see him again; and so far would she be from affording him the smallest assistance, that if he were to enter into any profession with a view of better support, she would do all in her power to prevent him advancing in it."

Here Marianne, in an ecstasy of indignation, clapped her hands together, and cried, "Gracious God! can this be possible!"

"Well may you wonder, Marianne," replied her brother, "at the obstinacy which could resist such arguments as these. Your exclamation is very natural."

Marianne was going to retort, but she remembered her promises, and forbore.

"All this, however," he continued, "was urged in vain. Edward said very little; but what he did say, was in the most determined manner. Nothing should prevail on him to give up his engagement. He would stand to it, cost him what it might."

"Then," cried Mrs. Jennings with blunt sincerity, no longer able to be silent, "he has acted like an honest man! I beg your pardon, Mr. Dashwood, but if he had done otherwise, I should have thought him a rascal. I have some little concern in the business, as well as yourself, for Lucy Steele is my cousin, and I believe there is not a better kind of girl in the world, nor one who more deserves a good husband."

John Dashwood was greatly astonished; but his nature was calm, not open to provocation, and he never wished to offend anybody, especially anybody of good fortune. He therefore replied, without any resentment,

“I would by no means speak disrespectfully of any relation of yours, madam. Miss Lucy Steele is, I dare say, a very deserving young woman, but in the present case you know, the connection must be impossible. And to have entered into a secret engagement with a young man under her uncle’s care, the son of a woman especially of such very large fortune as Mrs. Ferrars, is perhaps, altogether a little extraordinary. In short, I do not mean to reflect upon the behaviour of any person whom you have a regard for, Mrs. Jennings. We all wish her extremely happy; and Mrs. Ferrars’s conduct throughout the whole, has been such as every conscientious, good mother, in like circumstances, would adopt. It has been dignified and liberal. Edward has drawn his own lot, and I fear it will be a bad one.”

Marianne sighed out her similar apprehension; and Elinor’s heart wrung for the feelings of Edward, while braving his mother’s threats, for a woman who could not reward him.

“Well, sir,” said Mrs. Jennings, “and how did it end?”

“I am sorry to say, ma’am, in a most unhappy rupture:— Edward is dismissed for ever from his mother’s notice. He left her house yesterday, but where he is gone, or whether he is still in town, I do not know; for WE of course can make no inquiry.”

“Poor young man! and what is to become of him?”

“What, indeed, ma’am! It is a melancholy consideration. Born to the prospect of such affluence! I cannot conceive a situation more deplorable. The interest of two thousand poundshow can a man live on it? and when to that is added the recollection, that he might, but for his own folly, within three months have been in the receipt of two thousand, five hundred a-year (for Miss Morton has thirty thousand pounds,) I cannot picture to myself a more wretched condition. We must all feel for him; and the more so, because it is totally out of our power to assist him.”

“Poor young man!” cried Mrs. Jennings, “I am sure he should be very welcome to bed and board at my house; and so I would tell him if I could see him. It is not fit that he should be living about at his own charge now, at lodgings and taverns.”

Elinor's heart thanked her for such kindness towards Edward, though she could not forbear smiling at the form of it.

"If he would only have done as well by himself," said John Dashwood, "as all his friends were disposed to do by him, he might now have been in his proper situation, and would have wanted for nothing. But as it is, it must be out of anybody's power to assist him. And there is one thing more preparing against him, which must be worse than all—his mother has determined, with a very natural kind of spirit, to settle THAT estate upon Robert immediately, which might have been Edward's, on proper conditions. I left her this morning with her lawyer, talking over the business."

"Well!" said Mrs. Jennings, "that is HER revenge. Everybody has a way of their own. But I don't think mine would be, to make one son independent, because another had plagued me."

Marianne got up and walked about the room.

"Can anything be more galling to the spirit of a man," continued John, "than to see his younger brother in possession of an estate which might have been his own? Poor Edward! I feel for him sincerely."

A few minutes more spent in the same kind of effusion, concluded his visit; and with repeated assurances to his sisters that he really believed there was no material danger in Fanny's indisposition, and that they need not therefore be very uneasy about it, he went away; leaving the three ladies unanimous in their sentiments on the present occasion, as far at least as it regarded Mrs. Ferrars's conduct, the Dashwoods', and Edward's.

Marianne's indignation burst forth as soon as he quitted the room; and as her vehemence made reserve impossible in Elinor, and unnecessary in Mrs. Jennings, they all joined in a very spirited critique upon the party.



## CHAPTER 38

Mrs. Jennings was very warm in her praise of Edward's conduct, but only Elinor and Marianne understood its true merit. THEY only knew how little he had had to tempt him to be disobedient, and how small was the consolation, beyond the consciousness of doing right, that could remain to him in the loss of friends and fortune. Elinor gloried in his integrity; and Marianne forgave all his offences in compassion for his punishment. But though confidence between them was, by this public discovery, restored to its proper state, it was not a subject on which either of them were fond of dwelling when alone. Elinor avoided it upon principle, as tending to fix still more upon her thoughts, by the too warm, too positive assurances of Marianne, that belief of Edward's continued affection for herself which she rather wished to do away; and Marianne's courage soon failed her, in trying to converse upon a topic which always left her more dissatisfied with herself than ever, by the comparison it necessarily produced between Elinor's conduct and her own.

She felt all the force of that comparison; but not as her sister had hoped, to urge her to exertion now; she felt it with all the pain of continual self-reproach, regretted most bitterly that she had never exerted herself before; but it brought only the torture of penitence, without the hope of amendment. Her mind was so much weakened that she still fancied present exertion impossible, and therefore it only dispirited her more.

Nothing new was heard by them, for a day or two afterwards, of affairs in Harley Street, or Bartlett's Buildings. But though so much of the matter was known to them already, that Mrs. Jennings might have had enough to do in spreading that knowledge farther, without seeking after more, she had resolved from the first to pay a visit of comfort and inquiry to her cousins as soon as she could; and nothing but the hindrance of more visitors than usual, had prevented her going to them within that time.

The third day succeeding their knowledge of the particulars, was so fine, so beautiful a Sunday as to draw many to Kensington Gardens, though it was only the second week in March. Mrs. Jennings and Elinor

were of the number; but Marianne, who knew that the Willoughbys were again in town, and had a constant dread of meeting them, chose rather to stay at home, than venture into so public a place.

An intimate acquaintance of Mrs. Jennings joined them soon after they entered the Gardens, and Elinor was not sorry that by her continuing with them, and engaging all Mrs. Jennings's conversation, she was herself left to quiet reflection. She saw nothing of the Willoughbys, nothing of Edward, and for some time nothing of anybody who could by any chance whether grave or gay, be interesting to her. But at last she found herself with some surprise, accosted by Miss Steele, who, though looking rather shy, expressed great satisfaction in meeting them, and on receiving encouragement from the particular kindness of Mrs. Jennings, left her own party for a short time, to join their's. Mrs. Jennings immediately whispered to Elinor,

“Get it all out of her, my dear. She will tell you any thing if you ask. You see I cannot leave Mrs. Clarke.”

It was lucky, however, for Mrs. Jennings's curiosity and Elinor's too, that she would tell any thing without being asked; for nothing would otherwise have been learnt.

“I am so glad to meet you;” said Miss Steele, taking her familiarly by the arm—“for I wanted to see you of all things in the world.” And then lowering her voice, “I suppose Mrs. Jennings has heard all about it. Is she angry?”

“Not at all, I believe, with you.”

“That is a good thing. And Lady Middleton, is she angry?”

“I cannot suppose it possible that she should.”

“I am monstrous glad of it. Good gracious! I have had such a time of it! I never saw Lucy in such a rage in my life. She vowed at first she would never trim me up a new bonnet, nor do any thing else for me again, so long as she lived; but now she is quite come to, and we are as good friends as ever. Look, she made me this bow to my hat, and put in the feather last night. There now, YOU are going to laugh at me too. But why should not I wear pink ribbons? I do not care if it IS the Doctor's favourite colour. I am sure, for my part, I should never have known he did like it

better than any other colour, if he had not happened to say so. My cousins have been so plaguing me! I declare sometimes I do not know which way to look before them.”

She had wandered away to a subject on which Elinor had nothing to say, and therefore soon judged it expedient to find her way back again to the first.

“Well, but Miss Dashwood,” speaking triumphantly, “people may say what they chuse about Mr. Ferrars’s declaring he would not have Lucy, for it is no such thing I can tell you; and it is quite a shame for such ill-natured reports to be spread abroad. Whatever Lucy might think about it herself, you know, it was no business of other people to set it down for certain.”

“I never heard any thing of the kind hinted at before, I assure you,” said Elinor.

“Oh, did not you? But it WAS said, I know, very well, and by more than one; for Miss Godby told Miss Sparks, that nobody in their senses could expect Mr. Ferrars to give up a woman like Miss Morton, with thirty thousand pounds to her fortune, for Lucy Steele that had nothing at all; and I had it from Miss Sparks myself. And besides that, my cousin Richard said himself, that when it came to the point he was afraid Mr. Ferrars would be off; and when Edward did not come near us for three days, I could not tell what to think myself; and I believe in my heart Lucy gave it up all for lost; for we came away from your brother’s Wednesday, and we saw nothing of him not all Thursday, Friday, and Saturday, and did not know what was become of him. Once Lucy thought to write to him, but then her spirits rose against that. However this morning he came just as we came home from church; and then it all came out, how he had been sent for Wednesday to Harley Street, and been talked to by his mother and all of them, and how he had declared before them all that he loved nobody but Lucy, and nobody but Lucy would he have. And how he had been so worried by what passed, that as soon as he had went away from his mother’s house, he had got upon his horse, and rid into the country, some where or other; and how he had stayed about at an inn all Thursday and Friday, on purpose to get the better of it. And after thinking it all over and over again, he said, it seemed to him as if, now he had no fortune, and no nothing at all, it would be quite unkind

to keep her on to the engagement, because it must be for her loss, for he had nothing but two thousand pounds, and no hope of any thing else; and if he was to go into orders, as he had some thoughts, he could get nothing but a curacy, and how was they to live upon that?—He could not bear to think of her doing no better, and so he begged, if she had the least mind for it, to put an end to the matter directly, and leave him shift for himself. I heard him say all this as plain as could possibly be. And it was entirely for HER sake, and upon HER account, that he said a word about being off, and not upon his own. I will take my oath he never dropt a syllable of being tired of her, or of wishing to marry Miss Morton, or any thing like it. But, to be sure, Lucy would not give ear to such kind of talking; so she told him directly (with a great deal about sweet and love, you know, and all that—Oh, la! one can't repeat such kind of things you know)—she told him directly, she had not the least mind in the world to be off, for she could live with him upon a trifle, and how little so ever he might have, she should be very glad to have it all, you know, or something of the kind. So then he was monstrous happy, and talked on some time about what they should do, and they agreed he should take orders directly, and they must wait to be married till he got a living. And just then I could not hear any more, for my cousin called from below to tell me Mrs. Richardson was come in her coach, and would take one of us to Kensington Gardens; so I was forced to go into the room and interrupt them, to ask Lucy if she would like to go, but she did not care to leave Edward; so I just run up stairs and put on a pair of silk stockings and came off with the Richardsons.”

“I do not understand what you mean by interrupting them,” said Elinor; “you were all in the same room together, were not you?”

“No, indeed, not us. La! Miss Dashwood, do you think people make love when any body else is by? Oh, for shame!—To be sure you must know better than that. (Laughing affectedly.)—No, no; they were shut up in the drawing-room together, and all I heard was only by listening at the door.”

“How!” cried Elinor; “have you been repeating to me what you only learnt yourself by listening at the door? I am sorry I did not know it before; for I certainly would not have suffered you to give me particulars of a conversation which you ought not to have known yourself. How could you behave so unfairly by your sister?”

“Oh, la! there is nothing in THAT. I only stood at the door, and heard what I could. And I am sure Lucy would have done just the same by me; for a year or two back, when Martha Sharpe and I had so many secrets together, she never made any bones of hiding in a closet, or behind a chimney-board, on purpose to hear what we said.”

Elinor tried to talk of something else; but Miss Steele could not be kept beyond a couple of minutes, from what was uppermost in her mind.

“Edward talks of going to Oxford soon,” said she; “but now he is lodging at N<sup>o</sup>...., Pall Mall. What an ill-natured woman his mother is, an’t she? And your brother and sister were not very kind! However, I shan’t say anything against them to YOU; and to be sure they did send us home in their own chariot, which was more than I looked for. And for my part, I was all in a fright for fear your sister should ask us for the huswives she had gave us a day or two before; but, however, nothing was said about them, and I took care to keep mine out of sight. Edward have got some business at Oxford, he says; so he must go there for a time; and after THAT, as soon as he can light upon a Bishop, he will be ordained. I wonder what curacy he will get!—Good gracious! (giggling as she spoke) I’d lay my life I know what my cousins will say, when they hear of it. They will tell me I should write to the Doctor, to get Edward the curacy of his new living. I know they will; but I am sure I would not do such a thing for all the world. ‘La! I shall say directly, ‘I wonder how you could think of such a thing? I write to the Doctor, indeed!’”

“Well,” said Elinor, “it is a comfort to be prepared against the worst. You have got your answer ready.”

Miss Steele was going to reply on the same subject, but the approach of her own party made another more necessary.

“Oh, la! here come the Richardsons. I had a vast deal more to say to you, but I must not stay away from them not any longer. I assure you they are very genteel people. He makes a monstrous deal of money, and they keep their own coach. I have not time to speak to Mrs. Jennings about it myself, but pray tell her I am quite happy to hear she is not in anger against us, and Lady Middleton the same; and if anything should happen to take you and your sister away, and Mrs. Jennings should want company, I am sure we should be very glad to come and stay with her for as long a time as

she likes. I suppose Lady Middleton won't ask us any more this bout. Good-by; I am sorry Miss Marianne was not here. Remember me kindly to her. La! if you have not got your spotted muslin on!—I wonder you was not afraid of its being torn.”

Such was her parting concern; for after this, she had time only to pay her farewell compliments to Mrs. Jennings, before her company was claimed by Mrs. Richardson; and Elinor was left in possession of knowledge which might feed her powers of reflection some time, though she had learnt very little more than what had been already foreseen and foreplanned in her own mind. Edward's marriage with Lucy was as firmly determined on, and the time of its taking place remained as absolutely uncertain, as she had concluded it would be;—every thing depended, exactly after her expectation, on his getting that preferment, of which, at present, there seemed not the smallest chance.

As soon as they returned to the carriage, Mrs. Jennings was eager for information; but as Elinor wished to spread as little as possible intelligence that had in the first place been so unfairly obtained, she confined herself to the brief repetition of such simple particulars, as she felt assured that Lucy, for the sake of her own consequence, would choose to have known. The continuance of their engagement, and the means that were able to be taken for promoting its end, was all her communication; and this produced from Mrs. Jennings the following natural remark.

“Wait for his having a living!—ay, we all know how THAT will end:—they will wait a twelvemonth, and finding no good comes of it, will set down upon a curacy of fifty pounds a-year, with the interest of his two thousand pounds, and what little matter Mr. Steele and Mr. Pratt can give her.—Then they will have a child every year! and Lord help 'em! how poor they will be!—I must see what I can give them towards furnishing their house. Two maids and two men, indeed!—as I talked of t'other day.—No, no, they must get a stout girl of all works.— Betty's sister would never do for them NOW.”

The next morning brought Elinor a letter by the two-penny post from Lucy herself. It was as follows:

*Bartlett's Building, March.*

*I hope my dear Miss Dashwood will excuse the liberty I take of writing to her; but I know your friendship for me will make you pleased to hear such a good account of myself and my dear Edward, after all the troubles we have went through lately, therefore will make no more apologies, but proceed to say that, thank God! though we have suffered dreadfully, we are both quite well now, and as happy as we must always be in one another's love. We have had great trials, and great persecutions, but however, at the same time, gratefully acknowledge many friends, yourself not the least among them, whose great kindness I shall always thankfully remember, as will Edward too, who I have told of it. I am sure you will be glad to hear, as likewise dear Mrs. Jennings, I spent two happy hours with him yesterday afternoon, he would not hear of our parting, though earnestly did I, as I thought my duty required, urge him to it for prudence sake, and would have parted for ever on the spot, would he consent to it; but he said it should never be, he did not regard his mother's anger, while he could have my affections; our prospects are not very bright, to be sure, but we must wait, and hope for the best; he will be ordained shortly; and should it ever be in your power to recommend him to any body that has a living to bestow, am very sure you will not forget us, and dear Mrs. Jennings too, trust she will speak a good word for us to Sir John, or Mr. Palmer, or any friend that may be able to assist us. Poor Anne was much to blame for what she did, but she did it for the best, so I say nothing; hope Mrs. Jennings won't think it too much trouble to give us a call, should she come this way any morning, 'twould be a great kindness, and my cousins would be proud to know her. My paper reminds me to conclude; and begging to be most gratefully and respectfully remembered to her, and to Sir John, and Lady Middleton, and the dear children, when you chance to see them, and love to Miss Marianne,*

*I am, &c.*

As soon as Elinor had finished it, she performed what she concluded to be its writer's real design, by placing it in the hands of Mrs. Jennings, who read it aloud with many comments of satisfaction and praise.

“Very well indeed!—how prettily she writes!—aye, that was quite proper to let him be off if he would. That was just like Lucy.—Poor soul! I wish I COULD get him a living, with all my heart.—She calls me dear Mrs.

Jennings, you see. She is a good-hearted girl as ever lived.—Very well upon my word. That sentence is very prettily turned. Yes, yes, I will go and see her, sure enough. How attentive she is, to think of every body! Thank you, my dear, for shewing it me. It is as pretty a letter as ever I saw, and does Lucy's head and heart great credit.”



## CHAPTER 39

The Miss Dashwoods had now been rather more than two months in town, and Marianne's impatience to be gone increased every day. She sighed for the air, the liberty, the quiet of the country; and fancied that if any place could give her ease, Barton must do it. Elinor was hardly less anxious than herself for their removal, and only so much less bent on its being effected immediately, as that she was conscious of the difficulties of so long a journey, which Marianne could not be brought to acknowledge. She began, however, seriously to turn her thoughts towards its accomplishment, and had already mentioned their wishes to their kind hostess, who resisted them with all the eloquence of her good-will, when a plan was suggested, which, though detaining them from home yet a few weeks longer, appeared to Elinor altogether much more eligible than any other. The Palmers were to remove to Cleveland about the end of March, for the Easter holidays; and Mrs. Jennings, with both her friends, received a very warm invitation from Charlotte to go with them. This would not, in itself, have been sufficient for the delicacy of Miss Dashwood;—but it was enforced with so much real politeness by Mr. Palmer himself, as, joined to the very great amendment of his manners towards them since her sister had been known to be unhappy, induced her to accept it with pleasure.

When she told Marianne what she had done, however, her first reply was not very auspicious.

“Cleveland!” she cried, with great agitation. “No, I cannot go to Cleveland.”

“You forget,” said Elinor gently, “that its situation is not...that it is not in the neighbourhood of...”

“But it is in Somersetshire. I cannot go into Somersetshire. There, where I looked forward to going...No, Elinor, you cannot expect me to go there.”

Elinor would not argue upon the propriety of overcoming such feelings;—she only endeavoured to counteract them by working on others;

represented it, therefore, as a measure which would fix the time of her returning to that dear mother, whom she so much wished to see, in a more eligible, more comfortable manner, than any other plan could do, and perhaps without any greater delay. From Cleveland, which was within a few miles of Bristol, the distance to Barton was not beyond one day, though a long day's journey; and their mother's servant might easily come there to attend them down; and as there could be no occasion of their staying above a week at Cleveland, they might now be at home in little more than three weeks' time. As Marianne's affection for her mother was sincere, it must triumph with little difficulty, over the imaginary evils she had started.

Mrs. Jennings was so far from being weary of her guest, that she pressed them very earnestly to return with her again from Cleveland. Elinor was grateful for the attention, but it could not alter her design; and their mother's concurrence being readily gained, every thing relative to their return was arranged as far as it could be; and Marianne found some relief in drawing up a statement of the hours that were yet to divide her from Barton.

"Ah! Colonel, I do not know what you and I shall do without the Miss Dashwoods;" was Mrs. Jennings's address to him when he first called on her, after their leaving her was settled "for they are quite resolved upon going home from the Palmers; and how forlorn we shall be, when I come back! Lord! we shall sit and gape at one another as dull as two cats."

Perhaps Mrs. Jennings was in hopes, by this vigorous sketch of their future ennui, to provoke him to make that offer, which might give himself an escape from it;—and if so, she had soon afterwards good reason to think her object gained; for, on Elinor's moving to the window to take more expeditiously the dimensions of a print, which she was going to copy for her friend, he followed her to it with a look of particular meaning, and conversed with her there for several minutes. The effect of his discourse on the lady too, could not escape her observation, for though she was too honorable to listen, and had even changed her seat, on purpose that she might NOT hear, to one close by the piano forte on which Marianne was playing, she could not keep herself from seeing that Elinor changed colour, attended with agitation, and was too intent on what he said to pursue her employment.— Still farther in confirmation of her hopes, in the interval of

Marianne's turning from one lesson to another, some words of the Colonel's inevitably reached her ear, in which he seemed to be apologising for the badness of his house. This set the matter beyond a doubt. She wondered, indeed, at his thinking it necessary to do so; but supposed it to be the proper etiquette. What Elinor said in reply she could not distinguish, but judged from the motion of her lips, that she did not think THAT any material objection;—and Mrs. Jennings commended her in her heart for being so honest. They then talked on for a few minutes longer without her catching a syllable, when another lucky stop in Marianne's performance brought her these words in the Colonel's calm voice,

“I am afraid it cannot take place very soon.”

Astonished and shocked at so unlover-like a speech, she was almost ready to cry out, “Lord! what should hinder it?”—but checking her desire, confined herself to this silent ejaculation.

“This is very strange! sure he need not wait to be older.”

This delay on the Colonel's side, however, did not seem to offend or mortify his fair companion in the least, for on their breaking up the conference soon afterwards, and moving different ways, Mrs. Jennings very plainly heard Elinor say, and with a voice which shewed her to feel what she said,

“I shall always think myself very much obliged to you.”

Mrs. Jennings was delighted with her gratitude, and only wondered that after hearing such a sentence, the Colonel should be able to take leave of them, as he immediately did, with the utmost sang-froid, and go away without making her any reply!—She had not thought her old friend could have made so indifferent a suitor.

What had really passed between them was to this effect.

“I have heard,” said he, with great compassion, “of the injustice your friend Mr. Ferrars has suffered from his family; for if I understand the matter right, he has been entirely cast off by them for persevering in his engagement with a very deserving young woman. Have I been rightly informed? Is it so?”

Elinor told him that it was.

“The cruelty, the impolitic cruelty,”—he replied, with great feeling,—“of dividing, or attempting to divide, two young people long attached to each other, is terrible.— Mrs. Ferrars does not know what she may be doing—what she may drive her son to. I have seen Mr. Ferrars two or three times in Harley Street, and am much pleased with him. He is not a young man with whom one can be intimately acquainted in a short time, but I have seen enough of him to wish him well for his own sake, and as a friend of yours, I wish it still more. I understand that he intends to take orders. Will you be so good as to tell him that the living of Delaford, now just vacant, as I am informed by this day’s post, is his, if he think it worth his acceptance—but THAT, perhaps, so unfortunately circumstanced as he is now, it may be nonsense to appear to doubt; I only wish it were more valuable.— It is a rectory, but a small one; the late incumbent, I believe, did not make more than 200 L per annum, and though it is certainly capable of improvement, I fear, not to such an amount as to afford him a very comfortable income. Such as it is, however, my pleasure in presenting him to it, will be very great. Pray assure him of it.”

Elinor’s astonishment at this commission could hardly have been greater, had the Colonel been really making her an offer of his hand. The preferment, which only two days before she had considered as hopeless for Edward, was already provided to enable him to marry;—and SHE, of all people in the world, was fixed on to bestow it!—Her emotion was such as Mrs. Jennings had attributed to a very different cause; but whatever minor feelings less pure, less pleasing, might have a share in that emotion, her esteem for the general benevolence, and her gratitude for the particular friendship, which together prompted Colonel Brandon to this act, were strongly felt, and warmly expressed. She thanked him for it with all her heart, spoke of Edward’s principles and disposition with that praise which she knew them to deserve; and promised to undertake the commission with pleasure, if it were really his wish to put off so agreeable an office to another. But at the same time, she could not help thinking that no one could so well perform it as himself. It was an office in short, from which, unwilling to give Edward the pain of receiving an obligation from HER, she would have been very glad to be spared herself;— but Colonel Brandon, on motives of equal delicacy, declining it likewise, still seemed so desirous of

its being given through her means, that she would not on any account make farther opposition. Edward, she believed, was still in town, and fortunately she had heard his address from Miss Steele. She could undertake therefore to inform him of it, in the course of the day. After this had been settled, Colonel Brandon began to talk of his own advantage in securing so respectable and agreeable a neighbour, and THEN it was that he mentioned with regret, that the house was small and indifferent; an evil which Elinor, as Mrs. Jennings had supposed her to do, made very light of, at least as far as regarded its size.

“The smallness of the house,” said she, “I cannot imagine any inconvenience to them, for it will be in proportion to their family and income.”

By which the Colonel was surprised to find that SHE was considering Mr. Ferrars’s marriage as the certain consequence of the presentation; for he did not suppose it possible that Delaford living could supply such an income, as anybody in his style of life would venture to settle on, and he said so.

“This little rectory CAN do no more than make Mr. Ferrars comfortable as a bachelor; it cannot enable him to marry. I am sorry to say that my patronage ends with this; and my interest is hardly more extensive. If, however, by an unforeseen chance it should be in my power to serve him farther, I must think very differently of him from what I now do, if I am not as ready to be useful to him then as I sincerely wish I could be at present. What I am now doing indeed, seems nothing at all, since it can advance him so little towards what must be his principal, his only object of happiness. His marriage must still be a distant good; at least, I am afraid it cannot take place very soon.”

Such was the sentence which, when misunderstood, so justly offended the delicate feelings of Mrs. Jennings; but after this narration of what really passed between Colonel Brandon and Elinor, while they stood at the window, the gratitude expressed by the latter on their parting, may perhaps appear in general, not less reasonably excited, nor less properly worded than if it had arisen from an offer of marriage.

## CHAPTER 40

“Well, Miss Dashwood,” said Mrs. Jennings, sagaciously smiling, as soon as the gentleman had withdrawn, “I do not ask you what the Colonel has been saying to you; for though, upon my honour, I TRIED to keep out of hearing, I could not help catching enough to understand his business. And I assure you I never was better pleased in my life, and I wish you joy of it with all my heart.”

“Thank you, ma’am,” said Elinor. “It is a matter of great joy to me; and I feel the goodness of Colonel Brandon most sensibly. There are not many men who would act as he has done. Few people who have so compassionate a heart! I never was more astonished in my life.”

“Lord! my dear, you are very modest. I an’t the least astonished at it in the world, for I have often thought of late, there was nothing more likely to happen.”

“You judged from your knowledge of the Colonel’s general benevolence; but at least you could not foresee that the opportunity would so very soon occur.”

“Opportunity!” repeated Mrs. Jennings. “Oh! as to that, when a man has once made up his mind to such a thing, somehow or other he will soon find an opportunity. Well, my dear, I wish you joy of it again and again; and if ever there was a happy couple in the world, I think I shall soon know where to look for them.”

“You mean to go to Delaford after them I suppose,” said Elinor, with a faint smile.

“Aye, my dear, that I do, indeed. And as to the house being a bad one, I do not know what the Colonel would be at, for it is as good a one as ever I saw.”

“He spoke of its being out of repair.”

“Well, and whose fault is that? why don’t he repair it? who should do it but himself?”

They were interrupted by the servant's coming in to announce the carriage being at the door; and Mrs. Jennings immediately preparing to go, said,

“Well, my dear, I must be gone before I have had half my talk out. But, however, we may have it all over in the evening; for we shall be quite alone. I do not ask you to go with me, for I dare say your mind is too full of the matter to care for company; and besides, you must long to tell your sister all about it.”

Marianne had left the room before the conversation began.

“Certainly, ma'am, I shall tell Marianne of it; but I shall not mention it at present to any body else.”

“Oh! very well,” said Mrs. Jennings rather disappointed. “Then you would not have me tell it to Lucy, for I think of going as far as Holborn to-day.”

“No, ma'am, not even Lucy if you please. One day's delay will not be very material; and till I have written to Mr. Ferrars, I think it ought not to be mentioned to any body else. I shall do THAT directly. It is of importance that no time should be lost with him, for he will of course have much to do relative to his ordination.”

This speech at first puzzled Mrs. Jennings exceedingly. Why Mr. Ferrars was to have been written to about it in such a hurry, she could not immediately comprehend. A few moments' reflection, however, produced a very happy idea, and she exclaimed;

“Oh, ho!—I understand you. Mr. Ferrars is to be the man. Well, so much the better for him. Ay, to be sure, he must be ordained in readiness; and I am very glad to find things are so forward between you. But, my dear, is not this rather out of character? Should not the Colonel write himself?—sure, he is the proper person.”

Elinor did not quite understand the beginning of Mrs. Jennings's speech, neither did she think it worth inquiring into; and therefore only replied to its conclusion.

“Colonel Brandon is so delicate a man, that he rather wished any one to announce his intentions to Mr. Ferrars than himself.”

“And so YOU are forced to do it. Well THAT is an odd kind of delicacy! However, I will not disturb you (seeing her preparing to write.) You know your own concerns best. So goodbye, my dear. I have not heard of any thing to please me so well since Charlotte was brought to bed.”

And away she went; but returning again in a moment,

“I have just been thinking of Betty’s sister, my dear. I should be very glad to get her so good a mistress. But whether she would do for a lady’s maid, I am sure I can’t tell. She is an excellent housemaid, and works very well at her needle. However, you will think of all that at your leisure.”

“Certainly, ma’am,” replied Elinor, not hearing much of what she said, and more anxious to be alone, than to be mistress of the subject.

How she should begin—how she should express herself in her note to Edward, was now all her concern. The particular circumstances between them made a difficulty of that which to any other person would have been the easiest thing in the world; but she equally feared to say too much or too little, and sat deliberating over her paper, with the pen in her hand, till broken in on by the entrance of Edward himself.

He had met Mrs. Jennings at the door in her way to the carriage, as he came to leave his farewell card; and she, after apologising for not returning herself, had obliged him to enter, by saying that Miss Dashwood was above, and wanted to speak with him on very particular business.

Elinor had just been congratulating herself, in the midst of her perplexity, that however difficult it might be to express herself properly by letter, it was at least preferable to giving the information by word of mouth, when her visitor entered, to force her upon this greatest exertion of all. Her astonishment and confusion were very great on his so sudden appearance. She had not seen him before since his engagement became public, and therefore not since his knowing her to be acquainted with it; which, with the consciousness of what she had been thinking of, and what she had to tell him, made her feel particularly uncomfortable for some minutes. He too was much distressed; and they sat down together in a most promising state of embarrassment.—Whether he had asked her pardon for his intrusion on first coming into the room, he could not recollect; but determining to be on



the safe side, he made his apology in form as soon as he could say any thing, after taking a chair.

“Mrs. Jennings told me,” said he, “that you wished to speak with me, at least I understood her so—or I certainly should not have intruded on you in such a manner; though at the same time, I should have been extremely sorry to leave London without seeing you and your sister; especially as it will most likely be some time—it is not probable that I should soon have the pleasure of meeting you again. I go to Oxford tomorrow.”

“You would not have gone, however,” said Elinor, recovering herself, and determined to get over what she so much dreaded as soon as possible, “without receiving our good wishes, even if we had not been able to give them in person. Mrs. Jennings was quite right in what she said. I have something of consequence to inform you of, which I was on the point of communicating by paper. I am charged with a most agreeable office (breathing rather faster than usual as she spoke.) Colonel Brandon, who was here only ten minutes ago, has desired me to say, that understanding you mean to take orders, he has great pleasure in offering you the living of Delaford now just vacant, and only wishes it were more valuable. Allow me to congratulate you on having so respectable and well-judging a friend, and to join in his wish that the living—it is about two hundred a-year—were much more considerable, and such as might better enable you to—as might be more than a temporary accommodation to yourself—such, in short, as might establish all your views of happiness.”

What Edward felt, as he could not say it himself, it cannot be expected that any one else should say for him. He LOOKED all the astonishment which such unexpected, such unthought-of information could not fail of exciting; but he said only these two words,

“Colonel Brandon!”

“Yes,” continued Elinor, gathering more resolution, as some of the worst was over, “Colonel Brandon means it as a testimony of his concern for what has lately passed—for the cruel situation in which the unjustifiable conduct of your family has placed you—a concern which I am sure Marianne, myself, and all your friends, must share; and likewise as a

proof of his high esteem for your general character, and his particular approbation of your behaviour on the present occasion.”

“Colonel Brandon give ME a living! Can it be possible?”

“The unkindness of your own relations has made you astonished to find friendship any where.”

“No,” replied he, with sudden consciousness, “not to find it in YOU; for I cannot be ignorant that to you, to your goodness, I owe it all.—I feel it—I would express it if I could—but, as you well know, I am no orator.”

“You are very much mistaken. I do assure you that you owe it entirely, at least almost entirely, to your own merit, and Colonel Brandon’s discernment of it. I have had no hand in it. I did not even know, till I understood his design, that the living was vacant; nor had it ever occurred to me that he might have had such a living in his gift. As a friend of mine, of my family, he may, perhaps—indeed I know he HAS, still greater pleasure in bestowing it; but, upon my word, you owe nothing to my solicitation.”

Truth obliged her to acknowledge some small share in the action, but she was at the same time so unwilling to appear as the benefactress of Edward, that she acknowledged it with hesitation; which probably contributed to fix that suspicion in his mind which had recently entered it. For a short time he sat deep in thought, after Elinor had ceased to speak;—at last, and as if it were rather an effort, he said,

“Colonel Brandon seems a man of great worth and respectability. I have always heard him spoken of as such, and your brother I know esteems him highly. He is undoubtedly a sensible man, and in his manners perfectly the gentleman.”

“Indeed,” replied Elinor, “I believe that you will find him, on farther acquaintance, all that you have heard him to be, and as you will be such very near neighbours (for I understand the parsonage is almost close to the mansion-house,) it is particularly important that he SHOULD be all this.”

Edward made no answer; but when she had turned away her head, gave her a look so serious, so earnest, so uncheerful, as seemed to say, that

he might hereafter wish the distance between the parsonage and the mansion-house much greater.

“Colonel Brandon, I think, lodges in St. James Street,” said he, soon afterwards, rising from his chair.

Elinor told him the number of the house.

“I must hurry away then, to give him those thanks which you will not allow me to give YOU; to assure him that he has made me a very, an exceedingly happy man.”

Elinor did not offer to detain him; and they parted, with a very earnest assurance on HER side of her unceasing good wishes for his happiness in every change of situation that might befall him; on HIS, with rather an attempt to return the same good will, than the power of expressing it.

“When I see him again,” said Elinor to herself, as the door shut him out, “I shall see him the husband of Lucy.”

And with this pleasing anticipation, she sat down to reconsider the past, recall the words and endeavour to comprehend all the feelings of Edward; and, of course, to reflect on her own with discontent.

When Mrs. Jennings came home, though she returned from seeing people whom she had never seen before, and of whom therefore she must have a great deal to say, her mind was so much more occupied by the important secret in her possession, than by anything else, that she reverted to it again as soon as Elinor appeared.

“Well, my dear,” she cried, “I sent you up to the young man. Did not I do right? And I suppose you had no great difficulty. You did not find him very unwilling to accept your proposal?”

“No, ma’am; THAT was not very likely.”

“Well, and how soon will he be ready? For it seems all to depend upon that.”

“Really,” said Elinor, “I know so little of these kind of forms, that I can hardly even conjecture as to the time, or the preparation necessary; but I suppose two or three months will complete his ordination.”

“Two or three months!” cried Mrs. Jennings; “Lord! my dear, how calmly you talk of it; and can the Colonel wait two or three months! Lord bless me!—I am sure it would put ME quite out of patience!—And though one would be very glad to do a kindness by poor Mr. Ferrars, I do think it is not worth while to wait two or three months for him. Sure somebody else might be found that would do as well; somebody that is in orders already.”

“My dear ma’am,” said Elinor, “what can you be thinking of? Why, Colonel Brandon’s only object is to be of use to Mr. Ferrars.”

“Lord bless you, my dear!—Sure you do not mean to persuade me that the Colonel only marries you for the sake of giving ten guineas to Mr. Ferrars!”

The deception could not continue after this; and an explanation immediately took place, by which both gained considerable amusement for the moment, without any material loss of happiness to either, for Mrs. Jennings only exchanged one form of delight for another, and still without forfeiting her expectation of the first.

“Aye, aye, the parsonage is but a small one,” said she, after the first ebullition of surprise and satisfaction was over, “and very likely MAY be out of repair; but to hear a man apologising, as I thought, for a house that to my knowledge has five sitting rooms on the ground-floor, and I think the housekeeper told me could make up fifteen beds!—and to you too, that had been used to live in Barton cottage!— It seems quite ridiculous. But, my dear, we must touch up the Colonel to do some thing to the parsonage, and make it comfortable for them, before Lucy goes to it.”

“But Colonel Brandon does not seem to have any idea of the living’s being enough to allow them to marry.”

“The Colonel is a ninny, my dear; because he has two thousand a-year himself, he thinks that nobody else can marry on less. Take my word for it, that, if I am alive, I shall be paying a visit at Delaford Parsonage before Michaelmas; and I am sure I shan’t go if Lucy an’t there.”

Elinor was quite of her opinion, as to the probability of their not waiting for any thing more.

## CHAPTER 41

Edward, having carried his thanks to Colonel Brandon, proceeded with his happiness to Lucy; and such was the excess of it by the time he reached Bartlett's Buildings, that she was able to assure Mrs. Jennings, who called on her again the next day with her congratulations, that she had never seen him in such spirits before in her life.

Her own happiness, and her own spirits, were at least very certain; and she joined Mrs. Jennings most heartily in her expectation of their being all comfortably together in Delaford Parsonage before Michaelmas. So far was she, at the same time, from any backwardness to give Elinor that credit which Edward WOULD give her, that she spoke of her friendship for them both with the most grateful warmth, was ready to own all their obligation to her, and openly declared that no exertion for their good on Miss Dashwood's part, either present or future, would ever surprise her, for she believed her capable of doing any thing in the world for those she really valued. As for Colonel Brandon, she was not only ready to worship him as a saint, but was moreover truly anxious that he should be treated as one in all worldly concerns; anxious that his tithes should be raised to the utmost; and scarcely resolved to avail herself, at Delaford, as far as she possibly could, of his servants, his carriage, his cows, and his poultry.

It was now above a week since John Dashwood had called in Berkeley Street, and as since that time no notice had been taken by them of his wife's indisposition, beyond one verbal enquiry, Elinor began to feel it necessary to pay her a visit.—This was an obligation, however, which not only opposed her own inclination, but which had not the assistance of any encouragement from her companions. Marianne, not contented with absolutely refusing to go herself, was very urgent to prevent her sister's going at all; and Mrs. Jennings, though her carriage was always at Elinor's service, so very much disliked Mrs. John Dashwood, that not even her curiosity to see how she looked after the late discovery, nor her strong desire to affront her by taking Edward's part, could overcome her unwillingness to be in her company again. The consequence was, that

Elinor set out by herself to pay a visit, for which no one could really have less inclination, and to run the risk of a tete-a-tete with a woman, whom neither of the others had so much reason to dislike.

Mrs. Dashwood was denied; but before the carriage could turn from the house, her husband accidentally came out. He expressed great pleasure in meeting Elinor, told her that he had been just going to call in Berkeley Street, and, assuring her that Fanny would be very glad to see her, invited her to come in.

They walked up stairs in to the drawing-room.—Nobody was there.

“Fanny is in her own room, I suppose,” said he: “I will go to her presently, for I am sure she will not have the least objection in the world to seeing YOU. Very far from it, indeed. NOW especially there cannot be, but however, you and Marianne were always great favourites..Why would not Marianne come?”

Elinor made what excuse she could for her.

“I am not sorry to see you alone,” he replied, “for I have a good deal to say to you. This living of Colonel Brandon’s—can it be true?—has he really given it to Edward?—I heard it yesterday by chance, and was coming to you on purpose to enquire farther about it.”

“It is perfectly true. Colonel Brandon has given the living of Delaford to Edward.”

“Really!—Well, this is very astonishing!—no relationship!—no connection between them!—and now that livings fetch such a price!—what was the value of this?”

“About two hundred a year.”

“Very well—and for the next presentation to a living of that value—supposing the late incumbent to have been old and sickly, and likely to vacate it soon—he might have got I dare say—fourteen hundred pounds. And how came he not to have settled that matter before this person’s death?—NOW indeed it would be too late to sell it, but a man of Colonel Brandon’s sense!—I wonder he should be so improvident in a point of such common, such natural, concern!—Well, I am convinced that there is a vast deal of inconsistency in almost every human character. I suppose, however

—on recollection—that the case may probably be THIS. Edward is only to hold the living till the person to whom the Colonel has really sold the presentation, is old enough to take it. Aye, aye, that is the fact, depend upon it.”

Elinor contradicted it, however, very positively; and by relating that she had herself been employed in conveying the offer from Colonel Brandon to Edward, and, therefore, must understand the terms on which it was given, obliged him to submit to her authority.

“It is truly astonishing!” he cried, after hearing what she said “what could be the Colonel’s motive?”

“A very simple one to be of use to Mr. Ferrars.”

“Well, well; whatever Colonel Brandon may be, Edward is a very lucky man.—You will not mention the matter to Fanny, however, for though I have broke it to her, and she bears it vastly well, she will not like to hear it much talked of.”

Elinor had some difficulty here to refrain from observing, that she thought Fanny might have borne with composure, an acquisition of wealth to her brother, by which neither she nor her child could be possibly impoverished.

“Mrs. Ferrars,” added he, lowering his voice to the tone becoming so important a subject, “knows nothing about it at present, and I believe it will be best to keep it entirely concealed from her as long as may be.—When the marriage takes place, I fear she must hear of it all.”

“But why should such precaution be used?—Though it is not to be supposed that Mrs. Ferrars can have the smallest satisfaction in knowing that her son has money enough to live upon,—for THAT must be quite out of the question; yet why, upon her late behaviour, is she supposed to feel at all?—She has done with her son, she cast him off for ever, and has made all those over whom she had any influence, cast him off likewise. Surely, after doing so, she cannot be imagined liable to any impression of sorrow or of joy on his account—she cannot be interested in any thing that befalls him.— She would not be so weak as to throw away the comfort of a child, and yet retain the anxiety of a parent!”

“Ah! Elinor,” said John, “your reasoning is very good, but it is founded on ignorance of human nature. When Edward’s unhappy match takes place, depend upon it his mother will feel as much as if she had never discarded him; and, therefore every circumstance that may accelerate that dreadful event, must be concealed from her as much as possible. Mrs. Ferrars can never forget that Edward is her son.”

“You surprise me; I should think it must nearly have escaped her memory by THIS time.”

“You wrong her exceedingly. Mrs. Ferrars is one of the most affectionate mothers in the world.”

Elinor was silent.

“We think NOW,” said Mr. Dashwood, after a short pause, “of ROBERT’S marrying Miss Morton.”

Elinor, smiling at the grave and decisive importance of her brother’s tone, calmly replied,

“The lady, I suppose, has no choice in the affair.”

“Choice! how do you mean?”

“I only mean that I suppose, from your manner of speaking, it must be the same to Miss Morton whether she marry Edward or Robert.”

“Certainly, there can be no difference; for Robert will now to all intents and purposes be considered as the eldest son;—and as to any thing else, they are both very agreeable young men: I do not know that one is superior to the other.”

Elinor said no more, and John was also for a short time silent.—His reflections ended thus.

“Of ONE thing, my dear sister,” kindly taking her hand, and speaking in an awful whisper,—“I may assure you;—and I WILL do it, because I know it must gratify you. I have good reason to think—indeed I have it from the best authority, or I should not repeat it, for otherwise it would be very wrong to say any thing about it—but I have it from the very best authority—not that I ever precisely heard Mrs. Ferrars say it herself—but her daughter DID, and I have it from her—That in short, whatever objections there might be against a certain—a certain connection—you



understand me—it would have been far preferable to her, it would not have given her half the vexation that THIS does. I was exceedingly pleased to hear that Mrs. Ferrars considered it in that light—a very gratifying circumstance you know to us all. ‘It would have been beyond comparison,’ she said, ‘the least evil of the two, and she would be glad to compound NOW for nothing worse.’ But however, all that is quite out of the question—not to be thought of or mentioned—as to any attachment you know—it never could be—all that is gone by. But I thought I would just tell you of this, because I knew how much it must please you. Not that you have any reason to regret, my dear Elinor. There is no doubt of your doing exceedingly well—quite as well, or better, perhaps, all things considered. Has Colonel Brandon been with you lately?”

Elinor had heard enough, if not to gratify her vanity, and raise her self-importance, to agitate her nerves and fill her mind; and she was therefore glad to be spared from the necessity of saying much in reply herself, and from the danger of hearing any thing more from her brother, by the entrance of Mr. Robert Ferrars. After a few moments’ chat, John Dashwood, recollecting that Fanny was yet uninformed of her sister’s being there, quitted the room in quest of her; and Elinor was left to improve her acquaintance with Robert, who, by the gay unconcern, the happy self-complacency of his manner while enjoying so unfair a division of his mother’s love and liberality, to the prejudice of his banished brother, earned only by his own dissipated course of life, and that brother’s integrity, was confirming her most unfavourable opinion of his head and heart.

They had scarcely been two minutes by themselves, before he began to speak of Edward; for he, too, had heard of the living, and was very inquisitive on the subject. Elinor repeated the particulars of it, as she had given them to John; and their effect on Robert, though very different, was not less striking than it had been on HIM. He laughed most immoderately. The idea of Edward’s being a clergyman, and living in a small parsonage-house, diverted him beyond measure; and when to that was added the fanciful imagery of Edward reading prayers in a white surplice, and publishing the banns of marriage between John Smith and Mary Brown, he could conceive nothing more ridiculous.

Elinor, while she waited in silence and immovable gravity, the conclusion of such folly, could not restrain her eyes from being fixed on him with a look that spoke all the contempt it excited. It was a look, however, very well bestowed, for it relieved her own feelings, and gave no intelligence to him. He was recalled from wit to wisdom, not by any reproof of her's, but by his own sensibility.

“We may treat it as a joke,” said he, at last, recovering from the affected laugh which had considerably lengthened out the genuine gaiety of the moment—”but, upon my soul, it is a most serious business. Poor Edward! he is ruined for ever. I am extremely sorry for it—for I know him to be a very good-hearted creature; as well-meaning a fellow perhaps, as any in the world. You must not judge of him, Miss Dashwood, from YOUR slight acquaintance.—Poor Edward!—His manners are certainly not the happiest in nature.—But we are not all born, you know, with the same powers,—the same address.— Poor fellow!—to see him in a circle of strangers!—to be sure it was pitiable enough!—but upon my soul, I believe he has as good a heart as any in the kingdom; and I declare and protest to you I never was so shocked in my life, as when it all burst forth. I could not believe it. My mother was the first person who told me of it; and I, feeling myself called on to act with resolution, immediately said to her, ‘My dear madam, I do not know what you may intend to do on the occasion, but as for myself, I must say, that if Edward does marry this young woman, I never will see him again.’ That was what I said immediately.— I was most uncommonly shocked, indeed!—Poor Edward!—he has done for himself completely—shut himself out for ever from all decent society! but, as I directly said to my mother, I am not in the least surprised at it; from his style of education, it was always to be expected. My poor mother was half frantic.”

“Have you ever seen the lady?”

“Yes; once, while she was staying in this house, I happened to drop in for ten minutes; and I saw quite enough of her. The merest awkward country girl, without style, or elegance, and almost without beauty.— I remember her perfectly. Just the kind of girl I should suppose likely to captivate poor Edward. I offered immediately, as soon as my mother related the affair to me, to talk to him myself, and dissuade him from the match;

but it was too late THEN, I found, to do any thing, for unluckily, I was not in the way at first, and knew nothing of it till after the breach had taken place, when it was not for me, you know, to interfere. But had I been informed of it a few hours earlier—I think it is most probable—that something might have been hit on. I certainly should have represented it to Edward in a very strong light. ‘My dear fellow,’ I should have said, ‘consider what you are doing. You are making a most disgraceful connection, and such a one as your family are unanimous in disapproving.’ I cannot help thinking, in short, that means might have been found. But now it is all too late. He must be starved, you know;—that is certain; absolutely starved.”

He had just settled this point with great composure, when the entrance of Mrs. John Dashwood put an end to the subject. But though SHE never spoke of it out of her own family, Elinor could see its influence on her mind, in the something like confusion of countenance with which she entered, and an attempt at cordiality in her behaviour to herself. She even proceeded so far as to be concerned to find that Elinor and her sister were so soon to leave town, as she had hoped to see more of them;—an exertion in which her husband, who attended her into the room, and hung enamoured over her accents, seemed to distinguish every thing that was most affectionate and graceful.

## CHAPTER 42

One other short call in Harley Street, in which Elinor received her brother's congratulations on their travelling so far towards Barton without any expense, and on Colonel Brandon's being to follow them to Cleveland in a day or two, completed the intercourse of the brother and sisters in town;—and a faint invitation from Fanny, to come to Norland whenever it should happen to be in their way, which of all things was the most unlikely to occur, with a more warm, though less public, assurance, from John to Elinor, of the promptitude with which he should come to see her at Delaford, was all that foretold any meeting in the country.

It amused her to observe that all her friends seemed determined to send her to Delaford;—a place, in which, of all others, she would now least chuse to visit, or wish to reside; for not only was it considered as her future home by her brother and Mrs. Jennings, but even Lucy, when they parted, gave her a pressing invitation to visit her there.

Very early in April, and tolerably early in the day, the two parties from Hanover Square and Berkeley Street set out from their respective homes, to meet, by appointment, on the road. For the convenience of Charlotte and her child, they were to be more than two days on their journey, and Mr. Palmer, travelling more expeditiously with Colonel Brandon, was to join them at Cleveland soon after their arrival.

Marianne, few as had been her hours of comfort in London, and eager as she had long been to quit it, could not, when it came to the point, bid adieu to the house in which she had for the last time enjoyed those hopes, and that confidence, in Willoughby, which were now extinguished for ever, without great pain. Nor could she leave the place in which Willoughby remained, busy in new engagements, and new schemes, in which SHE could have no share, without shedding many tears.

Elinor's satisfaction, at the moment of removal, was more positive. She had no such object for her lingering thoughts to fix on, she left no creature behind, from whom it would give her a moment's regret to be divided for ever, she was pleased to be free herself from the persecution of

Lucy's friendship, she was grateful for bringing her sister away unseen by Willoughby since his marriage, and she looked forward with hope to what a few months of tranquility at Barton might do towards restoring Marianne's peace of mind, and confirming her own.

Their journey was safely performed. The second day brought them into the cherished, or the prohibited, county of Somerset, for as such was it dwelt on by turns in Marianne's imagination; and in the forenoon of the third they drove up to Cleveland.

Cleveland was a spacious, modern-built house, situated on a sloping lawn. It had no park, but the pleasure-grounds were tolerably extensive; and like every other place of the same degree of importance, it had its open shrubbery, and closer wood walk, a road of smooth gravel winding round a plantation, led to the front, the lawn was dotted over with timber, the house itself was under the guardianship of the fir, the mountain-ash, and the acacia, and a thick screen of them altogether, interspersed with tall Lombardy poplars, shut out the offices.

Marianne entered the house with a heart swelling with emotion from the consciousness of being only eighty miles from Barton, and not thirty from Combe Magna; and before she had been five minutes within its walls, while the others were busily helping Charlotte to show her child to the housekeeper, she quitted it again, stealing away through the winding shrubberies, now just beginning to be in beauty, to gain a distant eminence; where, from its Grecian temple, her eye, wandering over a wide tract of country to the south-east, could fondly rest on the farthest ridge of hills in the horizon, and fancy that from their summits Combe Magna might be seen.

In such moments of precious, invaluable misery, she rejoiced in tears of agony to be at Cleveland; and as she returned by a different circuit to the house, feeling all the happy privilege of country liberty, of wandering from place to place in free and luxurious solitude, she resolved to spend almost every hour of every day while she remained with the Palmers, in the indulgence of such solitary rambles.

She returned just in time to join the others as they quitted the house, on an excursion through its more immediate premises; and the rest of the morning was easily whiled away, in lounging round the kitchen

garden, examining the bloom upon its walls, and listening to the gardener's lamentations upon blights, in dawdling through the green-house, where the loss of her favourite plants, unwarily exposed, and nipped by the lingering frost, raised the laughter of Charlotte,—and in visiting her poultry-yard, where, in the disappointed hopes of her dairy-maid, by hens forsaking their nests, or being stolen by a fox, or in the rapid decrease of a promising young brood, she found fresh sources of merriment.

The morning was fine and dry, and Marianne, in her plan of employment abroad, had not calculated for any change of weather during their stay at Cleveland. With great surprise therefore, did she find herself prevented by a settled rain from going out again after dinner. She had depended on a twilight walk to the Grecian temple, and perhaps all over the grounds, and an evening merely cold or damp would not have deterred her from it; but a heavy and settled rain even SHE could not fancy dry or pleasant weather for walking.

Their party was small, and the hours passed quietly away. Mrs. Palmer had her child, and Mrs. Jennings her carpet-work; they talked of the friends they had left behind, arranged Lady Middleton's engagements, and wondered whether Mr. Palmer and Colonel Brandon would get farther than Reading that night. Elinor, however little concerned in it, joined in their discourse; and Marianne, who had the knack of finding her way in every house to the library, however it might be avoided by the family in general, soon procured herself a book.

Nothing was wanting on Mrs. Palmer's side that constant and friendly good humour could do, to make them feel themselves welcome. The openness and heartiness of her manner more than atoned for that want of recollection and elegance which made her often deficient in the forms of politeness; her kindness, recommended by so pretty a face, was engaging; her folly, though evident was not disgusting, because it was not conceited; and Elinor could have forgiven every thing but her laugh.

The two gentlemen arrived the next day to a very late dinner, affording a pleasant enlargement of the party, and a very welcome variety to their conversation, which a long morning of the same continued rain had reduced very low.

Elinor had seen so little of Mr. Palmer, and in that little had seen so much variety in his address to her sister and herself, that she knew not what to expect to find him in his own family. She found him, however, perfectly the gentleman in his behaviour to all his visitors, and only occasionally rude to his wife and her mother; she found him very capable of being a pleasant companion, and only prevented from being so always, by too great an aptitude to fancy himself as much superior to people in general, as he must feel himself to be to Mrs. Jennings and Charlotte. For the rest of his character and habits, they were marked, as far as Elinor could perceive, with no traits at all unusual in his sex and time of life. He was nice in his eating, uncertain in his hours; fond of his child, though affecting to slight it; and idled away the mornings at billiards, which ought to have been devoted to business. She liked him, however, upon the whole, much better than she had expected, and in her heart was not sorry that she could like him no more;—not sorry to be driven by the observation of his Epicurism, his selfishness, and his conceit, to rest with complacency on the remembrance of Edward's generous temper, simple taste, and diffident feelings.

Of Edward, or at least of some of his concerns, she now received intelligence from Colonel Brandon, who had been into Dorsetshire lately; and who, treating her at once as the disinterested friend of Mr. Ferrars, and the kind of confidant of himself, talked to her a great deal of the parsonage at Delaford, described its deficiencies, and told her what he meant to do himself towards removing them.—His behaviour to her in this, as well as in every other particular, his open pleasure in meeting her after an absence of only ten days, his readiness to converse with her, and his deference for her opinion, might very well justify Mrs. Jennings's persuasion of his attachment, and would have been enough, perhaps, had not Elinor still, as from the first, believed Marianne his real favourite, to make her suspect it herself. But as it was, such a notion had scarcely ever entered her head, except by Mrs. Jennings's suggestion; and she could not help believing herself the nicest observer of the two;—she watched his eyes, while Mrs. Jennings thought only of his behaviour;—and while his looks of anxious solicitude on Marianne's feeling, in her head and throat, the beginning of a heavy cold, because unexpressed by words, entirely escaped the latter

lady's observation;—SHE could discover in them the quick feelings, and needless alarm of a lover.

Two delightful twilight walks on the third and fourth evenings of her being there, not merely on the dry gravel of the shrubbery, but all over the grounds, and especially in the most distant parts of them, where there was something more of wildness than in the rest, where the trees were the oldest, and the grass was the longest and wettest, had—assisted by the still greater imprudence of sitting in her wet shoes and stockings—given Marianne a cold so violent as, though for a day or two trifled with or denied, would force itself by increasing ailments on the concern of every body, and the notice of herself. Prescriptions poured in from all quarters, and as usual, were all declined. Though heavy and feverish, with a pain in her limbs, and a cough, and a sore throat, a good night's rest was to cure her entirely; and it was with difficulty that Elinor prevailed on her, when she went to bed, to try one or two of the simplest of the remedies.



## CHAPTER 43

Marianne got up the next morning at her usual time; to every inquiry replied that she was better, and tried to prove herself so, by engaging in her accustomed employments. But a day spent in sitting shivering over the fire with a book in her hand, which she was unable to read, or in lying, weary and languid, on a sofa, did not speak much in favour of her amendment; and when, at last, she went early to bed, more and more indisposed, Colonel Brandon was only astonished at her sister's composure, who, though attending and nursing her the whole day, against Marianne's inclination, and forcing proper medicines on her at night, trusted, like Marianne, to the certainty and efficacy of sleep, and felt no real alarm.

A very restless and feverish night, however, disappointed the expectation of both; and when Marianne, after persisting in rising, confessed herself unable to sit up, and returned voluntarily to her bed, Elinor was very ready to adopt Mrs. Jennings's advice, of sending for the Palmers' apothecary.

He came, examined his patient, and though encouraging Miss Dashwood to expect that a very few days would restore her sister to health, yet, by pronouncing her disorder to have a putrid tendency, and allowing the word "infection" to pass his lips, gave instant alarm to Mrs. Palmer, on her baby's account. Mrs. Jennings, who had been inclined from the first to think Marianne's complaint more serious than Elinor, now looked very grave on Mr. Harris's report, and confirming Charlotte's fears and caution, urged the necessity of her immediate removal with her infant; and Mr. Palmer, though treating their apprehensions as idle, found the anxiety and importunity of his wife too great to be withstood. Her departure, therefore, was fixed on; and within an hour after Mr. Harris's arrival, she set off, with her little boy and his nurse, for the house of a near relation of Mr. Palmer's, who lived a few miles on the other side of Bath; whither her husband promised, at her earnest entreaty, to join her in a day or two; and whither she was almost equally urgent with her mother to accompany her. Mrs. Jennings, however, with a kindness of heart which made Elinor really love

her, declared her resolution of not stirring from Cleveland as long as Marianne remained ill, and of endeavouring, by her own attentive care, to supply to her the place of the mother she had taken her from; and Elinor found her on every occasion a most willing and active helpmate, desirous to share in all her fatigues, and often by her better experience in nursing, of material use.

Poor Marianne, languid and low from the nature of her malady, and feeling herself universally ill, could no longer hope that tomorrow would find her recovered; and the idea of what tomorrow would have produced, but for this unlucky illness, made every ailment severe; for on that day they were to have begun their journey home; and, attended the whole way by a servant of Mrs. Jennings, were to have taken their mother by surprise on the following forenoon. The little she said was all in lamentation of this inevitable delay; though Elinor tried to raise her spirits, and make her believe, as she THEN really believed herself, that it would be a very short one.

The next day produced little or no alteration in the state of the patient; she certainly was not better, and, except that there was no amendment, did not appear worse. Their party was now farther reduced; for Mr. Palmer, though very unwilling to go as well from real humanity and good-nature, as from a dislike of appearing to be frightened away by his wife, was persuaded at last by Colonel Brandon to perform his promise of following her; and while he was preparing to go, Colonel Brandon himself, with a much greater exertion, began to talk of going likewise.—Here, however, the kindness of Mrs. Jennings interposed most acceptably; for to send the Colonel away while his love was in so much uneasiness on her sister's account, would be to deprive them both, she thought, of every comfort; and therefore telling him at once that his stay at Cleveland was necessary to herself, that she should want him to play at piquet of an evening, while Miss Dashwood was above with her sister, &c. she urged him so strongly to remain, that he, who was gratifying the first wish of his own heart by a compliance, could not long even affect to demur; especially as Mrs. Jennings's entreaty was warmly seconded by Mr. Palmer, who seemed to feel a relief to himself, in leaving behind him a person so well able to assist or advise Miss Dashwood in any emergence.

Marianne was, of course, kept in ignorance of all these arrangements. She knew not that she had been the means of sending the owners of Cleveland away, in about seven days from the time of their arrival. It gave her no surprise that she saw nothing of Mrs. Palmer; and as it gave her likewise no concern, she never mentioned her name.

Two days passed away from the time of Mr. Palmer's departure, and her situation continued, with little variation, the same. Mr. Harris, who attended her every day, still talked boldly of a speedy recovery, and Miss Dashwood was equally sanguine; but the expectation of the others was by no means so cheerful. Mrs. Jennings had determined very early in the seizure that Marianne would never get over it, and Colonel Brandon, who was chiefly of use in listening to Mrs. Jennings's forebodings, was not in a state of mind to resist their influence. He tried to reason himself out of fears, which the different judgment of the apothecary seemed to render absurd; but the many hours of each day in which he was left entirely alone, were but too favourable for the admission of every melancholy idea, and he could not expel from his mind the persuasion that he should see Marianne no more.

On the morning of the third day however, the gloomy anticipations of both were almost done away; for when Mr. Harris arrived, he declared his patient materially better. Her pulse was much stronger, and every symptom more favourable than on the preceding visit. Elinor, confirmed in every pleasant hope, was all cheerfulness; rejoicing that in her letters to her mother, she had pursued her own judgment rather than her friend's, in making very light of the indisposition which delayed them at Cleveland; and almost fixing on the time when Marianne would be able to travel.

But the day did not close so auspiciously as it began.— Towards the evening Marianne became ill again, growing more heavy, restless, and uncomfortable than before. Her sister, however, still sanguine, was willing to attribute the change to nothing more than the fatigue of having sat up to have her bed made; and carefully administering the cordials prescribed, saw her, with satisfaction, sink at last into a slumber, from which she expected the most beneficial effects. Her sleep, though not so quiet as Elinor wished to see it, lasted a considerable time; and anxious to observe the result of it

herself, she resolved to sit with her during the whole of it. Mrs. Jennings, knowing nothing of any change in the patient, went unusually early to bed; her maid, who was one of the principal nurses, was recreating herself in the housekeeper's room, and Elinor remained alone with Marianne.

The repose of the latter became more and more disturbed; and her sister, who watched, with unremitting attention her continual change of posture, and heard the frequent but inarticulate sounds of complaint which passed her lips, was almost wishing to rouse her from so painful a slumber, when Marianne, suddenly awakened by some accidental noise in the house, started hastily up, and, with feverish wildness, cried out,

“Is mama coming?”

“Not yet,” cried the other, concealing her terror, and assisting Marianne to lie down again, “but she will be here, I hope, before it is long. It is a great way, you know, from hence to Barton.”

“But she must not go round by London,” cried Marianne, in the same hurried manner. “I shall never see her, if she goes by London.”

Elinor perceived with alarm that she was not quite herself, and, while attempting to soothe her, eagerly felt her pulse. It was lower and quicker than ever! and Marianne, still talking wildly of mama, her alarm increased so rapidly, as to determine her on sending instantly for Mr. Harris, and despatching a messenger to Barton for her mother. To consult with Colonel Brandon on the best means of effecting the latter, was a thought which immediately followed the resolution of its performance; and as soon she had rung up the maid to take her place by her sister, she hastened down to the drawing-room, where she knew he was generally to be found at a much later hour than the present.

It was no time for hesitation. Her fears and her difficulties were immediately before him. Her fears, he had no courage, no confidence to attempt the removal of: he listened to them in silent despondence; but her difficulties were instantly obviated, for with a readiness that seemed to speak the occasion, and the service pre-arranged in his mind, he offered himself as the messenger who should fetch Mrs. Dashwood. Elinor made no resistance that was not easily overcome. She thanked him with brief, though fervent gratitude, and while he went to hurry off his servant with a

message to Mr. Harris, and an order for post-horses directly, she wrote a few lines to her mother.

The comfort of such a friend at that moment as Colonel Brandon—or such a companion for her mother,—how gratefully was it felt!—a companion whose judgment would guide, whose attendance must relieve, and whose friendship might soothe her!—as far as the shock of such a summons COULD be lessened to her, his presence, his manners, his assistance, would lessen it.

HE, meanwhile, whatever he might feel, acted with all the firmness of a collected mind, made every necessary arrangement with the utmost despatch, and calculated with exactness the time in which she might look for his return. Not a moment was lost in delay of any kind. The horses arrived, even before they were expected, and Colonel Brandon only pressing her hand with a look of solemnity, and a few words spoken too low to reach her ear, hurried into the carriage. It was then about twelve o'clock, and she returned to her sister's apartment to wait for the arrival of the apothecary, and to watch by her the rest of the night. It was a night of almost equal suffering to both. Hour after hour passed away in sleepless pain and delirium on Marianne's side, and in the most cruel anxiety on Elinor's, before Mr. Harris appeared. Her apprehensions once raised, paid by their excess for all her former security; and the servant who sat up with her, for she would not allow Mrs. Jennings to be called, only tortured her more, by hints of what her mistress had always thought.

Marianne's ideas were still, at intervals, fixed incoherently on her mother, and whenever she mentioned her name, it gave a pang to the heart of poor Elinor, who, reproaching herself for having trifled with so many days of illness, and wretched for some immediate relief, fancied that all relief might soon be in vain, that every thing had been delayed too long, and pictured to herself her suffering mother arriving too late to see this darling child, or to see her rational.

She was on the point of sending again for Mr. Harris, or if HE could not come, for some other advice, when the former—but not till after five o'clock—arrived. His opinion, however, made some little amends for his delay, for though acknowledging a very unexpected and unpleasant alteration in his patient, he would not allow the danger to be material, and

talked of the relief which a fresh mode of treatment must procure, with a confidence which, in a lesser degree, was communicated to Elinor. He promised to call again in the course of three or four hours, and left both the patient and her anxious attendant more composed than he had found them.

With strong concern, and with many reproaches for not being called to their aid, did Mrs. Jennings hear in the morning of what had passed. Her former apprehensions, now with greater reason restored, left her no doubt of the event; and though trying to speak comfort to Elinor, her conviction of her sister's danger would not allow her to offer the comfort of hope. Her heart was really grieved. The rapid decay, the early death of a girl so young, so lovely as Marianne, must have struck a less interested person with concern. On Mrs. Jennings's compassion she had other claims. She had been for three months her companion, was still under her care, and she was known to have been greatly injured, and long unhappy. The distress of her sister too, particularly a favourite, was before her;—and as for their mother, when Mrs. Jennings considered that Marianne might probably be to HER what Charlotte was to herself, her sympathy in HER sufferings was very sincere.

Mr. Harris was punctual in his second visit;—but he came to be disappointed in his hopes of what the last would produce. His medicines had failed;—the fever was unabated; and Marianne only more quiet—not more herself—remained in a heavy stupor. Elinor, catching all, and more than all, his fears in a moment, proposed to call in further advice. But he judged it unnecessary: he had still something more to try, some more fresh application, of whose success he was as confident as the last, and his visit concluded with encouraging assurances which reached the ear, but could not enter the heart of Miss Dashwood. She was calm, except when she thought of her mother; but she was almost hopeless; and in this state she continued till noon, scarcely stirring from her sister's bed, her thoughts wandering from one image of grief, one suffering friend to another, and her spirits oppressed to the utmost by the conversation of Mrs. Jennings, who scrupled not to attribute the severity and danger of this attack to the many weeks of previous indisposition which Marianne's disappointment had brought on. Elinor felt all the reasonableness of the idea, and it gave fresh misery to her reflections.

About noon, however, she began—but with a caution—a dread of disappointment which for some time kept her silent, even to her friend—to fancy, to hope she could perceive a slight amendment in her sister's pulse;—she waited, watched, and examined it again and again;—and at last, with an agitation more difficult to bury under exterior calmness, than all her foregoing distress, ventured to communicate her hopes. Mrs. Jennings, though forced, on examination, to acknowledge a temporary revival, tried to keep her young friend from indulging a thought of its continuance;—and Elinor, conning over every injunction of distrust, told herself likewise not to hope. But it was too late. Hope had already entered; and feeling all its anxious flutter, she bent over her sister to watch—she hardly knew for what. Half an hour passed away, and the favourable symptom yet blessed her. Others even arose to confirm it. Her breath, her skin, her lips, all flattered Elinor with signs of amendment; and Marianne fixed her eyes on her with a rational, though languid, gaze. Anxiety and hope now oppressed her in equal degrees, and left her no moment of tranquillity till the arrival of Mr. Harris at four o'clock;—when his assurances, his felicitations on a recovery in her sister even surpassing his expectation, gave her confidence, comfort, and tears of joy.

Marianne was in every respect materially better, and he declared her entirely out of danger. Mrs. Jennings, perhaps satisfied with the partial justification of her forebodings which had been found in their late alarm, allowed herself to trust in his judgment, and admitted, with unfeigned joy, and soon with unequivocal cheerfulness, the probability of an entire recovery.

Elinor could not be cheerful. Her joy was of a different kind, and led to any thing rather than to gaiety. Marianne restored to life, health, friends, and to her doting mother, was an idea to fill her heart with sensations of exquisite comfort, and expand it in fervent gratitude;—but it led to no outward demonstrations of joy, no words, no smiles. All within Elinor's breast was satisfaction, silent and strong.

She continued by the side of her sister, with little intermission the whole afternoon, calming every fear, satisfying every inquiry of her enfeebled spirits, supplying every succour, and watching almost every look and every breath. The possibility of a relapse would of course, in some

moments, occur to remind her of what anxiety was—but when she saw, on her frequent and minute examination, that every symptom of recovery continued, and saw Marianne at six o'clock sink into a quiet, steady, and to all appearance comfortable, sleep, she silenced every doubt.

The time was now drawing on, when Colonel Brandon might be expected back. At ten o'clock, she trusted, or at least not much later her mother would be relieved from the dreadful suspense in which she must now be travelling towards them. The Colonel, too!—perhaps scarcely less an object of pity!—Oh!—how slow was the progress of time which yet kept them in ignorance!

At seven o'clock, leaving Marianne still sweetly asleep, she joined Mrs. Jennings in the drawing-room to tea. Of breakfast she had been kept by her fears, and of dinner by their sudden reverse, from eating much;—and the present refreshment, therefore, with such feelings of content as she brought to it, was particularly welcome. Mrs. Jennings would have persuaded her, at its conclusion, to take some rest before her mother's arrival, and allow HER to take her place by Marianne; but Elinor had no sense of fatigue, no capability of sleep at that moment about her, and she was not to be kept away from her sister an unnecessary instant. Mrs. Jennings therefore attending her up stairs into the sick chamber, to satisfy herself that all continued right, left her there again to her charge and her thoughts, and retired to her own room to write letters and sleep.

The night was cold and stormy. The wind roared round the house, and the rain beat against the windows; but Elinor, all happiness within, regarded it not. Marianne slept through every blast; and the travellers—they had a rich reward in store, for every present inconvenience.

The clock struck eight. Had it been ten, Elinor would have been convinced that at that moment she heard a carriage driving up to the house; and so strong was the persuasion that she DID, in spite of the ALMOST impossibility of their being already come, that she moved into the adjoining dressing-closet and opened a window shutter, to be satisfied of the truth. She instantly saw that her ears had not deceived her. The flaring lamps of a carriage were immediately in view. By their uncertain light she thought she could discern it to be drawn by four horses; and this, while it told the



excess of her poor mother's alarm, gave some explanation to such unexpected rapidity.

Never in her life had Elinor found it so difficult to be calm, as at that moment. The knowledge of what her mother must be feeling as the carriage stopt at the door—of her doubt—her dread—perhaps her despair!—and of what SHE had to tell!—with such knowledge it was impossible to be calm. All that remained to be done was to be speedy; and, therefore staying only till she could leave Mrs. Jennings's maid with her sister, she hurried down stairs.

The bustle in the vestibule, as she passed along an inner lobby, assured her that they were already in the house. She rushed to the drawing-room,—she entered it,—and saw only Willoughby.

## CHAPTER 44

Elinor, starting back with a look of horror at the sight of him, obeyed the first impulse of her heart in turning instantly to quit the room, and her hand was already on the lock, when its action was suspended by his hastily advancing, and saying, in a voice rather of command than supplication,

“Miss Dashwood, for half an hour—for ten minutes—I entreat you to stay.”

“No, sir,” she replied with firmness, “I shall NOT stay. Your business cannot be with ME. The servants, I suppose, forgot to tell you that Mr. Palmer was not in the house.”

“Had they told me,” he cried with vehemence, “that Mr. Palmer and all his relations were at the devil, it would not have turned me from the door. My business is with you, and only you.”

“With me!”—in the utmost amazement—“well, sir,—be quick—and if you can—less violent.”

“Sit down, and I will be both.”

She hesitated; she knew not what to do. The possibility of Colonel Brandon’s arriving and finding her there, came across her. But she had promised to hear him, and her curiosity no less than her honor was engaged. After a moment’s recollection, therefore, concluding that prudence required dispatch, and that her acquiescence would best promote it, she walked silently towards the table, and sat down. He took the opposite chair, and for half a minute not a word was said by either.

“Pray be quick, sir,”—said Elinor, impatiently;—“I have no time to spare.”

He was sitting in an attitude of deep meditation, and seemed not to hear her.

“Your sister,” said he, with abruptness, a moment afterwards—“is out of danger. I heard it from the servant. God be praised!—But is it true? is it really true?”

Elinor would not speak. He repeated the inquiry with yet greater eagerness.

“For God’s sake tell me, is she out of danger, or is she not?”

“We hope she is.”

He rose up, and walked across the room.

“Had I known as much half an hour ago—But since I AM here,”—speaking with a forced vivacity as he returned to his seat—“what does it signify?—For once, Miss Dashwood—it will be the last time, perhaps—let us be cheerful together.—I am in a fine mood for gaiety.— Tell me honestly”—a deeper glow overspreading his cheeks—“do you think me most a knave or a fool?”

Elinor looked at him with greater astonishment than ever. She began to think that he must be in liquor;—the strangeness of such a visit, and of such manners, seemed no otherwise intelligible; and with this impression she immediately rose, saying,

“Mr. Willoughby, I advise you at present to return to Combe—I am not at leisure to remain with you longer.— Whatever your business may be with me, will it be better recollected and explained tomorrow.”

“I understand you,” he replied, with an expressive smile, and a voice perfectly calm; “yes, I am very drunk. A pint of porter with my cold beef at Marlborough was enough to over-set me.”

“At Marlborough!” cried Elinor, more and more at a loss to understand what he would be at.

“Yes, I left London this morning at eight o’clock, and the only ten minutes I have spent out of my chaise since that time procured me a nuncheon at Marlborough.”

The steadiness of his manner, and the intelligence of his eye as he spoke, convincing Elinor, that whatever other unpardonable folly might bring him to Cleveland, he was not brought there by intoxication, she said, after a moment’s recollection,

“Mr. Willoughby, you OUGHT to feel, and I certainly DO—that after what has passed—your coming here in this manner, and forcing

yourself upon my notice, requires a very particular excuse.—What is it, that you mean by it?”

“I mean,” said he, with serious energy, “if I can, to make you hate me one degree less than you do NOW. I mean to offer some kind of explanation, some kind of apology, for the past; to open my whole heart to you, and by convincing you, that though I have been always a blockhead, I have not been always a rascal, to obtain something like forgiveness from Ma... from your sister.”

“Is this the real reason of your coming?”

“Upon my soul it is,” was his answer, with a warmth which brought all the former Willoughby to her remembrance, and in spite of herself made her think him sincere.

“If that is all, you may be satisfied already,— for Marianne DOES—she has LONG forgiven you.”

“Has she?”—he cried, in the same eager tone.— “Then she has forgiven me before she ought to have done it. But she shall forgive me again, and on more reasonable grounds. NOW will you listen to me?”

Elinor bowed her assent.

“I do not know,” said he, after a pause of expectation on her side, and thoughtfulness on his own, “how YOU may have accounted for my behaviour to your sister, or what diabolical motive you may have imputed to me.— Perhaps you will hardly think the better of me,—it is worth the trial however, and you shall hear every thing. When I first became intimate in your family, I had no other intention, no other view in the acquaintance than to pass my time pleasantly while I was obliged to remain in Devonshire, more pleasantly than I had ever done before. Your sister’s lovely person and interesting manners could not but please me; and her behaviour to me almost from the first, was of a kind—It is astonishing, when I reflect on what it was, and what SHE was, that my heart should have been so insensible! But at first I must confess, my vanity only was elevated by it. Careless of her happiness, thinking only of my own amusement, giving way to feelings which I had always been too much in the habit of indulging, I endeavoured, by every means in my power, to make myself pleasing to her, without any design of returning her affection.”

Miss Dashwood, at this point, turning her eyes on him with the most angry contempt, stopped him, by saying,

“It is hardly worth while, Mr. Willoughby, for you to relate, or for me to listen any longer. Such a beginning as this cannot be followed by any thing.— Do not let me be pained by hearing any thing more on the subject.”

“I insist on you hearing the whole of it,” he replied, “My fortune was never large, and I had always been expensive, always in the habit of associating with people of better income than myself. Every year since my coming of age, or even before, I believe, had added to my debts; and though the death of my old cousin, Mrs. Smith, was to set me free; yet that event being uncertain, and possibly far distant, it had been for some time my intention to re-establish my circumstances by marrying a woman of fortune. To attach myself to your sister, therefore, was not a thing to be thought of;—and with a meanness, selfishness, cruelty—which no indignant, no contemptuous look, even of yours, Miss Dashwood, can ever reprobate too much—I was acting in this manner, trying to engage her regard, without a thought of returning it.—But one thing may be said for me: even in that horrid state of selfish vanity, I did not know the extent of the injury I meditated, because I did not THEN know what it was to love. But have I ever known it?—Well may it be doubted; for, had I really loved, could I have sacrificed my feelings to vanity, to avarice?—or, what is more, could I have sacrificed hers?— But I have done it. To avoid a comparative poverty, which her affection and her society would have deprived of all its horrors, I have, by raising myself to affluence, lost every thing that could make it a blessing.”

“You did then,” said Elinor, a little softened, “believe yourself at one time attached to her?”

“To have resisted such attractions, to have withstood such tenderness!—Is there a man on earth who could have done it?—Yes, I found myself, by insensible degrees, sincerely fond of her; and the happiest hours of my life were what I spent with her when I felt my intentions were strictly honourable, and my feelings blameless. Even THEN, however, when fully determined on paying my addresses to her, I allowed myself most improperly to put off, from day to day, the moment of doing it, from an unwillingness to enter into an engagement while my circumstances were so

greatly embarrassed. I will not reason here—nor will I stop for YOU to expatiate on the absurdity, and the worse than absurdity, of scrupling to engage my faith where my honour was already bound. The event has proved, that I was a cunning fool, providing with great circumspection for a possible opportunity of making myself contemptible and wretched for ever. At last, however, my resolution was taken, and I had determined, as soon as I could engage her alone, to justify the attentions I had so invariably paid her, and openly assure her of an affection which I had already taken such pains to display. But in the interim—in the interim of the very few hours that were to pass, before I could have an opportunity of speaking with her in private—a circumstance occurred—an unlucky circumstance, to ruin all my resolution, and with it all my comfort. A discovery took place,”—here he hesitated and looked down.—”Mrs. Smith had somehow or other been informed, I imagine by some distant relation, whose interest it was to deprive me of her favour, of an affair, a connection—but I need not explain myself farther,” he added, looking at her with an heightened colour and an enquiring eye—”your particular intimacy—you have probably heard the whole story long ago.”

“I have,” returned Elinor, colouring likewise, and hardening her heart anew against any compassion for him, “I have heard it all. And how you will explain away any part of your guilt in that dreadful business, I confess is beyond my comprehension.”

“Remember,” cried Willoughby, “from whom you received the account. Could it be an impartial one? I acknowledge that her situation and her character ought to have been respected by me. I do not mean to justify myself, but at the same time cannot leave you to suppose that I have nothing to urge—that because she was injured she was irreproachable, and because I was a libertine, SHE must be a saint. If the violence of her passions, the weakness of her understanding—I do not mean, however, to defend myself. Her affection for me deserved better treatment, and I often, with great self-reproach, recall the tenderness which, for a very short time, had the power of creating any return. I wish—I heartily wish it had never been. But I have injured more than herself; and I have injured one, whose affection for me—(may I say it?) was scarcely less warm than hers; and whose mind—Oh! how infinitely superior!”

“Your indifference, however, towards that unfortunate girl—I must say it, unpleasant to me as the discussion of such a subject may well be—your indifference is no apology for your cruel neglect of her. Do not think yourself excused by any weakness, any natural defect of understanding on her side, in the wanton cruelty so evident on yours. You must have known, that while you were enjoying yourself in Devonshire pursuing fresh schemes, always gay, always happy, she was reduced to the extremest indigence.”

“But, upon my soul, I did NOT know it,” he warmly replied; “I did not recollect that I had omitted to give her my direction; and common sense might have told her how to find it out.”

“Well, sir, and what said Mrs. Smith?”

“She taxed me with the offence at once, and my confusion may be guessed. The purity of her life, the formality of her notions, her ignorance of the world—every thing was against me. The matter itself I could not deny, and vain was every endeavour to soften it. She was previously disposed, I believe, to doubt the morality of my conduct in general, and was moreover discontented with the very little attention, the very little portion of my time that I had bestowed on her, in my present visit. In short, it ended in a total breach. By one measure I might have saved myself. In the height of her morality, good woman! she offered to forgive the past, if I would marry Eliza. That could not be—and I was formally dismissed from her favour and her house. The night following this affair—I was to go the next morning—was spent by me in deliberating on what my future conduct should be. The struggle was great—but it ended too soon. My affection for Marianne, my thorough conviction of her attachment to me—it was all insufficient to outweigh that dread of poverty, or get the better of those false ideas of the necessity of riches, which I was naturally inclined to feel, and expensive society had increased. I had reason to believe myself secure of my present wife, if I chose to address her, and I persuaded myself to think that nothing else in common prudence remained for me to do. A heavy scene however awaited me, before I could leave Devonshire;—I was engaged to dine with you on that very day; some apology was therefore necessary for my breaking this engagement. But whether I should write this apology, or deliver it in person, was a point of long debate. To see Marianne, I felt,

would be dreadful, and I even doubted whether I could see her again, and keep to my resolution. In that point, however, I undervalued my own magnanimity, as the event declared; for I went, I saw her, and saw her miserable, and left her miserable—and left her hoping never to see her again.”

“Why did you call, Mr. Willoughby?” said Elinor, reproachfully; “a note would have answered every purpose.— Why was it necessary to call?”

“It was necessary to my own pride. I could not bear to leave the country in a manner that might lead you, or the rest of the neighbourhood, to suspect any part of what had really passed between Mrs. Smith and myself—and I resolved therefore on calling at the cottage, in my way to Honiton. The sight of your dear sister, however, was really dreadful; and, to heighten the matter, I found her alone. You were all gone I do not know where. I had left her only the evening before, so fully, so firmly resolved within my self on doing right! A few hours were to have engaged her to me for ever; and I remember how happy, how gay were my spirits, as I walked from the cottage to Allenham, satisfied with myself, delighted with every body! But in this, our last interview of friendship, I approached her with a sense of guilt that almost took from me the power of dissembling. Her sorrow, her disappointment, her deep regret, when I told her that I was obliged to leave Devonshire so immediately—I never shall forget it—united too with such reliance, such confidence in me!—Oh, God!—what a hard-hearted rascal I was!”

They were both silent for a few moments. Elinor first spoke.

“Did you tell her that you should soon return?”

“I do not know what I told her,” he replied, impatiently; “less than was due to the past, beyond a doubt, and in all likelihood much more than was justified by the future. I cannot think of it.—It won’t do.—Then came your dear mother to torture me farther, with all her kindness and confidence. Thank Heaven! it DID torture me. I was miserable. Miss Dashwood, you cannot have an idea of the comfort it gives me to look back on my own misery. I owe such a grudge to myself for the stupid, rascally folly of my own heart, that all my past sufferings under it are only triumph and exultation to me now. Well, I went, left all that I loved, and went to those to whom, at best, I was only indifferent. My journey to town—



travelling with my own horses, and therefore so tediously—no creature to speak to—my own reflections so cheerful—when I looked forward every thing so inviting!—when I looked back at Barton, the picture so soothing!—oh, it was a blessed journey!”

He stopped.

“Well, sir,” said Elinor, who, though pitying him, grew impatient for his departure, “and this is all?”

“Ah!—no,—have you forgot what passed in town?— That infamous letter—Did she shew it you?”

“Yes, I saw every note that passed.”

“When the first of hers reached me (as it immediately did, for I was in town the whole time,) what I felt is—in the common phrase, not to be expressed; in a more simple one—perhaps too simple to raise any emotion—my feelings were very, very painful.—Every line, every word was—in the hackneyed metaphor which their dear writer, were she here, would forbid—a dagger to my heart. To know that Marianne was in town was—in the same language—a thunderbolt.—Thunderbolts and daggers!—what a reproof would she have given me!—her taste, her opinions—I believe they are better known to me than my own,—and I am sure they are dearer.”

Elinor’s heart, which had undergone many changes in the course of this extraordinary conversation, was now softened again;—yet she felt it her duty to check such ideas in her companion as the last.

“This is not right, Mr. Willoughby.—Remember that you are married. Relate only what in your conscience you think necessary for me to hear.”

“Marianne’s note, by assuring me that I was still as dear to her as in former days, that in spite of the many, many weeks we had been separated, she was as constant in her own feelings, and as full of faith in the constancy of mine as ever, awakened all my remorse. I say awakened, because time and London, business and dissipation, had in some measure quieted it, and I had been growing a fine hardened villain, fancying myself indifferent to her, and chusing to fancy that she too must have become indifferent to me; talking to myself of our past attachment as a mere idle,

trifling business, shrugging up my shoulders in proof of its being so, and silencing every reproach, overcoming every scruple, by secretly saying now and then, 'I shall be heartily glad to hear she is well married.'— But this note made me know myself better. I felt that she was infinitely dearer to me than any other woman in the world, and that I was using her infamously. But every thing was then just settled between Miss Grey and me. To retreat was impossible. All that I had to do, was to avoid you both. I sent no answer to Marianne, intending by that to preserve myself from her farther notice; and for some time I was even determined not to call in Berkeley Street;—but at last, judging it wiser to affect the air of a cool, common acquaintance than anything else, I watched you all safely out of the house one morning, and left my name.”

“Watched us out of the house!”

“Even so. You would be surprised to hear how often I watched you, how often I was on the point of falling in with you. I have entered many a shop to avoid your sight, as the carriage drove by. Lodging as I did in Bond Street, there was hardly a day in which I did not catch a glimpse of one or other of you; and nothing but the most constant watchfulness on my side, a most invariably prevailing desire to keep out of your sight, could have separated us so long. I avoided the Middletons as much as possible, as well as everybody else who was likely to prove an acquaintance in common. Not aware of their being in town, however, I blundered on Sir John, I believe, the first day of his coming, and the day after I had called at Mrs. Jennings's. He asked me to a party, a dance at his house in the evening.— Had he NOT told me as an inducement that you and your sister were to be there, I should have felt it too certain a thing, to trust myself near him. The next morning brought another short note from Marianne—still affectionate, open, artless, confiding—everything that could make MY conduct most hateful. I could not answer it. I tried—but could not frame a sentence. But I thought of her, I believe, every moment of the day. If you CAN pity me, Miss Dashwood, pity my situation as it was THEN. With my head and heart full of your sister, I was forced to play the happy lover to another woman!—Those three or four weeks were worse than all. Well, at last, as I need not tell you, you were forced on me; and what a sweet figure I cut!—what an evening of agony it was!— Marianne, beautiful as an angel

on one side, calling me Willoughby in such a tone!—Oh, God!—holding out her hand to me, asking me for an explanation, with those bewitching eyes fixed in such speaking solicitude on my face!—and Sophia, jealous as the devil on the other hand, looking all that was—Well, it does not signify; it is over now.—Such an evening!—I ran away from you all as soon as I could; but not before I had seen Marianne’s sweet face as white as death.—THAT was the last, last look I ever had of her;—the last manner in which she appeared to me. It was a horrid sight!—yet when I thought of her to-day as really dying, it was a kind of comfort to me to imagine that I knew exactly how she would appear to those, who saw her last in this world. She was before me, constantly before me, as I travelled, in the same look and hue.”

A short pause of mutual thoughtfulness succeeded. Willoughby first rousing himself, broke it thus:

“Well, let me make haste and be gone. Your sister is certainly better, certainly out of danger?”

“We are assured of it.”

“Your poor mother, too!—doting on Marianne.”

“But the letter, Mr. Willoughby, your own letter; have you any thing to say about that?”

“Yes, yes, THAT in particular. Your sister wrote to me again, you know, the very next morning. You saw what she said. I was breakfasting at the Ellisons,—and her letter, with some others, was brought to me there from my lodgings. It happened to catch Sophia’s eye before it caught mine—and its size, the elegance of the paper, the hand-writing altogether, immediately gave her a suspicion. Some vague report had reached her before of my attachment to some young lady in Devonshire, and what had passed within her observation the preceding evening had marked who the young lady was, and made her more jealous than ever. Affecting that air of playfulness, therefore, which is delightful in a woman one loves, she opened the letter directly, and read its contents. She was well paid for her impudence. She read what made her wretched. Her wretchedness I could have borne, but her passion—her malice—At all events it must be appeased. And, in short—what do you think of my wife’s style of letter-writing?—delicate—tender—truly feminine—was it not?”

“Your wife!—The letter was in your own hand-writing.”

“Yes, but I had only the credit of servilely copying such sentences as I was ashamed to put my name to. The original was all her own—her own happy thoughts and gentle diction. But what could I do!—we were engaged, every thing in preparation, the day almost fixed—But I am talking like a fool. Preparation!—day!—In honest words, her money was necessary to me, and in a situation like mine, any thing was to be done to prevent a rupture. And after all, what did it signify to my character in the opinion of Marianne and her friends, in what language my answer was couched?—It must have been only to one end. My business was to declare myself a scoundrel, and whether I did it with a bow or a bluster was of little importance.— ‘I am ruined for ever in their opinion—’ said I to myself—‘I am shut out for ever from their society, they already think me an unprincipled fellow, this letter will only make them think me a blackguard one.’ Such were my reasonings, as, in a sort of desperate carelessness, I copied my wife’s words, and parted with the last relics of Marianne. Her three notes—unluckily they were all in my pocketbook, or I should have denied their existence, and hoarded them for ever—I was forced to put them up, and could not even kiss them. And the lock of hair—that too I had always carried about me in the same pocket-book, which was now searched by Madam with the most ingratiating virulence,—the dear lock—all, every memento was torn from me.”

“You are very wrong, Mr. Willoughby, very blamable,” said Elinor, while her voice, in spite of herself, betrayed her compassionate emotion; “you ought not to speak in this way, either of Mrs. Willoughby or my sister. You had made your own choice. It was not forced on you. Your wife has a claim to your politeness, to your respect, at least. She must be attached to you, or she would not have married you. To treat her with unkindness, to speak of her slightingly is no atonement to Marianne—nor can I suppose it a relief to your own conscience.”

“Do not talk to me of my wife,” said he with a heavy sigh.— “She does not deserve your compassion.—She knew I had no regard for her when we married.—Well, married we were, and came down to Combe Magna to be happy, and afterwards returned to town to be gay.—And now do you pity me, Miss Dashwood?—or have I said all this to no purpose?—

Am I—be it only one degree—am I less guilty in your opinion than I was before?—My intentions were not always wrong. Have I explained away any part of my guilt?”

“Yes, you have certainly removed something—a little.— You have proved yourself, on the whole, less faulty than I had believed you. You have proved your heart less wicked, much less wicked. But I hardly know—the misery that you have inflicted—I hardly know what could have made it worse.”

“Will you repeat to your sister when she is recovered, what I have been telling you?—Let me be a little lightened too in her opinion as well as in yours. You tell me that she has forgiven me already. Let me be able to fancy that a better knowledge of my heart, and of my present feelings, will draw from her a more spontaneous, more natural, more gentle, less dignified, forgiveness. Tell her of my misery and my penitence—tell her that my heart was never inconstant to her, and if you will, that at this moment she is dearer to me than ever.”

“I will tell her all that is necessary to what may comparatively be called, your justification. But you have not explained to me the particular reason of your coming now, nor how you heard of her illness.”

“Last night, in Drury Lane lobby, I ran against Sir John Middleton, and when he saw who I was—for the first time these two months—he spoke to me.—That he had cut me ever since my marriage, I had seen without surprise or resentment. Now, however, his good-natured, honest, stupid soul, full of indignation against me, and concern for your sister, could not resist the temptation of telling me what he knew ought to—though probably he did not think it WOULD—vex me horridly. As bluntly as he could speak it, therefore, he told me that Marianne Dashwood was dying of a putrid fever at Cleveland—a letter that morning received from Mrs. Jennings declared her danger most imminent—the Palmers are all gone off in a fright, &c.—I was too much shocked to be able to pass myself off as insensible even to the undiscerning Sir John. His heart was softened in seeing mine suffer; and so much of his ill-will was done away, that when we parted, he almost shook me by the hand while he reminded me of an old promise about a pointer puppy. What I felt on hearing that your sister was dying—and dying too, believing me the greatest villain upon earth,

scorning, hating me in her latest moments—for how could I tell what horrid projects might not have been imputed? ONE person I was sure would represent me as capable of any thing— What I felt was dreadful!— My resolution was soon made, and at eight o'clock this morning I was in my carriage. Now you know all.”

Elinor made no answer. Her thoughts were silently fixed on the irreparable injury which too early an independence and its consequent habits of idleness, dissipation, and luxury, had made in the mind, the character, the happiness, of a man who, to every advantage of person and talents, united a disposition naturally open and honest, and a feeling, affectionate temper. The world had made him extravagant and vain— Extravagance and vanity had made him cold-hearted and selfish. Vanity, while seeking its own guilty triumph at the expense of another, had involved him in a real attachment, which extravagance, or at least its offspring, necessity, had required to be sacrificed. Each faulty propensity in leading him to evil, had led him likewise to punishment. The attachment, from which against honour, against feeling, against every better interest he had outwardly torn himself, now, when no longer allowable, governed every thought; and the connection, for the sake of which he had, with little scruple, left her sister to misery, was likely to prove a source of unhappiness to himself of a far more incurable nature. From a reverie of this kind she was recalled at the end of some minutes by Willoughby, who, rousing himself from a reverie at least equally painful, started up in preparation for going, and said:

“There is no use in staying here; I must be off.”

“Are you going back to town?”

“No, to Combe Magna. I have business there; from thence to town in a day or two. Good bye.”

He held out his hand. She could not refuse to give him hers; he pressed it with affection.

“And you DO think something better of me than you did?”, said he, letting it fall, and leaning against the mantel-piece as if forgetting he was to go.

Elinor assured him that she did; that she forgave, pitied, wished him well, was even interested in his happiness and added some gentle counsel as to the behaviour most likely to promote it. His answer was not very encouraging.

“As to that,” said he, “I must rub through the world as well as I can. Domestic happiness is out of the question. If, however, I am allowed to think that you and yours feel an interest in my fate and actions, it may be the means—it may put me on my guard—at least, it may be something to live for. Marianne to be sure is lost to me for ever. Were I even by any blessed chance at liberty again”

Elinor stopped him with a reproof.

“Well,”—he replied—“once more good bye. I shall now go away and live in dread of one event.”

“What do you mean?”

“Your sister’s marriage.”

“You are very wrong. She can never be more lost to you than she is now.”

“But she will be gained by some one else. And if that some one should be the very he whom, of all others, I could least bear—but I will not stay to rob myself of all your compassionate goodwill, by shewing that where I have most injured I can least forgive. Good bye,—God bless you!”

And with these words, he almost ran out of the room.

## CHAPTER 45

Elinor, for some time after he left her, for some time even after the sound of his carriage had died away, remained too much oppressed by a crowd of ideas, widely differing in themselves, but of which sadness was the general result, to think even of her sister.

Willoughby, he, whom only half an hour ago she had abhorred as the most worthless of men, Willoughby, in spite of all his faults, excited a degree of commiseration for the sufferings produced by them, which made her think of him as now separated for ever from her family, with a tenderness, a regret, rather in proportion, as she soon acknowledged within herself—to his wishes than to his merits. She felt that his influence over her mind was heightened by circumstances which ought not in reason to have weight; by that person of uncommon attraction, that open, affectionate, and lively manner which it was no merit to possess; and by that still ardent love for Marianne, which it was not even innocent to indulge. But she felt that it was so, long, long before she could feel his influence less.

When at last she returned to the unconscious Marianne, she found her just awaking, refreshed by so long and sweet a sleep to the extent of her hopes. Elinor's heart was full. The past, the present, the future, Willoughby's visit, Marianne's safety, and her mother's expected arrival, threw her altogether into an agitation of spirits which kept off every indication of fatigue, and made her only fearful of betraying herself to her sister. Short was the time, however, in which that fear could affect her, for within half an hour after Willoughby's leaving the house, she was again called down stairs by the sound of another carriage.—Eager to save her mother from every unnecessary moment's horrible suspense, she ran immediately into the hall, and reached the outward door just in time to receive and support her as she entered it.

Mrs. Dashwood, whose terror as they drew near the house had produced almost the conviction of Marianne's being no more, had no voice to inquire after her, no voice even for Elinor; but SHE, waiting neither for salutation nor inquiry, instantly gave the joyful relief;—and her mother,



catching it with all her usual warmth, was in a moment as much overcome by her happiness, as she had been before by her fears. She was supported into the drawing-room between her daughter and her friend;—and there, shedding tears of joy, though still unable to speak, embraced Elinor again and again, turning from her at intervals to press Colonel Brandon's hand, with a look which spoke at once her gratitude, and her conviction of his sharing with herself in the bliss of the moment. He shared it, however, in a silence even greater than her own.

As soon as Mrs. Dashwood had recovered herself, to see Marianne was her first desire; and in two minutes she was with her beloved child, rendered dearer to her than ever by absence, unhappiness, and danger. Elinor's delight, as she saw what each felt in the meeting, was only checked by an apprehension of its robbing Marianne of farther sleep;—but Mrs. Dashwood could be calm, could be even prudent, when the life of a child was at stake, and Marianne, satisfied in knowing her mother was near her, and conscious of being too weak for conversation, submitted readily to the silence and quiet prescribed by every nurse around her. Mrs. Dashwood WOULD sit up with her all night; and Elinor, in compliance with her mother's entreaty, went to bed. But the rest, which one night entirely sleepless, and many hours of the most wearing anxiety seemed to make requisite, was kept off by irritation of spirits. Willoughby, "poor Willoughby," as she now allowed herself to call him, was constantly in her thoughts; she would not but have heard his vindication for the world, and now blamed, now acquitted herself for having judged him so harshly before. But her promise of relating it to her sister was invariably painful. She dreaded the performance of it, dreaded what its effect on Marianne might be; doubted whether after such an explanation she could ever be happy with another; and for a moment wished Willoughby a widower. Then, remembering Colonel Brandon, reproved herself, felt that to HIS sufferings and his constancy far more than to his rival's, the reward of her sister was due, and wished any thing rather than Mrs. Willoughby's death.

The shock of Colonel Brandon's errand at Barton had been much softened to Mrs. Dashwood by her own previous alarm; for so great was her uneasiness about Marianne, that she had already determined to set out for Cleveland on that very day, without waiting for any further intelligence,

and had so far settled her journey before his arrival, that the Careys were then expected every moment to fetch Margaret away, as her mother was unwilling to take her where there might be infection.

Marianne continued to mend every day, and the brilliant cheerfulness of Mrs. Dashwood's looks and spirits proved her to be, as she repeatedly declared herself, one of the happiest women in the world. Elinor could not hear the declaration, nor witness its proofs without sometimes wondering whether her mother ever recollected Edward. But Mrs. Dashwood, trusting to the temperate account of her own disappointment which Elinor had sent her, was led away by the exuberance of her joy to think only of what would increase it. Marianne was restored to her from a danger in which, as she now began to feel, her own mistaken judgment in encouraging the unfortunate attachment to Willoughby, had contributed to place her;—and in her recovery she had yet another source of joy unthought of by Elinor. It was thus imparted to her, as soon as any opportunity of private conference between them occurred.

“At last we are alone. My Elinor, you do not yet know all my happiness. Colonel Brandon loves Marianne. He has told me so himself.”

Her daughter, feeling by turns both pleased and pained, surprised and not surprised, was all silent attention.

“You are never like me, dear Elinor, or I should wonder at your composure now. Had I sat down to wish for any possible good to my family, I should have fixed on Colonel Brandon's marrying one of you as the object most desirable. And I believe Marianne will be the most happy with him of the two.”

Elinor was half inclined to ask her reason for thinking so, because satisfied that none founded on an impartial consideration of their age, characters, or feelings, could be given;—but her mother must always be carried away by her imagination on any interesting subject, and therefore instead of an inquiry, she passed it off with a smile.

“He opened his whole heart to me yesterday as we travelled. It came out quite unawares, quite undesignedly. I, you may well believe, could talk of nothing but my child;—he could not conceal his distress; I saw that it equalled my own, and he perhaps, thinking that mere friendship, as the

world now goes, would not justify so warm a sympathy—or rather, not thinking at all, I suppose—giving way to irresistible feelings, made me acquainted with his earnest, tender, constant, affection for Marianne. He has loved her, my Elinor, ever since the first moment of seeing her.”

Here, however, Elinor perceived,—not the language, not the professions of Colonel Brandon, but the natural embellishments of her mother’s active fancy, which fashioned every thing delightful to her as it chose.

“His regard for her, infinitely surpassing anything that Willoughby ever felt or feigned, as much more warm, as more sincere or constant—which ever we are to call it—has subsisted through all the knowledge of dear Marianne’s unhappy prepossession for that worthless young man!—and without selfishness—without encouraging a hope!—could he have seen her happy with another. Such a noble mind! such openness, such sincerity! no one can be deceived in HIM.”

“Colonel Brandon’s character,” said Elinor, “as an excellent man, is well established.”

“I know it is”—replied her mother seriously, “or after such a warning, I should be the last to encourage such affection, or even to be pleased by it. But his coming for me as he did, with such active, such ready friendship, is enough to prove him one of the worthiest of men.”

“His character, however,” answered Elinor, “does not rest on ONE act of kindness, to which his affection for Marianne, were humanity out of the case, would have prompted him. To Mrs. Jennings, to the Middletons, he has been long and intimately known; they equally love and respect him; and even my own knowledge of him, though lately acquired, is very considerable; and so highly do I value and esteem him, that if Marianne can be happy with him, I shall be as ready as yourself to think our connection the greatest blessing to us in the world. What answer did you give him? Did you allow him to hope?”

“Oh! my love, I could not then talk of hope to him or to myself. Marianne might at that moment be dying. But he did not ask for hope or encouragement. His was an involuntary confidence, an irrepressible effusion to a soothing friend—not an application to a parent. Yet after a

time I DID say, for at first I was quite overcome—that if she lived, as I trusted she might, my greatest happiness would lie in promoting their marriage; and since our arrival, since our delightful security, I have repeated it to him more fully, have given him every encouragement in my power. Time, a very little time, I tell him, will do everything; Marianne’s heart is not to be wasted for ever on such a man as Willoughby. His own merits must soon secure it.”

“To judge from the Colonel’s spirits, however, you have not yet made him equally sanguine.”

“No. He thinks Marianne’s affection too deeply rooted for any change in it under a great length of time, and even supposing her heart again free, is too diffident of himself to believe, that with such a difference of age and disposition he could ever attach her. There, however, he is quite mistaken. His age is only so much beyond hers as to be an advantage, as to make his character and principles fixed; and his disposition, I am well convinced, is exactly the very one to make your sister happy. And his person, his manners too, are all in his favour. My partiality does not blind me; he certainly is not so handsome as Willoughby, but at the same time, there is something much more pleasing in his countenance. There was always a something, if you remember, in Willoughby’s eyes at times, which I did not like.”

Elinor could NOT remember it; but her mother, without waiting for her assent, continued,

“And his manners, the Colonel’s manners are not only more pleasing to me than Willoughby’s ever were, but they are of a kind I well know to be more solidly attaching to Marianne. Their gentleness, their genuine attention to other people, and their manly unstudied simplicity is much more accordant with her real disposition, than the liveliness—often artificial, and often ill-timed of the other. I am very sure myself, that had Willoughby turned out as really amiable, as he has proved himself the contrary, Marianne would yet never have been so happy with HIM, as she will be with Colonel Brandon.”

She paused. Her daughter could not quite agree with her, but her dissent was not heard, and therefore gave no offence.

“At Delaford, she will be within an easy distance of me,” added Mrs. Dashwood, “even if I remain at Barton; and in all probability,—for I hear it is a large village,—indeed there certainly **MUST** be some small house or cottage close by, that would suit us quite as well as our present situation.”

Poor Elinor! here was a new scheme for getting her to Delaford! but her spirit was stubborn.

“His fortune too!—for at my time of life you know, everybody cares about **THAT**; and though I neither know nor desire to know, what it really is, I am sure it must be a good one.”

Here they were interrupted by the entrance of a third person, and Elinor withdrew to think it all over in private, to wish success to her friend, and yet in wishing it, to feel a pang for Willoughby.

## CHAPTER 46

Marianne's illness, though weakening in its kind, had not been long enough to make her recovery slow; and with youth, natural strength, and her mother's presence in aid, it proceeded so smoothly as to enable her to remove, within four days after the arrival of the latter, into Mrs. Palmer's dressing-room. When there, at her own particular request, for she was impatient to pour forth her thanks to him for fetching her mother, Colonel Brandon was invited to visit her.

His emotion on entering the room, in seeing her altered looks, and in receiving the pale hand which she immediately held out to him, was such, as, in Elinor's conjecture, must arise from something more than his affection for Marianne, or the consciousness of its being known to others; and she soon discovered in his melancholy eye and varying complexion as he looked at her sister, the probable recurrence of many past scenes of misery to his mind, brought back by that resemblance between Marianne and Eliza already acknowledged, and now strengthened by the hollow eye, the sickly skin, the posture of reclining weakness, and the warm acknowledgment of peculiar obligation.

Mrs. Dashwood, not less watchful of what passed than her daughter, but with a mind very differently influenced, and therefore watching to very different effect, saw nothing in the Colonel's behaviour but what arose from the most simple and self-evident sensations, while in the actions and words of Marianne she persuaded herself to think that something more than gratitude already dawned.

At the end of another day or two, Marianne growing visibly stronger every twelve hours, Mrs. Dashwood, urged equally by her own and her daughter's wishes, began to talk of removing to Barton. On HER measures depended those of her two friends; Mrs. Jennings could not quit Cleveland during the Dashwoods' stay; and Colonel Brandon was soon brought, by their united request, to consider his own abode there as equally determinate, if not equally indispensable. At his and Mrs. Jennings's united request in return, Mrs. Dashwood was prevailed on to accept the use of his

carriage on her journey back, for the better accommodation of her sick child; and the Colonel, at the joint invitation of Mrs. Dashwood and Mrs. Jennings, whose active good-nature made her friendly and hospitable for other people as well as herself, engaged with pleasure to redeem it by a visit at the cottage, in the course of a few weeks.

The day of separation and departure arrived; and Marianne, after taking so particular and lengthened a leave of Mrs. Jennings, one so earnestly grateful, so full of respect and kind wishes as seemed due to her own heart from a secret acknowledgment of past inattention, and bidding Colonel Brandon farewell with a cordiality of a friend, was carefully assisted by him into the carriage, of which he seemed anxious that she should engross at least half. Mrs. Dashwood and Elinor then followed, and the others were left by themselves, to talk of the travellers, and feel their own dullness, till Mrs. Jennings was summoned to her chaise to take comfort in the gossip of her maid for the loss of her two young companions; and Colonel Brandon immediately afterwards took his solitary way to Delaford.

The Dashwoods were two days on the road, and Marianne bore her journey on both, without essential fatigue. Every thing that the most zealous affection, the most solicitous care could do to render her comfortable, was the office of each watchful companion, and each found their reward in her bodily ease, and her calmness of spirits. To Elinor, the observation of the latter was particularly grateful. She, who had seen her week after week so constantly suffering, oppressed by anguish of heart which she had neither courage to speak of, nor fortitude to conceal, now saw with a joy, which no other could equally share, an apparent composure of mind, which, in being the result as she trusted of serious reflection, must eventually lead her to contentment and cheerfulness.

As they approached Barton, indeed, and entered on scenes of which every field and every tree brought some peculiar, some painful recollection, she grew silent and thoughtful, and turning away her face from their notice, sat earnestly gazing through the window. But here, Elinor could neither wonder nor blame; and when she saw, as she assisted Marianne from the carriage, that she had been crying, she saw only an emotion too natural in itself to raise any thing less tender than pity, and in

its unobtrusiveness entitled to praise. In the whole of her subsequent manner, she traced the direction of a mind awakened to reasonable exertion; for no sooner had they entered their common sitting-room, than Marianne turned her eyes around it with a look of resolute firmness, as if determined at once to accustom herself to the sight of every object with which the remembrance of Willoughby could be connected. She said little, but every sentence aimed at cheerfulness, and though a sigh sometimes escaped her, it never passed away without the atonement of a smile. After dinner she would try her piano-forte. She went to it; but the music on which her eye first rested was an opera, procured for her by Willoughby, containing some of their favourite duets, and bearing on its outward leaf her own name in his hand-writing. That would not do. She shook her head, put the music aside, and after running over the keys for a minute, complained of feebleness in her fingers, and closed the instrument again; declaring however with firmness as she did so, that she should in future practice much.

The next morning produced no abatement in these happy symptoms. On the contrary, with a mind and body alike strengthened by rest, she looked and spoke with more genuine spirit, anticipating the pleasure of Margaret's return, and talking of the dear family party which would then be restored, of their mutual pursuits and cheerful society, as the only happiness worth a wish.

“When the weather is settled, and I have recovered my strength,” said she, “we will take long walks together every day. We will walk to the farm at the edge of the down, and see how the children go on; we will walk to Sir John's new plantations at Barton Cross, and the Abbeyland; and we will often go the old ruins of the Priory, and try to trace its foundations as far as we are told they once reached. I know we shall be happy. I know the summer will pass happily away. I mean never to be later in rising than six, and from that time till dinner I shall divide every moment between music and reading. I have formed my plan, and am determined to enter on a course of serious study. Our own library is too well known to me, to be resorted to for any thing beyond mere amusement. But there are many works well worth reading at the Park; and there are others of more modern production which I know I can borrow of Colonel Brandon. By reading only six hours



a-day, I shall gain in the course of a twelve-month a great deal of instruction which I now feel myself to want.”

Elinor honoured her for a plan which originated so nobly as this; though smiling to see the same eager fancy which had been leading her to the extreme of languid indolence and selfish repining, now at work in introducing excess into a scheme of such rational employment and virtuous self-control. Her smile however changed to a sigh when she remembered that promise to Willoughby was yet unfulfilled, and feared she had that to communicate which might again unsettle the mind of Marianne, and ruin at least for a time this fair prospect of busy tranquillity. Willing therefore to delay the evil hour, she resolved to wait till her sister's health were more secure, before she appointed it. But the resolution was made only to be broken.

Marianne had been two or three days at home, before the weather was fine enough for an invalid like herself to venture out. But at last a soft, genial morning appeared; such as might tempt the daughter's wishes and the mother's confidence; and Marianne, leaning on Elinor's arm, was authorised to walk as long as she could without fatigue, in the lane before the house.

The sisters set out at a pace, slow as the feebleness of Marianne in an exercise hitherto untried since her illness required; and they had advanced only so far beyond the house as to admit a full view of the hill, the important hill behind, when pausing with her eyes turned towards it, Marianne said,

“There, exactly there,” pointing with one hand, “on that projecting mound, there I fell; and there I first saw Willoughby.”

Her voice sunk with the word, but presently reviving she added,

“I am thankful to find that I can look with so little pain on the spot! shall we ever talk on that subject, Elinor?” hesitatingly it was said. “Or will it be wrong? I can talk of it now, I hope, as I ought to do.”

Elinor tenderly invited her to be open.

“As for regret,” said Marianne, “I have done with that, as far as HE is concerned. I do not mean to talk to you of what my feelings have been for him, but what they are NOW. At present, if I could be satisfied on one

point, if I could be allowed to think that he was not ALWAYS acting a part, not ALWAYS deceiving me; but above all, if I could be assured that he never was so VERY wicked as my fears have sometimes fancied him, since the story of that unfortunate girl”

She stopt. Elinor joyfully treasured her words as she answered,  
“If you could be assured of that, you think you should be easy.”

“Yes. My peace of mind is doubly involved in it; for not only is it horrible to suspect a person, who has been what HE has been to ME, of such designs, but what must it make me appear to myself? What in a situation like mine, but a most shamefully unguarded affection could expose me to”

“How then,” asked her sister, “would you account for his behaviour?”

“I would suppose him,—Oh, how gladly would I suppose him, only fickle, very, very fickle.”

Elinor said no more. She was debating within herself on the eligibility of beginning her story directly, or postponing it till Marianne were in stronger health; and they crept on for a few minutes in silence.

“I am not wishing him too much good,” said Marianne at last with a sigh, “when I wish his secret reflections may be no more unpleasant than my own. He will suffer enough in them.”

“Do you compare your conduct with his?”

“No. I compare it with what it ought to have been; I compare it with yours.”

“Our situations have borne little resemblance.”

“They have borne more than our conduct. Do not, my dearest Elinor, let your kindness defend what I know your judgment must censure. My illness has made me think. It has given me leisure and calmness for serious recollection. Long before I was enough recovered to talk, I was perfectly able to reflect. I considered the past: I saw in my own behaviour, since the beginning of our acquaintance with him last autumn, nothing but a series of imprudence towards myself, and want of kindness to others. I saw that my own feelings had prepared my sufferings, and that my want of

fortitude under them had almost led me to the grave. My illness, I well knew, had been entirely brought on by myself by such negligence of my own health, as I had felt even at the time to be wrong. Had I died,—it would have been self-destruction. I did not know my danger till the danger was removed; but with such feelings as these reflections gave me, I wonder at my recovery, wonder that the very eagerness of my desire to live, to have time for atonement to my God, and to you all, did not kill me at once. Had I died, in what peculiar misery should I have left you, my nurse, my friend, my sister!—You, who had seen all the fretful selfishness of my latter days; who had known all the murmurings of my heart! How should I have lived in YOUR remembrance! My mother too! How could you have consoled her! I cannot express my own abhorrence of myself. Whenever I looked towards the past, I saw some duty neglected, or some failing indulged. Every body seemed injured by me. The kindness, the unceasing kindness of Mrs. Jennings, I had repaid with ungrateful contempt. To the Middletons, to the Palmers, the Steeles, to every common acquaintance even, I had been insolent and unjust; with a heart hardened against their merits, and a temper irritated by their very attention.—To John, to Fanny,—yes, even to them, little as they deserve, I had given less than their due. But you,—you above all, above my mother, had been wronged by me. I, and only I, knew your heart and its sorrows; yet to what did it influence me?—not to any compassion that could benefit you or myself.—Your example was before me; but to what avail?—Was I more considerate of you and your comfort? Did I imitate your forbearance, or lessen your restraints, by taking any part in those offices of general complaisance or particular gratitude which you had hitherto been left to discharge alone? No; not less when I knew you to be unhappy, than when I had believed you at ease, did I turn away from every exertion of duty or friendship; scarcely allowing sorrow to exist but with me, regretting only THAT heart which had deserted and wronged me, and leaving you, for or I professed an unbounded affection, to be miserable for my sake.”

Here ceased the rapid flow of her self-reproving spirit; and Elinor, impatient to soothe, though too honest to flatter, gave her instantly that praise and support which her frankness and her contrition so well deserved. Marianne pressed her hand and replied,

“You are very good.—The future must be my proof. I have laid down my plan, and if I am capable of adhering to it—my feelings shall be governed and my temper improved. They shall no longer worry others, nor torture myself. I shall now live solely for my family. You, my mother, and Margaret, must henceforth be all the world to me; you will share my affections entirely between you. From you, from my home, I shall never again have the smallest incitement to move; and if I do mix in other society, it will be only to shew that my spirit is humbled, my heart amended, and that I can practise the civilities, the lesser duties of life, with gentleness and forbearance. As for Willoughby—to say that I shall soon or that I shall ever forget him, would be idle. His remembrance can be overcome by no change of circumstances or opinions. But it shall be regulated, it shall be checked by religion, by reason, by constant employment.”

She paused and added in a low voice, “If I could but know HIS heart, everything would become easy.”

Elinor, who had now been for some time reflecting on the propriety or impropriety of speedily hazarding her narration, without feeling at all nearer decision than at first, heard this; and perceiving that as reflection did nothing, resolution must do all, soon found herself leading to the fact.

She managed the recital, as she hoped, with address; prepared her anxious listener with caution; related simply and honestly the chief points on which Willoughby grounded his apology; did justice to his repentance, and softened only his protestations of present regard. Marianne said not a word.—She trembled, her eyes were fixed on the ground, and her lips became whiter than even sickness had left them. A thousand inquiries sprung up from her heart, but she dared not urge one. She caught every syllable with panting eagerness; her hand, unknowingly to herself, closely pressed her sister’s, and tears covered her cheeks.

Elinor, dreading her being tired, led her towards home; and till they reached the door of the cottage, easily conjecturing what her curiosity must be though no question was suffered to speak it, talked of nothing but Willoughby, and their conversation together; and was carefully minute in every particular of speech and look, where minuteness could be safely indulged. As soon as they entered the house, Marianne with a kiss of

gratitude and these two words just articulate through her tears, "Tell mama," withdrew from her sister and walked slowly up stairs. Elinor would not attempt to disturb a solitude so reasonable as what she now sought; and with a mind anxiously pre-arranging its result, and a resolution of reviving the subject again, should Marianne fail to do it, she turned into the parlour to fulfill her parting injunction.

## CHAPTER 47

Mrs. Dashwood did not hear unmoved the vindication of her former favourite. She rejoiced in his being cleared from some part of his imputed guilt;—she was sorry for him;—she wished him happy. But the feelings of the past could not be recalled.—Nothing could restore him with a faith unbroken—a character unblemished, to Marianne. Nothing could do away the knowledge of what the latter had suffered through his means, nor remove the guilt of his conduct towards Eliza. Nothing could replace him, therefore, in her former esteem, nor injure the interests of Colonel Brandon.

Had Mrs. Dashwood, like her daughter, heard Willoughby's story from himself—had she witnessed his distress, and been under the influence of his countenance and his manner, it is probable that her compassion would have been greater. But it was neither in Elinor's power, nor in her wish, to rouse such feelings in another, by her retailed explanation, as had at first been called forth in herself. Reflection had given calmness to her judgment, and sobered her own opinion of Willoughby's deserts;—she wished, therefore, to declare only the simple truth, and lay open such facts as were really due to his character, without any embellishment of tenderness to lead the fancy astray.

In the evening, when they were all three together, Marianne began voluntarily to speak of him again;—but that it was not without an effort, the restless, unquiet thoughtfulness in which she had been for some time previously sitting—her rising colour, as she spoke,—and her unsteady voice, plainly shewed.

“I wish to assure you both,” said she, “that I see every thing—as you can desire me to do.”

Mrs. Dashwood would have interrupted her instantly with soothing tenderness, had not Elinor, who really wished to hear her sister's unbiassed opinion, by an eager sign, engaged her silence. Marianne slowly continued—

“It is a great relief to me—what Elinor told me this morning—I have now heard exactly what I wished to hear.”—For some moments her voice was lost; but recovering herself, she added, and with greater calmness than before—“I am now perfectly satisfied, I wish for no change. I never could have been happy with him, after knowing, as sooner or later I must have known, all this.—I should have had no confidence, no esteem. Nothing could have done it away to my feelings.”

“I know it—I know it,” cried her mother. “Happy with a man of libertine practices!—With one who so injured the peace of the dearest of our friends, and the best of men!—No—my Marianne has not a heart to be made happy with such a man!—Her conscience, her sensitive conscience, would have felt all that the conscience of her husband ought to have felt.”

Marianne sighed, and repeated, “I wish for no change.”

“You consider the matter,” said Elinor, “exactly as a good mind and a sound understanding must consider it; and I dare say you perceive, as well as myself, not only in this, but in many other circumstances, reason enough to be convinced that your marriage must have involved you in many certain troubles and disappointments, in which you would have been poorly supported by an affection, on his side, much less certain. Had you married, you must have been always poor. His expensiveness is acknowledged even by himself, and his whole conduct declares that self-denial is a word hardly understood by him. His demands and your inexperience together, on a small, very small income, must have brought on distresses which would not be the LESS grievous to you, from having been entirely unknown and unthought of before. YOUR sense of honour and honesty would have led you, I know, when aware of your situation, to attempt all the economy that would appear to you possible: and, perhaps, as long as your frugality retrenched only on your own comfort, you might have been suffered to practice it, but beyond that—and how little could the utmost of your single management do to stop the ruin which had begun before your marriage?—Beyond THAT, had you endeavoured, however reasonably, to abridge HIS enjoyments, is it not to be feared, that instead of prevailing on feelings so selfish to consent to it, you would have lessened your own influence on his heart, and made him regret the connection which had involved him in such difficulties?”

Marianne's lips quivered, and she repeated the word "Selfish?" in a tone that implied, "do you really think him selfish?"

"The whole of his behaviour," replied Elinor, "from the beginning to the end of the affair, has been grounded on selfishness. It was selfishness which first made him sport with your affections; which afterwards, when his own were engaged, made him delay the confession of it, and which finally carried him from Barton. His own enjoyment, or his own ease, was, in every particular, his ruling principle."

"It is very true. MY happiness never was his object."

"At present," continued Elinor, "he regrets what he has done. And why does he regret it?—Because he finds it has not answered towards himself. It has not made him happy. His circumstances are now unembarrassed—he suffers from no evil of that kind; and he thinks only that he has married a woman of a less amiable temper than yourself. But does it follow that had he married you, he would have been happy?—The inconveniences would have been different. He would then have suffered under the pecuniary distresses which, because they are removed, he now reckons as nothing. He would have had a wife of whose temper he could make no complaint, but he would have been always necessitous—always poor; and probably would soon have learned to rank the innumerable comforts of a clear estate and good income as of far more importance, even to domestic happiness, than the mere temper of a wife."

"I have not a doubt of it," said Marianne; "and I have nothing to regret—nothing but my own folly."

"Rather say your mother's imprudence, my child," said Mrs. Dashwood; "SHE must be answerable."

Marianne would not let her proceed;—and Elinor, satisfied that each felt their own error, wished to avoid any survey of the past that might weaken her sister's spirits; she, therefore, pursuing the first subject, immediately continued,

"One observation may, I think, be fairly drawn from the whole of the story—that all Willoughby's difficulties have arisen from the first offence against virtue, in his behaviour to Eliza Williams. That crime has been the origin of every lesser one, and of all his present discontents."



Marianne assented most feelingly to the remark; and her mother was led by it to an enumeration of Colonel Brandon's injuries and merits, warm as friendship and design could unitedly dictate. Her daughter did not look, however, as if much of it were heard by her.

Elinor, according to her expectation, saw on the two or three following days, that Marianne did not continue to gain strength as she had done; but while her resolution was unsubdued, and she still tried to appear cheerful and easy, her sister could safely trust to the effect of time upon her health.

Margaret returned, and the family were again all restored to each other, again quietly settled at the cottage; and if not pursuing their usual studies with quite so much vigour as when they first came to Barton, at least planning a vigorous prosecution of them in future.

Elinor grew impatient for some tidings of Edward. She had heard nothing of him since her leaving London, nothing new of his plans, nothing certain even of his present abode. Some letters had passed between her and her brother, in consequence of Marianne's illness; and in the first of John's, there had been this sentence:— "We know nothing of our unfortunate Edward, and can make no enquiries on so prohibited a subject, but conclude him to be still at Oxford;" which was all the intelligence of Edward afforded her by the correspondence, for his name was not even mentioned in any of the succeeding letters. She was not doomed, however, to be long in ignorance of his measures.

Their man-servant had been sent one morning to Exeter on business; and when, as he waited at table, he had satisfied the inquiries of his mistress as to the event of his errand, this was his voluntary communication:

"I suppose you know, ma'am, that Mr. Ferrars is married."

Marianne gave a violent start, fixed her eyes upon Elinor, saw her turning pale, and fell back in her chair in hysterics. Mrs. Dashwood, whose eyes, as she answered the servant's inquiry, had intuitively taken the same direction, was shocked to perceive by Elinor's countenance how much she really suffered, and a moment afterwards, alike distressed by Marianne's situation, knew not on which child to bestow her principal attention.

The servant, who saw only that Miss Marianne was taken ill, had sense enough to call one of the maids, who, with Mrs. Dashwood's assistance, supported her into the other room. By that time, Marianne was rather better, and her mother leaving her to the care of Margaret and the maid, returned to Elinor, who, though still much disordered, had so far recovered the use of her reason and voice as to be just beginning an inquiry of Thomas, as to the source of his intelligence. Mrs. Dashwood immediately took all that trouble on herself; and Elinor had the benefit of the information without the exertion of seeking it.

“Who told you that Mr. Ferrars was married, Thomas?”

“I see Mr. Ferrars myself, ma'am, this morning in Exeter, and his lady too, Miss Steele as was. They was stopping in a chaise at the door of the New London Inn, as I went there with a message from Sally at the Park to her brother, who is one of the post-boys. I happened to look up as I went by the chaise, and so I see directly it was the youngest Miss Steele; so I took off my hat, and she knew me and called to me, and inquired after you, ma'am, and the young ladies, especially Miss Marianne, and bid me I should give her compliments and Mr. Ferrars's, their best compliments and service, and how sorry they was they had not time to come on and see you, but they was in a great hurry to go forwards, for they was going further down for a little while, but howsoever, when they come back, they'd make sure to come and see you.”

“But did she tell you she was married, Thomas?”

“Yes, ma'am. She smiled, and said how she had changed her name since she was in these parts. She was always a very affable and free-spoken young lady, and very civil behaved. So, I made free to wish her joy.”

“Was Mr. Ferrars in the carriage with her?”

“Yes, ma'am, I just see him leaning back in it, but he did not look up;—he never was a gentleman much for talking.”

Elinor's heart could easily account for his not putting himself forward; and Mrs. Dashwood probably found the same explanation.

“Was there no one else in the carriage?”

“No, ma'am, only they two.”

“Do you know where they came from?”

“They come straight from town, as Miss Lucy— Mrs. Ferrars told me.”

“And are they going farther westward?”

“Yes, ma’am—but not to bide long. They will soon be back again, and then they’d be sure and call here.”

Mrs. Dashwood now looked at her daughter; but Elinor knew better than to expect them. She recognised the whole of Lucy in the message, and was very confident that Edward would never come near them. She observed in a low voice, to her mother, that they were probably going down to Mr. Pratt’s, near Plymouth.

Thomas’s intelligence seemed over. Elinor looked as if she wished to hear more.

“Did you see them off, before you came away?”

“No, ma’am—the horses were just coming out, but I could not bide any longer; I was afraid of being late.”

“Did Mrs. Ferrars look well?”

“Yes, ma’am, she said how she was very well; and to my mind she was always a very handsome young lady—and she seemed vastly contented.”

Mrs. Dashwood could think of no other question, and Thomas and the tablecloth, now alike needless, were soon afterwards dismissed. Marianne had already sent to say, that she should eat nothing more. Mrs. Dashwood’s and Elinor’s appetites were equally lost, and Margaret might think herself very well off, that with so much uneasiness as both her sisters had lately experienced, so much reason as they had often had to be careless of their meals, she had never been obliged to go without her dinner before.

When the dessert and the wine were arranged, and Mrs. Dashwood and Elinor were left by themselves, they remained long together in a similarity of thoughtfulness and silence. Mrs. Dashwood feared to hazard any remark, and ventured not to offer consolation. She now found that she had erred in relying on Elinor’s representation of herself; and justly concluded that every thing had been expressly softened at the time, to spare her from an increase of unhappiness, suffering as she then had

suffered for Marianne. She found that she had been misled by the careful, the considerate attention of her daughter, to think the attachment, which once she had so well understood, much slighter in reality, than she had been wont to believe, or than it was now proved to be. She feared that under this persuasion she had been unjust, inattentive, nay, almost unkind, to her Elinor;—that Marianne's affliction, because more acknowledged, more immediately before her, had too much engrossed her tenderness, and led her away to forget that in Elinor she might have a daughter suffering almost as much, certainly with less self-provocation, and greater fortitude.

## CHAPTER 48

Elinor now found the difference between the expectation of an unpleasant event, however certain the mind may be told to consider it, and certainty itself. She now found, that in spite of herself, she had always admitted a hope, while Edward remained single, that something would occur to prevent his marrying Lucy; that some resolution of his own, some mediation of friends, or some more eligible opportunity of establishment for the lady, would arise to assist the happiness of all. But he was now married; and she condemned her heart for the lurking flattery, which so much heightened the pain of the intelligence.

That he should be married soon, before (as she imagined) he could be in orders, and consequently before he could be in possession of the living, surprised her a little at first. But she soon saw how likely it was that Lucy, in her self-provident care, in her haste to secure him, should overlook every thing but the risk of delay. They were married, married in town, and now hastening down to her uncle's. What had Edward felt on being within four miles from Barton, on seeing her mother's servant, on hearing Lucy's message!

They would soon, she supposed, be settled at Delaford.—Delaford,—that place in which so much conspired to give her an interest; which she wished to be acquainted with, and yet desired to avoid. She saw them in an instant in their parsonage-house; saw in Lucy, the active, contriving manager, uniting at once a desire of smart appearance with the utmost frugality, and ashamed to be suspected of half her economical practices;—pursuing her own interest in every thought, courting the favour of Colonel Brandon, of Mrs. Jennings, and of every wealthy friend. In Edward—she knew not what she saw, nor what she wished to see;—happy or unhappy,—nothing pleased her; she turned away her head from every sketch of him.

Elinor flattered herself that some one of their connections in London would write to them to announce the event, and give farther particulars,—but day after day passed off, and brought no letter, no tidings.

Though uncertain that any one were to blame, she found fault with every absent friend. They were all thoughtless or indolent.

“When do you write to Colonel Brandon, ma’am?” was an inquiry which sprung from the impatience of her mind to have something going on.

“I wrote to him, my love, last week, and rather expect to see, than to hear from him again. I earnestly pressed his coming to us, and should not be surprised to see him walk in today or tomorrow, or any day.”

This was gaining something, something to look forward to. Colonel Brandon must have some information to give.

Scarcely had she so determined it, when the figure of a man on horseback drew her eyes to the window. He stopt at their gate. It was a gentleman, it was Colonel Brandon himself. Now she could hear more; and she trembled in expectation of it. But—it was NOT Colonel Brandon—neither his air—nor his height. Were it possible, she must say it must be Edward. She looked again. He had just dismounted;—she could not be mistaken,—it WAS Edward. She moved away and sat down. “He comes from Mr. Pratt’s purposely to see us. I WILL be calm; I WILL be mistress of myself.”

In a moment she perceived that the others were likewise aware of the mistake. She saw her mother and Marianne change colour; saw them look at herself, and whisper a few sentences to each other. She would have given the world to be able to speak—and to make them understand that she hoped no coolness, no slight, would appear in their behaviour to him;—but she had no utterance, and was obliged to leave all to their own discretion.

Not a syllable passed aloud. They all waited in silence for the appearance of their visitor. His footsteps were heard along the gravel path; in a moment he was in the passage, and in another he was before them.

His countenance, as he entered the room, was not too happy, even for Elinor. His complexion was white with agitation, and he looked as if fearful of his reception, and conscious that he merited no kind one. Mrs. Dashwood, however, conforming, as she trusted, to the wishes of that daughter, by whom she then meant in the warmth of her heart to be guided

in every thing, met with a look of forced complacency, gave him her hand, and wished him joy.

He coloured, and stammered out an unintelligible reply. Elinor's lips had moved with her mother's, and, when the moment of action was over, she wished that she had shaken hands with him too. But it was then too late, and with a countenance meaning to be open, she sat down again and talked of the weather.

Marianne had retreated as much as possible out of sight, to conceal her distress; and Margaret, understanding some part, but not the whole of the case, thought it incumbent on her to be dignified, and therefore took a seat as far from him as she could, and maintained a strict silence.

When Elinor had ceased to rejoice in the dryness of the season, a very awful pause took place. It was put an end to by Mrs. Dashwood, who felt obliged to hope that he had left Mrs. Ferrars very well. In a hurried manner, he replied in the affirmative.

Elinor resolving to exert herself, though fearing the sound of her own voice, now said,

“Is Mrs. Ferrars at Longstaple?”

“At Longstaple!” he replied, with an air of surprise.— “No, my mother is in town.”

“I meant,” said Elinor, taking up some work from the table, “to inquire for Mrs. EDWARD Ferrars.”

She dared not look up;—but her mother and Marianne both turned their eyes on him. He coloured, seemed perplexed, looked doubtingly, and, after some hesitation, said,—

“Perhaps you mean—my brother—you mean Mrs.—Mrs. ROBERT Ferrars.”

“Mrs. Robert Ferrars!”—was repeated by Marianne and her mother in an accent of the utmost amazement;—and though Elinor could not speak, even HER eyes were fixed on him with the same impatient wonder. He rose from his seat, and walked to the window, apparently from not knowing what to do; took up a pair of scissors that lay there, and while

spoiling both them and their sheath by cutting the latter to pieces as he spoke, said, in a hurried voice,

“Perhaps you do not know—you may not have heard that my brother is lately married to—to the youngest—to Miss Lucy Steele.”

His words were echoed with unspeakable astonishment by all but Elinor, who sat with her head leaning over her work, in a state of such agitation as made her hardly know where she was.

“Yes,” said he, “they were married last week, and are now at Dawlish.”

Elinor could sit it no longer. She almost ran out of the room, and as soon as the door was closed, burst into tears of joy, which at first she thought would never cease. Edward, who had till then looked any where, rather than at her, saw her hurry away, and perhaps saw—or even heard, her emotion; for immediately afterwards he fell into a reverie, which no remarks, no inquiries, no affectionate address of Mrs. Dashwood could penetrate, and at last, without saying a word, quitted the room, and walked out towards the village—leaving the others in the greatest astonishment and perplexity on a change in his situation, so wonderful and so sudden;—a perplexity which they had no means of lessening but by their own conjectures.



## CHAPTER 49

Unaccountable, however, as the circumstances of his release might appear to the whole family, it was certain that Edward was free; and to what purpose that freedom would be employed was easily pre-determined by all;—for after experiencing the blessings of ONE imprudent engagement, contracted without his mother's consent, as he had already done for more than four years, nothing less could be expected of him in the failure of THAT, than the immediate contraction of another.

His errand at Barton, in fact, was a simple one. It was only to ask Elinor to marry him;—and considering that he was not altogether inexperienced in such a question, it might be strange that he should feel so uncomfortable in the present case as he really did, so much in need of encouragement and fresh air.

How soon he had walked himself into the proper resolution, however, how soon an opportunity of exercising it occurred, in what manner he expressed himself, and how he was received, need not be particularly told. This only need be said;—that when they all sat down to table at four o'clock, about three hours after his arrival, he had secured his lady, engaged her mother's consent, and was not only in the rapturous profession of the lover, but, in the reality of reason and truth, one of the happiest of men. His situation indeed was more than commonly joyful. He had more than the ordinary triumph of accepted love to swell his heart, and raise his spirits. He was released without any reproach to himself, from an entanglement which had long formed his misery, from a woman whom he had long ceased to love;—and elevated at once to that security with another, which he must have thought of almost with despair, as soon as he had learnt to consider it with desire. He was brought, not from doubt or suspense, but from misery to happiness;—and the change was openly spoken in such a genuine, flowing, grateful cheerfulness, as his friends had never witnessed in him before.

His heart was now open to Elinor, all its weaknesses, all its errors confessed, and his first boyish attachment to Lucy treated with all the

philosophic dignity of twenty-four.

“It was a foolish, idle inclination on my side,” said he, “the consequence of ignorance of the world—and want of employment. Had my brother given me some active profession when I was removed at eighteen from the care of Mr. Pratt, I think—nay, I am sure, it would never have happened; for though I left Longstaple with what I thought, at the time, a most unconquerable preference for his niece, yet had I then had any pursuit, any object to engage my time and keep me at a distance from her for a few months, I should very soon have outgrown the fancied attachment, especially by mixing more with the world, as in such case I must have done. But instead of having any thing to do, instead of having any profession chosen for me, or being allowed to chuse any myself, I returned home to be completely idle; and for the first twelvemonth afterwards I had not even the nominal employment, which belonging to the university would have given me; for I was not entered at Oxford till I was nineteen. I had therefore nothing in the world to do, but to fancy myself in love; and as my mother did not make my home in every respect comfortable, as I had no friend, no companion in my brother, and disliked new acquaintance, it was not unnatural for me to be very often at Longstaple, where I always felt myself at home, and was always sure of a welcome; and accordingly I spent the greatest part of my time there from eighteen to nineteen: Lucy appeared everything that was amiable and obliging. She was pretty too—at least I thought so THEN; and I had seen so little of other women, that I could make no comparisons, and see no defects. Considering everything, therefore, I hope, foolish as our engagement was, foolish as it has since in every way been proved, it was not at the time an unnatural or an inexcusable piece of folly.”

The change which a few hours had wrought in the minds and the happiness of the Dashwoods, was such—so great—as promised them all, the satisfaction of a sleepless night. Mrs. Dashwood, too happy to be comfortable, knew not how to love Edward, nor praise Elinor enough, how to be enough thankful for his release without wounding his delicacy, nor how at once to give them leisure for unrestrained conversation together, and yet enjoy, as she wished, the sight and society of both.

Marianne could speak HER happiness only by tears. Comparisons would occur—regrets would arise;—and her joy, though sincere as her love for her sister, was of a kind to give her neither spirits nor language.

But Elinor—how are HER feelings to be described?—From the moment of learning that Lucy was married to another, that Edward was free, to the moment of his justifying the hopes which had so instantly followed, she was every thing by turns but tranquil. But when the second moment had passed, when she found every doubt, every solicitude removed, compared her situation with what so lately it had been,—saw him honourably released from his former engagement, saw him instantly profiting by the release, to address herself and declare an affection as tender, as constant as she had ever supposed it to be,—she was oppressed, she was overcome by her own felicity;—and happily disposed as is the human mind to be easily familiarized with any change for the better, it required several hours to give sedateness to her spirits, or any degree of tranquillity to her heart.

Edward was now fixed at the cottage at least for a week;—for whatever other claims might be made on him, it was impossible that less than a week should be given up to the enjoyment of Elinor's company, or suffice to say half that was to be said of the past, the present, and the future;—for though a very few hours spent in the hard labor of incessant talking will despatch more subjects than can really be in common between any two rational creatures, yet with lovers it is different. Between THEM no subject is finished, no communication is even made, till it has been made at least twenty times over.

Lucy's marriage, the unceasing and reasonable wonder among them all, formed of course one of the earliest discussions of the lovers;—and Elinor's particular knowledge of each party made it appear to her in every view, as one of the most extraordinary and unaccountable circumstances she had ever heard. How they could be thrown together, and by what attraction Robert could be drawn on to marry a girl, of whose beauty she had herself heard him speak without any admiration,—a girl too already engaged to his brother, and on whose account that brother had been thrown off by his family—it was beyond her comprehension to make out.

To her own heart it was a delightful affair, to her imagination it was even a ridiculous one, but to her reason, her judgment, it was completely a puzzle.

Edward could only attempt an explanation by supposing, that, perhaps, at first accidentally meeting, the vanity of the one had been so worked on by the flattery of the other, as to lead by degrees to all the rest. Elinor remembered what Robert had told her in Harley Street, of his opinion of what his own mediation in his brother's affairs might have done, if applied to in time. She repeated it to Edward.

"THAT was exactly like Robert," was his immediate observation. "And THAT," he presently added, "might perhaps be in HIS head when the acquaintance between them first began. And Lucy perhaps at first might think only of procuring his good offices in my favour. Other designs might afterward arise."

How long it had been carrying on between them, however, he was equally at a loss with herself to make out; for at Oxford, where he had remained for choice ever since his quitting London, he had had no means of hearing of her but from herself, and her letters to the very last were neither less frequent, nor less affectionate than usual. Not the smallest suspicion, therefore, had ever occurred to prepare him for what followed;—and when at last it burst on him in a letter from Lucy herself, he had been for some time, he believed, half stupified between the wonder, the horror, and the joy of such a deliverance. He put the letter into Elinor's hands.

DEAR SIR,

*Being very sure I have long lost your affections, I have thought myself at liberty to bestow my own on another, and have no doubt of being as happy with him as I once used to think I might be with you; but I scorn to accept a hand while the heart was another's. Sincerely wish you happy in your choice, and it shall not be my fault if we are not always good friends, as our near relationship now makes proper. I can safely say I owe you no ill-will, and am sure you will be too generous to do us any ill offices. Your brother has gained my affections entirely, and as we could not live without one another, we are just returned from the altar, and are now on our way to Dawlish for a few weeks, which place your dear brother has great curiosity to see, but thought I would first trouble you with these few lines, and shall always remain,*

*Your sincere well-wisher, friend, and sister,*

LUCY FERRARS.

*I have burnt all your letters, and will return your picture the first opportunity. Please to destroy my scrawls, but the ring with my hair you are very welcome to keep.*

Elinor read and returned it without any comment.

“I will not ask your opinion of it as a composition,” said Edward.—“For worlds would not I have had a letter of hers seen by YOU in former days.—In a sister it is bad enough, but in a wife!—how I have blushed over the pages of her writing!—and I believe I may say that since the first half year of our foolish—business—this is the only letter I ever received from her, of which the substance made me any amends for the defect of the style.”

“However it may have come about,” said Elinor, after a pause,—“they are certainly married. And your mother has brought on herself a most appropriate punishment. The independence she settled on Robert, through resentment against you, has put it in his power to make his own choice; and she has actually been bribing one son with a thousand a-year, to do the very deed which she disinherited the other for intending to do. She will hardly be less hurt, I suppose, by Robert’s marrying Lucy, than she would have been by your marrying her.”

“She will be more hurt by it, for Robert always was her favourite.—She will be more hurt by it, and on the same principle will forgive him much sooner.”

In what state the affair stood at present between them, Edward knew not, for no communication with any of his family had yet been attempted by him. He had quitted Oxford within four and twenty hours after Lucy’s letter arrived, and with only one object before him, the nearest road to Barton, had had no leisure to form any scheme of conduct, with which that road did not hold the most intimate connection. He could do nothing till he were assured of his fate with Miss Dashwood; and by his rapidity in seeking THAT fate, it is to be supposed, in spite of the jealousy with which he had once thought of Colonel Brandon, in spite of the modesty with which he rated his own deserts, and the politeness with

which he talked of his doubts, he did not, upon the whole, expect a very cruel reception. It was his business, however, to say that he DID, and he said it very prettily. What he might say on the subject a twelvemonth after, must be referred to the imagination of husbands and wives.

That Lucy had certainly meant to deceive, to go off with a flourish of malice against him in her message by Thomas, was perfectly clear to Elinor; and Edward himself, now thoroughly enlightened on her character, had no scruple in believing her capable of the utmost meanness of wanton ill-nature. Though his eyes had been long opened, even before his acquaintance with Elinor began, to her ignorance and a want of liberality in some of her opinions—they had been equally imputed, by him, to her want of education; and till her last letter reached him, he had always believed her to be a well-disposed, good-hearted girl, and thoroughly attached to himself. Nothing but such a persuasion could have prevented his putting an end to an engagement, which, long before the discovery of it laid him open to his mother's anger, had been a continual source of disquiet and regret to him.

“I thought it my duty,” said he, “independent of my feelings, to give her the option of continuing the engagement or not, when I was renounced by my mother, and stood to all appearance without a friend in the world to assist me. In such a situation as that, where there seemed nothing to tempt the avarice or the vanity of any living creature, how could I suppose, when she so earnestly, so warmly insisted on sharing my fate, whatever it might be, that any thing but the most disinterested affection was her inducement? And even now, I cannot comprehend on what motive she acted, or what fancied advantage it could be to her, to be fettered to a man for whom she had not the smallest regard, and who had only two thousand pounds in the world. She could not foresee that Colonel Brandon would give me a living.”

“No; but she might suppose that something would occur in your favour; that your own family might in time relent. And at any rate, she lost nothing by continuing the engagement, for she has proved that it fettered neither her inclination nor her actions. The connection was certainly a respectable one, and probably gained her consideration among her friends; and, if nothing more advantageous occurred, it would be better for her to marry YOU than be single.”

Edward was, of course, immediately convinced that nothing could have been more natural than Lucy's conduct, nor more self-evident than the motive of it.

Elinor scolded him, harshly as ladies always scold the imprudence which compliments themselves, for having spent so much time with them at Norland, when he must have felt his own inconstancy.

"Your behaviour was certainly very wrong," said she; "because—to say nothing of my own conviction, our relations were all led away by it to fancy and expect WHAT, as you were THEN situated, could never be."

He could only plead an ignorance of his own heart, and a mistaken confidence in the force of his engagement.

"I was simple enough to think, that because my FAITH was plighted to another, there could be no danger in my being with you; and that the consciousness of my engagement was to keep my heart as safe and sacred as my honour. I felt that I admired you, but I told myself it was only friendship; and till I began to make comparisons between yourself and Lucy, I did not know how far I was got. After that, I suppose, I WAS wrong in remaining so much in Sussex, and the arguments with which I reconciled myself to the expediency of it, were no better than these:—The danger is my own; I am doing no injury to anybody but myself."

Elinor smiled, and shook her head.

Edward heard with pleasure of Colonel Brandon's being expected at the Cottage, as he really wished not only to be better acquainted with him, but to have an opportunity of convincing him that he no longer resented his giving him the living of Delaford—"Which, at present," said he, "after thanks so ungraciously delivered as mine were on the occasion, he must think I have never forgiven him for offering."

NOW he felt astonished himself that he had never yet been to the place. But so little interest had he taken in the matter, that he owed all his knowledge of the house, garden, and glebe, extent of the parish, condition of the land, and rate of the tithes, to Elinor herself, who had heard so much of it from Colonel Brandon, and heard it with so much attention, as to be entirely mistress of the subject.

One question after this only remained undecided, between them, one difficulty only was to be overcome. They were brought together by mutual affection, with the warmest approbation of their real friends; their intimate knowledge of each other seemed to make their happiness certain—and they only wanted something to live upon. Edward had two thousand pounds, and Elinor one, which, with Delaford living, was all that they could call their own; for it was impossible that Mrs. Dashwood should advance anything; and they were neither of them quite enough in love to think that three hundred and fifty pounds a-year would supply them with the comforts of life.

Edward was not entirely without hopes of some favourable change in his mother towards him; and on THAT he rested for the residue of their income. But Elinor had no such dependence; for since Edward would still be unable to marry Miss Morton, and his chusing herself had been spoken of in Mrs. Ferrars's flattering language as only a lesser evil than his chusing Lucy Steele, she feared that Robert's offence would serve no other purpose than to enrich Fanny.

About four days after Edward's arrival Colonel Brandon appeared, to complete Mrs. Dashwood's satisfaction, and to give her the dignity of having, for the first time since her living at Barton, more company with her than her house would hold. Edward was allowed to retain the privilege of first comer, and Colonel Brandon therefore walked every night to his old quarters at the Park; from whence he usually returned in the morning, early enough to interrupt the lovers' first *tete-a-tete* before breakfast.

A three weeks' residence at Delaford, where, in his evening hours at least, he had little to do but to calculate the disproportion between thirty-six and seventeen, brought him to Barton in a temper of mind which needed all the improvement in Marianne's looks, all the kindness of her welcome, and all the encouragement of her mother's language, to make it cheerful. Among such friends, however, and such flattery, he did revive. No rumour of Lucy's marriage had yet reached him:—he knew nothing of what had passed; and the first hours of his visit were consequently spent in hearing and in wondering. Every thing was explained to him by Mrs. Dashwood, and he found fresh reason to rejoice in what he had done for Mr. Ferrars, since eventually it promoted the interest of Elinor.



It would be needless to say, that the gentlemen advanced in the good opinion of each other, as they advanced in each other's acquaintance, for it could not be otherwise. Their resemblance in good principles and good sense, in disposition and manner of thinking, would probably have been sufficient to unite them in friendship, without any other attraction; but their being in love with two sisters, and two sisters fond of each other, made that mutual regard inevitable and immediate, which might otherwise have waited the effect of time and judgment.

The letters from town, which a few days before would have made every nerve in Elinor's body thrill with transport, now arrived to be read with less emotion than mirth. Mrs. Jennings wrote to tell the wonderful tale, to vent her honest indignation against the jilting girl, and pour forth her compassion towards poor Mr. Edward, who, she was sure, had quite doted upon the worthless hussy, and was now, by all accounts, almost broken-hearted, at Oxford. She continued:

*I do think, nothing was ever carried on so sly; for it was but two days before Lucy called and sat a couple of hours with me. Not a soul suspected anything of the matter, not even Nancy, who, poor soul! came crying to me the day after, in a great fright for fear of Mrs. Ferrars, as well as not knowing how to get to Plymouth; for Lucy it seems borrowed all her money before she went off to be married, on purpose we suppose to make a show with, and poor Nancy had not seven shillings in the world;—so I was very glad to give her five guineas to take her down to Exeter, where she thinks of staying three or four weeks with Mrs. Burgess, in hopes, as I tell her, to fall in with the Doctor again. And I must say that Lucy's crossness not to take them along with them in the chaise is worse than all. Poor Mr. Edward! I cannot get him out of my head, but you must send for him to Barton, and Miss Marianne must try to comfort him.*

Mr. Dashwood's strains were more solemn. Mrs. Ferrars was the most unfortunate of women—poor Fanny had suffered agonies of sensibility—and he considered the existence of each, under such a blow, with grateful wonder. Robert's offence was unpardonable, but Lucy's was infinitely worse. Neither of them were ever again to be mentioned to Mrs. Ferrars; and even, if she might hereafter be induced to forgive her son, his

wife should never be acknowledged as her daughter, nor be permitted to appear in her presence. The secrecy with which everything had been carried on between them, was rationally treated as enormously heightening the crime, because, had any suspicion of it occurred to the others, proper measures would have been taken to prevent the marriage; and he called on Elinor to join with him in regretting that Lucy's engagement with Edward had not rather been fulfilled, than that she should thus be the means of spreading misery farther in the family.— He thus continued:

*Mrs. Ferrars has never yet mentioned Edward's name, which does not surprise us; but, to our great astonishment, not a line has been received from him on the occasion. Perhaps, however, he is kept silent by his fear of offending, and I shall, therefore, give him a hint, by a line to Oxford, that his sister and I both think a letter of proper submission from him, addressed perhaps to Fanny, and by her shewn to her mother, might not be taken amiss; for we all know the tenderness of Mrs. Ferrars's heart, and that she wishes for nothing so much as to be on good terms with her children.*

This paragraph was of some importance to the prospects and conduct of Edward. It determined him to attempt a reconciliation, though not exactly in the manner pointed out by their brother and sister.

“A letter of proper submission!” repeated he; “would they have me beg my mother's pardon for Robert's ingratitude to HER, and breach of honour to ME?—I can make no submission—I am grown neither humble nor penitent by what has passed.—I am grown very happy; but that would not interest.—I know of no submission that IS proper for me to make.”

“You may certainly ask to be forgiven,” said Elinor, “because you have offended;—and I should think you might NOW venture so far as to profess some concern for having ever formed the engagement which drew on you your mother's anger.”

He agreed that he might.

“And when she has forgiven you, perhaps a little humility may be convenient while acknowledging a second engagement, almost as imprudent in HER eyes as the first.”

He had nothing to urge against it, but still resisted the idea of a letter of proper submission; and therefore, to make it easier to him, as he declared a much greater willingness to make mean concessions by word of mouth than on paper, it was resolved that, instead of writing to Fanny, he should go to London, and personally intreat her good offices in his favour. — “And if they really DO interest themselves,” said Marianne, in her new character of candour, “in bringing about a reconciliation, I shall think that even John and Fanny are not entirely without merit.”

After a visit on Colonel Brandon’s side of only three or four days, the two gentlemen quitted Barton together.— They were to go immediately to Delaford, that Edward might have some personal knowledge of his future home, and assist his patron and friend in deciding on what improvements were needed to it; and from thence, after staying there a couple of nights, he was to proceed on his journey to town.

## CHAPTER 50

After a proper resistance on the part of Mrs. Ferrars, just so violent and so steady as to preserve her from that reproach which she always seemed fearful of incurring, the reproach of being too amiable, Edward was admitted to her presence, and pronounced to be again her son.

Her family had of late been exceedingly fluctuating. For many years of her life she had had two sons; but the crime and annihilation of Edward a few weeks ago, had robbed her of one; the similar annihilation of Robert had left her for a fortnight without any; and now, by the resuscitation of Edward, she had one again.

In spite of his being allowed once more to live, however, he did not feel the continuance of his existence secure, till he had revealed his present engagement; for the publication of that circumstance, he feared, might give a sudden turn to his constitution, and carry him off as rapidly as before. With apprehensive caution therefore it was revealed, and he was listened to with unexpected calmness. Mrs. Ferrars at first reasonably endeavoured to dissuade him from marrying Miss Dashwood, by every argument in her power;—told him, that in Miss Morton he would have a woman of higher rank and larger fortune;—and enforced the assertion, by observing that Miss Morton was the daughter of a nobleman with thirty thousand pounds, while Miss Dashwood was only the daughter of a private gentleman with no more than THREE; but when she found that, though perfectly admitting the truth of her representation, he was by no means inclined to be guided by it, she judged it wisest, from the experience of the past, to submit—and therefore, after such an ungracious delay as she owed to her own dignity, and as served to prevent every suspicion of good-will, she issued her decree of consent to the marriage of Edward and Elinor.

What she would engage to do towards augmenting their income was next to be considered; and here it plainly appeared, that though Edward was now her only son, he was by no means her eldest; for while Robert was inevitably endowed with a thousand pounds a-year, not the smallest objection was made against Edward's taking orders for the sake of

two hundred and fifty at the utmost; nor was anything promised either for the present or in future, beyond the ten thousand pounds, which had been given with Fanny.

It was as much, however, as was desired, and more than was expected, by Edward and Elinor; and Mrs. Ferrars herself, by her shuffling excuses, seemed the only person surprised at her not giving more.

With an income quite sufficient to their wants thus secured to them, they had nothing to wait for after Edward was in possession of the living, but the readiness of the house, to which Colonel Brandon, with an eager desire for the accommodation of Elinor, was making considerable improvements; and after waiting some time for their completion, after experiencing, as usual, a thousand disappointments and delays from the unaccountable dilatoriness of the workmen, Elinor, as usual, broke through the first positive resolution of not marrying till every thing was ready, and the ceremony took place in Barton church early in the autumn.

The first month after their marriage was spent with their friend at the Mansion-house; from whence they could superintend the progress of the Parsonage, and direct every thing as they liked on the spot;—could chuse papers, project shrubberies, and invent a sweep. Mrs. Jennings's prophecies, though rather jumbled together, were chiefly fulfilled; for she was able to visit Edward and his wife in their Parsonage by Michaelmas, and she found in Elinor and her husband, as she really believed, one of the happiest couples in the world. They had in fact nothing to wish for, but the marriage of Colonel Brandon and Marianne, and rather better pasturage for their cows.

They were visited on their first settling by almost all their relations and friends. Mrs. Ferrars came to inspect the happiness which she was almost ashamed of having authorised; and even the Dashwoods were at the expense of a journey from Sussex to do them honour.

“I will not say that I am disappointed, my dear sister,” said John, as they were walking together one morning before the gates of Delaford House, “THAT would be saying too much, for certainly you have been one of the most fortunate young women in the world, as it is. But, I confess, it would give me great pleasure to call Colonel Brandon brother. His property here, his place, his house, every thing is in such respectable and excellent

condition!—and his woods!—I have not seen such timber any where in Dorsetshire, as there is now standing in Delaford Hanger!—And though, perhaps, Marianne may not seem exactly the person to attract him—yet I think it would altogether be advisable for you to have them now frequently staying with you, for as Colonel Brandon seems a great deal at home, nobody can tell what may happen—for, when people are much thrown together, and see little of anybody else—and it will always be in your power to set her off to advantage, and so forth;—in short, you may as well give her a chance. You understand me.”

But though Mrs. Ferrars DID come to see them, and always treated them with the make-believe of decent affection, they were never insulted by her real favour and preference. THAT was due to the folly of Robert, and the cunning of his wife; and it was earned by them before many months had passed away. The selfish sagacity of the latter, which had at first drawn Robert into the scrape, was the principal instrument of his deliverance from it; for her respectful humility, assiduous attentions, and endless flatteries, as soon as the smallest opening was given for their exercise, reconciled Mrs. Ferrars to his choice, and re-established him completely in her favour.

The whole of Lucy's behaviour in the affair, and the prosperity which crowned it, therefore, may be held forth as a most encouraging instance of what an earnest, an unceasing attention to self-interest, however its progress may be apparently obstructed, will do in securing every advantage of fortune, with no other sacrifice than that of time and conscience. When Robert first sought her acquaintance, and privately visited her in Bartlett's Buildings, it was only with the view imputed to him by his brother. He merely meant to persuade her to give up the engagement; and as there could be nothing to overcome but the affection of both, he naturally expected that one or two interviews would settle the matter. In that point, however, and that only, he erred;—for though Lucy soon gave him hopes that his eloquence would convince her in TIME, another visit, another conversation, was always wanted to produce this conviction. Some doubts always lingered in her mind when they parted, which could only be removed by another half hour's discourse with himself. His attendance was by this means secured, and the rest followed in course. Instead of talking of

Edward, they came gradually to talk only of Robert,—a subject on which he had always more to say than on any other, and in which she soon betrayed an interest even equal to his own; and in short, it became speedily evident to both, that he had entirely supplanted his brother. He was proud of his conquest, proud of tricking Edward, and very proud of marrying privately without his mother's consent. What immediately followed is known. They passed some months in great happiness at Dawlish; for she had many relations and old acquaintances to cut—and he drew several plans for magnificent cottages;—and from thence returning to town, procured the forgiveness of Mrs. Ferrars, by the simple expedient of asking it, which, at Lucy's instigation, was adopted. The forgiveness, at first, indeed, as was reasonable, comprehended only Robert; and Lucy, who had owed his mother no duty and therefore could have transgressed none, still remained some weeks longer unpardoned. But perseverance in humility of conduct and messages, in self-condemnation for Robert's offence, and gratitude for the unkindness she was treated with, procured her in time the haughty notice which overcame her by its graciousness, and led soon afterwards, by rapid degrees, to the highest state of affection and influence. Lucy became as necessary to Mrs. Ferrars, as either Robert or Fanny; and while Edward was never cordially forgiven for having once intended to marry her, and Elinor, though superior to her in fortune and birth, was spoken of as an intruder, SHE was in every thing considered, and always openly acknowledged, to be a favourite child. They settled in town, received very liberal assistance from Mrs. Ferrars, were on the best terms imaginable with the Dashwoods; and setting aside the jealousies and ill-will continually subsisting between Fanny and Lucy, in which their husbands of course took a part, as well as the frequent domestic disagreements between Robert and Lucy themselves, nothing could exceed the harmony in which they all lived together.

What Edward had done to forfeit the right of eldest son, might have puzzled many people to find out; and what Robert had done to succeed to it, might have puzzled them still more. It was an arrangement, however, justified in its effects, if not in its cause; for nothing ever appeared in Robert's style of living or of talking to give a suspicion of his regretting the extent of his income, as either leaving his brother too little, or bringing himself too much;—and if Edward might be judged from the ready

discharge of his duties in every particular, from an increasing attachment to his wife and his home, and from the regular cheerfulness of his spirits, he might be supposed no less contented with his lot, no less free from every wish of an exchange.

Elinor's marriage divided her as little from her family as could well be contrived, without rendering the cottage at Barton entirely useless, for her mother and sisters spent much more than half their time with her. Mrs. Dashwood was acting on motives of policy as well as pleasure in the frequency of her visits at Delaford; for her wish of bringing Marianne and Colonel Brandon together was hardly less earnest, though rather more liberal than what John had expressed. It was now her darling object. Precious as was the company of her daughter to her, she desired nothing so much as to give up its constant enjoyment to her valued friend; and to see Marianne settled at the mansion-house was equally the wish of Edward and Elinor. They each felt his sorrows, and their own obligations, and Marianne, by general consent, was to be the reward of all.

With such a confederacy against her—with a knowledge so intimate of his goodness—with a conviction of his fond attachment to herself, which at last, though long after it was observable to everybody else—burst on her—what could she do?

Marianne Dashwood was born to an extraordinary fate. She was born to discover the falsehood of her own opinions, and to counteract, by her conduct, her most favourite maxims. She was born to overcome an affection formed so late in life as at seventeen, and with no sentiment superior to strong esteem and lively friendship, voluntarily to give her hand to another!—and THAT other, a man who had suffered no less than herself under the event of a former attachment, whom, two years before, she had considered too old to be married,—and who still sought the constitutional safeguard of a flannel waistcoat!

But so it was. Instead of falling a sacrifice to an irresistible passion, as once she had fondly flattered herself with expecting,—instead of remaining even for ever with her mother, and finding her only pleasures in retirement and study, as afterwards in her more calm and sober judgment she had determined on,—she found herself at nineteen, submitting to new



attachments, entering on new duties, placed in a new home, a wife, the mistress of a family, and the patroness of a village.

Colonel Brandon was now as happy, as all those who best loved him, believed he deserved to be;—in Marianne he was consoled for every past affliction;—her regard and her society restored his mind to animation, and his spirits to cheerfulness; and that Marianne found her own happiness in forming his, was equally the persuasion and delight of each observing friend. Marianne could never love by halves; and her whole heart became, in time, as much devoted to her husband, as it had once been to Willoughby.

Willoughby could not hear of her marriage without a pang; and his punishment was soon afterwards complete in the voluntary forgiveness of Mrs. Smith, who, by stating his marriage with a woman of character, as the source of her clemency, gave him reason for believing that had he behaved with honour towards Marianne, he might at once have been happy and rich. That his repentance of misconduct, which thus brought its own punishment, was sincere, need not be doubted;—nor that he long thought of Colonel Brandon with envy, and of Marianne with regret. But that he was for ever inconsolable, that he fled from society, or contracted an habitual gloom of temper, or died of a broken heart, must not be depended on—for he did neither. He lived to exert, and frequently to enjoy himself. His wife was not always out of humour, nor his home always uncomfortable; and in his breed of horses and dogs, and in sporting of every kind, he found no inconsiderable degree of domestic felicity.

For Marianne, however—in spite of his incivility in surviving her loss—he always retained that decided regard which interested him in every thing that befell her, and made her his secret standard of perfection in woman;—and many a rising beauty would be slighted by him in after-days as bearing no comparison with Mrs. Brandon.

Mrs. Dashwood was prudent enough to remain at the cottage, without attempting a removal to Delaford; and fortunately for Sir John and Mrs. Jennings, when Marianne was taken from them, Margaret had reached an age highly suitable for dancing, and not very ineligible for being supposed to have a lover.

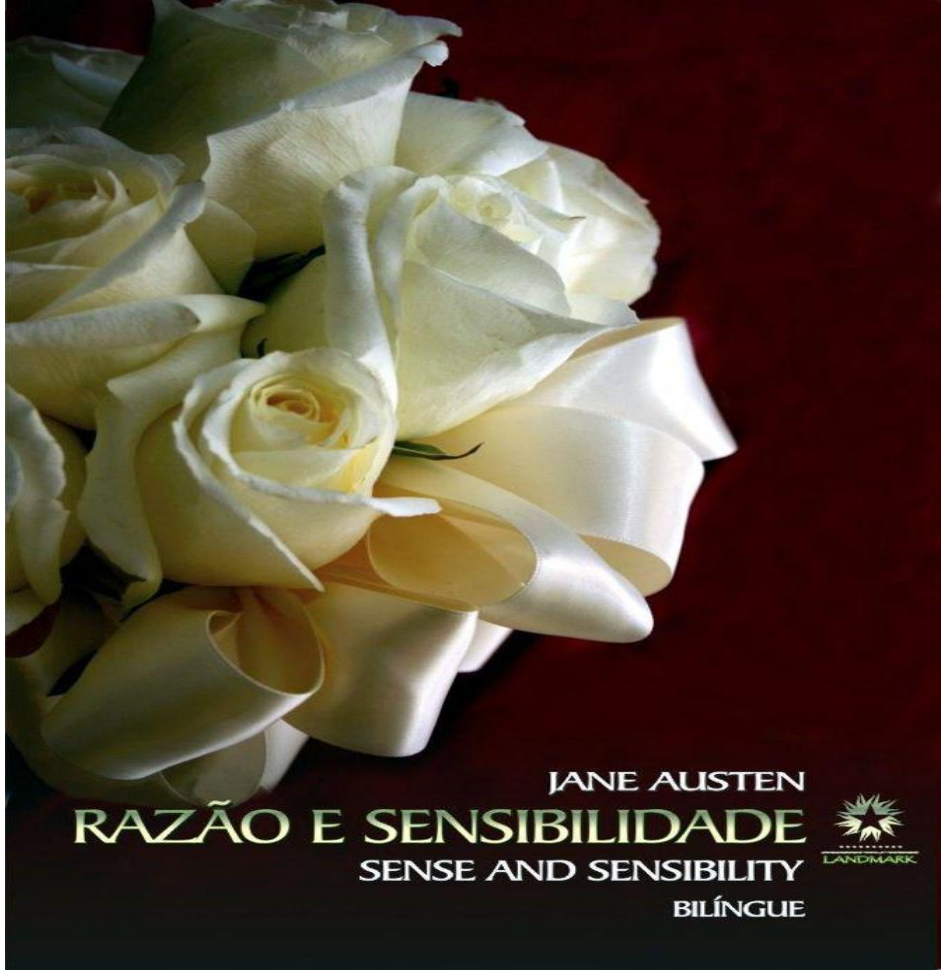
Between Barton and Delaford, there was that constant communication which strong family affection would naturally dictate;— and among the merits and the happiness of Elinor and Marianne, let it not be ranked as the least considerable, that though sisters, and living almost within sight of each other, they could live without disagreement between themselves, or producing coolness between their husbands.

THE END

## JANE AUSTEN

JANE AUSTEN (1775-1817), escritora inglesa proeminente, considerada geralmente como a segunda figura mais importante da literatura inglesa depois de Shakespeare. Ela representa o exemplo de escritora cuja vida protegida e recatada em nada reduziu a estatura e o dramatismo da sua ficção. Nasceu na casa paroquial de Steventon, Hampshire, Inglaterra, tendo o pai sido sacerdote e vivido a maior parte de sua vida nesta região. Ela teve seis irmãos e uma irmã mais velha, Cassandra, com a qual era muito íntima. O único retrato conhecido de Jane Austen é um esboço feito por Cassandra, que se encontra hoje na Galeria Nacional de Arte (National Gallery), em Londres. Seus irmãos, Frank e Charles, serviram na marinha britânica, alcançando o posto de almirantes. Em 1801, a família mudou-se para Bath. Com a morte do pai em 1805, Jane, sua irmã e a mãe mudaram-se para Chawton, onde seu irmão lhes tinha cedido uma propriedade. A “cottage” em Chawton, onde Jane Austen viveu, hoje abriga uma casa-museu. Jane Austen nunca se casou: teve uma ligação amorosa com Thomas Langlois Lefroy que não evoluiu; foi noiva ainda de um rapaz muito mais novo que ela, Harris Bigg-Wither, mas mudou de opinião no dia seguinte ao do noivado. Tendo-se estabelecido como romancista, continuou a viver em relativo isolamento, na mesma altura em que a doença a afetava profundamente. Pensa-se que ela pode ter sofrido do Mal de Addison (doença que atinge as glândulas suprarrenais), Linfoma de Hodgkin ou mesmo de tuberculose bovina. Viajou até Winchester para procurar uma cura, mas faleceu ali, aos 41 anos, sendo sepultada na catedral da cidade. A fama de Jane Austen perdura através dos seus seis melhores trabalhos: “Razão e Sensibilidade” (1811), “Orgulho e Preconceito” (1813), “Mansfield Park” (1814), “Emma” (1815), “The Elliots”, mais tarde renomeado como “Persuasão” (1818) e “Susan”, mais tarde renomeado como “A Abadia de Northanger” (1818), publicados postumamente. “Lady Susan” (escrito entre 1794 e 1805), “The Brothers” (iniciado em 1817, deixado incompleto e publicado em 1925 com o título “Sanditon”) e “Os Watsons” (escrito por volta de 1804 e deixado inacabado; foi terminado por sua sobrinha

Catherine Hubback e publicado na metade do século XIX, com o título “The Younger Sister”) são outras de suas obras. Deixou ainda uma produção juvenil (organizada em 3 volumes), uma peça teatral, “Sir Charles Grandison, or The Happy Man: a Comedy in Six Acts” (escrita entre 1793 e 1800), poemas, registros epistolares e um esquema para um novo romance, intitulado “Plan of a Novel”.



JANE AUSTEN  
**RAZÃO E SENSIBILIDADE**  
SENSE AND SENSIBILITY  
BILÍNGUE





**BIBLIOTECA  
DO EXILADO**